

THE
HIGHLANDS OF THE BRAZIL.

BY CAPTAIN RICHARD F. BURTON,
F.R.G.S., ETC.



Brazil is usually represented by a Tupi Woman.

VOL II.

LONDON:
TINSLEY BROTHERS, 18, CATHERINE STREET, STRAND.
1869.

All Rights of Translation and Reproduction reserved.

BRASILIANA

Volume 375



Direção de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE



RICHARD BURTON

VIAGENS
AOS PLANALTOS
DO BRASIL

tomo II

MINAS E OS MINEIROS

Tradução de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

Em convênio com o
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA

companhia editora nacional

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Burton, Richard Francis, Sir, 1821-1890.

B98v Viagens aos planaltos do Brasil / Richard Burton ;
v. 1-3 tradução de Américo Jacobina Lacombe. — 2. ed. — São
2. ed. Paulo : Ed. Nacional ; [Brasília] : INL, Fundação Pró-
Memória, 1983.

(Brasília ; v. 197, 375-376)

Conteúdo: v. 1. Do Rio de Janeiro a Morro Velho.
— v. 2. Minas e os mineiros. — v. 3. O Rio São Francisco.

1. Bahia — Descrição e viagens 2. Brasil — Descrição e viagens 3. Minas Gerais — Descrição e viagens 4. São Francisco (Rio) 1. Lacombe, Américo Jacobina, 1909 — II. Instituto Nacional do Livro. III. Título. IV. Série.

CDD:918.1
:918.142
:918.151
CDU:910.4(81)

CCF/CBL/SP-82-1782

Índices para catálogo sistemático:

1. Bahia : Descrição e viagens 918.142
2. Brasil : Descrição e viagens 918.1
3. Minas Gerais : Descrição e viagens 918.151
4. São Francisco : Rio : Descrição 918.151



Direitos reservados

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO E PROMOÇÃO

Rua Joli, 294

Fones: 291-2355 e 292-8199 (PABX)

Caixa Postal 5.312

CEP 03016 - São Paulo - Brasil

Reg n.º 1740

1983

Data 24 03 88

Impresso no Brasil

INDICE

	Pgs.
Capítulo XXXI — Para Çatas Altas de Mato Dentro	7
" XXXII — A caminho de Mariana	20
" XXXIII — Em Mariana	33
" XXXIV — Para Passagem (de Mariana) e Ouro Preto	40
" XXXV — Vila Rica, hoje Ouro Preto (Lado Oeste)	52
" XXXVI — Ouro Preto (continuação). Parte Oriental	75
" XXXVII — O Pico do Itacolomi	100
" XXXVIII — O menino	107
" XXXIX — Volta a Morro Velho	145
" XL — Para Sabará	152
" XLI — Para Cuiabá	165
" XLII — De Sabará a Santa Luzia	174
" XLIII — De Santa Luzia a Jaguará	186
" XLIV — Em Jaguará	200
" XLV — Para Casa Branca e Cachoeira da Onça ..	219
" XLVI — Para a fazenda do Bom Sucesso	240
" XLVII — Para a cidade de Diamantina	257
" XLVIII — Diamantina	280
" XLIX — As explorações diamantíferas no Rio das Pedras do Sul aliás Jequitinhonha	298
" L — A mina de diamante de São João	314
" LI — Notas sobre o diamante	324
" LII — De Bom Sucesso à Coroa-do-Galo	346
" LIII — De Coroa do Galo à Ilha Grande	362
" LIV — Pará e Guaicuí	378

CAPITULO XXXI

PARA CATAS ALTAS DE MATO DENTRO

«E onde, estulto Velho, onde acharemos
o céu de Niterói? — As férteis plagas
Do nosso Paraíba? — E as doces águas
Do saudoso Carioca...?»

(*Confederação dos Tamoios, Canto IV.*)

Dormimos confortavelmente na fazendola. Era a costumeira morada de campo, com um andar térreo ocupado pelos negros e pelos animais e uma escada de madeira conduzindo à *sala* ou compartimento dos hóspedes. Atrás deste, os cômodos reservados às mulheres e à cozinha, que constituem *terra proibida*, santuário da *Dona* de casa. A sala da frente é mobiliada com uma mesa de madeira, sempre umas seis polegadas mais alta do que deveria ser, um ou dois bancos para a gente humilde e uma dúzia de cadeiras com encosto e assentos de taquara leve; estas cadeiras são célebres pela sua particularidade de estragar a roupa, e são verdadeiros instrumentos de tortura para quem se lembra das estofadas. As paredes, sem papel, são ornadas de troféus de caça, armas, peças de arreio para cavalo, estampas de Nossa Senhora, dos Santos, dos antigos heróis de Portugal, do sítio de Arronches e de Napoleão Bonaparte; às vezes há um espelho e um relógio *yankee*, alto e esguio. Nas regiões pouco habitadas há ainda um oratório portátil, verdadeira capela em miniatura, de dois pés de altura, contendo imagens em tamanho proporcional dos santos padroeiros, estampas, flores soltas ou em ramos; velam os santos pelas pequenas quantias ou valores insignificantes que o dono lhes confia. Num canto da sala, onde não há tapete, encontra-se, muitas vezes, um grande jarro para água, com tampa de madeira, e junto uma caneca de estanho — eis a fonte onde se bebe. Os membros da família dormem no interior da casa enquanto que os quartos, destinados aos hóspedes, dão para a sala. Essas alcovas sem janelas — já que não há necessidade de luz de noite nem durante a sesta — constituem exatamente o legado de Roma antiga às suas filhas, Portugal e Espanha.

Cada alcova tem um ou dois leitos¹ com enxergão de vime, couro ou tábuas e colchões de capim ou palha de milho. A roupa de cama, em geral, é boa, sempre limpa, e as fronhas têm largas beiras de renda. A sala de jantar encontra-se, muitas vezes, no meio da casa, de modo que as mulheres, reunidas atrás das portas, podem observar o forasteiro, sem serem vistas por ele. Uma particularidade é a toalha de mesa, considerada de absoluta necessidade; mesmo quando a refeição consista somente de uma simples porção de feijão servida por um negro, com um caixote de viagem servindo de mesa, este sempre estenderá uma toalha. Outro característico é a inevitável presença, na mesa, de um paliteiro de forma esquisita, que na sua pequenez demonstra muita ingenuidade do fabricante alemão. Nossos patrícios geralmente partem da nossa terra com um desprezo enorme pelo bem aseado *palito*², cujo uso qualificam de costume imundo. Entretanto, em poucos meses descobrem que é indispensável nos trópicos; mas como nunca aprenderam a maneira conveniente de empregá-lo, o aspecto que apresentam quando fazem uso dele não é nada agradável. Quando a moradia do fazendeiro se acha no andar térreo, a sala é lugar de passagem para carneiros e cabritos cheios de vermes e ainda para os porcos e as aves de criação; assim também era a casa campestre dos irlandeses na geração passada. Mesmo os proprietários mais ricos pouco se importam com o incômodo destes animais, que as crianças da casa e os negrinhos seminus se divertem em enxotar com paus e pedras.

Falta na fazenda uma porção de coisas que o viajante, acostumado ao conforto, desejaria ter. Mas com toda a sua rudeza há uma hospitalidade espontânea, e, se o dono for um homem educado ou viajado, o forasteiro encontrará uma solicitude no que diz respeito a seu conforto e uma boa vontade tão sincera como não me lembro ter experimentado em parte alguma fora do Brasil.

Na manhã seguinte visitamos os fornos da Fábrica. Na margem direita do rio Gongo há um afloramento de pedra de areia até a superfície, descendo em direção a oeste e formando uma camada sobre a jacutinga, que é facilmente transformada em ferro fundido e ferro em barras.³ Há uma riqueza estupenda deste minério, que me fez lembrar Unyamwezi na África central; estende-se por léguas e mais léguas. Martius e Saint-Hilaire são unânimes em afirmar que, como Plínio em relação à pequena Elba, parte de Minas possui uma riqueza de ferro inesgotável. O minério contém de 50 a 80% de ferro puro; o que vimos sendo explorado continha 60%. Que preço não alcançaria na Inglaterra, que tem de se contentar com 20 a 35%! O interior brasileiro conserva o método catalão ou direto, de trabalhar

o minério por meio de uma única fusão, o que hoje em dia é considerado antiquado nos países mais velhos. Até os Monjolos⁴ na África Ocidental e os selvagens Maraves na África Oriental aperfeiçoaram este método, acrescentando uma chaminé para a passagem do ar, formando assim uma espécie rude de fornalha ventilada.⁵ Aqui a fornalha é uma simples banca de alvenaria, de dez pés de comprimento e dois de altura, contendo duas ou três cavidades em forma de funil com um pé de diâmetro, abertas no fundo, atrás e na frente. No lado traseiro estão as aberturas para os jatos de água fria; um fio de água caindo por um tubo grosseiro faz o ar entrar num cano de ar e sair em baixo, onde então aciona o fogo do forno e também faz trabalhar o martelo da forja. Este processo infelizmente não pode ser controlado. O minério é quebrado em pedaços do tamanho de uma noz aproximadamente, sem ser antes abrasado ou peneirado, e é misturado na proporção de um terço de minério para dois terços de carvão vegetal, proporção essa que se mede por alto com uma cesta. Esta mistura é colocada nas bacias da fornalha, anteriormente aquecidas; de tempos adiciona-se mais carvão vegetal. À medida que se derrete, o ferro vai ao fundo; a escória e outras impurezas são removidas pelas aberturas de frente opostas aos orifícios para os jatos de água. Um preto de serviço toma conta do fogo e remexe a massa mista com uma vara ou aticador que enfia de cima. Percebe que o processo de fundição está completo quando vê a fumaça grossa e a chama azulada tomar a forma de labaredas branco-claras.

Abre-se depois a abertura lateral da bacia da fornalha, que estava fechada com carvão vegetal miúdo e o operador tira a chamada "bala". Aqui se "lupa", com um par de tenazes. Em seguida não é inteiramente apagada, mas apenas esfriada numa tina com água que contém uma camada de cinza de carvão vegetal; toma então a forma amígdalóide. Os restos meio queimados do combustível parecem as passas de um *pudding*. A escória é expelida, mas o processo de mergulhar o produto na água para livrá-lo do abundante enxofre não é empregado. Este mineral desaparecerá debaixo do martelo, o que prova a tenacidade do mineral; qualquer qualidade inferior racharia. O carvão de lenha em combinação com o ferro formou uma espécie de aço; se fosse empregado em tal processo o carvão sulfuroso, o resultado seria quase sem valor. Como última fase do processo coloca-se a massa de ferro sob o martelo da forja, onde é trabalhado e finalmente toma a forma de um grande tijolo. Não se emprega nenhum processo de refinação, a não ser o simples reaquecimento para expelir impurezas e aumentar a dureza; em seguida é novamente colocado sob o martelo para lhe serem dadas as proporções desejadas. É

enviado a Morro Velho em barras para ser empregado na mineração. Já observei como este produto resiste ao choque com o aço inglês. Processo tão simples e tão rude é suficiente para um minério de tão excelente qualidade; é mais um exemplo do que se observa a respeito do aço damasceno forjado pelos rudes indianos nos ranchos das montanhas de Bombaim. Seria um melhoramento óbvio e fácil construir aqui uma chaminé ou cilindro sobre as cavidades da fornalha e desta maneira aquecer a corrente de ar. Mas não será tão cedo que estes homens se deixarão persuadir a empregar o sistema eletromagnético, de recente invenção.

Depois de um lauto almoço descemos o vale formado pelo rio, guiados pelo Sr. Costa. O vale é ornado de belas figueiras de folhagem densa e refrescante. À esquerda havia uma saliência alta, em forma de torre, de pedra de cal granular misturada com “lapa”, que é uma camada dura de barro. A mina achava-se em condições de desordem e sem organização; em certo ponto um veio horizontal se destacava do corpo principal.⁶ Além deste ponto o solo bruto ferruginoso parecia um ninho de coelhos, todo esburacado na procura de ouro, de que agora está exausto. Depois de atravessar o rio Gongo subimos, em nossos cavalos, a única rua de São João de Morro Grande,⁷ cuja Matriz, recém-acabada, já tínhamos avistado de longe, com as torres arredondadas em forma de pimenteira.

É uma localidade relativamente antiga, pois, de povoação, foi elevada à categoria de freguesia por Carta Régia de 28 de janeiro de 1752. O lado esquerdo é fechado pela serra de Cocais, alta, sombria, encapelada; na sua encosta fica a pequena mina de Gameleiras, que trabalha com nove máquinas, e pertence ao capitão José de Aguiar, ao coronel Manuel Tomás e a seu irmão.

É curioso observar como o solo próximo ao riacho foi revolvido e remexido durante os últimos 150 anos; a atual população não poderia absolutamente ter feito isto. Havia sinais de trabalhos hidráulicos em larga escala; linhas extensas de canalização de água corriam pelas encostas das colinas, exatamente como as margens do rio e os caminhos paralelos em Glen Roy, já tantas vezes mencionado. As minas e escavações, afundadas pelas chuvas de muitos verões, foram cavadas em rochedos vulcânicos e crateras de barro vermelho.

Passamos pela aldeola de Capim Cheiroso⁸ com os seus espantalhos em forma de pequenas figuras colocadas nas pontas de uns paus altos e tocadas pelo vento de maneira a moverem os braços para afugentar os pássaros; fazem lembrar a Suíça. Adiante desta aldeia fica o povoado de São Francisco, onde se encontram três riachos;

perto do ponto da junção das águas há uma capelinha com três janelas e uma ponte de madeira que passa sobre uma pilastra de pedra erguida no meio do rio. A picada sobe pela bela planície que acompanha o riacho, reluzente de plantações de cana-de-açúcar, à margem direita do rio Brumado. O aspecto da paisagem se assemelhava à nossa terra natal; o riacho estava cheio, porém não transbordava — nestas regiões tais rios costumam estar secos ou transbordando, — e na outra margem levantavam-se no ar galhos desfolhados, como no inverno entre nós. Quando alcançamos a vila de Brumado, em plena decadência, vimos à esquerda a estrada para Santa Bárbara e a mina *Pari*.⁹ Dobramos à direita para a casa-grande do comendador José Alves de Sousa Coutinho. O velho cortesão favorito do primeiro Imperador, agora afastado da corte, acolheu-nos muito cordialmente e insistiu em que ali ficássemos.

Estamos agora perto das propriedades da *Sta. Bárbara Gold Mining Company (Limited)*, da qual uma parte dos meus leitores certamente já ouviu falar. A companhia foi organizada em 1861 para adquirir uma propriedade e fazenda denominadas *Mina de Ouro Pari* ou *Pari Lode*, distrito de Piracicava, freguesia Santa Bárbara,¹⁰ da qual dista umas seis milhas. O proprietário, coronel João José Carneiro de Miranda, ofereceu durante muito tempo a propriedade à venda pelo preço de 5.000 libras; foi afinal comprada por 12.000, sendo dois terços em dinheiro e o restante em ações de uma libra cada uma. Foram gastas mais 18.000 libras para pôr a mina em condições de trabalho produtivo, aumentando-se as instalações para escoamento das águas e sendo adquirida uma nova instalação de máquinas de pilar com 72 cabeças. O total das despesas subiu desta maneira exatamente à metade do capital, que era de 60.000 libras.

O proponente, que a visitou em 1855,¹¹ deu boas informações a respeito no seu relatório. O veio, contendo hornblenda, quartzo e piritas arsênicas, corria em direção norte-sul, paralelamente com a camada de barro contendo matéria rochosa.¹² Na superfície a largura era de 3 a 4 pés, mas embaixo aumentava até 7 a 13 pés. Foi explorado até uma profundidade de 100 braças, mas a galeria era baixa, mal atingindo 80 pés e a única bomba existente era movida a mão. A produção devia ser superior a quatro oitavas por tonelada. Com a intenção de aumentar a promoção, enviou-se em abril de 1863, à Inglaterra, um relatório elaborado por um ex-funcionário do Gongo Soco, com mais de trinta anos de experiência no Brasil. O digno homem contou aos acionistas que o proprietário anterior, apesar dos processos primitivos, imperfeitos, ineficientes e, por isto mesmo, caríssimos, tinha realizado uma bela fortuna. — Por conseguinte —

que tolo tinha sido em vender a propriedade! Além disso, o agente principal, que também tinha um filho entre os engenheiros da mina, informou que estava extraindo cinco oitavas por tonelada; outras informações descreviam igualmente a situação da mina em cor-de-rosa, principalmente quando provinham de pessoas com algum interesse local, tal como uma loja, um armazém qualquer etc.

Mas por outro lado os fatos tiveram o desarrazoado de provar que a hornblenda, que predomina acima da formação pirítica, e que foi dado como sendo de fácil perfuração, era um material extremamente resistente, tornando a mineração muito penosa e neutralizando as propriedades auríferas do quartzo. O agente se retirou depois de seis anos de atividade. Os trabalhos acham-se agora entregues a um ex-mecânico, dois mineiros ingleses e uns poucos brasileiros não-escravos. O trabalho escravo foi abandonado — e *sic transit gloria Sanctae Barbarae!* Mas talvez ressurja um dia. Em coisas como essas deve-se eliminar a palavra “impossível” do dicionário. Ouvi mesmo dizer que a mina será posta em funcionamento novamente.¹³

Depois de comer laranjas e beber licor de laranja despedimo-nos do Comendador, deixando com ele o teimosíssimo Mr. Brown. Um caminho transversal para oeste da estrada principal nos conduziu a um pequeno vale com uma bela paisagem, atravessando um ou dois lugares pantanosos e acabou levando-nos ao Campo, aberto, banhado de sol. É sempre com imenso prazer que volto a estas planícies, de ar puro e forte, principalmente depois de algum tempo dentro do mato fechado. Há viajantes que se queixam de sua monotonia, mas isto depende do viajante. Como no deserto da Arábia, aqui também os acidentes são poucos, exceto para aqueles que sabem procurá-los e achá-los. A paisagem que se nos apresenta não é absolutamente desagradável aos olhos: um campo que se estende em longas ondulações salpicadas com as maçãs amarelas do juá, bosques escuros nos pontos mais baixos e um fundo levemente inclinado até formar, lá ao longe, uma linha de horizonte do mais puro azul.

Foi aqui que pela primeira vez se ergueu, diante dos nossos olhos, a serra do Caraça,¹⁴ mais delicadamente chamada “Mãe dos Homens”. Tínhamos passado pela sua escarpa do lado norte sem conseguir uma visão da sua forma, e teríamos quase de completar a volta em torno dela antes de regressar a Morro Velho. Embora permanecesse à vista durante muito tempo, nunca me cansei de contemplá-la apesar das palavras do sábio.

Nil tam mirabile quidquam

Quod non minuant mirarier omnes paulatim,

É de um aspecto medonho esta enorme cara, uma massa colossal de xisto de ferro, que se eleva a uma altura de muitos mil pés sobre o *plateau*.¹⁵ Seus traços são formados de uma maneira grotesca e atravessados por fios de quartzo, estreitos uns, mais largos outros, que sobressaem do escuro itacolomito,¹⁶ e em certos lugares havia faixas verticais sob a dura crosta de mica. Com as chuvas de ontem, a água tinha lavado o minério fora das junções, fazendo com que os declives íngremes e os desabamentos de terra aparecessem como prata derretida a correr sobre uma montanha de ferro fundido, formação tenebrosa que se recusa a revelar o menor sinal de vegetação, e parece se achar ali para desafiar para sempre as forças da natureza. A ponta da montanha para o lado sul, onde as camadas correm em sentido quase perpendicular, tem a forma de uma cabeça de rinoceronte; até os chifres sobre o focinho do animal lá estão, pois o material menos resistente da pedra caiu e deixou uma linha denteada de picos altos, que lembra a serra dos Órgãos no Rio. Contemplando-a do oeste, como fazemos, apresenta-se inacessível; é o muro de ferro que Sikandar de Rum levantou contra Yajuj e Majuj em Darband.

Esta “Montanha da Cara Grande” é o *pivot* e centro das minas de ouro da parte central de Minas, especialmente das minas de formação pirítica. Abrindo-se o compasso com um raio de 0°30', traçando-se uma circunferência, toda a área contida dentro do círculo é, mais ou menos, aurífera. A botânica desta serra foi estudada por Spix e Martius e depois por Saint-Hilaire; as chuvas fortes impediram que Gardner chegasse aqui. Mr. Gordon fez a escalada pelo lado sul, onde encontrou um caminho perigoso, com pedras redondas e roliças, passando sobre espinhaços e beirando grutas e precipícios; a garganta perto de Alegria para sudeste também é de difícil subida. O melhor caminho de acesso é o de Brumado, que acabamos de visitar, fazendo-se a subida pela encosta mais suave pelo lado norte. No alto há um *plateau* com uma área de 3 milhas quadradas, aproximadamente, formando um pântano que seca no inverno; à beira desta água cresce a vegetação européia com perfeição.

Como quase sempre acontece com as montanhas mineiras de grande altura, também o Caraça foi, durante muito tempo, uma ermida, onde a vida deve ter sido quase tão agitada como num farol há trinta anos passados. Em 1771 foi iniciada a construção de uma capela, onde se rezava missa para a população moradora dentro de um raio de umas cinqüenta milhas; a capela foi dedicada a N. S^a Mãe dos Homens. Perto havia um convento que abrigava uma comunidade de onze pessoas. Todas as obras foram feitas por um certo Irmão

Lourenço, que pertencia à casa regicida dos Távoras. Seu retrato ainda se encontra no colégio onde ele é lembrado como um homem digno que “não trombeteava o que não era”. Aí vivia até depois de 1818, e legou por sua morte a ermida ao Rei, sendo a mesma transformada em Seminário. Em virtude da Carta Régia de 21 de janeiro de 1820, estabeleceu-se aqui a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, representada pelo padre Leandro Rabelo Peixoto e Castro. Definhava, entretanto, até que o atual Bispo de Mariana, que anteriormente fora um dos seus lentos, voltou como superior, encontrando um número muito reduzido de alunos. O diocesano realizou uma coleta para angariar fundos para a construção de uma igreja e um altar apropriado que permitisse a consagração da mesma; diz-se que o digno Prelado escolheu aqui o lugar para sua sepultura. O colégio teológico, agora bastante conhecido, ocupa uma escarpa secundária no lado noroeste do *plateau*, e depois da construção de casas para residência, foram pela Propaganda enviados para cá professores padres. Seu diretor é Monsenhor Michel Sipolis, que temporariamente voltou para a França; o vice-diretor é seu irmão, François Sipolis, com quem ainda nos encontraremos muitas vezes; havia ainda mais três sacerdotes, homens todos de fina educação.¹⁷

O trilho que seguíamos levava-nos para cima e para baixo, sobre morros de barro, cobertos de vegetação escassa; em seguida saímos na estrada de Santa Bárbara, que é a estrada principal entre Ouro Preto e Diamantina. Esta estrada, que é a mais importante linha de comunicação da província, apresenta nesta região ótimas condições; perto da cidade de Diamantina encontra-se em estado deplorável. À direita havia um rancho, onde as palmeiras, os pés de café e os bambus, pelo seu maior tamanho, eram comprovantes de um clima mais quente.

Quando nos aproximávamos do ribeirão da Bitancourt, um rio com boa ponte, presenciávamos de longe um espetáculo que nos causou estupefação. Afinal, forçando a vista, distinguimos, quais novos D. Quixotes, não moínhos de vento, mas um grupo de onze Irmãs de Caridade, com seus chapéus com asas de gaióva, montadas em pobres mulas de carga e viajando, como os romeiros de Canterbury, em fila singela, escoltadas por dois padres. Tinham sido enviadas do estabelecimento nas Laranjeiras, no Rio de Janeiro, para fundar uma casa filial em Diamantina. Paramos e dirigimo-nos a “*mes soeurs*”. Infelizmente a única irmã bonita, e que, além disto, montava bem seu animal e vestia correta saia de montar, afastou-se e não quis tomar parte em nossa conversa. M. François Sipolis, com sua grande cruz de metal sobre o peito, era o chefe do grupo e reconhecia

Mr. Gordon; as irmãs por sua vez reconheceram então minha mulher; os cumprimentos foram altos e calorosos. Este padre, que ainda era moço, chegou ao Brasil quase rapaz; talvez esteja aqui por mais tempo do que deveria; seria agora difícil dizer a que nacionalidade pertence. A retaguarda era formada por um moço de batina, de pele amarelada-esverdeada e, aparentemente, com um duplo par de olhos, um virado para frente e outro para trás; rezava com muito fervor seu breviário observando ao mesmo tempo e examinando todos e tudo em volta. O sistema do rei do Daomé de ter oficiais em duplicata não é, pois, sempre desprezado pela ordem civilizada e jesuítica, relativamente à missão de seus *apóstolos*. No Brasil anda em vigor a ordem: "Missito illos vinos". Comprometi-me a visitar M. Sipolis em Diamantina; apertamos as mãos e separamo-nos à *l'aimable*.

Depois de ter à nossa frente durante muito tempo as encostas verdes abaixo do povoado, atravessamos um "lava-pés",¹⁸ límpido riacho que corre sobre um leito preto de jacutinga; nasce no Caraça e é uma das fontes do rio Doce. As patas dos nossos cavalos ressoavam sobre o calçamento primitivo do silencioso "Catas Altas" chamado "de Mato Dentro",¹⁹ apesar do mato já ter sido derrubado há muito. Mr. Gordon já tinha mandado seu empregado à nossa frente e encontramos tudo preparado no *Hotel Fluminense* e bom pasto "feichado"²⁰ de propriedade do tenente-coronel João Emery. Apesar de ser filho de ingleses e um genuíno *John Bull* em aparência, o dono da casa só falava português. Como ele mesmo explicou, o rosto era inglês, mas todo o resto, brasileiro. Neste Império acontece muito freqüentemente que pai e mãe ingleses se acostumam a falar seu mau português entre si, e assim encontram-se crianças com os traços rudes do Norte e os rostos cheios de sardas e que não sabem responder à mais simples pergunta que se lhes dirija na língua dos seus maiores.

Do hotel viam-se perfeitamente as escavações na escarpa leste do Caraça. A camada superior é um rico barro, cor de ocre, de uns 20 pés de espessura, cobrindo um fino xisto de mica, que descansa sobre um bloco compacto de ferro magnético; este último tem sempre sido encontrado em muito maior abundância do que o ouro. Nos leitos inferiores correm veios de quartzo ferruginoso, que costuma ser rebentado a fogo e deixado como metal precioso. O olhar se detém sobre três grandes escavações, parecendo enormes crateras, situadas em linha e ladeadas por duas casas-grandes. O local mais para leste é *Pitaneuí*,²¹ a lavra do Padre Vieira, a qual pertence a uma associação brasileira; junto a esta mina corre o *Lava Pés*. Em seguida vem a *Boa Vista*, lavra de Francisco Vieira, irmão do padre, a qual ultimamente teve alguma atividade. Mais

adiante há uma escavação que não tem casa: é chamada o *Machado*. Além dessas três, o povo aqui fala ainda de *Brumadinho*, *Bananal* e *Durão*. Na sua maioria estavam estas minas esgotadas antes de 1801, e as empresas de mineração apresentam atualmente uma atividade que está muito além do bolso local. Todos pensavam que íamos comprar terras e, com a respiração presa, como um magistrado londrino recém-chegado de Roma, falavam baixinho das imensas riquezas escondidas nas entranhas da montanha.

Enquanto o jantar estava sendo preparado visitamos calmamente a cidade, cuja existência data de 1724;²² depois que as minas falharam, ela ficou muito pobre e os seus habitantes se sustentam com a cultura do milho e a criação de gado. Estas simples e inocentes ocupações geórgicas e bucólicas deveriam torná-los felizes, mas parecem desanimados como Melibaeus e Coryndon, e, como mal vale a pena viver estas vidas monótonas, ficam velhos e custam a morrer. A única rua da cidade possui, além da Matriz de N. S^a da Conceição, mais três capelas que são as do Rosário, de Santa Quitéria e do Bonfim.

A matriz com seu belo pórtico, ao fundo de uma bonita praça inclinada, apresenta abundante pintura e até a balaustrada em volta da torre é uma fraude que custa a enganar. O interior é ornamentado de maneira esquisita e curiosa, com velhas colunas retorcidas. Como estávamos em véspera de uma novena, viam-se longas tiras de papel colorido e cortado, dependuradas do teto até o chão. As rótulas²³ e a sacada do vigário (padre Francisco Xavier Augusto da França) estavam repletas de senhoras fazendo preparativos para o festival. O reverendo me contou que ia entrar nos oitenta anos. Por que é que um homem que passa dos setenta anos, inevitavelmente há de sempre nos dizer sua idade como se fosse uma glória? Falou também de um paroquiano recentemente falecido na idade de 119 anos; calculava a população da sua paróquia em 3.900 almas, dos quais apenas uns 490 eram escravos.²⁴

Notas ao capítulo XXXI

1. N.A. Aquil chamados *catres*, o que é evidentemente uma corrupção da palavra hindu *khatli*.
2. N.A. *Palitos*, pau pequeno, limpador dos dentes.
3. N.A. «Mas parece que o carbono aqui desaparece na primeira tentativa (?), deixando, como diz o Sr. Baird, um ferro belo e maleável, superior a tudo que tinha visto nos fornos na Inglaterra» (Walsh, II, 206).
4. N.A. V. cap. XXIV.

5. N.A. *O Muata Cazembe*, diário da expedição portuguesa de 1831 — 1832 (Lisboa, Imprensa Nacional, 1854) p. 38, apresenta o desenho de uma fornalha de fundição dos Maraves. Entretanto, não é de admirar que o processo primitivo ainda seja empregado no Brasil. Durante o tempo do Brasil-colônia era proibido fundir uma única onça de ferro; os brasileiros pisavam em chão de ferro, mas eram obrigados a importar o metal de Portugal.
6. N.A. Neste ponto Gardner (p. 494) deixou-se enganar por M. von Helmreichen, que afirma correr a serra, ao norte da Mina Gongo Soco, na direção leste-oeste e diz ser a mesma «*de caráter primitivo com um centro de granito*» sobre o qual se acha uma camada xistosa e de barro na direção de 45°.
7. N.T. Chama-se hoje Barão de Cocais. O município foi desmembrado de Santa Bárbara em 1943.
8. N.A. Capim-de-cheiro-doce, erva da família das Ciperáceas, *Kyllinga odorata* (SYST.).
9. N.A. «Pari», que se pronuncia quase como o francês *Paris*, é uma espécie de armadilha para apanhar peixes.
N.T. V. dados técnicos sobre a *Santa Bárbara Gold Mining Co. Ltd.*, em Calógeras, *As minas do Brasil*, 3.º vol. S. Paulo. Ed. Nacional (Brasília), 1938, p. 119.
10. N.A. Santa Bárbara, nas cabeceiras ocidentais do rio Doce, é, em diversos relatórios, dada como situada 14 a 15 milhas diretamente a leste de São João do Morro Grande, a 20 milhas a nordeste de Gongo Soco, 24 milhas de Cocais e 54 milhas a nordeste de Morro Velho. Saint-Hilaire (I I 214) escreve *Percicaba*, ou *piracicaba* e diz que as palavras guaranis *pira cy cabá* parecem significar *brilhante peixe negro*.
N.T. Conforme Teodoro Sampaio, *O tupi na geografia nacional*, 4.ª ed. Salvador, 1955, p. 265, *piracicaba* quer dizer: a colheita ou tomada do peixe. Designa o lugar que, por acidente natural do leito do rio, não deixa o peixe passar e favorece a pesca. O distrito chamado *Rio Piracicaba* é hoje município, vizinho ao de Santa Bárbara.
11. N.A. Em 1850 o Dr. Walker informou que o veio metálico se assemelhava ao de Morro Velho; que era explorado debaixo do solo, mas só em trabalho diurno, e que o minério era esmagado, passado por pulverizadores e lavado de maneira comum.
12. N.A. A base é dada como sendo 54°-55° leste.
13. N.T. Segundo a obra de Calógeras supracitada, a exploração dessa mina foi feita, mais tardê, por uma companhia subsidiária da de Morro Velho (p. 129).
14. A palavra *Caraça* significa em português «Carranca (*tetricus vultus*) de pedra» (*Voc. Port. & Lat.* do Padre Raphael Bluteau, 10 vols. folio). A palavra é de gênero feminino, mas toma sempre o determinativo masculino, «o caraça» — «cara feia». É esta uma confirmação da lenda que a faz derivar do nome de algum

negro de rosto de símio, quilombeiro [quilombola], primeiro morador destas alturas sombrias. Mr. Henwood chama-o erroneamente «o Caraças». Mr. Walsh (II, 312) erra ainda mais; «*Uma outra Serra era chamada Serra da Cara*», devido à sua semelhança com um enorme vulto.» — Saint-Hilaire (I I 218) observa que a palavra é ao mesmo tempo portuguesa e guarani. Nesta última linguagem *Cara* [redondo] e *haça* [porta] ou *Caaraçaba*, transformado em *Caraça*, significa uma passagem estreita, uma garganta.

15. Alguns dizem 3.000 outros até 4.000 pés. Saint-Hilaire (I I 285), que escalou o pico mais alto, calcula a altura em mais de 6.000 pés acima do nível do mar.
16. N.A. Mr. Halfeld informa que o Caraça contém muriato de soda nas camadas de itacolomito.
17. N.T. O autor registrou evidentemente os dados que lhe foram ministrados no local. O leitor atual deve ser prevenido de que a identidade do irmão Lourenço é duvidosa, e que a responsabilidade dos Távora na tentativa de regicídio é seriamente contestada. A história dos padres lazaristas (Congregação da Missão, de São Vicente de Paulo) tem sido ultimamente objeto de profundos estudos. Uma vista geral do estabelecimento encontra-se em Pe. José Tobias Zico, C.M.: *Caraça, peregrinação, cultura e turismo*. E. Horizonte, Ed. São Vicente, 1975. Estudos mais completos são os do Prof. José Ferreira Carrato: *As Minas Gerais e as origens do Caraça*. São Paulo, Ed. Nacional, 1963 (Brasília); *Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais*. São Paulo, Ed. Nacional (Brasília), 1968; *História do Colégio do Caraça*. 2 vols. (mimeogr.) 1974; *Uma vida escolar nos fins do século XVIII*. São Paulo, 1974; *Um hospício português em Minas Gerais*, Guimarães, 1972; *Uma capela setecentista mineira*. São Paulo, sep. da *Rev. de História*, 1972.

A posição da Congregação da Missão em face da legislação regalista brasileira foi objeto de sérios debates na Câmara dos Deputados em diversas épocas. V. as sessões de 17 de maio, 10 de junho e 16 de agosto de 1828; em 1845, *passim*; e a ardorosa defesa dos padres por Monsenhor J. A. Marinho em 17 de julho de 1847 (*Anais*, II, 214). Boa documentação encontra-se na *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vols. VI, 493, X, 753 e XI, 615.

18. É o nome dado ao córrego que fica próximo à aldeia. Faz lembrar a velha Toscana, onde a jovem camponesa levava nas mãos os sapatos e as meias até chegar perto da cidade, quando então lavava os pés da poeira da estrada para comparecer em público como «pessoa respeitável».
19. N.A. Assim se distingue esta localidade da de *Catas Altas de Noruega*.
N.T. Fica próximo à antiga Queluz, hoje Conselheiro Lafayette.
20. N.A. É esta a pronúncia mineira de «fechado». O primeiro ato de um viajante prudente ao chegar a alguma localidade é procurar e examinar o pasto. Se deseja partir cedo, tem de colocar

os animais num «pasto fechado», onde as cercas e fossos os impeçam de ir para muito longe.

21. N.A. Há quem diga que a leste de Pitangui e o morro da Água Quente fica Cuiabá, uma mina explorada pela Companhia do Gongo Soco, quando a mina principal começou a falir.
22. N.T. 1724 é a criação da freguesia coletiva, segundo o cônego Trindade. O arraial foi fundado em 1703. V. Waldemar de Almeida Barbosa, *Dicionário Histórico-geográfico de Minas Gerais*. B. Horizonte, 1971.
23. N.A. Gelasias ou grades de madeira colocadas do lado de fora das janelas e às vezes estendidas pela fachada da casa. Quando se tratava de dar um tiro bem discreto, eram elas mais práticas que o «sangah» de Afeganistão; foram suprimidas em 1808, quando a corte de Portugal mudou sua sede para o Rio de Janeiro.
24. N.A. O *Almanaque de 1865* calcula a população de escravos em 488.

CAPÍTULO XXXII

A CAMINHO DE MARIANA

*Torrão que de seu ouro se nomeava,
Por criar do mais fino ao pé das Serras;
Mas que feito em fim baixo e mal prezado
O nome teve de «Ouro Inficionado».*

(Ex. J. de St.^a Rita Durão, *Caramuru*, 4,21)

A noite foi excepcionalmente fria; dormimos bem e no dia seguinte, uma inocente sexta-feira, já estávamos de pé a uma hora em que a escuridão úmida parecia estar

*Almost at odds with morning which is which.
quase lutando com o amanhecer, com o qual se confundia.*

Em vez de nos dirigirmos a *Inficionado*¹ pela estrada direta em direção a su-sudeste, devíamos percorrer um triângulo equilátero de doze milhas até Fonseca, onde se encontra matéria combustível, e em seguida procurar nosso lugar de pernoite um tanto mais adiante.

Retomamos a estrada do campo e, depois de uma caminhada de umas duas milhas, com algumas subidas e descidas um tanto penosas, alcançamos a pequena aldeia de Morro d'Água Quente. Quando atravessamos o córrego foi-nos mostrada uma ilha onde se achava enterrado um mineiro inglês. Tinha-se comprometido a tirar a água da mina d'Água Quente e instalou para este fim um belo material de bombas de 18 polegadas de diâmetro, feitas de chapas de ferro forjado inglês. Mas mesmo assim falhou e pagou a palavra empenhada como o último dos Romanos, desertando para o outro mundo. Mr. B. observou satiricamente: "Havia em Minas um único homem honesto de Cornwall e este se enforcou".

Mr. Gordon tinha um negócio a tratar com uma boa senhora brasileira, viúva de um irlandês, que estivera empregado em Morro Velho; com seus outros cinco herdeiros não foi tão fácil tratar. Enquanto isto apeamo-nos em um pequeno albergue, de propriedade do Sr. Leandro Francisco Arantes, moço ativo que tinha uma concessão para explorar a camada de carvão que viemos visitar. A província

compreende perfeitamente a necessidade de substituir o carvão importado de além-mar por combustível brasileiro, e está em vigor a oferta de um prêmio de 2.000 libras para a descoberta do tão desejado objetivo. O Sr. Arantes mostrou-nos com justo orgulho a medalha de ouro que lhe fora conferida em 1863, quando encontrou a duvidosa substância: o reverso mostrava a cabeça de S. M. Imperial e o anverso as palavras: *Bene meritum premium*. Contou-nos as suas inúmeras dificuldades; como tinham procurado desanimá-lo por todas as maneiras, chamando o seu feliz achado de raiz de árvore. O mesmo aconteceu em São Paulo, quando no fim da geração passada alguns inovadores propuseram-se a abandonar a desvalorizada cultura da cana-de-açúcar e substituí-la por café; foram ridicularizados como plantadores de fruteiras.

Água Quente tira seu nome de uma fonte termal, que foi encontrada por um deslocamento de terras. Em 1825 Caldcleugh falou com um velho que se lembrava ter bebido água morna, mas ele não sabia mais se tinha algum cheiro. Outros afirmam que esse elemento já apareceu uma vez na mina. Como sempre, a vila decaiu com a mina, que era a razão de ser da sua existência; possui 68 casas que ficam em regular distância umas das outras. O velho armazém da Companhia ainda existe em Bananal, perto de Água Quente, mas não se trabalha mais aí. Acima da mina há um pico chamado Morro-d'Água Quente, e Fonseca, que é nosso destino, fica na direção de sudeste.

Em companhia do Sr. Arantes, subimos um morro muito íngreme que nos levou a Chapada. O chão aqui ressoa sob as patas do cavalo, como se fosse de chapas de ferro; em certos lugares produzia-se um som oco, dando a impressão que a fina crosta quebraria com facilidade; as formações geológicas são geralmente assim nesta região. O aspecto do minério me fez lembrar a pedra de cal porosa de Malabar e da Índia ocidental; aqui, entretanto, trata-se de uma *hematita* riquíssima. Dr. Couto verificou que a vila de Água Quente se acha construída sobre um imenso depósito de cobre; placas da variedade vermelha com manchas de minério cor-de-cinza formam um quadro de xadrez de belo aspecto. À esquerda via-se a serra da Bateia, que é uma ramificação meridional da grande serra do Frio.² À direita e descendo para trás, apresentando inúmeras fendas, levanta-se a montanha do Caraca, com seus altos picos; vê-se a estrada perigosa serpenteando pelas suas encostas.

Passando por uma pequena fazenda "do Moreira" — que não se deve confundir com a Freguesia de Paulo Moreira, a 12 léguas

a sudeste de Gongo Soco, — encontramos uma bacia que se achava separada de outra contígua por uma espécie de lâmina em posição vertical; ambas eram cavidades de inclinação suave e de considerável tamanho. A que se acha situada mais para leste tem a beirá-la um córrego sinuoso, que é o começo do Piracicava, e na margem deste riacho fica Fonseca, que consiste de uma capela e umas esparsas cabanas, como costumam ser os lugarejos mineiros de formação recente. A terra em redor parecia seca e queimada pelo sol. Giestas mortas e fetos murchos cobriam centenas de alqueires, e sua cor castanho-acinzentada, monótona e sombria, dá um tom escuro à paisagem mais viva e mais alegre. É um sinal de solo seco e poroso: a raiz tenra da samambaia³ não consegue penetrar pelo barro compacto. É opinião geral no Brasil que a abundância desta vegetação aparece depois de queimadas demasiadamente fortes ou depois da terra se achar exausta; quando ela se estabelece, pode se considerar a lavoura um caso perdido. Na Nova Zelândia o trifólio mata os fetos, como também os ratos dos homens brancos destroem os nativos, e a mosca européia expulsa a mosca maori; talvez o mesmo acontecesse aqui. O único cuidado que se tem atualmente é cortar as plantas antes de formarem ramificações, e deixar os animais pastarem nas raízes, como também fazemos na Inglaterra. No Brasil, como no Tibé, os brotos novos de determinada espécie servem de alimento dos camponeses (*samambaia-do-mato*). M. Huc comparava-os aos aspargos — é o cúmulo da imaginação!

Descemos a uma gruta na qual corre um riacho, o córrego de Ogó;⁴ a gruta abre para o nor-nordeste. Foi aqui que se encontrou o carvão, que acompanha uma formação de pedra de cantaria e hematita. A inclinação da rocha é de 70°; a direção das camadas da mesma é de oeste-sudoeste e a direção das fendas é de leste para oeste. Como de costume a água apresentava aqui sinais de ferro, e na parede para leste, onde as gotas tinham caído, apareceu carbonato de cal. Encontramos a mesma formação em lugar mais alto e nosso guia nos informou que o carvão também se encontrava no vale de Piracicava e na bacia para oeste, pela qual acabávamos de passar. Acompanhamos seus vestígios por algumas jardas pelo córrego abaixo, o qual é um fio de água ferruginosa que deságua no Piracicava depois de um curso de duas milhas. Havia aqui também uma rocha quartzosa e pirítica, que tinha dado ouro. O metal precioso, entretanto, era “muito fi-i-i-no”, dizia nosso companheiro, levantando a voz quase uma oitava, para indicar o superlativo de sua finura, quer dizer, sua escassez.⁵

O combustível aparece em pedaços pequenos e em camadas entrecortadas, muito misturadas com barro e pedra de cal: não encontramos um único bloco. Era na sua maior parte linhita, conhecido em São Paulo por *tipota*; é de origem visivelmente recente, de aparência lenhosa e queima com cheiro de madeira. Outros pedaços retirados do mesmo local são lisos e negros, como obsidiana ou lacre, de fratura concoidal, altamente inflamável, produzindo fumaça grossa e abundância de gás. É realmente nosso carvão duro (*cannel coal*) e há de ser considerado de grande utilidade quando já ninguém mais pensar nas antigas lamparinas ou no querosene. Reconheci a formação geológica, pois na fazenda de um Dr. Rafael, perto de Velho Caçapava, no vale do rio Paraíba, na Província de São Paulo, já tinha examinado uma bacia semelhante, onde também a linhita se encontra por cima do carvão superior. Entretanto, em maior profundidade encontra-se aqui antracita, verdadeiro diamante negro, que não suja as mãos e queima sem produzir fumaça. O ponto principal a considerar antes de iniciar uma exploração nestes lugares, é verificar se a formação é bastante extensa para que a mineração se torne rendosa. A instalação necessária para a exploração, certamente não haveria de exceder a soma de 200 libras. Em Minas não encontrei em parte alguma o cascalho sulfuroso ou betuminoso, que cobre o vale do Paraíba do Sul e do Alto Tieté, que algum dia há de abastecer o país com petróleo. Deve ser procurado mais para leste e provavelmente será encontrado nos cursos inferiores dos rios Doce, Mucuri, Jequitinhonha ou Belmonte.

Subimos em seguida o acidentado lado ocidental da bacia que fica para leste e por toda a parte encontramos água, mesmo perto do cume. É este um traço característico tanto em Minas como em São Paulo. O forasteiro muitas vezes fica admirado de encontrar uma fonte cristalina perto do topo de um morro. A única espécie de caça encontrada aqui era o frango-do-campo, com penas que se assemelham às da codorniz, e de pernas curtas; confunde-se facilmente com uma galinha escapada de algum galinheiro. A siriema, a ave das serpentes, corria no trilho à nossa frente, fazendo o papel de peru.

Na Fazenda do Moreira, Mr. Gordon despediu-se temporariamente de nós; tinha que voltar a Morro Velho passando por Água Quente, enquanto era nossa intenção pernoitar em Inficionado. Descemos uma extensa colina, passando, perto de um filete de água que corre junto à raiz, por uma pequena fundição de ferro, e depois de uma subida penosa alcançamos uma chapada, que era, como a de hoje de manhã, uma chapa de ferro, que produzia um som oco,

como se estivéssemos em cima de um imenso caldeirão. De longe vimos a fumaça encrespada do povoado e os contornos negros de “Cata Preta”, onde a Companhia Gongo Soco trabalhara sem grande resultado; pertence agora ao Comendador dono da mina. Descemos depois para uma estrada que corre no fundo entre dois barrancos, tal qual as passagens estreitas da bela Touraine, já tão familiares para mim; logo em baixo de nós corria o rio, largo e límpido, atravessado por uma ponte regular. Sem demora dirigimo-nos ao albergue do Sr. Francisco Cesário de Macedo, na extremidade sul da aldeia.

De noite saímos a passeio para ver a matriz de N. S^a de Nazaré do Inficionado — ou seja do (ouro) “infecto”. Este apelido foi dado porque o ouro a princípio parecia de excelente qualidade, mas logo depois deixou ver as suas más qualidades. O “Infecto” é agora a costureira rua comprida, horrivelmente mal calçada, ou antes, é apenas uma seção da estrada; ferrar cavalos e vender forragem por preços exorbitantes a viajantes inexperientes parece ser agora seu principal negócio. Existe um chafariz sem água em frente à matriz, e mais duas capelas, mas padre não há nunca.

A cor de pele que mais se via aqui era castanho-amarelada e a população revelava grande mistura de raças com freqüentes casamentos entre elas. Eram extraordinariamente numerosos os aleijados e mendigos. Vi dois casos de hidrocéfalos, um com cabeça dura e outro com cabeça mole; ambos se arrastavam no chão e tinham esquecido o uso da sua “alma imortal”. — Em Barbacena é costume ficar de boca aberta diante de estranhos; em São João botam a língua para fora; os aldeões daqui arregalaram os olhos e riram-se de nós com um riso meio abobalhado e um deles observou, em voz alta, que minha “companheira”⁶ era “uma senhora muito capaz” — o que é sem dúvida indiscutível. O hoteleiro, entretanto, era um homem educado e gentil. Não resmungou sequer quando nosso companheiro de viagem, em seu excesso de minúcias, encontrou um erro de seis pence no preço de rações para os nossos animais e com muito barulho iniciou um processo de desconto.

Cata Preta orgulha-se de um grande filho. Fr. José de Santa Rita Durão aqui nasceu em 1737; este homem de grande valor era filho de um ativo colono português e morreu, como se achava que devia acontecer aos grandes poetas, no hospital em Lisboa em 1784. Durante os seus 47 anos de vida escreveu vários poemas; o mais conhecido deles é *O Caramuru*,⁷ obra épica em endecassílabos, com os dez cantos do costume. Se não existisse *Os Lusíadas*, este poema teria hoje fama mundial; tendo vindo depois, a música do predecessor,

mais importante, ressoa constantemente ao ouvido do leitor. Até o artifício da concisão da linha final da estância foi conservado. Por exemplo, no exórdio:

De um varão em vil casco agitado
Que as praias percorrendo do ocidente
Descobriu o recôncavo afamado
Da capital brasílica potente;
Do filho do trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente
O valor cantarei na adversa sorte
Pois só conheço herói quem nela é forte.

O poema foi concluído às pressas e impresso em 1781. O visconde de Almeida Garrett, eminente poeta, prosador e crítico, diz a respeito: “Onde o poeta se contentou com o simples relato da verdade, escreveu belíssimas oitavas, algumas das quais mesmo sublimes.” M. Ferdinand Denis, um dos primeiros a escrever a história da literatura brasileira, afirma que “é uma epopéia nacional que interessa e prende o leitor”; e M. Eugene Garay de Monglave traduziu a obra para o francês. Acho que o poema poderia ser apresentado em inglês, convenientemente abreviado e com as partes prosaicas inteiramente transformadas em prosa.

No dia seguinte — convém lembrar que foi um dia 13 do mês — deixamos Inficionado bastante tarde. Estava ameaçando chuva do lado da Serra de Ouro Preto, que sempre se apresenta com uma touca de pesada umidade. Começamos pela estrada principal ou, como aqui se chama, “estrada de rodagem”, para a cidade de Mariana e encontramos certas condições que tornaram a viagem mais cômoda; assim se achavam, por exemplo, os riachos livres das grandes pedras redondas. Por outro lado nos achávamos ainda na época das rodas com arco de ferro com grandes nós de ferro que entram no solo escorregadio de barro, mas estragam o trem dos carros quando em terrenos planos. Entramos num trilho usado para tropas de burros; o mesmo se achava em péssimas condições; nossos animais pareciam estar subindo e descendo escadas. O solo é uma pedra arenosa e quartzosa de um branco que produz forte reflexo; é muito quebradiça e sob a influência de sol e chuva fica o solo cheio de altos e baixos. A formação geológica se aproxima do chamado itacolomito, que fornece a Diamantina suas gemas. Nestas redondezas existem algumas minas, que são apenas rudes escavações na areia barrenta misturada com um grosso cascalho ferruginoso e restos da rocha xistosa da Serra.

Depois de caminhada de uma hora, descemos ao povoado Bento Rodrigues, que fica entre os braços da forquilha formada pelo rio Gualaxo,⁸ que é um rio de águas cristalinas a correrem sobre um leito vermelho-rosado, que forma delicado contraste com o verde-vivo em volta. No braço para leste a água alcançava a cilha dos animais, apesar da estação do ano; viam-se as ruínas de uma ponte e uma *pinguela*, que é o que nestas regiões substitui a ponte pendente de Peru. Era prova de que o rio, tão límpido, se torna intransponível depois de chuvas fortes.

Mais uma subida e descida nos levaram a uma “grotta-do-Diabo”, estreita, buraco fundo e escuro, com um corregozinho se atirando sobre as pedras embaixo, e atravessado por um único arco. Alcançamos Camargos pelo meio-dia. É um povoadozinho com um córrego a correr sobre areias vermelhas, e, no alto de uma colina, uma igreja muito grande para se rezar, — um verdadeiro farisaísmo! Uma vendinha à beira da estrada nos dava sombra; com umas poucas palavras de cortesia e uma prosa sobre as últimas notícias da guerra apareceram as laranjas; nossa única despesa foi de três pence, que é o preço de uma garrafa de cachaça. No Brasil, como na Rússia e outros países novos, a vida é extremamente barata para os que vivem, como diz a expressão anglo-indiana, “à moda da terra”, isto é, se alimentam de feijão, carne-seca e aguardente nacional. Os artigos importados, por outro lado, dobram os preços de Londres, e qualquer coisa extraordinária chega a preços fantásticos. Os que pensam que aqui não se pode gastar dinheiro, ficariam admirados com o custo de um bife, cerveja, manteiga fresca e queijo inglês.

Nestas regiões as cidades e aldeias se assemelham muito, e Camargos faz a sua cultura e criação de gado como todos os vizinhos; tem uma pequena indústria de ouro, outrora muito abundante, e exporta também ferro. Deste distrito veio o chá, que obteve a medalha de ouro na Grande Exposição de 1862;⁹ visitamos as plantações, muito pobres no plano, mas ricas nas terras altas para o lado que dá para a fazenda do Bom Retiro. Não tinha visto o arbusto desde que deixei a Província de São Paulo e era como se estivesse revendo um velho amigo.

Subindo o Morro da Venda da Palha¹⁰ abriu-se diante de nossos olhos um panorama amplo e de grande beleza. Para o norte, sob um céu muito alto, levanta-se o pico de Itabira do Mato Dentro, uma única elevação alta que domina a planície e fica a uma distância de 45 milhas em linha reta. Uma alta parede azul em direção leste, que mal se distingue das nuvens, indica o vale do rio Doce. A nossa

frente surgia a serra acidentada de Ouro Preto, com uma estrada vermelha serpenteando como uma fita pelo verde de suas encostas.

Daí em diante era descida contínua. O trilho tornou-se pior e os restos meio consumidos da carcassa de uma vaca, que se achava no meio do caminho, não eram bom agouro para as novas minas. Pela encosta avermelhada descemos para um solo de canga e jacutinga, semelhante ao de Gongo Soco. Pouco a pouco aparecia à nossa frente o povoado do Morro de Saint'Ana, mais conhecido pelo nome complicado e absurdo de "D. Pedro Norte del Rey". Acha-se situada na encosta de uma colina descolorida e sem árvores, com frente para leste, acidentada como rochedos à beira-mar, com sua frente alta e despida cortada pelas escavações provenientes da procura de ouro; um contraste desagradável com as cercanias amenas que são características de Morro Velho. Em altura mais elevada aparece *en profile* a capela, que é uma simples caixa branca e, em derredor, se acham as monótonas cabanas dos operários nativos. Embaixo ficam o hospital, as casas dos altos funcionários, as casas brancas dos mineiros ingleses, a *casa-grande*,¹¹ ampla, limpa e bem situada, e "a cozinha dos negros", um casarão alto e branco, despido de qualquer ornamentação. Fica sobre uma pequena elevação sobre o vale formado pelo córrego da Canela; nas terras que formaram o leito do rio achavam-se as oficinas, a ferraria, a carpintaria, a instalação das máquinas de moer e outros. Aqui também se tinham feito grandes trabalhos de garimpo em tempos passados.

Felizmente Miguel seguira à nossa frente com a carta de apresentação. Voltou ao nosso encontro antes de chegarmos à casa, e soubemos então que Mrs. Thomas Treloar, senhora do superintendente, se achava gravemente doente a ponto de ser pouco provável poder se salvar. Estava no Brasil há trinta e três anos e era sua intenção voltar à Inglaterra no mês de junho passado. Os "seis meses mais" às vezes se tornam tão fatais no Brasil como no Hindustão.

Fugimos dum sol que era suficiente para "assar um homem da Guiné" e refugiamos-nos na venda, lugar tão miserável como um albergue na Estíria. Aí discutimos a situação. Dr. George Mocket, para quem também trazíamos cartas, estava tratando da doente, e seu genro, Mr. Francis S. Symons, gerente da mina da Passagem, era esperado a qualquer momento. Que fazer — O que nos restava era continuar a viagem por mais duas milhas e pôr a nossa esperança nas ternuras de algum albergue de Mariana.

Vadeamos duas vezes o córrego da Canela e atravessamos diversas colinas. As casas são mais numerosas e formam um subúrbio:

a metade dos ranchos tem balizas para amarrar os animais, e a par do negócio de ferrar cavalos floresce aqui também a profissão de seleiro. Notamos que a estrada toda não apresenta o aspecto sombrio de ruínas e povoados abandonados, descrito em 1801 por Dr. Couto. Naqueles dias, entretanto, a população que trabalhara nas minas, na sua maior parte gente de cor, vagueava em torno das escavações exaustas; agora já se entregou a outras ocupações. Por toda a parte viam-se couros de boi estendidos sobre armações de madeira, como é costume no Brasil; o chão é por demais úmido para estendê-los sobre ele. Os couros aproveitam com este processo do sol e do vento, e é fácil removê-los para não apanharem chuva. Na estação seca estes couros ficam duros, quase como tábuas, depois de estarem expostos ao sol por poucos dias. São usados, de dia, para cobrir a carga que se transporta nos burros, e de noite servem para forrar o leito para dormir. Em regiões mais distantes servem de cama, sofá e colchão e substituem os encostos e assentos de bambu nos banquinhos e cadeiras.

Atravessamos depois o ribeirão do Carmo,¹² que separa a cidade propriamente dita dum grande subúrbio chamado *Bairro de Monsus*;¹³ um pouco mais rio acima há uma ponte de madeira construída sobre pilastras de pedra, a qual é usada durante a época de chuvas. Deste ponto obtém-se a mais bela vista da capital eclesiástica, que faz lembrar a velha e pitoresca Coimbra. As casas de cores diversas — aqui brancas, ali vermelhas, cor-de-rosa e amarelas — situam-se em degraus que vão subindo pela margem direita do córrego, que os poetas compararam com o Mondego;¹⁴ o riacho corre e confunde-se através de linhas e manchas verdes formadas por frondosas jabuticabeiras, palmeiras, bananeiras, laranjeiras e outros arbustos brilhantemente floridos.

Subimos uma rampa, deixando à direita o ribeirão do Catete; seu leito está agora coberto por jardins em flor, mas uma longa ponte de pedra mostra que não esteve sempre seco. Uma rua horrivelmente mal calçada nos levou na direção do nordeste até o largo da Cadeia, que ainda apresenta, no seu centro, o pelourinho dos tempos coloniais; é o primeiro que vejo no Brasil. Mostra os orifícios nos quais os criminosos eram amarrados. Em cima vêem-se o globo e a coroa, a balança e a espada; aí estão também os ganchos de ferro onde se penduravam os membros dos corpos esquartejados. A cadeia, que também serve de paço municipal, é uma bela construção à moda antiga, acacapada, com uma entrada complicada curiosamente pintada. Alguns soldados negros montavam guarda. Em frente acha-se a igreja de São Francisco, com um exterior espalhafatoso. É a Sé pro-

visória enquanto a Catedral está em concertos. A direita está situada a igreja de N. S^a do Carmo com as torres costumeiras em forma de pimenteira.

É evidente que nos achamos numa cidade clerical e não comercial; é a monotonia de sempre das cidades episcopais, desde Itu em São Paulo até Durham e Canterbury antes da era das estradas de ferro. Os “Formigões”,¹⁵ como aqui chamam maldosamente os estudantes de batina preta, atravessam as ruas ou vagueiam indiferentes pelas lojas. O vendeiro, debruçado com os cotovelos apoiados no balcão, olha para a rua ou conversa e fuma cigarros em companhia de um ou mais amigos sentados em tamboretas junto à porta. Os negrinhos, sentados à soleira da porta, brigam com os cachorros e porcos vagabundos, que parecem constituir a parte principal da população. Quando passamos, um destes crioulinhos, que certamente nunca ouvira falar em Joana d’Arc, gritou alto “*Godam*”¹⁶ ao passarmos. As pretas velhas andavam de um lado para outro apanhando trapos e lixo. Observamos alguns homens brancos andando descalços pela rua — coisa raríssima no Brasil. Aqui e acolá uma cabeleira lisa e lustrosa, com uma flor encarnada no lado esquerdo da cabeça¹⁷ completando um rosto de sangue muito misturado, empenhada num “estudo sério do espetáculo da rua”, — revelava ao olhar experimentado, que, como era de esperar, onde há rapazes “estudando para padre”, a *Anônima*¹⁸ é tão conhecida como entre homens que “moram em Gondar”.¹⁹

Descendo no *Largo da Praça*,²⁰ que é um logradouro coberto de capim com inclinação para leste, chegamos ao *Hotel Marianense*, que é a melhor das três estalagens locais. O proprietário Sr. Antônio Ferreira, que acumula os papéis de Bonifácio e de Fígaro — a sala de entrada é realmente um salão de barbeiro, começou por cobrar-nos uma fortuna por pastagens e milho para os animais. Mas estamos agora numa estrada principal, onde as léguas melhoram, porque ficam menores,²¹ e os preços pioram, porque ficam maiores. Acabamos com uma conta que faria inveja ao *Hotel des Ambassadeurs* de São Petersburgo.

A casa era o albergue ou estalagem típica do interior do Brasil antigo. Do salão de barbeiro saía um corredor longo que levava aos fundos e estava tão mal assoalhado que se corria o risco de cair através das tábuas. Os quartos que tinham as paredes cobertas unicamente de sujo, tinham tábuas como leitos, uma cadeira e, às vezes, uma mesa. O corredor levava à sala de jantar que se distinguia unicamente por um armário com portas de vidro que deixavam ver alguma

louça de reserva, galheteiros, algumas garrafas e latas de mantimentos. O banho de tina costumeiro só estará pronto em meia hora e o jantar em duas horas; o tempo é um artigo que aqui não vale nada e pontualidade é coisa mais que impossível. Os negros, homens e mulheres preferem ficar olhando, cochichando e rindo a trabalhar, por mais leve que seja. Não há nunca menos de uma criança gritando para transformar a noite num martírio. Há, em geral, pelo menos dois cachorros bravos que latem e uivam alternadamente ao mais leve pretexto. A comida é a da *venda*; há “batatas irlandesas” — a “raiz da fome” —, porque estamos numa cidade. Para iluminação aqui não se usam lâmpadas de óleo de rícino, mas velas de espermacete, que certamente pesarão bastante em nossa conta.

E, contudo, para três miseráveis estalagens destas há nove igrejas!

Notas ao capítulo XXXII

1. N.T. Chama-se hoje Santa Rita Durão.
2. N.A. Esta serra não se deve confundir com o Serro do Frio, mais para o norte, em torno da cidade do Cerro, ou Serro, a antiga Vila do Príncipe.
3. N.A. Autores mis antigos preferem a menos eufônica sabambaia, e sambambaial que é uma plantação de fetos naturais. De um destes fetos fazem-se canos para cachimbo, os quais se prendem a uma pequena cabeça de barro.
4. N.A. O *Ogó* é descrito como um metal inferior, amarelo, que se encontra na areia e é usado para falsificar ouro. Outros dizem que flutua na água; por conseguinte é provável que seja mica, que é agora vulgarmente chamada «malacacheta». Saint-Hilaire (I. I. 341) fala de um «*sable brillant appelé Ogó qui se trouve du côté de Sabará.*»

N.T. O *ogó* é definido no *Dicionário de Aurélio* «como material constituído, em grande parte, de monazita, mesclada com grânulos de zirconita, o que lhe dá uma coloração amarela, semelhante à do ouro.

5. N.A. Esta entonação é muito comum no Brasil; provém provavelmente dos aborígenes, que exprimiam o superlativo pela entonação. St. Hil. (III. II. 62) diz que ouro fino indica «*le belle qualité de cet or*»; tanto pode ter esta significação como a que mencionamos no texto.
6. N.A. O cavalheiro brasileiro chama sua esposa «Minha Mulher». No interior dizem «Companheira». Os outros dizem «Minha Senhora». — É como na França, onde o burguês tem «*dame*» e «*demoiselle*» e não «*femme*» e «*fille*». Nos Estados Unidos, para

não falar na Inglaterra, os livros de hotéis estão cheios de assinaturas de «*Mr. A. and lady*», falsificação prática se, por acaso, *Mr. A.* estiver viajando com quem não é sua esposa

7. N.A. Um certo Diogo Álvares de Viana foi vítima de um naufrágio perto da costa de Bahia, onde a terra estava cheia de selvagens; fazendo uso de sua espingarda, como *Mr. Coffin* na Abissínia, conseguiu fazer-se enormemente respeitado entre eles. O apelido indígena é, em geral, traduzido por «homem de fogo»; de fato significa «enguia elétrica» (moreia). «Filho do Trovão» foi o título honorífico dado a Diogo Álvares, que se casou com a «princesa» Paraguaçu.

N.T. Eis a tradução inglesa desta primeira estrofe por Burton:

Of the stout spirit whom no toil could tame
Nor daunt the rage of occidental waves;
Of the Reconcave* ever dear the Fame,
Which still the haught Brazil's high city laves,
Explored; the Thunder-Son whose fearful name
Could rule and tame the savage Indian braves,
I sing the valour proved by adverse fate-
Who masters fortune, he alone is great.

- *. N.A. Chama-se *Recôncavo* o interior da magnífica Baía de S. Salvador.

N.T. Num importante relato autobiográfico publicado pelo jesuíta Antunes Vieira (sob o pseudônimo de Artur Viegas), Bruxelas e Paris, Gaudí, 1914. (*O poeta Santa Rita Durão*), o frade declara: «Nasci na povoação de N.ª S.ª de Nazaré, a que pela impureza do seu curo vulgarmente chamam o Infecionado». (p. 5)

8. N.A. *Galaxo do Norte*, que Henderson escreve *Guallacho*. O riacho tem este nome de uma fazenda da vizinhança. É tributário do rio Doce. Deixamos agora o vale do rio Piracicava.
9. N.A. O único defeito foi a falta de um certo aroma, o que era uma conseqüência de ser novo demais. Além disto a quantidade remetida era tão escassa que não bastava para o produto ser submetido a experiências suficientes. O mais importante plantador de chá na Província é agora o senador Teixeira de Sousa, de Ouro Preto, que é o proprietário de Bom Retiro, também chamado *Fazenda do Tesoureiro*.

N.T. Manuel Teixeira de Sousa, depois barão de Camargos, falecido em 1878.

10. N.A. De Camargos a Mariana existe uma estrada mais antiga, que fica para leste do caminho que seguimos.
11. N.T. A expressão *casa-grande* aparece sempre em português no original.
12. N.A. É este o rio de Mariana, agora conhecido como rio Vermelho. Nas duas marchas a seguir havemos de subir pelo seu vale.

13. N.T. *Monsus* ou *monsuns*, nome de uma rua e adjacências. Segundo alguns é corruptela de *monsieur*, referindo-se a um francês que ali habitou.
14. N.A. Cláudio Manuel da Costa, de quem falaremos em outro lugar, escreveu um poema sobre o ribeirão do Carmo. Quando Apolo roubou a ninfa Eulina, o córrego enamorado amaldiçoou-o; este, por vingança, ensinou os homens a rasgar-lhe as margens à procura de ouro e pedras preciosas e poluir com sangue as suas águas cristalinas. Louco de desespero o ribeirão por fim se atirou do alto de uma rocha e se despedaçou.

Dr. Henrique Cezar Múzzio, chefe da Secretaria da Presidência de Minas e, mais tarde, de São Paulo, ofereceu os originais desse poema, intitulado *Vila Rica*, a S. M. o Imperador. Dr. Cláudio morreu celibatário, mas deixou sobrinhas; depois do Brasil se tornar Império elas procuraram fazer valer seus direitos e dirigiram-se, como é costume, ao Procurador dos Feitos da Fazenda. Mas os documentos, infelizmente, tinham desaparecido e perderam a causa.

N.T. O poema de Cláudio Manuel da Costa, *Vila Rica*, enaltecendo os feitos dos paulistas na conquista de Minas Gerais, foi oferecido ao vice-rei Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela, em 1773. Foi publicado em 1839.

Pode ser lido no vol. IV do *Anuário do Museu da Inconfidência* (1955-57), p. 113. Cláudio, como é sabido, morreu na prisão em Ouro Preto, acusado de participação na Inconfidência Mineira. A versão oficial e provável é a do suicídio.

15. N.T. Em português no original.
16. N.T. Blasfêmia: corrente em inglês.
17. N.T. Em português no original.
18. N.A. As mulheres casadas usam a flor no lado direito.
19. N.T. Cidade da Abissínia onde se forma a maior parte de seu clero.
20. N.T. *Sic*.
21. N.A. A légua pode aqui ser calculada em três milhas geográficas; em regra, quanto mais longe da capital, mais longa fica a légua.

CAPÍTULO XXXIII

EM MARIANA

«La race Portugaise s'est emparée en Amérique de la contrée la plus admirable du monde, et que la Nature semble avoir pris plaisir à combler de tous ses bienfaits.»

Castelnau (*Expédition*, iii, cap. 33)

Quando o explorador paulista João Lopes de Lima, em 1699, descobriu ouro no rio Vermelho, que acabamos de atravessar, os mineiros construíram o *Arraial do Carmo* que em 8 de abril de 1711 tornou-se *Vila de Albuquerque*, sob o governador do mesmo nome e, ainda no mesmo ano, foi o nome mudado para *Leal Vila de N. S^a do Carmo*. Vários atos públicos¹ concederam à sua câmara precedência em todas as procissões e a cerimônias públicas por ser a edilidade mais antiga da Província. Uma carta régia de D. João V, de 23 de abril de 1745, elevou-a à categoria de *Cidade de Mariana* ou *Marianópolis*, nome derivado da princesa austríaca que, nesta época, se achava no trono de Portugal. Em 1750 só o quinto ultrapassou 100 arrobas de ouro *per annum*. Este, em 1799, só atingiu pouco mais de um terço. Mas, como observa o Dr. Couto, a mitra demonstrou então ser a melhor mina.

Da borda meridional da bacia, onde está sendo construída a igreja de São Paulo — ou antes, não está sendo construída, — obtém-se a mais linda vista da cidade eclesiástica. A planta desta igreja revela alguma intenção artística ao contrário das demais, que não são mais que armazéns, sem atingirem a dignidade de templos. Tem duas naves desiguais e, ligado à do sul, que é maior, acha-se um santuário retangular. O campanário, que também é de pedra de areia compacta erguido sobre sólidos alicerces, espera sua terminação. Os dois sinos estão dependurados na armação de costume, do lado de fora. Há algumas sepulturas que, com o seu sugestivo "*Il faut mourir*", perturbam os visitantes que aqui vieram para se

divertir. A fachada da igreja traz as chaves, o chapéu e a mitra episcopais. As pilastras terminam grosseiramente, em rolos, sobre a entrada principal, e as janelas laterais não se acham no mesmo plano. O corpo da igreja está coberto, em parte, por teto de zinco, que às vezes desaba, e os seus principais habitantes são os taperás, gaviões ou diabinhos.

Mariana fica embaixo, agachada nas encostas de oeste e estende-se até o fundo do vale, cujas águas são levadas para o norte pelo sinuoso rio Vermelho. Em torno da massa branca de alojamentos vêem-se as escavações na terra vermelha e montões da jacutinga, reminiscências de sua mocidade remota. Esta bacia, situada numa serra secundária da serra do Itacolomi, que a fecha para o sul, está numa altura de 2.400 pés acima do nível do mar. Sofre a neblina matutina, que muitas vezes se condensa num chuvisco; entretanto não é tão forte como em Ouro Preto. Depois da neblina aparece o sol a brilhar num céu límpido até o anoitecer. Dizem que o frio penetrante durante a época das chuvas provoca catarros malignos. Deve-se entretanto acreditar nisto *cum grano*, visto que o craveiro equatorial floresce aqui ao ar livre. A cidade recebe seu abastecimento de água, ligeiramente ferruginosa, de oito fontes. Onde há escassez, é devida à intensa derrubada de matas.

Na noite de sábado um tumultuoso tocar e repicar de sinos de *Angelus*, um verdadeiro *tutti*, partindo de todas as torres e campanários, fez-nos lembrar que estamos numa cidade episcopal.³ No Domingo havia “Missa de Madrugada” para a multidão dos pobres que não gostavam de mostrar os andrajos em outra hora mais tardia. Pouco depois as Irmãs de São Vicente de Paulo, filial da casa de rue du Bac (em Paris), iniciaram o cantochão de costume. Às oito horas havia missa, mas a mesma começou às sete e meia, de maneira que o forasteiro se arriscava a chegar depois de terminada. Às nove horas havia missa cantada na Catedral Provisória e às dez e onze horas missas cantadas nas outras igrejas.

Depois do almoço saímos para visitar a cidade, que ainda apresenta os traços característicos que Gardner descreveu; parece quase deserta. O calçamento é medonho, — só o calista deve gostar dele. Havia umas poucas casas bonitas de dois andares; a maior parte só tinha andar térreo, feitas de esquadrias de madeira e adobe caiado com meias janelas e não poucas rótulas e gradis. Algumas das fontes da cidade eram antigas e esquisitas, com delfins esculpidos e pintados, que formam curioso contraste com as bonitas estátuas modernas das “Cidades Atlânticas”, bastante comuns no Brasil.

Visitamos o bispo Monsenhor Antônio Ferreira Viçoso, no palácio episcopal, que é um grande *bungalow* velho, com o chapéu episcopal e as armas diocesanas sobre o portão de entrada. O venerável prelado, que atualmente conta oitenta anos de idade, era ainda português de fisionomia e de sotaque; seu olhar era vivo e inteligente e seu semblante calmo e intelectual. Vestia batina roxa de acordo com a regra que prescreve preto para o padre, escarlate (que simboliza o derramamento do próprio sangue) para o cardeal⁴ e branco para o Papa. Recebeu-nos com grande amabilidade, consentiu pacientemente no oscular do anel episcopal e conduziu-nos para uma biblioteca constituída na sua maior parte de obras teológicas e ornamentada com medalhões de fantasia e retratos de filósofos clássicos. Monsenhor Gaume teria se divertido muito a ver aqui as caricaturas de pobres epicuros que cometeram o único pecado imperdoável: declarar que os deuses não se importam com as coisas dos mortais e que, por conseguinte, é inútil pôr servos ao serviço deles sob a forma de padres.⁵

Fala-se com o maior respeito da sua Reverendíssima que muito tem feito em benefício da educação eclesiástica nesta e em outras províncias. Lecionou Filosofia em Évora e Teologia, Matemática e Língua em Angra dos Reis (onde foi vigário) no Rio de Janeiro e no Caraça. Depois foi sucessivamente diretor dos seminários de Angra, Caraça e Campo Belo.⁶ Foi elevado à dignidade episcopal por Gregório XVI em 22 de janeiro de 1844, e sagrado no mês de maio seguinte pelos bispos do Rio de Janeiro, de Crisópolis e do Pará. Tomou posse do bispado, por procuração, em 28 de abril de 1844 e a Entrada Solene se realizou no começo de junho do mesmo ano. Dois dos seus alunos do Caraça foram por ele sagrados bispos do Pará e do Ceará na Catedral de Mariana e, há pouco, visitou Diamantina para sagrar o bispo desta cidade. Demorou-se mais de uma vez por seis a sete meses, mesmo em época de chuvas, na visitação de sua diocese, pregando, ouvindo confissões e administrando o sacramento do Crisma. Podemos, de todo o coração, nos associar à prece geral: “Deus conserve seus dias!”

Um breve histórico dos predecessores do bispo talvez não seja sem interesse aqui.⁷ A pedido do D. João V foi a diocese de Mariana desmembrada da do Rio de Janeiro pelo Papa Benedito XIV com a bula *Candor lucis aeternae* de 6 de dezembro de 1741.⁸ O primeiro bispo diocesano foi D. Frei Manuel da Cruz, Doutor em Direito Canônico pela Universidade de Coimbra, quarto bispo do Maranhão, amigo e colaborador do digno — ou indigno — Padre Gabriel Malagrida, o “mártir do demônio”, — “In Portug. pro fide occisus”. —

Depois de nomeado, em 15 de setembro de 1745, D. Fr. Manuel viajou para Minas por terra, o que naqueles tempos era bastante perigoso; chuvas e doenças o detiveram, segundo uns durante onze meses, segundo outros quatorze meses e alguns dias. Terminou a construção da matriz, atual Catedral, fundou o Seminário e lançou a pedra fundamental da igreja de São Francisco em 1762. Apesar das instruções recebidas no sentido de corrigir as desordens de seu rebanho por meio de “prudência, amor paternal e caridade”, as queixas contra ele foram muitas; o rei, porém, continuava a depositar nele a mais absoluta confiança. Faleceu em 3 de janeiro de 1764, na idade de setenta e quatro anos, e está sepultado na catacumba central dentro do coro da Catedral.

O segundo foi D. Joaquim Borges de Figueiroa, padre secular, que foi nomeado arcebispo da Bahia antes de ter chegado a Mariana. Seguiu-o D. Frei Bartolomeu Manuel Mendes dos Reis, anteriormente bispo residente de Macau; também este deixou de pessoalmente tomar posse da diocese, mas participou da sagração do seu sucessor. Seguiram-se três governadores. Um destes, Inácio Correia de Sá, Cônego doutoral da Catedral, publicou algumas pastorais originais, cheias de ameaças. “Está nas vossas mãos”, declarou ele, “mostrar, ouvindo a palavra de Deus, que vossos pecados não são a causa de nossa próxima partida. Se assim o fizerdes, então, se for Deus servido que partamos... Ele enviará outro para servi-lo com zelo e caridade”.

O quarto foi D. Frei Domingos da Encarnação Pontével, frade dominicano, professor de filosofia e teologia, e diretor da ordem terceira de São Domingos. Foi confirmado pelo Papa Pio VI e tomou posse em 25 de fevereiro de 1789. Durante seu período ocorreu a célebre “Inconfidência”, na qual o mais nobre filho de Mariana, Cláudio Manuel da Costa, descendente de família paulista (nasc. 1729. fal. 1789) sacrificou sua vida por sua terra natal. Seu retrato no palácio episcopal de Mariana traz a seguinte inscrição:

*Quid praesul noster? Nil est nisi pulvis in urnâ,
Cordibus est nostris vivis et ipse manes.*

Seu sucessor foi D. Frei Cipriano de São José, frade menor (franciscano), de Arrábida, e homem de letras. Sob seu governo chegou a família real ao Brasil. Este bispo faleceu em Mariana em 14 de agosto de 1817 e, em 9 de abril de 1820, foi sagrado D. Frei José da Santíssima Trindade, dos Menores reformados de São Francisco, da Bahia. Tendo-se declarado a independência, participou das cerimônias da coroação do primeiro Imperador, que, posteriormente, em companhia da Imperatriz D. Amélia, foi seu hóspede. Faleceu na

sua diocese em 28 de setembro de 1835 e está sepultado na Catedral junto ao primeiro bispo de Mariana. O sétimo bispo, D. Carlos Pereira Freire de Moura, faleceu antes de tomar posse da diocese. Com o oitavo acabamos de nos entrevistar.

Depois da bênção episcopal, um clérigo nos acompanhou do Palácio até o Seminário anexo, onde fomos devidamente apresentados ao diretor, Rev. João Batista Carnaglioto, de Turim. O corpo docente se compõe de um vice-diretor, sete professores e mais igual número de padres. Cerca de quarenta, dos cento e oitenta alunos, são agora internos. As férias principais começam em julho e terminam em 1.º de outubro. O curso de estudos preparatórios dura cinco anos; os que se destinam aos estudos eclesiásticos são em seguida enviados ao Caraça e os demais às diferentes academias do Império, onde doutores em direito, matemática e medicina são fabricados a granel. Quando se fundou o seminário, foi o mesmo posto sob a direção do jesuíta, padre José Nogueira. Foi reorganizado pelo bispo atual e dois dos seus reitores são agora bispos de Ceará e Diamantina. A secção colegial foi durante alguns meses dirigida por D. Pascoal Paccini, professor de História Natural do Museu de Palermo, vindo ao Brasil em missão científica. Dr. José Marcelino Rocha Cabral, ex-editor do célebre *Despertador* e conhecido escritor, que trocara a política pela vida privada, também fora vice-diretor do Seminário. Sua Reverendíssima depois dividiu o Seminário em duas divisões, de maiores e menores, e confiou ambas aos Padres da Missão. Pessoas caridosas ofereceram donativos de escravos e fazendas e a parte financeira está agora a cargo de administradores sob a direção do Superior.

Visitamos todo o estabelecimento que era notável pelo asseio e ordem; mesmo na cozinha absoluta limpeza. Quanto ao mais, havia as longas fileiras de costume, de pequenas camas de ferro, pretas, com cobertores vermelhos, as maletas arrumadas ao longo das paredes, as longas mesas nos refeitórios, e a interminável sala de estudos com um sem-número de carteiras, e os enormes mapas antiquados, que sempre se encontram nestes lugares. No velho portão mostraram-nos a data MDCCLX — 1760 que representa grande antiguidade neste mais novo dos Impérios.

Por fim fomos visitar as Irmãs de São Vicente de Paulo. O bom bispo, que é o Superior da Ordem no Brasil, realizou em 1749 uma coleta e fundou uma casa para elas nesta cidade. São agora quinze. A casa recebe do governo seis contos de réis por ano, e é por lei obrigada a alojar, alimentar e instruir quarenta órfãs, devidamente designadas pelas autoridades. A madre superiora, idosa e corpulenta,

ativa e enérgica, recebeu-nos com grande cordialidade e nos causou grande espanto com as palavras "*Allons premièrement visiter le Maître de la maison*", com as quais nos levou à capela. Visitamos então a escola com sessenta e seis internas, — meninas de todas as idades até vinte anos, e mesmo mais. As alunas pagam cento e oitenta mil-réis por ano, sem contar roupa lavada e outras pequenas despesas extraordinárias. Não havia sinais de luxo e, mesmo de conforto, muito poucos. Em compensação o arranjo da casa era excelente e não poderia haver nada mais limpo. Visitamos a segunda classe e o orfanato com sessenta e quatro meninas. Com o correr dos tempos estas serão dadas em casamento a pessoas honestas, que devem pedir suas esposas pelos canais oficiais. Atravessamos afinal um belo jardim para também fazer uma visita aos doentes do hospital,⁹ em número de quarenta e dois, entre eles quatro homens e seis mulheres dementes, uma proporção fora do comum. Estavam ocupados na fabricação de flores e de rendas, naturalmente para serem vendidas. Todos cercaram a irmã Superiora para beijar-lhe a mão, com sinais do maior respeito e afeto. Depois de comprar algumas lembranças deixamos a casa.

Muitos brasileiros mandam as filhas para estas casas de instrução porque não há outras; entretanto, não apreciam o velho sistema monástico, mal adaptado aos tempos modernos. Receiam ver suas filhas enterradas vivas "para maior glória de Deus e das Damas do Sagrado Coração". Queixam-se abertamente do sistema de espionagem que se pratica nestas casas, e há outras objeções que o decoro proíbe especificar. Em geral, mesmo na Europa, e muito especialmente na Inglaterra, o ensino nas casas religiosas está com atraso de cinquenta anos. Depois de seis ou oito anos de estudo a moça sai num estado estranho de ignorância e cheia de certas superstições estranhas e idéias ascéticas,¹⁰ tendo desgosto pela sociedade e aspirações pela vida de religiosa, o que num país novo como o Brasil nunca pode ser lamentado demais; mostram também um *engouement* por penitências e mortificações que em qualquer parte deveriam ser obsoletas. Conta-se a respeito desta casa, que uma órfã, uma das alunas, foi chamada para assinar seu nome, e não sabia escrever. O fato chegou ao conhecimento de um jornal oficial e serviu para abrir os olhos ao público. Quanto a mim, sou de opinião que o lugar próprio para estas excelentes mulheres é o hospital e os quartos dos doentes, onde seu heroísmo e sua dedicação merecem o maior respeito. A instrução não é seu lado forte; entretanto, desejam ardentemente se encarregar deste mister, por ser o meio de melhor moldar o espírito das novas gerações.

Notas ao capítulo XXXIII

1. N.A. Datados 17 de julho de 1723 e 21 de fevereiro de 1729.
2. N.T. Mais exatamente: 38 arrobas, 12 marcos e 6 onças.
3. N.A. Sede do Bispado de Minas.
4. N.A. Foi ultimamente solicitada a púrpura cardinalícia para o Arcebispo de Bahia, que é Primaz do Brasil. Se esta honra lhe for concedida, será o primeiro americano a tomar assento no Sacro Colégio.
5. N.T. Jean Joseph Gaume (1802-1879) teólogo e literato francês, autor de várias obras que causaram sensação em meados do século. Era Protonotário Apostólico *ad instar participantium*, e recebeu várias honrarias do papa Pio IX. Foi autor de uma reforma no ensino religioso ruidosamente anunciada, pretendendo introduzir o estudo dos Padres da Igreja desde o curso secundário. Foram particularmente discutidas as suas *Lettres sur le paganisme dans l'éducation* (1852) e a direção da *Bibliothèque des classiques chrétiens, latins et grecs*, em 30 volumes (1852-1855).
6. N.A. Um lugarejo situado entre Minas, São Paulo e Goiás.
N.T. Estabelecimentos dirigidos pelos lazaristas, congregação a que pertencia D. Viçoso.
7. N.A. O *Almanaque* para 1825 fica responsável por qualquer inexatidão com referência aos «Exmos. Bispos de Mariana».
8. Pizarro diz 1746. Observa também que o segundo e terceiro bispos desfrutaram das rendas desta diocese em Lisboa. Faz lembrar a prática moderna de certos bispos de colônias que têm escapado às censuras, quando as merecem muito mais do que os «bispos-piratas», tão maltratados nos últimos anos.
N.T. «Apesar das hesitações de Monsenhor Pizarro, é fora de dúvida que o *motu proprio* que criou o bispado de Mariana foi expedido e datado em 1745.» Cônego Raimundo Trindade: *A arquidiocese de Mariana*. Vol. I. São Paulo, 1928, p. 83 n.
9. N.A. O número comum de doentes do hospital é de trinta a quarenta por ano. Entretanto, muitos só vêm ao hospital quando já não há mais esperança de salvá-los. Em 1865-66 a enfermaria recebeu quarenta doentes; destes morreram treze, dezessete melhoraram e os restantes foram curados.
10. N.A. Poderia citar o nome de uma casa de educação — escola de convento não distante de Londres, onde, no século dezanove, se ensina às crianças que na véspera de Natal todos os animais se ajoelham para rezar; que a trovoadá é a voz da divindade — verdadeiro fetichismo; que não se devem dar drogas entorpecentes a um moribundo, pois a agonia é a última tentação à volúpia e a última oportunidade de penitência. — Eis aí três exemplos tirados de trezentos. Minha experiência me ensinou que em assuntos de pura fé e crença — isto é, a aceitação de afirmações unicamente por causa da confiança na autoridade, — todas as nações se igualam na medida em que o desenvolvimento da sua imaginação, do maravilhoso, o permite. No meio dos povos mais civilizados da Europa é facilímo apontar opiniões e costumes que, examinados aos olhos da razão, não diferem dos que existem entre os selvagens do rio Bonny. [N.T. Rio da Nigéria].

CAPÍTULO XXXIV

PARA PASSAGEM (DE MARIANA) E OURO PRETO

*Quand ploon per San Médar
Ploon quarante ghiours pus tard. — (Velho provérbio.)*

São Médard fora chuvoso e assim também foi São Swithin. Não se pode esperar que os santos do bom ou mau tempo sirvam de maneira igual nos dois hemisférios, embora se trate de Santa Bibiana, São Mamert, São Pancrácio ou São Servais.¹ No dia do santo saxão recebemos a visita do Sr. F. S. Symons, que, apesar das preocupações de família, com grande hospitalidade insistiu em que nos instalássemos na sua casa vazia, de Passagem. Deixamos Mariana na mesma manhã, subindo a colina sobre a qual se acha a igreja de São Pedro, e descendo depois a encosta para leste, onde tomamos uma boa estrada, há pouco consertada pelo governo da província. A região tem a beleza monótona, primitiva e selvagem de Atala ou Iracema, que já começa a fatigar nossos olhos. Nossa capacidade de admiração pelas coisas inanimadas está ficando rapidamente esgotada; a beleza selvagem, a grandiosidade da floresta virgem, a graça uniforme da vegetação nova, tudo isso começa a ter sobre nós a influência de um enorme peso; estamos fartos de montanhas imponentes, colinas pitorescas, e até das suaves ondulações dos campos. A verdade é que desejamos ver gente; queremos, para falar em linguagem clara, ver alguma coisa feita, para alívio. Anthropos e suas obras são para a terra por ele ocupada, como a vida para o corpo; sem eles a natureza é como um cadáver ou um corpo desfalecido. Não foi somente a “inconstância dos homens” que fazia Castelnau, no meio do esplendor deste cenário, ter saudades das tempestades de gelo dos Andes e dos arrepios causados pelos abismos e desertos áridos onde só passa o condor. Não me posso livrar do verde, a cor mais monótona, e que num clima úmido e quente produz uma curiosa depressão. Nos desertos de pedras e barro há uma vivacidade e vitalidade do cérebro que nunca sentimos na Índia ou Zanzibar.

Passamos por um belo edifício, o Hospital da Mina. Depois de mais duas curtas milhas tomamos o caminho à esquerda e entramos nos terrenos da casa-grande. Esta construção rústica pertencia antigamente a um dos proprietários e sócios das escavações de Passagem. Tem bom aspecto de longe, mas vista de perto percebe-se que é apenas uma construção bastante rude. Uma rica nascente brota do morro que fica à sua frente, e de outro lado vê-se uma garganta, espécie de *brèche de Roland*, onde em 1699 dois grupos de exploradores paulistas se encontraram inesperadamente; um chefiado por Manuel Garcia, que descobriu ouro num braço do ribeirão do Campo, e o outro dirigido por João Lopes de Lima, o fundador de Mariana.

Passamos três dias no quartel general da *Anglo Brazilian Gold Mining Co. (Limited)*.² Todas as vezes que era possível Mr. Symons vinha do Morro de Santana e devemos muita gratidão à hospitalidade proverbial deste bretão da Cornoalha. A primeira visita que fizemos foi à *D. Pedro Norte del Rey*,³ pela estrada que já nos era familiar, e acima do vale do córrego da Canela, para onde desce o morro de Santana como também o morro de Maquiné. No primeiro não se trabalha mais; o ouro livre no quartzo e nas piritas auríferas não rendeu o suficiente. Entretanto o solo está aqui tão cheio de galerias e buracos que é perigoso afastar-se do trilho. A superfície da montanha está coberta de uma camada de "canga" de uma espessura de quatro pés aproximadamente; mas a rocha que contém o quartzo é um xisto de mica e ferro. Continuamos por isto até a outra mina onde a água corre nos tanques e as rodas guincham alegremente no meio da floresta, que pairava muito alto sobre nossas cabeças. O *Buraco de Maquiné* é o centro de três conhecidas escavações; para o oeste está o *Buraco do Tambor* e para leste o *Mataador*;⁴ o *Matão das Cobras* fica para o oeste. Em volta há uma quantidade de minas: a *Bawden*, do *Cornélio* (nova), do *Benício*, do *Honório*, do *Branco*, e as *Minas de Sociedade* que é uma exploração muito antiga.

O *Buraco de Maquiné*, que está situado num contraforte lateral do morro principal, para o norte de Santana, é drenado por um córrego que deságua no córrego da Canela. O vale apresenta, na mesma linha de morros, seis depósitos distintos de jacutinga, ferro, mica, xisto argiloso, quartzo em decomposição e ouro: o veio corre de leste para oeste, a inclinação é para leste⁵ e a camada básica tem a direção norte. Entre os leitos há camadas de capa, ou de um xisto duro de ferro com uma inclinação de 5° a 6°. O buraco número quatro é a parte mais alta onde começara a exploração; o número

três, logo abaixo, foi encontrado “com vida”, com indícios de ouro, e o número dois (o terceiro contado do cume do morro) que variava em tamanho de seis polegadas até dez pés, é que produziu tão ricos resultados depois de um trabalho paciente e perseverante.

Subimos o morro a cavalo, acompanhados por Mr. McRogers, capitão e chefe da mina, e vimos a terra baixa até onde deverão chegar as três profundas galerias a serem feitas. No seu emprego anterior em Gongo Soco, Mr. Thomas Treloar adquiriu a devida experiência. Um outro oficial da companhia Mr. Hosken juntou-se a nós na boca da mina: o regulamento aqui proíbe a entrada na mina de um homem só. O ouro acha-se livre na jacutinga^b e, ao contrário do ouro pirítico, exige o maior cuidado contra o perigo de furto; neste sentido é tão exposto quanto o diamante; mas apesar de todas as precauções o negro, sem dúvida, encontra meios para enganar a vigilância, e furtar.

Entramos no número três, chamada de Hilcke, que é a principal das seis minas que a companhia adquiriu por compra ou concessão. A direção geral é uma inclinação de 51° para nordeste, e foram encontrados nela quatro filetes de ouro. As paredes interiores eram forradas inteiramente de madeira, com madeiramento protegendo também o teto da galeria, sendo as armações feitas de troncos inteiros ou rachados pelo meio; em alguns pontos são também encontradas traves grossas para evitar a queda das paredes laterais. Entre os grupos de armação de madeira nunca há distância superior a seis pés. Nas galerias principais emprega-se madeira de primeira qualidade; a madeira comum é suficiente para as escavações para retirada do minério; e quando o filão foi retirado, as paredes têm permissão para se encontrarem. Guiados pelo capitão visitamos os cortes transversais feitos em direção norte no intuito de estabelecer comunicação com o veio, as galerias laterais e os planos menores, que — como diz a palavra — deveriam ser planos, mas são decididamente o contrário. Quando se encontra minério de valor estes planos são aumentados a fim de acompanhar o minério e servem para puxar para fora o minério deslocado. Vários destes planos foram abandonados à medida que as escavações prosseguiam mais para o fundo. Os mais importantes são atualmente os de “Hilcke” e “Alice”, que cortam o veio de ouro, o primeiro a 47 braças e o segundo a 128 braças de profundidade. Em geral foi fácil e até agradável caminhar na mina: a mesma era excepcionalmente seca e não havia nenhuma dessas paredes dependuradas sobre a cabeça do visitante, que dão a impressão de pouca segurança. Vi apenas um único orifício de exploração, — uma fenda numa parede lateral, que exalava gás; expe-

rimentamos fazê-lo queimar, mas sem o conseguir. Havia também um só lugar na mina onde as lanternas ardiam mal e com chama azulada. Era uma prova da boa ventilação da mina. Abrem-se comunicações de um plano para outro para fazer deslizar o minério escavado nos planos superiores e também para fins de ventilação. Os canais para o ar são de especial necessidade na jacutinga que é a pior formação no que diz respeito ao calor que aqui se torna insupportável. A umidade, em certos lugares fez apagar as lanternas, com o que naturalmente fugiram os trabalhadores; foram, entretanto, casos excepcionais.

Depois de voltarmos à superfície vimos o processo de lavar o minério aurífero, o que é feito por mulheres; depois de lavado é etiquetado, trancado em caixas fortes e enviado à seção inferior de pilões. Há pouco, em 1867, foi encontrada uma bola de ouro que continha 512 oitavas de ouro puro e media dezoito polegadas por oito. O veio comum fornece dez oitavas por tonelada e cerca de 1.800 toneladas são trabalhadas por mês. O minério muito rico rende 800 oitavas (oito libras e quatro onças, Troy) por tonelada; doze caixas, ou seja, meia tonelada, já produziram 1.900 oitavas e 700 libras renderam 11 libras brasileiras de ouro. São resultados magníficos. Mas na jacutinga, que é de natureza muito inconstante, os filetes de ouro freqüentemente chegam a uma fenda e desaparecem. Como lembranças levamos umas pequenas, mas muito bonitas bolinhas de ouro porém *sem* causar prejuízo aos acionistas.

Montamos novamente e passamos por uma casa nova, as novas instalações para os operários mudarem de roupa, onde futuramente serão deixadas todas as peças de vestuário que possam conter ouro. Após visitar os doze aparelhos da seção superior, que quebram e esmagam a jacutinga bruta, descemos para a seção inferior, onde o minério fino é trabalhado. Depois de pulverizado é depositado num tacho ou numa bacia de cobre e lavado mais uma vez. Por fim é levado para a Casa Grande e preparado para ser despachado.

Em 23 de julho de 1862 realizou-se uma assembléia extraordinária da companhia proprietária, a qual sancionou a compra do morro de Santana, e em seguida foi o Sr. Thomas Treloar mandado para cá. Recebeu ele ordens de se comunicar com os agentes Sr. Moore & Co., Rio de Janeiro, e os trabalhos foram iniciados em 1863.⁷ Verificou-se que Santana era um fracasso, pois o quartzo era pobre e incerto. No seu relatório o Superintendente declarava: “no lado de Maquiné temos mais extensões de terras do que de minas”; entretanto, a verdade era justamente o contrário. Um mineiro de longa experiência tinha se comprometido a retirar da desprezada escavação 2.000

oitavas por dia, e fora-lhe prometida uma bela quantia se o conseguisse, mas com a cláusula suplementar: “sem ouro, nenhuma recompensa”. Contava-se muita coisa acerca das riquezas que aqui se achavam enterradas. A tradição narra que um português extraiu grande quantidade de ouro; em seguida voltou para a terra com o intuito de, na volta, retomar o trabalho das escavações, no que, entretanto, fora impedido pela morte. Foi dito que os “velhos”, depois da água uma vez ter rompido a terra escoando-se para o córrego, haviam encontrado 64 oitavas de ouro. Com estas informações e baseando-se na sua longa experiência Mr. Treloar começou o trabalho de lavagem, pelo riacho acima, até encontrar o veio. Maquiné foi um expediente tardio, mas a energia e a perseverança que obtiveram esta conquista merecem o mais alto louvor. Acham-se agora em atividade aqui, entre brancos e pretos, 350 pessoas, e Maquiné é um dos dois únicos sucessos que os ingleses puderam registrar no Brasil no terreno de mineração.

De acordo com os relatórios de Mr. Treloar, o morro de Santana era de tal valor, que o governo em 1762 achou-o merecedor de uma legislação especial. Sob a condição de pagar ao governo cinco por cento do ouro extraído, qualquer súdito de Portugal podia abrir uma galeria até o veio e reclamar para si um espaço de terras na superfície de 25 palmos, em vez de receber uma data, que era de cerca de 90 braças. O morro, desta maneira, tornou-se propriedade de centenas de pessoas. Santana ficou tão populosa quanto Mariana: faziam-se escavações extensas ao acaso; não se cuidava da ventilação das galerias; o minério era trabalhado só à mão, com um pilão. O resultado diminuiu, até que a maior parte do morro passou a ser propriedade de uns poucos, aos quais a Companhia por fim o comprou. Também o Buraco de Maquiné tinha muitos donos até acabar às mãos dum certo padre Pires.

Visitamos também a propriedade da Mina da Passagem, que se acha situada à direita da estrada de Ouro Preto.⁸ É um vale estreito formado pelo rio e cercado de colinas ondulantes e alguns altos picos; é drenado pelo rio Mariana, que aqui toma o aspecto de torrente da montanha, correndo em direção ao nordeste entre margens altas e íngremes. Esta formação aurífera está sendo explorada há quase um século. Caldclough fez-lhe uma descrição em 1826. Encontrou, em rocha de mica ferruginosa, manganês botrioidal com cristais octaédricos de ferro magnético;⁹ os veios metalíferos que variavam de seis polegadas a três pés de espessura eram de quartzo “schorlosos”, arseniato de cobalto e piritas de ferro e arsênico, estes últimos chamados “chumbo” pelos mineiros. As camadas inferiores

eram de mica escura, que mais em cima muda de cor e se mistura com a rocha de simples quartzo. Sob a direção do barão von Eschwege a Companhia dispunha de um capital de 20.000 cruzados, e ocupava três capatazes e trinta e oito escravos; naturalmente, mal rendeu para pagar as despesas. O minério de valor era levado em tachos para um moinho composto de nove pilões, e o pó grosso era em seguida pulverizado entre duas chapas de ferro movidas a força de água. — processo por sinal que mais científico do que o atualmente empregado. Foram abertas ou arrebetadas passagens de cem pés de comprimento na camada de mica; entretanto as bombas primitivas não eram suficientes para tirar a água das escavações. O capitão Pena, então Superintendente, propôs que se retirasse a água da mina por meio de uma galeria profunda, pela qual poderia também ser retirada a pedra; isto entretanto foi reservado à atual Companhia. Em 1840 Gardner informa que Arraial da Passagem deve sua fundação às lavagens de ouro que depois foram abandonadas, entregando-se a população às ocupações da lavoura para o abastecimento da Capital. A propriedade depois disto passou por vários proprietários. Uma Companhia, cuja alma era o Comendador Paula Santos, explorou as terras do Fundão e abriu as galerias de Vieira e Rasgão, mas sem obter grandes resultados.

A *Anglo Brazilian Gold Mining Company (Limited)* começou a trabalhar em janeiro de 1865, com um capital de £100.000, metade realizado, e as suas ações estão atualmente a $\frac{3}{8}$ acima do par, o que é um sinal favorável. Vi o terceiro relatório, de 31 de março de 1866, e o considero muito satisfatório, promissor de um grande futuro. Os trabalhos ainda estão no seu começo, tudo está sendo feito em pequena escala e não se paga ainda dividendo. Mas é uma empresa de grandes possibilidades, que ainda há de realizar coisas importantes, e não hesito em considerá-la, já agora, um sucesso.

Entregamo-nos aos cuidados do Mr. Martin, oficial-chefe, que em primeiro lugar nos mostrou a planta da mina. Há grandes extensões de terras de mineração. Todas as escavações são feitas na margem direita do córrego, que, nos tempos de chuvas, aumenta dezoito pés no nível de suas águas. A mina mais para o sul é o Fundão; a superfície desta é um pântano que na parte mais baixa do vale se transforma em lagoa; era antigamente tida como a mais rica. O acesso à mesma se faz nela “galeria de Foster”. Vêm em seguida os campos de mineração chamados *Mineralógico* e *Paredão*, cada um com sua mina: para o nordeste, ou seja, rio abaixo, não se conhece a extensão do minério aurífero. O veio principal pode ser acompanhado por uma extensão de muitas milhas.

Vestindo corretos vestuários de descer à mina e todos munidos de lanterna e bengala, entramos na galeria principal, chamada de *Dawson*, a qual é realmente um plano inclinado, conduzindo à “Mina Grande”, a qual tem mais três aberturas para retirada das pedras — *Haymen*, *Hanson* e *Foster*. Para o norte ficam sucessivamente a Mina do Buraco Seco, a Mina do Barril com a galeria do Barril e a Mina do Congo. Um corte transversal através desta última galeria, que é muito funda, mostra uma superfície de *húmus* e jacutinga sobre fundamento de barro e pedra ferruginosa. O veio se acha situado por baixo da camada avermelhada e ferruginosa de mica; a base é uma ardósia talcária, pedra de areia e “killas” de material rochoso azul e vermelho cujo quartzo ora duro e ora mole encontra-se às vezes espalhado entre os veios.¹⁰ A inclinação do veio é de 17°30' para sudeste, e às vezes menor, e a direção do veio é de nordeste para sudoeste. A parte superior do veio principal, que é uma camada de mica ferruginosa, fora alcançada por antigas explorações, das quais algumas ainda estão sendo trabalhadas por meio de água. Fora necessário retirar grande quantidade de lama, pedras esmagadas e outro material estranho. O sistema de abertura da mina limitou-se, até o presente momento, ao afundamento de galerias na parede inferior, através das escavações feitas pelos antigos proprietários, a fim de encontrar o veio. Já foi retirada grande quantidade de matéria morta e inútil. Diz-se que o veio, e as camadas a ela pertencentes, têm uma espessura de 35 pés, a saber 16 pés de veio principal, uma parede inferior de “killas” de quatro pés, e por fim 15 pés de “canao”, em parte pobre e em parte rica. O cascalho rende três a quatro oitavas de ouro de 23 quilates por tonelada, e o valor é de £ 3.12. — por onça.

Achamos as 83 braças de túnel íngremes e escuras, mas de outro lado secas e agradáveis; estavam bem protegidas por traves e troncos de cadeia em todo o lugar onde havia necessidade de garantir o teto contra um eventual desabamento. Por fim alcançamos uma caverna abobadada, tendo de profundidade perpendicular 35 braças. Estava iluminada por meio de archotes e os trabalhadores — exclusivamente escravos sob direção de brancos — transpiravam abundantemente e cantavam alegremente suas canções selvagens, acompanhando o ritmo dos martelos e perfuradores. A escuridão profunda, a luz vacilante das tochas, a falta de ar, o cheiro peculiar de enxofre e o canto selvagem, com a parede de rocha dependurada ameaçadoramente no alto, como uma pedra de Sísifo ou uma espada de Dâmoacles, faziam pensar na materialização do inferno de Swedenborg.

e muito a propósito o negro chamado Chico, ao perguntarmos sua opinião, exclamou: “Parece o inferno!”

Descemos então para a galeria do fundo, 14 pés abaixo da canoa ou veio rico, cortado em direção à margem direita do córrego. A pedra é puxada sobre trilhos até a boca da mina e daí retirada; um plano inclinado de madeira, que acompanha a subida quase perpendicular, com um aparelho de içar, a leva até as instalações dos pilões. A rocha é evidentemente composta de piritas de arsênico auríferas, muito semelhantes às de Morro Velho; o ouro raramente se vê no quartzo, mas às vezes se encontra “caco preto”. A pedra boa escolhida perfaz uma proporção de 60%. Dezenove europeus, incluindo o Superintendente¹¹, compõem o corpo de funcionários brancos; os outros são em número de 380 a 400, entre homens e mulheres. O recrutamento para a guerra contra o Paraguai, neste lugar tão perto da Capital, tem tido grande influência sobre o abastecimento de madeiras como também de braços para o trabalho. Mais ou menos cinquenta homens trabalham debaixo da terra ao mesmo tempo; cada um tem uma tarefa de quatro a seis palmos e é pago extraordinariamente por horas além do trabalho diário, e a escavação retira meia tonelada por dia, o que corresponde a 60 e 70 toneladas diárias. A pedra levada para a superfície varia de 1.600 a 1.800 toneladas por dia e a produção é de 3.000 toneladas para cima.

Quando voltamos à superfície acendemos nossos cachimbos e fomos visitar as instalações ali existentes. Havia dois aparelhos para içar as pedras para cima, os quais eram movidos por burros e serviam os quatro planos inclinados que do fundo da mina vão até o terreiro destinado à separação das pedras. Havia quarenta e duas cabeças de pilão, das quais trinta eram novas; são divididos em duas secções, uma superior e outra inferior. As pedras são levadas até estes aparelhos em tachos que as mulheres carregam na cabeça. Depois do terceiro esmagamento o material pode ir-se embora. Os arrastes e o sistema de amalgamação ainda não foram introduzidos aqui. Quando a areia das pedras assim esmagadas fica bastante fina, é a mesma lavada em bateias e o ouro guardado em caixas seguramente trancadas. O material mais grosso é pulverizado sobre mesas inclinadas na casa de lavagem antes de voltar aos pilões superiores.

A casa-grande era muito agradável e confortável, com piano e muitos livros, sem falar nos bons licores e vinhos finos. Já nos tínhamos despedido e os animais estavam arriados à porta, quando Mr. Symons chegou e pediu-me que lesse o cerimonial de enterro da sua sogra. Reunimo-nos às três horas da tarde junto à capelinha em ruínas que domina o estreito vale do rio Vermelho. Há bastantes

anos não ouvia o ritual da Igreja Anglicana e fiquei impressionado com a frieza e falta de vida do texto pela falta de palavras consoladoras para os sobreviventes e de conforto para os mortos, se é que os espiritualistas estão com a razão. Que há realmente de apropriado para a ocasião de um enterro no “Trecho tirado do capítulo 15 da primeira Epístola de São Paulo aos Coríntios”, com seu tom argumentativo e sua alusão ininteligível ao “batizado para os mortos”?¹²

Como é bem superior o curto ofício usado na mais antiga parte ocidental da Cristandade! Parece que o povo da Cornualha se resolvera a dar um pouco mais de vida à cerimônia fúnebre. Depois de terminar a leitura costumavam cantar, em tom nasal, um hino comprido, que, suponho, dava-lhes algum alívio espiritual.

Já era bem tarde quando afinal partimos em direção a Ouro Preto, distante apenas uma curta légua. O caminho está mais ou menos despovoado. Em 1801 pudemos ler que estava denso de pequenos povoados e cabanas dos operários das minas, as quais se erguiam nos pontos altos perto da água. Era naquela ocasião uma bonita estrada calçada, com bonitas fileiras de árvores, que entretanto estavam começando a apresentar falhas. Agora está pior; corre sobre uma espécie de elevação do terreno entre uma confusão de morros de barro vermelho cobertos de mata baixa, no lado direito, enquanto à esquerda, no fundo de um leito de pedras, corre invisível o rio Vermelho ou rio Mariana. O caminho é uma subida regular e suave de areia vermelha e terra preta, ora enlameada ora poeirenta. Escamas de xisto de ferro micáceo brilham como prata, e dizem que aqui se encontra espalhado um cianito azul pálido. A direção é para oeste com um ligeiro desvio para o sul.¹³

A Passagem, onde moram alguns funcionários ingleses das minas, é uma aldeiazinha com um certo ar de bem-estar. Um patrício nosso, que de simples operário se tornou capitalista, possui aqui uma casa-grande. Durante vários dias havíamos vivido a poucos passos da sua porta. Quando nos encontramos, convidou-nos para sermos seus hóspedes, mas nunca teve coragem bastante para nos fazer uma visita. Talvez dentro de umas três semanas o tivesse conseguido. Dizem que as primeiras palavras que um estrangeiro aprende quando chega ao Brasil são *paciência* e *espere um pouco e amanhã*¹⁴. Posso acrescentar que, neste sentido, alguns estrangeiros aprendem a lição melhor que seus professores. Os homens que vivem muito tempo em regiões tropicais adquirem um modo de vida nervoso e solitário; é realmente um verdadeiro problema não cair neste erro.

Sr. Domingos Martens, de Whydah, deixou valiosa prataria na praia durante vários anos, porque não queria ou não tinha energia suficiente para mandar uma guarda do seu exército de escravos buscar as caixas. Conheço um viajante que passou três anos no interior da África, sempre com a intenção de ir embora, mas sem energia para dar ordens neste sentido. Meu excelente amigo tenente-coronel Harmerton, de Zanzibar, resolvia todas as noites preparar as malas na manhã seguinte, até que chegou ao ponto de não poder mais suportar a viagem e morreu.

No meio do caminho deparamos com um templo branco e alto, a *Igreja do Alto da Cruz*, que na luz do crepúsculo parecia um Frankenstein, medonho e gigantesco, deitado de costas, as pernas *en l'air*. Depois de mais uma milha avistava-se o *Chafariz da Água Férrea*, cuja longa inscrição proclamava as virtudes de sua água. A estrada perto da entrada da cidade foi aberta na própria rocha; à direita, o lado para o norte, havia uma pedreira com pedra de cal branca para abastecer a província toda. A pedreira mostrava inúmeros túneis escavados na procura de ouro; os pobres agora os usam como chiqueiros. Um parapeito, à esquerda, protegia os viajantes de caírem no enorme abismo escuro, que corre de oeste para leste e serve de escoadouro das águas das duas linhas paralelas de montanhas, para o sul a serra de Itacolomi e a sua vizinha do lado oposto, a serra de Ouro Preto. Ambas foram perfuradas e escavadas, reviradas e perscrutadas na procura de veios de ouro ou depósito de quartzo aurífero.

A situação de Ouro Preto, cujo nome “mal aplicado e de mau agouro” é pateticamente mencionado por Mr. Walsh, surpreendeu-me à primeira vista como sendo diferente de qualquer capital que tenho visto até o presente momento.¹⁶ Num centro de administração que ostenta o nome de metrópole estamos acostumados a encontrar símbolos de raça e do caráter nacional bem definidos, e havemos de verificar que a antiga Vila Rica não é menos sugestiva do que a distante cidade de Washington. Não passa de uma grande aldeia, uma “Aldeota”, uma única rua construída à moda mineira ao longo da estrada e perto da água indispensável aos trabalhos de garimpo. Parece uma vila provincial e há muitas em Minas que são iguais a ela em população e superiores em importância. Por isso também a vida nestes povoados do interior é um tanto

duller than the fat weed
That rots itself in case on Lethe wharb
...mais monótona do que a das ervas
que apodrecem ociosas às margens do rio Letes.

A falta de terreno plano faz com que as casas brancas empoleiradas nas rochas, que em ângulos agudos fazem frente para o rio, subam e desçam pelas colinas, que se estendam em sentido perpendicular à serra principal, ou se acham agachadas sobre degraus cortados nas encostas dos morros. Num ponto estão elas espalhadas sobre as elevações, em outro desaparecem nas sombras aos nossos pés. O cenário é falho de toda graça e grandiosidade de uma cidade. É entretanto original, cheio de *surpresas*, e até certo ponto, romântico e pitoresco, genuinamente mineiro.

Nós e nosso acompanhamento achamos abrigo na casa do comendador Paula Santos, hospedeiro geral dos ingleses em Ouro Preto, como o era na geração anterior José Peixoto de Sousa. No momento estava no Rio de Janeiro, mas seu irmão, Dr. José Marçal dos Santos, fez as honras da cidade do Ouro.

Notas ao capítulo XXXIV

1. N.T. São Medardo, santo francês, cuja festa se celebra a 8 de junho; São Mamerto, também francês, comemorado a 14 de novembro; Santa Bibiana, virgem e mártir italiana, cuja festa é a 2 de dezembro. São Pancrácio é festejado a 12 de maio e São Servácio, bispo belga, que é comemorado em três dias, 6 de fevereiro, 13 de maio e 7 de junho. De São Swithen já se tratou.
2. N.T. A *Anglo Brazilian Gold Mining Co.* organizou-se em 1862, com o capital de £ 100.000.
3. N.T. A *Dom Pedro North d'El Rey Mining Co.* fundou-se também em 1862 com o capital de £ 125.000.
4. A propriedade do *Matador* já fora explorada pelos antigos; pertence agora à Companhia e em tempo oportuno ser-lhe-á dada a devida atenção. Fez-se um corte transversal na seção chamada *Tambor*; encontrou-se jacutinga, que, entretanto, verificou-se não conter ouro.
5. N.A. A inclinação para leste do veio de ouro é de uma média de 20 a 26°. Um dos filletes de ouro foi explorado até 150 braças da superfície.
N.T. Uma nota sobre esta mina encontra-se em J. Pandiá Calógeras. *As minas do Brasil*, cit. p. 396.
6. N.A. Jacutinga é mole e consiste na sua maior parte de ferro misturado com mica, quartzo, areia, e barro numa rocha de minério xistoso de ferro.
7. N.A. Começaram a trabalhar 230 pessoas, a saber: 12 europeus, 65 brasileiros livres, 123 negros e 30 negras. O lucro da Companhia atingiu em 1867 a soma de £ 51.944 (ao câmbio médio).

8. N.T. Passagem foi comprada por Eschwege por 5 contos de réis. Passou posteriormente à *Anglo Brazilian Gold Mining Co.* e à *Ouro Preto Gold Mines of Brazil Ltd.*, sucedida pela Companhia Minas de Passagem. Calógeras, cit., p. 380.
9. N.A. Nas redondezas de Mariano o verdadeiro itacolomito muitas vezes se transforma em xisto micáceo, e o *phyllas satiné* contém granada. Há igualmente uma quantidade da curiosa pedra flexível erroneamente chamada itacolomito.
10. Chamada aqui *congelada*, quer dizer, quartzo, feldspato e outra rocha dura.
11. N.A. Mr. Furst, um dos funcionários da Companhia, tinha falecido havia pouco de tifo, dizem que o cadáver ficou amarelo como um guinéu.
12. N.A. S. Paulo, 1.^a *Corintios*, xv-29. — Entre os marcionitas (A.D. 150) que eram em parte maniqueus, este ritual foi executado ao pé da letra. Quando alguém morria, outra pessoa pertencente à seita sentava-se no caixão do morto, e perguntava-se a ele se queria ser batizado e, respondendo este afirmativamente, realizava-se o batismo. Os catafrígios — que seguiam o selvagem Montanus (A.D. 170), também batizavam os seus mortos, e os ortodoxos protestavam em vão, caracterizando este procedimento como inútil e absurdo, pois se fosse válido alguém poderia fazer-se batizar em lugar de algum judeu ou grego falecido e realizar a conversão deste sem o seu consentimento. Nos tempos modernos tem havido um ressurgimento desta prática. Veja-se o *Livro de Doutrinas e Convênios da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*, selecionados das Revelações de Deus, por Joseph Smith, Presidente, nos capítulos «Batismo para os Mortos, somente aceitável no templo», «Batismo para os Mortos, sua Natureza». Também fiz referências ao mesmo ritual no *Cidade dos Santos*, cap. IX, p. 471.
N.T. Joseph Smith, fundador da igreja dos Mormons. *The city of the saints* é uma obra do autor sobre os mórmons (1861).
13. N.A. No mapa de Burmeister, Mariana fica exatamente a leste de Ouro Preto, o que não é exato. Na última edição do Sr. A. Keith Johnston (Stanford, Charing Cross) Mariana fica a sul-sudeste de Ouro Preto, o que é pior ainda.
14. N.T. Em português no original.
15. N.A. A média da população das capitais das províncias do Brasil regula 20.000 almas: algumas, como Aracaju e Maceió, muito menos, outras, como Pernambuco e Bahia, muito mais.

CAPÍTULO XXXV

VILA RICA, HOJE OURO PRETO (Lado Oeste)

A seguinte descrição topográfica da cidade foi publicada nos *Anais de Medicina* em 1848 por um ilustre filho de Ouro Preto, Dr. Eugênio Celso Nogueira. Nada mais justo do que deixar que ele descreva sua cidade natal.²

A capital da provincia de Minas Gerais está situada na serra de Ouro Preto a 24° 24' 6" de latitude sul e 0° 16' 5" de longitude occidental do Pão de Açúcar, sobre quatro morros derivados da mesma serra; é bem difficil dar-se uma idéia exata da cidade pela irregularidade de sua fundação, pois que dos quatro morros sobre que está, uns avançam, outros recuam, deixando entre si casas, vales ou gargantas assaz profundas; outros, muito a pique para que neles se pudessem edificar casas, não apresentam senão uma acanhada vegetação e muitas escavações, quer devidas ao trabalho, quer ao tempo; as casas acham-se dispostas em grupos desiguais e quase que cada uma sobre um plano diferente, donde resulta a irregularidade que se nota no próprio nivelamento das ruas; de ordinário são de um só sobrado; à exceção dos bairros e arrabaldes, onde a maior parte são térreas, quase todas construidas de madeira e mais ou menos regularmente; no centro da cidade são quase todas envidradas e muitas forradas com esteiras de taquara; nos subúrbios e extremidades, muitas até não têm assoalho: são baixas e acanhadas.

Dos quatro morros sobre que está edificada a cidade, o mais notável pela sua população é o da Praça que está a 1.620 toesas³ sobre o nível do mar, ficando o bairro de Ouro Preto, lugar mais baixo da cidade a 1.579 toesas e 6° 108 (sic), cercada ao sul pelo Itacolomi, ao norte pela serra de Ouro Preto, que ambos se prolongam na direção de oeste para leste e de sul para norte, em iguais alturas. Conserva a cidade quase sempre um céu nublado em qualquer estação do ano, porém mais especialmente na estação chuvosa, na qual parece as nuvens terem feito sua morada sobre os cumes de tais montanhas; raros são, pois, aqui os dias claros e serenos.

Isso foi escrito em 1843. Dizem que o clima melhorou daquele tempo para cá. Entretanto, devido à altitude, aos acidentes do solo e à peculiar posição geográfica, está o clima sujeito aos extremos de variações diárias e a uma incerteza absoluta. A cidade goza, em certo momento, de um sol de Itália. No momento seguinte está mergulhada num *fog* londrino. O clima é decididamente subtropical e as raças nórdicas necessitam de um período de aclimação antes de poderem prosperar nele. É entretanto bastante frio; as frutas tropicais são aqui más. O abacaxi mal chega a amadurecer. As maçãs e marmelos abundam. A temperatura mais elevada registra-se às 14 horas e a mais baixa depois da meia-noite. As variações médias são de 58° a 84° F na sombra. A última é rara. Creio, entretanto, que os extremos apresentariam um quadro bem diferente. A evaporação é excessiva em consequência da baixa pressão atmosférica,⁴ enquanto as montanhas vizinhas expõem o local a fortes correntes de ar provenientes do Atlântico. É, por isso, um dos lugares mais úmidos dos planaltos brasileiros. É difícil evitar que as roupas de lã fiquem mofadas, a não ser que estejam guardadas em caixas hermeticamente fechadas. As opiniões variam muito a respeito da salubridade do clima. Tenho dois amigos brasileiros moradores antigos de Ouro Preto. Um deles falou entusiasticamente em seu favor, declarando que aqui não existem doenças endêmicas. O outro afirmou que o clima é perigoso, principalmente na época de mudança de estações, nos meses de abril e novembro, afirmando que o papo e a tuberculose são doenças freqüentes em qualquer época do ano.

A planta da cidade, anexa ao livro do Sr. Gerber, apesar de suas falhas, nos ajudará a achar o caminho pela cidade partindo de nossa residência temporária.⁵

A casa do comendador acha-se escondida entre os morros, no ponto mais baixo da única rua comprida e ocupa uma posição bem central. Para leste fica uma ponte, bem construída e guarnecida de parapeito, a Ponte dos Contos, que atravessa o córrego de igual nome. O riacho serpenteia do norte para o sul até desaguar no rio principal, que podemos ouvir debaixo de nós como se estivesse passando sobre a muralha de uma represa. O leito do córrego nesta época da seca fica transformado em bonito jardim com canteiros de morangos, belas jabuticabeiras, sob as quais as *ranae palustres* dão o seu concerto noturno. Os aposentos são bonitos, com janelas de caixilho e tetos com cornijas. Na varanda há vários bustos e uma bela trepadeira.

Nosso primeiro passeio será pela rua de São José, artéria que por muitos altos e baixos leva para oeste e noroeste. O lugar é histó-

rico. Perto de nossos quartos está a pequena casa de três janelas onde morava o infeliz alferes de cavalaria Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha "O Tiradentes".⁶ Não é este nome, como eu pensava, um equivalente da expressão inglesa *bell-the-cat*, audacioso capaz de colocar o guizo no pescoço do gato. O patriota realmente extraía dentes e fabricava dentes artificiais. Vários parentes dele vivem ainda em Alagoa Dourada e conservam o seu estojo com os instrumentos mais rudimentares que se possa imaginar. Fazia extrações com "estupenda ligeireza" e, por si mesmo, adquiriu a arte de fabricar dentes artificiais. O panorama conduz-nos aos dias do movimento popular do qual pode orgulhar-se, com razão, a grande e heróica província, visto que foi o caminho direto para a Independência do Brasil.

O caráter democrático da rebelião que o governo chamava de *Conjuração* ou *Levante* de Minas, e é agora conhecida popularmente por *Inconfidência Mineira*⁷ era evidente e tão "sagrado" como o de nossa *Revolução Gloriosa*. É bem verdade que os conspiradores ao serem presos fizeram declarações de fidelidade. Seus planos, entretanto, falam por si. Resolveram proclamar sua independência e liberdade, propuseram-se a abolir o imposto altamente odioso dos "quintos", bem como outras extorsões em benefício da coroa, cancelar todas as dívidas à metrópole, abrir as proibidas terras diamantíferas, fundar uma universidade em Vila Rica e uma capital em São João d'El Rei. Esboçaram uma bandeira e armas, com um triângulo representando a Santíssima Trindade, mistério esse que era objeto de grande devoção por parte de Tiradentes. O lema seria *Libertas quae sera tamen*⁸ e o símbolo um índio quebrando suas correntes.

A intenção da "tentativa embrionária" dos inconfidentes era evidentemente estabelecer uma república em Minas e nas capitâncias adjacentes. Isso ocorreu em 1788, apenas ineia geração após a "Lei do porto de Boston", do "Plano da fome" e das questões do chá terem provocado a Guerra da Independência americana, levantando uma tempestade que derrubou o sistema colonialista no mundo. Os anglo-americanos não haviam esquecido a lição do grande Cromwell e, através dos enciclopedistas e dos filósofos, estavam imbuídos dos mais sublimes ideais da França acerca da liberdade e da independência. O espírito de emancipação passou dali como uma centelha elétrica até o Brasil, onde a "analogia da situação" logo se evidenciou.

Devo aqui observar que o Império foi fundado por si mesmo e não deve sua existência, como superficialmente se diz, a Napoleão 1

Era naquela época Governador e capitão-general de Minas o visconde de Barbacena⁹ e é preciso reconhecer que, embora avarento, corrupto e sem princípios, pelo seu vigor e perspicácia leva boa vantagem sobre a pouca pertinácia e a fraqueza de homens como Burgoyne e Cornwallis.¹⁰ A carta circular sobre o imposto que ele dirigiu às Câmaras Municipais acalmou por completo o descontentamento que deveria servir de fundamento à ação dos conspiradores. Mas seu superior, na qualidade de vice-rei do Estado do Brasil, que sucedera a Luís de Vasconcelos no Rio de Janeiro, era o “brutal e taciturno” Dom José de Castro, conde de Resende, a “peste da nobreza portuguesa”.

Os cabeças ou chefes do levante patriótico eram trinta e dois; este foi em todo o caso o número de pessoas enviadas ao Rio para serem processadas. Mas o número de suspeitos não era inferior a mil pessoas, a fina flor do país, tanto leigos como membros do clero (entre os quais cinco foram declarados culpados), todos ligados entre si por vínculos de amizade quando não de parentesco.¹¹ É fácil imaginar-se o estado de pânico que se apoderou do povo quando o movimento malogrou. Os mais notáveis eram: o protomártir Tiradentes, o braço da conspiração; Cláudio Manuel da Costa, o cérebro da mesma; o poeta Tomás Antônio Gonzaga, a cujo respeito falaremos em seguida. Havia mais sete condenados à morte que eram: 1) Francisco de Paula Freire de Andrada, da família Bobadela, tenente-coronel do corpo de cavalaria ligeira, de Ouro Preto, homem de alta posição e personalidade de grande interesse; 2) seu cunhado, José Álvares Maciel, membro da maçonaria e primeiro confidente de Tiradentes, homem viajado pela Europa e pelos Estados Unidos.¹² (Seu confessor compara-o a São Paulo na arte de persuadir os outros e a Santo Agostinho na de dirigir a Deus suas sinceras confissões); 3) Inácio José de Alvarenga Peixoto, ex-ouvidor de Sabará, coronel do Primeiro Corpo Auxiliar da Campanha do Rio Verde; 4) o venerando Domingos de Abreu Vieira,¹³ tenente-coronel dos Corpos Auxiliares de Minas Gerais, com a idade avançada de 70 anos; 5) e 6) José de Resende Costa, pai e filho; 7) Dr. Cláudio Manuel da Costa, procurador da Coroa, autor de comentários sobre Adam Smith, o pai da Economia Política; 8) tenente-coronel de cavalaria auxiliar Francisco Antônio de Oliveira Lopes; 9) Luís Vaz de Toledo Piza; 10) Domingos Vidal Barbosa, médico ou cirurgião; 11) Salvador Carvalho Gurgel do Amaral e, por fim, 12) Tiradentes.¹⁴

O processo diz que o lugar de seus encontros eram as residências de Francisco de Paula e do Dr. Cláudio, em Vila Rica. A sentença ordena que o lugar desses “infames conventículos” fosse “arrasado e salgado”.¹⁵ Parece que tinham decidido iniciar o movi-

mento com a senha “Hoje é o dia do batizado”, outros dizem “Tal dia é o batizado” (*scil. república*). O tenente-coronel Andrada com suas tropas deveria manter a ordem; Alvarenga, Oliveira e Toledo deveriam com seus escravos e companheiros levantar as cidades vizinhas, enquanto Tiradentes, sob vivas à Liberdade deveria aposar-se da pessoa do governador, devendo, para esse fim dirigir-se à sua casa de campo, perto de Cachoeira, onde esse dignitário aprazia-se com os afazeres de fazendeiro.¹⁶ E, por fim, seria enviado um aviso a Portugal de que Minas se tinha transformado em República Independente.

Southey, que, não tendo ouvido a outra parte, escrevia com evidente simpatia por Portugal, diz que os conspiradores *procederam como loucos*. Parece que alguns deles representaram seu papel com pouco entusiasmo, outros foram muito francos demais e ousados, poucos acharam que dizer valia tanto como fazer e muitos, por fim, consideraram a tentativa hipotética, não entendendo que o povo estivesse maduro para a liberdade. Foi realmente um “rude tirocínio”, mas, por outro lado, foi uma “grande empresa”, já que tudo precisa ter um começo. O poeta Gonzaga¹⁷ chama Tiradentes de *pobre diabo*, que tanto serviria para ser Júpiter ou Netuno como chefe de uma revolução de tanto alcance. No processo alguém chamou aquilo de “Comédia”; o cronista franciscano, com mais razão emprega o termo “Tragédia”. A vingança e a traição foram abundantes, tal como ocorre nas fileiras dos Fenianos. O arquideltor foi o coronel (de tropas auxiliares, isto é, milícias) Joaquim Silvério dos Reis, *Lairia gentes*, um dos conspiradores que verbalmente denunciou¹⁸ todo o complô ao governador. Devia ao Tesouro 20.000 cruzados e esperava obter o perdão da dívida como recompensa da traição. Os documentos enviados ao vice-rei trazem as assinaturas do mestre-de-campo Inácio Correia Pamplona e do tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro. O indigno traidor, como preço do sangue, exigia uma pensão e condecorações. No processo foi elogiado como vassalo fiel e católico, mas teve de se refugiar no Pará¹⁹ para onde o baniu a indignação pública e lá chegou até a passar fome.

Os acusados foram presos em 23 de maio de 1790 e encarcerados separadamente, para depois serem enviados juntos para o Rio de Janeiro. Ali permaneceram presos no mesmíssimo edifício onde, alguns anos mais tarde, alguns deles tomaram assento como membros da Assembléia Nacional do Brasil. O encarceramento durou até a sentença ser pronunciada em 18 de abril de 1792. O governador acusou de traição o Dr. Cláudio Manuel da Costa, o “amigo Glouceste” de Gonzaga. Cláudio, porém, aludindo à absorção de Por-

tugal pela Espanha, respondeu-lhe: “Traidor foi seu avô, que vendeu sua pátria”. Foi removido da prisão para um calabouço debaixo da escada principal da Casa dos Contos. A sentinela permanente foi mudada e ele foi assassinado pelos soldados.²⁰ Espalhou-se a versão de que ele se tinha enforcado num armário depois de abrir uma veia com a fivela de seus calções a fim de escrever com sangue um dístico na parede da prisão, pois ele também era poeta.²¹ A lenda de que seu corpo foi exposto no campo de São Domingos, numa forca mais alta do que de costume é pura imaginação. Foi imediatamente enterrado em terra não sagrada, no jardim do quartel da guarnição. Mas o vigário Vidal, da família Meneses, cuja irmã era avó do atual senador Teixeira de Sousa, de Ouro Preto, não acreditando na versão do suicídio, exumou o corpo e, com o auxílio de dois escravos, Agostinho e mais outro, sepultou-o na terceira catacumba da capela-mor da matriz de Ouro Preto.²²

Onze dos conspiradores, inclusive Gonzaga, foram condenados à morte. Sete cabeças foram condenados a serem enforcados no campo da Lampadosa, para serem em seguida decapitados, os corpos esquartejados e as cabeças expostas ao público, seus bens confiscados e, de acordo com os bárbaros costumes da época, seus descendentes, filhos e netos, declarados infames. Quatro outros, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José de Resende Costa,²³ pai e filho, e o Dr. Domingos Vidal Barbosa foram condenados a serem enforcados em forcas mais altas que de costume, para depois terem as cabeças separadas dos corpos, mas sem serem expostas ao público, à perda dos bens e à declaração de infâmia extensiva aos descendentes. A sentença foi lida aos condenados na noite de 19 de abril de 1792. Cinco foram exilados pelo resto da vida para as prisões da guarnição de Angola e multados com a perda dos bens, sendo ameaçados com pena de morte no caso de tentarem voltar ao Brasil. Os demais foram banidos temporariamente e dois acusadores falsos foram açoitados. Nenhum deles podia queixar-se da sorte. Conheciam a lei, a maioria deles era de funcionários e tinham funções do governo. Arriscaram tudo e perderam a jogada.

Entretanto dizia-se que as provas legais eram fracas e que a sentença, portanto, era iníqua. O vice-rei naqueles tempos era onipotente e os juizes, aterrorizados com os acontecimentos na França, levaram avante o processo com severidade draconiana. É curioso observar que o Jeffries²⁴ do julgamento foi o desembargador Antônio Dinis da Cruz e Silva, poeta que ainda hoje tem fama; suas odes pindáricas e seu poema herói-cômico *O hissopé* tornaram-se clássicos.²⁵ Mas a rainha D. Maria I, a primeira cabeça coroada a

visitar o Novo Mundo, mostrou clemência; comutou todas as penas de morte do Código Filipino em exílio perpétuo, com exceção unicamente de Tiradentes. Dessa maneira das onze cabeças, só uma caiu. Costuma-se supor ter sido ele mero instrumento de mãos mais poderosas e que fora castigado *in terrorem*. Entretanto, o que a tradição relata é bem diferente. Era bem o tipo do sangue mineiro, personagem simpática, de temperamento sanguíneo e bilioso. Teria estudado em escolas militares da França²⁶ e ali amadurecido o projeto de uma Pan-América, devendo Minas Gerais fazer parte de um grupo de repúblicas lideradas pelos Estados Unidos. Morreu na idade de 45 anos, frenético e cheio de energia. No primeiro ano depois de sua volta fez cinco vezes, a cavalo, e não a pé como se diz, a viagem de Ouro Preto ao Rio de Janeiro a serviço de seu sonhado plano. Foi preso no Rio. Durante o processo nada negou, apesar de ter uma ligação e uma filhinha. Não acusou ninguém e morreu afinal como um herói, como sói acontecer aos mártires políticos.

O lugar escolhido para a execução de Tiradentes, a quem dificilmente posso chamar de infeliz, foi um sítio, naquele tempo inteiramente abandonado, a oeste do Rio de Janeiro, o chamado campo dos Ciganos, onde ciganos e negros, recentemente chegados ao Brasil (“negros novos”), eram enterrados. O cadafalso erguia-se exatamente no lugar onde hoje se alugam coches fúnebres. Achava-se cercado por seis corpos de infantaria, duas companhias de cavalaria, além das tropas auxiliares (milícias); contingente de forças muito grande para uma cidade de 50.000 habitantes. Uma grande multidão cobria o campo e se amontoava nas escarpas do morro de Santo Antônio. As tropas eram comandadas por um filho do conde de Resende (Dom Luís de Castro Benedito) que montava um cavalo ferrado de prata. Enquanto se cantava um *Te Deum* na igreja do Carmo pela felicidade de sua majestade e se faziam discursos protestando-lhe fidelidade, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, como era costume na época, colhia esmolas para celebrar missas pela alma da vítima. A coleta chegou a uma dobra — o Sr. Pascual diz a cinco — valendo, cada uma, 12\$400, equivalentes a 100\$000 atualmente, o que demonstra eloqüentemente a simpatia do povo. O heróico dentista seguia, calmo e grave, vestindo a túnica dos condenados, acompanhado de dois padres e cercado por uma centena de baionetas.²⁷ Da Cadeia, atual Câmara dos Deputados, o cortejo seguiu pela rua da Cadeia (hoje rua da Assembléia) e rua do Piolho (hoje da Carioca). O condenado continuava na sua devoção aos mistérios da Santíssima Trindade e da Encarnação até chegar ao cadafalso. Aí chegado, deu seu relógio de ouro de presente ao carrasco. Depois

de rezar com o seu confessor o Credo Atanasiano,²⁸ pronunciou suas últimas expressões: “Cumprida minha palavra: morro pela Liberdade”. A gloriosa declaração foi abafada pelo rufar dos tambores e o clangor das cornetas. Às 11 horas da manhã foi ele enforcado e, depois de morto, decapitado e esquartejado por um carrasco negro com vários auxiliares. A cabeça e os membros foram salgados. A cabeça que os poetas mais tarde celebraram como a “Cabeça do Mártir” foi posta numa caixa e, em estado de franca decomposição, levada, escoltada por dragões, a Ouro Preto, onde foi exposta num “poste alto”, que se achava na esquina de nordeste da rua Direita com o rosto virado para a praça principal. Todas as janelas foram enfeitadas e todos os cidadãos obrigados a comparecer e dar Vivas à Rainha. Conta-se que um irmão do Tiradentes, que era sacerdote²⁹ se esquivou a comparecer a esse espetáculo. Foi, entretanto, levado à força para assistir, olhar e dar Vivas como os outros. Os braços do mártir foram levados a Paraíba e Barbacena. Suas pernas foram pregadas em postes de madeira na estrada de Minas em Varginha e na freguesia de Cebolas,³⁰ “onde o criminoso havia semeado a semente da revolução e cometido suas práticas abomináveis”. Como morava em casa de aluguel, foi concedido ao proprietário o valor da casa, cujo pagamento, aliás, nunca se fez. Mandou-se derrubar a casa e atirar os seus restos no rio. O terreno deveria ser arado e a terra misturada com sal “para que nunca houvesse um edifício nesse lugar”. Entretanto o interesse a preservou. Um padrão,³¹ ou coluna de infâmia, foi erguido lá e ficou até 1821, quando os cidadãos, em regozijo pela nova constituição, se reuniram e derrubaram aquele estorvo. Certamente será no futuro erguido neste lugar um mausoléu. Os brasileiros atualmente não ligam muita importância a essas glórias do passado. Mesmo a colina do Ipiranga não possui um monumento para distingui-la dos morros em redor.

Assim terminou a “comédia”, tragicamente e em sangue, no mesmo ano que assistiu à execução do Bourbon “Filho de São Luís”. Mal acabou de passar uma geração, porém a árvore da liberdade e a independência, regada pelo sangue do grande republicano Tiradentes ergueu-se soberba e espalhou suas sombras sobre todo o país. Vinte e nove anos depois da cena selvagem que acabamos de descrever, o campo desta execução tornou-se o Rossio e é agora conhecido como Praça da Constituição. Em frente do lugar onde se achava a forca, está agora uma estátua do primeiro imperador constitucional do Brasil, o Homem do Ipiranga.

A rua São José, adiante da parte mais larga, onde morava o protonátir, tem um macadame moderno, formando contraste com o resto da cidade, onde as cruéis pedrinhas são iguais aos nossos seixos redondos, dando a impressão que se anda sobre bolas. Essa arteria principal da parte ocidental da cidade, o bairro de Ouro Preto, apresenta a fisionomia comum de casas, armazéns e lojas. As paredes se levantam como nos castelos de cartas, diretamente do solo. Em algumas há uma faixa de cor, de dois ou três pés de largura, que dá a impressão de um painel de madeira no lado exterior. Uma fileira de telhas está colocada em sentido convexo, cobrindo, em parte, a próxima fila, de telhas côncavas. As beiradas são cobertas com argamassa.³² As vigas das paredes sustentam os pranchões sobre os quais descansam os beirais, que são bastante salientes para proteger os fundamentos do edificio. A parte inferior é arrematada com tábuas e caiada. Se a casa for de algum *janota*³³ as telhas estarão pintadas de vermelho na beirada inferior. Não há canos de calhas. Jatos de água com a intensidade de uma mangueira regular caem alegremente no chapéu ou no guarda-chuva do transeunte. Na rua não há quase nada para se ler. São raros os letreiros e esquisitos. As lojas ainda usam pequenas caixas de vidro penduradas à soleira da porta durante o dia e retiradas de noite. As oficinas são todas no andar térreo, de maneira que os alfaiates, sapateiros e mecânicos trabalham na porta de suas casas, ou nas janelas, que também chegam quase até o chão e parecem outras tantas portas. A metade do tempo é gasto em conversa com amigos que passam. As casas de comércio inglesas não são raras e, como sempre nessas cidades, são um depósito de mercadoria para as regiões adjaentes. Há um pequeno comércio varejista de tudo que o tropeiro e o morador de lugares desertos possam precisar. Não vi nada da decadência que Mr. Walsh menciona em 1829 e que, diz ele, fazia com que os viajantes declarassem que Vila Rica se tornava Vila Pobre. Depois dos paralelogramos de ângulos retos, tão característicos nos lugares novos do Brasil e que tanto chocam o olhar do viajante europeu,³⁴ Ouro Preto tem, em matéria de curvas informes e ruas estreitas, tudo quanto se possa desejar. Haverá, certamente, toda espécie de dificuldades das mais pitorescas. Para se encanar a água e o gás, pagar-se-á um preço elevado pelo prazer de ter ruas tortas, cheias de altos e baixos.

Entre os estrangeiros aqui estabelecidos encontramos um inglês, Sr. Saulo Spiers com sua familia. Negoeia em jóias e artigos congêneres e vimos aqui vários espécimes de topázio mineiro, tão minuciosamente descritos por autores mais antigos, a começar por John Mawe. Havia as três variedades comuns dessa pedra que em geral

se encontra cheia de defeitos: uma cor-de-vinho, outra de amarelo brilhante, cor de palha, e a terceira de cor branca. A influência da moda e as inúmeras falsificações tornaram rapidamente esta pedra desprezada nos mercados europeus. Não se fazem mais escavações à procura dela e atualmente só os relojoeiros a empregam. Podem-se também obter aqui algumas peles de onças e lobo. Nas cidades são elas raras e muito caras. Conhecemos aqui também o Sr. David Moretzsohn, alemão que havia sido um dos proprietários dos terrenos onde agora está instalada a mina de Morro Velho. É atualmente delegado do consulado francês do Rio de Janeiro. Mais adiante encontra-se o melhor hotel da cidade, *Quatro Nações*, pertencente a um francês.

Um longo braço lateral conduz da rua principal à esquerda, ou seja, para o sul, em direção a uma gruta onde está construída a igreja de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto, que é a matriz desta parte da cidade. O material da velha construção missionária e primitiva é o barro e a pedra caiados, com pilastras de pedra de areia amarelo-acinzentado e capitéis pintados cor de chocolate. A entrada principal, voltada para oeste é um pouco inclinada para a frente³⁵ e ornada com duas colunas de tipo jônico-mineiro, ligadas no centro e descansando sobre uma base arquitetônica nada significativa. Só há vidraças na fachada e uma tira de tecido de algodão protege a rosácea e os campanários inacabados. A única coisa louvável são as velhas portas de madeira, sólidas, mas que estão necessitando serem lavadas e pintadas.

Minha mulher que entrou na matriz, descreve-a com a forma de um ovo. Pela parte superior corre uma galeria que tem quatro arcos abertos para a nave e mais um sobre a porta de entrada, para o coro. O teto, de antiga talha é esculpido e dourado, com pinturas e afrescos. Uma curiosa caixa, que mais faz lembrar um teatro de fantoches, está dependurada perto do coro, entre o céu e a terra. Nela se acha o órgão. Há dois púlpitos bonitos e, à frente dos seis altares laterais, quatro lâmpadas de prata suspensas. Os altares são de estilo antigo, esculpidos em forma de anjos e outras figuras grotescas.³⁶

Um escudo, em pedra e bem trabalhado, está colocado no teto, acima da mesa de comunhão. O altar-mor é uma massa de madeira esculpida e dourada e tem quatro tribunas. Entre os afrescos há uma última ceia no teto. Em frente do altar do Santíssimo Sacramento ardem tochas em grandes castiçais de prata. O altar-mor tem o trono para o Santíssimo, ocupado ordinariamente pela imagem

da padroeira, Nossa Senhora do Pilar, sobre cuja cabeça dois anjos sustentam uma coroa. Ela está devidamente escoltada por São Pedro e São Francisco de Bórgia.

Ao sul da Matriz fica o campo do Mancojo, ou terreiro das paradis, cercado de telhados altos. É uma espécie de praia, à beirário, no lugar onde o córrego do Ouro Preto se une ao rio Funil que vem do sudoeste. Este último goza da honrosa reputação de ser a fonte do grande rio Doce. Os dois formam o ribeirão do Carmo, o rio Vermelho ou rio de Mariana. Lança-se por uma fenda que forma uma profunda e escura passagem, evidentemente o escoadouro de um antigo lago ou poço que agora se apresenta apenas como um alargamento do leito arenoso do rio. Este lugar já foi de enorme riqueza. No começo do século atual trabalharam aqui 12.000 escravos e as escavações davam sustento a uma população de 30.000 almas. Ainda no tempo de Gardner um fuscador seminu fazia um *shilling* por dia bateando a areia e o saibro depois de retiradas as pedras maiores; agora poderá mergulhar a vida inteira com a habilidade de uma ave aquática sem nada encontrar.³⁷

Uma curva da estrada em direção norte, no outro lado do campo do Mancojo, leva o visitante à igreja de Nossa Senhora do Rosário de Ouro Preto;³⁸ como as demais igrejas, acha-se construída sobre uma plataforma que interrompe o plano inclinado vizinho. O corpo da igreja é dividido em duas naves. O pórtico, com suas pilastras grossas, tem em torno um gradil de madeira pintada de vermelho. No pátio fronteiro há uma fonte e uma cruz de pedra. Mais para leste, coroando o alto de uma colina, está a igreja de São José. Tem uma única torre central, um relógio parado às 4,37 h, um monte de areia na entrada, onde trabalhava um velho.

Uma rampa longa e íngreme leva a São Francisco de Paula onde um homem e um menino, que me fizeram lembrar Trafalgar Square, renovavam a fachada.

Não há um panorama geral de Ouro Preto. Encravada entre duas serras paralelas, a cidade precisa ser vista aos poucos. Há aqui um ponto de onde se vê bem o lado ocidental que tem como limite a capela de duas torres do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, no lugar chamado "Cabeças".

Continuando a caminhar para o norte, atravessamos um riacho pelo "pontilhão do Xavier", construído num único arco; mais acima, no vale formado pelo rio, há uma boa pedreira. Para leste acha-se um edifício amarelo cor de ocre: é o quartel da polícia, que era uma força constituída de seiscentos homens que agora tomam parte na

guerra do Paraguai, formando um corpo de Voluntários da Pátria. Estão sendo substituídos por uma guarnição nova que conta, por enquanto, apenas 220 homens. Distinguem-se pelas túnicas azuis com vivos vermelhos que, no uniforme da Guarda Nacional, são brancos, ou outras cores. Ouro Preto, como capital de província, tem também seu corpo de escravos condenados às galés, os quais são vistos trabalhando no calçamento das ruas sob a vigilância de um pedreiro-chefe. Não pedem esmolas como os *galeottos* da Toscana, mas é preciso um guarda para cada um. Por toda parte aqui no Brasil eles trabalham muito pouco; apenas fumam e deixam passar o tempo. É preciso modificar por completo esta penalidade que foi redescoberta nos tempos de Carlos VII e se tornou moda no reinado de Luís, o Grande.

Para completar o percurso em torno do bairro de Ouro Preto deixamos à direita um templo de uma só torre, Nossa Senhora das Mercês (de Ouro Preto) que na fachada tem uma estátua dourada com a inscrição *Ego mater pulchrae Dilectionis*. Para o sul fica o cemitério da irmandade, que está coberto de mato. As outras ordens terceiras da capital são as de São Francisco de Assis, São Francisco de Paula e Nossa Senhora do Carmo. Estamos agora na cidade alta, por trás do palácio. Descemos para a cidade baixa por uma longa rampa que corre em direção oeste. O único edifício notável aqui é o Quartel da Guarnição Fixa, nome que engana, visto que a guarnição seguiu para a guerra. A parte externa é pintada de branco e no interior há um pátio vazio, pior que o hospital de Scutari nos seus piores dias.

No que diz respeito às condições físicas, Ouro Preto é indigna da província que domina. Mesmo em São Paulo seria apenas uma cidade de segunda ordem. A aldeia de mineração, crescida demasiadamente e dispersa, conta de seis a dez mil almas³⁹ em 1.500 casas. Durante seus dias mais felizes, entre 1723 e 1753, o recenseamento indicava 2.400 habitações, com 30.000 habitantes, dos quais dois terços eram escravos. Em 1800 os algarismos já haviam descido a uma população de 19 a 20.000. Em 1865 havia seis pessoas brancas para cada negro. Agora a proporção é de 7 para um e tudo parece indicar que o clima não é conveniente para os africanos.

Entre os muitos inconvenientes dessa cidade podemos mencionar a circunstância de não se poder fazer uso de carros. Mesmo montar a cavalo é um tanto perigoso dentro da cidade. Não há terrenos para maior expansão; as ruas são demasiado estreitas para nelas serem colocados trilhos e a região é imprópria para o “cavalo

de ferro". Por isso temos aqui, de um lado, os aspectos e ruídos característicos de uma capital: o belo sexo vestindo *toilettes* francesas, "gents corps, jolis, parés très richement", oficiais e outras pessoas vestindo uniformes civis e militares, ordenanças a cavalo, de um lado para outro, sinos tocando, cornetas soando e música, tanto religiosa como militar. Mas, por outro lado, para ouvir a banda tocar, haverá talvez apenas alguma preta velha, vestindo um paletó de homem, com uma cartola já ruiva, colocada garbosamente sobre um sujo pano de cabeça.

Não se pode dizer que a literatura floresça, uma vez que os ouro-pretanos não conseguem manter uma única livraria sequer.⁴⁰ O recente e enérgico presidente conselheiro Joaquim Saldanha Maranhão reformou os estabelecimentos de educação e criou cinco externatos. Visitamos um em São João d'El Rei. Os outros estão funcionando em Ouro Preto, Campanha, Sabará e Minas Novas. Foi um benefício de incalculáveis conseqüências. A iluminação é pobre, pior ainda que em São Paulo. Cada lâmpada deveria ser equivalente não a três, mas a seis velas de estearina. Muitos postes de iluminação estão caídos nas ruas. As terras em torno da cidade são estéreis. As montanhas, com seus veios de ouro, só podem ser exploradas por empresas e a cidade não possui capital para formá-las. Não vi uma única moeda de ouro em Ouro Preto. Se não fossem as pequenas indústrias, a cidade seria muito parecida com a nossa miserável colônia inglesa da Costa do Ouro. A cidade vive do suor de outras fontes, da sua função como capital e do dinheiro que o governo gasta com funcionários e que faz a província queixar-se da "empregocracia".⁴¹ Situada na passagem forçada da capital do Império para o Distrito Diamantino, tem a cidade algum comércio pequeno que, entretanto, não tem probabilidade de longa duração. É mister encontrar quanto antes outro lugar para a capital. Entre'anto, como já disse, não será fácil indicar um local central que possa servir a esse fim.

Notas ao capítulo XXXV

1. N.T. O autor deve ter citado de cor. O texto exato de Virgílio é: *Difficiles primum terrae collesque maligni* (*Georgica*, II, 178), que Odorico Mendes traduz: *Difficil trato, picarral maligno* (*Virgílio brasileiro*. Paris, 1858, p. 113).
2. N.T. «Apontamentos para a topografia médica da cidade de Ouro Preto». *Anais de Medicina Brasiliense*. Jornal da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, redigido pelo Dr. Roberto Jorge Haddock Lobo. Rio de Janeiro, Tip. de Paula Brito, 1849, 4.º ano, n.º 1, p. 16.

3. N.A. Supunho que uma toesa tenha seis pés franceses, 76,755 polegadas ou 6,3964 pés ingleses, 1,620 toesas seriam, portanto, 10,362 pés. O *A'manaque* dá 5.245 palmos (de Lisboa), ou sejam 3.758 pés. Caldeleugh calcula a altitude da Praça em 3.969 pés acima do nível do mar (bar. 26.393 e term. 69°30'). Gerber dá para o pátio do palácio 1.145 metros, ou sejam 3.747 pés. Pelos meus instrumentos (n.º 1, que é o melhor, BP 206º, temp. 65º) e n.º 2, que é menos exato (BP 206º30' temp. 62º) eu calcularia em números redondos a altitude de Ouro Preto em 3.400 pés.

N.T. O texto dos *Anais de Medicina*, por evidente engano, atribui 620 toesas para o morro da Praça e 579 para o bairro de Ouro Preto. A toesa corresponde a 1,98 m. Eschwege atribui a Ouro Preto a altitude de 1.266 m (Nelson de Senna: *Chorographia de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, 1922, p. 25).

4. N.A. O Dr. Franklin da Silva Massena, engenheiro formado em Roma, calcula a pressão atmosférica sobre o corpo humano em 3,76 arrobas (12,032 libras) menor do que nas regiões praieiras do Brasil. A temperatura média anual de Ouro Preto é geralmente calculada em 19º cent.
5. N.A. A *Planta topográfica de Ouro Preto* é elaborada em escala muito pequena. Não dá os nomes das ruas e as linhas dos morros não estão bem representadas.
6. N.A. Nasceu em 1757. Os documentos oficiais chamam-no ex-alferes das tropas pagas da capitania de Minas. O povo crê que ele era tenente de artilharia. Foi preso a 10 de maio de 1789 e encarcerado na ilha das Cobras por ordem do vice-rei.

N.T. Nasceu em 1746 no termo da vila de São José d'El Rei. Pertencia ao Regimento de Cavalaria Regular ou Tropa Paga. Regimento de Dragões, organizado por Antônio de Noronha em 1775. (O termo *dragões* applicava-se à cavalaria ligeira e oppunha-se a *hussardos*, cavalaria pesada, inexistente em Minas.)

7. N.A. Termo depreciativo, adotado com intenção provocativa. (Saint-Hilaire, I, 1, 202) fala em «*la prétendue conspiration*» e afirma que «*on ne découvrit aucune preuve*». O seu relato dos acontecimentos é mais pobre que o de Southey.

N.T. Embora os autos falem em *conjuracão* o delicto era considerado pela lei *inconfidência*. Deu-se no caso um fenômeno semântico não raro na História. O termo depreciativo tornar-se glória, ou como se dizia outrora, «fazer do sambenito gala». Assim, *farrapos* ou *farroupilhas*, tal como os *gueux*, passaram a orgulhar-se da caçada. Os *contemptibles* na Inglaterra orgulham-se da classificação desprezível que lhes deu o Kaiser. Inconfidente é hoje qualificativo de *mineiro*, como *bandeirante* o é de paulista.

8. N.A. Não um gênio, como freqüentemente se diz. «Gênio» e «Índio» seriam facilmente confundidos em manuscritos.

N.T. Na verdade Tiradentes propôs o triplice triângulo equilátero, representativo da Santíssima Trindade. O triplice triângulo, tal como aparece em monumento maçônico do século xviii recente-

mente descoberto no Alto da Cruz, seria composto por superposição, presumindo-se para cada um as cores revolucionárias dos E.U.A. e da Revolução Francesa.

N.A. O lema, tirado de Virgílio, tem sido muito deturpado. Scuthey escreve *Libertas quae sera tamen*. O Sr. A. D. de Pascual (p. 60) escreve *Libertas quae sera tandem*. Este último publicou em 1868, Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico, uma brochura denominada *Um episódio da História pátria. As quatro derradeiras noites dos inconfidentes de Minas Gerais (1792)*. As quatro últimas noites começaram no dia 17 de abril de 1792. O autor confessa basear as suas notas no manuscrito do frade francisco do convento de Santo Antônio que, com dez outros frades, foi incumbido de confortar os onze condenados à morte no dia 18 e nas noites seguintes. Os jesuítas tinham introduzido o costume de mandar um padre estar presente por ocasião da leitura de qualquer sentença de morte. Depois da expulsão dos jesuítas esse encargo passou aos franciscanos. O Sr. Pascual informa os leitores numa «Advertência» que seu intuito fora escrever um drama. Na verdade conservou a forma dramática em seu escrito.

N.T. O «senhor Norberto» é Joaquim Norberto de Sousa Silva que publicou só em 1873 a *História da Conjuração Mineira*. O documento do frade a que se refere o autor é a relação denominada «Últimos momentos dos inconfidentes de 1789 pelo frade que os assistiu de confissão» (Frei Raimundo de Penaforte), publicado na *Revista do I.H.G.B.*, tomo 44 (1881). O autor valeu-se na maior parte dos dados fornecidos por Henrique César Muzzio, secretário da Província, como se dirá adiante.

9. N.A. D. Luís Antônio de Mendonça Furtado. Assim figura seu nome nos manuscritos. Os livros em geral dão preferência a Furtado de Mendonça. Acreditava-se que o mesmo tivesse sido mandado ao Brasil no intuito de arrecadar os *quintos*, impostos atrasados sobre o ouro, numa importância de 22.400 libras-couro. Sucedeu em 11 de julho de 1788 a Luís da Cunha Meneses. Este último, que é satirizado nas *Cartas chilenas*, tinha alguma suspeita acerca das tendências republicanas que estavam amadurecendo em Minas; mas tendo ali muitos amigos, limitou-se a mencionar o assunto de modo geral na volta a Portugal. Em consequência disso foram enviados regimentos de dragões e outras tropas para a colônia descontente.

N.T. O nome exato do governador é Luís Antônio de Castro do Rio Furtado de Mendonça, ou, em breve, Luís Antônio Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, sem o tratamento de *Dom*. Ele recebeu a primeira denúncia de Joaquim Silvério dos Reis no dia 15 de março de 1789. A 17 de março escreveu, antedatando o officio de 14 de março, aos senados da Câmara das principais vilas de Minas suspendendo a derrama, com o que suprimiu a principal causa da excitação popular para o levante. Entretanto, tendo recebido no dia 18 de março, em Cachoeira, a visita do desembargador Tomás Antônio Gonzaga, só no dia 25 de março deu parte ao vice-rei da denúncia recebida de Joaquim

Silvério, a quem considerava inidôneo e suspeito. O vice-rei era Luís de Vasconcelos e Sousa, sucedido pelo conde de Resende apenas em meados de 1790. Enquanto isso Luís de Vasconcelos durante o seu mandato procurava desacreditar o comportamento de Barbacena, esvaziando de qualquer suspeita os iluministas do Rio de Janeiro. O conde de Resende, contudo, comportou-se odiosamente em relação aos inconfidentes de Minas.

As instruções recebidas por Barbacena do Secretário Ultramarino Martinho de Melo e Castro impunham o lançamento imediato da derrama, i.é. a cobrança *manu militari* dos quintos atrasados no último decênio.

A remessa dos regimentos à capitania só foi providenciada na corte em 1791, e não de dragões, e sim de infantaria (Regimentos de Extremoz e Bragança). Apenas parte do Regimento de Extremoz subiu para Minas em 1792. O reforço da guarnição de Minas foi providenciado pelo próprio vice-rei que enviou a Vila Rica (onde deu entrada a 24 de junho de 1792) uma companhia de seu esquadrão de cavalaria da Guarda, sediada no Rio.

10. N.T. John Burgoyne, general inglês derrotado pelos americanos no correr da Guerra da Independência. Marquês Charles Cornwallis rendeu-se aos americanos na mesma guerra. Mais tarde atafou brutalmente movimentos rebeldes na Índia. O *Boston Port Bill*, resultado do massacre de Boston, é de 1774. O *Starvation Act*, proposto por lorde Melville, é de 1775.
11. N.A. O *Almanaque* (1865, p. 51) menciona vinte e quatro inconfidentes. Destes vinte e um foram pronunciados. A sentença foi publicada em português e francês por Ribeyrolles (*Voyage Pittoresque*, Rio de Janeiro, 1859). O Dr. A. J. de Melo Moraes (*Brasil Histórico*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1864 e seguintes) fez imprimir o processo do Tiradentes. Conta-se que os documentos originais foram durante anos guardados costurados numa bolsa de couro no arquivo do Secretário dos Negócios Interiores. Creio, entretanto, não ser isso verdade. O visconde de Barbacena levou para a Europa todos os documentos comprometedores para ele; muitos ficaram na secretaria do governo em Ouro Preto e bom número deles já foi publicado.

N.T. Da Devassa de Minas Gerais ficou cópia na ouvidoria de Vila Rica. Os autos da devassa de Minas Gerais e Rio de Janeiro, inclusive da Alcada ficaram na Relação do Rio de Janeiro, inclusive os autos da devassa copiada em separado e sentença da Alcada contra os eclesiásticos. Esses foram remetidos a Martinho de Melo e Castro em Lisboa e sepultados em seu arquivo pessoal, onde ficaram ignorados até os anos de 1950.

Os *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira*, por iniciativa do ministro Gustavo Capanema, foram integralmente publicados pelo Ministério da Educação em sete volumes (Rio de Janeiro, 1937-1941). Uma segunda edição está sendo impressa consideravelmente ampliada, sob a direção do Dr. Tarquinio J. B. de Oliveira, Brasília-Belo Horizonte, 1976.

12. N.A. Fui informado de que, entre os despachos enviados por Thomas Jefferson a Washington existe um em que ele diz ter encontrado em Passy dois emissários da colônia brasileira. Diz-se que um desses era José Álvares Maciel. De acordo com o que informa o general J. I. de Abreu e Lima (*Compêndio de História do Brasil*, Rio de Janeiro, Laemmert, s.d., cap. 5 § 6, p. 163) Maciel foi provavelmente a personagem a quem Jefferson se dirigia quando em 4 de maio de 1787 escreveu uma carta a John Jay. Um extrato dessa carta acha-se reproduzido na *Revista do I.H.G.B.*, v. III, p. 209. Varnhagen menciona o fato de ter Jefferson encontrado em Nimes um jovem entusiasta brasileiro cujo pai pertencia à loja maçônica do Rio de Janeiro. J. A. Maciel escapou melhor que seus companheiros, pois era filho de um capitão-mor e muito relacionado com o capitão-general.

N.T. Essa correspondência entre Jefferson e José Joaquim da Maia e não J. A. Maciel está também transcrita na citada publicação do Ministério da Educação. Na correspondência com John Jay, Jefferson diz expressamente que se encontrou em Nimes apenas com um brasileiro, José Joaquim da Maia, por quem aliás manifesta a mais viva simpatia. Tendo Maia falecido em Portugal, às vésperas da data prevista para seu regresso ao Rio, foi omitido no processo, coonestando assim o parecer do vice-rei Luís de Vasconcelos, que negava qualquer participação do Rio de Janeiro na Inconfidência Mineira. É natural, assim, a confusão com Maciel, portador, aliás, de mensagem aos comerciantes do Rio. O pai de Maciel era capitão-mor do termo de Vila Rica e não consta que gozasse de intimidade com o visconde de Barbacena. O filho, sim, acompanhou a viscondessa e filhos na viagem a Minas, passando a residir, como assessor naturalista no palácio de Cachoeira.

13. N.A. É com imenso prazer que consigno aqui um emocionante exemplo de afeição e de gratidão de um negro. Um escravo, cujo nome se ignora, pertencente a esse oficial, conseguiu que as autoridades consentissem, a pedido espontâneo dele, que lhe fosse permitido acompanhar seu senhor, primeiro à cadeia e depois ao exílio na África. O Sr. Pascual chama-o «diamante negro», «escravo fiel, nobre e santo».

N.T. O negro exemplar chamava-se Nicolau. Foi levado à praça e arrematado por um comerciante do Rio que logo o devolveu à Relação do Rio, com licença dos juizes, para assistir o velho Domingos de Abreu Vieira. Acompanhou-o a Angola onde faleceu logo chegado ao presídio de Muxima.

14. N.T. Não é verdade que Cláudio tenha escrito essa obra. Veja-se a curiosa história da formação deste equivoco em Afonso Arinos de Melo Franco: «Inconfidência Mineira, origens e tendências ideológicas». *Anais do Terceiro Congresso de História Nacional*, v. vii, 71. Rio de Janeiro, 1942. Reproduzido em *Terra do Brasil* do mesmo autor. São Paulo, Ed. Nacional, p. 33.

15. N.A. Isso, entretanto não ocorreu. Achou-se mais rendoso tomar posse da propriedade confiscada. Uma porta e um quartinho ocupado por Tiradentes foram derrubados e arrasados. A

Alçada mandava demolir a casa, salgar o terreno e erigir um padrão de infâmia no local onde ele residira, indenizando o proprietário.

N.T. A propriedade da Casa de Tiradentes foi efetivamente paga depois de demolida. Quanto à de Freire de Andrada, só seria demolida se de propriedade do réu. Barbacena, considerando-a dote da mulher, deu-a ao sogro, capitão-mor J. A. Maciel, para exclusão da execução da sentença.

16. N.A. Os conspiradores declararam que pretendiam prender e deportar o governador, mas não tencionavam matá-lo. É provável que assim tenha sido; mas com uma *tête-montée* como Tiradentes seria difícil evitar excessos ou prever o que pudesse acontecer. Em circunstâncias tais os homens, em geral, agem de acordo com o instinto que parece conduzir a uma decisão drástica, já que a maneira fatal de livrar-se dum inimigo é tirar-lhe a vida. O visconde de Barbacena era tão antipatizado que precisava tomar precauções especiais quando ia a Ouro Preto. Uma sala no atual palácio foi por ele dividida em dezoito compartimentos pequenos, de maneira que ninguém poderia saber onde se achava ele sentado ou dormindo.

N.T. Trata-se efetivamente de uma lenda. Barbacena logo se reconciliou com a população de Vila Rica, colocando em altos postos simpatizantes notórios da Inconfidência como Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos e Manuel Pereira de Alvim.

Foram 11 os condenados à morte. O autor cita três nomes principais e outros sete, o que perfaz 10. Segue-se uma lista de 12, em que sobra Cláudio, já falecido na Casa dos Contos a 4 de julho de 1789. Na lista dos 11 há alguns equivocados. Assim: 1) Francisco de Paula Freire de Andrada comandava o corpo de Cavalaria Ligeira, chamada *dragões*. O autor usa a expressão *viva*, que não tem significação militar. 2) José Álvares Maciel apenas viajou pela Inglaterra (Birmingham), onde estagiou cerca de um ano e nunca esteve em Montpellier, como depois se refere. 3) Inácio José de Alvarenga Peixoto foi ouvidor do Rio das Mortes (e não de Sabará). Era coronel do regimento de Cavalaria Auxiliar de Campanha do Rio Verde. 4) Domingos de Abreu Vieira era tenente-coronel do *Regimento* da Cavalaria Auxiliar de Minas Novas. Tinha, em 1789, 62 anos.

Cláudio Manuel da Costa foi condenado à infâmia e confisco total dos bens, mas não à morte, mesmo simbólica. Barbacena não o considerou jamais dos mais culpados, pelo menos até o suicídio que determinou séria mudança no comportamento do capitão-general de Minas, tanto que mandou libertar e inocular o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, cuja culpa reputava tão grande que foi preso a 25 de maio de 1789, dois dias depois da primeira prisão em Vila Rica: a de Gonzaga e a de Domingos de Abreu Vieira (23 de maio de 1789). A grande reunião do complô incógnito ocorreu na noite de 27 de dezembro de 1788 em casa de Freire de Andrada, no seu belo sobrado da rua Direita de Ouro Preto (atual Clube Aluminas). A data é sintomática, tratando-se do dia de São João Evangelista, em que os maçons de todo o

mundo se reuniam nas respectivas lojas para eleição dos dignitários e mentores. Em casa de Cláudio os autos revelam apenas encontros ocasionais de Gonzaga, Padre Toledo, Alvarenga e o próprio Cláudio.

17. N.A. *Lyras*, II, 38, 7-9. Acredita-se em geral que Gonzaga empregava as palavras «pobre, sem respeito e louco» unicamente para salvar o amigo. [Lira 64 da edição das *Lyras* de Gonzaga. (Rio. INL. 1957), p. 115]. O confessor do convento de Santo Antônio chama-o «entusiasta como um quaker e aventureiro como Quixote». N.T. As expressões depreciativas de Gonzaga, que se tem pretendido atribuir a Tiradentes, na realidade referem-se a Joaquim Silvério dos Reis, que fora contradenunciado por Francisco Antônio de Oliveira Lopes a mando do padre Carlos de Toledo e de Alvarenga Peixoto, com pleno conhecimento de Gonzaga, «como chefe e promotor da inconfidência», achando-se altamente endividado em relação ao fisco, como relapso «rendeiro» que fora da capitania. O testemunho dos três indiciados na devassa bem o comprovam. Gonzaga, ao falar em «pobre, sem-respeito e louco», jamais poderia atribuir tais expressões a Tiradentes que o mesmo Gonzaga nas *Cartas Chilenas*, de cuja autoria já não cabe qualquer dúvida, elogia indiretamente três vezes em claros termos. Esta é a opinião de Tarquínio J. B. de Oliveira (*Autos de devassa*. 2.^a ed. 1976, I, 122 n.).

Joaquim Silvério dos Reis foi provido pela Corte, em 1808 em posto de releve em São Luís do Maranhão, onde faleceu em 1819. Gozava de farta pensão régia e nunca passou fome.

A 23 de maio de 1789 foram presos em Vila Rica apenas Gonzaga e Domingos de Abreu Vieira, aquele remetido na mesma data para o Rio de Janeiro, e este último recolhido à cadeia de Vila Rica. A 24 de maio foram presos no Rio das Mortes o padre Toledo, na Ponta do Morro, quando fugia para Laje, atual Resende Costa, e Alvarenga Peixoto, em São João d'El Rei. Luis Vaz de Toledo, visado pela mesma ordem, fugira em tempo. Os dois presos foram remetidos igualmente para o Rio de Janeiro, acnde chegaram um dia depois de Gonzaga. Expedida ordem de prisão contra o padre Rolim, no Tejuco, pôde esse inconfidente fugir e homiziar-se por vários meses na fazenda das Almas, em Morro do Pilar. As demais prisões foram dispersas e devidamente espacadas. Alguns inconfidentes só foram presos por imposição da Alcada dois anos mais tarde (v.g. os Resende Costa, pai e filho, Vicente Vieira da Mota, José de Sá Bittencourt, etc.).

18. N.A. As autoridades em História do Brasil não estão de acordo sobre se a denúncia foi feita verbalmente ou por escrito. NT O vice-rei, após receber a denúncia oral, exigiu-a por escrito. Figura na publicação dos Autos da Devassa.
19. No Maranhão, como foi dito acima. V. Lúcio José dos Santos: *A Inconfidência Mineira*. 2.^a ed. Belo Horizonte, 1972, p. 461.
20. N.A. «Tia Mônica», parteira que ali passava no exercício de suas funções, logo depois do assassinato, viu dois soldados arrastando o corpo do Dr. Cláudio que era homem de estatura forte, fácil de se reconhecer. A família Bobadela tentara em vão salvá-lo.

N.T. A morte de Cláudio permanece para alguns um ponto obscuro. Na opinião do Dr. Tarquínio J. B. de Oliveira, a «lenda do assassinio» de Cláudio, que recebeu várias versões contraditórias entre si e das circunstâncias comprovadas, exigiu a imaginação de «causas» como a veiculada por Burton com certo ceticismo. A guarda da prisão competia aos membros do esquadrão do vice-rei, com quem Barbacena já andava em conflito. Seria absurdo que recorresse a soldados fiéis a um quase inimigo para a execução de uma figura de alta projeção intelectual, não só em Minas como em todo o reino de Portugal, cuja morte ele não teve sequer a coragem de comunicar de imediato à Corte ou ao Rio de Janeiro.

21. N.A. Era um devotado admirador de Anacreonte e de Malherbe (*et Rose, elle a vécu* etc.) Entre os livros confiscados a Gonzaga havia exemplares de obras desses autores com o nome de Cláudio Manuel. Sua poesia está bem caracterizada no *Plutarco brasileiro*, I, 225-252. O Santo Ofício não gostou do tom dominante das suas obras em prosa e só permitiu a publicação de poucas. O distico, que seria a prova da paixão que o dominava até a morte, nunca veio a ser conhecido.

N.T. J. M. Pereira da Silva: *Plutarcho brasileiro*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1847 v. I.

22. N.A. Um soldado, por acaso, faleceu nessa ocasião e, segundo algumas autoridades, o poeta foi enterrado em sagrado como se fosse o praça defunto.
23. N.A. Era proprietário do sítio da Varginha, onde foi exposto um dos braços do Tiradentes. A propriedade pertence atualmente à família Dutra. Seus descendentes na África reclamaram a restituição da propriedade alegando ilegalidade da sentença. Não conseguiram, porém, seu intento.

N.T. O sítio da Varginha do Lourenço, hospedaria de João da Costa Rodrigues, onde foi efetivamente exposto um dos quartos do Tiradentes, nunca foi propriedade dos Resende Costa: A fazenda do velho José de Resende Costa era em Laje (hoje Resende Costa), na comarca do Rio das Mortes. A propriedade, ao que parece, transferiu-se à filha dele que se casou com Gervásio Pereira de Alvim, irmão de Manuel Pereira de Alvim, caixa do contrato de Domingos de Abreu Vieira, o «Albino» das *Cartas chilenas*. A Varginha do Lourenço situa-se entre Lafayette e Ouro Branco, no caminho real de Vila Rica, a menos de 10 km de Lafayette.

24. N.T. Jeffries é considerado o tipo do juiz infame na Inglaterra do século XVII. Morreu na Torre de Londres.
25. N.A. Ferdinand Denis (cap. XXVI). O poeta foi chamado o «Pindaro de Portugal». Serviram-lhe de juizes assistentes o promotor Antônio Gomes Ribeiro e o chanceler Sebastião Xavier de Vasconcelos.

N.T. A sentença da Alçada foi lida na noite de 18 para 19 de abril de 1792. Os embargos à sentença, apresentados pelo advogado José de Oliveira Fagundes, da Santa Casa de Misericórdia

foram rejeitados a 20 de abril, para, logo a seguir, ser lida a carta da rainha que mandava que se executasse a sentença de morte apenas no «mais culpado», comutando-se a sentença em degredo, confisco e infâmia para os outros 10 réus de morte. Há certo anacronismo na asserção do terror inspirado pela Revolução Francesa, pois Luis XVI só foi condenado e executado depois da sentença da Alçada, fato que só viria a ser conhecido no Brasil muito mais tarde. O chanceler da Alçada era Vasconcelos Coutinho, acolitando o presidente da mesma que era o vice-rei, conde de Resende.

O papel do desembargador Antônio Dinis da Cruz e Silva foi secundário. Foi mesmo acusado por não ter comparecido à execução de Tiradentes em 21 de abril de 1792. Tiradentes, inteligência e líder incontestável como revelam suas intervenções nos autos, nunca deixou o Brasil. No início de agosto de 1788 deixou o Rio de Janeiro, onde permanecera cerca de dois anos em licença de seu regimento, escoltando o desembargador Saldanha, sucessor de Gonzaga na ouvidoria de Vila Rica.

A ordem hierárquica da Alçada era diversa. Presidente: conde de Resende, vice-rei; chanceler: Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho (igualmente chanceler da Relação do Rio de Janeiro); assistentes: Antônio Gomes Ribeiro e Antônio Dinis da Cruz e Silva. Foi escrivão da alçada, com atuação muito mais viva que os juizes assistentes o desembargador Francisco Luis Alvares da Rocha, em direta colaboração com o chanceler. Para desempate, se acaso houvesse impasse na votação da sentença, seriam convocadas 1.^a, 2.^a e 3.^a ronda de três desembargadores, cada uma, o que não se mostrou necessário. A sentença pode-se atribuir inteiramente ao desembargador Coutinho e ao escrivão.

26. N.A. A tradição neste ponto é inexata, pois que Tiradentes nunca deixou o Brasil.
27. N.A. O Sr. Pascual diz que o juiz de fora, montado a cavalo, seguia à frente.
28. N.T. Em português no original.

A força, de desmedida altura, foi cercada por três regimentos de infantaria. Vieira Fazenda calcula que formassem um triângulo equilátero de 150 m de lado. O vértice necessariamente devia coincidir com a porta da igreja da Lampadosa, que ainda existe, ainda que alterado o frontispício. O dispositivo, visando impedir qualquer tentativa popular de impedir a execução, faz presumir que a base do triângulo estivesse voltada para a cidade, mas ainda, para maior segurança, que o Regimento de Artilharia fosse, como foi, postado no Largo de São Francisco de Paula. O vértice esquerdo da base coincidiria com a rua da Carioca, por onde entrou o cortejo no campo de São Domingos, dirigindo-se à Lampaosa, de cujos degraus assistiu Tiradentes a sua última missa, sendo acompanhado no cadafalso por frei José de Jesus Maria do Desterro, guardião do convento de Santo Antônio que, na maior emoção violou o protocolo falando improvisamente ao público, exortando-o ao respeito e à caridade com o réu na sua hora máxima. Isso provocou o descontentamento do orador ofi-

cial que era frei Raimundo de Penaforte, custódio do mesmo convento. Ambos escreveram relatos dos últimos dias dos incondentes na capela improvisada na Relação para os 11 condenados à morte. O guardião, exemplo de caridade, o custódio modelo de persuasão e de áulico. De ambos os relatos ressalta a superioridade do caráter de Tiradentes, o plano da execução consta de ordem do dia do vice-rei a seu filho e ajudante de ordens Luis Benedito de Castro, capitão de uma das unidades do Rio de Janeiro. Depois da execução o corpo foi esquartejado pelo carasco negro Capitania e levado por galés numa carreta a ser salgado e encoirado na Casa do Trem, que se situava onde é hoje o Museu Histórico Nacional. Os quartos de Tiradentes foram expostos no Caminho Real de Minas: em Cebolas, capitania do Rio de Janeiro, passagem para o Registro do Paraíba e nas principais povoações do roteiro então erigidas em vilas: Barbacena, Queluz (atual Lafayette) e o último quarto na Varginha do Lourenço. A cabeça foi reservada para a Praça de Vila Rica.

29. N.A. Tiradentes tinha dois irmãos padres.
30. N.A. Fica na estrada de Minas a Paraíba do Sul. Pertence atualmente ao deputado Martinho Álvares da Silva Campos.
31. N.A. A palavra é uma corrupção de Pedrão. Na era heróica das descobertas portuguesas essas colunas de pedra eram erguidas pelos exploradores que, desta maneira, tomavam posse do solo em nome da coroa. Camões informa que a armada do Gama levava uma quantidade delas.

O Sr. Pascual (creio que está enganado), diz que a cabeça foi colocada numa gaiola de ferro montada num padrão. Também narra que o irmão de Tiradentes, às duas horas da madrugada do dia 20 de maio e 1792, colocou dentro da gaiola uma pedra com a inscrição simbólica «30 .: Emvunah».

N.T. Padrão, na realidade, significa lápide com inscrição. Não é corrupção de *pedrão*, embora se constituísse de uma pedra grande. Demolido a casa e salgado o terreno, erigido o «padrão de infâmia» no local, o povo destruiu-o em 1821, ato que o Governo Provisional houve por bem homologar logo a seguir. Construiu-se nova casa no local, que Burton julga ser a mesma que Tiradentes habitou. Em seu lugar, mais tarde, Afonso Arinos (I) construiu belo sobrado que foi sua residência. É hoje sede da Associação Comercial de Ouro Preto, segundo placa aposta à fachada, ou mais verossimilmente a vizinha, sede da Caixa Econômica Federal. A cabeça de Tiradentes, metida em gaiola de ferro, foi erigida em alto poste, colocado no centro da praça, local do atual monumento a Tiradentes. O autor confunde o «padrão de infâmia», erigido na casa, com o alto poste, erigido na Praça.

32. N.A. É o estilo chinês. Os Kiaus de Bornéu (V. *Life in the forests of the Far East* por Spencer St. John, London, Smith & Elder, 1862, I, 263) racham os bambus em duas partes e colocam-nos para colher a água da chuva em fileiras, com a parte côncava para cima. Põe-se em seguida uma fileira em sentido contrário para cobrir as beiradas das outras e assim impedir que a água

penetre no interior da casa. É um ensinamento de valor para pessoas que estiverem viajando em terras com abundância de bambus.

33. N.T. Em português no original.
34. N.A. confesso que, de minha parte, admiro acima de tudo uma rua inteiramente reta com alargamentos e estreitamentos retilíneos, principalmente quando isto se der em algum declive que permite o olhar descansar sobre ele. Parece-me impossível que possa existir quem tenha gosto pelas ruas curvas e praças de formas irregulares.
35. N.A. Chama-se aqui «forma oitavada».
36. N.A. A distribuição é a seguinte:
À direita: 1; N. S.^a dos Passos e das Dores, São João Batista e Santa Rita. 2: Sant'Ana e a Virgem, São José com o Menino e São Joaquim. 3. Um grande crucifixo, São Miguel, São Francisco de Paula e São Boaventura (o santo da boa sorte, por cujas forças misteriosas tenho um respeito que tende à adoração). À esquerda: 1: N. S.^a da Conceição, o Anjo da Guarda com Santa Isabel e o Menino Deus (todos juntos), São Sebastião. 3. N. S.^a da Terra, Santa Úrsula (a rainha das Onze Mil virgens), São Francisco de Assis e São Domingos. 3: Santo Antônio e o Menino Deus, São Vicente Ferrer e São Gonçalo.
37. N.A. *Faisca*, que originariamente significa centelha, é o nome dado a uma partícula chata de ouro. O contrário é uma *pisca* de ouro, que é um grãozinho menor do que uma *cangica*, que por sua vez é menor que uma *pepita*. O garimpeiro é chamado *faiscador* e, como seu trabalho é geralmente feito dentro da água, diz-se que ele *mergulha*.
N.T. os termos grifados estão em português no original.
38. N.A. No outro quarteirão há uma outra igreja de N. S.^a do Rosário, chamada *do alto*. Possuía antigamente grande riquezas em prataria que, no entanto, desapareceu. Conta-se que os escravos que trabalhavam nas escavações de ouro e eram grandes devotos de N. S.^a do Rosário, tinham licença de seus senhores de, uma vez por ano, no dia da festa da santa, no mês de outubro, encher seus cabelos com pó de ouro para, em seguida, lavar a cabeça na pia de água benta. Quando doze a quatorze mil homens assim fizeram compreende-se que o «tosão de ouro» não tenha sido um mito.
39. N.A. Inclino-me para oito mil. Ao mesmo tempo há aqui uma população considerável de passagem e é possível que desta maneira a população em certas ocasiões se eleve a dez mil.
40. N.A. A Assembléia Provincial fundou em 1840 um colégio de preparatórios com as cadeiras de Latim, Francês, Inglês, Filosofia, Matemática e Farmácia. O Jardim Botânico que, sob o governo central chegou a distribuir 20.000 libras de chá pelo país inteiro, foi alugado a um particular pelo preço de 200\$000 por ano. A população apreciava música. Isto, entretanto, é a regra geral no Brasil.
41. N.T. Em português no original.

CAPÍTULO XXXVI

OURO PRETO (continuação). PARTE ORIENTAL

Tu, formosa Marília, já fizeste
Com teus olhos ditosos as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste.

Gonzaga, Lira xxix.

(L. 55 na ed. de Rodrigues Lapa de 1957)

No outro lado da ponte, onde a cidade tem a aparência de recanto da velha Abbeville, acha-se a Casa dos Contos,¹ hoje Tesouro (Imperial) ou “O Tesouro”, por excelência. Foi construída, como também a casa do comendador, por João Rodrigues de Macedo, cidadão rico e de grande prestígio que vivia com grandeza, com casa aberta para todos. Como muitos outros arruinou-se ao arrematar o contrato dos dízimos que, por breve pontifício, foram concedidos aos reis de Portugal na qualidade de grão-mestre da Ordem de Cristo. Suas dívidas acabaram por lançar sua propriedade nas carinhosas mãos do governo. Morreu na miséria e quase louco.²

É uma grande e bela construção, corte, com alas de pedra cinzenta, amplas varandas e um um mirador ou belvedere no alto. Embaixo, no lado direito, está a Coletoria, onde são cobradas as taxas provinciais de exportação. No lado esquerdo está instalada a filial do Banco do Brasil³ cujo presidente é o Dr. Marçal. No fundo fica o Correio. *En passant* foi-nos mostrado o local da morte do Dr. Cláudio Manuel da Costa. No pavimento superior acha-se instalada a Tesouraria Geral ou Imperial, com todo o seu complicado funcionalismo: inspetor, chefes de seção, primeiro, segundo e terceiro escriturários, extranumerários (praticantes) e outros; meia dúzia para fazer o trabalho de um — não se incluindo o tempo gasto em “não fazer nada”.

Dáí subimos a rua dos Contos, uma rampa longa e reta, que toma a direção sudeste, passando por uma fonte no seu lado esquerdo.

É um dos treze ou quatorze chafarizes da cidade e tem uma curiosa inscrição:

*Is quae potatum cole gens pleno ore Senatu
Securi ut sitis a am (sic) facit ille sitis.*

A água é melhor do que a latinidade⁴. À direita acha-se um edifício de aspecto alegre: é a Mesa das Rendas, ultimamente transformada em Tesouraria Provincial, que tem uma multidão de funcionário, os quais, com a caneta atrás da orelha, tal como a ave chamada Secretário, trabalham ativamente nas estatísticas do movimento das ruas em redor.

A rua Direita, ou rua principal, que dobra bruscamente para leste, é muito íngreme e escorregadia, com calçadas estreitas. No alto fica a Praça, pois é a única que existe.⁵ É um paralelogramo longo, com inclinação para o centro, onde há um monumento aos mártires da Independência, que foi levantado recentemente com meios obtidos por uma subscrição pública.⁶ Não podíamos formar uma opinião acerca da sua base ou do capital, pois estavam ambos recobertos. Seria preciso uma estátua da Liberdade, da Poesia, o Índio ou o Brasil, ou qualquer outro símbolo, pois embora uma coluna sustentando uma estátua seja bastante inestética, pior ainda é uma coluna que não sustenta nada.

Para o lado norte acha-se o Palácio do Governo. A construção foi terminada pelo brigadeiro de artilharia José Fernandes Pinto Alpoim, referido no *Uruguai*;⁷ o artilheiro cientista foi também arquiteto da Casa dos Vice-reis, atual Palácio Imperial no Rio de Janeiro. A Casa do Governo abrigava antigamente a Intendência do Ouro em seu pavimento inferior. A parte fronteira tem o aspecto de um *château-fort*: uma cortina minúscula liga dois pequeninos bastiões da época de Vauban e seus canhões de brinquedo costumavam abafar os tumultos excessivos da cidade. A comprida rampa de pedras do costume conduz ao portão de entrada que ostenta as armas imperiais e uma enorme bandeira verde-amarela. Na hora das audiências, entre 11 horas da manhã e uma hora da tarde, fomos visitar o primeiro vice-presidente, ora em exercício, Dr. Elias Pinto de Carvalho. "liberal histórico", o que corresponde, mais ou menos, ao nosso velho *whig*. Nasceu em Curvelo e foi juiz de direito em Sabará. Fomos recebidos num grande e belo salão, com o inevitável sofá e duas fileiras perpendiculares de cadeiras. Não havia aqui nada de extraordinário a não ser as enormes escarradeiras do tamanho de meio alqueire. Sua Excelência prometeu-nos facilitar a viagem e deu-se realmente ao trabalho de escrever uma quantidade

de cartas de apresentação, gentileza que eu não esperava e pela qual desejo exprimir meus sinceros agradecimentos. No palácio travei conhecimento com o secretário do governo, Dr. Henrique C. Muzzio, cujo nome já foi mencionado nestas páginas. É homem muito versado na poesia e muito especialmente na história da Inconfidência. A ele devem os meus leitores o primeiro relato correto e detalhado até hoje publicado na Inglaterra desse grande episódio histórico.

Em seguida visitamos o Paço da Assembléa Provincial que fica no nordeste da praça.⁸ A sala da assembléa era ampla e estava em bom estado de conservação, com assentos para o presidente e dois secretários em frente ao semicírculo usual das bancadas dos deputados. As acomodações para o público eram muito limitadas, precaução muito aconselhável em lugares onde a discussão facilmente pode tornar-se animada demais. Para o sul do Paço encontra-se uma casa simples: a Câmara Municipal. A praça, do lado do sul é fechada por um belo edifício antigo, a cadeia.⁹ Os mineiros dizem: “de Ouro Preto as melhores coisas são essas duas. Orgulham-se delas como as melhores do Império. Talvez assim tenha sido. Mas no momento não se pode comparar a cadeia às recém-instaladas Casas de Correção. No pátio há um chafariz com longa inscrição, e um duplo lance de escadas conduz à entrada, naturalmente vigiada, e cujas janelas laterais são protegidas por barras de ferro. O primeiro e o segundo andar têm colunas jônicas com enormes e pesadas volutas. No alto, em toda a volta, há uma balaustrada com a estátua da justiça e outras virtudes em cada ângulo. Nem foi esquecido um pára-raios. Os encarcerados são 454 homens e 12 mulheres, diferença digna de nota. Visitamos, no andar superior, a enfermaria e os cubículos destinados aos recrutas desertores. O sistema de esgotos foi ultimamente reformado, mas ainda há o que fazer no que diz respeito ao asseio. Os encarcerados mostraram mais atividade que de costume e o diretor, Sr. Joaquim Pinto Rosa, faz sabiamente todos os seus prisioneiros aprenderem algum ofício. Subiu conosco a esxada caracol na alta torre central. Por suas vigias apreciamos um panorama curioso.

A forma da Cidade do Ouro, ou, pelo menos da parte que daqui podemos ver, é a de uma enorme serpente, mais larga no lugar onde está a Praça, que também representa a Corte ou *West End*. As duas pontas se estendem por umas boas duas milhas, com curvas mais violentas que as que costumam apresentar as serpentes nos livros antigos. O terreno ocupado pela cidade é a parte mais baixa da encosta da serra de São Sebastião, cujas águas têm um escoadouro no Funil.¹⁰

Essa serra secundária pertence à serra de Ouro Preto e estende-se por duas léguas de leste para oeste. As ruas, tanto da cidade alta como da parte baixa, são cheias de curvas. As antigas artérias, que são simples becos e passagens, mostram claramente como era alto o valor de terrenos para construção. Umhas quinze igrejas¹¹ erguem-se na cidade, em sua maioria construídas em pontos altos e bem destacados, gozando da impressão de respeitabilidade das coisas antigas. As casas ficam como dependuradas em torno do abismo pitoresco, ficando tanto quanto possível perto da antiga mina. Têm todas inevitavelmente um lado mais alto do que o outro. A policromia é do melhor efeito, pois há todas as variedades de cores, até a cor imperial, o verde-ouro; uma das casas ostenta uma fachada imitando tijolos, em branco, encarnado e amarelo.

Todo o panorama é caracterizado pelos morros e faz lembrar o ouro, pois tudo foi revirado e removido pelo mineiro. Logo para o sul o morro do Cruzeiro ergue a sua cruz. Por aí passa a estrada real para o Rio de Janeiro. A jóia da paisagem fica um pouco mais para o sul, onde no horizonte ergue-se sobre a muralha de pedra o Itacolomi, a Pedra e a Criança (Colomi ou corumi).¹² Esse alto monólito negro projeta sua forma regular contra o céu, com uma inclinação de 45°. A seu lado fica o bloco de proporções relativamente diminutas, que os peles-vermelhas, em linguagem rude, pitorescamente comparavam a uma criança ao lado da mãe. O nome talvez seja uma alusão a alguma já esquecida metamorfose das fábulas indígenas. Talvez, por outro lado, seja idéia de algum poeta mineiro.

No fundo da cavidade, ao pé da montanha, e com um fundo de árvores sombrias, acha-se um edifício desinteressante, comprido, baixo, com teto de telhas e paredes caiadas de branco, muito parecido com uma confortável casa de fazenda. Aqui viveu e morreu Marília, cujo nome profano foi Maria Joaquina Dorotéia de Seixas Brandão, a heroína local, a Beatriz, Laura, ou Natércia que escapou por um triz de ser a Heloísa de Minas.¹³ Era sobrinha do tenente-coronel João Carlos Xavier da Silva Fernão, ajudante-de-ordens do governador. Informam-nos os livros que ela descendia de uma das mais importantes famílias do país,¹⁴ o que, entretanto, é negado por certas pessoas em Ouro Preto. Nasceu em 1765 e com a doce idade de 15 anos foi pelo tio, que era imperturbável monarquista, prometida em casamento ao poeta Gonzaga que, na ocasião, contava 44 anos de idade. Há uma lenda que afirma que sua beleza apressou a trágica descoberta da Inconfidência. Certo coronel Montenegro,¹⁵ por ela recusado (ou "jawáb d'", como dizem os anglo-indianos)

exprobrou-a por preferir “um pobre homem que escrevia livros” a um “cavalheiro de fortuna e posição”. Ela, como ocorre em geral com as moças, perdeu o controle e retorquiu que preferia a inteligência ao dinheiro. O coronel então denunciou por escrito a conspiração ao visconde de Barbacena que, ao receber a missiva, empalideceu, pôs o documento na mesa e saiu da sala. Seu primo, frei Lourenço, o ermitão do Caraça, estava por acaso presente. O vento jogou o papel no chão. Quando o frade se abaixou para apanhá-lo, viu num relance de que se tratava. Deixou então a casa e mandou, às pressas, chamar os amigos e comunicou-lhes a traição, aconselhando-os que fugissem. Eles, porém, pelo contrario, precipitaram o movimento. Saíram armados pelas ruas e tentaram levantar o grito de liberdade. O governador, que era amigo íntimo de muitos dos acusados e já estava resolvido, de acordo com os seus, a demitir-se do posto, foi, pelo desenrolar dos fatos, obrigado a entrar em ação.¹⁶ De toda essa história nada se encontra na literatura volumosa sobre a Inconfidência, mas ouvia-a contar por toda parte em Minas Gerais, mesmo nas remotas margens do São Francisco.

Para infelicidade do romance, a Heloísa foi notavelmente infiel a Abelardo, como o foi, por sua vez, Abelardo a Heloísa.¹⁷ Depois de descoberta a rebelião, separaram-se os namorados a quem “a morte não poderia separar”, e cujos protestos escritos de constância foram inúmeros. A explicação desse fato é fácil: entre os inconfidentes houvera alguma conversa no sentido de fazer rolar a cabeça do bravo ajudante-de-ordens. Foi-lhes, entretanto, permitido despedirem-se para sempre e conta-se que a cena foi dolorosa. Mas ambos fizeram coisas piores. Um certo Dr. Queiroga, ouvidor de Ouro Preto, teve a honra de suplantar o poeta Gonzaga, mas não dentro das vias legais. Marília de Dirceu, como era chamada, teve dele três filhos: Dr. Anacleto Teixeira de Queiroga, D. Maria Joaquina e D. Dorotéia, todos de olhos azuis e cabelos louros.¹⁸ Talvez seja mais conhecida em Ouro Preto como a mãe do Dr. Queiroga.

Nos últimos anos de vida viveu muito retraída, sem sair de casa senão para ir à igreja. Morreu em 1853, na idade de 80 anos. A família depois disso abandonou Ouro Preto e ninguém sabe dizer para onde foi. Ela não quis nunca pronunciar o nome de seu amor, especialmente evitava tratar do assunto em companhia de estranhos. Em seu leito de morte, terá dito ao confessor: “Ele me foi arrancado quando tinha 17 anos”. Os que a conheceram bem descrevem-na como de baixa estatura, conservando ainda em idade avançada traços bem formados e “boca risonha e pequena”.¹⁹ Concordam em que seus olhos eram azuis e que seus cabelos, então brancos, tinham sido meio-louros,

ou castanho-claros. É curioso observar que o noivo, em quatro passos de sua poesia" chama seus cabelos de "negros como a noite fechada, e em quatro outros classifica-os como "revoltos fios de ouro". O autor da mais popular edição das *Liras*, defende-o como só os amigos podem fazer.²⁰

Da praça descemos a rua do Ouvidor, na direção sudeste e, no cruzamento de quatro ruas, defronte da rua dos Paulistas, notamos que a casa histórica de Cláudio Manuel ainda espera a placa comemorativa. Talvez os ouro-pretanos pensem como os gregos que Ἀνδρόν ἐπιφανῶν πᾶσα γῆ τάφος. Mereceria bem a passagem de Plutarco: *Vita dignissimus est, quiq̄ue morte sua patriae salutem quaerit.*²¹ Era uma pequena casa de esquina, amarela, de cinco janelas de sacadas verdes. À entrada, uma minúscula sala; no sobrado um quartinho quadrado com paredes caiadas que servia de escritório de Vasconcelos,²² e um segundo apartamento, muito semelhante ao primeiro, redondo, com bancos de ladrilho, à moda antiga, dando para um terraço coberto ou larga varanda. Aqui reuniam-se os incondidentes para discutirem poesia, aspirações políticas e traçar seus planos. Daí vê-se, sem obstáculo, a casa de D. Maria, numa concavidade.

A casa começou a tornar-se famosa pela ligação que teve com a *Revolução dos três poetas*, que é como até hoje é chamado pelo povo aquele movimento revolucionário. São eles Gonzaga, Cláudio Manuel e o coronel Inácio José de Alvarenga Peixoto,²³ homem de caráter nobilíssimo, filósofo que foi banido perpetuamente para a África ocidental e ali morreu também em 1793, poeta de imaginação desmedida, mas talvez o menos considerado no Parnaso Português até agora. Havia ainda dois outros mais ou menos implicados no movimento: Manuel Inácio da Silva Alvarenga²⁴ e o Dr. Domingos Vidal Barbosa.²⁵

Nessa casa Gonzaga, figura central de grupo, costumava passar o tempo bordando peças para o enxoval de D. Maria e o seu próprio.²⁶ Ultimamente foram encontradas cartas suas encomendando seda de bordar a vários negociantes. Gonzaga nasceu no Porto em agosto de 1744 e batizou-se a 2 de setembro do mesmo ano. O Brasil o reivindica por ter sido seu pai brasileiro e por ele próprio a colônia de sua pátria:

*Por deixar os pátrios lares
Não me pesa o sentimento²⁷*

Referindo-se à juventude passada na Bahia diz:

*Pintam que os mares sulco da Bahia
Onde passei a flor da minha idade.²⁸*

Estudou direito em Coimbra, exerceu a magistratura em Beja e outras cidades de Portugal até ser nomeado ouvidor em Vila Rica, naquele tempo uma posição mais importante que a de presidente em nossos dias. O seu próximo casamento atrasou-o por dois ou três anos, e aí demorou-se mesmo após ter sido nomeado desembargador, quer dizer um dos juizes do tribunal superior da Bahia, adiamento que muito o prejudicou. Acredita-se que o Governo, sem cuja autorização não se permitia nenhuma aliança, hesitou em concedê-la porque não queria que a influência do poeta se exercesse em Minas.

Uma lenda que ainda se conta, dentro dessas, e nela creio eu, é a de que uma figura mascarada, na noite de 17 de maio de 1789 avisou o poeta da tempestade que se aproximava. Ele não ligou importância e no dia 22 jantava com seus amigos na sua casa, à rua do Ouvidor.²⁹ No dia seguinte estavam todos presos. Gonzaga³⁰ foi com os outros acusados enviado ao Rio de Janeiro. Seus amigos foram metidos na prisão onde hoje fica a Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro. Ele foi encarcerado numa masmorra da ilha das Cobras e, depois, nas casas da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência. Durante os seus 1.095 dias de solidão passados no cárcere, aliviava seu espírito rabiscando desesperadamente as paredes com carvão, vela, fuligem ou cabo de laranja. Foi submetido a vários interrogatórios³¹ e queixou-se amargamente do violento ódio com que o tratou seu particular inimigo Basílio de Brito, nome hoje desconhecido, e que havia jurado acompanhá-lo “até os umbrais da morte”. As provas contra ele eram muito contraditórias e quase todas presuntivas. Às vezes as esperanças renasciam e ele imaginava que o casamento poder-se-ia realizar. Foi acusado de ter elaborado o código das leis para a nova república. Por outro lado foi dado como indisposto com Tiradentes e considerado pelos conspiradores como um estranho. Sua sentença publicada finalmente a 18 de abril de 1782 estende-se no fato de ser ele um homem de “luzes e talentos”. O que evidentemente o perdeu foi sua grande reputação. Por ousar ser um espírito notável e um intelectual, foi banido perpetuamente para as pedras de Ancoche (Encogé), na África ocidental. Após a execução de Tiradentes a pena foi comutada para dez anos de desterro no clima letal de Moçambique, com pena capital em caso de volta. A voz do povo, quase sempre tão verdadeira nesses casos, fez-lhe justiça e o nome predileto do movimento é hoje a “Inconfidência do Gonzaga”.

Em 23 de maio de 1792, terceiro aniversário de seu exílio, o infeliz poeta deixava para sempre as costas de seu amado Brasil, a bordo do *Nossa Senhora da Conceição Princesa de Portugal*. No pestilento Moçambique sua vida foi miserável, tentando em vão

exercer sua profissão e perdendo o dom da poesia.³² Esqueceu-se lá de *Marília bela* e, talvez porque “saudades de mulher só mulher mata”,³³ seis meses depois de chegar casou-se com uma rica mulata que o tratara nas suas febres, Dona Juliana de Sousa Mascarenhas. Tinha ela 19 anos e assinou o termo de casamento com + e obteve o direito de bater em seu marido. Ele ficou quase louco e morreu em 1807³⁴ com sessenta e três anos. Foi enterrado na capital de Moçambique. Havia escrito seu próprio epitáfio nas *Liras*:

*Pôr-me-ão no sepulcro
A honrosa inscrição:
«Se teve delito
Só foi a paixão
Que a todos faz réos».*³⁵

O “proscrito da África” era descrito à moda de um “Tommy Moore”, baixo, forte, louro e de olhos azuis, vivos e penetrantes, senhor de um semblante espiritual e agradável. Sua presença, ao mesmo tempo franca e cortês, cativava todos os corações. Era um janota. Gostava de camisas de batista, de rendas e de lenços bordados. Deixou cerca de quarenta casacos, alguns cor de pêssego, outros verde-papagaio, guarda-roupa que lembra as preferências de Goldy pelas cores de flor. O retrato anteposto à edição predileta foi extraído das profundezas de sua própria consciência pelo artista Sr. J. M. Mafra (João Maximiano Mafra). Mostra o poeta exatamente como ele não era: alto, magro, com vinte e quatro anos, e não quarenta e oito, com uma longa e ondulada cabeleira escura, feições regulares, melancólicas e usando umas incompreensíveis botas altas na prisão.

Gonzaga é ainda poeta popular brasileiro e, entre os latinos, teria a categoria de um Metastásio. Alguns de seus versos são notavelmente teatrais. Quem não sente o tom italiano nestes:

*São estes os sítios?
São estes, mas eu
O mesmo não sou.*

Almeida-Garrett lamenta o seu “fatal engano” de não dedicar-se a assuntos nacionais. Contudo sua poesia, como sua política estão destinadas a longa vida. Seu dedo pode evidentemente ser percebido nas *Cartas Chilenas*.³⁶

Alguns críticos afirmam que não há ali nenhum sinal do toque do mestre. Outros opinam que há. Além disso deixou Gonzaga trabalhos em prosa, estudos jurídicos, especialmente sobre usura e educação que ainda permanecem em manuscrito.³⁷

Em poesia Gonzaga sempre se chamava — *O bom Dirceu*. Notáveis pela graça e ingenuidade, sua erótica não tem um traço de grosseria. É sentimental, mesclada de melancolia, tons que, mais tarde se acentuaram na penumbra da prisão.

Tal como se dá com os melhores poetas portugueses, seu estilo é notavelmente correto e sua linguagem estudadamente simples, ao mesmo tempo que suficiente. Sentindo a facilidade perigosa das rimas da sua língua-pátria, impôs-se regras severas, cingindo-se a consonâncias graves e agudas, rejeitando as primeiras nas peças mais trabalhadas. As *Liras*, como as produções da escola mineira em geral, são de difícil tradução em verso estrangeiro.³⁸

O último grande habitante da casa foi o conselheiro e senador Bernardo Pereira de Vasconcelos³⁹ cujo pai, Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos comprou-a muito barato, já que os herdeiros haviam perdido os títulos de propriedade. “O Franklin ou o Adams do Brasil nasceu em Ouro Preto e morreu paralítico no Rio de Janeiro, deixando uma tradição que é da liberdade de sua jovem pátria. Sendo solteiro, legou suas propriedades a sua irmã D. Dioga⁴⁰ de quem se conta uma sinistra história. Ela se casou depois com um francês que vive ainda. Daí passou às mãos do atual proprietário, Dr. Jerônimo Máximo Nogueira Penido.⁴¹

À direita está a casa do mercado, de paredes amarelas e uma larga varanda, diante da qual ficam amarrados os burros. Em frente ficava o pelourinho que, há cerca de trinta anos, foi derrubado numa patuscada de rapazes.

Ao sul da pequena praça fica a Igreja de São Francisco de Assis. O exterior é belo, mas a fachada saliente ostenta duas colunas jônicas desgraciosas convertidas em pilastras. Sobre a porta de entrada há esculturas em esteatita do infatigável Aleijadinho, mostrando uma visão do padroeiro, e acima fica uma cruz do Santo Sepulcro. As portas amarelas são de sólida madeira talhada em alto-relevo, segundo o gosto da época. No interior há seis altares laterais do costume, uma profusão de estampas colocadas sobre a parede caída, uma extravagante balaustrada de coro, um grande afresco no teto representando Santa Maria cercada de anjos e a Santíssima Trindade em figuras de tamanho natural de madeira pintada. Os púlpitos, à entrada da sacristia são de pedra-sabão bem talhada e trazendo à lembrança o famoso “esteio de Prentice”.

Mais abaixo, a sudeste, fica N. S^a das Mercês dos Perdões, assim chamada para diferenciar da outra igreja das Mercês. É uma construção de uma só torre, ainda inacabada exteriormente. A nor-

deste fica a igreja de N. S^a da Conceição, matriz da paróquia de leste, chamada de Antônio Dias,⁴² nome do antigo taubateense que aqui se estabeleceu em 1699 e do qual tudo foi esquecido, menos o nome. Foi outrora a mais rica igreja do local. Atualmente é uma grande construção caiada, dourada, porém medíocre e pretensiosa. Aqui, a 11 de fevereiro de 1853, foram depositados⁴³ os restos mortais da “Marília Formosa” — *Rosa mundi, non Rosa Munda* —, cuja história fui obrigado a apresentar despida de toda fantasia. Para o sudeste fica N. S^a das Dores e, mais para leste, ergue-se o Alto da Cruz, antes mencionado.

Voltando à Praça Pública visitamos a oeste a maior igreja da Imperial Cidade de Ouro Preto, N. S^a do Carmo. Construída sobre uma alta e sólida plataforma, é externamente um imenso paiol, com uma fachada saliente, decorada à entrada com querubins e flores em esteatita azul aplicada sobre o cinza-amarelo da pedra de cantaria. Os dois campanários são de tipo quadrado curvilíneo com pilastras onde deveria haver quinas. Têm janelas envidraçadas que são aqui sinal de opulência. O interior é notável somente pelas ricas cortinas em púrpura e ouro e pelo coro, sustentado por um par de pilastras desenhadas como se fossem gigantescas balaustradas, numa espécie de estilo “barrigudo”, pertencentes à ordem que mereceria ser chamada da “barriga da perna”. As pequenas catacumbas da comunidade ficam ao sul e separadas.⁴⁴

A capital da Província do Ouro e do Diamante não possui até agora um cemitério público. Seus filhos são enterrados ainda nas igrejas. Isto é de certo modo primitivo demais para o ano de 1867.

Na mesma rua, ao norte da Igreja do Carmo, encontra-se o teatro, conhecido pela sua pintura amarela. Considera-se o mais antigo do Império. A casa pertencia a um tal coronel João de Sousa Lisboa, vítima também dos dízimos reais; foi declarado falido. Contudo, diz-se que suas propriedades ao serem vendidas não deixaram *déficit*. Foi ultimamente restaurado por conta da província e é geralmente ocupado por amadores que representam com seriedade, às vezes notavelmente bem. O próprio empresário, português, mostrou-nos a casa enquanto sua companhia ensaiava. O interior é disposto no estilo democrático dos Estados Unidos, aqui geralmente adotado. Todas as filas são abertas, havendo um único camarote, o do presidente da província, em frente ao palco. Eu prefiro muito essa disposição ao costume europeu de separação entre baias e assentos; o aspecto é mais agradável e há melhor ventilação, que é sempre uma grande preocupação. Além disso a civilização aqui não

exige que os bem vestidos se mantenham à parte, nem é o vestuário que distingue quem é santo de quem é casquilho.

Para o extremo sul do teatro fica o velho *Tyburn*, o morro da forca.⁴³ Foi nivelado por uma quantia, dizem, de dez contos (£1.000) para uma projetada Exposição Industrial que resultou num malogro. O lugar deve ser visitado pelo belo panorama que daí se goza. Daí caímos na rua de Santa Quitéria, execrando a ladeira e seu abominável calçamento, e, finalmente, a rua dos Contos traz-nos ao ponto de partida.

Durante nossa curta estada em Ouro Preto, uma visão da sociedade deixou-nos muitas impressões agradáveis e dificilmente podemos compreender os viajantes que dizem não ser ela do gênero a que estamos acostumados.

Ouvimos muitas *modinhas* numa festa musical oferecida pela família do ex-secretário do governo José Rodrigues Duarte que fui encontrar, depois, no rio das Velhas. Travei também conhecimento com o Dr. Antônio de Assis Martins⁴⁶, membro da secretaria do governo e co-editor do *Almanaque de Minas*. Apesar de conservador era auxiliado pelas autoridades liberais, pois, realmente, tais trabalhos merecem não só a atenção local como a geral. Eles representam aqui aquelas publicações das sociedades históricas, sempre florescentes nos estados da União Americana do Norte, e demonstram ao velho mundo que o novo, apesar de se preocupar com o futuro, não esqueceu o passado. Nos tempos que virão o historiador extrairá deles um auxílio incalculável.

Os sentimentos partidários são intensos em Ouro Preto, como eram entre nós no tempo em que até as erianças de cueros eram interpeladas sobre se eram por Pitt ou por Fox. Uma palavra sobre esse assunto, tão importante no Brasil. Os europeus e estrangeiros que, ansiosos por fazer fortuna, detestam toda excitação que possa prejudicar o mercado monetário, são muito severos para com a “árida e amarga política” da terra.⁴⁷ Eles nunca se lembram de que a agitação causada pelo partidatismo é uma fase pela qual todas as sociedades e governos jovens devem passar, como pela mocidade ardente cada indivíduo. “*Un peuple nouveau, positif par conséquence*”, tem que prover as suas necessidades materiais, estabelecer a ordem civil e garantir a vida e a propriedade; poderá ser levado à guerra, ou passar por outras calamidades; o tempo de lazer será necessariamente consumido não na ciência ou na filosofia, os mais elevados fins da vida nas sociedades mais adiantadas, mas em funções religiosas e nos comícios em torno de questões políticas. E, de fato, são essas as

mais nobres atividades do pensamento da humanidade jovem, abrangendo todos os interesses entre o céu e a terra — *Um die Erde mit dem Himmel zu verbinden*. Nem poderia ser de outro modo. O mais vigoroso sinal de um povo jovem é a determinação de participar dos negócios públicos, negócios que as comunidades mais velhas, encontrando um maquinismo já muito complexo para a compreensão geral, preferem abandonar aos pensadores profissionais. Naturalmente essa louvável curiosidade degenerará freqüentemente em partidatismo violento e pessoal, mas ninguém condenará o bom uso de uma coisa porque pode degenerar em abuso.

Encontro no Brasil outro sintoma de forte e saudável vitalidade nacional: os homens estão sempre empenhados numa luta inexorável com o presente: não concebem o “descansa e agradece”. A isso opõem eles sempre o “seja lá o que for, está bem” ao “seja lá o que for, está mal”. De fato, não são nem otimistas nem pessimistas. Eles não têm noção de “finalidade” como os nova-yorquinos. Gostam de moer e remoer as coisas sossegadamente. Não são ainda, e felizmente,

*Homens de retemperadas esperanças
E desinteressados do que o tempo lhes trará.⁴⁸*

Se o infanticídio fosse infelizmente usado aqui — ele é tão raro como na Irlanda — eles encontrariam um meio de extingui-lo. Querem educar seus filhos, mas não à moda dos países em que os médicos políticos deixam morrer o doente enquanto discutem o modo de salvá-lo e que remédio deve ou não deve ser ministrado. Emanciparão suas mulheres⁴⁹ convertendo-as em pessoas. Tomam medidas contra o pauperismo e estudam os meios de elevar as massas ao alto nível da Prússia e da Bélgica. Modelarão o exército brasileiro pelo francês e não manterão um exército de farsa (*sham-army*) ou um exército de desertores. Tomarão como padrão de sua marinha a dos Estados Unidos, não os *monitores*, e assim por diante.

Há tudo que esperar de uma raça com preocupações de progresso em direção a tão alto ideal. Nos últimos anos na Inglaterra tem sido moda de vários antiintelectualistas fazer pilhéria a respeito das *idéias*.⁵⁰ E, contudo, eu perguntaria: que palavra exprime melhor a supressão do tráfico dos escravos e a sua expressão — a Esquadra sentimental ou defunta? Que é senão uma idéia o mandar milhares de missionários levando o *pão da vida* às fornalhas da Ásia, África, América e Australásia, enquanto as crianças do Reino morrem de fome em suas próprias casas? Pelo mesmo princípio um agudo observador descobriu que Napoleão Bonaparte sempre falou em *glória*,

ao passo que Arthur Wesley usava invariavelmente a palavra *dever*. Nenhuma medida mais exata da diferença entre os estados mentais do exilado de Santa Helena e o dono de Apsley House pode ser imaginada. O dever foi imediatamente entronizado, senão deificado. Era real, sólido, prático, inglês (o que na maior parte das vezes quer dizer rotineiro), enquanto a glória era romântica, petulante, frívola — francesa. A consequência foi o exagero dos males que Bacon⁵¹ e Locke involuntariamente produziram às doutrinas extremistas legadas com todas as suas vantagens ao nosso espírito nacional. Daí a ponta de verdade que existe na tão citada expressão “país de mercadores” que tanto nos choca.

A visão unilateral da vida faz com que os olhos digam às mãos: não preciso de vós. E, pior ainda, abaixa indevidamente o nível do pensamento, satisfazendo os homens com objetivos modernos e tangíveis, ordenando ao espírito que caminhe até ali, e não além. Pois que é a glória bem entendida senão o dever bem cumprido e honradamente reconhecido pelo mundo? E não é pela segura e laboriosa vereda da realidade que se atinge o templo da idealidade?

Notas ao capítulo XXXVI

1. N.A. *House of Millions*. Este nome foi dado pelo povo nos tempos em que o ouro era aqui armazenado.
2. N.T. João Rodrigues de Macedo, o maior banqueiro do país no último quarto do século XVIII, teve os bens de seu contrato seqüestrados pelo fisco em 1797, ano em que o governo da capitania passou do visconde de Barbacena para Bernardo José de Lorena. A Casa dos Contos, até 1793 conhecida como Casa dos Reais Contratos de João Rodrigues de Macedo, é uma das mais belas residências particulares de Minas, cuja construção se estendeu de 1782 a 1784, com obras acessórias que ainda estavam em curso em 1786. Morreu em 1807 no Turvo (atual Andrelândia) regressava de São Paulo de Sapucaí para Barbacena, onde passara a morar depois de privado de seus bens em Vila Rica. Não estava *pobre* porque as lavras de São Gonçalo, que arrematara ao Fisco para auxiliar D. Bárbara Heliodora, viúva de Alvarenga Peixoto, cuja meação no espólio seqüestrado ao marido Barbacena mandara respeitar, haviam prosperado sob sua administração. Macedo teve vários imóveis em Vila Rica até 1797, inclusive uma chácara no Passadez que, em 1808, teve parte de suas terras convertidas em Jardim Botânico, e o sobrado que Burton chama de «Casa do Comendador», na rua São José.

A descrição da Casa dos Contos refere-se ao edifício já acrescentado pelo Tesouro Provincial nas obras realizadas de 1840

a 1842. A porta do quarto, convertido em cela nobre, para receber o prisioneiro Cláudio Manuel da Costa, ali recolhido em 25 de junho de 1789, foi murada com alvenaria nas referidas obras e apenas redescoberta na restauração processada no edifício em 1972. Dai a lenda de que Cláudio fora encafuado no vão debaixo da escadaria monumental, espaço insuficiente até para receber uma cama. O mito do assassinio, nas suas diversas versões, não tem consistência, contraditório que é nos mínimos detalhes. Foi criado em 1864, pouco tempo antes da passagem de Burton por Vila Rica, pelo *Almanaque sul-mineiro*, quando se rearticulava já o Partido Republicano, que precisava de mártires, vítimas do monarquismo benévolo de Dom Pedro II. Tiradentes e Cláudio tiveram suas imagens reavaliadas historicamente, constituindo eles a safra imediata dos sacrificados pelo regime colonial.

3. N.A. Caixa Filial do Banco do Brasil. O capital foi, desde o principio e continua a ser, de 100:000\$000 (i. é £ 10.000) em notas do Banco do Brasil. Teria muito gosto em dar mais detalhes sobre esse assunto. Infelizmente o tesoureiro prontificou-se, com a maior presteza, a fornecê-los e, com igual presteza, deixou de fazê-lo.
4. N.T. Não tem razão o autor na sua critica. O que está gravado no chafariz é o seguinte:

*Is quae potatum cole geno pleno ore Senatu
Securi ut sitis nam facit ille sitis*

Ou a inscrição estava suja, não permitindo boa leitura, ou o viajante confundiu suas notas no momento da redação.

5. N.A. Ou «Praça Pública». Há cinco largos, no sentido inglês, não no do francês, simples alargamento de ruas. Desses últimos há 25.
6. N.A. A tradição diz que a cabeça do heróico Tiradentes esteve exposta neste lugar, o que não é exato. O Dr. Múzzio diz-me que o capitel será encimado por um índio quebrando as cadeias, simbolo adotado pelos inconfidentes.

N.T. O primeiro monumento, erigido por subscrição pública por iniciativa do presidente da provincia Saldanha Marinho [1865-1867], não passou realmente de uma coluna. Lê-se em Aurélio Pires: *Homens e fatos de meu tempo*, São Paulo, Ed. Nacional, 1939, col. Brasiliana, p. 198: «A 21 de abril de 1894 inaugurou-se em Ouro Preto, na praça da Independência, com pompa adequada ao ato, a majestosa estátua de Tiradentes, obra do artista italiano Virgilio Cestari.» «Quase no mesmo lugar havia uma modesta coluna de pedra, comemorativa da mesma tragédia e erecta 27 anos antes pela piedade mineira que se cotizara para tal fim. Tal coluna foi demolida nas vésperas de inaugurar-se a suntuosa estátua.» A propósito desse ato que Aurélio Pires considera um «sacrilégio», escreveu Francisco Sá um protesto (transcrito pelo autor). «Eras um monumento sagrado», diz o protesto, «sacrilégio, demoliram-te, vandalismo, espedaçaram-te».

7. N.T. José Basillo da Gama em seu poema *O Uruguai* celebra realmente Alpoim como mestre de balística do curso de artilharia que funcionava no Rio de Janeiro:

*Vês o grande Alpoim, este o primeiro
Que entre nós ensinou por que caminho
Se eleva nos céus a curva bomba.*

8. N.T. A Assembléia Legislativa Provincial instalou-se no local antes ocupado pela Santa Casa de Misericórdia, então deslocada para o bairro das Cabeças, primitivamente as pastagens em que se contavam as cabeças de gado destinadas ao abate para aproveitamento dos açougues de Vila Rica.
9. N.A. A antiga Bastilha ficava no meio da Praça. Dela não resta mais nenhum vestígio.
N.T. O edifício, projetado pelo Fanfarrão Minésio (Luís da Cunha Meneses) para a Câmara e Cadeia, foi completado com a ala esquerda (lado de Antônio Dias) em 1840-1842 pelo empreiteiro e capitão-mor José Bento Soares, «senhor de Manso», que se intitulava proprietário da fazenda de Manso do Itacolomi.
10. N.A. O material é o xisto micáceo quartzoso, que tem como base o xisto micáceo com argila xistosa intercalada. Alguns viajantes referem-se a uma base de gnaiss que, entretanto, não pude verificar.
11. N.A. Prevalece no momento uma exagerada economia de sacerdotes, só se permitindo um terço da lotação para cada igreja. O padre França, por exemplo, que era ao mesmo tempo capelão da Polícia e também atendia à Penitenciária, foi demitido em 1866. Dizem que ele ganhava um salário de 1:400\$000 por ano para dizer missa de quinze em quinze dias. Caldclough menciona apenas doze igrejas.
12. N.A. O nome traz à lembrança «A Vaca e o Bezerra», em Ben Rhyding, que não tem direito ao nome «Ben». Mas como é suave o nome inglês quando comparado ao seu correspondente índio.
N.T. Ben Rhydding é nome de um monte perto de Ilkey, em Yorkshire, na Inglaterra, composto de duas pedras desiguais.
O nome Itacolomi se deve à toponímia dos primitivos habitantes da área, os índios Cataguases, da nação tupi. No poema *Vila Rica*, Cláudio Manuel da Costa converte o nome tupi em «Itamonte», gênio guardião das minas de ouro, simbolizado no monolito, não obstante de menor altitude que o «ventre da mãe terra» relevo adjacente e de que parece nascer. Cremos que a denominação tupi nada tem que ver com o monolito menor que acompanha o Itacolomi propriamente dito (*ita-curumi*, pedramenino, ou melhor menino da pedra.)
13. N.A. As duas primeiras partes do poema pastoril de Gonzaga («Amores e saudades») são intituladas *Dirceu de Marília*, i. é. «de Marília e Dirceu» e são falsamente atribuídas à moça. Representam, porém, simples eco e resposta às três partes seguintes, intituladas *Marília de Dirceu*. Acredita-se geralmente que repre-

sentam uma impostura do editor e uma indigna mistificação. Marília talvez em sua vida nunca tenha escrito uma linha de poesia, ou talvez mesmo em prosa.

«Marília» é evidentemente «Amaryllis» e, por isso, o conhecido latinista brasileiro Dr. Antônio de Castro Lopes traduz a primeira estância da *Lira*:

*Eu, Marília, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado*

por

*Rusticus, haud, Amaryllis, ego, nec sole, geluque
Torridus, alterius qui servem armenta, bubulcus.*

N.T. Antônio de Castro Lopes: «Amaryllis: égloga latina, tradução da primeira lira de *Marília de Dirceu* de T. A. Gonzaga.» Ocorre em *Musa latina*, coleção das liras de «Marília de Dirceu» traduzidas para versos latinos. Rio de Janeiro, 1868.

Burton recolheu em Ouro Preto um conjunto de tradições relativas à Inconfidência que dão lugar a várias observações.

O êxito literário de Gonzaga deu lugar não apenas a falsificações de liras, mas a uma 3.^a parte apócrifa, por parte de editores inidôneos, confessadamente composta por José Elói Ottoni. V. a edição na oficina de Joaquim Thomaz de Aquino Bulhões. Lisboa, 1800.

Quanto às produções atribuídas a Marília são efetivamente uma contrafação pouco discreta de Joaquim Norberto de Sousa Silva na edição preparada para a livraria Garnier, no Rio de Janeiro. Poetando com má qualidade fracas liras, que «sugeriu» serem de autoria de Marília, sem afirmá-lo positivamente, cometeu uma fraude que não honra seus méritos como pesquisador. V. «*Marília de Dirceu*. Liras de Tomás Antônio Gonzaga...», Rio de Janeiro, Garnier, 1884».

Outro sincretismo mítico é o da presença do ermitão do Caraca no Palácio da Cachoeira. O ermitão fora, anos antes, incriminado por críticas imprudentes a propósito da expulsão dos jesuítas. (V. Silvío Gabriel Dinis: *A inconfidência de Curvelo* Belo Horizonte, s.d.)

Marília de Dirceu, a heroína consagrada de Gonzaga, chamava-se realmente Maria Dorotéia Joaquina de Seixas. Era morena, de cabelos pretos. Gonzaga tivera anteriormente por amante, em Vila Rica, D. Maria Joaquina Anselma de Figueiredo, que o trocou pelos amores do Fanfarrão Minésio. Esta era loura e foi objeto da maioria das liras de Gonzaga na fase de Vila Rica, em parte ajustadas pelo poeta à figura da morena. O que pareceu uma contradição de Dirceu, alterando a realidade, foi antes a ignorância biográfica dos críticos da maior obra lírica do ciclo do ouro no país, como as *Cartas Chilenas*, consideradas por Gonzaga como poema épico-satírico; segundo sua própria classificação numa das liras, foram a melhor no gênero em toda a literatura luso-brasileira. A Marília oficial só foi noiva de Gonzaga em 1789, com casamento previsto para fins de maio de 1789.

Tinha então 17 anos e o poeta 44, o que mostra que o romantismo era unilateral, pois Marília só tomou conhecimento de seu papel como heroína de um grande poeta, depois de 1793, quando a edição da obra em Lisboa atingiu Vila Rica. Segundo investigações de Tarquínio J. B. de Oliveira, em 1793, teria ela dado à luz, na Fazenda do Manso, propriedade de seu cunhado Valeiriano Manso da Costa Reis, a Anacleto Teixeira de Queiroga, gerado pelo nobre comerciante e contratador Manuel Teixeira de Queiroga. Foi seu único filho, e logo confiado, como exposto, ao trato de Manuel de Ulhoa Cintra. O menino foi mais tarde reconhecido pelo pai, mas permaneceu sempre como «filho de mãe incógnita», que, no entanto, não só lhe pagou toda a educação no Rio de Janeiro, como ainda fez dele seu herdeiro único e universal. A irmã Emerenciana teve seus próprios filhos exclusivamente do primo Carlos José de Melo, que acabou unindo-se a ela em matrimônio legitimando-os a todos sem qualquer referência a Anacleto. Tomás Brandão dedicou excelente livro a concentrar em Emerenciana os «pecados da carne», negando ser Marília a mãe do Dr. Queiroga. (*Autos de devassa da Inconfidência Mineira*, 2.^a ed. Brasília — Belo Horizonte, 1976, p. 222) V. Thomaz Brandão: *Marília de Dirceu*. Belo Horizonte, 1932.

14. N.A. O mesmo afirma o visconde de Barbacena em 23 de maio de 1789. Além disso são bastante conhecidas as armas da família. N.T. O avô de Marília, Bernardo da Silva Ferrão, era soldado raso em Portugal. Chegou a tenente-general de ordenanças depois de imigrado para o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nobreza de sangue da terra e não de estirpe brilhante. Os filhos do general ilustraram o clero português, assim como as armas e os cargos civis em Minas. Família importante embora sem sangue azul.
15. N.A. Tenha o leitor em mente que tudo isso não passa de mera tradição local. Registro-a por causa de sua larga difusão na consciência popular.
16. N.A. Isso certamente não figura na Correspondência Secreta do visconde de Barbacena com o vice-rei Luís de Vasconcelos. O cronista franciscano supracitado defende Barbacena curiosamente, afirmando que «ele nunca foi culpado de extorsões e governou Minas como Calígula governou Roma».

N.T. A tradução do autor é confusa. O que se lê na memória de frei Raimundo de Penaforte é: «ele não fez extorsão alguma nem governou Minas Gerais como Calígula Roma» *Rev. do Instituto Histórico e Geogr. Brasileiro*. T. 44, 1.^a, p. 172.

17. N.T. No exílio em Moçambique Gonzaga contraiu casamento com Juliana de Sousa Mascarenhas, herdeira da casa mais opulenta local. (V. *Obras Completas* de Gonzaga. Ed. crítica de M. Rodrigues Lapa, Rio de Janeiro, M.E.C., Inst. Nac. do Livro, 1957, I, XXX).

Por sua vez Marília não pôde ocultar sua infidelidade. O Dr. Anacleto Teixeira de Queiroga formado em Medicina no Rio de Janeiro foi nomeado, após a morte de Marília, cirurgião-mor do Regimento de Cavalaria de Linha em Vila Rica, onde faleceu. O

Jornal do Comércio do Rio de Janeiro deu a notícia de seu falecimento na qualidade de «filho de Marília», i. é., de D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas.

N.A. Isso compromete seus direitos ao título de Heloísa. O jovem e pranteado autor A. P. Lopes de Mendonça (*Memórias de Literatura Contemporânea*, Lisboa, Tip. do Panorama, 1855, p. 375) é injustamente severo em relação a Marília, não pela sua infidelidade, mas por ter ela alcançado a idade de 84 anos. «Esse homem», diz ele, «esse poeta, essa alma terna, esse coração apaixonado, esse republicano austero (?), essa vítima ilustre, esse mártir do amor e da pátria, viveu quinze anos desterrado em Moçambique, longe dela, longe da noiva a que votara todos os suspiros da sua lira, todas as lágrimas, todas as mágoas do seu infortúnio e ela continuou a viver descuidosa, indiferente! e não se lembrou de o ir consolar, de ir viver, de ir morrer com ele! Ó mulheres!. Mulheres!» «E esta mulher teve coragem para viver oitenta e quatro anos!» Além disso ele suspeitava que ela usasse cosméticos.

18. N.T. Outro sincretismo mítico: atribuição de traços de D. Joaquina Anselma de Figueiredo a D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, aquela efetivamente loura e esta morena de cabelos pretos.
19. N.T. A propósito do comportamento de Marília, diz Manuel Bandeira em seu *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro, S.P.H.A.N, 1938, p. 37: «A informação do inglês [Burton] aqui é errada. E parece que no seu erro fundaram-se outros escritores que têm escrito sobre a noiva de Tomás Antônio Gonzaga, entre outros Olavo Bilac no seu livro *Crítica e fantasia*. O Sr. Tomás Brandão restabeleceu a verdade em sua obra *Marília de Dirceu*, provando ter havido confusão de Marília com sua irmã Emerenciana. Ora, comenta o Sr. Tarquínio J. B. de Oliveira, o livro de Tomás Brandão prova que os filhos de Emerenciana foram reconhecidos e legitimados por Carlos José de Melo. Mas nada adita ao fato da existência de Anacleto, filho de Manuel Teixeira de Queiroga, e nem sequer mencionado na progênie de Emerenciana. Marília, por sua vez, deixou seus bens exclusivamente a Anacleto, o que seria incompreensível se fosse sobrinho, pela exclusão dos demais.
20. N.A. *Marília de Dirceu, Liras de Tomás Antônio Gonzaga, precedidas de uma noticia bibliográfica e do juízo crítico dos autores estrangeiros e nacionais e das liras escritas em resposta às suas e acompanhadas de documentos históricos*, por J. Norberto de Sousa Silva. 2 vols., 8vo., Rio de Janeiro e Paris, Garnier, 1862. Esta edição foi severamente criticada pelo escrupuloso e operoso Dr. Melo Moraes (*Corografia do Brasil*, t. iv, p. 612, Rio de Janeiro, 1862), que acusa o editor de ter feito adições acima referidas e muitas correções inúteis e supostas emendas. Com referência à importante questão da cor do cabelo de Marília, o Sr. Norberto nota, por certo com vantagem para seu poeta, que *louro* rima bem com *ouro* e *tesouro*, citando o verso sarcástico espanhol:

*Fuerza del consonante, a lo que obligas
Que haces que sean blancas las hormigas*

O Ms. original não foi queimado por D. Maria, como geralmente se diz. Uma cópia manuscrita foi dada por sua família ao Dr. José Vieira Couto de Magalhães, atual presidente de Mato Grosso.

N.T. José Vieira Couto de Magalhães, brigadeiro honorário, foi o último presidente da província de São Paulo no Império.

21. N.T. A placa comemorativa na casa que pertenceu a Cláudio e que no século XIX passou à propriedade do Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos, passando deste ao ministro do Império Bernardo Pereira de Vasconcelos, foi modestamente aposta à fachada por ato do prefeito de Ouro Preto Dr. Alberto Casam, em 1979, ano 250.^o do nascimento e 190.^o da morte de Cláudio, efemérides quase despercebidas da intelectualidade brasileira atual. O nome pastoril de Cláudio Manuel da Costa, Glauceste Saturnio, reflete bem seu temperamento depressivo. *Glauceste* é o misantropo de Molière, e Saturnio reforça o autojulgamento, pois significa triste, i. é, de génio saturnino.

22. N.A. Walsh, II, 214.

23. N.A. Alvarenga ou Alceu, nome pastoril que lhe dava Cláudio chamando-o de primo. Nascido no Rio de Janeiro em 1748, estudou em Coimbra e serviu à Coroa, como magistrado, em Sintra. De lá voltou em 1776 e passou a ser ouvidor na comarca do Rio das Mortes. Preferiu, entretanto, retirar-se para o campo e escreveu versos que eram altamente apreciados pelo gentil e liberal vice-rei marquês do Lavradio. Embora casado, com quatro filhinhos, sacrificou nobremente a felicidade doméstica ao apelo da pátria e dos amigos. Foi condenado à morte em 18 de abril de 1792, tendo a sentença comutada, em 2 de maio, para o exílio perpétuo, com confisco dos bens e declaração de infâmia para os descendentes até a segunda geração. Desembarcou em Ambaca (Angola) com o coração despedaçado e de cabelos brancos. Contando apenas 44 anos, aí faleceu, em princípios de 1793. Uma ode dedicada a D. Maria I, outra a Pombal e uma terceira em honra de sua *Alma Mater*, Coimbra, são admiradas pela sua musicalidade, fluência de rima e abundância de belezas tranqüilas. Por muito tempo serão citadas em cursos de literatura e crestomatias. O *Parnaso Brasileiro* (I, 322-339) dá copiosos extratos de suas outras composições.

N.T. V. para atualização dos dados sobre Alvarenga Peixoto a obra de M. Rodrigues Lapa: *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1960. Cláudio Manuel da Costa era filho de Teresa Ribciro de Alvarenga, filha de paulistas da melhor cepa.

Dotado de talento poético ímpar, Alvarenga Peixoto foi, entretanto, muito pouco produtivo. Nem se pode dizer que fosse filósofo, salvo no sentido de iluminista, como se usou no século XVIII. Tendo dissipado a maior parte da herança paterna enquanto estudou em Coimbra, exerceu a magistratura em Sintra (juiz-de-fora), mostrou-se pouco cuidadoso como ouvidor do Rio das Mortes, abandonando a carreira ao completar-se o triênio, para

atirar-se avidamente à exploração de fazendas e lavras adquiridas em São Gonçalo de Sapucaí, de maneira discutível. Contraiu enormes dívidas, que nem sempre pagava regularmente. Angariou, contudo, boa fortuna, cuja meação livre o visconde de Barbacena mandou garantir a Bárbara Heliodora, sua mulher. Degradado para Ambaca e tratado desumanamente pelo governador e capitão-general de Luanda, que o remeteu, aos poucos dias de chegado, para o presídio de Ambaca, faleceu de febres malignas em agosto do mesmo ano de 1792. Foi o primeiro inconfidente falecido no degredo. A notícia só foi conhecida em Minas no início de 1793.

24. N.A. Já nos referimos a ele no cap. II.

N.T. Manuel Inácio da Silva Alvarenga, professor de retórica no Rio de Janeiro, era protegido do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, seu consócio na Academia Real das Ciências de Lisboa, e animador da Sociedade Literária do Rio de Janeiro, sociedades marcadas pelo sentido iluminista e suas atividades. O visconde de Barbacena, baseando-se em alusão de Francisco Antônio de Oliveira Lopes e Domingos Vidal Barbosa, pretendeu que o vice-rei o incriminasse na devassa da Inconfidência Mineira, porém nada obteve contra o patriota, vítima, mais tarde, do furor repressivo do conde de Resende, voltado para a extinção da Sociedade Literária. Os Autos de Devassa da chamada conjuração carioca estão publicados nos *Anais da Biblioteca Nacional*, v. LXI, 1939, p. 239.

25. N.T. Domingos Vidal Barbosa estudou na Faculdade de Medicina de Montpellier, onde conviveu com José Joaquim da Maia (nela doutorando) passando no ano seguinte (1787-88) para a faculdade de Bordéus. É pouco provável que tenha chegado a diplomar-se, pois regressou ao Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em setembro de 1788, recolhendo-se à propriedade da família em Juiz de Fora em outubro. Em 1789, fevereiro e março, confirmaria ao primo Francisco Antônio de Oliveira Lopes e a José de Resende Costa Filho as notícias do apoio americano, assegurado por Jefferson, e dos comerciantes de Bordéus à eventual independência do Brasil. O visconde de Barbacena procurou tentá-lo com prêmios a incriminar Silva Alvarenga e outras pessoas do Rio de Janeiro. Ante a negativa, mandou prender e processar o jovem médico. No degredo parece ter sofrido perturbações mentais, falecendo em 1793 na ilha de São Tiago, convento de São Francisco da Cidade (Ribeira Grande). Seu nome completo era Domingos Vidal de Barbosa Laje. Sua participação na Inconfidência foi modesta, em nada se justificando a pena de morte, abrandada na revisão do acórdão pela Alçada.

26. N.A. *Aquí um lenço*

Eu te bordava (Part. I. «Amores», *Lira 10*)

Essas palavras referem-se ao poeta, mas o auto-editor transferiu-as para a boca de Marília.

N.T. Gonzaga, solteiro e másculo, está longe da conotação que supõem os que tomaram o *hobby* de alfaiate como atributo de feminilidade. É bem provável que o utilizasse como disfarce

de suas atividades políticas, disfarce que não iludiu os que o conheceram. Passou o cargo de ouvidor-geral de Vila Rica ao desembargador Pedro José de Araújo Saldanha a 7 de setembro de 1789, só então requerendo ao Desembargo do Paço (de Lisboa) licença para contrair casamento com D. Maria Joaquina Dorotéia de Seixas. Já não tendo jurisdição na comarca, não a necessitava. A proibição legal era de que os ministros contraíssem vínculos de família ou de propriedade na área jurisdicional, medida preventiva a garantir plena isenção na administração da justiça.

Nasceu no Porto, freguesia de Miragaia, em 11 de agosto de 1744. Porém, consoante os critérios do tempo, sendo filho e neto de brasileiros, era tido como brasileiro. Aos 7 anos de idade, órfão de mãe, acompanhou o pai, ouvidor-geral no Recife por um triênio e, depois, na Mesa da Alfândega da Bahia, passando a «flor da idade», até os 17 anos, no Brasil. Terminado o curso na Universidade de Coimbra, candidatou-se ao magistério na Faculdade de Leis, sem êxito, pois seu trabalho sobre o Direito Natural defrontou-se com o faro arguto e regalista do marquês de Pombal, do que resultou a estagnação da carreira paterna na Relação do Porto e o ostracismo de Gonzaga em relação a qualquer carreira pública. Caído o marquês, o pai pôde ser promovido à Suplicação de Lisboa e Gonzaga, habilitado no Desembargo do Paço, foi provido no cargo de juiz-de-fora de Beja por um triênio. Terminado o triênio mereceu a ouvidoria geral e corregedoria da capital de Minas Gerais, com o título de desembargador, honraria que bem significa o elevado apreço angariado por sua inteligência, cultura e idoneidade. Serviu em Vila Rica de 10 de dezembro de 1782 a 7 de setembro de 1788, dois triênios praticamente, em franca e aberta oposição a Luís da Cunha Meneses, empossado no governo de Minas Gerais a 23 de outubro de 1783 e que o passou ao visconde de Barbacena em 11 de julho de 1788. Vê-se que seu «próximo casamento» com Marília não o atrasou por dois ou três anos, como afirma o autor, pois remontaria o noivado no máximo a fins de 1787.

Para compreensão das discordâncias do pensamento de Gonzaga em seu *Tratado de Direito Natural*, com que pretendeu ingressar no magistério, e os princípios do pombalismo dominantes, leia-se o ensaio de Lourival Gomes Machado, *O Tratado de Direito Natural de T.A.G.* Rio de Janeiro, M.E.C., Serv. de Documentação, 1953.

27. N.A. Vol. II, parte 3, Lira 3.
28. N.A. Vol. II, parte 2, Lira, 7.
29. N.A. A mão esquerda de quem desce. Era a antiga residência dos ouvidores e é hoje uma repartição da Polícia.

N.T. O «mascarado» de Vila Rica, de 17 de maio de 1789, é fato comprovado e autêntico. Dos que se reuniram em almoço na casa de Gonzaga (denominado jantar na época) só Gonzaga foi preso na manhã seguinte (sábado, 23 de maio de 1789), sendo logo levado para o Rio de Janeiro sob escolta. Os convidados eram Cláudio Manuel da Costa, intendente Bandeira, dois padres (José

Martins e o capelão pessoal de Gonzaga) e, sem convite, o desembargador Saldanha e o ouvidor de Sabará José Caetano César Manitti. Efetivamente apenas Cláudio seria havido por inconfidente e ainda assim na segunda repressiva, iniciada em 23-25 de junho.

30. N.A. Spix e Martius fazem-no erroneamente ouvidor em São João d'El Rei.

N.T. A redação é confusa. Os presos remetidos para o Rio de Janeiro (Gonzaga, padre Toledo e Alvarenga Peixoto) ou lá feitos (Tiradentes, Joaquim Silvério dos Reis e outros não implicados na Inconfidência) foram recolhidos à fortaleza da ilha das Cobras. Somente depois da devassa em Minas dos ministros da Devassa do Rio de Janeiro, designados pelo vice-rei e em tudo dificultados pelo visconde de Barbacena, é que se fizeram esporádicas remessas de novos suspeitos, os quais ficaram presos na cadeia da Relação (local da Câmara dos Deputados posteriormente) e outros locais. Gonzaga chegou ao Rio de Janeiro como prisioneiro a 5 para 6 de junho de 1789 e foi embarcado para Moçambique com outros seis companheiros a 21 de maio de 1792. Considerando que o barco só podia sair do Rio de Janeiro com ventos favoráveis a 23 de maio de 1792, foram três anos de prisioneiro (1.095 dias), porém: não de cárcere (1.076 dias). Gonzaga supôs-se denunciado por dois inimigos contra quem procedera judicialmente por delitos comuns em Minas: o capitão José de Vasconcelos Parada e Sousa (Padela, nas *Cartas Chilenas*) e Basílio de Brito Malheiro do Lago. Em verdade seu primeiro denunciante e maior inimigo foi Joaquim Silvério dos Reis. Seu degredo efetivo foi para a capital de Moçambique, com apenas meio-confisco e prazo de dez anos, penas bastante módicas se comparadas com as de outros inconfidentes. O local do degredo, longe de insalubre, foi descrito pelos companheiros como uma pequena ilha paradisíaca, com belos edifícios públicos e clima ameno. Foi recebido fraternalmente e hospedado pelo ouvidor, que deixou o cargo em suas mãos e partiu para Portugal sem esperar sucessor nomeado pela corte. Perfeitamente sadio, casou-se, enriqueceu no comércio, exerceu os mais altos cargos de provimento local deixou descendência e morreu em 1810 (fevereiro). Seu patrocínio foi altamente benéfico para os companheiros de exílio. O mais jovem deles, Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, no ano de sua morte era cirurgião-mor do Regimento Regular de Moçambique e certamente foi quem o assistiu nos últimos momentos. Não cabe dúvida de que foi o chefe político da Inconfidência, pois os autos permitem comprovar que participou do complô realizado em Vila Rica (27 de dezembro de 1788), orientou ocultamente o movimento e teve grande apreço por Tiradentes, no único documento em que pôde manifestar impunemente sua opinião: as *Cartas Chilenas*. A Inconfidência, pensa Tarquinio J. B. de Oliveira, foi realmente de Tiradentes, líder militar e popular, e de Gonzaga, o Jefferson de Minas Gerais. Sua produção poética em Moçambique terá perdido em qualidade, embora seja pouco conhecida para ser julgada em definitivo. Costumamos dar por inexistente ou mau o que igno-

ramos. Beirando os 50 anos ao chegar à África, era natural que já não fosse o vigoroso lirico de «Marília de Dirceu», ou o crítico mordaz das *Cartas Chilenas* cujo *leit-motiv* não encontraria reproduzido no ambiente moçambicano. Como Camões atingiu o máximo nos dois gêneros literários.

31. N.A. Esses interrogatórios foram datados de 17 de novembro de 1789, 3 de fevereiro de 1790, 1.º e 4 de agosto de 1791.
32. N.A. Tudo que ali escreveu está marcado pela nostalgia e revela decadência de sua inteligência.
33. N.T. Em português no original.
34. N.A. Não em 1809 como dizem os Srs. Wolf e A. P. de Mendonça. N.T. A obra de Ferdinando Wolf é de 1863. Está traduzida para o português por Jamil Almansur Haddad: *O Brasil literário (História da literatura brasileira)*. São Paulo, Ed. Nacional, Col. Brasiliana, 1955. O trecho sobre Gonzaga está à p. 107 e seguintes.
35. N.A. *Liras*, vol. II part. 2.ª, 17.
36. N.A. Por exemplo nas seguintes linhas («Epístola a Critilo»):

*Nem sempre as águias de outras águias nascem
Nem sempre de leões leões se geram;
Quantas vezes as pombas e os cordeiros
São partos dos leões, das águias partos.*

Já me referi a esta sátira, que será lida enquanto houver pomposos governadores e tolos em posições elevadas. Tem todo o mistério e muito do gênio de *Junius*. Cláudio Manuel e Alvarenga Peixoto são também suspeitos de terem ajudado a redação das *Cartas*. (Luís Francisco da Veiga, Introdução às *Cartas Chilenas*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1863.) Varnhagen em *Épicos brasileiros* (Nova ed. Lisboa, Imp. Nac., 1845), p. 401, sugere que o autor tenha sido Domingos Caldas Barbosa, que foi banido para a Nova Colônia. É costume depreciar essas cartas, mas ninguém pode afirmar quem seja o autor.

*As lições ministradas à humanidade eram poucas
E nenhuma que os pudesse tornar bons ou verdadeiros*

O Dr. Múzzio que, como disse, é notável estudioso de poesia, acredita que as cartas foram escritas pela escola mineira e que revelam o dedo de Gonzaga.

N.T. *Junius* é o pseudônimo do autor de célebres cartas aparecidas entre 1769-1773. O mais provável é Sir Philip Francis. Pela audácia, concisão e conhecimento dos meandros da política tornaram-se clássicas.

37. N.T. O *Tratado de Direito Natural* e a *Carta sobre a usura* estão incluídos na edição das «Obras Completas» dirigidas por M. Rodrigues Lapa, editadas pelo Inst. Nac. o Livro em 1957.
38. N.A. Os Srs. Monglave e Chalas preferiram prudentemente a prosa. O Sr. Ruscalla, D. Enrique Vedra e o Sr. Iffland deram-lhe uma roupagem italiana espanhola e alemã. (Ferdinand Denis:

Resumé de l'Histoire Littéraire du Brésil, cap. 5, p. 568 e Ferdinand Wolf: *Le Brésil Littéraire*, cap. 7, p. 66.)

Dos três principais poetas brasileiros nenhum ainda alcançou um país que lê milhares de rimas como estas:

*The Royal Poet has a few words to say
About the working men and the railway;
We have now got down the great Broad Gauge-
I hope it will increase our trade*

39. N.A. Não confundir com José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, primeiro presidente da província de Minas Gerais, que foi feito visconde de Caeté, um dos que em 9 de janeiro de 1822 arrancaram de D. Pedro I a famosa declaração conhecida na História do Brasil como «O Fico».

Bernardo Pereira de Vasconcelos e sua irmã eram conhecidos pelo povo como Júpiter e Juno.

N.T. Bernardo P. de Vasconcelos, fundador do Partido Conservador, foi o maior construtor da vida parlamentar, consolidador das instituições imperiais. Impiedoso na oratória, granjeou grandes inimigos que não titubearam em recorrer à calúnia. Jamais temeu adversários. Não admira, pois, que em falta de lei que proteja a privacidade do cidadão, fosse vítima de infames acusações. D. Dioguina, sua irmã, foi uma enfermeira devotada e constante. Mas os inimigos viram no fato um caso de incesto. Sobre a figura do grande político o melhor trabalho é o de Otávio Tarquínio de Sousa; que figura no vol. 5.º da *História dos fundadores do Império do Brasil* em 2.ª edição. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957.

40. N.T. Dioguina e não Dioga.
41. N.T. No original está D. Jerônimo Maxiano Nogueira Penido. Dr. Jerônimo Máximo Nogueira Penido, natural do Rio de Janeiro, foi político no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, sendo eleito deputado por esta província.
42. N.T. Antônio Dias de Oliveira, taubateano, descobridor de Ouro Preto. F. A. Carvalho Franco: *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo. Com. IV Centen. 1953.
43. N.A. Informaram-me que na terceira catacumba do lado da epístola, espécie de jazigo de família. Ultimamente, ao ser aberto, apareceu um crânio atribuído a D. Maria, mas evidentemente aquele não pertencera a uma octogenária.
44. N.T. Não surpreende a opinião de Burton sobre o barroco brasileiro, que encontrou imenso obstáculo no gosto artístico de franceses e ingleses. A mudança da capital, em 1897, de Ouro Preto para Belo Horizonte, deixou a velha cidade marcada pela sensação de ser uma «velharia» sem valor. Foi necessário o transcurso de meio século para despertar no país o senso do valor do maior patrimônio da história e da arte no continente. Ainda nos dias atuais o estudioso se choca com a incúria diante das riquezas quase desprezadas.

45. N.A. O pelourinho destinava-se aos açoitamentos, exposições de membros e outras penas menores.
46. N.T. No original está D. Antônio de Assis Martins. Dr. Antônio de Assis Martins, depois visconde de Assis Martins, publicou nos anos de 1863, 1864 e 18770, um utilíssimo *Almanaque administrativo civil e industrial da provincia de Minas Gerais*. Foi senador pela sua provincia.
47. N.A. A agradável operação, chamada na intimidade de «mostrar suas próprias faltas», em nenhum lugar é tão bem aceita como no Brasil. Não há nada que o estrangeiro não possa atacar, desde que o faça com espírito amigável e não pelo simples prazer de criticar.
48. *Men of long enduring hopes
And careless what the hour may bring*
49. N.A. Numa época em que o bom-senso está a exigir a independência política das mulheres na Inglaterra, é curioso ler um velho livro: *As viagens de Mirza Abu Taleb Khan (Travels of Mirza Abu Taleb Khan, 1779-1803)*, Londres, Longmans, 1814) mostrando a superioridade da liberdade do sexo entre as raças muçulmanas. É uma narrativa admirável em face da idéa vulgarmente generalizada de que a mulher asiática é uma escrava. Prova que ela tem, sobre sua irmã européia, a imensa vantagem da direção dos filhos, dos bens e dos criados, e uma verdadeira liberdade, apesar da aparente reclusão que, para as mulheres modestas, é sempre voluntária.
50. N.A. Está claro que isso não se aplica aos que sabem pensar. «As revoluções não são invencíveis realmente, senão quando se tornam movimentos rebeldes por uma idéia.» diz Sir J. Stuart-Mil com profunda verdade.
51. N.A. Um conhecido escritor de nossos dias informa gravemente que os processos de Bacon «são os únicos meios de se adquirirem conhecimentos».

CAPÍTULO XXXVII

O PICO DO ITACOLOMI

Pelos íngremes trilhos tortuosos
Da Serra Altiva, que os Cabeços ergui
Calvos, arrepiados.

Joaquim Norberto de Sousa Silva

A tardinha do último dia, densos e pesados nevoeiros, surgindo das terras baixas, subiam para o pico. Todos acharam que era sinal de frio, até mesmo de geada. Eu, porém, e com razão, previ chuva. Pesados aguaceiros caíram durante a noite inteira, com pequenos intervalos e a manhã surgiu nebulosa. O nosso guia devia ser o Sr. José da Costa Lana, empregado do comendador. Na opinião dele os caminhos de barro ou ruas de pedra deveriam estar muito escorregadios, e os farrapos de nuvem avermelhados que encobriam o pico iam impedir a vista. Resolvemos, porém, tentar. Cerca de oito horas da manhã encontramos-nos na estrada de Mariana.

Viramos, então, para o sul e dirigindo-nos ligeiramente para leste, encontramos a igrejinha do padre [João de] Faria [Fialho], outro antigo desbravador. Um belo cruzeiro de pedra fica-lhe à frente. Abaixo jaz a mina do Padre Faria, agora cheia de entulho. Data da primeira idade de ouro de Minas. Os “antigos” tiveram que lidar com um minério muito duro, mas a posição no flanco do morro permitia a lavagem sem necessidade de muitas bombas. Por isso o Sr. S. Ollivart, de Ouro Preto, propõe-se a explorá-la por meio de uma companhia. O veio aurífero principal dirige-se para o norte e os ramos laterais formam zigzagues em todas as direções. O material é a “carvoeira” ou rica jacutinga, pedra mulata (adulária), feldspato contendo ouro, ora visível, ora não, manchas e pequenas massas compactas de piritas arsênicas finamente disseminadas. O metal precioso é também encontrado em panelas e em cavidades chamadas *formigueiros*. Pela análise encontra-se um quilate de 23 e 23,3 e a perda no tratamento era de 5%.

Volvendo para a direita atravessamos um espigão e caímos no vale do Funil. Sobre a torrente que se arroja numa grota funda há

uma ponte com o parapeito caído ao solo. Há aqui uma pequena cascata que talvez mereça seu poético nome de "Cachoeira de Sintra".¹ Depois de um longo cotovelo para leste orientamo-nos para oeste e começamos a rude subida. Logo avistamos um amontoado de casas que reconhecemos como sendo Passagem. Mariana e sua pitoresca bacia estavam ainda escondidas por uma colina. Depois, porém, de um quarto de milha de cavalgada para a esquerda, surgiu numa visão panorâmica. Há uma subida da cidade episcopal que é considerada como uma espécie de garganta e que muita gente ignora.

Nestas alturas cruzamos com sujeitos armados de pistolas ocultando-se na mata. Escapavam provavelmente ao recrutamento. No Brasil, onde as léguas são muitas e os homens poucos, o povo está sempre pronto a seguir o preceito de Montesquieu: "Se te acusarem de haver roubado as torres de Notre Dame, foge imediatamente." Aqui *miscrum est deprensi*, não só por esse pecado, mas por qualquer falta. Havia dois lugares que consistiam em meras prateleiras de pedra com calhaus soltos, sobre os quais os burros tiveram de saltar como cabritos. A vegetação rareava à medida que subíamos e o solo estava coberto de sumarés e outras bromeliáceas que poderiam ser comparadas às *arbres des voyageurs* de outras regiões: um exemplar em desenvolvimento completo fornece cerca de meio litro de água, colhida entre o caule e a base das folhas. Quando fresca é pura, sã e sem gosto vegetal, mas não chega a ser um néctar. Depois de alguma seca torna-se turva, com depósitos de fina terra vegetal, com insetos mortos e girinos vivos, especialmente os de um sapinho amarelo pálido (*Hyla luteola*), e precisa ser filtrada. A vegetação de arbustos fez-nos temer os carrapatos, mas estamos agora acima do nível deles.

Após uma hora de caminhada, alcançamos, afinal, o último e mais alto lance. Então os dois negros, que carregavam a cesta das provisões declararam que nos esperariam, tão próximos já estávamos da *pedra*. A proposta foi logo aceita. O pico do Itacolomi erguia-se diante de nós como um espectro, ampliando-se ainda mais para o alto através da névoa, ora envolvendo-se completamente em mantas de nuvem, ora aparecendo com uma nitidez assustadora. Parecia uma cópia cintilante da serra do Caraça; e de fato o material é o mesmo. Também lembrou-me o *Piloto Knob*, no Missouri, onde 700 pés de ferro specular se acham acumulados em "massas de todo tamanho, desde um ovo de pomba até uma igreja de tamanho regular". Tanto a *mãe* quanto o *filho* parecem mudar de forma quando olhados a uma distância de cada cem jardas. Mas uma cinta de floresta se-

para-nos de nosso alvo. Esses gigantes sempre nos parecem mais próximos do que realmente estão. Portanto, voltamos aos negros.

Muitos lugares no Brasil chamam-se Itacolomi. Há mais dois em Minas — um a oeste de Itambé, chamado também por causa de seus sete picos “Sete pecados mortais”; um outro fica na margem direita do alto São Francisco, ao sul de Paranaguá, e há um terceiro e um quarto a noroeste do Maranhão. O termo traduz-se devidamente como “pedra e menino”. O Sr. Walsh erra quando traduz por “criança de pedra”. É seguido pelo Sr. Joaquim Norberto de Sousa Silva de os interpreta como *Ita-comuni* (mancebo de pedra),² ou melhor ainda *Itacolumim*.³

O pico deu seu nome a uma rocha, ou antes, a três espécies de rochas diferentes. Os escritores mais antigos empregam *itacolumito* referindo-se a uma rocha branca ou amarela, flexível como uma lâmina de guta-percha, considerada como “uma grande curiosidade geológica” pela nossa imprensa, também encontrada na Geórgia e Carolina do Norte. É muito semelhante às rochas do Baixo Himalaia, nas quais finas camadas de sílica granulosa estão associadas com pequenas placas de talco. A pedra elástica foi descrita há dois séculos e meio pelo padre Anchieta. O Dr. Charles Wetherill (*American Journal of Science and Art*) afirma que a opinião dominante sobre a elasticidade da pedra deriva da mica é um erro e que, examinando-se uma lâmina da pedra ao microscópio, verifica-se que a flexibilidade resulta de minúsculas articulações onde os grãos de areia se ligam. Nos meus espécimes a pedra é abundante em mica amarela e quando o material friável se espaça as duas partes essenciais separam-se imediatamente. Perto de São Tomé das Letras, a que já me referi, há uma bela pedreira dessa variedade elástica. A medida que se vão aprofundando, as camadas vão-se adelgaçando até se transformarem em folhas do mais fino quartzito e quartzito estratificado, perdendo, portanto, toda elasticidade.

Essa pedra flexível não é a matriz do diamante e do topázio, ainda que algumas vezes a eles se associem. O itacolomito diamantino é, como então se apresenta, uma rocha talcosa e dura, de quartzito distintamente laminado, branco, vermelho ou amarelo, granular, com pontos de mica elegantemente disseminados. É ora estratificado ora não.

Em Minas o nome é também dado vulgarmente a uma espécie de cascalho de arenito e a uma rocha cristalina sensível ao calor. É curioso dizer que o pico do Itacolomi não consiste de nenhuma dessas pedras e tem seu nome dado a todas três.⁴

As últimas formações, quartzo laminado e cascalho de pedra, formam com o itabirito quase todo o planalto dessa região do Brasil. Tem havido muita confusão pelo tríplice emprego da palavra. Assim é que o Sr. Halfeld⁵ descreve o itabirito como “quartzo xistoso, xisto de quartzo, micaxisto quartzoso, *gelenk-quartz* e *elastiches sandstein*”. Nos livros escolares cada autor interpreta-o à sua maneira. Seria bom limitá-lo, como faz Gardner à “rocha de ardósia dura”.⁶

Deixando o rio seguimos para oeste, passando pelo capão dos Ingleses ou *Tree Motte* dos excursionistas ingleses, que me trouxe à lembrança uma certa estância em Tenerife. Não encontrei em nenhum dos viajantes escritores a descrição desta ascensão. Contudo todos os que não escrevem a realizaram. Em torno deste capão há um belo lugar para um estabelecimento e os hidroterapeutas que “precisam de montanha” (*müss geborge haben*) encontrarão aqui na estação seca o ar mais límpido e a água mais pura. Nossa ação seguinte foi perdermos o caminho entre as veredas que se ramificavam em todas as direções. Adiantamo-nos muito para oeste, na direção da aldeia de Itatiaia que cintilava sobre a montanha. Afinal, depois de muita luta, por entre pedras e resvaladouros, rodeamos a Pedra do Sul e, após três horas de marcha, atingimos uma altura superior. O caminho de cabras, que subia em espiral, tinha cerca de seis ou sete milhas, apesar da distância direta não ser de mais de três, já que podíamos ouvir os relógios das torres de Ouro Preto dando horas.

Depois de uma luta com os ventos da altura consegui ferver o termômetro, obtendo uma altitude de 5.860 pés,⁷ ainda mostrando que a cadeia culminante nesta secção do Brasil é, como na África Oriental, a marítima.⁸ Procedemos então a um exame da curiosa formação. A pedra de ferro interessou-me tanto que merece uma referência especial. A base desta serra é uma ramificação, uma expansão longitudinal, uma vértebra da Serra Grande ou do Espinhaço, que aqui se orienta do sul para o norte. O material é a jacutinga, xisto micáceo e ferruginoso, itacolomito propriamente dito, ou ardósia dura de ferro e ardósia quartzosa micácea, com um ângulo de 65°. O Ita levanta-se do lado ocidental de uma massa em feitiço de cunha, cuja parte redonda volta-se para oeste. É um dos muitos picos que podem ser vistos mesmo dos pontos mais baixos, pois eleva-se sobre toda esta parte da cadeia e é cercado de imensos blocos e seixos de todos os tamanhos e feitios. A julgar pela vista, fica a 500 ou 600 pés abaixo do ponto culminante da escarpa que apresenta uma forma tabular vista de oeste. Assim sendo, a altura

máxima, acima do nível do mar, seria de 6.400 pés. A *Pedra* é uma massa de duríssimo xisto de ferro, preto e polido como metal fundido. A superfície apresenta falhas, mas não estratificações, enquanto os lados mostram erosões feitas pela chuva e pelo vento em estrias verticais e inclinadas. Antigamente podia ser escalada por meio de uma corrente fixada no cume. Esse auxílio agora desapareceu e só uma mosca ou um lagarto ousariam arriscar-se pelo metal liso.

Passamos então a examinar o *Columin*. Visto de Ouro Preto ele parecia quase tocar a pedra mãe, da qual está separado por pequeno declive. Na realidade está separado por uma profunda brecha, cheia de *humus*, rochas soltas e vegetação em decomposição. O caminho é um emaranhado de arbustos espinhosos, cipós de toda espécie que se embaraçam nas pernas como se fossem verdadeiras armadilhas. Descendo para leste atingimos a pedra. É uma massa escura, da mesma formação metálica que a pedra superior. A forma é a de um crânio de gorila, semelhante, porém, três vezes maior que a *Bosistow Logan Stone*. Deslizando por entre diversas anfractuosidades, encontramos, abaixo da base oriental, uma cruz e uma gruta, habitada outrora por um eremita. Há pouco tempo encontrou-se um crânio neste refúgio troglodita, que o guia negro chamou de *sarão*,⁹ e, sem dúvida, serviu de abrigo a muito escravo fugido.

Depois de uma dificultosa subida ao lugar onde deveríamos almoçar, verificamos logo que os dois negros deixados de guarda à matalotagem, tinham aproveitado bem o tempo: estavam tão bêbedos quanto se pode ficar. Pagaram a falta não conseguindo chegar a casa antes de meia-noite, e como o puderam fazer sem olhos de gato é ainda um mistério para mim. O último retalho de névoa desfizera-se ao calor do meio-dia e o esguio pilar cintilava aos raios fêrvidos como uma barra de ferro specular. Um pouco para leste e para o norte fica a cidade de Ouro Preto,¹⁰ pousada incomodamente sobre a abrupta fralda de São Sebastião, cujo sopé alcança a margem do rio do lado sul. Para trás desenham-se as linhas escuras do morro de Santana, íngreme, com uma capela arruinada; um pouco para oeste e norte estende-se o perfil azulado da serra do Caraça e, para o norte, a serra da Piedade.¹¹ Como uma nuvem pesada fechava o horizonte. Para o sudoeste, as paredes denteadas de São João d'El Rei chamam a atenção do observador. O resto é uma superfície de altos e baixos, de pequenas colinas, que se vão aplainando à medida que se aproxima da bacia em cujo centro estamos.

A descida foi muito mais agradável que a subida, o que não é sempre o caso, quando se viaja em burros no Brasil. As belezas de

um panorama encantador se estendiam em cheio diante de nós e assim podíamos gozar os “eternos e inextinguíveis” prazeres que a face da natureza sempre oferece quando apresentada sob novos e variados aspectos. Nos níveis inferiores, as fumaças durante o dia e as queimadas durante a noite indicam os fogos. Nesta estação do ano, porém, esta operação é punida pelas posturas porque os pássaros, especialmente a bela caça, a codorna,¹² que os cães apontam, está na hora de fazer o ninho. Essa proveitosa idéia deveria ser estendida além dos limites da jurisdição da cidade. A tarde estava magnífica e voltamos muito antes do pôr-do-sol, encantados com a nossa excursão e gratos ao nosso guia, Sr. Lana, que havia tornado a aventura em prazer tão agradável.

Notas ao capítulo XXXVII

1. N.A. Um amigo informou a Southey, o historiador, que as terras em torno de São Paulo (capital) lembravam-lhe Sintra. A comparação teria melhor cabimento se aplicada às vizinhanças do Itacolomi.

2. N.A. *O alto cume*

Do Itacolomi, gentil mancebo

Que o índio converter-se EM PEDRA VIVA.

(A cabeça do mártir).

3. N.A. É curioso que o Sr. B. J. da Silva Guimarães (*Poesias*, p. 408, Rio de Janeiro, Garnier, 1865) declare que Itacolomi era o nome com que o poeta Cláudio Manuel da Costa substituiu o de Itamontê. Yves d'Evreux corrompe *curumim* em *kounoumy*; talvez, porém, os sons com dificuldade se pudessem distinguir. Ele dá como épocas da vida humana: 1) *Peitan*, criança de peito; 2) *Kounoumy miry*, criança; *Kounoumy*, adolescente; *Kounoumy ouassou*, homem; *Ava* (aba), maturidade; *Thouyauaë*, velho. Saint-Hilaire dá *curumim*, rapaz, no dialeto da aldeia do rio das Pedras e o *Dicionário tupi* traduz *curumim* por menino. O *r* índio era mudado em *l* pelos colonos que também omitiam a terminação. Senti, porém, distintamente a nasalização labial como a Dewanagari, um pouco como *i* francês, pronunciado pelo nariz, ou como no português *jardim*. As línguas ibéricas orgulham-se de pronunciar todas as suas letras e é lamentável ver uma palavra escrita como não deve ser pronunciada.

N.T. O *Dicionário geográfico* de Milliet de Saint-Apolphe (Paris, 1845) assinala cinco Itacolomis, o de Ouro Preto, outro em Mariana, outro no Rio de Janeiro, outro no Maranhão e outro na Bahia (em frente do Monte Pascoal). P. E. Vanzolini e N. Papavero, no *Índice dos topônimos contidos na carta do Brasil 1:1.000.000*. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1968 assinalam 9 montanhas com esse nome.

4. N.A. Seja-me ainda permitido, com referência ao termo itacolomito, lembrar o que disse o Sr. Boubée com muita razão sobre os grupos de formação de transição conhecidos como siluriano e cambriano: «Não posso compreender a necessidade de ir buscar num canto da Inglaterra os tipos das divisões e a classificação de um produto que se encontra plenamente desenvolvido na Normandia e na Bretanha, nas Cevenas, nas Ardenas e nos Pireneus em geral etc.» Como também não pode haver coisa pior do que substituir por *devoniano* a velha *pedra vermelha*, sistema que se estende não somente pelo norte da Europa, mas também sobre a América do Norte. O itacolomito, nas suas três várias nacionalidades, pertence ao globo e não à província de Minas Gerais na qual se encontra, mas não se encerra.
 5. N.A. *Relatório*, p. 78. Ele poderia, com mais propriedade, ter chamado itacolomito flexível, itacolomito granular ou quartzoso e itacolomito cristalino.
 6. N.A. George Gardner, *Travels in Brazil*, Londres, 1848, cap. 13. N.T. Na tradução brasileira de Albertino Pinheiro (São Paulo, Ed. Nacional, 1942, Brasileira), *Viagens no Brasil*, p. 423.
 7. N.A. Geralmente é avaliada em 8.000 palmos = 7.733 pés ingleses. O Sr. Gerber dá 1.750 m, o que equivale a 5.750 pés, e o último mapa, do Sr. Keith Johnston, 7.750 pés. Minhas observações com um nível comum, no cume da pedra, deram 5.860 pés acima do nível (B. P. 202°50' Temp. 57°) ou 2.487 pés acima de Ouro Preto. Na gruta do eremita, debaixo do Colomim, consegui 5.095 (B. P. 203°1' temp. 59°) acima do nível do mar e 765 pés abaixo da Ita.
 8. N.A. Há cerca de meio século notou-se que, onde até mesmo pequenas geleiras se formam, poderiam, como as montanhas de Santo Ângelo, da Baía de Nápoles, fornecer gelo aos fluminenses que o importam por alto preço.
 9. N.A. Por «salão». O crânio foi-me prometido, ou por outra, por meu intermédio, à Sociedade Antropológica de Londres. Não me foi mandado, mas talvez este lembrete faça com que ele seja enviado. O endereço da Anthropological Society é n.º 4 St. Martin's Place, London, W. C.
 10. N.A. O mapa do Sr. Gerber coloca o pico a sudeste de Ouro Preto. O Sr. Johnston coloca-o muito a sudoeste. Eu tomei medidas, mas ao reduzi-las, não deram resultado apreciável.
 11. N.A. O Sr. Gordon fez observações da parte leste da base do Pico, de onde o ponto mais ocidental da serra da Piedade parece dirigir-se para o norte.
 12. Saint-Hilaire (III, 2, 203) suspeita que a codorna seja o *Tynamus brevipes* de Pohl, e que a perdiz (ynambu ou inhambu) seja o *T. rufiscens*. Ambas as palavras vieram de Portugal e foram aplicadas a pássaros do Novo Mundo, de espécies e, muitas vezes, de gêneros diferentes. O mesmo se deu com o faisão, a perdiz e a codorna na América do Norte e na Índia Britânica.
- As outras variedades comuns de *Tinamus* são o jaó (*T. noctivagus*), descrito pelo príncipe Max. Uma espécie maior é o macuco (*T. brasiliensis*).

CAPÍTULO XXXVIII

O MENINO

*Die klaren Regionen
Wo die Reinen Formen wohnen*

As límpidas regiões
Onde vivem as formas puras

Schiller

Secção I

O mineiro sob o ponto de vista histórico

Antes de deixarmos a Imperial Cidade, que é o tipo moderno da velha Minas, parece conveniente darmos um esboço do seu habitante, o mineiro que, como seu antecessor, o paulista, é ainda o homem típico do Brasil.¹

Os primeiros colonos de Portugal estabeleceram-se em São Paulo na primeira metade do século XVI. Tal como aconteceu com os refugiados da Inglaterra, o orgulho da metrópole considerava-os meros plebeus.² O profundo e estudioso santista frei Gaspar da Madre de Deus julgou, portanto, conveniente investigar a origem dos colonos em Santos, hoje porto de São Paulo, e provou que eles pertenciam a famílias respeitáveis de Portugal e da Itália. O sangue talvez fosse até nobre demais; trouxe com ele uma vaidade quase doentia, chamada habitualmente “orgulho de nascimento”, e o resultado imediato foi uma degenerescência da raça. Raramente importavam-se mulheres brancas para um país que vivia em estado crônico de guerra com o selvagem. Os colonos, em geral, desdenhavam o casamento com as filhas dos peles-vermelhas. Contudo as ligações com as mulheres de sangue bárbaro, mas livres³ nunca foram tidas como desprezíveis e, com o correr dos tempos, algumas casas passaram a orgulhar-se da ascendência de uma “princesa índia”.

Mas ao iniciar-se a agricultura, recorreu-se aos africanos importados e a mistura com a raça servil, considerada sempre e em toda parte, como uma desonra pelas raças brancas, que, nesse ponto, obe-

decem a um instinto infalível, avançou a passos largos. Posso citar o caso de uma cidade de Minas onde, entre 3.000 habitantes ou, incluindo as redondezas, 5.000, só duas famílias são de puro sangue europeu. Na região costeira os colonos encontravam oportunidade de unir suas filhas com homens do velho mundo, e o mais humilde indigente bem nascido era preferido aos mais ricos e poderosos mestiços. Mas no interior a mestiçagem tornou-se um mal necessário. Daí haver até hoje uma estranha aversão ao casamento o que, numa nação tão jovem, choca forçosamente o observador. Os homens não querem amarrar-se “para sempre”⁴ e a lei humana dos latinos que facilita o reconhecimento dos filhos ilegítimos, tira do casamento a sua principal razão de ser. Os moralistas brasileiros de há muito procuram combater o mal e propuseram que não fosse dado emprego público a quem vivesse abertamente em estado de concubinação. O tempo das leis suntuárias e domésticas, porém, já passou e os homens não respeitam os governos que não podem distinguir a vida privada da vida pública de seus súditos.

Foi então que a indústria da caça ao índio foi acrescida de outra — a exploração do ouro. Antes do fim do século que assistiu à chegada dos portugueses, multidões emigraram para o extremo oeste e, assim, grande parte do mais nobre sangue paulista tornou-se sangue mineiro. As “turbulentas riquezas” da mineração produziram o que costumam produzir: uma horda de vagabundos, de *colluvies gentium*, exibiu o espetáculo de rudeza e brutalidade a que nos nossos dias estamos assistindo na Califórnia, São Francisco e Carson City. Como já dissemos dos índios, diremos dos imigrantes: não tinham F, L, nem R, isto é, nem fé, nem lei, nem rei. A divisa dessas multidões em movimento parece ter sido

*Quem dinheiro tiver
Fará o que quiser*

Como não estou escrevendo a história de Minas, um mero esboço dos acontecimentos que caracterizam sua capital revelará o espírito que animava a raça.

Pouco depois da Guerra dos Emboabas a aldeia de Antônio Dias foi promovida, por ato de 8 de junho de 1711 a vila, com o merecido nome de Vila Rica. Entre 1700 e 1713, o real quinto do ouro havia sido cobrado por bateia. Em 1714, porém, D. Brás Baltasar da Silveira substituiu esse sistema pela capitação (Registros, ou Contagens). As últimas contribuíram para a arrecadação cobrando direitos sobre todos os artigos importados. Em 1718 estas foram desmembradas dos quintos e arrendadas. Em 1719, quando D. Pedro

de Almeida, conde de Assumar, governador e capitão-general de Minas Gerais propôs a substituição do imposto por cabeça pelas casas de fundição, deram-se sérios tumultos. Em Ouro Podre, o lugar mais rico perto de Ouro Preto, uns mil homens tomaram armas e, pela meia noite de 28 de junho, arrasaram os alicerces do edifício cuja construção se havia iniciado e tentaram massacrar o ouvidor-geral da comarca, Martinho Vieira. Esta violenta autoridade fugiu, entregando a casa à pilhagem. A 2 de julho os amotinados compeliram a Câmara Municipal a tomar a vanguarda e, marchando para a Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo, hoje Mariana, impuseram quinze condições ao governador.⁵ Alguns dos artigos assinados pelas partes litigantes são curiosos ao extremo. As autoridades são acusadas de "realizarem mais milagres que Santa Luzia", de fraudarem o povo. O de n.º 11 reza assim: "Eles (os insurgentes) requerem que as companhias de dragões se alimentem à própria custa e não a expensas do público".

Conseguiram, assim, os revoltosos o perdão que era, está visto, oficialmente nulo. Os cabeças voltaram a Vila Rica e, na embriaguês do sucesso, dividiram os despojos de guerra. O mestre-de-campo Pascoal da Silva Guimarães determinou várias nomeações; seu filho Dr. Manuel Mosqueira da Rosa erigiu-se a si próprio em ouvidor e Sebastião da Veiga Cabral, tornando-se presidente de uma organização independente, instou amigavelmente com o governador para que se refugiasse em São Paulo.

Mas o conde de Assumar estava agora preparando para uma reação enérgica, mandou uma companhia de dragões a Vila Rica, prendeu Cabral e remeteu-o para o Rio de Janeiro. A 15 de julho conseguiu deitar mão aos deniais "poderosos", com muitos outros cúmplices, cujo número vultoso fez com que lhes "esquecesse" os nomes. Entre eles, porém, estavam frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Monte Alverne, João Ferreira Dinis e Filipe dos Santos. O último havia sido enviado a Cachoeira do Campo a fim de levantar o povo que o governador, no seu estilo espetacular, só trata de "vil canalha". Foi escolhido como exemplo para atemorizar os cativos e partido em pedaços por quatro cavalos brabos nas ruas da capital. Pascoal, o cabeça, foi remetido a Lisboa, onde promoveu uma ação contra o governador e faleceu antes de poder provar sua inocência. Os demais "que o demônio havia cegado", foram presos e seus bens foram queimados sem forma de processo no morro do Ouro Podre que, daí por diante, tomou o nome de morro da Queimada.

Logo depois desse acontecimento, Minas Gerais foi desmembrada: da capitania de São Paulo, e Vila Rica erigida em capital da

nova capitania. Em 18 de agosto de 1721 recebeu seu primeiro governador e capitão-general, dom Lourenço de Almeida. Foi ele que estabeleceu as casas de fundição e da moeda que, imediatamente provocaram o aparecimento de contrafações. Em 1730 organizou-se no Rio de Janeiro uma sociedade para fraudar o quinto e um tal Inácio de Sousa Ferreira juntamente com Manuel Francisco, homem de rara habilidade mecânica, foram enviados para encontrar um local apropriado. Escolheram uma floresta “secular e terrível” ao pé da Serra Grande⁶ perto do lugar agora chamado São Caetano da Moeda. O negócio chegou aos ouvidos do vice-rei. Este ordenou ao governador de Minas que abrisse devassas e os dois homens passaram de cúmplices a denunciastes. A casa foi cercada por homens armados, os chefes foram presos e, em 1731, Manuel Francisco foi levado ao cadafalso. A justiça foi executada com tal severidade, os cúmplices foram tão numerosos, que foram mandados desembargadores do Rio de Janeiro e promovidos processos contra as autoridades que haviam revelado excesso de zelo. Em 1735 (segundo Pizarro) a Casa da Moeda de Ouro Preto foi abolida e, desde esse tempo, só o ouro em pó podia correr.

Esses acontecimentos, combinados com o imenso aumento do contrabando, tornaram as Casas de Fundição e da Moeda quase inúteis. A 20 de março de 1734, a Junta do Povo, composta de delegados das corporações municipais reunidas pelo segundo governador, André de Melo e Castro, conde das Galveias, aceitou como um acordo anual, o pagamento de 100 arrobas ou 3.200 libras de ouro. Mas os dias florescentes do “apanha” e da “bateia” já haviam passado. No ano seguinte lançou-se uma taxa por capitação, taxando-se fortemente as casas de negócio e os armazéns. O ouro era avaliado em 1\$500 por oitava. Essas medidas causaram o maior desagrado. Finalmente, pela carta-régia de 3 de dezembro de 1750, D. José I restabeleceu as casas de fundição, aceitando como quinto cem arrobas de ouro. Mas Portugal, como bom *pater-famílias*, apaixonou-se por, a qualquer pretexto, contrair empréstimos a seu rico e infeliz filhinho de além-mar. Lançaram-se impostos para ajudar a reedificação de Lisboa após o terremoto de 1.º de novembro de 1755. Foram mantidos, por carta-régia de 4 de janeiro de 1796, quando o palácio da Ajuda foi incendiado. Os dízimos e impostos eram arrecadados com tanto vigor que aqueles que os arrematavam, com raras exceções, faliam. Os direitos de pedágio, cobrados nas barcas, eram enviados para o Tesouro Real, e foram depois aumentados pelas taxas pagas ao assumir os empregos⁷ ou, por outra, com a venda dos postos do governo.⁸ O imposto do sal tornou-se um pesadelo. O papel selado

não foi esquecido e um “subsídio literário”, forçado, foi imposto por ordem real a fim de prover as despesas com a educação provincial, que aliás nunca teve existência.⁹ E, a partir de 1711, grandes subsídios, donativos e benefícios — *voluntários* — mas cobrados sob pena de galés, foram exigidos para as extraordinárias despesas da Corte de Portugal.¹⁰

Tal era o sistema colonial daqueles dias e nenhum país da Europa pode censurar a conduta do seu vizinho de ter sido pior que a sua. O resultado inevitável foi conduzir os brasileiros à independência.¹¹

A memorável *Inconfidência* foi, como vimos, o primeiro golpe vibrado no sistema. A liberdade jazeu por algum tempo exausta e ensanguentada. Mas dezesseis anos após essa tragédia D. Maria I e Dom João desembarcavam na Bahia e a colônia tornou-se imediatamente Metrôpole. Quando começou o movimento constitucional, Ouro Preto levantou-se com uma só vontade e escolheu para chefe o tenente-coronel José Maria Pinto Peixoto.¹² O último dos governadores e capitães-generais, D. Manuel de Portugal e Castro, fechou as portas do palácio. Elas foram, porém, violentamente abertas e o canhão tirado para fora, a fim de dominar as ruas. Na manhã seguinte (21 de setembro de 1821) o povo encheu a praça aos gritos de “Viva a Constituição”. A Câmara Municipal foi solicitada a eleger um Governo Provisório que imediatamente entrou em função, chefiado, muito contra a vontade, pelo próprio Dom Manuel. Um segundo governo instalou-se a 20 de maio de 1822. A agitação política continuou, não querendo o povo reconhecer o futuro fundador do Império como governador provisório ou Príncipe Regente do Brasil. Dom Pedro, com sua costumeira audácia e virilidade, sozinho e, após uma cena cômica num lugar chamado Chiqueiro,¹³ precedendo sua escolta, entrou na cidade a 9 de abril de 1822, sendo recebido entusiasmamente.¹⁴ A 30 de janeiro de 1823 foi criada a comarca de Ouro Preto, e Vila Rica retomou seu antigo nome, que aliás, nunca havia sido esquecido pelo povo. O primeiro presidente da província de Minas Gerais foi José Teixeira da Fonseca Vasconcelos que tomou posse a 29 de fevereiro de 1824.¹⁵

Nove anos após esses fatos, houve desordens em Ouro Preto que foram facilmente sufocadas. Em 1842 os distúrbios foram de natureza muito mais séria e assumiram a feição próxima à secessão. Desde esse tempo o mineiro tem sido tranqüilo. Mas o passado deve prevenir os estadistas de que para manter sossegados e satisfeitos homens tão bravos¹⁶ será preciso não lhes dar motivos razoáveis

de queixa. A única reclamação presentemente é a falta de comunicações postais e telegráficas, de estradas, estradas de ferro — como se viu, não há ainda um quilômetro de trilhos — e de navegação fluvial. Com esses melhoramentos, Minas poderá encarar com confiança um grande e glorioso futuro.

Secção II

O homem físico

Farei aqui umas poucas observações sobre as condições antropológicas de Minas Gerais.

Antes de um mês de estada no Brasil o estrangeiro começa a distinguir o nativo do europeu. O brasileiro¹⁷ tem para com o seu antepassado português a mesma relação física que o americano do norte tem para com o britânico. Nos últimos três séculos e meio, o europeu do Novo Mundo adquiriu um temperamento mais nervoso; tornou-se mais leve, a média mais alta para o sexo masculino no Brasil é de quatro arrobas (60 quilos), quer dizer 128 libras ou 9 pedras. É mais excitado e ágil do que forte e robusto. Daí o fato do brasileiro alcinhar-se a si próprio de “pé-de-cabra”¹⁸ em oposição aos portugueses, chamados “pés-de-chumbo”. O último é também caracterizado pela grossura e rudeza do nariz, *nascitur a naso*, como o velho inglês da Nova Inglaterra, de diátese sanguínea e linfática. O temperamento nervoso revela-se aqui no feitio desse órgão, afilado, arqueado e bem desenhado, de narinas afuniladas, assaz bem marcadas, e septo elevado, o que resulta num perfil romano, cheio, ao mesmo tempo de energia e finura.

Os mais antigos antropologistas comparativos, desde o grande monogenista Hipócrates, a Buffon, Prichard e Buckle,¹⁹ consideravam como o grande fator de diferenciação entre duas nações, o *clima*, isto é, o conjunto de todas as circunstâncias relativas a cada localidade em suas relações com a natureza orgânica. A primeira escola moderna, sendo de monogenistas ortodoxos, afirmou ousadamente que a diferença entre as peles negra e branca — pois o problema limitava-se à pele — eram meras modificações produzidas pelos complexos agentes que eles citavam. Este absurdo palpável foi rejeitado por respeitáveis estudiosos logo que foi exposto. Atualmente os anatomistas e fisiologistas caíram no extremo oposto. Descobrem por toda parte a fixidez do tipo e da raça e na história, só levam em conta a raça. “A raça é tudo”, disse o Dr. Knox.

Ouso afirmar que a verdade está entre os dois extremos e que ambas as escolas fizeram generalizações em bases insuficientes. “Si l’antropologie est encore si obscure, c’est peut-être qu’on a beaucoup trop raisonné sur cette science et très peu observé”. Assim expressiu-se Auguste de Saint-Hilaire em 1819 e a observação ainda merece ser escrita em letras garrafais.

A notável aproximação entre os casos dos ibero-brasileiros e dos anglo-americanos dos Estados Unidos — de dois povos derivados de dois centros étnicos distintos e diferentes — dificilmente pode ser explicada, senão como o resultado de causas locais que assimilaram o ádvena ao tipo autóctone chamado pele-vermelha.²⁰ Daí, por exemplo, a beleza, a pequenez e a delicadeza das extremidades que é freqüentemente excessiva, degenerando em efeminamento. Os portugueses e ingleses têm mãos grandes, carnudas e ossudas, feitas evidentemente para trabalhos áspersos. Daí também as chamadas “caras de machado”, comuns aos cidadãos do Império do Sul e da República do Norte, os cenhos largos e proeminentes, as faces longas e magras, chatas e mesmo côncavas, as feições desenhadas de maneira mais aguda, os queixos proeminentes, maciços e, às vezes fendidos, o mento quadrangular, essa notável peculiaridade do sangue índio.²¹ Em ambos, também, o cabelo evidentemente mudou: perdeu o ondeado caucasiano ou ariano e tornou-se liso, frouxo, lustroso e admiravelmente espesso. As suícas tornam-se ralas. Os pêlos da face reduzem-se às vezes a uma barbicha de bode que, diz o Sr. Maurice Sand, “donnerait l’air vulgaire à Jupiter lui-même”.²²

Essa modificação da forma e aproximação com o tipo índio tenho-a como um fato e não posso explicá-la senão como efeito do clima que, no Hindustão desenvolve o temperamento linfático e, no território do Utah, o temperamento nervoso.²³ Essa crença no criolismo pode ser herética e, se assim for, quanto mais cedo for isso verificado e condenado, tanto melhor.²⁴ Mas os exemplos geralmente citados para provar a permanência absoluta das raças, como dos persas na Índia ocidental e dos judeus em Aden — para só falar desses entre tantos — não atingem a questão. Essas tribos moveram-se sobre uma pequena área de terreno, fizeram um pequeno afastamento em latitude, menor ainda em longitude. Minhas observações derivam do Novo Mundo, que em todos os mamíferos, com exceção dos que atravessaram as regiões geladas do mar Ártico, via estreito de Bering, são especificamente diferentes dos do chamado Velho Mundo. Em condições semelhantes, um *criolismo* visível foi notado na Austrália por alguns viajantes.

O mineiro — quer dizer o homem cujos antepassados ou, ao menos cujo pai nasceu na terra — é facilmente identificado, mesmo entre brasileiros, sem que se possa praticamente definir-lhe os característicos, como, por exemplo, *cachimbos* e *culto do dinheiro*. É alto, magro, fino, tipo que quando exagerado aproxima-se do nosso popular e delgado Dom Quixote. Não há falta do “batismo intelectual”, de nervo, — que vulgarmente se chama “sangue”. O arcabouço é vigoroso, próprio para a atividade. É teso como um basco, mas não como um sargento em evoluções e, mesmo os lavradores não procuram arquear-se como os nossos camponeses. O pescoço é longo e a laringe proeminente, o tórax freqüentemente pouco profundo. Os quadris e a bacia são geralmente estreitos; as juntas, os punhos²⁵ e os tornozelos são finos, e as pernas, como acontece freqüentemente nas raças latinas, não são proporcionais aos braços em forças. A obesidade é rara, como entre os legítimos persas. Aparece eventualmente em homens de idade muito avançada e é considerada como uma *nulla curabilis Banting*.²⁶ O tipo curto, quadrado, robusto e ossudo português, não é, porém, raro. Entre os descendentes de ingleses, vi sete de tipo nervoso, e dois de tipo John Bull.

Muitas das mulheres são de formas nédias e arredondadas, que chegam ao extremo na idade adiantada, tornando-se obesas. Não poucas possuem aquela beleza frágil, delicada e mimosa que todos os estrangeiros notam nas cidades da União Americana. A falta de exercícios, de trabalhos ao ar livre mostra os seus efeitos no Brasil tão palpavelmente como nos Estados Unidos. As vigorosas *fraus* alemãs que desembarcam no Rio de Janeiro, parecem três americanas concentradas numa só. Os viajantes gostam de recordar a tristeza que lhes causava ver mulheres e moças empregadas nos trabalhos de campo, e esse sentimento é geral, eu creio. Mas esquecem-se de que, feito com moderação, nenhum trabalho é como esse, tão sadio e indicado para desenvolver as formas e preparar uma prole sadia. Deviam transferir esse sentimento para as que trabalham nas fábricas e nas lojas.

A pele do mineiro é de um belo moreno queimado, às vezes ligeiramente mais claro nas faces, e muitas vezes amarelada pela má secreção da bÍlis, mau funcionamento das glândulas ou excesso de ácido bilioso no aparelho circulatório, colorindo levemente os vasos cutâneos. É esse realmente o tom dos portugueses dos Algarves, onde estiveram os mouros por muito tempo. Toda gama de pigmentação, porém, é aqui encontrada, desde o moreno claro do europeu do sul até a cor de couro do mulato. Aqui todos os homens, especialmente

os livres, que não são pretos, são considerados brancos. Muitas vezes são oficialmente brancos, mas de fato quase negros. Isso é exatamente o oposto dos Estados Unidos, em que todos os homens que não são brancos puros são considerados negros.

O crânio é geralmente dolicocefalo, e antes coronal que basilar; raramente se apresenta maciço na base ou na região do cerebelo, os lados são mais ou menos achatados e uma cabeça bem feita é tão rara quanto o talento para a arquitetura e a mecânica. O crânio tem antes a forma de um coco do que a de uma *cabeça de touro* ou de bala. A cor dos cabelos tem todas as cambiantes, desde o castanho até o negro-azulado; o vermelho é raro. Quando louro e ondedado, frisado ou crespo é sinal, quase sempre, de mistura de sangue. Cai muitas vezes, mas não branqueia senão muito tarde, o que é também uma característica dos aborígenes.²⁷ Entre nós o temperamento nervoso é geralmente revelado pelos cabelos finos e sedosos: aqui temos o mesmo tipo, mas acompanhado de uma forma especial semelhante a uma vassoura. Ouvi de ingleses que seus cabelos se haviam tornado aqui mais grossos que na terra natal.²⁸ Assim também na Abissínia os turcos queixavam-se a mim por lhes nascerem os filhos, ainda que de mães européias, revelando sinais incipientes de cabelo carapinha, coisa que eles atribuíam à secura do clima. Ainda que o cabelo no Brasil seja, realmente, um ornamento feminino, raramente tem um crescimento proporcional à espessura.

Os olhos são fundos, grandes e bem abertos; quando não são colocados rigorosamente em linha horizontal, há suspeita de sangue índio; a íris é castanho-escuro ou negra e a córnea azul-claro-branca, não castanho-suja como no negro. As sobranceiras são raramente arqueadas demais e às vezes parecem arqueadas para baixo, ficando a região orbitária superior muito proeminente. A boca tem o feitio aproximado de um acento circunflexo e os lábios finos e austeros são repuxados para os cantos, como na Nova Inglaterra e os asmáticos na Inglaterra. Os dentes, de um branco fosco são extraordinariamente sujeitos à cárie. Exigem um cuidado continuado e tornam assim o dentista um personagem importante.²⁹ Moços de vinte e cinco anos perdem às vezes os incisivos superiores, formando um contraste curioso entre uma cabeleira jovem e uma boca velha.

A expressão da fisionomia do mineiro é mais séria que a do europeu.³⁰ Na sua marcha, o modo arrastado do aldeão é substituído pelo passo leve do tupi. São em geral bons esportistas e os fazendeiros adoram as caçadas que duram de uma semana a dois meses. O instinto nômade ainda é muito forte entre eles, fazendo-os sempre

prontos para viajar. É bastante curioso que os estrangeiros censurem essa tendência e citem o velho provérbio relativo à pedra rolada.³¹ Todos são cavaleiros desde crianças e, tal como os sertanistas do norte, preferem montar com a perna esticada, só com a ponta dos dedos nos estribos: dizem eles que isso poupa fadiga nas viagens. Além disso como se mantêm só pelo equilíbrio, podem largar o animal facilmente quando ele cai. As nossas selas de caça e as mongóis, de extremidades arrebitadas, ser-lhes-iam igualmente insuportáveis. Note-se que todas as raças dotadas de qualidades eqüestres montam como se estivessem de cócoras ou de pé e detestam o que nós chamamos o *juste milieu*. Como a quebradura é quase desconhecida entre esses homens que montam de pernas pendentes, devo atribuir esse acidente, tão comum entre os nossos cavaleiros, ao uso de cintos apertados demais ou ao porte de peso demasiado.³² Como o beduíno e o indígena do Brasil, o mineiro é capaz de trabalhar muito comendo pouco, mas tomará justa desforra do jejum forçado. Confiante em si próprio, mete-se pelas florestas e não quer saber de manter-se em grupo ou à beira dos rios.

A raça é longeva, como se prova pelos numerosos casos de centenarismo autenticados. Das doenças endêmicas, as mais notáveis são a lepra e o papo.

A lepra, aqui chamada morfêia (e o paciente, morfético), não é de nenhum modo tão comum em Minas como em São Paulo, onde não poupa idade, sexo ou estado. Contudo as raças são do mesmo sangue, os climas são semelhantes e a alimentação é a mesma. É aqui comparativamente rara entre as classes superiores e, como na Índia e na África, nunca vi um europeu afetado por essa moléstia ou pela sua variante, a elefantíase. Várias causas são apontadas para essa praga outrora comum entre nós.³³ Alguns derivam-na do *morbus gallicum*; outros da dieta, especialmente do excesso de carne de porco; tal como no Malabar supõe-se que ela ataque os que misturam peixe e leite, alimentação que se tem na conta de mais ativa produtora de bîlis. Todos concordam em que é hereditária. O ataque começa por manchas escuras na pele branca e termina com a gangrena dos membros, necrose dos ossos e morte. Todos os remédios têm sido experimentados para deter o seu progresso, até mesmo a mordedura da cascavel. Em certas fases é tida como altamente contagiosa e os pacientes separam-se das famílias. A classe dos leprosos no Brasil é ativa e passivamente perigosa. Pode-se lembrar que na França ela era conhecida como *ladre*. É evidente que esta província, como a de São Paulo está a exigir leprosários.

Se Minas tem menos lepra, em compensação é mais atacada pelo bócio que sua vizinha. Essa moléstia é chamada em Portugal *bócio* ou *papeira*; no Brasil, *papos* e o paciente *papudo*. A afirmação de Plínio (II. 37) *Guttur homini tantum et suibus intumescit, aquarum quae pontantur plerumque vitio*, não se confirma aqui. Caldecleugh (II. 158) viu cabras papudas em Vila Rica. O Sr. Walsh (II, 63) afirma que a doença não ataca somente os homens, mas também o gado e que as vacas são freqüentemente suas vítimas. Cheguei a ganhar um cão com um papo incipiente e ouvi falar de casos em galinhas. O povo, como de costume, atribui a doença à água. Por exemplo os rios Jacaré e Macuco são tidos como causadores de papo pela aglutinação de matéria vegetal". Castelnau observa que esse aumento mórbido da glândula tireóide é comum nas regiões do itacolomito, mas que, como na Europa, não atinge as regiões de grandes altitudes. Pode ser explicada dificilmente pelo ar confinado ou deficiência de pressão atmosférica³⁴ ou pelo carregamento de pesos na cabeça. É tida como hereditária. Os índios sofriam muito disso e por todo o planalto mineiro é tão predominante que se costuma dizer, de brincadeira, que uma moça não pode casar-se se ainda não tem papo. Começa cedo, em ambos o sexos. As crianças aos seus dez anos já mostram o rudimento de duas ou três protuberâncias que, com o tempo se transformam numa espécie de almofadas atadas em torno do pescoço. Não se procura nunca impedir o desenvolvimento delas por meio de operações cirúrgicas e o único tratamento popular é o do sal, especialmente sob a forma de banhos de mar que, dizem, absorve a inchação. No rio das Velhas é quase generalizado. É curioso, contudo, que no Alto São Francisco, depois da junção dos dois rios, torna-se notavelmente raro. O fato de ser o terreno salino abundante nesse vale, parece vir ao encontro da crença popular. No Brasil nunca encontrei o cretinismo acompanhando o papo, corroborando assim o que diz M. Koeberle, que considera os dois males como duas condições mórbidas distintas. Mr. Walsh, contudo, menciona um caso.³⁵

A fecundidade neste Império é a norma tanto da natureza animal como da vegetal. Não fosse a colonização uma necessidade presente, e a raça humana povoaria em breve, com gente comparativamente mais homogênea, as vastas regiões que esperam habitantes. Pensa-se que a província de São Paulo dobra a sua população em trinta anos, sem auxílio de imigrantes.³⁶ As moças casam-se como se casavam nossas avós, com quatorze anos e têm filhos até muito tarde. Os casamentos entre setenta invernos e quinze primaveras são comuns³⁷

e o resultado são mulheres da idade de seus enteados. Não são raras as uniões consanguíneas, tais como entre tios e sobrinhas, para vergonha da Igreja Católica que ainda fornece dispensas para se cometer esse incesto em troca de uma quantia. Os resultados não são tão terríveis como na Inglaterra, especialmente na Nova Inglaterra. Contudo em todo o Brasil a mais bela população é sempre encontrada nos lugares mais freqüentados por estrangeiros.

A mulher mineira, em suas cantigas de ninar, aponta um motivo patriótico para seu desejo de descendência.

*Acalanta-te ó menino
Dorme já para crescer
Que o Brasil precisa filhos
Independência ou morrer.*

Como sua irmã da Nova Inglaterra e Irlanda, ela revela mais capacidade de reprodução do que amor. Sua dieta é frugal como a da escocesa.³⁸ Esta, de acordo com a regra segundo a qual as ricas aristocracias deperecem, enquanto as comunidades pobres se multiplicam, pode ser uma das causas parciais de sua excepcional fertilidade. Ouvi falar de casos que parecem bem autenticados, de superfecundação.³⁹ A mineira é uma excelente mãe quando a superstição não lhe sufoca o instinto; quando um "anjinho" ou um "inocente" morre, ela não chora porque a felicidade futura dele é certa. As crianças são mimadas como *enfants terribles*. Com três anos são consideradas como mocinhos ou mocinhas. *En revanche* conservam toda a vida, a maior afeição e respeito pela mãe, beijando-lhe a mão e pedindo a bênção todas as manhãs e todas as noites. Em nenhum país os pais se sacrificam tanto pela prole. Sei de um pai que estudou álgebra para escrever um compêndio da matéria para o filho. Também em nenhum lugar há filhos mais gratos aos pais. Que boa lição para aqueles "truculentos pais da Europa". O costume de educar as crianças é absolutamente desconhecido. Como em todos os países novos, a criança cresce quase selvagem e prefere muitíssimo a fazenda à cidade. Assim, nos Estados Unidos, o viajante nota logo a docilidade dos cavalos e a selvageria das crianças.⁴⁰

Depois dos dez anos todos se vestem à européia. O mineiro abandonou o velho traje pitoresco dos iberos que foi usado no primeiro quartel deste século: o sombreiro espanhol de abas largas, penacho, jaleco curto e bordado a ouro, o gibão ou a jaqueta de algodão florido com calções fofos, com forros cor-de-rosa aparecendo nos cortes. Os arreios prateados estão se tornando obsoletos, e embora

as esporas com rosetas feitas de moedas ainda sejam usadas, em geral as em moda são as de origem inglesa. Os trajés matutinos são desconhecidos, mesmo entre os elegantes do Império. Os brasileiros usam roupas pretas mesmo de manhã. Um cavalheiro, mesmo de madrugada, não aparece à rua sem os seus *chapéu alto*,⁴¹ casaco preto e branco, bengala ou guarda-chuva. Os viajantes devem seguir este costume semibárbaro e vestir-se de lã atrás de uma moita antes de entrar numa casa. Numa estrada o mineiro permitir-se-á o uso de um chapéu Chile ou um Guaiaquil (aqui chamado Panamá) e imensas botas de cano alto, em geral de couro meio curtido e sem graxa, contendo seus chinelos e outras comodidades. A roupa branca, em regra de algodão, é escrupulosamente limpa⁴² com propensão a ser engomada e um tanto azulada pelo anil. Os pobres imitam os ricos, mas seus vestuários são muitas vezes tecidos e costurados em casa. O alfaiate *in partibus* cobra cerca do dobro do preço jamais exigido por Stultz.

O único vestígio de costume nacional conservado pela mineira é visto quando vai à missa. É uma mantilha de rica seda branca, cetim ou algodão, guarnecida com uma grossa renda negra feita a mão e que lhe cai sobre os olhos. Ainda que ultimamente tenha sido defendido por S. S. o Papa, nas cidades e vilas não é tão rigorosamente observado.

Já me referi à freqüência dos banhos.⁴³ As mulheres gostam de flores e perfumes. Nos recantos mais selvagens há potes de gerânios, cravos, alfazema e manjerição e outras variedades de flores odoríferas que são cultivadas até nas proximidades dos chiqueiros e dos galinheiros. Têm também uma predileção de coração por diamantes e vestidos de luxo. Um olhar sobre a conta da modista francesa no Brasil revela a necessidade de reprimir essa tendência. Nos bailes públicos as leis do luxo imperam: “Pede-se às senhoras a fineza de comparecerem vestidas com a maior simplicidade”. Às vezes até o uso das luvas é solicitado.

Secção III

O homem moral

Talvez a melhor informação que possa dar sobre este extenso assunto seja fornecida pela seguinte lista oficial dos crimes que foram levados aos tribunais do júri da província num período de dez anos.⁴⁴

*Tábua dos crimes cometidos na Província de Minas Gerais de 1855 a 1864.
Crimes de ação pública*

Anos em que foram cometidos	Contra a liberdade e o exercício do direito político	Sedição	Insurreição	Resistência	Fuga e permissão de fuga a preso	Desobediência	Prevaricação	Suborno	*	Abuso de autoridade	Omissão ou negligência no dever	Irregularidade de comportamento	Falsidade	Perjúrio	Peculato	Moeda falsa	Destruição ou dano de bem público	Soma total	
1855	—	—	—	3	12	1	—	—	—	1	3	—	1	2	1	1	—	25	
1856	—	—	—	6	—	10	—	—	—	—	—	—	3	3	—	1	1	24	
1857	—	—	—	6	4	—	—	1	—	—	2	—	1	4	1	—	—	19	
1858	—	—	—	6	13	2	1	2	—	3	6	1	2	2	—	—	2	40	
1859	—	—	—	6	14	1	1	—	—	1	—	3	3	—	—	—	1	30	
1860	—	—	—	5	8	—	—	—	—	1	1	—	3	—	1	—	—	19	
1861	3	—	—	2	4	—	—	—	—	—	—	—	3	1	1	—	—	14	
1862	—	—	—	4	9	—	—	—	—	3	1	—	3	3	1	—	—	24	
1863	2	1	—	8	11	—	1	—	—	4	1	1	3	3	2	—	—	37	
1864	1	1	1	2	14	—	1	1	1	2	2	—	2	1	—	1	1	31	
Soma total	6	2	1	48	89	14	4	4	4	1	15	16	5	24	19	7	3	5	263

Crimes politicos

Anos em que se cometeram	Ofensas à religião e bons costumes	Fabricação e uso de instrumentos de roubo	Ajuntamento ilícito	Vagabundagem	Armas proibidas	Abuso de imprensa	Rebelião	Soma
1855	---	---	2	---	43	---	---	45
1856	---	---	2	2	45	---	1	50
1857	---	---	4	3	35	---	4	46
1858	3	1	3	---	41	1	1	50
1859	---	---	2	---	52	---	---	54
1860	---	---	---	---	44	1	---	45
1861	---	---	---	---	2	---	---	2
1862	---	---	2	---	4	---	---	6
1863	---	---	1	---	7	---	---	8
1864	---	---	---	---	3	---	---	3
TOTAL	3	1	16	5	276	2	6	309

Total geral — 1855, 366; 1856, 421; 1857, 448; 1858, 668; 1859, 714; 1860, 597; 1861, 272; 1862, 410; 1863, 420; 1864, 417. Soma total: 4.703.

Secretaria da Policia de Minas, 1.º de agosto de 1866.

Antônio Xavier da Silva, Jun.

Secretário em exercício

(*) N.T. Em branco no original. Pela ordem dos crimes no Código Criminal do Império, corresponde ao crime de concussão.

Crimes de ação privada

Anos em que foram cometidos	Contra a liberdade privada	Homicídio	Tentativa de morte	Aborto	Agressão física e ferimentos	Ameaças	Invasão de domicílio	*	Rapto	Calúnia e injúria	Poligamia	Adulterio	Furto	Falência e outros crimes c. propriedade	Injúrias físicas	Roubo	Soma total
1855	—	80	15	—	139	16	1	1	1	1	—	—	14	5	9	14	296
1856	3	101	24	—	163	14	4	1	1	2	1	—	9	6	6	12	347
1857	6	108	36	—	163	26	1	2	1	5	1	—	8	3	14	9	383
1858	8	164	45	—	240	28	2	—	—	14	2	—	43	5	9	18	578
1859	5	163	44	1	266	37	3	5	2	16	—	—	24	14	15	35	630
1860	4	117	42	1	225	24	3	5	3	9	—	1	28	9	10	22	503
1861	1	80	36	—	85	8	—	2	2	2	—	2	7	4	5	22	256
1862	4	119	58	—	153	4	—	2	1	2	—	—	8	8	6	15	380
1863	2	135	40	1	150	10	1	6	—	1	—	—	12	1	4	12	375
1864	3	119	46	—	170	3	—	1	1	7	—	—	8	4	4	17	383
Soma total	36	1186	386	3	1754	170	15	25	12	59	4	3	161	59	82	176	4131

Esses documentos falam por si. Eu só notarei que os crimes contra a propriedade são 204; contra as pessoas 3.299 dentre 4.705 e que, para cada caso de furto há 1.186 assassinios. Contudo as leis brasileiras, ao contrário das nossas, protegem mais a vida e o corpo que os haveres e os bens imóveis. Aqui, levantar uma bengala, ou mesmo usar para com uma pessoa de linguagem insultosa, é crime passível de ação penal e a ofensa é severamente punida. Os estrangeiros dizem que é melhor matar um homem no Brasil do que feri-lo. É crime atirar num ladrão apanhado no ato de saquear sua casa. Na Inglaterra a lei fica escandalosa e grotescamente no extremo oposto. A tendência natural é a proteção e o favorecimento do vício nacional: o banditismo e a brutalidade.⁴⁵ O espancador de mulheres e o malfeitor das ruas, após se aproximarem quanto possível do homicídio de um inofensivo, pode ficar certo de que em nenhum lugar do mundo será tratado tão delicadamente e com tanta consideração. Mas ainda que continuem a achatar narizes e quebrar costelas mediante cinco libras ou uma semana de cadeia, não se meterão a tocar num relógio ou num alfinete de gravata, aliás Sua Majestade a lei fará sentir sua terrível irritação.

Como se explica, assim, que em Minas — posso dizer no Brasil em geral — haja tão pouca segurança de vida, tão diligentemente protegida?

Entre os ricos o assassinio provém de três causas: terras, questões políticas e “casos de coração”, item que só tem relação secundária com a matéria, especialmente quando a honra da família está em causa e quando somente um tiro ou uma punhalada pode resolver o caso. Os pobres matam-se depois de brigas sobre terras, perdas no jogo, amor e bebidas. As cachaçadas acabam freqüentemente em tiroteio. Em regra todos os homens andam armados; os revólveres e facas ficam ocultos. No interior, porém, ninguém sai sem espingarda ou pistola comprida (garrucha) e uma indefectível faca. O derramamento de sangue não é considerado com um grande horror; não há praticamente consideração nem respeito pela vida humana que caracteriza a ordem social mais antiga da Europa. Os diminutivos carinhosos “facadinha” e “mortezinha” têm, em geral o sentido de traição. A impossibilidade moral de aplicar a pena capital — ou de riscar o criminoso do catálogo dos vivos —, a facilidade de fugir da cadeia e pouco receio dos trabalhos forçados numa terra de escravos, induzem ao aumento das vinditas. Finalmente a maior parte desses criminosos é absolutamente inculta. Para fechar as prisões, a escola, nessa fase da civilização e a paróquia devem-se abrir e manter-se abertas. Lembremo-nos, contudo, com

o Sr. Quetelet (*Sur l'homme*, II, 325)⁴⁶ de que “c'est la société qui prépare le crime, le coupable n'est que l'instrument qui l'exécute.” “Lá vai minha desgraçada pessoa”, exclamou o bom Fénelon quando viu um ladrão levado para as galés.

Alguns assassinios são escandalosos. Lemos, por exemplo, que, na cidade de Lavras, A.B., brigando com C.D., atingiu-o cinco vezes, assassinou o guarda municipal E.F., matou G.H. e feriu gravemente I.K., que acompanhou a autoridade policial ao local. Em 1866 um médico, casado com a neta do barão do Rio Verde, homem inofensivo e benquista, matou-o na praça pública da freguesia de São Gonçalo da Campanha.⁴⁷ No mesmo ano um Dr. A.B., passeando a cavalo com três amigos pelos arredores de Filadélfia,⁴⁸ foi atingido por uma bala de uma emboscada por C.B., que logo depois montou a cavalo e fugiu.

Quando eu me aproximava da cachoeira de Paulo Afonso meus homens discutiam muito um assassinio que havia ocorrido umas seis semanas antes. Nesse caso aparecia o negro do costume e mais de uma mulher. A senhora Isidora Maria da Conceição preferiu o senhor 'Ferino (Zeferino) da Cruz a seu legítimo esposo, senhor José Teles de Meneses, e o casal de amantes resolveu afastá-lo do caminho, 'Ferino conseguiu as simpatias da sua própria mulher, a senhora Mariana Teles de Barros, dizendo-lhe que o homem a ser morto havia falado mal dela. “Deve ser morto”, exclamou a senhora iludida. A Clitemnestra brasileira tirou as armas do marido. O rival esfaqueou a vítima com muitos golpes, cortou-lhe a língua, as orelhas, escalpelou-o como os Mohawks o fariam, mutilou-o completamente e, amarrando-lhe pesadas pedras nos braços, atirou o cadáver no rio São Francisco. Foi encontrado uma quinzena depois, parece que em bom estado, dizem, evidentemente já inclinados a aceitar um pequeno milagre. Perguntei a causa da mutilação. A resposta foi: “para judiarem”.⁴⁹ A *juidaria* continua aqui sinônimo de maldade.⁵⁰ Os criminosos foram presos em Geremoabo, província da Bahia, a umas vinte e cinco léguas do porto das Piranhas. É uma prisão de interior, especialmente adequada à fuga. Além disso, terão à sua disposição quantas falsas testemunhas precisarem. Reunir-se-á o júri e resolverá facilmente a questão *transit in rem judicatam*.

Por outro lado, a proporção de crimes em relação à população é mínima e, como se mostrou: o amor à lei, ou melhor, o caráter benigno, posto que violento do mineiro, revela-se pela situação da polícia. Com uma força repressiva tão diminuta, a maior parte dos países da Europa seria inabitável. Em 1866 a Inglaterra, com uma

população de 20.000.000, realizou 19.188 processos criminais em julho e 27.190 prisões por graves ofensas qualificadas como crime. Em nenhum lugar viaja o estrangeiro com mais segurança desde que não se meta em política, em amores, nem em processos judiciais. O furto é desconhecido nos lugares em que não se estabeleceram estrangeiros. Quando descii pela primeira vez o Ribeira de Iguape em 1866, as minhas malas ficavam sempre abertas. Em 1867, depois de uma pequena imigração anglo-americana, o povo havia aderido à arte de furtar e roubar e deviam-se tomar todas as precauções contra os homens livres. Entre as tribos tupis o furto era completamente desconhecido, e no interior de Minas é ainda restrito aos escravos. Yves d'Evreux-diz que "mondaron" ou ladrão era o maior insulto que se poderia fazer a um índio e que as mulheres preferiam ser chamadas "patakere" (meretriz) a "menondere".

A predominância do hábito de intoxicar-se surpreendeu-me. Saint-Hilaire atesta que em seu tempo era raro encontrar-se um homem embriagado. Gardner declarou que, ao desembarcar em Liverpool, encontrou, em poucos dias, mais homens embriagados do que havia visto em todo o Brasil, brancos ou pretos, durante cinco anos de viagem. O príncipe Maximiliano queixa-se do vício em várias passagens.⁵¹ Mas note-se que ele viajara por entre os miseráveis colonos da região da beira-mar, na costa oriental.

Minha experiência é a seguinte: nas cidades do Atlântico a sobriedade é a regra, especialmente entre a gente educada⁵² e o clima dificilmente permite que o abuso de estimulantes seja demorado. Mas no interior a dieta vegetal e a fatal facilidade de obter-se bebida forte e barata, a falta de divertimentos e o exemplo dos estrangeiros que vêem na garrafa o melhor amigo, fizeram com que as classes inferiores se tornassem uma raça de bons bebedores, como os que vivem sob a lei da bebida do Maine.

Os velhos dizem-me que antigamente a observação que encerrava a caracterização de um réprobo, um *perdido*⁵³ era: "e dizem que ele bebe"! A dipsomania das raças nórdicas permitiu muitas caçoadas, agora, infelizmente obsoletas: "Um inglês bêbado,⁵⁴ que pleonasma! que tautologia!" diziam. "Tem sua baeta de inglês", equivalia a "fala inglês" da África portuguesa, expressões que significavam "estar bêbado".⁵⁵ O mineiro não pode mais gabar-se dessa agradável superioridade moral. É difícil obter criados, tanto livres como escravos, que não se excedam habitualmente nas bebidas. E se o patrão dá mau exemplo, a liberdade excederá todos os limites. O tropeiro e o barqueiro começarão o dia com um gole "para espantar

o diabo".⁵⁶ Um segundo gole é chamado "mata-bicho"⁵⁷ que, como diz a velha graçola, não morre. Após a primeira refeição às 7 ou 8 horas da manhã, um terceiro gole, mesmo entre os sóbrios, completa o jantar, de meio-dia até 2 horas da tarde. Muitas vezes a noite se passa entre amigos entre uma *viola* e um *garraão* de cachaça. Numa pequena vila, depois de um dia de festa, encontrei cinco ou seis homens estirados na estrada e fui muitas vezes prevenido que nunca engajassem uma tripulação para vencer as cachoeiras depois de um dia de festa. Tal como os orientais, os homens daqui poucas vezes bebem com moderação. Os que bebem, bem forte e os que não bebem são totalmente abstêmios, o que, por si, é bastante expressivo. O consumo de bebidas alcoólicas excede, segundo penso, o da Escócia. Os brasileiros que se escandalizavam com a quantidade que desaparece, explicam que o parati bruto é gasto nos banhos. O governo faria bem em publicar a estatística do assunto. Os dados poderiam ser facilmente obtidos, já que a maior parte das destilarias paga impostos pela entrada e saída das vilas. Os antropologistas lembrar-se-ão das imensas quantidades de *whiskey* bebida nos Estados Unidos e é curioso observar que os aborígenes do Brasil eram extraordinariamente inclinados à intoxicação. De Léry, o astuto e velho capelão de Villegaignon diz (*Viagem*, 130-132): "Qu'il me soit permis de dire arriere Alemans, Flamands, Lansquenets, Suisses et tous qui faites carçons et profession de boire, par de là; car tout ainsi que vous mêmes, après avoir entendu comme nos Amériquains s'en acquittent, confesserez que vous n'y entendez rien au prix d'eux, aussi faut-il que vous ne leur cédiez en cet endroit".

O mineiro, como o paulista, é religioso, mas católico relaxado. O catolicismo fica aqui muito afastado do seu legítimo centro e passou por algumas modificações notáveis. Ao mesmo tempo, tal como o paulista, ele tem certo horror a todos os não-católicos. É antes supersticioso que fanático, mas todo o mundo sabe como se pode passar de uma categoria para outra. O ânimo persecutório não é muito forte, ainda que eu tenha lido um discurso de um deputado provincial propondo a pena de morte para um padre que se convertera (ou pervertera) ao *protestantismo*. É difícil que nestes dias alguém construa uma igreja, o que é um grave sinal dos tempos.⁵⁸ Muitas pessoas, das mais educadas, não do povo, defendem o casamento dos padres e o Regente Feijó escreveu sobre esse assunto um folheto que foi traduzido por um missionário americano, o Sr. Kidder. Os paroquianos não fazem muita oposição a um vigário que vive com mulher e faz de si próprio um homem de bem. O clima não é favorável à castidade; a raça, especialmente quando há mistura de

sangue, é de matéria inflamável e a conversa e a atitude dos escravos não se compadecem com a mais elementar modéstia. Não é preciso que explique que o celibato do clero é simples matéria de disciplina, conservado até hoje porque é, ou supõe-se que seja, agradável ao espírito do cristianismo, e porque é certamente de vantagem para a Igreja. Por outro lado, a idéia da dignidade superior da virgindade ou da esterilidade, seja forçada, seja voluntária, é revoltante perante a razão e o bom senso, especialmente uma nação moça, em que a poligamia se pode justificar moralmente e seus inconvenientes seriam mais que contrabalançados pelas vantagens.

Em Minas, e no Brasil em geral, em que o *sabbath* é mais estritamente respeitado que na França e na Europa do Sul, não encontramos mais aquele abuso de feriados, dias santos que, em certas regiões do Novo Mundo, tornam inúteis metade do mês. Também a prática sem sentido do jejum não é levada ao excesso. A confissão não é feita em demasia, exceto pelos devotos profissionais, e ouvimos muitas vezes falar em homens que recorriam aos seus padres em todos os assuntos, corriqueiros ou importantes, seculares ou espirituais. Em resumo: o povo está maduro para reformas religiosas. Destas, a principal seria um "edito *irreligioso* autorizando todos os cultos". Todas as crenças deveriam ter permissão para construir, para o culto, templos, e não somente casas.⁵⁹ A lei permite os casamentos civis, o que é um grande progresso sobre alguns nebulosos hispano-argentinos que, nos últimos meses, fizeram um motim contra a inovação.⁶⁰ Mas os casamentos mistos, entre brasileiros e estrangeiros impõem certas exigências, tais como compromisso de ser educada a prole na fé romana.⁶¹ Quando a Igreja cede, o Estado não deve ficar atrás. Algum dia todos os cidadãos imigrantes serão admitidos aos mais altos postos, sob o governo de quem eles tenham aceito voluntariamente tornar-se súditos. Atualmente ele pode ser senador, mas não deputado,⁶² quer dizer coronel, mas não capitão. O Brasil fará bem considerando o exemplo dos Estados Unidos que se elevaram ao presente estado de prosperidade através de uma tolerância ilimitada, e não porque estão próximos da Europa, gozam de um clima agradável, possuem uma terra rica ou podem conceder milhas de território. Todas essas vantagens, em maior extensão, podem, penso eu, encontrar-se no Império. Mas não podem abrir-se ao mundo senão quando uma completa igualdade civil e religiosa retire todos os obstáculos da rota do progresso. Deve haver, creio eu, algumas modificações na Constituição brasileira antes que a nação deixe de ser o que os mordazes franceses chamam um "*peuple de prospectus*".

A mineira vive numa semi-reclusão, sistema que veio da Ibéria através do Atlântico, foi ali intensificado pelo domínio do Islã que, por sua vez adquiriu algum laxismo com o exemplo cristão. *Femme file et ne commande pas*. Em nenhuma família, a não ser nas mais civilizadas, a dona de casa e as moças sentam-se à mesa com um estrangeiro. Entre os menos educados o *deshabillé* é demasiado, não permitindo receber ninguém sem uma toilette quase completa. Esse estado de coisas lembra-me muito os cristãos da Síria, que não trocariam o velho sistema pelas liberdades, ou, o que eles chamam, as licenciosidades da Europa. Os homens protegem suas mulheres de duas maneiras. Ou como orientais, ou como nós, expondo-as livremente, mas com toda a luz da publicidade voltada contra elas. Também na Europa há pequenas diferenças de tratamento. Na França e na Itália, ou melhor, nas raças latinas em geral, a moça não deve sair de junto da mãe; é difícil que possa sair com seu irmão que é considerado ineficiente como pau de cabeleira. Mas, uma vez casada, cessa a vigilância.⁶³ Na Inglaterra a proteção materna é frouxa demais e os *flirts* antes do casamento não são considerados ofensivos à sociedade. Assim, as que “tomam estado” não são virgens senão na imaginação. No Canadá a liberdade é levada ao excesso quase tanto quanto nos Estados Unidos. Mas nesses últimos anos, a mulher é acompanhada pelo revólver e pela faca de matar.

Como nos países tropicais em geral, a fase da “idade sem graça”, em que as moças se apresentam com longos membros e extremidades desproporcionadas, idade que precede imediatamente a época da *beauté du diable* é desconhecida em Minas. As mulheres nunca são tão bonitas quanto entre os treze e dezesseis anos, quando são pequenas mocinhas. Semelhantemente não há nos rapazes essa fase desengraçada dessa horrenda mudança de voz que é peculiar aos climas temperados.

Creio que o ambiente de família em Minas, como no Brasil em geral, é excepcionalmente puro e que, a esse respeito, muitos estrangeiros fazem grave injustiça ao povo. Chegaria a ser risível, se não fosse revoltante, ouvir um estrangeiro, depois de uns poucos meses de estadia aqui, podendo, com esforço, formar uma ou outra frase apenas compreensível em português, compensar a falta de experiência com o poder da fantasia; citar o injurioso ditado que corre de pólo a pólo: “Pássaros sem canto, flores sem perfume, homens sem honra e mulheres sem honestidade”. As cidades e as grandes vilas, em toda parte do mundo são semelhantes no que tange à moralidade. Uma nação deve ser julgada pelas suas aldeias e seu interior. Aqui as falhas de virtude são quase impossíveis, dada a falta quase total

de oportunidade, o “chumbo na cabeça” e a “faca no coração”⁶⁴ seriam certamente o destino do pretendido sedutor. Como nos Estados Unidos, mas não na Ibéria, a penalidade no Brasil recai sobre a pessoa culpada — o amante, e não sobre a mulher. Isso está de acordo com a mentalidade da Inglaterra e, de fato, da maioria das nações nórdicas. Nosso Tribunal de Divórcio, se tivesse de se pronunciar sobre o “Putifar *versus* Putifar e José”, não permitiria ao último narrar nem um décimo da verdade. E se ele fosse tão ousado ao ponto de tentar uma defesa, seria chamado de desumano e desprezível pelo juiz e, daí por diante execrado em todo o país.

Posso citar em relação à sociedade mineira o que a condessa Paula von Kollonitz⁶⁵ disse da mulher mexicana: “Um baluarte de parentes cerca a jovem esposa e serve, de certo modo, para protegê-la. Mas, independente disso, achei-as sempre recatadas, rígidas, chegando mesmo à pudicícia quando o estrangeiro pretendia ser ousado. Os casamentos são realmente domésticos e felizes. Os casados andam sempre juntos e o marido presenteia abundantemente a mulher, o que é considerado uma prova especial de afeição”. Posso acrescentar que o comportamento exemplar das mulheres brasileiras que casaram com ingleses fala eloqüentemente em favor do sexo em geral. O holandês Bernard de Mandeville, cujos planos para diminuir a imoralidade — no sentido estrito do termo — eram tão adiantados para sua época que o levaram à barra de um grande júri de Middlesex em 1723, assegurava, com grande escândalo das “pessoas respeitáveis” que a classe das hetairas é maior ou menor, em rigorosa proporção com a pureza ou depravação da família. Os lugares mais dissolutos da Europa são aqueles em que os agapêmones são pouco prósperos e freqüentados somente por estrangeiros.⁶⁶ O grande domínio da prostituição profissional nas vilas do interior do Brasil, tal como é descrito pelos viajantes anteriores a 1820, e que deu origem ao provérbio “mulher e cachaça em todo lugar se acha”⁶⁷ desapareceu atualmente. Contudo nas capelas que são freqüentadas aos domingos e dias de festa pela rapaziada, haverá sempre três ou quatro filhas de Jerusalém, cada qual fazendo suas 150 libras por ano, equivalentes aqui a 500 libras na Inglaterra. O dinheiro vem dos filhos dos fazendeiros que na Europa gastariam com feiticeiras e cartomantes, o que seria pior. E, como o sabia Platão, há uma enorme diferença entre o vício público e o privado.

Há uma maneira poética de fazer justiça aos hebreus no fato de tratarem os europeus aos brasileiros como “judeus da América do Sul”. O mesmo se disse do habitante da Nova Inglaterra. Ambas

as raças são espertas e a esperteza, observe-se de passagem, está encontrando rapidamente o caminho do Oriente;⁶⁸ ambas produzem homens de negócios de primeira qualidade e muitos fizeram uma fortuna colossal em poucos anos. O “pobre rico”, que vive como um mendigo e empresta seu capital a 15 e 24% não é desconhecido. Em regra, porém, o dinheiro é gasto com largueza, havendo poucos casos daquela tenaz e mesquinha cobiça, vulgarmente atribuída aqui aos portugueses e, entre nós, aos hebreus. A maior consideração é dispensada ao comércio; metade dos titulares da terra foram ou são negociantes, direta ou indiretamente. Uma casa de fazenda não está completa sem uma loja no andar térreo e ainda não encontrei um fazendeiro que não vendesse a sua propriedade, no todo ou em parte, com escravos ou sem eles.

Saint-Hilaire, que se tornou quase mineiro, achou falta de cordialidade quando deixou Minas.⁶⁹ Minha experiência é contrária à dele. O paulista, ainda que reservado, fica mais à vontade com os estrangeiros que o seu primo. O último pode ser definido como “acanhado”,⁷⁰ termo que corresponde, mais ou menos, ao inglês *shy*. Há uma aflitiva dose de cerimônia que nos transporta à primitiva meticulosidade do Minho e do Douro. Ambas as províncias são igualmente hospitaleiras, ambas detestam a falta de maneiras e ambas preferem o sistema francês de etiqueta ao inglês — com a diferença que tinham há um século. Mas na estrada o paulista tira o chapéu, dá um cordial bom-dia e responde de boa mente a todas as perguntas. O mineiro encara-nos antes de tocar o seu chapéu e frequentemente sua mão fica suspensa entre a sela e a cabeça, calculando infantilmente se o estrangeiro quer ou não retribuir o cumprimento. Algumas vezes olharam-me carrancudos e irritados, as mulheres “fecharam a cara” e os homens responderam-me tão secamente que ficavam impedidas todas as esperanças de intercâmbio. Isso, porém, foi azar meu. A Guerra do Paraguai fez com que o povo do interior considerasse todos os estrangeiros como agentes do Governo e viajantes com algum fim tenebroso. Em um lugar fui tomado como chefe de polícia, autoridade que, em regra, não aparece senão quando alguém está sendo procurado, fazendo até com que o inocente fuja para o mato. No rio de São Francisco tornei-me o próprio presidente Lopez e nunca fui tomado por menos que um oficial de recrutamento, tipo tão popular quanto o almotacé no velho Ayrshire, cantado por Roberto Burns, ou como o alcaide de Conemara, quando governada por Martin de Galway.⁷¹ Além do mais, com o número crescente de visitantes europeus e colonos, o mineiro não aprendeu a aumentar o respeito pelos estrangeiros e não é para admirar-se,

O contato com tal gente — apresso-me em explicar que há muitas exceções honrosas — só pode provocar desprezo.

Minas é a pátria dos dois pais da poesia épica brasileira e seus filhos distinguiram-se por todo o império nas artes e nas armas. O nível intelectual do mineiro restringe-se em geral às humanidades. A ciência moderna não se pode adquirir na província. As artes mecânicas são desconhecidas, mas as belas letras estão abertas a todos. Como os neolatinos em geral, o mineiro aprende facilmente os dialetos cognatos. Sua compreensão ágil, mas um tanto superficial, domina com facilidade os vários ramos elementares da matemática. Os mineiros têm um sotaque muito visível, um modo peculiar de falar que não é facilmente compreensível. O paulista fala com a boca aberta demais — é o dórico do Brasil. O mineiro, pelo contrário, fecha os lábios e come as palavras, a ponto de não serem elas percebidas por ouvidos estrangeiros; é o Lancashire *versus* Northumberland. Isso provém, sem dúvida, dos velhos tempos, quando havia grande mistura de sangue indígena. Saint-Hilaire (III, II, 107 e II, 263) considera essa maneira de falar um característico dos peles-vermelhas, “Comme les diverses nations indiennes que j’avais vues, jusqu’alors, les caiapós parlent du gosier et de la bouche fermée.” Isso é confirmado por todos os viajantes, mesmo dos tempos mais antigos. O príncipe Max (III, 166) diz dos Camacan ou Meniano: “Eles cortam bruscamente o final das palavras, falam baixo e com a boca meio aberta”.

Não quero prolongar este capítulo dando as estatísticas oficiais dos estabelecimentos de educação. Por todo o Brasil essas minúcias ficam melhor no papel do que na realidade. Mas o assunto não é nunca descurado e os melhores *pensadores* não julgam indigno de suas maiores atenções. A escola é “o misterioso laboratório em que o homem e a criança em colaboração preparam o futuro”. Além disso, pode-se dizer com segurança que todos os filhos dos pobres, exceto nos lugares mais remotos, podem obter a instrução primária, que os três *R* são, em geral, estudados e os incapazes de ler e escrever não são tão numerosos como na Inglaterra e na França.⁷² Além disso a escuridão total em matéria de cultura e a total ausência de instrução, que ainda se encontram entre as classes inferiores da Europa, são aqui restritas aos idiotas. Algumas províncias como o Paraná revelaram sabedoria obrigando as crianças a freqüentarem as escolas. E isso creio que se estenderá por todo o Império. Atualmente a culpa é mais dos velhos que dos moços. Os pais não tiveram tempo de saber o que vale a educação.

Os livros e revistas são ainda raros e caros. Os jornais são, pois, a grande reserva de alimento literário por toda a província de Minas. Em todas as lojas, desde a madrugada, o patrão e empregados podem ser vistos perdendo tempo, como dizem os estrangeiros, com seus periódicos. Tal como o cidadão dos Estados Unidos, o brasileiro encontra suficiente distração em um copo de água — aqui não gelada — um charuto ou pedaço de fumo de mascar — acompanhados de um jornal. Ouso aqui sugerir uma notável semelhança entre as mais altas formas da sociedade européia e a do Império e da República Americana. Qual o homem de sociedade, especialmente qual a mulher de sociedade de Paris que lê alguma coisa que não seja o jornal ou a revista? Quem, na vida de Londres, tem tempo de virar uma página que não seja dos diários, semanários e mensários? Em quantas casas de campo ficam os livros sobre as mesas e nas estantes sem serem tocados por ninguém, a não ser o encarregado da limpeza?

A razão é que o jornal é o progresso, é a literatura do futuro. como dizia Lamartine na Câmara Francesa, antes do fim do século ele abrangerá todo o pensamento humano e se tornará a voz do homem. Quando o jornalismo se transformar infinitamente pelo aperfeiçoamento do maquinismo e oferecer diariamente ao público todas as questões tratadas de modo cabal, o *octavo* tomará a forma da folha popular. Como velho ex-editor não posso concordar com o Sr. Emile de Girardin:⁷³ “antes um dia de escritório do que dez anos de jornalismo”. Nem ele mesmo realizou suas aspirações.

A glória própria do século XIX será a de recolher a educação, a instrução, o esclarecimento dos sábios profissionais e dos Dez Mil escolhidos, e difundi-los como um evangelho pela humanidade. E isso o caracterizará como uma era especial. Assim, no princípio da vida religiosa do homem, o legislador dos hebreus recolheu dos sacerdotes egípcios, que haviam velado na mais profunda obscuridade da fé e da prática, a idéia da Unidade de Deus, que nunca foi e nunca poderá ser abandonada pela inteligência humana.

No fim da última geração, Gardner encontrou em Ouro Preto um par de tipografias e quatro jornais *in folio* pequeno. Dois eram ministeriais, os restantes da oposição, ambos totalmente políticos. Hoje o aumento das comunicações com a capital reduziu as tipografias a uma só: *Tipografia do Minas Gerais*⁷⁴ e os periódicos a dois. Isso também é uma prova do abrandamento das paixões populares. *O constitucional* é conservador, aparece uma vez por semana, geralmente aos domingos. São seus redatores o Dr. Camilo da Cunha

Figueiredo, bacharel, e o Dr. Benjamim Rodrigues Pereira. O *Diário de Minas*, diário, como o nome o indica, que data de 1.º de janeiro de 1868, é redigido por um liberal, Dr. João Francisco de Paula Castro, cujo partido está há muito no poder. Tem a feição usual dos jornais brasileiros do interior: uma folha única em quatro colunas de vinte e oito polegadas por quinze. Há um artigo de fundo, que lembra a *Eatanswill Gazette* que ataca violentamente a oposição e o jornal rival. As notícias e a correspondência da Europa e das outras províncias vêm pelo correio. Quando a Assembléa Legislativa está reunida, a parte oficial contém os discursos imparcialmente transcritos e há sempre alguma coisa sobre os preços correntes. Estando com o Governo e sendo provavelmente bem subvencionado, pode ostentar maior calma e revelar maior paciência que o órgão conservador. Aqui, como em toda a parte, o tom do jornal é a expressão da sociedade. Referências a sovas e maus tratos e fatos escandalosos e linguagem violenta são estranhos ao jornalismo brasileiro, mas são coisas geralmente reprovadas e terminarão agora como o *Satirist*. Mesmo agora a linguagem é raramente mais forte do que a que se encontra num jornal irlandês tratando de assunto de interesse efêmero. Nunca vi coisa que se pudesse comparar ao *Bombay Times* do Dr. Beust — “a besta berradora” dos “irmãos do demônio” — ou uma certa revista de Londres que se dedicou durante sua curta existência a assuntos do Oriente.

Para um viajante a parte mais interessante de um jornal é talvez a dos anúncios. Eis aqui no *Constitucional* uma “mudança de nome”. É um homem que muda de nome simplesmente para evitar confusão. A.B.C.D. de E, agradece publicamente aos que o hospedaram na última viagem — costume amável. Os amigos e parentes do falecido Sr. Fulano de Tal são convidados para uma solene missa de *requiem* celebrada pelo repouso de sua alma, a que certamente comparecerão. Essa notícia é precedida de uma vinheta com o perfil de um túmulo com a inscrição “morte”, encimada por uma viúva com longos véus e um órfão inconsolável sentado no chão. FUGIDO, com letras garrafais, e £0\$000 rs, por extenso, é figura de um antropóide com um fardo às costas e uma vara na mão. Indica que um escravo “ganhou a estrada” e está sendo procurado. Uma casinha de papelão com dois esboços de árvores, evidentemente não pertencentes ao reino vegetal, quer dizer que há uma “chácara”, um “sítio”, ou uma casa na cidade à venda. Um piano, alguns livros e algumas peças de música, luvas, sapatos e bilhetes de loteria e uma máquina fixa são oferecidos ao público. Mas o grosso das duas páginas é dominado por anúncios de remédios. A salsaparrilha de Bristol

esconde-se modestamente sob os nomes de “O coxo” e a “Batalha da vida”. A quina de Laroche e as pílulas de Blancard etc., desprezam esses subterfúgios. E para que a Grã-Bretanha seja devidamente representada, o maravilhoso unguento e as pílulas (ou *pildoras* como dizem os espanhóis) de Holloway espalham-se descaradamente em duas colunas, no mínimo.

Por fim um “a pedido” representa o *communique*. Esse gênero de correspondência é geralmente sem assinatura, subscrito por um nome fictício ou por um nome verdadeiro como “testa de ferro”⁷⁵ que suporta as conseqüências por conta de outras. É a parte mais feroz, senão a única feroz da população.

Notas ao capítulo XXXVIII

1. N.A. O espaço de que disponho só me permitirá tratar dos assuntos por alto. Além disso através desses volumes, registrei algumas notas de caráter antropológico à medida que os assuntos as sugeriam.
2. N.A. Tanto os paulistas como os mineiros podem hoje sorrir diante das graçolas do velho comediógrafo português Correia Garção:

Parece-me que estou entre paulistas
Que, arrotando congonha, me aturdiam
Co'a fabulosa ilustre descendência
Dos seus claros avós, que de cá foram
Em jaleco e ceroulas.

(*Teatro novo*)

3. N.A. Os índios costumavam chamar os negros de «macacos da terra».
4. N.T. Em português no original.
5. N.A. A carta do conde de Assumar descrevendo o «horroroso motim» está impressa no *Almanaque* de 1865 (pp. 101-104) e as condições que ele assinou no *Almanaque* de 1864 (p. 56). Southey (III, 38, 158-161) traduziu o relatório do conde quase literalmente e dá, assim, uma visão unilateral do acontecimento.

N.T. O autor serve-se da documentação existente na época. A significação do levante liderado por Filipe dos Santos tem sido objeto de sérios debates. V. Rodolfo Jacob: «A Revolta de 1720». *Bicentenário de Ouro Preto. Memória Histórica*. B. Horizonte, Imp. Of. s.d., p. 185. Francisco Diogo de Vasconcelos: «Revolução de 720 em Minas». Número especial d'O *Jornal* sobre Minas Gerais, 1927. Feu de Carvalho: *Ementário da História de Minas*, Belo Horizonte, 1933. José Afonso Mendonça Azevedo: «Movimentos sediciosos nas Minas Gerais» *Jornal do Comércio*, 15 de

junho de 1947. Em sua *História de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 vols., 1961, João Camilo de Oliveira Torres (I, 164) reconhece que o governador não tinha poderes para condenar Filipe dos Santos à pena última: «saltou por cima da lei para salvar a ordem». Mas reconhece, por outro lado, que ele não pode ser considerado precursor da independência porque os rebeldes «não tinham objetivos propriamente políticos em sua agitação».

6. N.A. Daí o nome que tomou a serra, «da Moeda». Há ainda lendas de tesouros enterrados perto do lugar em que ficava a máquina de cunhar. Outros estabelecimentos de falsificação de moedas fundaram-se em Catas Altas de Mato Dentro e alhures. As peças cunhadas eram tão perfeitas quanto as emitidas pelas casas da moeda, somente haviam-se furtado a pagar o quinto real.
7. N.T. Chamava-se *anata* o imposto pago por quem recebia um benefício ou nomeação, calculado pelo rendimento de um ano.
8. N.T. A venda de funções públicas, dependentes de comprovação da capacidade *a posteriori*, foi adotada em vários governos. Em França chegou-se ao cúmulo de vender o posto de secretário do rei. Foi um dos pontos mais atacados do velho regime pelas reivindicações da Revolução Francesa. No Brasil venderam-se especialmente cartórios.
9. N.T. O subsídio literário destinava-se a manter as escolas régias após a expulsão dos jesuítas.
10. N.T. Os *donativos* «voluntários» para a paz com a Holanda e para o dote da rainha da Inglaterra (princesa portuguesa), tinham em vista indenizar os holandeses vencidos, impedindo uma terceira e ameaçadora invasão, e interessar os ingleses em conterem a ambição da Holanda.
11. N.A. O visconde de Barbacena havia proclamado as últimas ordens relativas à contribuição para refazer o Palácio da Ajuda, num momento em que os quintos atrasados subiam a 700 arrobas, i. é. 22.400 libras-ouro, tanto quanto a atual circulação da Província. No julgamento de Gonzaga provou-se que o poeta instara com o Intendente para que cobrasse os quintos atrasados, bem como todos os demais tributos. Ele alegou que assim havia agido a fim de convencer o Governo da Metrópole que a medida era impossível, obtendo afinal a remissão da dívida. Mas os juízes foram de opinião que seu objetivo havia sido aumentar a irritação popular. Acresce que o terrível Tiradentes já havia debatido a questão de um ponto de vista que ele se esforçou por destruir.
N.T. Veja-se o acórdão da Alçada nos *Autos da Devassa*, 1.^a ed., Rio de Janeiro, 1938, vol. vii, p. 169. O ponto de vista de Tiradentes à p. 147 do mesmo volume.
12. N.T. José Maria Pinto Peixoto foi nomeado, por aclamação, Governador das Armas da província de Minas Gerais com o título de brigadeiro. Foi ele que promoveu a instalação do Governo Provisório de Minas Gerais. Retirou as peças de artilharia do palácio enquanto o governador assistia a um espetáculo teatral. João Camilo de Oliveira Torres, *op. cit.* III, 768.

13. N.T. Chiqueiro do Alemão é uma pequena povoação de Minas, perto de Ouro Preto. Os entendimentos entre o Príncipe e a Junta de Minas processaram-se em Capão do Lana, não muito distante, a sete quilômetros em linha reta. Eduardo Canabrava Barreiros: *Dom Pedro. Jornada a Minas Gerais*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1973, p. 114.
14. N.A. A segunda visita do Príncipe a Minas não foi tão feliz. Logo depois dela o Imperador abdicou.
15. N.T. Depois visconde de Caeté.
16. N.A. Lembram nesse ponto os bascos, dos quais o célebre Gonçalo Fernandez de Córdova costuma dizer que preferia tomar conta de leões a governá-los.
17. N.A. *Brasileiro* opõe-se a *Português*, ou filho do reino, chamado, em tom de escárnio, *Portuga*, *Pé-de-chumbo*, *Bicudo*, *Marinheiro*, *Galego* etc.
18. N.A. Termo injurioso inventado pelos inimigos da independência brasileira, mas aceito, com alteração do sentido, pelo povo.
19. N.A. Que aliás (I, 567) refere-se à «caprichosa peculiaridade da raça».
20. N.A. Vejo com prazer que Eschwege nega a cor de cobre das raças americanas como regra. Elas nascem com uma cor amarelo-esbranquiçada e tornam-se depois castanhas, queimadas pelo sol.
21. N.A. A palavra «índio», como lembra o Sr. Charnock, quer dizer propriamente natural do vale do Indo. Mas que há de fazer o pobre antropólogo nesses tempos novos, em que termos tais como caucasiano, turaniano, semítico, hamítico e jafetita ainda precisam ser empregados em falta de melhores?
22. N.T. Maurice Dudevant, dito Maurice Sand, filho de George Sand. N.A. Cito o Sr. Sand, ainda que não esteja sempre de acordo com ele. A barbicha não somente é original, como também harmoniza-se com o feitio deles. Nem todas as tribos estão reduzidas a poucos pêlos em torno da boca atingindo somente três polegadas. Havia uma tribo, que os portugueses chamavam de *barbados* exatamente por causa das longas barbas. O mesmo se pode observar no interior da África.
23. N.A. O «temperamento» é também uma concepção puramente empírica, que deixará de ser levada em conta quando a química do sangue, de que é efeito, tiver sido suficientemente estudada. O assunto é extenso demais para uma nota marginal, mas é possível demonstrar, penso eu, que os luso-brasileiros, tanto quanto os anglo-americanos, sofreram modificações tanto no moral quanto no físico, devido ao clima, adquirindo caracteres nacionais próprios dos aborígenes. O grande desenvolvimento da diátese nervosa deve ser atribuído à notável facilidade com que o *mesmerismo*, ou magnetismo animal, atua tanto no Império quanto na República Americana. Um médico em São Paulo, em nove estudantes, encontrou três sujeitos a sua influência,

Citam-se casos extraordinários. Em Maceio, provincia de Alagoas, há uma menina, sobrinha do barão de J. [Jaraguá?] que, dizem, pode, pelo poder de volição, dar a um copo de água o cheiro e, até certo ponto, a aparência de qualquer liquido que se peça — leite, vinho ou licor; além disso já conseguiu formar neles diversas camadas, cada qual conservando suas peculiaridades. Um comitê de seis médicos assistiu a uma experiência, a que compareceu também um prestidigitador profissional que se confessou incapaz de compreender como as mudanças se operavam, ainda que ele, por muitas vezes, tivesse revelado o truque costumeiro. O Sr. Spencer St. John narra um caso semelhante (II, 262) de uma mulher, de perto de Bornéu que chegava a cozinhar um ovo só com o respirar sobre ele. Não é mais possível não tomar conhecimento de coisas como a introversão, a leitura do pensamento e a clarividência médica. A maior parte dos homens, que nunca testemunhou esses fenômenos, há de caçoar e desprezar o assunto. Mas não os que procuram compreender as causas das coisas; esses fixarão firmemente os fatos para investigar a verdade até o fim, modificando suas teorias à vista dos fatos e não os fatos em vista de teorias.

24. N.A. «Os negros criados nos Estados Unidos e cujos pais também tenham sido criados ali diferem tanto na cor como nas formas de seus irmãos nascidos e criados na África (*North America*, pelo Sr. A. Trollope, cap. 5, 1862). Todos nós observamos isso à primeira vista. E o valor da observação é tanto maior quanto o autor não sustenta nenhuma teoria e não parece ser antropologista. «Sur l'influence du contact de la race blanche, diz o Sr. Liais (*L'espace celeste, et la nature tropicale*. Paris, Garnier, 1865, p. 217) surtout par l'effet du mélange qui tend à s'opérer, il se forme une race de noirs beaucoup plus intelligente que celles des nègres de l'Afrique.»
25. N.A. Segundo o príncipe Max, I, 209-10, as mulheres da zona dos Puri usavam cordas ou embiras em torno dos pulsos e dos tornozelos «pour les rendre plus minces».
26. N.T. William Banting é autor de uma obra que causou grande sensação: *Letter on corpulence* (1863) recomendando uma dieta especial que passou a ser conhecida pelo seu nome.
27. N.A. O mesmo se nota com relação ao negro, tanto no Brasil quanto na sua pátria de origem.
28. N.A. Alguns atribuem a modificação ao uso do xoxó ou *chochó*, óleo extraído das amêndoas do coco-de-dendê (*Elasis guineensis*), cujo pericárdio fornece o óleo de palmeira do comércio. As amêndoas são piladas num almofariz e trituradas entre pedras até ficarem reduzidas a uma polpa fina. A massa é então batida numa vasilha com água fervendo e a matéria oleosa escumada da superfície. Antes de usar o óleo, os brasileiros colocam o xoxó em outra vasilha e expõem-no ao sereno por oito ou dez noites, mudando diariamente a água. Admira-se que esse artigo, tão usado na África e tão apreciado em toda a região tropical, ainda

- não tenha entrado no mercado inglês, onde ainda se mantém a gordura proveniente de sebo de carneiro.
29. N.A. Numa cidade de 15.000 almas vi três dentistas numa rua. Como na Europa, também no Brasil, os melhores são os dos Estados Unidos. É doloroso comparar com os trabalhos leves e duráveis os serviços grosseiros dos nossos práticos do interior e às vezes dos próprios londrinos.
 30. N.A. Eis outra peculiaridade indígena; todos os viajantes fazem referência à gravidade do olhar do pele-vermelha. E alguns assinalam a «tristeza» da expressão dos americanos.
 31. N.T. «*Rolling stone gathers no moss*». Pedra que rola não cria musgo.
 32. N.A. Aprendi com o povo uma «manha» que poderia ser vantajosamente adotada pelos nossos tropeiros. Quando o animal deve estacionar, o cavaleiro, ao desmontar, passa a rédea sobre a cabeça e deixa-a cair no chão. Os cavalos e os burros aprendem facilmente o manejo.
 33. N.A. No ano de 1101, Matilde, mulher de Henrique I, fundou a Casa de Lázaro, hoje de São Gil. No século XIII a França tinha, segundo o Dr. Sprengel, dois mil leprosários. Provavelmente essa lepra européia seria hoje chamada por outro nome. Sobre essa terrível moléstia em São Paulo, terei mais que dizer quando tratar dessa província.
 34. N.A. Custa a afirmar com segurança tal coisa; mas há alguns argumentos em favor de que a pressão atmosférica seria uma de suas causas.
 35. N.A. Outra doença que merece menção é uma forma violenta de prurido chamada sarna. Quando mal tratada, ou quando recolhida, tem conseqüências sempre perigosas e muitas vezes fatais. É sempre difícil de curar-se e não pode ser extinta sem muito mais habilidade e perseverança empregadas agora. Em muitos lugares do Brasil é tão comum como no rio Congo, onde os portugueses dizem que nenhum estrangeiro pode fugir dela por muito tempo.
 36. N.A. O Sr. Cândido Mendes de Almeida dá como total da população do Brasil em 1868, 11.030.000 almas, e a Minas Gerais 1.500.000. O senador Pompeu que, no assunto, é a maior autoridade no Brasil dá a seguinte avaliação da população em 1866:

	<i>livres</i>	<i>escravos</i>	<i>selvagens</i>
Município da Corte	320.000	100.000	
Amazonas	69.000	1.000	
Pará	290.000	30.000	140.000
Maranhão	320.000	65.000	
Piauí	210.000	22.000	5.000
Ceará	525.000	25.000	
Rio Grande do Norte	210.000	20.000	
Paraíba	250.000	30.000	
Pernambuco	1.000.000	250.000	
Alagoas	250.000	50.000	
Sergipe	220.000		
Bahia	1.100.000	300.000	8.000
Espírito Santo	50.000	15.000	
Rio de Janeiro	750.000	300.000	
São Paulo	750.000	85.000	
Paraná	80.000	10.000	8.000
Santa Catarina	125.000	15.000	
São Pedro	340.000	80.000	
Minas Gerais	1.150.000	300.000	
Goiás	135.000	15.000	15.000
Mato Grosso	40.000	6.000	24.000
Totais	8.184.000	1.719.000	200.000
Total geral		10.103.000	

37. N.A. O marido dirige-se então à mulher chamando-a «Minha filha», coisa que scaria terrivelmente a ouvidos asiáticos. A mulher raramente chama o marido de «marido». Em geral prefere uma perífrase, como *compadre* ou *primo*.
38. N.A. Na Escócia nascem anualmente 100 crianças de 348 mulheres, para 386 na Inglaterra.
39. N.A. Não, porém, o mencionado pelo Sr. Walsh, que não passa de uma peça que lhe pregou o meu amigo, o visconde de B.
40. N.A. O mesmo ocorria entre os Tupi. Entre os *Sea Dyorks* o melhor elogio que se poderia fazer de uma criança era dizer: «É muito mau». É também o caso entre as raças chamadas Kafir (Catres): quanto mais turbulenta e daninha é uma criança, tanto mais orgulhoso fica o pai. © Prof. Dabney (*Vida de Jackson*, p. 15) alude ao afrouxamento da autoridade paterna que prevalece nos países novos. Poderia dizer entre os não civilizados e os semicivilizados.
41. N.T. Em português no original.
42. N.A. Nesse ponto separam-se muito dos habitantes de Gales que são tidos como «escrupulosamente limpos em tudo, menos com suas pessoas».
43. N.A. Em regra o indio brasileiro em estado selvagem banha-se todos os dias de madrugada e ainda depois, sempre que lhe dá vontade, para refrescar-se.

44. N.A. Muitas dessas faltas, é bom lembrar, são cometidas pela população servil que, excitada pela esperança da emancipação, torna-se geralmente inclinada à violência «Os ingleses vêm breve para nos libertar», ouvi dizer os negros nos chafarizes. «On trouve chez les nègres beaucoup de dispositions et de persévérance pour s'instruire dans les arts et les sciences: ils ont même produit des personnages distingués». Assim diz o príncipe Maximiliano (t. I, 113-114), citando Blumenbach: *Beitrag zur Naturgeschichte* (I, 94). Devo prevenir o leitor contra essa vaga afirmação que não oferece meio de prova. Nos dias em que esses autores escreveram, confundiam-se mulatos com negros. Além disso as raças nobres da África, quer dizer as que têm mistura de sangue semita e foram fecundadas durante o curso dos tempos por ligações com a Europa do Sul, não eram separadas dos africanos puros.
45. N.A. Não há muito tempo ainda o viajante devia prevenir-se contra o ciúme na Itália, o ridículo na França e as classes inferiores na Inglaterra. Em 1866 a França tinha somente um sexto dos julgamentos criminais por júri que foram necessários na Inglaterra.
46. N.T. Lambert Adolphe Jacques Quetelet: *Sur l'homme et le développement de ses facultés, ou essai de physique sociale*, 2.^a ed., 1869.
47. N.T. Refere-se ao assassinio do barão do Rio Verde, João Antônio de Lemos, pelo marido de sua sobrinha-neta, Dr. Joaquim Gomes de Sousa. O fato ocorreu, aliás, a 30 de dezembro de 1864, na praça da Matriz de São Gonçalo de Sapucaí. O assassino, condenado em dois júris, à morte e às galés, foi afinal dado como louco e morreu no Hospício de Alienados do Rio de Janeiro. Roberto Macedo: *O barão do Rio Verde*. Rio de Janeiro, Alba, 1940.
48. N.T. Atual cidade de Teófilo Ottoni.
49. N.T. Em português no original.
50. N.A. Assim é que se diz freqüentemente «judiou-nos». *Judeu* é usado ainda num sentido inteiramente obsoleto entre as classes cultas da Europa. Se eu pudesse escolher uma raça, a nenhuma pertenceria de mais boa vontade do que à judaica, ao ramo branco, está claro.
51. N.A. Vol. II, p. 364: «Le séjour de vila dos Ilhéus ne convenait pas aux brésiliens que j'avais pris pour m'accompagner dans les forêts; ils étaient tous grands buveurs d'eau de vie, et avaient occasioné plusieurs scènes désagréables». Vol. III, 148: «La fainéantise et un penchant immodéré pour les boissons fortes sont les traits distinctifs du caractère de ces hommes». (A classe dos vadios). E adiante: «Nous avons été souvent incommodés par des ivrognes, et nous avons eu quelques fois beaucoup de peine à nous débarrasser de ces hommes qui nous gênaient singulièrement.»

52. N.A. É neste sentido que posso entender a afirmação de Castelnau (I, 132): «Livregnerie est presque inconnue au Brésil».
53. N.T. Em português no original.
54. N.T. Em português no original.
55. N.T. Em português no original.
56. N.A. O diabo é tão invocado com o Diawl no País de Gales.
57. N.A. A expressão «matar o bicho» é popular em todas as colônias portuguesas. A sua origem é assim explicada. Na primeira parte do século XVIII apareceu na Espanha uma moléstia que fez muitas vítimas. Os médicos chamavam-na «misteriosa» até que um dia um Dr. Gustavo Garcia, velho médico retirado da clínica, procedeu à autópsia dos mortos e encontrou nos intestinos um pequeno verme ainda vivo. Tratou-o pelo álcool que imediatamente o destruiu. Os médicos tomaram esse pretexto e todos os pacientes recebiam imediatamente um quinhão do «*petit verre*». De Madrid o hábito e a expressão passaram a Portugal e daí ao mundo português. O Sr. Mendes de Faria, do qual extraio essas linhas, observa: «Uns matam o bicho de manhã, outros ao jantar, muitos à noite e a maior parte, enquanto lhes tinir um real na algibeira».
58. N.A. Já aludi mais de uma vez a esse importante assunto. Permitam-me que cite aqui meu pranteado amigo Sr. H. T. Buckle (*História da civilização*, 2.^a ed. II, 174) com cujos pontos de vista esclarecidos estou de pleno acordo: «É certo que na Idade Média, em relação à população, havia mais igrejas que agora e as classes espirituais eram muito mais numerosas, o espírito de proselitismo muito mais ativo e sentia-se uma determinação muito mais forte de evitar a invasão e as interferências puramente científicas nos domínios da ética.» A isso acrescentaria eu que há nações que ainda conservam grosseiras tradições medievais, como por exemplo, a de que após o assassinio de um homem ou a ruína de uma família, a coisa mais agradável que se poderia fazer seria despendar parte do espólio na construção de uma igreja e no sustento de um sacerdote. É ainda este um dos mitos prediletos remanescentes. Hipóteses metafísicas e concepções teológicas.
- N.T. Henry Thomas Buckle, autor da *History of Civilisation in England*. A publicação do 1.º volume ocorreu em 1857.
59. N.T. Refere-se ao artigo 5.º da Constituição do Império que dizia: «A religião católica, apostólica, romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.»
60. N.T. O decreto n.º 3.069, de 17 de abril de 1863 regulou o registro dos casamentos, nascimentos e óbitos das pessoas que professam religião diferente da do Estado.
61. N.A. Reservarei para outro volume algumas considerações sobre o estado atual do clero secular no Brasil. Em geral os padres são grosseira e indignamente tratados pelos estrangeiros, especial-

mente pelos católicos ingleses que, em regra, são ultramontanos. Minha experiência pessoal ensinou-me que eles são bem melhores do que pela leitura e conversas poderia esperar. São suficientemente elevados sob o ponto de vista da educação, em relação aos rebanhos. Se não são «esclarecidos», são bem menos beatos que os eclesiásticos estrangeiros que agora enxameiam pelo país. E todos, até os inimigos, testemunham-lhes a gentileza e a hospitalidade. Alegro-me por encontrar minha opinião corroborada pelo testemunho de um observador tão bom quanto o Sr. Liais (*L'espace céleste*, p. 220): «É preciso, aliás, reconhecer que neste país o clero católico sustenta opiniões mais liberais e menos ultramontanas que na França. Tem-se em geral caluniado essa classe. Tive ocasião, em Olinda principalmente, de encontrar padres muito recomendáveis sob todos os pontos de vista.»

62. N.A. Ocorrerá aqui a muitos que, sem uma igreja nacional, um império dificilmente pode esperar longa duração e que a tolerância completa é própria de uma monarquia temperada ou de uma república. Isso é verdade, penso eu, com relação à forma aristocrática de imperialismo. Na forma democrática, em que a república se esconde sob a máscara de um soberano, o problema apresenta-se como um solecismo, um anacronismo. Antes de 1836 a Constituição da Carolina do Norte declarava que «quem quer que negasse a existência de Deus ou a *verdade da religião protestante* (que poderá ser isso?) ficaria incapaz de ocupar qualquer cargo de confiança ou de remuneração». O Brasil está, pois, mais atrasado que a Carolina do Norte na geração passada.

N.T. O autor aponta uma curiosa contradição da Constituição do Império. Pelo art. 95 não poderiam ser eleitos deputados «os que não professarem a religião do Estado». Tal exigência não aparece entre as condições para ser senador (art. 45).

63. N.A. Não vou repetir aqui as absurdas e horríveis calúnias atiradas à sociedade francesa no começo do século.
64. N.A. «Morei em pequenas cidades do interior, em que os costumes e o padrão de moralidade geral dos habitantes são tão puros quanto nas localidades semelhantes da Inglaterra» (Bates: *The naturalist on the Amazons*, I, 43).
65. N.A. *The court of Mexico*. Londres, Saunders, Otley & Co. 1868.
66. N.A. Em Hyderabad, no Sindh, o rompimento da rígida lei muçulmana foi seguida por um dilúvio de devassidão. Lembrei que as dançarinas, em patético memorial dirigido a Sir Charles Napier, diziam que as mulheres casadas estavam «tirando-lhes o pão da boca». Todos nós sabemos o que é Nova York quando vemos, no censo de 1865, que os celibatários são 423.121; as prostitutas profissionais reconhecidas pela polícia 3.000, e o número total de mulheres que vivem da prostituição, pública ou privadamente, 25.000. Temos aqui uma poliandria, de pelos menos 17 homens para cada mulher. Uma das cidades mais depravadas que já vi contava 200.000 almas e dois pequenos agapêmones.

N.T. Bernard de Mandeville (1670-1733) foi filósofo satírico inglês nascido na Holanda. Além de trabalhos científicos escreveu em 1705 a *Fábula das abelhas*, republicada em 1714, juntamente com um escandaloso *An enquiry into the origin of moral virtue*. Pelo tom satírico acerca da moral inglesa foi denunciado perante o júri de Middlesex e provocou a reação de muitos escritores. Tem tido repetidas reedições. Foi sempre estigmatizado como cínico e degradante. Acabou por defender a tese de que os «vícios particulares são benefícios públicos».

67. N.T. Em português, no original.
68. N.A. Poderia ser escrito um excelente trabalho sobre a influência que a América inglesa está exercendo sobre a mentalidade inglesa, para o bem e para o mal. Mais para o bem que para o mal.
69. N.A. II, cap. II e alhures.
70. N.A. Em português no original.
71. N.T. James Lynch Fitzstephen, prefeito de Galway, caracterizou-se por tal severidade que executou o próprio filho. Daí deriva uma das explicações do termo «lei de Lynch».
72. N.T. Os três R. Expressão popular para indicar «ler, escrever e contar» («Reading, 'rite and'rithmetic»).

N.A. Em toda a Inglaterra em 1840 só 58% dos cônjuges puderam assinar o nome nos termos de casamento. Em 1851 a quota subiu para 62% e em 1864 a 72%. Que é que se pode esperar quando o Governo destinou à educação a soma miserável de £ 636.806 por ano, mais ou menos a mesma que é anualmente desperdiçada com a Esquadra Sentimental da África Ocidental?

Em França, falando em linhas gerais, um terço da população não sabe ler e escrever e há 55 dos 89 departamentos em que o mínimo de analfabetos varia entre 30 a 75%. Em 1855 a proporção geral era de 39,92%. Em 1864 a proporção de homens analfabetos era de 27,88% de mulheres 41,45% — no total 34,66%.

Dos criminosos julgados em Minas em 1865, 5 eram bem-educados, 136 sabiam ler e 187 eram analfabetos: total, 328. Em 1867 os números respectivos para o total de 290 eram, 1, 116 e 173. Admirei-me, por isso, diante da afirmação do falecido Dr. Knox: «Sabemos pelos últimos viajantes que a ignorância do chamado (?) brasileiro é alguma coisa de espantoso». («Ethnological enquiries and observations», *Anthropological Review*, agosto de 1863, p. 252.)

73. N.T. Emile de Girardin, jornalista francês, nascido na Suíça. Dirigiu vários jornais de grande circulação, mudando frequentemente de orientação. Dedicou-se também a negócios nos quais não foi bem sucedido.
74. N.A. Neste jornal um «corcunda» (conservador extremado) Luis Maria da Silva Pinto, com a idade de 86 ou 87 anos, escreveu

boas memórias sobre os acontecimentos de 1789. Fala sempre com grande respeito da *clemência régia* em relação aos autores da independência brasileira. Já chamei a atenção para os preconceitos de Southey em favor de um país que converteu o Brasil num estabelecimento agrícola e de mineração. É curioso notar como um general brasileiro José Inácio de Abreu Lima (*Compêndio*, cap. 5 s. 8) fala com desprezo do grande movimento da Inconfidência: «Assim se malogrou o insensato projeto de uma sociedade que mantinha no próprio seio o germe de sua destruição.»

75. N.T. Em português no original.

CAPÍTULO XXXIX

VOLTA A MORRO VELHO

O mormaço
Causava agudas dores de cabeça
Porque o clima não é do ameno campo
Do aurífero país chamado Minas

José Joaquim Correia de Almeida

Havíamos dado todo o tempo disponível à interessante capital e estávamos ansiosos por alcançar o rio São Francisco antes da chegada das chuvas. Nossa volta a Morro Velho se faria somente por doze pequenas léguas. Mas como a terra era nova para nós, destinamos-lhe dois dias. A saída de Ouro Preto se fez via Caminho da Cachoeira e, depois de ter passado pela igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, entramos pelo descampado. O ar estava pesado de mormaço e uma espessa névoa azulada atenuava o perfil abrupto da cadeia do Itacolomi. Desse ponto em diante a cordilheira começou a se apagar e, em breve, o pico romântico parecia um fragmento de névoa engastado num recorte de nuvens azuladas.

Em duas horas alcançamos o rancho de José Henriques, pequeno povoado onde a estrada se bifurca para Nossa Senhora de Nazaré de Cachoeira do Campo, de que já falamos, e para a direita, ou caminho do oriente, por onde abandonamos o vale do rio Doce e tomamos o vale do rio das Velhas, “Esbarrancados” maiores que de costume abriam-se nos declives. Atravessamos um estreito istmo natural entre os escancarados abismos cujas bordas eram delimitadas com as irisações costumeiras de água, enquanto o solo era forrado por espessa vegetação. Daí o caminho se dirigia para uma cabeceira menor das tais “Índias velhas”. A água era lamacenta por causa das lavagens de ouro acima e escorriam com leito de areia rósea e argila, salpicada de quartzo branco — uma espécie de rio caprichoso.

Havíamos avistado de longe o arraial de Santo Antônio da Casa Branca e sua igreja alvejando numa colina, mas levamos duas horas para poder alcançá-lo. Descansamos por meia hora nos degraus de

uma espécie de rancho. O Dr. Couto diz desse lugar que ele floresceu antes de 1801, mas que a única coisa que podia exhibir como resultado do seu ouro era uma capela de pedra. As atividades de hoje são a agrícola e a pecuária. Notamos dois casos de longevidade: um de um lavrador, ou pequeno proprietário, ainda robusto dos seus cem anos de idade; outro de uma mulher, dez anos mais velha que ele, Genoveva Pereira Bastos, parteira com muita prática da profissão. Tinha 120 tetranetos.

Passando a velha capela chegamos a uma região montanhosa, de solo muito desprezível, com uma estrada nem boa, nem má. Atravessamos então duas pontes contíguas sobre as verdadeiras cabeceiras do rio das Velhas. A corrente, lamacenta e profunda, com quarenta pés de largura, turbilhonava enfurecida em torno de uma ilha em que havia uma casa. É o escoadouro das águas do saco formado pelas serras do Capanema¹ e Ouro Preto para o sul e a serra de São Bartolomeu para o leste.

Daí subimos um grande morro e vimos nuvens que se acumulavam pesadamente a noroeste: o calor sufocante foi atenuado por um vento desabrigado até que veio a chuva, com uma sucessão de aguaceiros que duraram ininterruptamente trinta e seis horas, tornando o barro pastoso e escorregadio. A direita e abaixo de nós fica a pequena vila de São Vicente, com sua igreja de duas torres, alguns quarteirões mineiros e a casa-grande, de tamanho notável, mostrando que a companhia inglesa derramou aqui algum dinheiro. Dos verdes montes, por trás dela, uma bela queda de água, cujo alvo turbilhão podíamos perceber mesmo através da cortina da chuva.

A fazenda do Morro de São Vicente pertencia a D. Rosa, viúva de um mecânico inglês. Cerca de 1864, quando malograram as explorações de Sabará, foi comprada pela *East d'El-Rei Company* por £ 36.000. Desta soma total só duas parcelas de £ 14.000 e £ 1.700 foram pagas à proprietária. Algumas das quotas não foram pagas e os acionistas não estavam registrados.

A inclinação do filão é de 28° e a direção, de leste para oeste. O veio aqui e ali corre entre cristal e quartzo. O último revela ouro livre, às vezes parcialmente cristalizado, fornecendo belos espécimes de museu. O metal encontra-se em olhos e de outras vezes lança-se em diagonal através da formação. Foi primeiro explorado em lavra aberta e, mais tarde, em catas. A pedra é pilada e estriada e não se emprega a amalgamação. A situação atual é de falência. Os trabalhos de superfície foram árduos, mas a maquinaria e outros serviços subterrâneos foram fracos e os desabamentos das minas interrom-

peram o funcionamento das bombas. Um banqueiro filantropo de Falmouth, "grande antiescravista", resolveu surpreender e enternecer o mundo demonstrando os grandes resultados do trabalho do negro livre. Faz lembrar aquele negociante que, para corrigir a superstição dos seus marinheiros, construiu um navio denominado *Sexta-feira*, que foi direto ao fundo. O resultado da tentativa, como era de esperar, foi o malogro. O inovador, desgostoso com o projeto, em breve desfez-se de suas ações. Dizem que uma nova companhia está a se organizar na Inglaterra e que São Vicente será novamente tentada. O filão que existe poderá dar lucro se bem explorado, i. é, científica e economicamente.²

Cavalgamos com a chuva a castigar-nos o rosto e, ao cair da tarde, entramos por uma longa descida no *arraialito*³ conhecido como Rio das Pedras.⁴ A única rua exibia, a leste, a igreja do Rosário, e mais a oeste a Capela de Nossa Senhora da Conceição, não terminada. Há ainda duas capelas menores. Na verdade as igrejas são quase tão numerosas quanto as casas de residência e mesmo as excedem em área ocupada, circunstância agradável para o eclesiástico e decepcionante para o economista.

Havíamos mandado à frente nosso camarada Joaquim Borges para encomendar o jantar e camas, felizmente. À porta da hospedaria anã avistamos um cidadão idoso, trajando casaca preta e soubemos que um bando de imigrantes americanos sulistas andava por ali à procura de terras. O líder era um homem do Mississipi acompanhado de duas filhas e um genro, dois companheiros do mesmo Estado e outro da Geórgia que já estava de partida para o Prata, apesar dos índios, gaúchos e outras pequenas dificuldades. A maior parte desses estrangeiros se havia habituado às terras planas da Flórida e às planícies das margens do Yazoo. Nenhum viera dos Estados do centro, onde plantam cereais e algodão atualmente, talvez a mais importante e, certamente, a mais segura indústria do país.

Já encontrei vários grupos desses refugiados e não foi esse o nosso último contato com eles. A primeira impressão causada pelos nossos primos transatlânticos — para só falar dos fazendeiros e da educação média é esquisita e desagradável. A aspereza do temperamento bretão parece ter-se agravado neles. Suas concepções das coisas e das pessoas são duras como ferro. Não gostam de aprender, mas estão prontos para ensinar tudo.⁵ Cada um pensa somente nele mesmo em todos os pequenos atos e atividades da vida, tais como entrar em uma sala ou sentar-se à mesa, até os assuntos importantes tais como a compra de terras ou a escolha de uma casa. Todos têm

os olhos fixos numa boa oportunidade; todos os meios de ir para diante são bons, desde que bem sucedidos. Não há laço, a não ser os de sangue que impeça um grupo de se dispersar. Entre eles não há jovialidade. Desconfiam em extremo dos estrangeiros e preferem ter um prejuízo certo a correrem o risco de serem enganados por outros. Não há nada que pareça satisfazê-los. Tudo que se faça, para eles poderia ter sido melhor. Como se costuma dizer, teriam querido que os porquinhos assados andassem pelos caminhos e ainda assim resmungariam porque o prato não estava preparado a contento.

Não é esta uma descrição simpática dos pioneiros que dirigem agora o grande movimento anglo-americano no Brasil. Entendemos, porém, que esses são os homens de que o Império necessita para difundir os conhecimentos práticos de mecânica, para criar comunicações e para temperar a índole do povo com a rude energia nórdica. Criados numa terra subtropical, acostumados às febres e ao emprego de negros, encontrarão no Brasil mediterrâneo uma edição melhorada de seus lares. Nada se pode dizer contra os alemães nesta terra, salvo que tendem demais a criar, tal como se dava freqüentemente nos Estados Unidos, um *imperium in imperium*. Além disso as idéias políticas deles conduzem-nos a qualquer extremismo. Os franceses, como os portugueses, vêm com as mãos abanando e voltam ricos. O inglês, exceto sob a disciplina de Morro Velho, debilita-se e embriaga-se. Em relação ao trabalho corporal, é inferior ao negro. Os escoceses preferem as grandes cidades. O irlandês até agora tem sido considerado intratável, mas ao comando dos anglo-americanos, que sabem tão bem dirigi-los, será um braço valioso, o músculo e a classe trabalhadora da terra.

É impossível não admirar o ânimo e o espírito desses peregrinos. Tudo lhes era absolutamente novo e estranho. Viam o que não podiam entender, ouviam o que não podiam compreender, mas tudo lhes era indiferente. Montados em velhos pangarés, vagueavam durante a noite, dormiam nos matos sem temer os negros fugidos ou os "tigres"; eram levados pelos negros às casas de fazenda, que muitas vezes tomavam por hotéis. Tornaram-se desse modo um assombro do país. Eis um velho, já com o pé na cova, sem criados, montado não como o Rechabim, num cavalicoque, como se fosse um ginete da batalha de Azincourt, carregando um saco de lona, um pão, sem mesmo possuir uma coberta. Parte agora para descer o rio de São Francisco, atravessar as cabeceiras do Tocantins e navegar rio Amazonas abaixo. Andou durante um ano pelo Brasil afora. Não aprendeu uma frase sequer de português e talvez nunca o pudesse fazer. Tal como os marinheiros ingleses, ele cisma que os que não

entendem o bom inglês talvez se arranjam com fragmentos: "*Me no sabby, me no carey, me* (sempre o *me*) *no drink wine — vinho; me no drink coffee, café; me no drink spirits*". Isso, com o auxílio de um pedaço de fumo de mascar, parece-lhe que deve ser claríssimo ao espírito mais embotado. A narrativa do encontro de um deles na mata virgem com um jovem que fala inglês, tinha seu lado cômico. O rapaz estacara seu animal diante da figura exótica desse solitário, metido numa espécie de sobretudo de inverno, abotoado até o pescoço e descendo até os calcanhares, deixando aparecer as calças arregaçadas e, como um "lúcido intervalo" a brancura das ceroulas e as botas gastas, em que surgiam dedos indiscretos. Teve então calma suficiente para gritar:

— Que diabo de homem é você?

— Parece, respondeu o velho, que você não tem nada com isso. Para onde diabo vai você?

— Bem; suponho que não lhe interessa.

— Que faz então você?

— Acho bom, meu rapaz, que você vá por aquele caminho, porque por este vou eu.

E juntando a palavra à ação, separaram-se. Ofereceu-se para acompanhar-me, mas não ousei dizer sim. A fome, a sede, a fadiga e a vigília, tudo se suporta, mas não o enfado.

*Garrulus hunc quando consumet cumque; loquens
Si sapiat, vitet!*

O tagarela, quando tiveres terminado de tratar com ele,
trata de evitá-lo se fores sensato!

Este respeitável egoísta teve bastante candura para dizer-me que queria acompanhar-me como intérprete. De cinco em cinco minutos ele interrompia a conversa: "Diga-lhe isso ou aquilo", "Pergunte-lhe tal ou tal coisa". Queria que eu vendesse seu cavalo, ameaçando abandoná-lo se não valesse o bastante para obter uma canoa. *Male salsus*, traduzir-lhe a oferta literalmente,⁴ e a expressão do brasileiro, com uma penosa vontade de estourar numa gargalhada que a civilidade não permitia, valia um estudo. Com a idade de 62 anos este homem parece que havia perdido totalmente o senso da gratidão. Dizer uma boa palavra a qualquer pessoa, tê-lo-ia, creio eu, matado.

A emigração dos sulistas será, até certo ponto, uma seleção natural dos Estados Unidos, do mesmo modo que a população ali representa uma seleção das espécies européias. Explico-me: enquanto

os velhos, os doentes e os fracos, de corpo e de espírito, ficam em casa, os jovens, os bravos, os aventureiros e até os desgostosos, criminosos e malfeitores partirão em busca da fortuna. E hão de achá-la.

A população do Brasil, país cuja extensão é igual à dos Estados Unidos, e cujas vantagens naturais são bem superiores, é pouco maior do que a República podia exhibir em 1820: pouco mais de 10 milhões, incluindo os negros e os índios. Por esse tempo começou o grande movimento migratório para o Sul e Oeste do vale do Mississipi, que aumentou maravilhosamente a imigração européia. Os recém-chegados encontraram miseráveis colônias formadas de pobres choupanas, ocupadas por algumas centenas de mestiços, franceses e espanhóis, com os selvagens às portas. Assim ocorria, por exemplo em São Luís no Missouri. Em menos de meio século estava a região transformada numa vasta e rica cidade, com magnífico futuro em perspectiva. Muitos dos imigrantes de primeira hora retornaram do vale. Não se adaptaram à vida rude. Queriam conforto e não apreciavam a vizinhança do *Tomahawk* e da febre. Mas os fortes ficaram e antes de 1860 haviam formado uma população suficiente para um império.

E assim se dará com o Brasil. Só assim poderá o Brasil representar um papel importante no grande drama do progresso humano.

No dia seguinte partimos cedo através do vento e da chuva. À tarde chegamos a Morro Velho, onde nos aguardava a mais calorosa recepção. Sentimo-nos de tal modo sensibilizados que nos lembramos desses versos sentimentais:

*Home! there is a magic in that little word
It is a mystic circle that surrounds
Pleasure and confort never known beyond
Its hallowed limits.⁷*

Notas ao capítulo XXXIX

1. N.A. Há também uma aldeia com esse nome, derivado de antiga família brasileira. Um tal Manuel da Costa Capanema encontra-se na lista dos *inconfidentes*. Era sapateiro e foi declarado inocente.
2. N.T. A East d'El-Rei Mining Co. Lt. foi formada em 1861, com o capital de £ 90.000. Infelizmente os trabalhos executados revelaram que se tratava de depósitos irregulares. Após uma despesa

de £ 36.000 a Companhia transferiu suas explorações para o morro de São Vicente. Os trabalhos cessaram em 1875 e 1876. Paul Ferrand: *L'or à Minas Geraes*. Belo Horizonte, 1913, I, 133.

3. N.T. Em português no original.
4. N.T. Hoje Acuruí, no Município de Itabirito.
5. N.A. Um deles, talvez o mais culto, tinha ouvido falar de Aniba! e do vinagre com que estourou as pedras dos Alpes. Eu mesmo o ouvi recomendar o método a um português e lembro-me da cara do último depois da experiência. Nesta região do mundo o vinagre é quase tão caro quanto o vinho.
6. N.T. Tratava-se de um sensaborão.
7. N.T. *Lar! A magia que existe nesta palavra!
É como um círculo místico que envolve
Os prazeres e as alegrias nunca vistas
Fora de seus limites sagrados.*

CAPÍTULO XL

PARA SABARÁ

*Kennst du das Land wo die citronen blühen
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?*

Goethe¹

Após uma outra agradável quinzena em Morro Velho, preparei-me para partir para Sabará. O Sr. L'Pool já havia escrito o seu livro e já estava, *Deo gratias*, *en route* para a costa. Foi com um estranho sentimento felino que me despedi da casa-grande, em que havíamos encontrado um lar inglês nos planaltos do Brasil. Meus excelentes compatriotas, contudo, acompanharam-me para diminuir o choque da partida. Era uma terça-feira e o tempo estava chuvoso — duas circunstâncias auspiciosas, e segui minha rota, sentindo-me um pioneiro de um grande movimento nacional.

Atravessamos o ribeirão e subimos pelo norte o Morro Velho, pelo caminho da Mina, paisagens que nos eram agora familiares. Fizemos um cumprimento à bomba de descarga e olhamos ainda uma vez o moinho de farinha. O Sr. Müller, que o dirige, orgulha-se por ser ele o melhor de todos da província, depois de outro que não sabemos onde fica. À esquerda ficam as aldeias de Boa Vista e Timbuctu, construídas em quadrilátero e lembrando muito os “Thembe” de Unyamwesi, facilmente conversíveis em postos fortificados, cujas paredes baixas e brancas e cujos telhados pesadamente cobertos dariam que fazer. O interior é dividido em pátios. Os casados têm casas separadas; os solteiros são divididos em turmas de quinze ou vinte, de acordo com o tamanho dos quarteirões. O lugar destinado às moças é chamado — penso que pela ausência de disciplina religiosa — “o convento”. Essas vilas ficam sob a vigilância de quatro capitães negros que ficam de serviço dia e noite. Precisam ser extremamente severos para assegurarem um pouco de ordem. Alguns dos escravos são incorrigivelmente porcos. Dentro dos quarteirões, tudo se passa exatamente como no interior da África. O fogo arde brandamente na lareira em pleno dia e, a cada porta,

há degraus de pedra rude, onde se sentam os íntimos para fumar e aquecerem-se ao sol.

Voltando-nos para a esquerda, tomamos a estrada de Smyth, que circunda o morro à maneira moderna. A oeste, a uma distância de cerca de duas milhas, fica a estação dos convalescentes, Campo Alegre, rancho para os negros doentes, organizado por eles próprios. Não há vestígios da *prairie*, mas o terreno montanhoso produz café em abundância, legumes e madeira para lenha. Vemos além a estrada de Paraopeba, desenrolando-se pelos outeiros e, pela nossa frente ergue-se o morro do Curral d'El-Rei.

O Curral é o ponto mais meridional de uma cadeia que divide o Paraopeba e o alto São Francisco do curso do rio das Velhas. Sua direção geral é a nor-noroeste e estende-se por cerca de 30, ou 180 milhas. Seus vários nomes, a partir do Sul, são serra do Alto, serra da Sela Ginete e serra do Espírito Santo. Além da confluência dos rios São Francisco e das Velhas, prossegue com a serra do Jenipapo e serra do Itacolomi, depois da qual encontra a serra da Mata da Corda, que vem de sudoeste.

O Curral é curiosamente dentado² e formado de rochedos de aspecto vulcânico, cobertos de verdura. É um proteu: ora se assemelha a uma pirâmide regular, ora a uma cunha, ora a um cocuruto. É visível por muitas milhas e vê-lo-emos ainda do rio. Parece-me o limite setentrional do campo metalífero, especialmente das grandes formações piríticas. Para além ficam as terras mais planas e mais cultiváveis, especialmente os grandes campos de calcário. Isto porém exige melhor investigação. Uma cavalgada até o Cruzeiro, a duas milhas para o norte, mas por uma estrada de cinco a seis milhas, é a revelação de um panorama imponente pela grandeza. O solo é pobre, mas a imensa quantidade de chuva recolhida pelo velho pico faz com que ele esteja convenientemente revestido. Para o sul não vemos senão morros e vales, lembrando a velha comparação com um mar furioso, invadindo a terra de repente. Só o horizonte permanece no nível. Abaixo de nós avistam-se os açudes e moinhos de Bananal e uma fazenda de criação, cujo açude tomamos por uma casa. Mais perto fica o Taquaril, propriedade de exploração de ouro que está sendo agora reabilitada. Fica muito no alto, e imagino que a despesa de fornecimento de água há de ser enorme.

Logo abaixo da cruz avista-se o Mocambo,³ bom trecho de terra. Para o norte as ondulações são de um oceano mais tranqüilo e o vale macio e verde de Curral d'El-Rei ostenta uma pequena e branca povoação de lavradores e criadores que atinge 359 fogos. É uma

das sete igrejas que se podem avistar em dias claros. As outras são: São Sebastião, Fidalgo, Contagem, Capela Nova, Matozinhos e Jaguara, às quais há quem acrescente uma oitava: a de Santa Luzia.

É difícil fazer estradas de rodagem nessas subidas e descidas de barro áspero. Mesmo os nossos burros não acham fácil manter-se firmes e a nossa marcha é de três milhas por hora. Contornamos um flanco de morro e avistamos Sabará pela primeira vez, a uma distância de cerca de oito milhas. É uma dessas vistas agradáveis e amenas que freqüentemente se apresentam aos olhos do viajante, quebrando com certo relevo o tom de uniformidade e monotonia que a solidão e a Natureza, abandonadas pela Arte, associam à magnificência da terra.

Como a maior parte dessas povoações, Sabará é mais bonita vista de longe, quando a irregularidade se soma à beleza. A grande mancha das casas brancas como leite e de tetos vermelhos, com quintais, misto de jardim e horta, com o verde-escuro das laranjeiras e das murtas, contrabalançando o verde-claro das bananeiras. Jaz sobre o declive de um vale, de uma espécie de “Doab” ou “Rincón”, em que dois rios formam um ângulo. O fundo majestoso do quadro é a célebre serra da Piedade,⁴ imenso bloco, geralmente coberto de nuvens. Para leste essa parede de pedra nua se eriça em órgãos ou agulhas e não pudemos deixar de notar-lhe a semelhança com as serras metalíferas de São João e São José. Deveríamos gozar desse cenário por alguns dias. Fomos recebidos, porém, com uma pesada carga de água, tal como os aborígenes do Brasil, que derramavam lágrimas amargas quando encontravam um amigo.

A terra é de argila, dura e amarela, pobremente revestida. Mas, como de costume, os fundos têm boas matas e produziram algodão. Há extensos *débris* de *piçarra*,⁵ nome que, por todo o Brasil, é dado a diferentes formações: argila amarela laminada, ou limonita, rocha em decomposição e “killas” imperfeitas. O revestimento das terras mais altas é o habitual *cerrado de barbatimão*, guava selvagem e “folha larga”. A vegetação menor é constituída de sapé (*Saccharum sapé*) e fetos. Abunda o chá de congonha, mas junto à estrada foi arrancado pelos tropeiros. As clareiras, aqui chamadas “fazendas de fogões”,⁶ têm algum açúcar de qualidade inferior. O gado, dizem, é vítima de plantas venenosas, principalmente *rubiaceae*⁷, que surgem na segunda vegetação e que são conhecidas como *erva-de-rato*. Todos os tropeiros me afirmaram que quando falta forragem, muitos dos animais são mortos por essa erva, contra a qual empregam várias plantas medicinais. Creio, contudo, que muitas vezes, as mortes

resultam da mudança de pasto. Além disso ninguém foi capaz de me mostrar a tal erva.

Tomando um atalho à esquerda da estrada encontramos os fabricantes de carvão que trabalham para Morro Velho. Aqui, o que não é generalizado, abandonaram o velho processo do forno, dando preferência ao empilhamento dos montes de lenha cobertos de *candeia* (*Lychnophora*, Mart.) com cerca de quatro pés de altura, calafetados com terra e argila. O método é ainda muito rude e perde-se muito carbono com o oxigênio e o hidrogênio. Caímos então no vale do córrego do Rapa-unha, pelo qual se escoam as águas da face sul do Curral. O nome de “rapa-unha” é um dos muitos nomes populares que aqui se encontram, tais como Farinha Podre, Rapa Queijo, Papa Farinha, Galinha Choca e Passa Três, provavelmente porque este foi o número de viajantes que primeiro o atravessou.⁸ Lembram-me a nomenclatura do verdadeiro *Far West*, no hemisfério norte e os nomes da romântica Austrália: *Black Bob's Creek*. [Baía do Brinco Preto], *Deadman's Flat* [Várzea do Cadáver], *Monk's Trunky Creek* [Enseada do Frade Mutilado] e *Scooby Flat* [Planície da Sarnenta].

Viramos então à direita e entramos nas terras particulares da fazenda de André Gomes. Ali estavam laranjas de Sevilha espalhadas pelo chão e a flor vermelha e amarela do guandu (*Cajanus indicus*) que contrastavam agradavelmente com o café, então em trajes de primavera, com longas linhas de estrelas e lantejoulas, tão regularmente como se houvesse nevado durante a noite, dispostas pelos ramos e realçadas pelo verde-metálico da folhagem. A fazenda pertence a um distinto liberal, Dom José Augusto Pereira da Silva, vigário da vara,⁹ que ocupa na hierarquia eclesiástica o primeiro lugar depois do bispo, presidente da Câmara Municipal de Sabará, enfim a pessoa de maior influência local.

Como estava ausente esse dignitário, continuamos nosso caminho e chegamos à praia do rio das Velhas. As águas amarelas e rápidas do curso de água estavam turvas em consequência das lavagens de ouro e insalubres pela presença de minerais. O leito é fundamente cavado e abundante de voltas e escavações. Uma grande corrente está estendida sobre as águas. Grandes espeques e tesouras com roldanas junto a um plano inclinado e um cabrestante indicam o lugar onde o barco do Sr. Dumont descarrega os imensos toros de madeira necessários em Morro Velho. Acima desse Porto Dumont, contudo, o rio não é navegável. Até Raposos encontram-se pelas margens montões de cascalho de sobras desaproveitadas, já lavadas pelos antigos, muitas vezes em *canoas*.¹⁰

Meia hora de marcha pelo leito do rio levou-nos a Santo Antônio do Arraial Velho. Este arraial foi convertido de capela curada em paróquia, e anexada a Reposos por D. Frei Antônio de Guadalupe, o sempre lembrado bispo do Rio de Janeiro em 1736. É, portanto, uma das mais antigas da província, mas pouco resta de suas glórias antigas. A Ponte Velha, de pedra, desapareceu completamente e a pequena capela de barro batido está mal caiada e meio arruinada. Há, contudo, restos de paredes pelo caminho e alguns casebres esparsos que bastam para a população. Lá estava uma *venda*, com o mastro do costume e a imagem do santo, o que fez com que nosso amigo Sr. Antônio Marcos notasse que seu padroeiro tornara-se aqui chefe de ladrões e professor do verbo *surripio*.¹¹

Chegamos então a uma bela fazenda onde tivemos uma bela surpresa, a segunda no mesmo dia: Sabará surgiu-nos de novo e, desta vez, numa paisagem da Suíça. O primeiro plano é a verde planície, com uma nobre árvore solitária. O rio curva-se para a direita numa curva graciosa, exibindo a colina em que se assenta a parte alta da cidade, cujos numerosos campanários atestavam com orgulho a piedade da antiga população. Atrás dela a imensa serra da Piedade curva-se para encontrar a do Curral. Nos morros mais próximos, manchas de jacutinga demonstram que ainda há fundição de ferro na região. Bem ao alto, à direita, fica a cena tão comum em Minas: o grande cruzeiro negro com os complementos, em frente a uma pequena capela branca alvo de romarias. Esse morro da Cruz tem 2.800 pés, ou, mais exatamente 858 m (L.) acima do nível do mar.

Entramos na cidade pela ponte do costume nas províncias brasileiras: grande, baixa e velha demais. Precisa ser elevada de quatro pés e encurtada de um terço, o que se poderá fazer com facilidade. A largura do leito completa é de 108 m mas a margem esquerda está entupida, na volta do rio, por um grande e crescente banco de areia, no ponto em que o furioso ribeirão de Sabará cai em ângulo agudo no rio das Velhas.¹² Aqui, de cerca do meio da ponte a largura é de 44 em vez de 108 m e há alguns suportes iniciados, que ficaram pela quarta parte e deviam ser continuados para aprofundar o canal. A despesa é calculada em £ 8.000, mas atualmente surgiu uma certa dificuldade chamada falta de dinheiro. Como de costume deve ser feita de boa aroeira, árvore que atinge uma grande altura pelo rio abaixo. Um barrote de dez polegadas por dez, que aumentam imensamente o peso sem reforçar a segurança da construção, parecem pertencer a uma idéia fundamente arraigada na mente dos brasileiros.

A província de Minas só possui uma ponte suspensa com cabos de 2,50 polegadas. Foi lançada sobre o rio Paraíba em Sapucaia pelo engenheiro francês M. Astier. Talvez, ao que saiba, seja ela o único espécime no Império. Perto de Morro Velho é sempre fácil obter bom ferro. Na São Paulo Railway o cabo é de 3 a 3,66 polegadas e calculado para suportar uma resistência de trinta e duas a trinta toneladas numa descida de 200 pés. Evidentemente a ponte pênsil é uma grande economia que tem sido até agora desprezada.

A pitoresca cidade é a povoação mineira do costume, comprida e estreita. Passou do barro e do sapé para a pedra e cal. Agora será de mármore. Tem cerca de uma milha de leste a oeste, com várias ramificações e derivações. É toda calçada e a pavimentação não é pior do que costuma ser. A Cidade Velha, a leste, é chamada "Igreja Grande" e o outro lado conhecido como "Barra". As duas reunidas contêm seis praças, vinte e duas ruas e nove travessas ou ruas transversais. Há um teatro tolerável, onde amadores divertem o povo. Além de várias fontes particulares, há quatro públicas, que fornecem a água mais pura — aqui uma necessidade. A posição da cidade torna-lhe o clima excepcionalmente quente. Na verdade, Sabará e Morro Velho têm as temperaturas mais tropicais de Minas.¹³ Muitas das casas são pintadas, uma é vermelha, outra cor-de-rosa com janelas verdes, e assim por diante. A rua Direita tem algumas boas lojas, em que homens com chapéu de couro, como os matutos de Pernambuco, reúnem-se para fazer compras de secos e molhados para o interior. Além do comércio há ainda indústrias locais, caieiras e fabricação de ornamentos rústicos de ouro. A cal vem de um depósito a cerca de meia milha abaixo da ponte e que é o começo das formações calcárias que se estendem ao longo do rio São Francisco. O falecido coronel Vaz foi quem primeiro chamou a atenção para esse depósito que pertence à família Rangel.¹⁴ Até agora a exploração foi apenas iniciada e as despesas do começo já estão calculadas em cerca de £ 200. Promete, porém, muito e tem bom declive para a pedra. As camadas inferiores compõem-se de mármore amarelado-cinza, não muito puro, mas que provavelmente melhorará quando a exploração se aprofundar. O ouro ocupa muita gente que fabrica anéis rústicos, broches etc. O metal, porém, não é tão puro como o de Diamantina.

Encontramos hospedagem tolerável na rua das Bananeiras, em casa de D. Maria dos Prazeres e saímos a percorrer a cidade. Nossa primeira visita foi ao largo da Cadeia, ou do Rosário. No centro da praça, sobre quatro degraus de pedra, fica o velho pelourinho, encimado por dois escudos cobertos de ervas. "Seria melhor um

chafariz”, observa o nosso guia, major Cândido José de Araújo Brochado, apesar de suas fortes convicções conservadoras. Ao norte, em lugar eminente, fica o Rosário, uma enorme armação inacabada de pedra cortada. A oeste fica a casa em três pavimentos de um aristocrata da terra, o barão de Sabará,¹⁵ munida de um pára-raios, coisa aqui muito necessária. Rivaliza com o palacete do barão de Catas Altas, na rua Direita, que custou £ 2.000 e está agora alugado por 3\$000 mensais, o que equivale a cerca de £ 7 *per annum*. No lado sul há um formoso e antigo edifício de pedra lisa na parte inferior e adobe na parte superior, tendo à frente um profundo balcão sobre quatro postes de madeira. O sino e as armas imperiais no sobrado indicam tratar-se da Câmara Municipal.¹⁶ As caras horrendas e as rudes grades no porão provam que ali fica a prisão. Vimos as melhores prisões da província em Ouro Preto e São João. Há uma terceira em Campanha. Quanto às restantes, basta dizer que em 1863-64 não houve menos de quarenta e duas evasões. Por outro lado, os presos indigentes são aqui sustentados pelo povo, como em todo o Brasil e não entregues, como em Goa e na Madeira à mercê da insensível caridade privada.

Abaixo da praça passamos pela elegante casa e pelos jardins do desembargador José Lopes da Silva Viana, que morreu há coisa de dois anos. Era doutor em Leis pela Universidade de Coimbra e, pela sua alta reputação, foi escolhido como advogado por três companhias de mineração de ouro.

Numa elevação fica a Igreja do Carmo, defronte das catacumbas, separadas do templo.¹⁷ A fachada é ornamentada com a esteatita lavrada pelo *Aleijado (sic)*. Para o norte fica a matriz de Nossa Senhora da Conceição. Antigamente era toda folheada a ouro bateado do rio. Os instrumentos necessários vieram de Portugal. Perto dela fica a pequena e despreziosa igreja das Mercês. As outras igrejas são: São Francisco, negra e inacabada, a pequena Santa Rita, na rua Direita, a de Nossa Senhora do Ó e a Hospedaria e convento de São Francisco de Assis, numa posição elevada ao norte.¹⁸ Até ultimamente alguns irmãos da Terra Santa estiveram aqui estabelecidos neste Hospedaria e durante os últimos anos sugaram da província £ 20.000 em benefício de uma Jerusalém em poder dos turcos.¹⁹

Do Carmo há uma vista extensa do ribeirão de Sabará que, mais acima, toma o nome de Macaúbas.²⁰ Depois das chuvas torna-se uma torrente violenta, inundando o vale e arrebatando as pontes que se reduzem, por isso, a simples pinguelas,²¹ simples tábuas ou troncos de árvores. Atualmente é um regato raso, cantando uma agradável

cantilena, enquanto corre alegremente por um leito arenoso, marcado de cascalho outrora aurífero. As margens, dos dois lados, são ásperas e rudes, produzindo pouco, salvo carrapatos.

Além do rio fica a inevitável *casa-grande*, vasta, branca e fechada. A mina *Emily* fica em um morro vermelho, de forma irregular, furado e aberto para pesquisa de ouro, enquanto a mina do *Capão* fica escondida pela base de morro que avança. As casas na rua-estrada têm grandes quintais que se prolongam até em baixo no rio.

Voltando-se para a esquerda fica o rude caminho que leva à antiga Intendência, pela qual passava o ouro. É uma grande construção, com janelas guarnecidas de grades de madeira, originais, rudes e antigas. No interior, o teto exhibe as “quatro partes do mundo” já que a quinta ainda era desconhecida. O edifício foi ultimamente comprado pelo Sr. Francisco de Paula Rocha, professor de latim, que o transformou em colégio de meninos.²²

Sabará e velhos manuscritos e livros *Saberá*, ou, por extenso, *Saberá buçu*, Sabará a grande, tomou seu nome de um cacique estabelecido perto do rio. Muita riqueza extraiu-se dos poços profundos dos dois leitos de rio que ainda afirmam não estar esgotados e do cascalho ferruginoso das margens. O minério foi explorado pela primeira vez, de 1699 a 1700 pelo grande explorador paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o “Diabo Velho”. Em 1707 frei Francisco de Meneses e um amigo chamado Conrado contrataram os impostos pagos em carnes-verdes. A esse monopólio opôs-se o partido dos paulistas sob a chefia de “Júlio César” e Dom Francisco de Rondon. Os últimos foram persuadidos a depositar as armas nos armazéns públicos e atacados sem defesa. Isto conduziu ao movimento que fez do famoso *caudilho*²³ Manuel Nunes Viana ditador temporário, O governador Albuquerque, após resolver a questão, expulsou de Minas o frade turbulento e em 19 de junho de 1711 o rei assinou a célebre Carta Régia proibindo a todos os religiosos, salvo os missionários, a entrada na província.

Em 1711 a povoação obteve as honras de vila, com o nome de Vila Real de Sabará e em 1714 tornou-se cabeça de comarca. A imensa capitania de Minas tinha, a princípio, quatro dessas divisões imensas, cada uma das quais era quase do tamanho da Inglaterra propriamente dita. Como as demais cabeças de comarca, Vila Rica, São João d'El Rei e Vila do Príncipe,²⁴ tinha sua Casa de Fundação que não foi abolida senão em 1719-1720. Em 1788, segundo Henderson, a cidade tinha 7.656 almas, instaladas em 850 casas. Este autor ouviu dos lábios do ouvidor uma facécia de padre que parece

mal. Uma santa mulher chamada Harmônica começou a viver sem alimentos e os bons padres levantaram fundos para a construção de um prédio onde se deveria instalar um convento sob o patrocínio de Santa Harmônica. O juiz, tendo motivos para suspeitar que a reverendíssima ia morrer, declarou que os padres deveriam responsabilizar-se pela sua vida. O resultado foi que ela voltou às refeições ordinárias como qualquer cristão. O caso lembra-nos o sangue de São Januário, que se liquefaz tão amavelmente quando Murat venceu-lhe a relutância com um pelotão de infantaria.²⁵

Em 1801 o Dr. Couto atribuía ao lugar uma população de cerca de 4.000 almas; em 1819 esse número elevava-se a 9.347.²⁶ Por um alvará datado de 17 de março de 1823, obteve o título de *Fidelíssima* e, em 1833, quando houve distúrbios na capital, seus habitantes marcharam contra ela. Em 11 de agosto de 1842 os monarquistas não conseguiram ocupar a eminência chamada “Cabeça de Boi” que foi tomada pelos batalhões de Santa Quitéria e Santa Luzia. No dia seguinte três colunas dos insurgentes atacaram a cidade: Alvarenga, pela estrada de Raposos a Arraial Velho, Galvão, pelo caminho do Rapa Queijo, e Lemos, pelo de Papa Farinha.²⁷ Zeferino, o chefe da guerrilha, assaltou a ponte de Mãe Domingas, sobre o rio Sabará e, após doze horas de áspera luta, os imperialistas foram levados de vencida para Caeté e Congonhas. Esta foi a vitória de Sabará, a que se seguiu, poucos dias depois, a derrota esmagadora de Santa Luzia.

Admite-se que o município de Sabará possua agora 30.000 almas. A cidade vive principalmente da Mina de Morro Velho e, como de costume, nem promove seus melhoramentos, nem deixa que os outros o façam por ela. Por exemplo, a St. John d'El Rei Mining Company ofereceu-se para consertar as três léguas de estrada perigosa e cheia de precipícios que conduz a Santa Luzia. Mas a municipalidade, com medo de perder a cobrança de alguns impostos, preferiu deixar o caminho com todos os seus horrores e vergonhas. Aquele sentimento do selvagem, chamado “desconfiança”,²⁸ como se vê, mantém-se aqui florescente. Há uma tristeza mortal no ambiente, apesar de suas oito igrejas. Tudo parece morrer todas as noites e ressuscitar pela metade de manhã. Há mais vadios, principalmente nas imediações da *Bridge of Conventry* local, ponto favorito no Brasil para a vadiação — onde se exibem as lavadeiras negras e mulatas — que os que o visitante de Londres encontra durante os seis primeiros dias da semana. E se perguntar a um deles: “Por que fica você aqui o dia inteiro a vadiar”, ele responderá, se quiser responder: “Porque ninguém me contratou”, isto é, “nada temos de melhor que fazer”.

Este grande centro de lavagem de ouro surgiu para a riqueza e importância no início do último século. Seus tesouros estavam quase extintos em 1825 e totalmente em 1846. Ultimamente algumas minas inglesas, com as quais o local mantinha relações, deram-lhe uma ressurreição parcial. Mas seu futuro ainda surgirá. Entre Sabará e a capital do Império, como demonstrou o Sr. Liais, há somente 192 milhas diretas.²⁹ Além disso o meridiano é quase o mesmo. A navegação do rio das Velhas, que agora se inicia, porá a localidade em comunicação com o rio São Francisco. Com o tempo ela se transformará em nova São Luís, no Missouri. Descrevi cuidadosamente seu estado de decadência. Os viajantes da próxima geração lerão minha descrição, longa e um tanto tediosa como é, com interesse.

Em Sabará começaram meus preparativos para descer o rio das Velhas. Cai nas mãos de um vendeiro português, morador à rua do Fogo n.º 28 chamado Manuel Pereira de Melo Viana, chamado vulgarmente "Piaba".³⁰ Infelizmente havia estado na Inglaterra, falava a nossa língua e podia, assim, explorar todos os desgraçados anglo-americanos que lhe caíam nas mãos. Aqui traduzo a conta despropositada que me apresentou³¹ e que termina com essas palavras: "Meus serviços, grátis". Isso me lembrou o "não se cobram as ofensas" no velório irlandês. Talvez outros possam lucrar com a publicação deste documento. Esta gente sempre suspeita tratar-se de expedições do governo, pagas pelo Tio Sam brasileiro, tal como nas tão satirizadas inspeções dos Estados Unidos. Não podem acreditar que se viaje por conta própria em vez de pesar sobre o tesouro do Império ou da Província. Como poderia deixar de ser assim, se nunca viram ninguém fazer isso? Mas tenho o direito de queixar-me porque além dos preços extorsivos, o Piaba me despachou rio abaixo, tal como o Mississipi, numa balsa cuja caua de estibordo tinha uma racha que mal pôde ser calafetada com a argila de Sabará.³²

Notas ao capítulo XL

1. N.T. É o início da canção que aparece em *Wilhelm Meister*, geralmente atribuído à Itália.
2. N.A. O nome nativo desta formação é *serrote*.
3. N.A. O termo designa um reduto de criminosos e negros fugidos. Constâncio considera-o sinônimo de *quilombo*. Koster refere-se ao Mocambo no vol. I, XIX.
4. N.A. É curioso que o Sr. Gerber, no seu mapa de 1862, tenha colocado a Piedade a sudoeste, em vez de nordeste de Morro

Velho e tenha deixado um espaço em branco ao norte de Cuiabá. O mapa do Sr. Burmeister está certo.

5. N.A. Piçarrão, quando em blocos maiores ou flocos. Saint-Hilaire (III, II, 267) prefere *Pissarrão* a *Pisarrão*. O Dr. Couto escreve *Piçarra* (p. 83), à velha moda, traduzo-a por *talco negro* e descreve-o (p. 105) como uma substância talcosa, dura ou macia, em folhas ou em laminação.
6. N.T. Em português no original.
N.A. Ou simplesmente *fogões*, como na expressão «têm bons fogões para plantar».
7. N.A. Saint-Hilaire (III, I, 176) refere-se às *Rubia noxia* e faz menção a essas *ervas-de-rato* em várias passagens.
8. N.T. *Farinha Podre*, segundo o *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais* de Waldemar de Almeida Barbosa, B. Horizonte, 1971, era a denominação «pela qual era conhecida toda a zona do Triângulo Mineiro», p. 187. O termo *passa*, que precede várias povoações: *Passa Quatro*, *Passa Trinta* e *Passa Vinte*, p. ex., é atribuído por outros a expressões de antigos roteiros, indicando o número de vezes que deviam ser executadas passagens de rios. «Por terra aproveitavam as trilhas dos índios. Em falta delas seguiam córregos e riachos, passando de uma para outra banda conforme lhes convinha, e ainda hoje lembram as denominações de *Passa Dois*, *Passa Dez*, *Passa Vinte*, *Passa Trinta*.» Capistrano de Abreu: *Capítulos de História Colonial*; Rio de Janeiro, Briguiet, 1934, p. 112.
9. N.A. Cargo eclesiástico com certos poderes em questões de matrimônio e outras que têm relação com a Igreja.
N.T. O nome do vigário referido era José Augusto Ferreira da Silva (V. Zoroastro Vianna Passos: *Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte, 1929, pp. 160 e 161.) Foi mais tarde monsenhor.
10. N.T. A chamada *canoá* consistia numa fossa pouco profunda feita na terra, no lugar onde se queria proceder à lavagem das areias. Sua descrição encontra-se, com ilustrações, na obra de Paul Ferrand: *L'or à Minas Gerais*, cit. p. 50.
11. N.A. Facécia derivada do velho padre Vieira que atribuiu a alguns de seus patrícios a conjugação do verbo *rápido*.
12. N.A. O Dr. Couto faz o rio das Velhas desembocar no vale do ribeirão de Sabará. O que se dá é visivelmente o contrário. Ambos encontram-se pouco acima da ponte e arremessam-se contra um morro, onde parece que se despedaçam.
13. N.A. O Sr. E. José de Moraes encontrou como média de temperatura diurna de Sabará, entre 13 e 23 de março de 1862, 24,78°C e de altitude 700 m. Em Jaguara, a 646 m, entre 18 e 29 de abril, a média foi de 23,33°C. Em Trairas (570 m) o ar alcançava 22,49° e a água 20,47° entre 12 e 31 de maio.

14. N.A. O atual proprietário é o Sr. José Severiano Coutinho Rangel. Segundo algumas autoridades a cal se encontra ainda mais acima no rio das Velhas.
15. Manuel Antônio Pacheco, presidente da irmandade da Santa Casa local.
16. N.T. Informa Lúcia Machado de Almeida: *Passeto a Sabará*; São Paulo, Martins, 1952, que esse prédio foi destruído e que no lugar dele encontra-se hoje um feio posto de gasolina (p. 117).
17. N.A. O sistema das catacumbas no Brasil lembra os camucls ou camucins, grandes potes de barro em que os chefes índios eram enterrados.
18. N.T. Não havia permissão para conventos em Minas. Os franciscanos ali mantinham pequenas hospedarias para arrecadar esmolas para a Terra Santa.
19. N.T. Os franciscanos concediam indulgências sob a forma de bulas chamadas da Santa Cruzada. A renda das esmolas poderia ser empregada na conservação e defesa das praças na África, nas armadas guarda-costas e na guerra aos infiéis na Índia e nas missões da conquista. (V. Regimento do Tribunal da Bula da Santa Cruzada. *Raízes da formação administrativa do Brasil*, coligidas por Marcos Carneiro de Mendonça. Rio de Janeiro, Inst. Hist. e Geograf. Brasileiro, 1972, II, 517).
N.A. Relatório de 1865, p. 39. Esses missionários eram quase todos italianos e dizem ter sido independentes da Propaganda Fide.
20. N.A. Nome derivado de Macaúba, palmeira de variedade espinhosa do coqueiro (*C. butyracea*). Os negros pronunciavam Bocaúba e, em outras províncias Macaíba. O Dr. Couto escreve Mocaúva e o *Sistema*, por erro de revisão, Macaubá. Segundo Saint-Hilaire a palmeira se assemelha mas não é idêntica à *Acrocomia sclerocarpa*, de Martius.
N.T. Conhecida como coco-de-catarro.
21. N.T. No original *pingelas*.
22. N.T. Foi mais tarde adquirida pela Companhia Siderúrgica Belgo-mineira que, em 1938, a doou ao Ministério da Educação e Cultura que ali instalou o Museu do Ouro, um dos mais interessantes estabelecimentos para o conhecimento do Brasil colonial (V.: Lúcia Machado de Almeida, *op. cit.* p. 51).
23. N.A. Caudilho, chefe de guerrilha, ou capitão.
24. N.T. Hoje Serro.
25. N.T. Acerca do milagre da liquefação do sangue de São Januário, veja-se o depoimento de um estrangeiro, o polonês Tadeusz Breza em *La porte de Bronze*; Paris, Julliard, 1962, p. 222.
26. N.A. É difícil saber se os dados se referem à cidade ou ao município.

27. N.T. Coronéis Francisco José de Alvarenga, Manuel Joaquim de Lemos e Antônio Nunes Galvão.
28. N.T. Em português no original.
N.A. O brasileiro selvagem é notavelmente «desconfiado», como o homem das florestas do extremo norte.
29. N.A. Mais precisamente 3°12'39". O Sr. Liais dá a verdadeira latitude de Sabará: S. 19°54'15" e Gerber 19°53'20". Dá ainda como longitude oeste do Rio 1°36'20". A seguinte tábuca mostra a posição das três cidades que precisam de comunicação. Elas ocupam aproximadamente o mesmo arco do grande círculo da esfera terrestre:

	Lat. S	Longitude
Rio de Janeiro	22°53'51"	0°0,0"
Barbacena	21°13'9"	0°49'45"
Sabará	19°53'51"7	1°13'49"

30. N.A. Uma das *salmonidae* descritas por Gardner. Tem duas ou três polegadas de comprimento. É uma espécie de carapau vivo e inquieto. É bom manjar para Maudim e outros peixes gulosos. É comido pelas crianças.
31. N.A. «O ilustríssimo... deve a Manuel Pereira de Melo Viana:

Duas canoas novas (eram velhíssimas)	200\$000	(valiam a metade)
Pelo transporte das mesmas	33\$000	(vieram de poucas léguas abaixo)
Dois carpinteiros (6 dias cada um)	26\$400	(o dobro do costume)
Tábuas sobressalentes	48\$993	
Pano para toldo	26\$400	
Colchões	9\$000	
Pregos, serras etc. etc.	67\$586	
Total	411\$379	

Meu trabalho grátis.

Sd,

M. P. de M. Viana.»

32. N.T. Não deixa de causar espanto a total indiferença do culto viajante pela arte barroca mineira. Nem sequer penetra nos templos mencionados. Em Sabará, onde como orientalista poderia deixar observações originais, não menciona a arte chinesa da Igreja de N. S.^a do Ó e da matriz.

CAPÍTULO XLI

PARA CUIABÁ

*Verás separar ao hábil negro
Do pesado esmeril a grossa areia
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da bateia.*

Liras de Gonzaga

Conclurei este volume com uma excursão de Sabará a Cuiabá feita com o Sr. Gordon em 4 e 5 de julho de 1867.

Partimos na direção leste e atravessamos então as águas vermelhas do riacho Sabará sobre uma comprida ponte, a "Ponte Pequena", ou de João Velho. As grades laterais são tão baixas que um burro brabo teria tentações de saltá-las. Subimos então um pequeno vale ribeirinho hliputiano e passamos em frente da "Folly", com uma bela varanda no alto do morro à nossa direita. Era aqui a sede da *East d'El Rei Mining Company Ltd.*, fundada em 1861.¹ Custou, dizem, de £2.000 a £2.500. Uma narrativa entusiástica da imensa extensão do veio foi mandada à Inglaterra e o público foi informado de que "os filões eram, a todos os respeito, semelhantes, em formação e aspecto, aos da célebre mina de Morro Velho. As facilidades para explorá-los seriam, contudo, muito maiores e as despesas para pô-los em estado de serem aproveitados comparativamente pequenas". A propriedade consistia em duas fazendas, uma chamada Papa Farinha, que depois recebeu o nome de *Emily*, com três milhas de comprimento por uma e meia de largura; o afloramento era dado como a 300 a 400 pés acima do rio Sabará que corre 100 braças ao norte. A outra fazenda era a do Capão, cerca de meia milha a sudoeste da *Emily*. O plano era explorar as duas simultaneamente.

Ambas as propriedades foram cedidas à Companhia por um prazo de cinquenta anos. A compra de toda a planta da mina, construções, pilões e rodas, foi feita por £2.500, garantindo-se ao outorgante uma porcentagem de 3% do ouro obtido. O último, primeiramente de Minas Gerais, hoje em França, havia comprado ambas, quando diretor-gerente da Companhia de Cocais por £1.200 e,

apesar de empregar nelas grandes turmas de negros, nunca havia conseguido uma produção que cobrisse as despesas da exploração. Além disso, foi preciso pagar £ 10.000 ao tal outorgante, quando os acionistas deveriam receber £ 10.000 de dividendos, e uma terceira e última quota de £ 10.000 deveria ter o mesmo destino em vez de se repartirem £ 20.000. Foi nessas condições que se constituiu o capital da companhia de 30.000 ações, de £3 cada uma.

Iniciado o trabalho, porém, verificou-se que o veio que se dizia ter 24 pés de largura, era tão irregular que seria preferível não tocar nele. As piritas eram raras; a formação geral era uma linha irregular de ferro e manganês, quartzo e xisto argiloso numa rocha de *killas*. Abriu-se um poço no Capão e cavaram-se várias galerias para cortar o veio no flanco do morro da *Emily*. Montou-se uma só (e pequena) série de pilões, agora retirados. Mesmo para esses não houve matéria suficiente. Os relatórios publicados revelam uma despesa de £ 36.000 em Sabará. Os bons acionistas porém, pelo menos, podem ter a satisfação de ter abrigado confortavelmente os empregados na casa-grande. A *East d'El Rei* mudou-se, portanto, para São Vicente. Precisa agora somente de um novo nome, novos subscritores e novo capital.

O pequeno rio Macaúbas é o escoadouro dos morros de Caeté e da face sul da serra da Piedade. Essa imensa espinha domina a nossa esquerda, cheia de pontas e recortes, de grandes blocos e de torrões de argila xistosa micácea, repousando sobre uma rocha férrea rude, dura e avermelhada, óxida pela maior parte, e muito abundante. Aqui fica, de fato, o espigão setentrional dessa serra, cujo extremo meridional avistamos de Itabira do Campo. A vegetação compõe-se de um gasto revestimento de grama rala e de uns mirrados, baixos e escuros arbustos. A melhor subida é a do leste, via Caeté. O lado ocidental tem uma vereda, mas é abrupta e perigosa. No alto, a umas duas léguas e um quarto de Sabará, ergue-se uma igreja branca, que brilha como uma pérola aos raios do sol. Visível como é de longe, será útil aos topógrafos. A Piedade, como o Caraça e o Itacolomi, começou a sua vida civilizada com sua ermida, até que a cela expandiu-se numa igreja e, finalmente, Dom João VI concedeu-lhe uma fazenda anexa para ser mantida independentemente e *in perpetuum*.² Muitos peregrinos visitam ainda a capela e oferecem velas a esse santuário “independente, privilegiado e libertado”.

Discute-se qual seja o ponto mais alto da serra. Spix e Martius opinam por 5.400 pés acima do nível do mar, isto é, 2.400 abaixo do que assina Gardner à serra dos Órgãos ou cadeia Marítima. Os

Srs. Liais e Halfed divergem sobre as altitudes relativas da Piedade e Itacolomi. O Sr. Gordon fez observações tanto na Piedade quanto em Sabará, mas seus aparelhos parece que não estavam bem regulados.³

Crê-se fortemente que esta serra repercute o som, demonstrando, de acordo com certos autores, que é *rica em minerais*. Os antigos supunham que algumas pedras sagradas emitiam ruídos significativos e proféticos. Lembro-me do *Kenid-Jack* ou *Hooting Cairn*, na Cornualha, e algumas outras em que o povo se deixa tomar pelo *folk-folly*. Os brasileiros citam muitos casos, supostamente autenticados, de bramidos ou ruídos subterrâneos com sons superficiais de uma tempestade excepcional, o roncar do vento e os ecos abafados das frias pedras cinzentas. O despencar de árvores ou a queda de blocos em decomposição ou escamados, ouvidos de dentro das casas, faziam com que os moradores exclamassem: “Como roncamos, como soamos”, causando estremecimentos de susto. Lembramo-nos dos *Schmarcher* ou “roncadores”, dois blocos de granito no Barenberg,⁴ onde a superstição popular localizava o centro do mundo. Os ruídos subterrâneos, desacompanhados de tremores apreciáveis, chamados “bramidos de Guanaxauto”, foram mencionados por Humboldt.⁵ Esses, porém, são distintamente vulcânicos, mas em muitos lugares no Brasil eles são assinalados em terrenos calcários ou arenosos. Não observei pessoalmente o fenômeno, mas a grande massa de testemunhos é certamente pela existência dele.

Passamos e repassamos várias vezes a vau o pequeno riacho de montanha com suas areias auríferas e suas águas piscosas. Em certos lugares vêem-se armadilhas ou currais para pescaria, de construção rude, duplos e triplos. Em outros lugares havia represas grosseiras que devem ser arrastadas em cada enchente. Aqui e acolá a corrente era detida por séries de estacas fincadas no leito do cascalho. Nelas se agregavam gravetos e pedras para desviar a corrente e fazer com que o ouro se depositasse. Só um velho faiscador apareceu. Parecia um gorila apanhado no descoberto e olhou-nos como se fôssemos outros tantos Du Chaillu.⁶ Seus instrumentos eram a carumbéia, para o cascalho áspero, a bateia para a areia mais fina e o almocafre que aqui se pronuncia *almocorf*.⁷ Este é uma enxada de ferro com que se reviram os cascalhos e que se apresenta de quatro formas: a cônica, a quadrada, a losangular e a triangular. Onde há abundância de água o ouro é trabalhado pelo monjolo,⁸ celha em forma de trapézio, feita de varas e barro batido, com um lado mais largo erguido num ângulo de 35°. uns três ou quatro pés acima do nível do rio. Na parte superior lança-se o cascalho aurífero e água. Um pedaço de

couro colocado na parte inferior e mais estreita retém as escamas achatadas e os minúsculos grãos que têm um peso específico cerca de sete vezes superior ao da pedra.⁹

O vale ia-se estreitando à medida que avançávamos e tornava-se mais pitoresco. Felizmente para nós havia nuvens. Nestas profundezas o calor é excessivo, principalmente no princípio da estação quente, agosto e setembro. Passamos, então, pela povoação do Pompéu, freqüentemente referida pelos viajantes. Uma capela em ruínas e alguns muros caídos era tudo que restava de sua antiga magnificência. Caldcleugh encontrou à margem direita do riacho uma formação de xisto colorado com planos de clivagem atravessados, em ângulos quase retos por veios de quartzo distintos e dispostos regularmente e freqüentemente auríferos. A superfície do solo mostrava uma camada regular de fragmentos de quartzo. Grande parte dela já foi, porém, explorada.

Além de Pompéu, à esquerda, ergue-se a velha casa-grande da Companhia de Cuiabá, construída pelo Sr. Eduardo Oxenford.

Depois de vadear seis vezes o ribeirão avistamos como que um *impasse* diante de nós, a célebre ferradura. É uma grotta selvagem e pedregosa na subserra meridional da serra da Piedade, que se ergue muito acima dela e que representa para as minas de Cuiabá o papel da serra em relação às de São José e do Curral em face de Morro Velho. Na altura de uns 220 pés havia alguns cortes que indicavam haveremos chegado ao nosso destino. Havia por ali algumas choupanas miseráveis espalhadas e uma pequena forja para a fabricação de facas e ferraduras: a antiga propriedade da mina sobreviveu a todo o fausto e usa um casaco de luxo sobre uma camisa em farrapos. Ao cabo de seis léguas¹⁰ de um caminho tedioso, passamos por umas vinte cabeças de pilão e três arrastres com seus pertences habituais. Logo ao desmontarmos numa casa térrea fomos recebidos à moda tipicamente escocesa por Mr. Brown.

Depois do que aqui se chama uma *bisnaga*, passamos a visitar as explorações de Cuiabá.¹¹ A subida foi difícil, feita pelo lado leste da Ferradura, que dizem conter seis veios diferentes, correndo na direção leste-oeste. A parte inferior da formação é a mais rica e pertence à família Vaz, que só com uma rude exploração manual, conseguia extrair cinco oitavas de metal por tonelada. A porção que pertence à Companhia fica mais acima e é tida como mais pobre. Para o norte o veio fica muito irregular. À medida que subíamos podíamos ver a argila xistosa inclinando-se de oeste para leste e as

montanhas curvando-se para oeste. Não se sabe por que as camadas ficam abaixo da formação mineral.

Passamos pelo Serrote, ou trabalhos a meio-caminho, serra que corre quase na direção norte-sul, a que os mineiros chamam de "enganado". O solo avermelhado indica que uma grande extensão foi lavrada. À esquerda, e mais acima, ficava a pequena vila mineira de Cuiabá. Entramos pela galeria Terra Vermelha, a escavação mais alta e com cerca de quarenta braças de comprimento. Não há meios de ventilação. A fumaça, portanto, da última explosão ainda pairava pesadamente no ar. Não podia haver nenhuma possibilidade de escoamento e julguei que a água em breve iria fazer cessar todos os trabalhos de abertura de poços e estaqueamento. O teto parecia sólido, mas com a continuação da escavação será preciso em breve um revestimento de vigas. A formação é a de Morro Velho: quartzo e piritas. Mas as últimas não estão igualmente disseminadas. Há fragmentos ricos, mas a massa é pobre. O *mundic* parece ser de piritas de cobre, que podem conter prata com arsênico. Os brasileiros têm diversos nomes para as rochas: "pedra-de-campo", seixos de quartzo; "olho-de-porco", quartzo azul com piritas de ferro e ouro livre;¹² "caco", quartzo macio, contendo metal precioso em olhos, e "lapa", as *killas* do costume. De três toneladas de pedra já se tiraram cerca de nove oitavas. É preciso muita explosão. Mas sendo a matéria mais friável que a de Morro Velho, torna-se mais fácil a britação e a pilagem. Ainda não se empregou o sistema da amalgamação. A meio caminho fica a galeria *Shallow* que já tem 15 anos e tem umas 109 braças de comprimento. Destinava-se a encontrar o Serrote e drenar o material que fica acima dessa região. Segundo o Sr. Vaz, o minério aqui é rico. Encontramos um trilho primitivo. Os trilhos de madeira, nos pontos em que sofriam atrito, tinham reforços de pequenas chapas de metal.¹³ Visitamos então o ponto mais baixo o *Vivian's Level*, aliás Mina de Cedro, de trinta braças de comprimento. Esta deverá drenar o Serrote num ponto mais baixo e a Fonte Grande, que lhe fica próxima, à esquerda. Assim também a pedra pode ser retirada por um preço razoável para ser submetida aos pilões. A abertura era em argila macia e muito úmida. Sua direção ocidental parecia dirigir-se para baixo do vale e córrego da Fonte Grande que ficava à nossa esquerda, passando, assim direto por uma massa de *killas* sem valor. Cerca de uma dúzia de trabalhadores estavam se preparando para instalar uma linha de trilhos sobre uma estrada recém-aberta que conduzia aos britadores que ficavam a umas sete braças abaixo dos veios e estes a umas trinta acima dos pilões

Havíamos gozado do espetáculo de um belo dia de trabalho e estávamos merecendo o nosso repouso. A casa não era a casa-grande, mas nem por isso menos acolhedora e Mrs. Gordon não se havia esquecido de munir-nos de um imenso farnel. A tarde, nessas alturas, estava deliciosamente clara e fresca. O nosso bom hospedeiro, Sr. Brown, já estava no Brasil havia sete ou oito anos. Veio para cá como recebedor ou gerente, sob as ordens do Tribunal da Chancelaria, na Companhia de Cocais que, a pedido de seus acionistas, estava se tornando uma grande confusão. Seria preciso *decidir* e arranjar as coisas sem mais intervenção dos acionistas não qualificados. Ele conservou toda sua energia. Gaba-se de possuir em sua casa a única oficina particular de impressão da Província e propõe a constituição de uma companhia com um capital de £100.000 em 20.000 ações. A propriedade é representada por uma península entre os rios Macaúba e Gaia. Tem sete milhas de comprimento por duas ou três de largura e é bem sortida de madeira e água. Os seis veios têm sido pouco explorados, ainda que umas cem cabeças de pilão já tenham trabalhado ao mesmo tempo, com uma produção de 2-16 oitavas por tonelada, com a simples bateada da areia pilada. O solo pertence atualmente a muitos pequenos proprietários brasileiros e uma seção dele, nem grande, nem valiosa, faz parte da Fazenda Cocais. Entretanto só um mineiro inglês e quarenta a cinquenta nativos são empregados, e na mineração, tal como na lavoura e na criação, a pequena escala não é lucrativa.

Algumas palavras sobre Cocais, aliás *National Brazilian Mining Association*. Até os estrangeiros têm aqui a volúpia dos nomes empolados. A pequena aldeia de Nossa Senhora do Rosário de Cocais¹⁴ fica sobre o rio Una, na mesma cadeia que o Gongo Soco, que fica a umas oito milhas a sudoeste. É um local frio, úmido, mas saudável, a 3.400 pés acima do nível do mar, a trinta e duas milhas de Sabará e cinquenta de Ouro Preto. O Dr. Couto, que a visitou em 1801, diz que o rio havia sido “todo lavrado” e que os mineiros haviam subido às montanhas em busca de coisa melhor. Nas alturas encontrou ele imensos montões de minério vermelho e cinza de cobre. Mora ainda aqui o presidente intruso José Feliciano Pinto Coelho da Cunha que levantou Minas em 1842 e é hoje barão de Cocais e comandante da Guarda Nacional.¹⁵

O filão é a jacutinga que é aqui um xisto de ferro micáceo ou argila, com uma inclinação para leste de cerca de 30°, estriado, cor de “sal e pimenta” (cinzento), ora macio e friável, ora puro e passando a areia ferruginosa. As paredes do filão são geralmente de

argila xistosa azul e a parede inferior é composta de ferro micáceo especular, fino, em grandes lâminas, brilhantes como espelho. Os melhores veios são bem ricos. Há três (outros dizem duas) formações piríticas em faixas longitudinais, através da parte mineral da propriedade. A inclinação aqui é de oeste para leste e a direção é de cerca de 40° sul.

Em 1830 o Sr. Ferdinando Halfeld fez um levantamento da terra que pertencia a vários proprietários brasileiros, entre os quais o barão de Cocais que era o principal. Três anos depois foi alugada pela companhia por um período de cinquenta anos, prazo de que ainda restam, portanto, dezesseis. O Sr. Macdonald, comissário-chefe e o capitão da mina Sr. Thomas Treloar começaram a trabalhar em junho de 1834. Sob a direção do Sr. Roscoe, do Sr. Goodair (inglês nascido em Portugal), do falecido Sr. Henry Oxenford, senior (1847) e do Dr. Gunning — que veio para o Brasil como missionário médico! — a mina rendeu umas £ 100.000, mas nunca pagou as despesas. Quando Gardner visitou Cocais, o total das despesas atingia £ 200.000. A principal galeria tinha cinquenta braças de profundidade e o operariado compunha-se de trinta e três brasileiros, trinta mineiros ingleses e 300 negros da companhia. Ele admirou a sua já famosa igreja e as belas casas com seus ricos jardins, achando-a a mais linda cidade que havia visto em Minas. Em 1850 o Dr. Walker achou que a água ficava tão funda que não se poderia trabalhar. Em 1851 houve um desmoronamento: as paredes juntaram-se e o madeiramento esmagado arrastou o mecanismo da bomba, destruiu o poço da máquina e encheu a galeria com fragmentos da rocha. Mr. Treloar suspendeu a exploração. O prazo ainda por expirar da Associação pode ser facilmente renovado, mas os 10% de direitos devem ser reduzidos a 4% se ainda se espera tirar algum lucro.

Em Sabará concluímos nossas quinhentas milhas de viagem por terra através da parte mais rica e populosa da província de Minas Gerais. Aqui, porém, termina a etapa excursionista, a qual, como disse no princípio, constituirá, em breve, uma secção do *grand-tour* do século XIX.

Mas a etapa que se segue não é ainda exatamente uma viagem de recreio pelo Tâmisia ou pelo Reno. Teremos terríveis soalheiras, chuvas copiosas e ventos terríveis; temos, diante de nós, uma certa soma de privações, fadigas e dificuldades, riscos em quantidade suficiente para animar a viagem. Finalmente temos diante de nós mil e trezentas milhas que devem ser percorridas na mais insegura das jangadas, calafetada com barro de Sabará.

Notas ao capítulo XLI

1. N.T. V. nota 2 do capítulo XXXIX.
2. N.T. Estranho que Burton não faça nenhuma referência à origem devota do santuário da Piedade nem à causa principal das peregrinações que era a presença da famosa irmã Germana, motivo de acalorado debate em torno de estranhos fenômenos que nela se observavam, considerados sobrenaturais por uns, mórbidos por outros. Por determinação das autoridades eclesiásticas, a irmã Germana foi transferida para o Recolhimento de Macaúbas, onde terminou seus dias. V. J. P. Xavier da Veiga, *Ephemerides mineiras*, I. Ouro Preto, 1897, p. 253; Dom Joaquim Silvério de Sousa, *Sítios e personagens*. Belo Horizonte, 1930, p. 399, e Augusto de Lima Júnior, *Histórias e lendas*. Rio de Janeiro, Schindt, 1935, p. 7.
3. N.A. O aneróide de Pelissker, no alto da serra, indicou no barômetro 26,24. Temp. 77° 3.500 pés. Na ponte de Sabará, no nível do rio, o barômetro indicou 29,32. Temp. 78° . 568 pés. Mas o Sr. Liais dá para o último ponto 695 metros, ou perto de 2.300 pés, quase 500 abaixo do morro da Cruz. Esses últimos dados estão evidentemente corretos. O Sr. Buriil (*L'Empire du Brésil*) fornece a seguinte tábua de altitudes:

Itambé	1.816 m	acima do nível do mar.
Piedade	1.774	» » » » » »
Itacolomi	1.754	» » » » » »
Itabira	1.590	» » » » » »

N.T. Trata-se da obra de V. L. Buriil, comte de la Hure, *L'Empire du Brésil. Monographie complète de l'empire sud-américain*. Paris, Sartorius, 1862.

4. N.T. Barenburg, povoação da Vestfália.
5. N.T. Santa Fé de Guanajuato, cidade mexicana, famosa pelas suas minas, largamente descrita por Humboldt. Fundada em 1554.
6. N.T. Paul Beloni du Chaillu (1835-1903), antropólogo e explorador da África. Autor das *Histoires du pays des gorilles* (1868).
7. N.A. Nos dicionários encontra-se *almocafre* e *almo cafre* que Moraes descreve como «sacho com bico e ponta, usado na mineração. A palavra é provavelmente arábica *mikharf*, instrumento usado para reunir. A forma mais comum é a do arco elíptico.
8. N.A. Saint-Hilaire (III, II, 143) chama essa rude invenção de *cuicá*, talvez termo peculiar a Goiás. Omite, porém, o couro e perde, assim, o ouro.

N.T. O *Dicionário de Aurélio* consigna *cuicaca*, como termo peculiar a Goiás, mas descreve-o como «utensílio de que se utiliza o minerador de diamantes».

9. N.A. Vêem-se muitos monjolos no rio das Velhas em que o povo ainda acredita em *canjica* ou ouro em torrões. Desde 1801, contudo, que quase não se encontra ouro nessas condições.
 10. N.A. O Dr. Gardner diz duas léguas (talvez geográficas) de Sabará. O prospecto da *East d'El Rei Company* declara que o local ficava distante seis milhas a leste de São João d'El Rei. Eu diria nove, num total de quinze de Cuiabá.
 11. N.A. Um recipiente com a forma aproximada de uma garrafa é aqui chamado *cabaça*, nossa *calabash*. A *cuita* ou *cuya* é uma secção desse recipiente, usada pelos indígenas como taça ou xícara. *Aba* significa «lugar onde». A capital da província de Mato Grosso é geralmente grafada *Cuiaybá*, enquanto a mina é escrita *Cuiabá*.
 12. N.A. Vi alguns espécimes dessa rocha trazidos de um sítio muito perto da cidade de São Paulo.
 13. N.A. Isso é estranho numa terra em que as madeiras duras como muitos metais são abundantes e baratas. Esses trilhos não tinham sido adotados geralmente para pequenos trabalhos.
 14. N.A. Não visitei Cocais. *Cocal*, palavra encontrada no rio São Francisco é uma plantação de coca (*Cocculus indicus*) que Moraes chama também de mata-piolho e diz que é usada para narcotizar os peixes. Saint-Hilaire (I, I, 444) sugere que possa ser o plural de *cocão*, «une sorte de bois du Brésil que l'on emploie dans les charpentes». Mas o plural de *cocão* seria *cocões* e não *cocais*.
 15. N.A. Não está bem de saúde. Dividiu entre os filhos quase todas as propriedades, exceto a casa em que vive. Seu irmão, coronel Felício Pinto Coelho da Cunha, foi o primeiro marido da famosa beldade, a falecida marquesa de Santos.
- N.T. O barão de Cocais faleceu em 9 de julho de 1869.

CAPÍTULO XLII

DE SABARÁ A SANTA LUZIA

Partida — Adeuses — A jangada e o que ela é — O brigue Elisa — Estado do Rio

Messieurs les délicats... Voulez-vous vous embarquer pour vivre de telle façon? Comme je ne vous conseille pas.

... Jean de Léry

Quarta-feira, 7 de agosto de 1867. Dirigimo-nos para o porto da Ponte Grande¹ onde jazia o ajoujo² ou balsa. Nunca vi coisa mais parecida com a arca de Noé. O toldo estendido, parecendo um “pál” cigano flutuante, tinha uns sete pés de altura e vinte e dois de comprimento, ficava esticado como uma tenda por meio de dois esteios. Para que essa coisa chegue a salvamento será preciso que o rio seja realmente de segurança.

Todas as pessoas importantes do lugar foram assistir à cerimônia do embarque. Miss Dundas quebrou a garrafa do estilo com toda a graça possível no casco da embarcação e batizou-a com o nome de *Brig Elisa*. Dois pares de chinelos foram também, como de costume, atirados na minha cabeça. Houve muitos “vivas” que foram retribuídos e afinal embarcamos todos para uma excursão de estudos que chamaria, de acordo com a *Royal Geographic Society*, uma tentativa de expedição por um par de milhas. Quando as quinze almas passaram para bordo, a embarcação afundou-se uns três palmos. A água invadiu a plataforma de bombordo fazendo com que o mestre ou piloto, chamado Manuel de Assunção Vieira, ficasse muito nervoso. Desde aí começou ele a predizer um naufrágio em pouco tempo, sendo todos arrastados num momento e despedaçados nas cachoeiras.

Passamos rapidamente a Pedra Grande, rocha quartzosa no meio da corrente. Há muitos anos que a Câmara Municipal pretende remover esse empecilho à navegação. Infelizmente não há aqui quem saiba fazer explosões por baixo da água.

Na “igrejinha de aldeia” de Santo Antônio da Roça Grande estavam os animais que deviam trazer de volta os que não iam continuar a viagem, inclusive minha mulher que se achava impossibilitada de prosseguir, devido a um tombo desastrado e uma séria luxação. A minha hospitaleira e cordial escolta — enquanto o sol se punha por trás das montanhas — ficou acompanhando com o olhar a jangada até que ela se sumiu na última curva e mergulhou no misterioso desconhecido. Isso me trouxe à lembrança a história do Nilo que narra o Sr. Curzon, do homem branco levado rio abaixo por Amazonas remadoras com rudes ornamentos de ouro, por sítios nunca dantes palmilhados por estrangeiros. Confesso que comecei a sentir um estranho sentimento de solidão à medida que as fisionomias amigas iam-se apagando à distância, e como um meio de distrair-me apliquei o meu cérebro a um cuidadoso exame do meu meio de transporte.

O ajoujo, ou, como é chamado em outros lugares, a balsa (*floa boat*) do Mississípi, ou as *chicken thieves* do Arkansas, nos tempos em que, segundo o Sr. Nolte, levava-se um mês para ir da foz do Ohio a Nova Orleans e voltar. No rio das Velhas não se pode dizer que ela seja uma instituição. Eu sou o único viajante que fui numa delas de Sabará à cachoeira de Paulo Afonso. Como os exploradores delimitadores de fronteiras e outros pioneiros da civilização terão que utilizá-la no reconhecimento dos afluentes ainda desconhecidos de muitos rios, inclusive o Amazonas, uma descrição detalhada da embarcação talvez não seja inútil.

O ajoujo ou ajojo comum é um agrupamento de duas ou três canoas, ficando, no último caso, a mais comprida colocada no centro. As melhores madeiras são o forte e leve vinhático-tamboril, o cedro, que é o *cedar* brasileiro, de uma polegada de espessura. As minhas eram de peroba,³ boa madeira, de cerca de duas polegadas e, por isso, pesadas demais. Necessitávamos de dois palmos, cerca de um pé e meio (dezessete polegadas) de calado, mesmo sem carga. Há às vezes um leme, sempre colocado num dos barcos mais longos ou no mais longo dos barcos. Quando não há leme o piloto dirige a embarcação com uma vara ou remo, sentado ou de pé na popa. As canoas devem ser atadas por tiras de couro, com intervalos de seis a oito polegadas e não ligadas, como as minhas, por barras de ferro, que as prendiam na popa e na proa, impedindo assim toda elasticidade. Tiras de madeira, quadradas ou redondas, seguras às amuradas por tiras de couro, sustentam o soalho que deve encaixar-se perfeitamente dos lados, aliás a balsa, ao enfrentar o vento, poderá fazer água. Este soalho, de dez tábuas, colocadas horizontalmente, projeta-

se lateralmente em forma de coxias de oito a dez polegadas de largura. Aí trabalham os homens.⁴ Meus barcos, com trinta e três pés e quatro polegadas de comprimento e, quando ligadas, com seis pés de largura, formavam sólido fundamento para o toldo que se erguia. Conforto um tanto arriscado. Mantinha-se ele por meio de cinco suportes de madeira, dos quais os dois da frente e os dois da popa, além de pregados no chão, eram sustentados por suportes de ferro. A coberta era de algodão grosso de Minas, reforçado na parte dianteira, onde eu dormia, por um encerado de Morro Velho. Era uma espécie de “pál”, para evitar a chuva. Em face da proa, bem no lugar mais fresco, ficava uma alta mesa de escrever que disputava com o toldo a função de captar o vento. Atrás dela, e de cada lado, ficava um jirau,⁵ espécie de tarimba que serve de sofá e de cama, colocada sobre quatro pés. No meio da embarcação ficava uma mesa, grande caixote fechado, com as provisões, ladeado por dois tamboretos. Na popa ficou instalado o fogão, na forma de um banco, mas forrado de tijolos, em volta do qual se alinhavam os apetrechos de cozinha, panelas e potes de ferro, copos e xícaras, sem esquecer está claro a indispensável frigideira.⁶ Duas grandes jarras de terra porosa (talhas ou igaçabas)⁷ carregavam a reserva de água que era renovada toda noite, durando somente um dia. O presidente de São Paulo⁸ recomendara-me que não bebesse água do rio, mas todos a bordo o faziam, e acabei também por fazê-lo. O Sr. Gordon havia tomado a precaução de prover a balsa de um forte croque, uma âncora na proa, motivo de sempre renovado espanto entre os ribeirinhos que nunca haviam ouvido falar de Anarcasis, *Scytha*⁹ e de fortes cordas inglesas para a sirga. Essas coisas foram de grande importância ao navegarmos junto às cachoeiras.

A tripulação compunha-se de três homens,¹⁰ o velho Vieira e seus filhos que deviam receber, além da comida, 5\$000 por dia.¹¹ Dois ficaram à proa, munidos de varas, que preferem aos remos, por serem de mais fácil manejo. As primeiras, quando grandes, chamam-se então varejões. São fortes e elásticas, feitas de peroba ou paraibuna, com quinze a vinte pés por duas polegadas de diâmetro. São providas de um ferrão ou, quando não, as pontas devem ser afiadas antes de começarem as cachoeiras. Os ferrões são de várias formas: a “ponta de diamante” tem o aspecto de uma pirâmide alongada, com uma barra em forma de anel; o “pé de cabra” é fendido ao meio e o gongo tem ainda um croque para melhor firmá-lo. Já a forquilha, que raramente se emprega, é um grande gancho que serve para diminuir a corrida prendendo-se às árvores das margens. Os remos, usados nas águas mais profundas, são simples e variam

de feito cada cem milhas. Aqui são espátulas retas e chatas; o próximo jogo será de quatro pés de comprido, terminando por um losango de um pé de largura, sem pontas. Suas toleteiras serão um pedaço de corda de lã posta através de um buraco na amurada, sem ter, pois, a função de alavanca. Na junção dos dois rios, já encontrei, porém, remos elásticos de madeira chamada taipoca, amarela e marmoreada, que se parece um pouco com o nosso freixo. Tinham seis pés de comprimento e mais largos na parte inferior, que era arredondada, de modo a apresentarem uma superfície lisa quando usados como vara contra uma margem ou uma árvore. Alguns eram terminados em ponta, guarnecidas de pesados cactus, mergulhando na água como chumbo, o que muitas vezes seria útil.

Os homens não passavam de camponeses, muito diferentes dos do São Francisco. Ficavam, ou fingiam ficar nervosos, a cada obstáculo que surgia. Havia remado a vida inteira e, no entanto, não sabiam esvaziar uma canoa. É curioso dizer que isso se passa ao longo de todo o rio. Empregam todo esforço por alguns minutos quando o rio corre depressa, expondo-se assim a todo risco possível, mas quando a água está quase parada debruçam-se sobre os remos e deixam-se levar perigosamente pela corrente.

Assim é que durante um dia de trabalho, entre sete da manhã e cinco da tarde muito pouca coisa se havia feito. Não têm método, não querem aprender nenhum. É inútil propor a colocação de rolos sob as Canoas ou calcar sobre a plataforma quando encalhamos. Nunca viram fazer essas coisas e nem se importam em aprender. Todos têm os apetites de abissínios e chupam a cana-de-açúcar como o antepassado índio o fazia, podendo tomar como lema:

*Au boire je prend grant plaisir
A viande freiche et nouvelle:
Quand à table me voy servir
Mon esprit se renouvelle.*

Só demonstram energia no soprar a buzina de chifre que herdaram dos antigos selvagens.¹² Com ela anunciam a chegada, saúdam os que estão nas margens. Divertem-se, enfim, com o barulho.

Meu único criado é um rapaz de Morro Velho chamado Agostinho, que me foi cedido pelo Sr. Gordon. Conhece um pouco o rio, entende um pouco de lavagem do ouro, de pesquisa de diamante e de cozinha de campo. Apesar de alguns ataques ocasionais de bebedeira, revelou-se muito útil e no Rio de Janeiro devolveu-o a seu destino com todas as honras. Negra, nosso mastim, de olhos selvagens

como uma onça, torna-se uma fera quando presa e late como se estivesse sob um toldo de carreta. É o terror dos que a vêem pela primeira vez e demonstrará sua utilidade. Nestas regiões todos viajam com cães brabos. Tenho dois passageiros a bordo. Um é um tal Antônio Casimiro Pinto, vulgo *Onça*, fogueteiro de profissão. Pediu logo aguardente e o piloto apontando-lhe a face afogueada disse: "Chupa muito".¹³ Desembarcamos numa fazenda de criação de que seu filho é capataz¹⁴ e toma conta de umas duas mil cabeças de gado. O outro era um imigrante do Sul, Mr. Hock; este velho *pilgrim father* havia trazido consigo um grupo de vinte almas: a todas tinha dado sumiço o infatigável *Piaba* de Sabará e, como Raquel, ele dispensa hoje todo consolo. A sua idéia agora é construir uma estrada de ferro que lhe permita receber lotes alternados de sessenta milhas quadradas, ou trinta de cada lado da linha. Nos Estados Unidos, em que os contratantes se contentaram com garantias dez vezes menores, o mundo lhes predisse a ruína. Mas os novos lotes atraíram novos colonos e deram esplêndido lucro. Desejaria ver esse sistema adotado no Império que se ressentia agora por pagar sete por cento de juros por quantias desperdiçadas estravagantemente. Mr. Hock acompanhou-me até Jaguará.

Entre Sabará e Jaguará a distância do rio é oficialmente de 20 léguas, 1.118.490 metros. A largura do rio varia entre 44 e 77 metros e a inclinação média¹⁵ é de 0,4135 m por quilômetro. Essa distância, de cerca de 1/6 da distância total foi parcialmente desobstruída com a despesa de 6:000\$000. Esse dado será útil para avaliar o total necessário. O rio é profundamente cavado, os lanços entre as curvas são curtos e temos a impressão de que vamos nos precipitar nas margens em que as grandes pontas prolongam-se até o fundo do rio, cortando-o em uma série de pequenos arcos. Como de costume nos rios pequenos no Brasil, há dificilmente espaço suficiente no vale; em alguns lugares há apenas uma pequena borda que dificilmente se poderia chamar de *dale* ou planície entre o rio e o morro. As ribanceiras marginais¹⁶ muitas vezes perpendiculares são de cascalho, areia e barro viscoso e escuro, sendo que de outubro a janeiro ficam completamente inundadas. Os pilotos dizem que a enchente atinge de 16 a 20 palmos e forma pequenos braços resultantes antes das inundações do que das infiltrações nas planícies. O leito é de seixos rudes e de matéria arenosa mais fina, sem lama, salvo a que é lançada pelos afluentes; nesta estação encontram-se muitas ilhotas e bancos de areia no meio do rio. Passamos vários afluentes, mas não cachoeiras propriamente ditas. O acidente mais aborrecido era a *raseira*,¹⁷ em alguns lugares em que o leito se alarga, encalhamos com desa-

gradável regularidade e nossa tripulação teve de cair na água. Este trecho é abundante em pedaços de árvores chamados aqui *tocos*; o nosso *sawyer* (troncos) é desconhecido, mas há *galheiros*, aqui chamados *gaieiros*, árvores com galhos para cima e para os lados. Às vezes surgem como postes como para marcar o canal. O leito tortuoso, sem apresentar nunca uma milha em linha reta, não permite que se forme qualquer coisa que se possa chamar de ondas, posto que o vento nos esteja soprando no rosto constantemente e continue a fazê-lo por muito tempo. Onde há bastante profundidade, a água ferve e se espalha;¹⁸ é às vezes o efeito de um leito irregular com cicatrizes, ou do fato da corrente do centro correr mais rápida do que a da superfície ou a do fundo, onde é retardada pela fricção.

Vimos então o rio das Velhas Índias em sua pior estação. O *sol de agosto*¹⁹ é proverbialmente mau, especialmente entre duas e quatro horas da tarde. Os pesados nevoeiros da manhã favorecem a indolência e perdurarão até o início da estação das águas, em setembro e outubro. Há um mínimo de água e um máximo de vento contrário, às vezes, mas raramente, soprando para o sul, em rajadas violentas quando cessa a corrente normal. Isso não se dá durante as chuvas.²⁰ Por outro lado estamos na *lua das flores* (*Moon of flowers*). A pobre vegetação de segunda geração — não se conhecem mais matas virgens — resplandece com a flor-da-quaresma, que se reveste com seus galhos de lindo roxo. Os cumes dos morros cobrem-se com a alta licorim²¹ e a palmeira guariroba.²²

Após cerca de três horas passamos a Pedra do Moinho, o único escolho realmente perigoso, tornado pior pelas pedras à mão esquerda. O primeiro sinal de habitação humana foi uma fazendola perto da Lagoa da fazenda do Barão (de Sabará), lagoa mantida pela cheia do rio. Defronte dela, numa pequena elevação em campo desolado, ficava a casa-grande senhorial, com um curioso pórtico verde, como o de Mtoni, perto da cidade de Zanzibar. Depois vieram algumas fazendas de criação e retiros²³ que vendiam banha e boa carne-seca por 3\$000 a 3\$500 por 32 libras. O gado numeroso, mas degenerado, fica na água ou se aquece ao sol na areia, e os cavalos, pastando nas colinas cobertas de capim, olham pasmados a nossa embarcação. Em alguns raros lugares surgem as manchas verde-claro de alguns enfezados canaviais.²⁴

Perto da casa de José Correia, onde o rio se bifurca para leste e oeste, envolvendo uma ilha montanhosa, encontramos a barca *Jaguara*, carregada de enormes e seculares troncos de madeira para Morro Velho. Era uma grande barçaça, chata, com 105 pés de

comprimento e 24 de largura e 24 polegadas de profundidade (pontal), construída de vinhático duro e de canela, com traves de pau-d'arco e o fundo chapeado de ferro. É triangular na proa e na popa. Pesa 32.000 libras, na maior parte devido ao metal. Descarregada, cala quatro polegadas e afunda uma polegada por quatro toneladas. Carrega setenta e duas toneladas pelo canal, com vinte e duas polegadas de profundidade, entre Macaúbas e Jaguará e vai daí a Sabará em doze dias, voltando em dois ou três. Um barco a vapor seria aqui evidentemente um sucesso, dispensando muito dinheiro no leito do rio.

“Nunca chegarão a Traíras” gritavam alguns de bordo da barcaça, zombando da *Elisa*. E, de fato, parecíamos desperdiçar muito tempo. Contudo, avançávamos lentamente, é certo, e o morro da Cruz, de Sabará, que de madrugada era um enorme penhasco a oeste, apresentava-nos agora uma vista parcial de su-sudoeste. Como a tarde se aproximava, o tempo se tornou mais frio e claro, a evaporação excessiva dava a impressão de uma grande secura. Meus livros empenavam e escrever tornou-se difícil. Isso me trouxe à lembrança o golfo Pérsico, onde não se pode usar aquarela, pois qualquer umidade é imediatamente absorvida pelo pincel.

A primeira impressão de Santa Luzia foi muito agradável: uma alta elevação a cerca de uma milha do rio, assinalada por duas igrejas e duas torres, separadas por belas casas caiadas e rica vegetação com palmeiras que vão até à beira da água. Desembarquei no porto da praia de Vicente Rico, acima da ponte, e subimos um morro cheio de cabanas com algodãozinho rasgado à guisa de vidraças. O caminho mostra vestígios de uma calçada escorregadia e gramada. O hotel, que é situado à rua Direita, de um doutor Joaquim da Silva Torres, é pobre e a hospedagem consiste no poder de bater palmas e fazer *pot* à vontade. Em compensação a conta era uma ninharia.

O caminho para a cidade conduzia a dois lugares, o Rosário e a Matriz, a última com uma escadaria em ruínas. Entreguei minhas duas cartas de apresentação, não soube mais delas por algum tempo. Os destinatários naturalmente não me poderiam procurar antes do dia seguinte. A baronesa de Santa Luzia,²⁵ que tem uma enorme casa na rua principal com uma fachada toda de janelas, é uma inválida. A venerável senhora é viúva do Sr. Manuel Ribeiro Viana, que fundou o São João de Deus de Santa Luzia, hospital para doentes pobres. Morreu antes de terminada a obra, mas a viúva dotou-a com uma casa, mobiliário e £ 3.000.

As pesquisas de ouro que formaram Santa Luzia eram de duas espécies: cascalho e *ouro de barba*. A corrente do rio depositava partículas sobre as margens. Os torrões eram cortados²⁶ e a grama era aparada para ser lavada. Daí o termo pitoresco usado. Ainda é abundante a dura pedra de ferro conhecida por *marumbé*. O município que em 1864 contava 22.980 habitantes, 1915 votantes e 48 eleitores, poderia ser rico se tivesse um sistema aperfeiçoado de agricultura. A terra fornece cana-de-açúcar em quantidade, um pouco de café e *mantimento*, arroz e mandioca, feijão e milho, a planta do rícino, cujo óleo é usado principalmente para lâmpadas, batatas-doces (*Convolvulus edulis*), e o tubérculo chamado cará, bem como lenha.²⁷ O rio é extremamente piscoso. Os peixes são consumidos em Morro Velho. A julgar pelas ruas, a prostituição é o comércio mais adequado. Mas todos me afirmam que ainda é menor do que em Curvelo, cidade mais ao norte e a dez léguas a oeste da rua principal. São ambas cidades *eclesiásticas*, visitadas pelos fazendeiros nos domingos e dias santificados.

O pequeno arraial formou-se em 8 de julho de 1842 sede da presidência em exercício e aqui, a 20 de agosto do mesmo ano, terminou o movimento revolucionário. O presidente intruso desapareceu discretamente durante a noite e, então, o gênio bom do partido Conservador, o general barão (hoje marquês) de Caxias atacou os revoltosos. A luta se encarniçou em torno da ponte, começando de madrugada. O domínio do terreno estava ainda duvidoso às 3 horas da tarde, quando o oitavo batalhão de linha ocupou o ponto mais alto da vila e pôs o inimigo em fuga sem mais esperança. Os chefes, Srs. Ottoni, José Pedro, padre Brito, Joaquim Gualberto e outros²⁸ foram feitos prisioneiros de Estado e desde esse dia desastroso, os ultraliberais foram sempre chamados *luzias*.²⁹ Luzia, Lúcia ou Luísa, lembro-te leitor, é a padroeira dos cegos e, em geral, tem na mão um olho que parece arrancado.

Notas ao capítulo XLII

1. N.A. A parte superior do desembarcadouro na praça da Ponte Pequena é chamada Porto do Galego, nome derivado de um rio e de um posto de lavagem de ouro que fica junto.
2. N.A. *Ajojo*, ou ajojo. Em português, como na maior parte das línguas latinas, o circunflexo denota freqüentemente a crase ou contração pela omissão de uma letra, cujo som é, ou não, mantido.
3. N.A. Boa e dura madeira, outrora reservada pelo Governo para construções navais.

4. N.A. Quando a balsa transporta mercadorias a plataforma reduz-se à coxia. Coxia significa também estrebaria, corredor de hospital, passagem em armazéns de depósito etc.
5. N.A. Girau ou jirau, segundo o T. D. (*Dicionário da Língua Tupi*, de Gonçalves Dias, cit.) é propriamente uma espécie de cabana construída sobre estacas, usada como celeiro. O Sr. José de Alencar emprega o termo como «cavalo», ou pequena moldura em forma de forca na jangada. No sul chama-se *noque*. Geralmente no Brasil o nome de jirau aplica-se a várias peças rudes de mobiliário: prateleiras de madeira para guardados, armação para a secagem da carne-de-sol, e assim por diante.
N.T. A grafia adotada pelo *Dicionário de Aurélio* é *jirau*.
6. N.A. As provisões eram carne-seca, que em Pernambuco se chama *carne-do-ceará* e, em outros lugares, *carne-do-sertão* e *carne-de-sol* quando é cortada simplesmente em tiras, pendurada no ar e seca ao sol. É excelente elemento para dar trabalho aos dentes. O toucinho nunca falta nestas regiões e o arroz com feijão podem ser encontrados geralmente.
Os homens recebiam ainda um gole de cachaça todas as tardes. Para meu próprio uso tinha uma caixa com chave: continha sal e açúcar branco (o açúcar inferior encontra-se por toda parte), mostarda e pimenta preta. Não se podem encontrar aqui posto que a caiena cresce selvagem. Eu tinha também chá — não valia a pena levar café.
O excelente Sr. Gordon havia-me fornecido carne salgada em talhadas, língua com pão para aliviar a monotonia do biscoito brasileiro. Trazia também, para o caso de doença, uma garrafa de *cognac* e outra de *gin* que podia substituir a pinga. Finalmente algumas latas de carne, sardinha em conserva foram armazenadas na caixa-mesa. O Sr. James Smyth, de Morro Velho, ofereceu-me algumas caixas valiosas de excelente Havana que foram altamente apreciados pelos meus hóspedes. Nas viagens no Brasil os charutos acabam depressa e é costume passar as caixas em roda.
7. N.A. Igaçaba é palavra tupi empregada geralmente nessas regiões. A primeira letra tinha entre os selvagens um som dúbio entre o *i* (ou *y*) e o *u*. Daí o fato dos portugueses escreverem-na de várias maneiras, como *ira*, mel ou *ora*. Assim *yg una* é rio preto.
8. N.T. O presidente de São Paulo em 1869 era Antônio Cândido da Rocha.
9. N.T. Anarcasis cita que visitou a Grécia no VI séc. a.C. e conviveu com os grandes filósofos do tempo. Em 1779 Barthélemy escreveu um livro de grande interesse, reconstituindo a vida da Grécia sob o título *Voyage du jeune Anarchasis en Grèce*.
10. N.A. Para a viagem rio acima serão necessários seis homens. O esforço de um dia de descida consome três de subida.
11. N.A. Provi-me de cédulas brasileiras tomando cuidado em que fossem novas e de pequenos valores, entre 10\$000 e 1\$000, além

de um pequeno saco de moedas de cobre e algumas de prata para ocasiões excepcionais. A minha reserva total era de 1:500\$000.

12. N.A. Os tupis chamavam-nas *mamiá* e fabricavam-nas com duas peças de madeira ligadas com fibras e resina. Ferreira, escrevendo no século passado, diz dessas trombetas primitivas que «tocadas na proa das canoas nas viagens pelo interior, serviam para avisar aos índios da partida dos barcos do ponto em que estavam ancorados» (Príncipe Max, II, 179). Os Botocudos (que ele chama de *botocoudys*) chamavam-na *countchoun-cocann* e fabricavam-na com a cauda de um tatu grande (*Dasytus gigas*. Cuv.) Os Coroados, já mais civilizados, usavam chifres para chamarem a atenção uns dos outros na floresta. No alto Amazonas a trompa é feita de dois pedaços de madeira fina e oca, unidos por um trançado de cordéis e revestidos de cera. Têm a forma de um bacamarte, com quatro pés de comprido, uma boca vermelha e um som brando a cavo. Os índios em geral usavam-nas para afugentar os monstros das profundidades e, como os africanos, para mostrar, pelo modo de tocar, que vinham como amigos. Os meus homens gostam também da *bandurra*, ou pequena viola, espécie de guitarra de cordas metálicas, e do *marimbau*, harpa judia (*jew's harp*) ou antes *jaw's harp*. O nome é visivelmente português de Angola.

N.T. Há aqui um trocadilho intraduzível. *Jew's harp* é o nome do marimbau ou berimbau em inglês. *Jaw* é berro. O autor quer visivelmente referir-se ao som desagradável do berimbau.

13. N.T. Em português no original.
14. N.A. Chamava-se antigamente *amo* ou *vaqueiro*. Recebe como pagamento uma proporção do rebanho e tem domínio completo sobre os *campeiros* ou *moços* que são, em geral os mais jovens.
15. N.A. É claro que a corrente varia muito e em alguns lugares a água está quase parada. Segundo o Dr. Liais o rio em Sabará permanece, durante a seca, a 695 m acima do nível do mar e, na confluência, a 432,3 m. A distância entre os dois lugares é de 666,080 m ou 361,28 milhas, ou 120,43 léguas geográficas. Sendo assim, o declive geral é de 0,3941 por quilômetro. A inclinação do alto São Francisco entre o rio Paraopeba e as cachoeiras de Pirapora é de cerca de 0,4890 m.
16. N.A. Aqui chamadas *barrancos* ou *barreiras* do rio. Os termos clássicos *ribas* ou *ribeiras* não são usados.
17. N.A. O Sr. Liais propõe que o rio seja estreitado artificialmente, especialmente entre Sabará e Roça Grande. Mas nós descemos por ele abaixo facilmente no pior mês, calando, quando carregados, pelo menos vinte polegadas.
18. N.A. «*Stá fervendo*», dizem os homens. Não se deve, porém, confundir essa expressãc com o termo popular inglês *boiling water*, que se aplica ao fenômeno das ondas que são impelidas pelo vento numa direção e pela maré em outra, fazendo com que as águas interrompam a carreira, ergam-se, dancem e se desfaçam em bolhas.

19. N.T. No original está «Sol de Augusto».
20. N.A. No tempo das chuvas sopra o vento leste, nem sempre acompanhado de trovoadas.
21. N.T. Aricuir (*Cocus coronata*).
22. N.T. Coqueiro-amargoso.
23. N.A. O *retiro*, no diminutivo *retirozinho*, significa aqui pequena fazenda de criação, onde o proprietário ausente estabelece um capataz.
24. N.A. As desinências *al* e *edo* (plural *ais* e *edos*), como olival ou olivedo, correspondem em português ao latim *etum* e ao tupi *tyba* ou *tuba*. Por exemplo, Indaiatuba: lugar onde abunda a palmeira *indaiá*; Ubatuba: lugar onde abunda a cana *ubá*. Não se confunda com o sufixo *uba* ou *uva*, que indica árvore.
25. N.T. A baronesa de Santa Luzia, D. Maria Alexandrina de Almeida casou-se duas vezes. A primeira com Manuel Ribeiro Viana, 1.º barão de Santa Luzia, falecido em 1844. A segunda com Quintiliano Rodrigues da Rocha, 2.º barão de Santa Luzia, falecido em 1854.
26. N.A. Depois de recolher o depósito de dois anos, os torrões eram cortados em fatias de um dedo de grossura, tirando-se camadas de duas ou três polegadas após cinco anos de descanso. Mais abaixo no rio vi os bolos empilhados na inargem.
27. N.A. O Sr. Renault, que fez estudos especiais sobre o *cará* e o *Convolvulus edulis*, forneceu-me gentilmente os seguintes dados: os carás pertencem à família das *dioscoreáceae*, destacada da das *asparaginae* e ao gênero *Dioscorea bulbifera*. Há cinco espécies conhecidas, das quais todas, exceto a de n.º 5, têm uma fécula superior à da batata. O lavrador abre, de preferência em solo leve, orifícios grandes e fundos, de proporções suficientes para conter a raiz; esses orifícios devem-se encher com capim seco para receber as mudas que são cobertas com pouca terra. A raiz se cozinha com a batata e se come com ou sem açúcar ou doces. A farinha serve para bolos e pudins. Eis as espécies:
- 1) O cará comum (*D. sativa*) dá um tubérculo esferoidal que atinge às vezes o peso de 30 libras.
 - 2) O cará-de-dedos, ou palmado (*D. dodecaneura*) assemelha-se na forma a uma mão de homem.
 - 3) O cará-cobra (*D. hyperfolia*) é tido como semelhante a uma cobra.
 - 4) O cará-mimoso (*D. triloba*); suas pequenas raízes produzem uma fécula delicada.
 - 5) O cará-tinga (*D. alba*) cresce selvagem nas capoeiras de Minas e é menos estimado. A raiz esferoidal é um pouco maior que um ovo de avestruz, a casca, que é branca e recoberta de pequenas asperezas, fica macia, mas não muito, com água fervente; cozinha-se debaixo da lenha e come-se quando se pode meter nele uma pena.

6) Cará-do-ar (*D. peperifolia*). Esta espécie também produz trepadeiras, às vezes de 12 a 13 pés de comprimento, e cerca de 40 frutos pesando uma libra na forma de um tetraedro romboidal. As trepadeiras secam após frutificar e reaparecem no ano seguinte. Esse tubérculo reproduz-se pelo fruto e dá durante os primeiros doze meses, enquanto que as outras cinco espécies se propagam por inudas do caule, aos quais se prendem algumas raízes fibrosas da trepadeira. Este cará do ar não tem moléstias inimigas e seria uma dádiva para a Europa. Não exige muito cuidado e, uma vez plantado, dura muitas estações. Pode ser empilhado sem se estragar e exige somente um suporte um tanto alto. Um só galho produz dez vezes mais do que a batata e poupa muito espaço pois que exige pouca terra.

Há ainda o cará-do-mato, tubérculo de um cará selvagem muito utilizado pelos índios. Os carás, como o verdadeiro inhame e a batata-doce, têm sido muito confundidos com os *tapinambours* (Vol. I, cap. VIII) porque são todos raízes tuberosas e foram importados da América.

A batata-doce pertence à família das convolvuláceas e ao género *Convolvulus edulis*. Desta planta há quatro espécies muito conhecidas:

- 1) *Convolvulus edulis*
- 2) *C. tuberosus*
- 3) *C. esculentus*
- 4) *C. varius* (Martius)

28. N.T. Teófilo Ottoni, José Pedro Dias de Carvalho, vigário Joaquim Camilo de Brito e João Gualberto Teixeira de Carvalho.

A revolução de 1842 em Minas Gerais foi estudada por Moreira de Azevedo na *Revista do Instituto Histórico e Geogr. Brasileiro*, t. 47, 2.^a 5. O livro clássico, do ponto de vista dos revolucionários, é o de monsenhor José Antônio Marinhe, *História do Movimento político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, 1844. Foi reeditado pelo Senado Federal, Brasília, 1978. O mesmo senado editou os *Autos dos Inquéritos da Revolução de 1842 em Minas Gerais*, Brasília, 1979. Importante é o estudo de E. Vilhena de Moraes publicado em Número especial do *O Jornal* dedicado a Minas Gerais (Rio de Janeiro, 1928). Leia-se também o estudo de Lúcio J. dos Santos na *Rev. do Inst. Histórico e Geogr. Bras.* v. 180, 117.

29. N.A. *Luzia* opunha-se a *squarema*, que alguns viajantes chamaram de *saguarema*. Esta é uma vila e uma lagoa perto da costa, Rio de Janeiro, onde ficavam as fazendas dos comandantes do partido *Old Tory*, especialmente o visconde de Itaboraí e Soares de Sousa (do visconde do Uruguai). Tornou-se um nome famoso. O termo *casquado*, mais ou menos equivalente, deriva do rio *Casquado*, entre Minas e São Paulo.

N.T. O visconde de Itaboraí possuía realmente uma fazenda em Saquarema. Os Soares de Sousa, porém, não eram proprietários nesse distrito. Quanto ao termo *Casquado*, muito anterior, parece não ter essa origem. Não existe rio com esse nome em nossos dicionários geográficos.

CAPÍTULO XLIII

DE SANTA LUZIA A JAGUARA

Macaúbas das Freiras — Recepções hospitaleiras

Que se abundância à indústria se combina
cessando a inércia, que mil lucros tolhe
Houvera no algodão, que ali se topa
Roupa com que vestir-se toda a Europa.

Caramuru, 7, 48

8 de agosto. A manhã estava deliciosa e o aspecto da natureza era tranqüilo como se não pudesse revelar outra expressão. Os raios de sol em forma de espada, irradiando-se de um centro oculto, antes dele surgir em todo o esplendor, em breve dispersaram as fracas névoas que se dispunham tranqüilamente sobre o frio leito do rio. Passamos a Ponte Grande de Santa Luzia que leva, via Lagoa Santa, que fica a três léguas, a Curvelo¹ e às matas. Era sempre a mesma coisa disforme do costume, com doze tripeças ou cavaletes de madeira dentro da água e muitos de fora, mostrando que as enchentes aqui são extensas. Uma construção anterior já desapareceu. As traves raro são suficientemente elevadas, de modo que são arrebatadas por qualquer inundação maior, enchendo o fundo do rio de fragmentos de madeira e de estacas, tão perigosas à navegação. É preciso que esses empecilhos sejam retirados para que o rio seja navegado com segurança.

Cerca de duas milhas abaixo de Santa Luzia a água se torna mais profunda e a região se transforma. O lado direito, ou do oriente, é áspero e montanhoso e suas alturas cingem o leito do rio. Do lado oposto a terra é mais plana e o solo revela uma compleição melhor, favorável tanto à cana-de-açúcar como às madeiras. Nas terras altas, por espaço de dez milhas, a formação superficial é de quatro qualidades. O melhor é o rico aluvião ferruginoso cor de chocolate que se estende sobre uma montanha calcária; a segunda é o solo vermelho sobreposto pela mesma matéria calcária. O barro preto, de aluvião,

considerado de primeira qualidade no vale do Mississípi, pertence aqui à terceira categoria. A pior formação é a terra branca, queimada de sol e sem ferro. Há grutas de salitre de ambos os lados. O produto é preparado à entrada das grutas por um processo simples que veremos agora. Ouvi vagas referências a explorações de sal, relativas provavelmente às salinas descritas pelos antigos viajantes nas vizinhanças do rio Paracatu.

Após uma hora de viagem chegamos à Fazenda da Carreira Comprida, da família Fonseca.² Produz provisões e restilo. As terras se estendem até o alto dos morros. O engenho fica numa elevação junto do rio, com face para o sudeste. Estava funcionando quando por lá passamos, e a música do maquinismo trouxe-me à lembrança agradáveis recordações de certas rodas-d'água no Sindh, Egito e Arábia. Nessas terras do futuro qualquer lembrança do passado é um dom inesperado. As fazendas com máquinas movidas pela água pagam 40\$000 por ano; as que as têm movidas por animais, a metade dessa importância. Além disso, sobre a produção de qualquer delas paga-se, pela entrada nas vilas, uma taxa de \$320 por cada barril de trinta garrafas. Será melhor para o povo quando as circunstâncias permitirem uma taxação mais pesada.

Esta parte do rio revela muitas possibilidades de se estabelecer uma indústria de muito mais valor: imensos cardumes de peixes que povoam suas águas. Além do viveiro comum (*gamboa* ou *curral*, e não *camboa* e *coral*) aparece o *jequi* ou *jiqui*, que é um grande cesto de taquara amarrado com cipós, com dois pés de comprimento, e preso em *estacadas*. A *grozeira* consiste num sistema de estacas finas, fincadas a cinco ou seis pés de distância e ligadas com lianas, às quais se prendem linhas com anzóis. O *chiqueiro* é um cercado de bambus, sem coberta, com uns dois pés de diâmetro e fixo na margem; tem uma porta de alçapão perpendicular que cai quando o peixe puxa um sabugo de milho, ao qual está preso por um cordel. Uma outra máquina automática, e predileta porque dá menos trabalho, é a "linha douradeira", que consiste num bambu oco com linha de algodão, anzol e uma minhoca. O *girau* é uma vara mantida por quatro estacas, freqüentemente montado no alto de um banco de areia. Para que um homem empunhe seu caniço será preciso que esteja realmente com muita fome. Com uma só fígada ele obterá o suficiente para o dia e respectivo apetite e as restantes vinte e três horas e cinqüenta e cinco minutos ele as poderá dispensar em vadiacão. Dificilmente posso persuadir minha tripulação que arroje uma linha à água quando ancoramos. Pretextam não ter trazido enxadas para colher minhocas. Mas podem pegar uma meia dúzia

de piabas ou piaus³ simplesmente enchendo uma cabaça com água de rio e atirando-a sobre a margem. Poderiam também caçar uma ave ou tirá-la de um ninho para servir de isca. Qualquer peixinho serve de isca sem se soltar. Mas essa gente não gosta de inventar novidades. Falta aqui sal, mas não falta sol: em dois dias desapareceria toda umidade da carne do peixe partida em fatias finas e expostas ao ar. Para viagens longas poderia ser feito e conservado o peixe em molho de vinagre e especiarias. O gosto se conserva desde que se frite o peixe logo após a pescaria. Pode ser aquecido se necessário. A sopa de peixe é deliciosa. Exige, porém, muitos ingredientes para que um viajante possa prepará-la de maneira apetecível. Em regra o povo desdenha o peixe muito escamoso porque diz que as espinhas são perigosas.

Os que visitam esses rios deveriam trazer arpão com grandes anzóis de água doce e os mais fortes mecanismos de pescaria, do contrário algum esqualo, às vezes pesando mais de cem libras, poderá causar surpresa. Por outro lado as espingardas são inúteis. A tripulação em geral usa suas armas de caça com os fechos, como na África, recobertos por pêlo de macaco. Mas apareceu caça muito rara às margens. Reduziu-se a um porco-d'água, um único veadinho, algumas pombas e, com intervalos, umas poucas penélopes. A caça selvagem, especialmente marrecas (chamadas pelos índios *jererê* ou *iererê*) aparecia às vezes, como também ouvíamos o grito dos grouns no fundo das passagens. Para alcançá-los, porém, teríamos de fazer grandes caminhadas. No Brasil os rios como o Tietê e o Paranaapanema, na província de São Paulo, que ignoram o homem branco, mesmo o explorador, e que só podem ser atingidos depois de uma semana de muito viajar desde a costa, proporcionam esplêndida caça. O mesmo não se dá, porém, onde se conhece a espingarda. Os caçadores que visitarem o Brasil precisam ter isso em mente: as antas, as oncas e as serpentes ainda podem ser achadas perto da costa, mas são extremamente selvagens e difíceis de se encontrar; além disso o clima é mau e a marcha detestável.

Uma outra hora de viagem levou-nos ao porto da fazenda do capitão Frederico Dolabela, onde vimos a primeira plantação de algodão com excelente aparência, aliás. É geralmente herbáceo. As sementes foram introduzidas há pouco. Mas ainda existe o algodão brasileiro, chamado algodão ordinário. Este, após alguns anos, torna-se uma árvore de quinze pés de altura e grossa como uma perna de homem, com uma folhagem grande e luxuriante, flores vermelhas e amarelas e produz um fio forte e médio, envolvendo sementes negras de tamanho moderado e despidas. É o *Gossypium arboreum* de que

falam os viajantes deste império. Os mais minuciosos restringem o termo "à pequena árvore de algodão da Índia, de flores roxas, sementes verdes e fio curto".⁴ Há uma mina de fortuna desprezada no algodão e na pescaria e quanto mais examinamos este assunto, mais riqueza encontramos.

Os morros estavam revestidos de grama fina castanho-cinzenta, parecendo, em alguns lugares, como que cobertos de neve. Estavam profusamente ornados com a nobre macaúba, ou coqueiro.⁵

Os tocos e galhadas eram tão perigosos como os de ontem e perdemos uma hora encahalados na Volta dos Pinhões onde há uma curva e um alargamento do rio. Passamos então pelo Penedo, uma alta massa de pedra nua, que fica defronte e que se destaca do arvoredo que o envolve da base até o cume. Um pouco abaixo ficava outro morro, todo coberto de mata e, entre os dois, pilhas de madeira que esperavam a barca para seguir. À direita ficava o rio Vermelho, pequena corrente que vem do arraial da Lapa, a leste de Sabará, que pode ser navegado por canoas descarregadas por uma légua.⁶ Uma outra curva revelava agora algumas linhas brancas entre a faixa de árvores do rio e um morro em face do este: era Macaúbas das Freiras. Antes de atingirmos uma brecha na barranca de barro, que aqui tem o nome de porto, concedi transporte a um viajante que vinha de Lagoa Santa. Exibia um chapéu de couro de boi com o formato do petaso, o chapéu de Mercúrio, camisa branca com listas de anil, da velha moda, aqui ainda em vigor, paletó de algodão de Minas e botas de couro de veado, feitas para atingir as coxas, mas caídas abaixo da barriga das pernas como se estivesse metido em seus sapatos de noite.

Um caminho barrento, que serpenteia entre montões de cascalho, um açude cheio de imundícies e rebotalhos de chiqueiros, conduz a um ponto elevado onde fica o recolhimento. Ligadas e de ambos os lados da Igreja ficam as duas alas assobradadas e de taipa caiada, assentadas como de costume sobre a bela pedra calcária azul. Todas as janelas são avaramente gradeadas e têm gelosias. À esquerda fica a casa do canelão e, em nível mais baixo, erguem-se as cabanas de barro e sapé habitadas por escravos, porcos, galinhas e perus. Tudo parecia extremamente sujo. Mas o povo diz que com piedade e sem limpeza vive-se uma idade muito avançada.

Como não havia venda, fomos para o rancho do tropeiro onde fomos recebidos descortemente pela caseira. Esta funcionária do recolhimento estava fazendo vasilhas com um barro cinzento cor de ferro. Recusou-se a dar café antes que déssemos o nosso nome.

Tal é a impressão causada por um simples grupo de gente tão protestante visitando um lugar tão católico. Mandeí imediatamente meu cartão e uma carta ao reverendo padre Lana,⁷ cujo primo-irmão havia sido tão amável para comigo no Itacolomi de Ouro Preto. Esse amável mineiro, educado no Caraça, chamou-nos imediatamente, mandou servir o jantar e levou-nos a ver as curiosidades.

A madre-regente, pessoa bem bonita, recebeu-nos à porta, beijou a mão do padre e conduziu-nos a uma pequena capela colegial, branca e dourada, com o teto pintado a fresco. Visitamos os dormitórios, que nada tinham de novo. Das janelas podíamos ver a área interna que não pode ser visitada sem ordem do bispo e seus coadjutores. As galerias são compridas, os quartos grandes e arejados lembraram-me, pela rudeza das grandes traves de madeira, um estabelecimento de Goa que descrevi há perto de vinte anos. Na sala de leitura havia um quadro-negro para cálculo, alguns velhos mapas e valiosos espécimes de caligrafia, bordados e flores artificiais. Na enfermaria estavam uma freira e quatro moças inválidas. As trinta e seis reverendíssimas madres vestem-se com um véu branco e hábito com escapulário preto na frente, tudo coberto com uma capa azul. As vinte e cinco educandas seguiam galhofando os passos de Galatéia, de quem se escreveu:

*Et fugit ad salices, sed se cupit ante videri*⁸

As terras consistem de seis jeiras muradas, e produzindo verduras em abundância. Usa-se, porém, a água do rio, escura e escumosa, feia, mas insípida. Realmente, abaixo de Jaguará, o povo prefere-a à água dos córregos. As verduras, especialmente a alface, são excelentes. A uva, que frutifica duas vezes por ano em Sabará e Barbacena, porém, é um malogro. Pela primeira vez no Brasil vi os coqueiros (*Cocus butyracea*) sem estar em completo abandono. A polpa do fruto produz um bom sebo para lâmpadas e do núcleo extrai-se um óleo medicinal. Além disso as sobras não são, de nenhum modo, desprezíveis.⁹

Visitamos então a igreja de N. S.^a da Conceição e encontramos o Santíssimo exposto e as freiras cantando atrás das grades da tribuna do coro que, como de costume, fica defronte do altar-mor. No parlatório, onde, por uma grade poderíamos dirigir-nos às nossas hospedeiras invisíveis e onde um barril colocado sobre um eixo, com uma ou duas aduelas retiradas, conduz para dentro ou para fora suas parcas necessidades, foi-nos permitido percorrer o *Livro das entradas*. Começa com um documento interessante, datado de 18 de julho de 1713. Depois de colacioná-lo com o *Claustro franciscano* de Frei

Apolinário (Lisboa Ocidental, MDCCXL)¹⁰ e, finalmente com o *Relatório* do vice-diretor geral, o chantre José Ribeiro Bhering (Ouro Preto, 1852),¹¹ compilei a seguinte notícia acerca da mais antiga casa religiosa de Minas.

Em cerca de 1710, dois irmãos, Manuel e Félix da Costa Soares, “homens piedosos, de família responsável” — naquele tempo o colono vulgar dificilmente ousaria ser melhor que seus vizinhos — vieram de Pernambuco à procura de terras, trazendo irmãs, sobrinhas e uma filha viúva. Em 12 de agosto de 1714 começaram a construir uma casa secular onde não havia “nem *meum*, nem *tuum*”. Esta, que foi o convento velho, fica ao sul da atual construção e suas ruínas ainda se vêem no meio do palmeiral ralo. Félix encontrou nas margens do rio das Velhas um eremita vestido com um traje que ele então não conhecia, mas que depois verificou ser o de Nossa Senhora da Conceição de Monte Alegre. O eremita desapareceu misteriosamente. Talvez fosse uma visão, diz o padre Lana. O leigo, sendo solteiro, adotou o hábito, menos o chapéu.¹² Assim surgiu o sítio de Macaúbas, o primeiro convento das recolhidas, dedicado à “Imaculada Mãe de Deus”. A ordem seráfica, então em próspera mocidade, veio em seu auxílio e em breve lhe obteve esmolas de 60.000 cruzados, ou seja £60.000 em nossos dias.

A irmã Catarina de Jesus foi a primeira madre superiora, fato sobre o qual paira alguma confusão no *Livro de Entradas*, e morreu em 1717. Seguiu-se-lhe Félix em 11 de outubro de 1837. O convento velho foi danificado por uma enchente, e o atual edifício ficou pronto em 25 de dezembro de 1745. Dom Frei Manuel da Cruz transformou-o num ramo da Ordem Terceira de São Francisco e elevou-o a mosteiro a 23 de setembro de 1789. Segundo o *Relatório* foi-lhe dada uma regra pelo padre Antônio Afonso de Moraes Torres, superior do Caraça.

O Recolhimento nada recebe do Governo, mas, como se verá, herdou muitas terras. Sustenta-se com a agricultura e a criação. Não explora mais a sua mina, outrora rica. Nos últimos anos as rendas foram simplificadas pela conversão em títulos do Governo. Sua finalidade é proporcionar a instrução *exigida habitualmente pela mãe de família*. Em 1851 uma freira e uma aluna foram enviadas a Mariana para aprender com as irmãs de caridade um método melhor de ensino e de direção de casa. Os hipercríticos consideram-no uma espécie de escola onde não se estuda. O confessor jamais ouviu falar na bula *Unigenitus*. O nome do professor Agassiz, que foi repetidamente citado em todos os jornais do Império, era-lhe completamente desconhecido.

Quantos milhões de pessoas ignorarão, podemos perguntar, nomes como os de Alexandre, César e Napoleão, a grande trindade, os mais poderosos avatares da humanidade?

O padre Lana acompanhou-nos à venda, onde sentamos para uma longa conversa. Aqui encontramos uma velha fraca que havia trabalhado na mina de Morro Velho. (As freiras podem alugar, mas não vender seus escravos.) Perguntei-lhe como tinha sido tratada. “Nunca apanhei”, disse a pobre velha com voz de cabrito. Despedimo-nos a contragosto do excelente padre que lamentou termos feito uma “visita de médico”¹³ expressão que corresponde, no Brasil, mas não tão amavelmente, às nossas visitas de anjo. O Sr. Hook, que tinha queixas por ter sido tratado como herege por um antigo vigário, perguntou-me com a gravidade americana (*ay-merican*), se eu realmente acreditava que as freiras eram *castas*. É curioso ver como esses homens, tão ciosos de suas compatriotas, vêem libertinagem em toda parte. “Que triste raça parecem ser”, afirmou, por outro lado o padre Lana, contemplando aquele homem grave, mascando melancolicamente, sob os lábios contraídos, um enorme pedaço de fumo.¹⁴

A lua e as estrelas estavam excepcionalmente brilhantes e a noite estava deliciosamente clara e fria. No dia seguinte de madrugada fui despertado pelo arrulhar dos pombos, pelo fraco pipilar das saracuras, chamadas geralmente *saracula* (segundo o Dr. Bates *serracura*, *Gallinula cavennensis*), inimiga feroz das baratas, pelo grito da siriema, ou ave-da-serpente, que parece o uivo de cachorros e pelo grasnado do peru, tudo agradavelmente misturado. A terra e a água estavam envolvidos por uma névoa grossa e clara,¹⁵ mas a *Elisa* não era um barco do Reno para ser detida por esse obstáculo. Os pilotos consideravam-no antes como um sinal de tempo calmo e ele se abriu realmente, revelando uma abóboda verde onde se estendiam os *cirrus* como alvas plumas.¹⁶

Sexta-feira, 9 de agosto. Partimos às 7 horas da manhã e des-cemos para Coqueiros, bela colocação para uma casa, um pequeno plano na garganta formada por dois morros, um coberto de grama e outro recoberto por uma verdadeira floresta de palmeiras. Hoje o efeito de um grande afluente revela-se nas enseadas um tanto mais largas, na diminuição dos amontoados de paus podres pelas margens. O leito começa agora a apresentar *remansos*, lugares calmos de grande profundidade. Encalhamos somente três vezes e só numa aldeia os homens tiveram de saltar.

O rio é lindamente marginado, o fundo é mais largo, enquanto as terras mais elevadas e mais secas são de qualidade superior e menos

iesertas. As mulheres que lavam as roupas nas margens não correm mais ao passarmos, a não ser quando desembarcamos, e algumas perguntam aos gritos se estávamos fazendo a *planta* da terra. Os negros carregam espigas de milho em carroças feitas de largas tábuas e cercadas em torno por caniços de quatro pés de altura; entrançados de bambus são arredondados na frente e descaem para trás, como uma clássica biga ou um carro de triunfo. Há nessa zona uma corredeira apenas perceptível chamada das Alprecatas¹⁷ quase ao chegar à foz do ribeirão de Taquaruçu, cujas águas barrentas e rasas têm suas cabeceiras a cerca de oito léguas daqui.

Perto deste lugar estão estabelecidos meus compatriotas John Wood e senhora, que infelizmente não consegui encontrar. Próximo da confluência do Taquaruçu, o leito forma uma garganta estreita, deixando um grande banco de areia a oeste, o que aumenta a velocidade da corrente em dois nós.¹⁸ A curva acentuada e as águas perigosamente rasas são motivo para que os barqueiros suspirem aliviados depois que conseguiram passar esse ponto. Grandes blocos de arenito estratificado (lapas) inclinam-se em ângulo agudo na direção do rio e vão formando sombrias cavernas, recessos e pilares até a próxima fazenda do Mandim. — de Mandim ou roncador.¹⁹ A última vez que ouvi falar da música desse peixe foi em São Paulo de Luanda.

Daí para diante as colinas se abrandam e as margens cultivadas lembram as de qualquer rio inglês, enquanto o campo aparece à distância. São campos de um verde viçoso, mostrando a riqueza da cana-de-açúcar. Fazem magnífico contraste com o verde-escuro e acastanhado do inverno. A ubá,²⁰ com as folhas lanceoladas em forma de leque, com flores alvíssimas, atinge aqui vinte pés de altura, formando maciços impenetráveis. Esse *Calamus* parece não depender do clima, pois desenvolve-se igualmente na costa como nas terras altas brasileiras.

Uma outra garganta, onde os detritos de madeira trazidos pelas águas prendem-se nas árvores, mostra que a cheia atinge pelo menos 14 pés. Conduz à curiosa formação chamada Lapa da Estalactite.

Aqui as rochas calcárias da esquerda inclinam-se para a frente, formando beiradas de rocha da forma de lingüetas de fina pedra. Um curioso efeito.

Outro ponto interessante é a ponte de D. Inácia. Desde o tempo em que Liaís escreveu sobre ela abriu-se nessa esguia ponte uma brecha de 30 pés e o povo pode fazer a travessia pela barca comum, isto é, um ajojo de quatro canoas manejado por uma corrente e

roldana. Defronte a grande casa da fazenda e o engenho pertencentes ao tenente-coronel Luís Nogueira Barbosa da Silva, diante dos quais vê-se, meio afundado, o primeiro navio que estas águas avistaram.

William Kopke,²¹ que viera como intérprete para a Companhia Mineira de Cocalis, obteve a concessão da navegação a vapor do rio São Francisco e teve a energia para empreender a construção de um vapor em Sabará de 1833 a 1834.

Tal como o capitão Fitzgerald de Larkhana, no Sindh, que, pouco a pouco malogrou, William Kopke foi obrigado a fazer a maior parte do trabalho e, muitas vezes, a alterar os planos por falta de material. A experiência foi bem sucedida, porém não tanto quanto seria de desejar, porque o vapor naufragou.

Na margem direita, um pouco abaixo desse sítio, existe o Olho-d'Água, uma lagoa que dizem que se comunica por um canal²² com um lago do outro lado do rio. Pedacos de madeira atirados num dos lados foram identificados no outro, provando a existência de canais subterrâneos, perfeitamente compreensíveis em terras calcárias como esta.

O sol baixou e a temperatura esfriou a tal ponto que nos obrigou a buscar a tepidez do fogão. A lua subia tranqüilamente no céu. A tripulação, que há quatro anos não descia o rio, mostrava-se nervosa quando nos aproximávamos da cachoeira do Jacu, com sua correnteza veloz impelindo a embarcação para a margem direita do estreito leito.

Vi que uma pedra ou uma vara poderia pôr a perder toda a minha viagem e concordei em que parássemos em porto do Bebedor.²³ Subimos a margem alcantilada que dava acesso à casa do Sr. Antônio Lourenço e fomos logo conduzidos ao quarto de hóspedes, assim que a filha do proprietário abriu-nos a porta. D. Conrada, ainda na casa das dezenas, já era viúva e mãe de três crianças. Fez-nos café, aqueceu a carne e sentou-se para prosear até que adormecêssemos. Incidente raro e nunca esquecido em nossa viagem.

10 de agosto. A manhã estava sem brumas e clareou cedo. Depois de duas horas de viagem avistamos na margem esquerda uma construção quadrangular, caiada de branco e de telhado vermelho, muito estragada, atrás da qual erguia-se uma cuidada igrejinha — a fazenda Jaguará.²⁴ No porto, onde deságua o ribeirão Jaguará, estava à nossa espera o Dr. Quintiliano José da Silva, ex-presidente de Minas Gerais e atualmente juiz dos feitos da Fazenda Nacional.

Conduziu-me à casa onde me apresentou à proprietária, D. Francisca dos Santos Dumont,²⁵ filha de nosso hospedeiro em Ouro Preto, que me levou ao quarto de hóspedes e prodigalizou-nos toda espécie de atenções possíveis, coisa em que as pessoas do campo ultrapassam quaisquer outras.

Notas ao capítulo XLIII

1. N.T. No original está sempre *Cruvelo*.
2. N.A. Dizem haver aqui cal branca. Mencionarei apenas as principais fazendas que, por qualquer motivo, tenham chamado a minha atenção. A lista completa encontra-se em Liais.
N.T. No original: *Fazenda da Carreira Compridar*.
3. N.A. O piau é um peixinho que deu seu nome à vasta província do Piauí. Gardner faz referência ao piau-branco (um dos *salmonidae*) com dois ou três pés de comprimento e grandes escamas. Pesca-se a anzol e é tido como bom prato. No rio das Velhas é uma bola de farinha de mandioca. A noite o piau costumava saltar dentro das canoas pequenas. O dorso negro cor de ardósia e a barriga branca lembram o meu companheiro do *silverside*. Ouvi falar de outras variedades de piau brancas e escuras: o piau-certia, grande, e o piau-capim, peixe do mar que se alimenta de capim.
4. N.A. Assim se exprime o major R. Trevor Clarke. Aqui o algodão tem mais fios que de costume. 1.200 libras produzem 500 libras de fibra limpa, enquanto no Alabama seriam necessárias 1.500 para obter essa produção. O povo em geral replanta o arbusto no quarto ano.
N.T. O *Dicionário de Aurélio* menciona algodão-macaco como *Gossypium* e define: «variedade de algodoeiro cuja matéria têxtil é pardacenta».
5. N.T. O *Dicionário de Aurélio* dá-o como sinônimo de coco-de-catarro.
6. N.A. Assim dizem todos os meus informantes. O Sr. Liais, porém, chama-o rio de Macaúbas e considera-o de alguma importância, com um contingente de 20 m por segundo, o que transforma o rio das Velhas como mais importante, com um contingente de 62 m
7. N.T. Deve tratar-se do padre Joaquim José de Oliveira Lana, ordenado em 1850, segundo se vê no livro do cônego Raimundo Trindade, *A arquidiocese de Mariana*, 2.^a ed., B. Horizonte, 1953, I, 239.
8. N.T. Trecho da *Bucólica* de Virgílio, Égloga III, v. 65, que Odo-rico Mendes, no *Virgílio brasileiro*, Paris, 1858, traduz: «Corre aos salgueiros, quis antes ser vista».

9. N.A. St.-Hilaire (I, I, 378) diz que essa palmeira é notabilíssima. «Car, s'il existe une foule de sémences oléagineuses, l'olivier est, à ma connaissance, le seul arbre dont le péricarpe ait été signalé jusqu'ici comme fournissant de l'huile». Ele deveria, contudo, ter visto muitas vezes o *Elaeis guineensis*, o dendê do Brasil, e talvez tivesse comido uma costeleta preparada em banha de coco.
10. N.T. Frei Apolinário da Conceição: *Claustro franciscano erecto no dominio da coroa portuguesa, e estabelecido sobre dezesseis venerabilissimas colunas. Expõem-se sua origem e estado presente*, &. Lisboa, of. de Antônio Isidoro da Fonseca, 1740.
11. N.T. O padre Antônio José Ribeiro Bhering (1803-1856) foi chantage da catedral de Mariana e lente de retórica. Ocupou na administração civil a vice-diretoria geral da Instrução Pública e a secretaria do Governo. Foi deputado à assembléia provincial e à geral. Em 1831 o bispo D. Frei José da Santíssima Trindade privou-o do direito de pregar, por ter utilizado o púlpito da igreja de Antônio Dias para propaganda política, recomendando ao povo votar em «candidatos imorais». Faleceu recusando os sacramentos da Igreja.
12. N.T. Inaugurado o recolhimento, foi adotado o hábito das Franciscanas Concepcionistas (Ordem da Puríssima Conceição da Mãe de Deus). O Estatuto foi elaborado por frei Jerônimo de Monte Real, capuchinho. O colégio propriamente dito foi estabelecido em 1846 pelo padre Antônio Afonso de Moraes Torres, visitador dos lazaristas, encarregado pelo bispo de reformar o recolhimento. Pertence hoje à Arquidiocese de Belo Horizonte. Existiu como Recolhimento de Macaúbas desde 1715. Em abril de 1833 passou a ser considerado mosteiro Concepcionista com a chegada de três religiosas da Ordem da Conceição vindas do mosteiro da Ajuda, RJ. Constitui o centro de adoração contínua do Santíssimo Sacramento mais antigo do mundo, sem solução de continuidade. V.: Furtado de Meneses, *Clero mineiro*. Rio, v. I, 1933, p. 124, e *Anuário dos religiosos do Brasil*, 1958, II, 447.
13. N.T. Em português no original.
14. N.A. Até bem pouco tempo, por todo o Brasil, mulheres piedosas reuniam-se na mesma casa e faziam vida comum para fins de devoção. Os padres estrangeiros e ultramontanos, que têm afluído como águias ao campo de batalha, opunham-se a essa prática inocente e muitas vezes benéfica e forçavam essas comunidades a aceitar as regras da Europa, que freqüentemente não passam de um mero método do velho ascetismo asiático.
15. N.A. Chamada geralmente neblina ou noruega. Esse termo é provavelmente importado e aplica-se a um lugar escuro, onde o sol é visto poucas vezes. P. ex.: Catas Altas de Noruega.
N.T. Catas Altas de Noruega, município criado em 1962, desmembrado de Conselheiro Lafayette. A capela data de 1727.
16. N.A. Conhecidas geralmente como «rabo de galo».

17. N.A. Alparcatas ou alpargatas, sandálias.
18. N.A. Liais denomina a larga faixa de areia sobre o Taquaruçu de Proa Grande, certamente erro de imprensa porque ele queria referir-se a Coroa Grande.
19. N.A. O *mandim* (o Sr. Liais escreve *mandin*), chamado também *roncador*, devido ao ronco que faz, especialmente em tardes quentes antes da chuva, era conhecido pelos Tupi com o nome de *mandué* ou *mandubé*. Alguns pilotos dizem que o ronco é produzido pela fricção que fazem com a cabeça contra o casco da canoa. É um silurídeo. Parece com o *peixe-gata* do Mississipi. O tamanho comum é de 18 polegadas a 2 pés. Tem a pele castanho-amarelada com manchas redondas sem escamas. É provido de longas barbas que lhe valeram o nome dado pelos anglo-americanos e três barbatanas dorsais que são muito perigosas. Mantém-se quase no fundo do rio, come vorazmente, tem poucas espinhas e a carne branca agradável ao paladar, pelo menos assim pensam as lontras. Há muitas variedades: mandim-açu, mandim-amarelo, mandim-armado, mandim-capadelho, mandim-esquentado etc. O Sr. Halfeld observa (*Rel.* 215) que todas essas variedades estão diminuindo. Roncador, aliás, é nome dado a vários peixes, especialmente ao sul da vila de Vitória (Príncipe Max., II, 157).
20. N.A. *Gynerium parvifolium*, Martius, Vubá ou *Arundo sagittaria*, porque os índios a usavam, do *Sistema* e *Saccharum ubá* de Saint-Hilaire (III, I, 18) que diz estar errado Luccock ao escrever *Uva*. *Uvá* é preferido pelos autores antigos. Em São Paulo chama-se ubá de *tupy-uyba*, que quer dizer flexa. Os mineiros preferem *cana-brava*.

N.T. O *Dicionário de Aurélio* define-a como «planta herbácea empregada na confecção de balaios e cestos».

21. N.A. O Sr. Kopke, que o decreto chama de «negociante hamburguês», perdendo o seu vapor, aprestou um barco e visitou o rio Paracatu. Seu irmão Dr. Henrique Kopke vive ainda em Petrópolis. Depois da primeira concessão, cujo decreto data de 26 de agosto de 1834, um engenheiro belga Tarte, procurou obtê-la, sem o conseguir.

O primeiro navio a vapor construído no Brasil foi feito na Bahia, sob a direção de Felisberto Caldeira Brant Pontes, depois marquês de Barbacena. O vapor navegou até a então vila da Cachoeira e naufragou, devido a uma tempestade na praia de Monserrate. Em 1822 outro vapor foi mandado do Rio de Janeiro, trazendo a bordo uma comissão de homens notáveis, inclusive o desembargador João Evangelista de Faria Sousa Lobato. Conquereram o patriótico José Bonifácio de Andrada e Silva a acompanhá-los e voltaram à capital em 16 de janeiro de 1822, uma semana depois do célebre dia do Fico.

N.T. O decreto concedendo a Guilherme Kopke o privilégio exclusivo por dez anos «para navegar por meio de barcos a vapor nos rios das Velhas e de São Francisco» é de 14 de novembro de 1834.

Não consta essa viagem do vapor do Rio de Janeiro à Bahia, na qual tomaria parte José Bonifácio. Este permaneceu em São Paulo, como membro da junta até janeiro de 1822. João Evangelista de Faria Lobato, amigo íntimo do Patriarca, fora a São Paulo em missão política. De Santos veio em navio a vapor com o colega, aportando a Sepetiba, a 17 de janeiro. (Otávio Tarquínio de Sousa, *José Bonifácio, em História dos fundadores do Império do Brasil*, I, 1957, p. 172.)

22. N.A. Popularmente chamado *sumidouro*.
23. N.A. O que bebe e não o que deságua.
24. N.A. Alguns dão jaguara como o nome de uma variedade de onça muito conhecida, o puma ou leão americano. Outros como *jahu* ou *jaú quara*, sendo *jaú* peixe, aqui muito abundante. Jaguara é corruptela de jaguar, isto é, *já*, nós, e *guara*, devorador que era usado pelos indígenas para todas as feras que devoravam criaturas humanas. Provavelmente no início da colonização essas onças, que desconheciam as armas de fogo, eram ousadamente perigosas. Agora a coragem delas parece ter esfriado e o «mata-dor de onças», tão conhecido no Brasil, tem suas atividades grandemente reduzidas. Muitos viajantes não viram dessas onças senão as pegadas. Eu tive o prazer de ver um exemplar vivo, mas, assim mesmo, de noite. O povo ainda as teme e correm histórias fantásticas de boca em boca, alimentando o medo. São realmente muito perigosas para os cães, macacos, para as capivaras e para o gado novo.

Há quatro grandes variedades:

- 1) A onça suçuarana. (Segundo Bates *Sassu-arana*, ou falso veado), donde a bárbara corruptela *Cougouar*, derivada de *Gua-zouara* de Azara. Chamam-na também: onça *brasileira* ou onça unicolor, sendo esta a melhor denominação. É uma das maiores. A que eu vi era de um belo castanho-avermelhado de 5 pés e 8 polegadas de comprimento, sem incluir a cauda. A classe desse puma ou leão-vermelho parece existir em toda a zona tropical e temperada do Novo Mundo. É evidentemente a pantera dos Estados Unidos.

- 2) Cangouçu ou canguçu, variedade mais numerosa, castanho-avermelhada com pintas mais claras. Informa-nos o príncipe Max (III, 138) que na Bahia esse nome aplica-se a um pequeno animal de pelo pintalado de preto.

- 3) Onça-pintada, também chamada *jaguetê* (verdadeiro, ou grande devorador). Essa *Felix discolor* é um bellissimo animal, especialmente quando o campo branco da mancha é tocado de rosa. Pela forma lembra muito o *cheetah* ou leopardo do Hindustão. É muito feroz, causando grandes danos ao gado que elimina mais do que realmente necessita. Farta-se primeiro de sangue para depois devorar a carne.

- 4) O tigre ou onça-preta é o jaguar-negro, animal raro no Brasil, porém, ainda encontrado nas margens do alto Paraguai.

Parece-se provavelmente com o leopardo do vale do Niger e as manchas negras na pele amarela tornam-no especialmente belo. Apreciei uma linda coleção de peles desses animais no rio das Velhas. Aqui, como em toda parte são caras. Todo mundo as aprecia para a confecção de apetrechos de montaria, estojos para pistolas e facões, malas para viagem, até para gorros de caçador. A onça-pintada é a preferida e em regra geral as peles ficam estragadas se tratadas pelos negros. Cortam a cabeça, as pernas e às vezes até a cauda. Em compensação as peles são cuidadosamente curtidas.

25. N.T. D. Francisca Santos Dumont é a mãe do patrono da aeronáutica brasileira Alberto Santos Dumont, filha do comendador Paula Santos. Casada com o engenheiro Henrique Dumont proprietário da fazenda Jaguara. (Henrique Dumont Villares: *Quem deu asas ao homem*. São Paulo, 1953.)

CAPÍTULO XLIV

EM JAGUARA

Cavalgatas na vizinhança — A vegetação — Excursão à Lagoa Santa — O Dr. Lund — O Sr. Fourreau — Significação da palavra “cachoeira”

Uma longínqua ternura na colina
Uma secreta doçura no ribeiro

Canning

Nesta casa hospitaleira passamos cinco dias agradabilíssimos enquanto engajávamos nova tripulação e terminávamos os aprestos para alcançar Diamantina.

Jaguara no seu tempo causou grandes emoções na província e as linhas que se seguem narram o histórico do extinto *vinculo*. Cerca de meados do século passado, certo coronel Antônio de Abreu Guimarães fez uma fortuna explorando 750 escravos e mais ainda não pagando ao governo a taxa devida pelos diamantes que exportava de Diamantina e outros lugares. Possuía uma enorme propriedade de 36 léguas quadradas (427.504 jeiras) que, mais tarde, foi dividida em sete fazendas. A primeira era *Jaguara*, com cerca de 1.000 alqueires (um alqueire vale 6 vezes 2 jeiras quadradas). Foi ultimamente comprada, sem os seus 200 escravos, pelo sogro do Dr. Dumont por doze contos ou 1.200 libras. Outra, o *Mocambo*, está atualmente na posse do coronel Francisco de Paula da Fonseca Viana.¹ Vinham, em seguida *Bebida*, compreendendo *Casa Branca*, *Saco das Éguas* e *Saco da Vida*. Esta tinha cerca de 4 léguas quadradas, depois reduzida a 1.300 ou 1.350 alqueires, está à venda por 3.000 libras, ou 30.000 libras se se incluírem os 170 escravos. Visitá-la-emos ao descer o rio. A quarta era *Riacho*, de João Paulo da Costa. Seguem-se *Pindaiba*, atualmente denominada *Ponte Nova*, incluindo *Taboca*, outrora de propriedade de Antônio José Lobo, sobrinho do coronel Abreu, depois adquirida pelo coronel Dinis Couto.

A número 6 é o *Brejo*, de Francisco Fernandes Machado e seu irmão. Finalmente *Melo*, que era o núcleo da antiga fazenda.

O velho contrabandista, que havia também conseguido capitalizar com sucesso os ruinosos impostos reais, foi a Lisboa, arrependido de seus pecados e seu confessor aconselhou-o a construir uma igreja a Nossa Senhora da Conceição e, além disso, temendo o fogo do inferno, deixou a maior parte de sua fortuna vinculada, em benefício de instituições religiosas. Escreveu de Portugal a seu irmão Francisco Martins de Abreu dando todas as instruções para cumprimento de seus desejos e este último, muito contra a vontade, foi forçado a assinar todos os documentos exigidos pelas autoridades de Sabará que, dizem, encontrando-o na estrada, conduziram-no a uma caverna próxima.

O velho coronel morreu num convento de Cartuxos em Lisboa, dizem alguns que em completa miséria.

Os rendimentos dessa vasta propriedade foram divididos em cinco grandes partes das quais três couberam à Santa Casa da Misericórdia de Sabará, uma ao Recolhimento de Macaúbas e a quinta distribuída pelos parentes do legatário, as famílias Abreu e Lobo.

Organizou-se uma comissão do governo encarregada de arrecadar os impostos e recolhê-los ao Tesouro da província, através do juiz dos Feitos da Fazenda. É desnecessário dizer que as rendas caíram gradualmente até 4\$800 por ano. Um decreto de 14 de outubro de 1843, de n.º 306, extinguiu o vínculo e permitiu a venda das fazendas. Desde essa época recolheram-se 40.000 libras. A sétima fazenda, *Melo*,² está ainda à venda e por causa disso estão em Jaguará altas patentes.

O Dr. Quintiliano fez-me visitar toda a propriedade. Há um jardim próximo ao rio, cultivado sobre uma faixa de terra rica — barro avermelhado (*massapé*) com muitas jeiras de comprimento. Meu companheiro chamou-me a atenção para a imensa fertilidade e salubridade do lugar.³ Realmente a primavera anunciava-se no verde das folhagens, nas flores que desabrochavam, na alegria dos pássaros, e tudo parecia maravilhoso. Mostrou-me o amável guia fragmentos de galhos aparentemente secos que ele plantara, cobrindo a terra com cinzas de pau podre e deixando correr por cima um fio de água. Tudo medrara, naturalmente por efeito do calcário e do adubo natural. As senzalas estão em más condições, as paredes baixas e os pátios lembrando o *hishan* dos árabes. Este, porém, é caiado e coberto de telhas. As outras dependências estão ainda mais estragadas,

pois o proprietário se interessa muito mais pela exploração do rio das Velhas do que pela agricultura.⁴ A única construção passável é um pavilhão separado, que chamam Casa da Junta⁵ onde se reúnem os membros da comissão do Governo. A capela foi também ultimamente reformada, porém está sempre infestada pelas *sanharós*⁶ uma espécie feroz de vespa, perigosa para todas as outras abelhas.

A nossa visita seguinte foi às lagunas e às imensas formações calcárias, a noroeste da propriedade. Atravessamos uma grande escavação da qual muito ouro havia sido tirado pelos antigos. Adiante alcançamos uma planície de terra “malhada”, ora rica, de terra vermelha, adiante esbranquiçada de saibro. Não havia falta, porém, de bons pastos e o gado existente na fazenda fora avaliado em 4.000 libras.

A vegetação é semelhante à de Barbacena, com árvores grandes e nodosas: o barbatimão, o patari, grão-de-galo, o piqui, o tingui,⁷ e a sicupira. Além dessas ainda havia a sambaíba (*Curatella americana*), também chamada sambaúva, cujas folhas são usadas para escovar roupas e cujas cascas, de grande poder adstringente, são boas para curtir couros ou para tratar feridas, com efeito semelhante ao da iodina, de grandes resultados nas inflamações crônicas. Outra árvore muito comum é a cagaiteira (*Eugenia dysenterica*), nome feio para um belo espécime, de alvas flores e cujo leite é um poderoso drástico. Há também em abundância o acaju, ou caju, que nós chamamos anacardo (*Anacardium occidentale*, Lin ou *cassuvium* de Jussieu). Entre os índios era uma planta muito apreciada,⁸ pois contavam a idade pela sua produção, fazendo do fruto um delicioso vinho, o *cauim*. Os goanenses dele extraíam uma aguardente puríssima. O caju é aqui usado principalmente em doces e sorvetes, e muitos estrangeiros já queimaram os lábios na castanha riniforme que cresce do lado exterior do fruto.⁹

A resina amargosa denominada pelos Tupi acaju-cica (de *icica*-resina) é usada para cola de encadernador, por proteger os livros contra bichos.

Na zona mais baixa há uma variedade de salsaparrilha (salsa do campo e do mato) que cresce nos formigueiros ao pé das árvores. A raiz é grande e branca, ao contrário das preferidas na Europa e nos Estados Unidos, que têm raízes amarelas. O povo toma-a com leite, pois assim atenua um pouco o gosto, excessivamente acre. É muito usada, mas o seu emprego deve ser feito com cuidado, evitando-se tomá-la durante o dia. A salsaparrilha nesta estação do ano

já foi cortada e o preço aqui é de 2\$000 a libra de raiz seca e pronta para ser mandada para o Rio de Janeiro.

Os únicos pássaros abundantes nesta zona são a siriema,¹⁰ a sua irmã maior, a ema, que nunca dá o bote a menos de 200 jardas, e o gracioso papagaio tiribá, de cauda cuneiforme (*Psittacus cruentatus*, Mart.)¹¹ que passava por nós como uma bala, dando gritos agudíssimos.

Os campeiros, selvagens como os do Somal, me pareceram extremamente pitorescos com seus arranjos de couro, sentados descansadamente nos seus pangarés, vestidos com a maior extravagância. Grandes esporas guarnecem os calcanhares descalços dos cavaleiros e amplos estribos de madeira, indispensáveis nos Algarves, protegem-lhes os pés. São homens bem desenvolvidos e dispostos. Aliás aqui é fato verificado que até os filhos dos escravos, habituados a montar desde cedo, são muito mais altos e fortes do que os criados em casa. Isso deve ser também atribuído ao regime alimentar de leite, queijo, farinha e carne-seca. Espalhadas aqui e acolá, vêem-se as casas dos "agregados", trabalhadores que vivem temporariamente na fazenda, sem direito, porém, a casa e terra.

Os pequenos lagos a que já nos referimos são: a lagoa Seca, nesta época realmente seca; a lagoa dos Porcos, onde porcos são criados; a lagoa de Dentro, habitualmente transbordante e deixando, ao voltar ao primitivo nível, um verdadeiro tapete de grama macia; e a lagoa da Aldeia, assim denominada por causa da aldeia de índios existente em suas margens. Esses açudes naturais, alimentados geralmente por água das chuvas ou alguma fonte, estão espalhados por toda parte. São viveiros naturais, fornecendo traíras em grande abundância.¹²

Atravessamos depois uma elevação de terreno e penetramos na mata, pertencente já à fazenda Bebida. O solo é de terra fina e boa, como provam as belas mutambas (*Guaxima ulmifolia*)¹³ que produzem um fruto emoliente rico em sacarina, e cuja resina refinada dá açúcar. O angico (*Acacia angico*) de folhagem delicada, cuja casca é também rica em tanino, é sinal de terra boa. Achei muito interessante a macela-do-campo, cujas flores amarelas, semelhantes às da sempre-viva, são usadas para encher travesseiros; a fruta-cheirosa (uma anacardiácea) de largos bagos verdes e cheios de leite e a almacegueira (*Icica* ou *Icicariba amyris*, Aublet) que possui um agradável cheiro doce de madeira, e cuja resina é usada para diversos fins técnicos.¹⁴

Não pude senão observar como são abundantes os elementos antifebris. O *Formulario* cita 15 espécies, algumas iguais às do Peru. Nos maticos mais expostos destaca-se a quina-de-mato (*Chinchona remigiana*), e com ela a quina-dos-pobres, árvores de resina amarga e frutos adocicados, conhecida por muitos nomes: pau-perceira (*Geissospermum velosi*), uba-açu, pau-forquilha, pau-de-pente, camará-de-bilros, camará-do-mato, canudo-amargoso ou pinguaciba.¹⁵ Há também abundância do chá-de-pedestre ou de-frade (*Lantana pseudo-thea*). Lá estão os gigantes da floresta. Em primeiro lugar o jatobá¹⁶ (*Hymenaea*), cujas folhas são pares e que em agosto produz um vinho que dizem ser muito peitoral, bem como uma resina (*jutaicaica*), excelente verniz para cerâmica e copal usada pelos índios para fazer as peças que introduzem nos lábios e outros ornamentos. As flores são apreciadas pelos veados, especialmente os chamados mateiros. As sementes, longas e de cor acastanhada, e que cobrem o chão, produzem uma farinha insípida, mas que pode ser usada em tempo de fome. A árvore que mais se destaca em meio de tão rica vegetação é o ipê-amarelo, ou pau-d'arco (uma *Bignonia*) de tronco longo e fino, quase sem folhas, que só brota depois da florada e que forma largos tufos de dourado tão vivo que tornariam o laburno pálido e sem vida.¹⁷

Chegamos finalmente ao pé das pedreiras, onde a terra é ressecada e árida, obstáculo fatal no atual estado de coisas. A Pedreira é uma massa rochosa, de fino calcário azul-escuro e estratificado, de tal modo que se confunde com o basalto ao longe. Essa massa rochosa corre de norte a sul, onde se reúne à serra da Aldeia, também de formação calcária, ambas capazes de suprir toda a província por muitos séculos. No ponto em que as camadas são visíveis, a superfície é marcada com estrias e buracos de cor esbranquiçada onde se insinuam e florescem arbustos e cactus, cujos frutos são muito apreciados. A oeste dessas protuberâncias lisas corre um largo riacho, vindo do alto da colina, à maneira do que acontece em Kentucky e outras regiões também calcárias. Depois de correr cerca de 300 jardas, ele desaparece numa passagem subterrânea, para surgir mais adiante. Meu "americano"¹⁸ afirmou-me que ele seria capaz de mover qualquer maquinaria. Estão por aqui as nitreiras onde o Dr. Lund fez tão importantes descobertas e que fornecem salitre.

Ao regressarmos passamos pela lagoa Grande, realmente a maior, cercada pela planície denominada Campo Novo, quer dizer uma planície recentemente queimada. A grama verde começava a brotar dos rochedos que lhe garantiam a umidade necessária à vida. Por toda a região declives brandos convidam e facilitam o trabalho

do arado. Do plano que se inclina avistamos ao longe o perfil alongado da cadeia do Cipó, também de formação calcária, coberta de matas. A noroeste fica o cimo quase quadrado da serra do Baldim (que ali se pronuncia *Bardim*) e, sumindo-se na bruma ao longe, na direção su-sudoeste, a nossa velha amiga, a serra da Piedade, próxima a Cuiabá.

Minha excursão seguinte foi a Lagoa Santa, em companhia do Sr. José Rodrigues Duarte, cuja amável família eu havia encontrado em Ouro Preto. O caminho seguia para o sul, acompanhando a margem esquerda do rio das Velhas. Às 8 horas da manhã, do ponto elevado em que nos encontrávamos, o vale aparecia como uma serpentina de névoa branca e espessa, voitando num leito de mata: belo panorama sempre novo e interessante. Passamos então pela lagoa do Córrego Seco, afamada pela fartura de peixes, cuja vila de quatro casas ufana-se de possuir um Inspetor de Quarteirão, a mais humilde das autoridades policiais, humoristicamente chamado Juiz de Paz.¹⁹ Depois de uma hora de caminhada atravessamos o limite sul de Jaguará e a seis milhas adiante avistamos Sumidouro,²⁰ lagoa que dizem ter comunicação com Olho-d'Água, do outro lado do rio. A oeste a vila preguiçosamente se estende pelo declive, lembrando formigueiros esparsos. Alcançamos a Quinta do Sumidouro, vila de uma só rua, com uma capela novinha dedicada a N. S^a do Rosário, trabalho tipicamente italiano do padre Rafael Speranza, que, a se dar crédito à metade das estórias que se contam a seu respeito, conseguiu viver por um verdadeiro milagre. Aqui todos se recordam ainda do trágico episódio que encerrou a vida de Fernão Dias Pais Leme.²¹ um dos mais ousados aventureiros paulistas. Ele buscava as "pedras verdes" ou esmeraldas e nessa expedição chegou até a conhecida e pestífera lagoa Vupabuçu, ou Grande Lagoa, onde as privações provocaram a revolta entre muitos índios que acompanhavam sua tropa. A rebelião era apoiada por seu filho natural, pelo qual tinha grande afeição. Quando o motim foi dominado o pai, na primeira oportunidade, perguntou ao rapaz que se deveria fazer com um homem que ousara rebelar-se contra as ordens do rei. — "Deve ser enforcado!" — "Pronunciaste a tua sentença", replicou o pai que, impassível, como o cônsul romano, ordenou a execução da pena.²² Poucos dias depois, decepcionado, desiludido, morria o velho bandeirante no caminho entre Lagoa Santa e Sabará. O Sr. Leite, inteligente vendeiro da Quinta, que está situada a meia milha do rio, assegurou-nos que ultimamente foram sentidos os tremores de terra, especialmente na lua-cheia. Ele parecia temer pela sorte de Mendonça. Nesta região calcária não percebi nenhum

sinal de ação vulcânica ou ígnea. Mas o terremoto de Alexandria e outro que testemunhei em Acra, na Costa do Ouro, provam que formações sedimentárias não são de nenhum modo isentas de visitas de Netuno.

O resto do caminho foi através do campo, selvagem e pitoresco, onde corre o ribeirão Jacques²³ futuramente aproveitável. Depois de três horas e meia, tendo feito 12 milhas, atingimos o alto de um morro e pudemos apreciar uma lagoa rasa, com uma igreja e algumas casas espalhadas à margem da vila da Lagoa Santa. As ruas são formadas pelos muros cobertos de telha e ainda protegidos por algumas polegadas de taipa, repousando sobre uma camada de bambus que se projetam de ambos os lados e defendem a parte inferior, perpendicular, de barro. Fomos até a praça de N. S^a da Saúde, que tira seu nome da Matriz, a um canto da qual se consome uma linda figueira, invadida pela erva-de-passarinho (*poligonea?*).²⁴ Este lugar tão calmo atualmente, e adormecido, já viveu horas terríveis. Bem sucedidos em Queluz, a 27 de julho de 1842, os revoltosos retiraram-se para o Capão de Lana e, depois de uma semana, quando a “oligarquia” tornou a posição insustentável, vieram para a Lagoa Santa onde se entrincheiraram. Uma emboscada de 40 homens feriu o coronel legalista Manuel Antônio Pacheco, mais tarde barão de Sabará, repelindo seus 750 homens. O ataque foi renovado, mas os revoltosos lutaram desesperadamente, sendo ajudados até pela tia de Adriano José de Moura, que forneceu munição. A 6 de agosto, porém, foram obrigados a fugir, internando-se pelas matas. O comportamento do barão foi louvado até pelos inimigos, pois foi dos poucos que teve a generosidade de tratar bem os fugitivos capturados.²⁵

Batemos a uma porta onde estava escrito F. F. supondo ser um hotel francês de que nos haviam falado. A porta foi aberta, contudo, por uma senhora de aspecto inglês que provou ser natural de Malta. Pedimos que nos indicasse o Sr. François Fourreau. Disse ela que podíamos apelar. Depois dos cumprimentos de estilo “na língua de Corneille e de Racine”, pedimos sem-cerimônia um almoço. O hospedeiro fez-nos companhia na excelente sopa e no delicioso cozido que raramente se encontra fora de casas francesas. Antigo suboficial do 16.^o de cavalaria ligeira, o Sr. Fourreau fora feito prisioneiro durante a campanha da Rússia, e sendo um belo rapaz organizou um circo com o qual viajou toda a Ásia ocidental. Os seus três corajosos filhos, inclusive “Bibi”, ainda exerciam o comércio em Diamantina. Sua filha, uma formosa amazona, casada, como provava o “Pedrinho”, morava com os pais. O velho soldado comprara uma grande proprie-

dade em Lagoa Santa, apesar de ter resistido por muito tempo a esse desejo. Ardia por livrar-se dali, mas não encontrava meios. Mas não era, de modo algum representante dessa miserável casta que pertence à França ou à Inglaterra, mas não ao mundo. Passamos a noite com bons vinhos e boa prosa. Quando pedi a conta, Fourreau deu uma boa gargalhada. A senhora, porém, não pensava do mesmo modo. Apesar disso deixei-os com pena.

Ao chegar mandamos nossos cartões ao Dr. Lund, ilustre dinamarquês, ermitão da ciência, que passou uma grande parte da vida nas cavernas de Minas Gerais. Eu estava ansioso para saber algo sobre o “homem fóssil” ou “subfóssil”, em oposição ao “homem primitivo” ou “pré-histórico”. O termo escolhido era de antemão uma designação errada “já que a coisa assim designada é de todas a mais desejada, a mais procurada, mas talvez a menos provável de ser encontrada”. Sempre a influência de Cuvier! Eu estava também curioso de saber se os incisivos dos fósseis tinham a superfície superior naturalmente oval (sem desgaste) e se o diâmetro ântero-posterior era mais longo que o transversal. Dr. Lund por muitos anos foi obrigado a viver aqui por questões de saúde. Comprou uma casa em Lagoa Santa, mas ficou quase entevado. Contaram-me que vive principalmente de chá de caparrosa,²⁶ que reúne teína e cafeína. Fiquei desolado por ver o destino de um explorador tão culto, condenado a terminar o resto de sua vida sem um parente ou amigo, na tristeza desse ambiente primitivo, dessa luxuriante solidão.²⁷

O Sr. Frederico Wm. Behrens, amável secretário do sábio, veio procurar-me com muitas desculpas pediu-nos que esperássemos o próximo dia. Atribuiu esse retraimento ao fato muito comum entre estrangeiros que vivem longo tempo no Brasil, de modo geral nos trópicos, e que se tomam de um verdadeiro pânico por seus irmãos europeus.

Tendo ouvido muitas lendas sobre os lagos²⁸ que ao se examinar revelam-se uma formação vulgar, falei nisso ao Sr. Behrens, que me levou à casa de lazer dos empregados no lago sagrado; tomamos um barco e afastou-se com o remo. As estacas e paus aí poderiam provar a existência de *pfalbauten* ou *crannoges*,²⁹ mas também podia ser uma estacada submersa. O comprimento do lago é de cerca de 2 milhas e meia, de sudoeste para nordeste, curvando-se para leste, onde um sangradouro de oito ou nove milhas faz o escoamento no rio das Velhas, próximo à fazenda de D. Inácia.³⁰ O lado sul apresenta uma grande prega de terreno que é a causa do borbulhar verificado à superfície das águas. Durante as chuvas aqui forma-se

uma “cabeceira”, ou nascente de um riacho que vai serpeando através dos campos cobertos de relva e que é um dos muitos afluentes do rio. Na margem oposta desse pequeno reservatório há um trecho pitoresco de mata cortada por dois estreitos caminhos. O lago dizem que está na enchente e a profundidade maior é a do centro. Mede cerca de três braças. As margens são cobertas de um viçoso junco com o qual se fabricam esteiras que aliás constituem uma das indústrias locais. As demais são a pesca, a cerâmica primitiva, vidrada e colorida em verde e amarelo. Os pobres alimentam-se quase exclusivamente de traíra, curumatão³¹ e a terrível piranha.³² A vegetação em torno é raquítica. Estamos ainda na terra da bananeira e do pinheiro, mas a araucária é pequena, enfezada, encontrando o ar muito quente para respirar.³³

A Lagoa Santa era originariamente chamada *Ypabuçu* (*vupubuçu*) ou Lagoa Grande e deve seu pretensioso nome a superstições até hoje respeitadas. Em épocas remotas o povo fez dela um poço de Betesda³⁴, e o Dr. Cialli, em 1749 verificou que as águas tinham também propriedades medicinais.³⁵ A história narrada por Henderson acerca de uma película prateada cobrindo inteiramente a água é absolutamente desconhecida. Todos, porém, conservam a tradição de que “era uma vez” uma mulher que aparecia sobre as águas atrás da qual uma cruz de prata surgia do fundo das águas. Muita gente, sem dúvida em lamentável estado de nervos, remava furiosamente para pegar, tocar o precioso metal e era arrastada por um misterioso sorvedouro, quando, como dizem os árabes, passavam, sem perda de um minuto, da água para o fogo. O espírito era exorcizado — processo comum nas lendas irlandesas — pela bênção de um santo homem cujo nome foi imperdoavelmente esquecido. E tal como se deu nas ilhas Manitoulin do lago Huron, onde Manitou (erradamente traduzido por Grande Espírito) proibiu seus filhos de procurarem ouro, o minério estaria depositado em montões no fundo do lago, mas nenhum barco alcança o ponto onde se encontra sem ser vítima de temporais. Tudo isso, porém, se dissipou:

Die alten Fabel-wesen sind nicht mehr
(As velhas criaturas das fábulas não mais existem)

e os homens não mais são tentados pelo lago sagrado.

Voltamos desapontados para Jaguará onde a custo separei-me da agradável companhia de meus novos amigos, do Dr. Quintiliano e do Sr. Duarte. Naquele momento não me passou pela cabeça que este último estivesse tão próximo da morte. Ele havia se tratado de uma úlcera na perna que parecia curada. Ao chegar, porém, a Ouro

Preto, morreu subitamente. A hospitalidade é o que mais retarda uma viagem pelo Brasil. Faz parte das velhas usanças coloniais. Pode-se demorar um mês, agindo com toda a liberdade, que os hospedeiros ficarão desvanecidos. Mas ficarão magoados se ficarmos apenas um dia. Os grosseiros preceitos e práticas da Europa são aqui desconhecidos.³⁶ Encontrei afinal um piloto, Chico, isto é, Francisco Dinis de Amorim que tinha um sítio próximo ao Retiro das Freiras. Haviam dito que ele era medroso, mas prudente e hábil. Os outros ajudantes eram Joaquim, o filho de Antônio Correia encarregado de Casa Branca: é um sujeito meio tonto incapaz de trabalhar. Comprei então por 40\$000 uma espécie de igara,³⁷ canoa pequena que ia sempre na frente para explorar as cachoeiras. O terceiro era João Pereira, do rio Jabuticatuba, liberto do padre Antônio. Era o mais ativo dos cinco tripulantes, mas feroz e brigão como um mastim de raça. Entendi-me bem com ele, mas desisti de levá-lo até o rio São Francisco, pois suas tendências belicosas poderiam causar-me sérios embarços. Esses homens deviam ganhar 5\$ por dia e 2\$ ao voltar. Pediram-me uns dias para preparar-se e não me atrasaram a viagem senão o indispensável. É muito comum aqui retardarem os aprestos de viagem, sob vários pretextos. O mais usual tanto aqui, no rio São Francisco, como no Amazonas, é o de que a mulher vai ter um neném.

Até Jaguará o rio mostrou-nos apenas “quebradas”, “maretas” e corredeiras, aqui chamadas “correntezas” ou “corradeiras”, ou “pontas-d’água” quando a corrente agita-se rapidamente em torno de certos pontos. O viajante ouvirá, porém, o emprego do termo *cachoeira*, como termo genérico³⁸ aplicado ao mais pequeno remoinho ou precipitação da corrente causada por uma árvore submersa bem como a Paulo Afonso, a rainha das quedas-d’água. A palavra é assim empregada por conveniência, sem que se lhe dê muita importância ao significado. De certo modo é correto, uma vez que a maior ou menor diferença de nível na maior parte das cachoeiras não tem importância. Mas não encontramos até atingir o São Francisco nenhum “salto”. Os pequenos degraus que formam a cachoeira ou correnteza são chamados “corridas” ou “corredoças”³⁹ e especialmente se apresentam quando há esparsas rochas e pedras, que eles chamam de “tainabas”, corruptela de *itaipaba*.⁴⁰ Chamam “canal” o trecho navegável da cachoeira.

A cachoeira propriamente dita forma-se no trecho em que o rio atinge um morro, ou atravessa uma cadeia que nele projeta rochas que causam saltos. Geralmente a cachoeira se estende de uma margem a outra. Os diminutivos são “camboinha”, “carreira” e “corredor”.⁴¹

Na parte alta do rio das Velhas, sendo quase que exclusivamente de calcário, a obstrução é provocada por uma estreita parede de pedras movediças, através das quais uns poucos homens com picaretas abriam caminho em 24 horas e que, uma vez aberto, a água com areia e cascalho não deixaria fechar-se novamente. Antes de executar um trabalho dessa ordem, eu aconselharia o emprego do *diving-bell* ou *capacete* em cada poço fundo (“fundão”), que precede as quedas. Esses remansos, poços ou águas paradas, que se acham próximos às cachoeiras, são como espécie de grandes calhas onde o ouro e diamantes trazidos pela corrente depositam-se, enquanto que as grandes pedras do meio do rio impedem que as inundações os arrebatem durante as enchentes. No rio São Francisco uma “cachoeira” é coisa muito mais séria porque são formadas por blocos de arenito duro ou granito, cujo tamanho se mede em pés, e não em polegadas, como aqui.

A “cachoeira” como a “pongo” ou “mau-passo”, do Alto Amazonas, são quase sempre encontradas na foz de algum afluente, riacho, córrego ou rio que trazem nas suas águas lama, cascalho e areia de rio, causando inundações ao represarem a corrente. Isso seria facilmente remediável enquanto a corrente não seria prejudicada pela aceleração da corrente, e somente em poucos lugares seria preciso canalizar o rio formando um desvio. Mas o Brasil não dispõe de meios para tais despesas.⁴²

No rio das Velhas há geralmente casas próximas à corrente. Porém essa gente não conhece o rio uma légua para baixo ou para cima de suas palhoças. Usam as canoas só para pescas nas redondezas ou para fazer visitas. Mas viajam sempre pelas margens.⁴³

As cachoeiras perigosas no rio das Velhas são em número de 10 e exigirão muito trabalho antes que um vapor possa ali navegar com segurança. Há cachoeiras “brabas”, “meio-brabas” e “mansas” e não há regra especial para atravessá-las. Algumas vezes a balsa terá de arrastar-se pelos lados. Outras o piloto tem que colocar-se no vértice de um triângulo cuja base é representada pela corrente principal e cujos lados são as águas que se precipitam. Em muitas dessas maretas há uma dupla linha de correnteza ladeando um espaço tão calmo que se pode avistar o leito do rio.

Os rochedos por outro lado, são conhecidos pela ondulação especial que causam à flor da água. Os remos devem ser recolhidos e a balsa deve ser dirigida apenas com varas. Se os barqueiros são preguiçosos poupam-se a esse esforço, mas sempre virão a arrepender-se. Onde a corrente é muito rápida é aconselhável diminuir a

velocidade, virando a popa para a frente.⁴⁴ Outro processo consiste em amarrar a popa, que está voltada para a frente, à ponta das ilhotas ou rochedos entre os quais a balsa deve passar. O processo é seguro, pois de outro qualquer modo a embarcação é arrastada pela corrente. Naturalmente as estações trazem grandes diferenças às cachoeiras.⁴⁵ Algumas que são formidáveis durante as enchentes, são inofensivas no tempo da seca. São mais temidas no tempo de inverno, quando as atravessei. Durante as inundações, entre dezembro e março, um pequeno vapor pode navegar calmamente sem perceber a existência de saltos. Os barqueiros nadam como patos. Apesar disso muitos se afogaram. Um estrangeiro sem salva-vidas tem poucas probabilidades de salvar-se. Portanto é aconselhável preparar-se para acidentes enfrentando os lugares perigosos *en chemise*.

Notas ao capítulo XLIV

1. N.T. Barão e visconde do Rio das Velhas. Foi um dos fundadores da Companhia Fiação e Tecidos de Minas Gerais, em Marzagão.
2. N.A. Melo compreende 63 sesmarias (aqui geralmente calculadas em meia légua quadrada). Dessas, 10 foram medidas em 1865; 38 em 1866 e 15 em 1867, deixando-se 63 por medir. Foi comprada pelo governo da província para os colonos americanos.
3. N.A. Uma outra fazenda, Pau-de-cheiro, cerca de três léguas rio abaixo, e pertencente a 7 ou 8 proprietários vai ser transformada em sanatório.
N.T. O nome das fazendas constituintes do vínculo divergem em outros documentos. Segundo Zoroastro Viana Passos (*Notícia histórica da Santa Casa de Sabará*. Belo Horizonte, 1929, p. 27) as fazendas eram Jaguará, Vargem Comprida, Mocambo, Riachod'Anta, Pau de Cheiro, Melo, Forquilha e Barra do Rio Melo.
4. N.A. Consegui cópia de uma planta do rio das Velhas pelo engenheiro Henrique Dumont datada de outubro de 1864, que concorda perfeitamente com Liaís.
5. N.A. Verifiquei que a Casa da Junta fica a (B. P. 208º80, term. 72º) 1.807 pés acima do nível do mar. O aneróide de Pelissier consignava (29, 46, term. 64º) 553 pés. Todas essas observações são curiosamente desprezadas. O rio aqui está a cerca de 646 metros acima do nível do mar (2.120 pés) ou 49 abaixo de Sabará.
6. N.A. Parece-se com o *Pelopoeus lunatus*, descrito por Azara e pelo Príncipe Max (I, 139). Este último esclarece que ela constrói as suas casas piriformes tanto nas árvores como nas casas.
N.T. O *Dicionário de Aurélio* dá a abelha-sanharó, como variante de *sanharão*, melipônida, da família dos meliponídeos, que nidifica em troncos de árvores e é agressiva.

7. N.A. Não se confunda esta com a tingi, ou tingy, tingui ou tiniuri-da-praia, espécie de liana (*Jacquinia obovata*) que como as paulínias é usada para envenenar peixes. Os ramos são cortados, amassados e amarrados em feixes, atirados na água em seguida. O curso terá sido previamente interceptado por uma represa.
- N.T. O *Dicionário de Aurélio* prefere tingui-de-peixe para a planta venenosa. Tanto no capítulo sobre Barbacena quanto aqui, o autor refere-se a uma árvore *patari* (aliás neste capítulo está *pataro*) que não conseguimos identificar.
8. N.A. Os índios denominavam *acaju acai piracoba*, o que aqui chamam «chuvas de caju», isto é, as que caem de agosto a setembro e que estragam a inflorescência do *Anacardium*. Southey (I, 181) confunde o caju com *quatã* (*Olivia moquilia*, uma *chrysobalanía*), madeira *reservada*, árvore resistente da floresta, com muitas variedades, algumas produzindo um fruto que fornece uma bebida tóxica. Os aborígenes começam a contar o ano com o aparecimento heliaco das Plêiades. Denominavam os meses derivando-os da lua (*iaci*), que vem de *Ia*, nós, nossa e *ci*, mãe. Como os selvagens de outros continentes também esses não sabiam transformar os quartos de luas em semanas.
- N.T. A expressão *acaju acai piracoba* ocorre no *Dicion. da língua tupi* de Gonçalves Dias p. 13, com a tradução «chuvas de agosto e setembro, que destroem as flores do caju».
9. N.T. A castanha riniforme, a que se refere o autor é o verdadeiro fruto. O que se denomina vulgarmente de fruta não passa do pedúnculo desenvolvido.
10. N.A. A carriama de Marcgraf. O príncipe Max (III, 115) descreve-a como um «pássaro desconfiado», mas vi alguns bastante domesticados a ponto de não atacarem ninguém. São fáceis de amansar. O Sr. Antônio de Lacerda, meu amigo da Bahia, possuía um belo espécime. Os vôos são curtos, já que o corpo é pesado e as asas fracas, mas corre muito.
11. N.A. Descrito pelo Príncipe Max (I, 103), a quem lembrou o *croupion* (*P. erythrogaster*) do Museu de Berlim.
12. N.A. Gardner escreve *traíra*. O Príncipe Max *traíra*, e descreve-a como peixe alongado e esguio. As que eu vi eram curtas e largas, como um John Dory alentado. Existe em todo o percurso do rio e apresenta muitas variedades: *traíra-açu*, *traíra-mirim* e assim por diante. A carne é boa mas tem espinhas demais para ser comida com prazer. Seu estado escuro, a boca feia e os dentes lembrando os do rato fazem com que o povo as chame de pau-preto e se recuse a comê-las. A *traíra*, como o piau e o piabanha são peixes encontrados nos rios que deságuam no Atlântico.
- N.T. John Dory é um peixe da família dos Zeidas, utilizado na Europa para alimentação.
13. N.A. *Muñamba* é termo angolês. Os Tupi conhecem-na como *ibixuma*.

14. N.A. Em português almêcega é uma goma mástica (*Amyris*), donde o nome da árvore brasileira.

A almêcega que se usa no quebranto

diz o *Caramuru* (VII, 51). Na costa é usada como pez, e o balsame aromático para os ferimentos internos como hérnias e rupturas, e assim por diante. A palavra *quebranto* quer dizer classicamente *fascinatio*, mau-olhado.

15. N.A. *Sistema* (pp. 95-97). Nos campos são encontradas muitas chinchoniáceas, quina-do-campo (*C. vellosii*) com folhas pintadas de negro e um fruto adocicado muito apreciado pelos pássaros. Saint-Hilaire (II, I, 229) refere-se à quina-do-campo ou mendanha, que ele verificou ser a *Strychnos pseudoquina*. Outra espécie comum é a quina-da-serra (*C. ferrugínea*). Camará é o nome local de uma planta que em Portugal denominam malmequer. Bilro (de *volvere*), isto é *fusus*.

N.T. Segundo Nascentes (*Dicion. etimol.* Rio de Janeiro, 1932) *bilro* deriva de uma palavra imitativa que significa girar.

16. Este lindo arvoredado de folhagem leve, que prefere as terras secas, tem muitos outros nomes em tupi, por ex.: *jatai* (*jutai* ou *jutahy*), ou *jutai-sica* (Bates, I, 83), *jetai*, *jetaiba*, *abati-timbai*, *jatai-uvá* (ou *ubá*). Segundo José de Alencar *jatobá* é derivado de *jetai*, árvore, e *oba*, folha, e *á* aumentativo, aludindo a sua densa e abobadada folhagem. A casca é usada para fazer a *ubá*, ou barco ligeiro. O vinho tem que ser extraído antes de aparecerem os brotos.

N.T. A nota de Alencar ocorre no cap. XXII n.º 3, de *Iracema*, p. 157 da Edição do Centenário. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1965.

17. Há várias espécies de bignônias, a saber: *ipeúna*, cujo cerne fornece o melhor e mais resistente material para os arcos; *ipê-roxo*, cujas flores têm essa cor; *ipê-tabaco*, cujo cerne contém um fino pó esverdeado; a *Bignonia cordacea* (Sellow) cujas flores são amarelo-pálidas; *ipê-branco*, com flores grandes e alvas. Na costa a folhagem, cujo belo tom castanho queimado contrasta curiosamente com a das outras árvores, começa a brotar no princípio da primavera, em agosto. Nas terras altas dessa zona os brotos aparecem mais tarde.

18. N.A. Americano no Brasil quer sempre dizer cidadão dos Estados Unidos.

19. N.T. Cargos judiciários criados pelo Código de Processo Criminal de 29 de novembro de 1832. Pelo art. 4.º haveria em cada distrito um Juiz de Paz, um Escrivão e tantos inspetores quantos fossem os quarteirões.

20. N.A. A esse lugar refere-se Southey (III, 48): «De seus centros de comando [Fernão Dias] no Sumidouro, como são chamados esses lugares onde o rio some por um canal subterrâneo, ele explorou a serra de Sabarabuçu». Essa formação lembra-nos o rio subterrâneo que se supõe correr debaixo da boa cidade de Tours.

N.T. Na excelente monografia acerca de roteiro de Fernão Dias Pais, diz Eduardo Canabrava Barreiros: «As razões que levaram o lugar-tenente de Fernão Dias Pais, o experimentado sertanista Matias Cardoso de Almeida a plantar aí o pião, centro da famosa bandeira, ninguém saberá jamais. O fato é que aí se estabeleceu o acampamento principal, onde Fernão Dias Pais passaria quatro longos anos, só abandonando o local em fins de 1680, ou princípios de 1681, ao investir novamente pelo sertão, em busca dos *socovões* de Marcos de Azeredo.» (*Roteiro das esmeraldas*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979, p. 58.) V. especialmente o mapa da p. 63.

21. N.T. O nome *Leme* não aparece em nenhuma assinatura do grande bandeirante.

22. N.A. Southey (III, 49) narra esse episódio quase com estas mesmas palavras. Saint-Hilaire (I, II, 189) situa a aventura do bandeirante octogenário como passada na província de Porto Seguro e declara que Vupabuçi foi depois denominada Lagoa Encantada porque ninguém mais conseguiu encontrá-la.

N.T. A passagem de Southey, na edição brasileira de 1862, encontra-se no vol. 5, p. 62. A de Saint-Hilaire, na edição desta coleção *Brasiliana* (*Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais*, 1938) encontra-se no vol. 2, p. 160.

23. N.T. O *Atlas chorographico municipal*, editado pela Secretaria da Agricultura, Minas Gerais, Belo Horizonte, 1927, no mapa do município de Santa Luzia registra rio *Jack*.

24. N.T. A erva-de-passarinho é uma lorantácea.

25. N.T. As referências ao combate de Lagoa Santa foram hauridas na obra do cônego José Antonio Marinho: *História do movimento político que no anno de 1842 teve lugar na província de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, 1844. O cônego, depois monsenhor Marinho, tomou parte pessoal nesse combate.

26. N.A. Caparrosa é primeiramente uma de nossas «flores-de-vênus» (sulfato de ferro), também empregada para designar o «verdete» (verde-gris) que deve a esta planta a sua designação — ao verde brando de suas folhas. É conhecida pelo corte ou partido de um de seus ramos, que se torna imediatamente escuro. Segundo o *Sistema*, contém ácido tânico, com uma solução de ferro, podendo servir como tinta para escrever e tingir. O abuso do chá feito com essa felha foi informado que foi fatal a pessoas que seguiram o exemplo do Dr. Lund. A célebre *Paulínia sorbi-tes*, mais conhecida como guaraná, também, contém teína e cafeína (do tupi *guaraná-una*).

N.T. O *Dicionário de Aurélio* designa o guaraná como *Paulínia cupania*.

27. N.T. Realmente é lamentável o desencontro com o Dr. Lund. Alguma coisa deve ser explicada a esse respeito. (Sobre Lund, v.: Theodoro Langgaard, *O naturalista Dr. Lund*, Rio de Janeiro, 1883; Barão Homem de Melo, em *Revista industrial de Minas*

Gerais, vol. V, 20 de junho de 1847; J. P. Calógeras, «O Dr. Peter Wilhelm Lund», em *Assembléia inaugural do Instituto Pan-americano de Geografia e História*, vol. especial. Rio, 1933. Álvaro A. da Silveira, *Narrativas e memórias*, B. Horizonte, 1921, I, 137; John Casper Branner, «Peter Wilhelm Lund», na *Revista do Brasil*, n.º 83, novembro de 1922; Argeu Guimarães, «O sábio Lund», no *O Jornal*, 1 de setembro de 1929; Alberto Lamego, «Lagoa Santa», no *O Jornal*, de 26 de janeiro de 1930; Aníbal Matos, *Peter Wilhelm Lund no Brasil*, São Paulo, Ed. Nacional, (Brasiliana), 1939; Delso Renault, «Um guia ignorado de Peter Lund», na *Revista Brasileira de Cultura*, Cons. Fed. de Cult., n.º 14, X-XII, 1977. Angyone Costa, «Ainda Lund e a Lagoa Santa», *Anais do Museu Histórico Nacional*, I, 1940, p. 43; Augusto de Lima Júnior, «Lagoa Santa e o Dr. Peter Wilhelm Lund», em *Histórias e lendas*. Rio de Janeiro, Schmidt, 1935. Lund chegou ao Brasil em 8 de dezembro de 1825 e fez algumas excursões não muito afastadas da capital. Achando conveniente à sua saúde periclitante o clima brasileiro, voltou à Europa em 1829, mas após entrar em contato com sábios como Cuvier e Humboldt, tornou ao Brasil em 19 de janeiro de 1833. Dirigiu-se dessa vez para o interior de Minas Gerais. Em Curvelo encontrou seu compatriota Peter Claussen (companheiro de Sellow) e o alemão Luís Riedel, com os quais fez várias pesquisas. Este último voltou para o Rio de Janeiro e Lund prosseguiu sozinho seus estudos. Em 1835 visitou 19 cavernas com ossos fósseis sobre os quais escreveu várias memórias. Teve por algum tempo a cooperação de Warming, Rheinart, Fulon e F. W. Behrens, que se tornou seu secretário. Suas memórias, enviadas à Academia de Copenhague estão traduzidas em português: *Memórias sobre paleontologia*, revistas e comentadas por Carlos Paula Couto, Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1950. Segundo este comentarador 90% dos conhecimentos que possuímos a respeito de nossa riquíssima fauna mastozoológica fóssil devemos ao sábio dinamarquês.

Extremamente delicado e sensível, o sábio não recebia visitantes durante o trabalho. É conhecido o incidente ocorrido com o duque de Saxe, genro do imperador, que, segundo alguns, esperou uma hora para se avistar com o pesquisador e, segundo outros, retirou-se aborrecido. Conforme informações que recolheu Álvaro Astolfo da Silveira, uma das extravagâncias do sábio era essa. «Quem desejasse visitá-lo mandava antes perguntar a que horas e durante quanto tempo poderia falar-lhe.» Burton era já a esse tempo amplamente conhecido no mundo científico e Lund só teria vantagens em entreter-se com um antigo presidente da Sociedade de Antropologia de Londres. Segundo Calógeras «tão voluntariamente retraído era esse investigador metódico das relações entre a fauna fóssil e a fauna contemporânea que, durante anos, de 1875 a 1880, perto dele moraram e trabalharam os lentes da Escola de Minas sem que nenhum contato viesse revelar sua existência aos cientistas mais modernos.»

28. N.A. As lendas sobre os lagos são muito comuns no Brasil. La Condamine, Humboldt e outros citam a Lagoa Dourada. Henderson alude à Lagoa Feia. O príncipe Max refere-se a histórias

ouvidas sobre Taipe e outros lugares das margens dos rios dos Ilhéus e Mucuri. O lago Parimá ou Parimó da Guiana é igualmente rico de lendas. Relacionadas com lagos de areias de ouro são as cidades de Beni, Grão Pará, Grão Pairiri ou Paititi, aliás El Dorado, cujas ruas eram calçadas com o precioso metal e onde o imperador dos Musus, o grande Paititi, ou rei do ouro dos espanhóis, era untado de óleo ao despertar e coberto de pó de ouro soprado sobre ele por meio de longas canas pelos seus cortesãos. Castelnau (VI, 41) fala da Opabuçu boliviana. Essa palavra, como Vepabuçu, de Southey é uma corruptela de Ypabuçu; *ypaba* em linguagem indígena significa lago.

N.T. A lenda acerca da Lagoa Santa era simplesmente de que suas águas eram curativas miraculosamente. Data de 1749 o opúsculo que a respeito dela publicou-se anonimamente intitulado: *Prodigiosa lagoa descoberta nas congonghas das Minas de Sabará que tem curado a várias pessoas dos achaques que nesta Relação se expõem*. Foi reeditado em 1925, na Biblioteca Lusobrasileira de História da Medicina, pelo Dr. Augusto da Silva Carvalho. Coimbra, 1925.

29. N.T. *Crannoge* ou *Crannog*, expressão celta, significa habitação antiga no lago, cabana construída sobre estacas num lago (Webster).
30. N.A. O mapa de Gerber dá-lhe a forma de um coração, de norte para o sul, com o vértice voltado para o sul, escoando-se por um largo rio Fidalgo, que tira seu nome de uma propriedade situada nas suas margens, hoje pertencente aos herdeiros do cirurgião-mor Serafim Moreira de Carvalho.
31. N.A. O nome deste peixe, um salmonídeo, é escrito diferentemente por vários autores. Príncipe Max: curmatá; Pizarro: corimatá e curumatá; Saint-Hilaire: também curmatan; Gardner: curimatám; Halfeld: cumatá ou curimatá, e no *Almanaque*: curumatá, os últimos abandonando o nasalação da última sílaba, que provavelmente tem. Eu hesitei em escrever curumatão ou gurumatão, por ser duvidoso o som da consoante inicial. Este peixe tem cerca de dois pés de comprimento, escamas prateadas cintilantes ao sol e é pescado em rede de arrastão, pois não morde isca.

Há outro peixe de água salgada que tem esse nome, macio, mas cheio de espinhas. Os selvagens pegam-no com flechas (Príncipe Max, II, 137). Bates (II, 140) «pegou com linha e anzol, usando isca de bananas, várias espécies de curimatá (*Anodus amazonum*) un: peixe delicioso, depois de tucunaré e a pescada é a mais apreciada pelos nativos».

32. N.A. A conhecida piranha, que significa em tupi «tesoura». Nossos autores chamam-na peixe-do-diabo». Cuvier denomina-o *serra salmo piray*, e inconscientemente sancionou a corruptela comum mineira e paulista que transforma piranha em piraya (como *canaya* em vez de canalha). O peixe é comum no alto Uruguai, no Paraguai e no São Francisco. Os que vi regulavam de um pé a dezoito polegadas de comprimento por dez de espessura.

Eram chatos, mas curtos e grossos. Este peixe carnívoro nada verticalmente e vira-se completamente de lado quando vai morder, ao que parece. Os dentes em serra são arqueados para trás. Espedaçam a carne com toda a facilidade e dizem que um cardume é capaz de reduzir um boi ao esqueleto em menos de dez minutos. Achei a sua carne quando seca, cheia de espinhos e sem sabor. No baixo São Francisco o povo recusa-se a comer tal peixe.

33. N.A. Lagoa Santa provou ficar a 2.228 pés acima do nível do mar (B. P. 208º, 1, term. 76º).
34. N.T. Bethesda, ou melhor Bethzatha ou Bethsaida, era um banho público em Jerusalém onde se crê que ocorreram curas miraculosas.
35. N.T. Antônio Cialli, médico italiano, foi o primeiro que declarou conterem as águas da Lagoa Santa «utilíssimos minerais» que costumam impregnar as águas, como vitríolo e aço (p. XII do opúsculo citado na nota 28). A essa voz mais de 3.000 pessoas acorreram às margens da lagoa, obrigando a Câmara Municipal a tomar providências de ordem policial e urbanística.
36. N.A. Um provérbio basco diz: *Arraina eta arrosa / Heren egunac carazes, campora deragoza*. Peixes e hóspedes depois do terceiro dia cheiram mal e precisam ser postos para fora de casa.
37. N.A. Esta palavra é de origem tupi: *yg*, água, e *jara*, senhor. O meu «Senhor das Águas» era de mandim ou peroba, madeira de 24 pés de comprimento, tendo em média a largura de 9 polegadas. Aqui comumente, tal como no Mississipi, em desafio a todas as regras de transporte, o barco é feito em forma de sanguessuga, bojuda dos lados, com a proa mais larga que o corpo, lembrando o feitio de uma balsa, como o mais conveniente para facilitar a velocidade. Só podemos compará-lo com os barcos de proa chata ou *plough bows*, e *short bluff ships* que agora fazem parte de nossa marinha.
38. N.A. Também grafado *caxeira*. A palavra tem a mesma significação que os *randales* no Orenoco. Em tupi é *aba-nheedaba*, quer dizer rápido (cachoeira) ou catarata (cascata ou catadupa). Em alguns lugares do Brasil, especialmente a província de São Paulo, cachoeira significa riacho, sem a menor idéja de rápidos. Cachoeira é palavra clássica portuguesa, a saber cachão-eira, lugar abundante em cachões, plural de cachão, derivado, segundo Cons-tâncio, de *coctio*, água fervente, borbulhante.
39. N.A. Eis também uma palavra clássica usada no local em sentido limitado.
N.T. Deve ser *corredouro*.
40. Também palavra tupi. *Ita-ipa* quer dizer recife de pedra. É traduzida por gorgulho ou pedregulho. Castelnau (I, 424) e mais adiante, cita no Alto Tocantins *Entaipava*, provavelmente forma local de pronúncia.

41. N.A. Já foram feitas duas tentativas para desviar o leito do rio das Velhas. Uma vez abaixo de Santa Luzia e outra acima de Jaguarã. O êxito foi relativo. Encontrou-se ouro em quantidade, mas, após um imenso dispêndio de trabalho humano, seguiu-se a inundação e o rio voltou violentamente ao lugar. Atualmente não se pode atingir o fundo do rio, pois aqui não se conhecem dragas, represas de caixa e sinos de profundidade.
42. N.A. Farei algumas observações a esse respeito adiante.
43. N.A. No Brasil, tal como na Índia britânica, a comunicação fluvial, que deveria ter sido logo aproveitada, foi posta de lado. Terei mais que dizer a respeito adiante.
44. N.A. Chama-se «descida de bunda», ou, mais delicadamente, «de popa», em oposição à normal «descida de bico», ou «de corrida». N.T. Os termos aspeados estão em português no original.
45. N.A. Liais viajou pelo rio das Velhas entre 10 de abril e 3 de julho de 1862. O seu piloto-chefe era um Clemente Pereira, de Tabatinga, no Vínculo de Melo. Dai o nome de cachoeiras, absolutamente incorreto.

CAPÍTULO XLV

PARA CASA BRANCA E CACHOEIRA DA ONÇA

A Casa da fazenda — Cavalheirismo do campo — Visita a Jequitibá — Cachoeiras perigosas

O eco do rio que o trovão simula
E lento se prolonga reboando

Domingos José Gonçalves de Magalhães¹

Sexta-feira, 16 de agosto de 1867. Depois de uma semana em Jaraguá fiz meus aprestos e, com terrível esforço de vontade, consegui partir acompanhado até o “porto” por meus amáveis hospedeiros. Separamo-nos com muitas esperanças de um próximo encontro com palavras animadoras. Agora eis-me de novo como Violante em sua copa, completamente só.²

O Sr. Liais registra em maio, Jaraguá abaixo, uma profundidade constante de dois metros, e nenhum perigo de encalhe, a não ser por descuido. A minha experiência foi diversa. Durante as 10 milhas de hoje pouca coisa tivemos que observar. Passamos a barra do rio Jabuticatuba³ e transpusemos rapidamente uma ponte quebrada. Está substituída por uma balsa com corrente e roldana, pertencente à fazenda de Santana, do Sr. Antônio Martins de Almeida. Depois de nova curva avistamos à esquerda um quadrilátero formado por construções brancas e escuras, com uma entrada ostentando um torreão e capela particular. É a sede da fazenda de Casa Branca e ergue-se sob um morro todo plantado que avulta acima da vegetação selvagem das margens do rio. A terra é um rico calcário, com fatura de água. É rica em algodão e açúcar, milho, arroz, feijão e mamona. Sustenta cavalos e mulas, gado vacum e porcos. Nas extremas margens do rio ainda se bateia ouro que aparece em granulações de quartzo com aparência de ferro. As quatro léguas quadradas podem ser compradas por 300:000\$ ou menos.

Um pequeno grupo de anglo-americanos veio ao meu encontro e apresentou-me ao proprietário, o Sr. Manuel Francisco (de Abreu

Guimarães). Era um belo, e elegante senhor de meia idade, português de nascimento, de boa aparência e maneiras educadas. Há 18 anos passados herdara a metade da fazenda de seu tio, o major João Lopes de Abreu. A casa-grande apresentava o estilo habitual, com uma larga varanda na frente, de onde o dono pode acompanhar os serviços do engenho, cuja roda nos comprova que a cana-de-açúcar é cultivada em grande escala. No fim da varanda está situada a capelinha de N. S.^a do Carmo com seu escudo de três estrelas douradas sobre um campo azul, onde se faz a reza todos os domingos à noite. As senzalas, ou alojamento dos escravos, são de chão batido, como de costume, formando um quadrilátero, que é geralmente provida de uma alta cruz de madeira e um tablado para secar o açúcar e o milho. Esses alojamentos são fechados à noite a fim de evitar lutas, havendo uma secção para os solteiros e outra para os casados. Essas fazendas são pequenas vilas isoladas e independentes. Elas suprem as modestas necessidades da vizinhança: carne-seca, carne de porco e toucinho, farinha de milho⁴ e de mandioca, açúcar, álcool, tabaco e óleo, fazendas grosseiras e linhas, café e vários chás, de caparrosa e de laranja. Importam somente ferro para fazer ferraduras, sal, vinho, cigarros, manteiga, remédios, louças e outras coisas sem importância. Há sempre uma tenda de ferreiro, uma carpintaria, uma sapataria, um chiqueiro, onde os animais ficam numa engorda forçada nos últimos meses, e um amplo galinheiro.

A vida do fazendeiro é fácil de contar-se. Levanta-se de madrugada. O seu escravo-ajo lhe traz o café e um jarro de sólida prata⁵ com água fresca para as abluções matinais. Depois de uma volta pelo engenho, que às vezes só começa a funcionar às 2 horas da tarde, dá uma volta a cavalo pelas plantações para verificar se os braços estão vadiando. Volta entre 9 e 11 para almoçar com a família. Se é solteiro, com os seus principais auxiliares. As horas quentes ele as passa em casa, ora numa sesta, ajudada por uma garrafa de cerveja inglesa — muitas vezes só inglesa no nome — lendo jornais ou recebendo visitas. O jantar é entre 3 e 4 horas, invariavelmente, seguido de café e cigarros. Frequentemente há nova rodada de café antes de se sentar à mesa para o chá acompanhado de biscoitos, manteiga e conservas. A monotonia dessa vida monacal é quebrada pela visita de um vizinho ou amigos de uma cidade mais próxima. Quase todos são excelentes homens de esporte, cavaleiros e gostando muito de caça e pesca. São também médicos, mestres em receitar salsaparrilha e outras drogas e em prescrever dietas. No tempo de Gardner a *Medicina doméstica* de Buchan, traduzida para o português, era o livro do momento. Atualmente o editor do *Formulário* Chernoviz

deve ter feito uma pequena fortuna, pois o livro faz parte do mobiliário como o Guillim nas casas de campo de nossas avós.⁶ A homeopatia goza de grande estima em todo o Brasil e é geralmente preferida à “velha escola” e à forma habitual de tratar. A preferência, é o resultado, segundo me parece, da fácil atuação sobre o temperamento nervoso da raça, e o farmacêutico que segue o *similia similibus* ganha mais dinheiro que seu irmão alopata.

Visitaremos agora o engenho, ou casa do açúcar, a expressão mais simples de um engenho. Nos estabelecimentos mais civilizados, uma leve roda-d'água, funciona por meio de um eixo denteado, que move dois cilindros cobertos de uma folha de ferro colocados horizontalmente.⁷ Os velhos três rolos perpendiculares estão se tornando obsoletos. Uma tremonha protege hoje os escravos de terem as mãos mutiladas. Há uma completa ausência da ciência química européia e da maquinaria moderna. A placa de vácuo, o depósito auxiliar, e o evaporador de vapor são igualmente ignorados. Mesmo o emprego do negro de osso para remover o albúmen e o ácido-acético do açúcar não é adotado. As canas crescidas devem ser moídas logo que cortadas. Aqui ficam freqüentemente depositadas no terreiro durante dias, retalhadas de modo grosseiro e desarrumado, o que acidifica o sumo pela entrada de ar. O caldo, ou garapa,⁸ escorre para as panelas, que freqüentemente não estão limpas. É lentamente fervido em caldeiras de cobre, expostas à ação do ar e à preguiça do encarregado, que impede que seja devidamente escumado. Daí acontecer que na terra do açúcar, quem quiser açúcar puro, em pão, tem que o mandar vir da Europa.⁹

O grupo americano consistia de nove almas, inclusive uma mulher e três crianças, de cabelos claros, olhos azuis, faces coradas e brejeiras, sempre cheios de saúde, inquietos e travessos. Formam um extraordinário contraste com os lentos, parados filhos da terra, da terra em que cintila tão fortemente o Cruzeiro do Sul. Viviam já há quatro semanas numa casa designada pelo patrão e, durante esse tempo, a despesa de todos fora de 26\$000 na venda, incluindo a comida, isto é 30 libras por ano. Um estranho mal de indecisão parece afetá-los, a única razão plausível de indecisão era o desejo de experimentar o efeito das chuvas antes de se instalarem nessa Nova Alabama. Alguns gostavam do lugar, porque fica acima das cachoeiras perigosas e comunica-se por terra com o mercado de Sabará: condição *sine qua*; outros desprezavam-no porque consideram-nos incapaz para a produção, onde a terra é despreparada e onde o único aparelhamento é uma foice e um grande pau para aparar os brotos de mato que surgem entre as raízes intactas, sendo o único

trabalho o de colher. Querem naturalmente só plantar os campos de algodão, milho e feijão, e ainda *palma-christi*, o único sucedâneo rude para um revezamento de colheitas conhecido agora no Brasil. As melhores terras são vendidas aqui de 15\$000 a 40\$000 por alqueire de seis por duas geiras quadradas. As grandes extensões podem ser obtidas por menor preço. Para renderem com proveito, contudo, exigem um grupo de 15 negros, coisa que aqui é mercadoria muito cara, variando entre 50 a 100 libras. A produção por geira de algodão limpo é um fardo de 500 libras, que vale no mínimo 200\$000; 40 alqueires de milho que alcançam de 40\$000 a 80\$000 e um mesmo preço de igual quantidade de sementes de rícino.¹⁰ O alqueire produz também 100 libras de tabaco, que vale 60\$000 e o preço elevar-se-á com tratamento mais cuidado. Como não estão folgados de dinheiro, os colonistas americanos dependem principalmente de compras a prazo. Ouvi depois que haviam comprado uma balsa, que haviam descido o rio até Traíras. Um deles, Mr. Davidson, de Tennessee, queria acompanhar-me como ajudante-general. Gostei do homem e dei-lhe uma passagem até as cachoeiras de Paulo Afonso.

O hóspede novo era solteiro e a noite de minha chegada foi comemorada com músicas e danças: um *pagode*, mas não um *fandango*, nem a dança peculiar de saltos do Congo, conhecida como *batuque*.¹¹ Não pude divertir-me com ele. O sol tinha sido extremamente forte e a brisa demasiado fresca. O que mais me incomodou foram câimbras nos dedos, que aqui é uma queixa geral. Eu tinha chegado numa sexta-feira. Mas o novo companheiro não me deixava partir antes de segunda, e ainda por cima, depois do almoço. Minha jangada estava plenamente sortida por ele com restilo de qualidade, ou por outra, *lavado*, cuja extraordinária força provocou a admiração e a maravilha do rio. Um cálice desta bebida antes de vertê-la, especialmente quando o vento e a chuva corriam sobre a jangada, era uma proteção contra o calafrio.

Tal como diria Peter Pidar:¹²

*Desafiaria, meu amigo, o poder da morte?
Queira conservar o interior molhado e o exterior seco.*

Obtive também uma provisão por seis meses de uma boa e clara rapadura, em forma de tijolos de açúcar, de 9 por 6 e 2 polegadas. O Sr. Manuel Francisco acompanhou-me até a *Elisa*, abraçou-me e desejou-me a melhor das viagens. Deixei-o com saudades.

19 de agosto. — Depois de duas horas passamos pela margem direita o afluente Paracatu,¹³ onde um arco de rochedo cavernoso termina uma pequena colina. É o primeiro dos três pitorescos

arrecifes compostos de blocos calcários, atópetados de árvores e separados por escavados cobertos de erva rasteira. Ao longe se esfuma o céu em doces tonalidades de azul e rosa, tão características da primavera brasileira e que se mantiveram durante vinte e três dias, até alcançarmos o rio Pardo. O céu transparente e delgado, contrapunha-se ao desenho da vegetação e transformava num espelho a superfície do rio. A mata era pequena. As maiores árvores eram o jatobá e o angigo-acácia; o mais esgalhado era a gameleira, figueira selvagem, essa delicada prenda da natureza, com sua densa, quente, folhagem verde-escura e o barba-de-pau¹⁴ com seus ramos acolhedores, que guarnece seus ramos espalhados. Da margem do rio à aba dos morros estendiam-se clareiras, pondo manchas escuras de vegetação já seca. As bananeiras e laranjeiras indicavam o lugar em que se ocultavam as residências. Por toda parte a mesma beleza de variedade de cor e de forma, tão atrativa para todos os que têm, o “senso da árvore”. A roxa quaresma, o amarelo-esverdeado da cana-de-açúcar ainda nova e o ubá, com a forma de uma seta¹⁵ que aqui alcança de 14 a 15 pés de altura, orlam as enseadas, suaves e acolhedoras; uma centena de cambiantes de verde-claro, verde-escuro, verde-espinafre, verde-castanho, verde-rosado, verde-acobreado, contrastam com as alvas florinhas do assa-peixe-branco, com as linhas prateadas da árvore da preguiça, com a face inferior toda prateada e a folhagem cor de cobre da copaíba.¹⁶ Aqui o esqueleto esguio de uma árvore morta, vítima de um raio ou assassinada pela queimada anual; acolá uma outra ainda com o vestuário do tempo da seca, antes de assumir o tom impermeável das chuvas; adiante uma palmeira abalada pelo vento, curvando-se e sacudindo a cabeleira. Aqui as árvores estendem seus galhos retorcidos sobre o rio, avançando os ramos secundários em direção à luz. As orquídeas eram raras, mas as trepadeiras, como de costume, são insinuantes, e ninhos de pássaros suspensos ocupam os melhores lugares; eis que troncos mutilados curvam suas cabeças para a água, enquanto outras, inclinando-se para o rio roçando pelo vento, revelavam a força da corrente. Massas de vegetação precipitavam-se bojudas e maciças em direção à corrente. Notamos especialmente a folha digitada da mamona e a taboca cabeluda (variedade de bambu com cabeleira), planta esguia, graciosa, dotada, porém, de ferozes espinhos como esporões de galo. Os hibiscos, 10 a 12 pés de altura, aqui chamados mangues¹⁷ ou *mangui*, atraem longamente os olhos e encantam pelos seus ramos de flores como ramos de algodão amarelo, pelas jovens folhas cordiformes, pela cor avermelhada de suas folhas mortas que, ao longe, davam-nos a impressão de rubras palhetas.

Abaixo de Paracatu fica o Poço Feio, onde uma pedra projetando-se da margem esquerda provoca pequenos redemoinhos borbulhantes aqui chamados, por causa da forma, painéis de água. Em três horas chegamos a Pau de Cheiro.¹⁸ Foi longo o trajeto para costearmos essa terra de amigos. A fazenda, pertencente a meia dúzia de proprietários, é avaliada em 200 alqueires, e pode, dizem eles, ser comprada por 8 ou 10 contos de réis. Um californiano que a visitou ultimamente declarou que poderia retirar 2\$000 por dia bateando o ouro que jaz desaproveitado nas margens. Alcançamos depois a Lapa, o maior e mais alto alcantil do rio. Esta *rupes praecelsa sub arxas* (alta caverna ventilada) é dividida em milhares de fendas e orifícios e precedida de corpulentas estalactites. Aqui o calcário se apóia num cascalho de ferro que tinge as margens de tons iridescentes e se fixa na areia, evidentemente o antigo leito. Em muitos lugares os declives são como polvilhados de curiosas formações rochosas que podem ser observadas até a foz do rio das Velhas. A tripulação diz que a fluorescência era devida às piritas de arsênico originárias de Morro Velho. Dissolvemo-la um pouco em água fervendo, coamos através da flanela e obtivemos um bloco de substância dura, não cristalizada, como açúcar grosseiro. O gosto era de alúmen e salitre. Este, como no Kentucky, freqüentemente aparece cobrindo as terras esbranquiçadas de solo arenoso, cujos poros atuam como esgotadores. O resto da superfície era um solo rico de seis pés de profundidade, ou seja, o dobro do que satisfaz o fazendeiro do fértil Mississípi.

De agora em diante a corrente começa a encachoeirar-se e verificamos, no leito do rio, a existência de numerosas ilhotas de pedras calcárias, perigosas durante a vasante. Em porto da Palma¹⁹ terminava a viagem do Sr. Dumont. Quatro casebres guardam a barra do Pau Grosso, assim chamado pelo tamanho imenso de suas madeiras. Dizem que fica perto a fazenda do Rótulo,²⁰ que foi comprada de certo marquês (P.N.) de Sabará,²¹ pela companhia inglesa de Cocais, que pretendia dela extrair as provisões necessárias para seus mineiros. A planta da fazenda levou um ano para ser feita e custou 1.400 libras. O administrador, abaixo do Gerente Geral, Sr. J. Pennycook Browm, é o Sr. Broadhurst, cujo pai, juntamente com um genro, adquiriu parte da fazenda chamada Cana do Reino, do Sr. Bonifácio Torres. O Sr. Broadhurst, sênior, trouxe maquinaria inglesa para cardar, fiar e tecer o algodão. Mas pouco depois morreu afogado no rio Cipó, que é um riacho que surge de uma inclinação da montanha. O mesmo ocorreu com dois ou três ingleses, acidentes piedosamente atribuídos à excelência da aguardente. A fazenda do Rótulo possui solo vermelho e preto, sobre base de rocha calcária

e em dois lugares explora-se o salitre. Está à venda por 50:000\$, mas tem a desvantagem de ficar longe do transporte fluvial. Por outro lado tem cerca de seis léguas de largura por seis de extensão, o que proporcionaria pouco espaço para estabelecer quarenta famílias.

Às 5:00 h da tarde viemos vogando tranqüilamente para um banco de areia, a praia da Cansanção.²² É limitada por uma terra sem vegetação e só tem algumas cabanas miseráveis, localizadas de outro lado. Dormimos a bordo do nosso abrigo e fomos agradavelmente surpreendidos pela não existência de insetos. A noite estava solene. De quando em quando murmúrios estranhos na água e na terra traziam à lembrança descrições de excursionistas na floresta amazônica — obra de alguma ave noturna, ou fera, a queda de alguma fruta ou o ruído de um peixe esfomeado. À meia noite nítidas colunas de neblina branca, prateadas pela lua, formaram uma só massa majestosa e ergueram-se rio abaixo. Mas às 4 horas da manhã o ar quente e úmido do vale fluvial estava claro. Antes do nascer do sol, uma corrente fria, vinda da serra Grande, ou da parte leste²³ do Espinhaço, condensou todos os vapores num nevoeiro espesso. Durante todo o dia uma brisa fria soprou para o norte formando ventos contrários, o que esfriou a superfície do rio. O peixe pode morder à meia-noite, mas não ao meio-dia. As noites são serenas, calmas, deliciosas.

20 de agosto. Decidimos partir cedo, mas a cerração prendeu-nos no ancoradouro até depois do nascer do sol e fizemos as contas com todos, inclusive nosso hospedeiro. A terra toma agora um aspecto que vai durar. No centro do rio há uma espécie de tabuleiro de grama ou espinha eriçada de poucas árvores, e elevando-se bem acima da floresta espessa através da qual corre o rio. Após umas duas horas passamos sob os destroços de uma ponte que tinha sido arrasada em 1858. Tal como a de Casa Branca deveria ter sido erguida pelo menos a 50 em vez de 32 pés (10 metros e trinta), pequena folga para as cheias extraordinárias. O local, como de costume, tinha sido mal escolhido. Em vez de ser dividida em duas, um pouco abaixo, cruzou como um caminho elevado justamente por cima de um canal lateral formado pelas inundações da margem esquerda. O custo original foi 2:800\$000 e as escavações para assentar os pilares haviam custado 4:400\$ em ouro. Um engenheiro ofereceu-se para consertá-la por 600 libras, em vez de 60, e o proprietário, portanto, preferiu usar uma balsa.

Logo abaixo, a bombordo, fica a bela vila de Jequitibá,²⁴ à margem de um pequeno lago que deságua no rio mais adiante.

Defronte, à esquerda, avistamos a fazenda do Jequitibá, produtora de açúcar pertencente ao coronel, mais conhecido pelo povo como capitão Domingos Dinis Couto. Era impossível deixar de vê-lo e a visita resultou no esperado: mostraram-nos um quarto, encomendou-se um almoço, e com dificuldade consegui obter uma despedida para o dia seguinte, logo depois do desjejum. Ninguém poderá concordar com o julgamento de Northron acerca da hospitalidade brasileira. Além do fato de ter o hóspede tantas obrigações quanto o hospedeiro, sempre encontrei nas fazendas a compreensão suficiente, especialmente nos assuntos locais, no sentido de ressarcir o tempo perdido. Em Jequitibá perguntaram-me a respeito do assassinio do barão von der Decken.²⁷ Em Jaguará, mostraram-me meu nome na *Revue des Deux Mondes*, publicação que, não sendo assalariada, abusa persistentemente de ataques ao Brasil, mas consola os brasileiros revelando seu imenso desconhecimento dos assuntos que ela maltrata.²⁸

O coronel Domingos é dotado de fino gosto pela terra de qualidade. Todo mundo se admira de que ele ainda trabalhe e agregue alqueire por alqueire à sua propriedade. Mas o sistema tornou-se agora parte de seu modo de vida. Ele possui cerca de quarenta léguas quadradas de terra, e durante três dias de navegação rio abaixo percorreremos sua propriedade. Além de sua fazenda ele é proprietário da Ponte Nova, na barra do Jequitibá, cerca de seis milhas de distância, do Paiol, com 100 escravos; do Bom Sucesso com acima de 300 negros, e de Laranjeiras. Está disposto a vender qualquer delas, ou todas, e de um a quinhentos pares de mãos. Rogou-me que publicasse essa oferta jocosa, o que cumpro devidamente.

Passamos um dia agradável e recebemos a visita do Sr. Bruno von Sperling, engenheiro alemão, casado e estabelecido perto de Ouro Preto. Está agora administrando a fazenda Melo. Um pequeno proprietário português informou-me que ouvira falar em carvão pela vizinhança, mas não consegui uma informação exata. Como o coronel estava sofrendo de catarata, mandou que o Sr. Antônio Justino de Oliveira, seu amável e educado administrador nos mostrasse seus belos campos. O lugar seria um paraíso se um vapor passasse por ele uma vez por mês. Os jardins, que se inclinam em direção ao rio, fornecem uma linda vista do pequeno arraial do lado oposto, com sua capela, tendo por pano de fundo os morros azul e rosa à distância. Os numerosos alqueires estavam plantados com algumas roseiras, cristas-de-galo e outras flores. As árvores frutíferas eram as mangueiras, figueiras, abacateiros (*Abacutis*, *Persea gratissima*) e grandes cuietés, ou árvore de cabaças (*Crescentia cujeté*). O resto era

cana-de-açúcar²⁷ e banana. Havia uma imponente série de jabuticabeiras (a bem conhecida *Eugenia cauliflora*), com as copas arredondadas, folhagem densa e com a casca macia das mirtáceas soldadas ao longo do tronco e dos ramos, com pequeninas flores amareladas e pequenos frutos em forma de borla pouco maiores que uma cabeça de alfinete. Em São Paulo a árvore produz frutos só uma vez no ano, no princípio do verão, outubro ou novembro. Aqui ela frutifica continuamente. Mais tarde procurei encontrá-las na estação própria, como se faz com os morangos na Inglaterra e as cerejas na França. A árvore, porém não se encontra no baixo São Francisco — grande desapontamento. O fruto é dos mais delicados, do tamanho pouco maior que os grandes groselhas, com uma casca coriácea forte, como a da uva brasileira. O sabor se perde quando a jabuticaba é trazida para o mercado. O certo é comê-la junto ao tronco. Em São Paulo aluga-se uma árvore por 10\$000 por ano. E “andar à jabuticaba”²⁸ *en famille* é um divertido piquenique.

21 de agosto. Depois de dar ao nosso hospedeiro alguns conselhos acerca de uma visita a algum oftalmologista no Rio de Janeiro, antes que a operação da catarata se tornasse tarde demais, partimos às 7 horas da manhã, muito condoídos por causa dele. O rio está lindo. As margens alcantiladas pareciam querer o curso de água, e as camadas irregulares nas alturas indicavam-nos o que estava por vir. À 1,40 da tarde começaram nossos problemas que deveriam durar cinco dias. Nosso toldo quase se perdeu numa violenta volta ou curva²⁹ um pouco abaixo da barra do Diamante. Vinte minutos depois chegamos ao saco da Anta ou d'Anta. O saco, ou reviravolta, correspondente aqui a uma curva em forma de ferradura dos rios norte-americanos. O rio faz uma curva brusca chegando quase a tornar-se paralelo com ele próprio, e a terra, em sua convexidade, torna-se uma quase península com uma estreita garganta. Um trecho alcantilado avança na margem direita e detém a corrente. A rocha enorme cai sobre a corrente formando uma margem contra a qual a água se quebra com violência. Esse penhasco é formado de uma rocha lamelar, porosa, cheia de orifícios, facilmente removida com um martelo a vapor. A corrente, como pudemos ver, dirige-se para a esquerda, havendo uma grande praia de areia à direita, curva-se na última direção sob um alcantilado e desaparece.³⁰ Chico Dinis passou para o patacho que transportava nossa bagagem em risco e ia cortando todos os ramos perigosos ao toldo. Vogamos então ao longo da margem, à força de varas, com a popa voltada para a frente, trabalho que nos consumiu oito minutos e o preparo para ele, meia hora.

Depois da volta do Tapir, chegamos ao Funil — aqui, com o em São Paulo, pronuncia-se *Funi*. Este nome, “entonnair” ou funil nas formações terrenas, significa desfiladeiro. Nos rios brasileiros é geralmente aplicado a cachoeiras que se quebram de encontro a uma língua de terra longa e estreita que se some na água. É aqui que uma ilhota, ou melhor, um pequeno banco de areia, coberto de cascalho e seixos divide em dois a parte alta do funil, e a corrente ia de oeste para leste. Fomos impelidos para o lado direito da ilhota, procurando escapar às perigosas pedras na margem de estibordo. Em seguida, por meio das varas, operação sempre delicada, alcançamos o lado conveniente, a esquerda, evitamos a “cauda” e ganhamos velocidade. As caixas e as malas foram atiradas para o lado esquerdo da coberta, o que provava que o leito de pedra estava agora muito exposto para a balsa. Fomos novamente lançados através do rio para a margem, abaixo da principal queda, desta vez para a direita, onde canoas, bananeiras e uma cabana, indicavam a fazenda do Funil.³¹

Às 5 horas da tarde preparamos nossa dormida na praia do Funil, praia de areia seca à esquerda. O primeiro passo foi fazer uma fogueira o que não foi muito difícil já que o combustível se encontrava por toda parte. Notei que, ao contrário da prática africana, minha gente preferiu um fogo pequeno. Era a prática dos índios que, para esquentar os corpos nus nas barracas, e para defenderem-se contra as feras, costumavam fazer com que as mulheres conservassem durante toda a noite o fogo aceso.³² A carne-seca e o peixe quando pescado, eram assados no espeto junto às brasas. A operação seguinte era fazer o angu, um prato quase universal, quer se chame *porridge*, nudim de minuto, escaldado, polenta; ou o *ugali* de Unyamwezi. O fubá ou farinha de milho, é posto, pouco a pouco; na água fervendo e movido com um pau para não encaroçar. Deve ser comido imediatamente.³³ O prato nacional predileto é o feijão, cozido com toucinho.³⁴ É mantido ao fogo durante toda a noite a fim de estar pronto para o desjejum. Os homens passaram a noite conversando e fumando até chegar o sono, quando estenderam suas esteiras junto ao fogo. Não é por isso de admirar que sofram tão freqüentemente de lumbago ou dor de cadeiras.

O ar estava deliciosamente puro e eu me sentei por algum tempo ouvindo a conversa de um velho amigo. “Pst” o assobio “Whippoor-whil”, do caprimulgídeo. Este só começa a cantar pelo crepúsculo, mais ou menos como certas corujas, especialmente o *Strix aluco*³⁵ da Europa e seu grito agudo é ouvido por intervalos rio abaixo, a grandes distâncias no rio São Francisco. Seus hábitos, conforme

pudemos observar, são semelhantes ao dos seus irmãos dos Estados Unidos, e muitas vezes vimos de dia aos pares, aninhando-se na areia. O português chama-o João-corta-pau e é curioso comentar essa teoria onomatopáica: uma raça ouve "Pst-Whip-poor-Will" e outra "João-corta-pau". Repetindo mentalmente as palavras eu conseguia produzir qualquer dos sons, mas a versão latina parece preferível.

22 de agosto. Fomos despertados muito cedo pelo coriango, ou curiangu (não criango), *Caprimulgus diurnus*, o nãcunda de Azara³⁶ que parecia dizer "Como acordamos bem!" (*How well we wok*). Essa espécie de corvo tem a plumagem cor de almíscar, com manchas brancas e listas nas asas. Muitas vezes perturbei um par discreto aninhando-se de dia à sombra dos côncavos dos rochedos para apreciar-lhes o vôo que verifiquei ser baixo e de pouco alcance. Partimos às 6 horas da manhã, um tanto prematuramente, e as nuvens, obscurecendo a superfície do rio quase nos provocam um acidente. Uma árvore à margem esquerda que poderia ser vencida em 10 minutos levou-nos entre as pedras de uma corredeira.

Às 8 da manhã alcançamos o saço do Barreiro (de Gado);³⁷ enseada da lambidela de sal (para o gado). Esses lugares abundam nos rios das Velhas e São Francisco: barreiras de barro vermelho, cinzento, amarelo ou castanho-escuro esburacados pelas línguas dos animais ou pelos bicos das aves, que constantemente as visitam pela madrugada. Nos Estados Unidos a lambidela é muitas vezes salgada somente pelo nome e a prática pode ser comparada com a doença de comer terra dos africanos do Novo Mundo. Em alguns lugares os criadores misturam sal com o barro e atiram-no na corrente do rio a fim de produzir barreiras artificiais, mas, em regra, não parece suficiente atirar o sal já que a lambida exige uma espécie especial de barro. Após vencer dois obstáculos pouco importantes³⁸ dirigimo-nos à cachoeira de Maquiné de muito má fama. Ninguém explicava o significado da palavra. O piloto imaginava que se referisse a algum monstro desconunal, daqueles que assombravam a Inglaterra nos "bons tempos de outrora". Essa cachoeira é chamada Maquiné Pequena, para distinguir de uma enseada mais abaixo no rio.

O primeiro indício de a termos alcançado foram rochedos fragmentários em ambas as margens, de calcário escuro e quebradiço, cuja inclinação formava um ângulo de 40°. Chama-se a essa região Cabeceiras do Maquiné. Rumamos rápido para a margem esquerda, perto de um belo campo de algodão que sobe suavemente por um morro escorregadio. Daí podíamos avistar a reta distância de umas 400 jardas. Cerca de 600 jardas de água tranqüila separam as

Cachoeiras do Alto das de Baixo, consideradas as piores. São formadas pelo final grosseiro de uma pequena série de rochedos, cujo curso geral se dirige a nordeste, mas que se volta para nor-nordeste, atirando a corrente de sua direção principal para 25º nordeste. A base, de rocha calcária, forma um bordo oblíquo de noroeste para sudeste, por onde a água se escachoa. É visível, mesmo nesta estação de seca que um único rochedo aparece sobre a superfície. O calcário é friável, fendido e estratificado, facilmente quebrado à mão. Antes de chegar à estreita parede há um fundão com pelo menos 10 pés de profundidade. A natureza deixa, assim, aberta a rota mais estreita.

Feito o reconhecimento, embarcamos as nossas bagagens no patacho que afundava agora umas quatro ou cinco polegadas na água. Aparentemente há um caminho fácil à direita, mas como não consta do “plano” os pilotos preferem sempre a esquerda. Rumamos para um rochedo cheio de saliências, atravessamos incólumes as águas encachoeiradas, e embicamos para um abrigo a meio caminho, uma margem de areia a estibordo, em frente ao rebordo que separa as duas cachoeiras. Daí acompanhamos a nossa *grandezinha* barçaça seguindo seu arrastado caminho e que depois de duas ou três guinadas sem conseqüência e de uma ameaça de virar, acabou obedecendo às varas e deslizando graciosamente.³⁹

Havendo descansado até o meio dia, preparamo-nos para enfrentar a Maquiné de Baixo, ou cachoeiras inferiores. Havia felizmente deixado meus livros a bordo do *Elisa*. Tomamos pela esquerda e passamos encalhando como na formação de cima e giramos na margem penhascosa que se enroscava de encontro às árvores. Deste primeiro choque só pude salvar o meu diário tal como fizeram César, Camões e Mad André (*de la Médiocrité*), para estabelecer uma modesta e não ambiciosa comparação. Alcançando a margem esquerda, pudemos assistir à agradável sombra de um jatobá os feitos da nossa arca. Após uma segunda manobra com as varas, cada qual durando cerca de duas horas, e enfim com alívio para nós, ela deslizou a salvamento na oscilante marcha elefantina. Mas foi ajudada por alguns moradores da vizinha povoação de Maquiné Pequeno, José Luís de Oliveira, que acompanhado por três primos, empurraram e deram um adjutório para levantar a *Elisa* num momento crítico. Não quiseram receber nenhuma recompensa, só um cálice de nossa redistilada aguardente (Lavado) e alguns charutos parece tê-los contentado.

Depois de ter vencido o Salto Grande, a linha barrando as facilmente evitáveis “pedras mortas”⁴⁰ parecia ser facilmente

vencida. Tal, porém, não aconteceu. O meu pessoal, se havia trabalhado bem, melhor ainda bebera. Fomos violentamente de encontro a uma aresta rochosa na margem oposta. Logo depois colidimos pesadamente em mais dois lugares. O patacho quase se perdeu, e de modo algum senti-me confortavelmente à medida que nos aproximávamos da cachoeira da Onça. Provavelmente em virtude desses eventos preliminares, a cachoeira da Onça deixou-me uma impressão das menos agradáveis que todas as outras dificuldades reunidas do rio das Velhas.⁴¹

Após cerca de duas milhas, voltamo-nos para su-sudeste e penetramos numa garganta já sombria às quatro horas da tarde. “Stá gritando”,⁴² disseram os homens, ao ouvir ansiosos o ronco. Avançando rápido algumas jardas, vimos a cachoeira, cujas águas borbulhavam entre rochedos e pedras soltas. Apoiamos as varas abaixo pelo lado esquerdo, mas por forçarmos demais a estibordo, batemos violentamente nas pedras e a água jorrou entre as pranchas da plataforma. Escapando a esse choque, atravessamos a corrente na direção de um remanso à direita e procedemos a um exame. O resultado dessa tentativa foi navegarmos com a popa voltada para frente durante uns oito minutos, raspando quase uma rocha escura, numa inclinação de 50° da qual jorrava a água contra a qual se quebrava a corrente.

A tripulação estava esgotada e sem condições para continuar. Resolvi evitar, por um antecipado descanso, o risco de um mau acidente. Encontramos do lado esquerdo, oposto um conjunto de cinco cabanas chamado Jatobá, umas poucas jardas de areia, abaixo de uma margem em precipício de barro amarelo. Os homens denominaram o lugar Praia da Cachoeira da Onça. O dia havia sido de trabalho estafante. Encontrávamo-nos completamente esgotados.

Uma massa de nuvens castanho-vermelha pairava no céu a oeste. O pessoal rezava por uma cheia que tornasse a corrente mais grossa. Ora a chuva nessa estação dura às vezes três a quatro dias. De noite o espetáculo era empolgante. À nossa direita ouvia-se o ronco e o resplendor da cachoeira da Onça. À esquerda, corrente abaixo, ouvia-se o murmúrio revoltado que vinha da Coroa Braba, “the fierce Sandbar”; acima de tudo o céu estava vermelho com os últimos raios do poente, refletindo as cintilações das queimadas frequentes.⁴³ Defronte de nós deslizava o rio azul profundo. As águas adiante refletiam os escuros reflexos das árvores, que se elevavam altaneiras onde deveria brilhar a Urso Menor.

E essa corrente deserta deverá em breve tornar-se uma via aberta às nações, uma artéria fornecendo o sangue vital do comércio ao mundo. A praia arenosa em que repousamos poderá vir a ser o desembarcadouro de uma próspera cidade. A cachoeira da Onça e a Coroa Braba estarão aí silenciadas para sempre. E o ruído das atividades humanas amortecerá os únicos sons que agora atinge nossos ouvidos: o uivo do lobo guará⁴⁴ e o suave guincho das lebres assustadas nas matas.

Aprendemos a nos aprofundarmos muito sobre o passado; a respeito do prócio, e do primeiro canto da grande Epopéia da Humanidade. Somos muito indiferentes acerca do que deverá ocorrer, nos tempos em que o grande poema estará desabrochado. Bem compreendido, nada haverá de mais belo na atualidade do que viajar por essas terras virgens do Novo Mundo. Elas representam a "Terra da Promissão", nova expressão do Infinito. O passado será aqui sepultado diante da grandeza com que se nos apresenta o Futuro.

Notas ao capítulo XLV

1. N.T. Domingos José Gonçalves de Magalhães, visconde de Araguaia. O trecho é da *Confederação dos Tamoios*, canto IV, p. 111 da ed. de 1857.
2. N.T. Violante do Céu freira dominicana, foi poetisa mística de grande fama em seu tempo. Mas dado o público inglês a que se destina o livro parece tratar-se de uma personagem de John Fletcher (1622?) na peça *The Spanish Curate*, mencionada no *Dictionary of English Literature*, de W. Davenport Adams. (Com. da Prof. Adriana Cury).
3. N.A. É o nome de uma fruta semelhante à jabuticaba (*Eugenia cauliflora*). Mas a árvore é maior, a casca tem aspecto diverso, e as frutas não crescem tanto ao longo do tronco. As canoas podem subir cinco léguas neste rio. Nasce na serra do Cipó e é navegável por embarcações pequenas até o ribeirão de Abaixo, distante umas doze léguas.. Mais abaixo fica o córrego da Palma, cuja curva logo acima da foz chama-se Roto da Palma.

N.T. Jabuticatubas é nome de um distrito desmembrado do de Santa Luzia. Segundo Leônidas Marques Afonso, o nome não é aumentativo de jabuticaba. Jabuticatuba para ele corresponde a jabuticabal (v. Waldemar de Almeida Barbosa, *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. B. Horiz. 1971, p. 244).

Segundo Eurico Teixeira da Fonseca: *Frutas do Brasil*. Rio de Janeiro. INL. 1954, p. 166, a jabuticatuba é o nome dado por alguns autores à *Myrciaria jaboticaba* Berg. A pitografia dessa

árvore ainda é confusa. Os botânicos denominam-na *Myrciaria cauliflora* Berg, mas admitem variedades.

4. N.A. Quanto à farinha de milho, esta deve ficar de molho por vinte e quatro horas. A manipulação é delicada, e, especialmente, a água deve ser corrente, senão a farinha toma um gosto desagradável (*farinha podre*). Depois de molhado, o milho é *socado* em pilões e *peneirado*. A massa obtida vai então tostar em fogo brando, para não queimar, em grandes vasilhas de pedra ou de cobre (*furnos*, aliás. fornos, de cobre &c.) fixados sobre o fogo. Houve viajantes que usaram esse método para secagem de peles e plantas. A farinha é melhor quando comida com leite. O povo desconhece aqui o pão de milho dos Estados Unidos. No preparo da farinha de mandioca, o saco por onde deve passar a mandioca ralada (*tapety* ou *tapiti*, nas colônias francesas, *la couleur*) é aqui substituída por folhas de palmeira, entre as quais se coloca a massa quando vai à *pressa*; o sedimento do caldo que sai da massa é chamado *tipioca* (nossa *tapioca*) e o líquido é posto fora. Os índios, tal como os daomeanos, preparavam com uma comida grosseira muito tostada, que eles chamavam de *ouy-entam* e que os portugueses conheciam como *farinha-de-guerra* (Príncipe Max. I. 116). Nas florestas brasileiras existe uma espécie venenosa de mandioca, chamada *mandioca-brava*. Aos europeus causam náuseas e vômitos fatais. Os aborígenes, porém, comiam-na 24 horas depois de arrancá-la.

N.T. Sobre o preparo da farinha de mandioca, a eliminação do veneno, e as diversas espécies de preparo v. L. da Câmara Cascudo: *História da alimentação no Brasil*. São Paulo, Ed. Nacional. 1967 (Brasiliense). I. 93.

5. N.A. Esse costume é ainda conservado na Turquia, Egito e Pérsia. No rio das Velhas o metal é preferível a qualquer outro material, pois os negros quebram tudo que pegam.
6. N.A. O introdutor da homeopatia no Brasil foi o Dr. Mure — como o foi o Dr. Samuel Gregg na Nova Inglaterra. Mure era francês, propagandista ativo e enérgico, que atuou pela imprensa com incansável atividade. «Eu e você somos os únicos que amam a homeopatia pelo seu próprio valor», disse-lhe um dia Hahnemann. Creio que ele morreu no mar Vermelho, na sua luta insana, procurando espalhar pela Índia os benefícios de sua crença. O Instituto Homeopático do Brasil publicou sua *Prática elementar* que alcançou várias edições.

N.T. O Dr. Benoit Jules Mure foi precedido pelo Dr. Thomas Cochrane aqui chegado em 1829. O Dr. Mure veio na corveta francesa *Oriental*. Seu intuito era fundar uma colônia em bases fourieristas. E realmente fundou em Santa Catarina a Colônia do Sai, que malogrou após algum êxito. Em 1843 Mure e Vicente José Lisboa criaram o Instituto Homeopático do Brasil. Depois de muitas lutas Mure deixou o Brasil. Francisco Bruno Lobo. *O ensino da medicina no Rio de Janeiro. Homeopatia*. Rio de Janeiro, 1968; Almirante Henrique Boiteux. «O falanstério do Sai», *Rev. do Inst. Histórico e Geogr. de Santa Catarina*, XII, 1.º. 1944. p. 47.

O livro de Buchan, que teve aliás duas traduções, era assim chamado: *Medicina doméstica ou tratado de prevenir e curar as enfermidades com o regimento e medicamento simples, escrito em inglês pelo Dr. Guilherme Buchan, traduzido em português com várias notas e observações concernentes ao clima de Portugal e do Brasil (...)* pelo Dr. Manuel Joaquim Henriques de Paiva. Lisboa, 1788, 4 tomos. Teve 2.^a ed. em 1802, 3.^a em 1825 e 4.^a em 1841. Foi muito divulgada no Brasil.

Foi superado pelas obras de Pedro Luís Napoleão Chernoviz: *Dicionário de medicina popular em que se descrevem, numa língua acomodada às pessoas estranhas à espécie médica, os socorros que se devem dar nos acidentes graves... os conselhos para conservar a saúde, a preparação dos remédios caseiros, as plantas úteis e venenosas e muitos objetos das ciências acessórias da medicina.* 1.^a ed., Rio de Janeiro, 1842-43, 2 vols.; 2.^a ed. 1851, 3 vols.; 3.^a ed. Paris, 1862, 3 vols.; 4.^a ed., Paris, 2 vols., 1869; 5.^a ed. Paris, 1878; 6.^a ed., Paris, e última, 1890.

Burton deve referir-se porém, não ao *Dicionário*, mas ao *Formulário ou guia médico. que contém a descrição dos medicamentos, suas propriedades, suas doses, as moléstias em que se empregam, as plantas medicinais indígenas e as águas minerais do Brasil, de Portugal e de outros países da Europa; a arte de formular, a escolha das melhores fórmulas, muitas receitas úteis nas artes e na economia doméstica* etc. 1.^a ed., Rio de Janeiro, 1841; 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1846; 3.^a ed., Rio de Janeiro, 1852; 4.^a ed., Rio de Janeiro, 1856. Da quinta em diante apareceu em Paris: 1860 (5.^a); 6.^a e 7.^a 1865. Realmente o *Formulário* figurava nas bibliotecas de todas as fazendas até bem pouco tempo.

7. N.A. «Engenho de ferro deitado» em oposição ao processo antigo de cilindros em posição vertical e que se chamava «engenho de pau em pé». Quando o engenho não era movido por uma roda-d'água, possuía um longo eixo movida à volta por bois.
8. N.A. Creio que a palavra é indígena. O nome adequado a *caouí* ou vinho de cana-de-açúcar ou mel selvagem e tem largo sentido. É simplesmente o suco da cana que as pessoas gostam de beber à moda indígena, isto é, quente. Para mim é muito mais agradável frio. A garapa é bebida preferida por tropeiros e figura nas prateleiras de todas as vendas, tal como o capilé (*capillaire*) e outras misturas. Para o gado, especialmente para cavalos é um allmento que engorda consideravelmente.
9. N.A. É este o método de preparo seguido nesta zona do Brasil. As canas são moídas e o suco (caldo ou garapa, do espanhol *huarapo*) escorre para as caldeiras de cobre, em geral três, vigiadas por um único negro. O resto, bagaço (em francês *bagasse*) é ainda rico. É aproveitado para os animais, especialmente os porcos. Poderia fornecer combustível para máquina a vapor e é excelente adubo, devolvendo o sílex e a sacarina ao solo. Atualmente é em geral empilhado num montão e abandonado até apodrecer. Das caldeiras o suco passa para a resfriadeira onde as feculâncias e impurezas depositam-se e o caldo cristaliza. É

então colocado em fôrmas cujos fundos, com a metade da largura dos topos, é chelo de furos, providos de batoques. Quando o melado escorreu todo, o açúcar é posto para secar ao ar livre e revolvido por negrinhos. Esse processo faz com que ele se torne impuro facilmente. Até que é armazenado nos caixões de açúcar. Para destilação o melado que escorre é conduzido por canais (bicas) para um depósito de madeira (cocho) em forma de canoa. É então misturado com a escuma das caldeiras e reduzido a 11^o Réaumur no tanque para a fermentação alcoólica (tanque de aze-dar). Passa então para o alambique, espécie de retorta anti-quada, difícil de limpar, coisa que se faz raramente. Em geral este aparelho recebe três fornecimentos (alambicadas) por dia. Raramente trabalha-se à noite. O produto é depositado num tanque quadrado de madeira, contendo cerca de 500 barriletes. Este é o tanque de «restilo», que, se é cavado numa só peça de madeira, é chamado *paio*.

10. N.A. O óleo de mamona é vendido a 1\$200 o alqueire, quase 8 galões imperiais. Os sullistas são familiares ao produto, mas raramente queimam o óleo como se faz nessa parte do Brasil.
11. N.A. Não *batuca* como escreve o Príncipe Max.
12. N.T. Peter Pidar, pseudônimo de John Wolcot (1738-1819) satírico, famoso pela veia humorística: «*would you, my friend, the power of death defy? Pray keep you inside wet, your outside dry*».
13. N.A. Não deve ser confundido este rio com o Paracatu, afluente do verdadeiro São Francisco. A palavra assim escrita significa bom (*catu*) e rio (*pará*). Há quem sustente que se trata de uma corruptela de *pira-catu*, bom peixe (*pira* ou *pyra*).
14. N.A. Barba-de-pau ou *tillândsia*.
N.T. O *Dicionário de Aurélio* prefere usar a classificação de *tillandsia* para a barba-de-velho.
15. N.A. *Uira* em tupi significa flecha ou seta, e *uiraçaba*, carcaz.
16. N.A. A copaíba também se escreve copaiva, copaúba (*Copaifera officinalis*, copaiar «capivi»). Será mencionada adiante.
N.T. O *Dicionário de Aurélio* registra *Copaifera langsdorffi*.
17. N.A. Arruda chama a essa malvácea guachuma (guaxuma)-do-mangue (*Hibiscus pernambucensis*). Segundo Aurélio, guaxima ou guaxuma, da família das malváceas.
18. N.A. Literalmente pau-perfumado, uma laurinea.
19. N.A. Ou porto das Palmas.
20. N.A. Rótulo é freqüentemente corrompido em Rochedo.
21. N.T. O marquês de Sabará e visconde do Fanado era mineiro. Era militar e ocupou altos cargos no Império. Seu nome era João Gomes da Silveira Mendonça.
22. N.A. Isto é, das Urtigas (*Jatropha urens*). O conhecedor da flora medicinal e que me deu o nome das plantas, usava esta planta para flebotomias. Esfrega-se com a urtiga a parte afetada e

quando já se produziu uma inflamação suficiente, faz-se grande número de incisões com uma faca ou com uma pedra, processo de sarjadura mais barbaro que os usados na Africa.

23. N.A. Este corresponde ao sudeste que sopra ao nascer do sol no baixo Mississipi.
24. N.A. Também encontro gequitibá, magnífica árvore da floresta, (*Couratari legalis*, Mart.; *Pyxidaria macrocarpa*, Schott). O colosso alcança às vezes 180 pés de altura e sua sombra protegia uma pequena caravana.

N.T. Os nomes científicos não correspondem aos dos dicionários atuais.

25. N.T. O conde, e não barão von der Decken foi membro conspícuo da legião hanoveriana que lutou pela Inglaterra na Guerra da Peninsula.
26. N.A. Refiro-me especialmente aos artigos da *Revista* acerca da Guerra do Paraguai. Ou conhecem os fatos e comprazem-se em apresentá-los completamente adulterados, ou os ignoram e, nesse caso deviam informar-se melhor.

N.T. Ao contrário do Paraguai, o Brasil desprezou a propaganda de sua política na imprensa europeia. No livro do general Mario Barreto, *A campanha Lopezgaya*, Rio de Janeiro, 1929, v. II podem-se ler os fac-símiles dos documentos em que o ministro do exterior do nosso então adversário mantinha contato com os grandes jornais europeus, V. em Batista Pereira, *Civilização contra barbárie*, São Paulo, 1928, p. 22, o cap. A propaganda de Berges. Por sua própria iniciativa o jovem Paranhos, que será o futuro barão do Rio Branco, iniciou uma colaboração na *Illustration* de Paris, angustiado pelas calúnias que circulavam contra o Brasil. Luis Viana F.º: *A vida do barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro, 1957, p. 31.

27. N.A. Raramente provei cana-de-açúcar de tão boa qualidade em particular no Brasil. Era da espécie chamada caiana, e os talos, ao serem cortados, mediam 10 pés de comprimento por meia polegada de diâmetro. Esse é o resultado do solo massapé.
28. N.A. To go to jabuticaba.
29. N.A. Geralmente pronunciada em Minas e São Paulo «vorta». A confusão entre o *r* e o *l* é tão comum como na China. Ouvi de um homem de formação universitária e deputado estadual, em vez de «Estrela d'Alva», «Estrera d'Arva». Como já se disse, os índios não conseguem pronunciar o *l*. Além disso em tupi é assente que faltam o *j*, o *r* e o *l*. Isso contudo não ocorre na Língua Geral que desconhece o *d*, o *f*, o *h* e o *z*.
30. N.A. O total das sinuosidades são su-sudoeste, sudeste, leste, nordeste, norte e, finalmente, na direção principal, para noroeste. Liais, que desceu o rio no período da cheia, refere-se a nove rochedos esparsos, cinco à direita e quatro à esquerda. Constituiriam um sério obstáculo para um rebocador subindo o rio

31. N.A. O Sr. Liais indica um fácil caminho entre o banco de areia da margem esquerda e três agrupamentos de penedos pontudos ao longo da margem direita
32. N.A. Como os africanos eles costumavam acender fogueiras ao lado de túmulos recentes, não para afugentar espíritos maus ou o demônio, conforme os viajantes, mas para conforto pessoal do defunto.
33. N.A. Há uma outra forma de preparar a farinha que é chamada mingau (não *mingant* como escreve o Príncipe Max, I, 116). É feito de mandioca, como farinha, com água e às vezes com um pouco de canela. Uma terceira forma é chamada *cariman*, que deriva de *caric*, correr e *mani* mandioca, quer dizer mandioca corrente. Em velhos autores ocorre *mingan* ou *ionker*, sopa ou cozido grosso, feito com sal, pimenta e mandioca. Yves d'Evreux menciona um intérprete normando chamado David Mingan. O pirão é farinha misturada com água quente, ou melhor com caldo de qualquer espécie de carne e de peixe, preferivelmente de peixe.
34. N.A. Alguns autores conhecidos informam que as substâncias gordurosas e produtoras de carbono, tão necessárias aos habitantes das regiões árticas, vão-se tornando dispensáveis à medida que nos aproximamos do Equador, sendo suplantadas pelos frutos, arroz e outros alimentos ligeiros. Não parece ser esse o caso. O italiano consome uma quantidade de óleo que poria um inglês doente. O indiano devora em cada refeição uma xícara de *ghi*, ou manteiga derretida, e poucos habitantes do norte podem comer impunemente seus doces tão gordurosos. Os negros nus, na selva, próximos ao Equador, enchem seus pratos de óleo de palmeira, do mesmo jeito que seus irmãos na Bahia, confortavelmente bem abrigados e alimentados, tendo fartura de carne e de bebidas ardentes, deveram o apimentado e oleoso caruru e vata-pá, comidos por todas as classes. Próximo ao Equador o calor úmido age sobre os indivíduos do mesmo modo que o frio nas altas latitudes, e fortes e generalizados estimulantes, porto, sherry, e outras bebidas fortes, são mais apreciados que os vinhos tintos. A carne é de digestão mais fácil que os vegetais. A prática vale mais que todas as teorias, ou melhor, que as hipóteses de pseudoteóricos, ou de escritores que se contentam em copiar as observações de outros sem procurar compará-las com as observações pessoais, às vezes eternizando um erro.
35. N.A. O príncipe Max cita outras espécies de *engoulevens*. Há espécies maiores do que o comum *whipp-poor-will* que Marcgraf chama de *ibiyau* e, ele próprio, bacurau (I, 267). Outra ave descrita (I, 370) é o *Caprimulgus aethereus*, que voa alto no ar como ave de rapina. Outra é a mandalana (*C. grandis*), branca e marrom. Seus gritos agudos enchem a floresta. O ornitólogo alemão descreveu pela primeira vez o curiango (III, 91).
36. N.T. A forma registrada por Aurélio é precisamente curiango.

37. N.A. O Sr. Liais chama-o de cachoeira do Pau Seco. O rio corre de sul para norte, *defrontando três colinas baixas azuladas*. Descemos facilmente em quatro minutos, cruzando de direita para esquerda, evitando assim as quedas de um lado e de outro. Segundo Azara (I, 55), os índios que desconheciam o uso do sal puro, supriam-se com este barro salino, que devoravam em abundância. Príncipe Max observa (II, 257) que a argila no Brasil não tem o gosto salgado e «não encontrei entre os habitantes indígenas do país nenhum alimento salgado». Curioso comentário acerca da necessidade de condimentação. Deve, porém, ser observado que os Tupi eram eminentemente carnívoros, e assim muniam-se de sal na carne. Não seria o caso dos vegetarianos. Comer terra não é hábito desconhecido entre brasileiros. Demonstrei que na África, como também entre otomacos que Humboldt descreve como intrépidos geófagos, ela é comida em grandes quantidades sem fazer mal. Não posso, assim, com Saint-Hilaire sustentar que os otomacos são a única exceção na fatalidade do gegofagismo. Ele diz que os brasileiros preferem o barro dos termitários. Este é igualmente o caso dos Unyamwezi, onde ela é chamada «doce terra».

N.T. O trecho em que Saint-Hilaire descreve o caso dos geófagos ocorre na nota 324, v. II p. 350 da *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, S. Paulo, 1938 (Brasília).

38. N.A. As cachoeiras das Duas Barras e a das Cabras.

39. N.A. O plano do Sr. Liais revela nitidamente um caminho na corrente principal e dois sérios obstáculos. O obstáculo superior consiste em dois blocos de pedra com o talvegue no centro. Segue-se um remanso e depois três rochas altas à direita, defronte de uma formação semelhante, menor, porém, e mais fragmentada. Nesta seção há duas pedras e que precisam ser removidas do talvegue.

Descemos francamente pela esquerda. Mas a corrente segue evidentemente pelo centro do leito. Uma vez removidas essas rochas, haverá uma passagem franca na Maquiné de Cima. As rochas soltas devem ser destruídas e na de baixo a parede deve ser perfurada. Penso que seria simples fazer funcionar aqui um martelo grande, não movido a vapor, mas pela força da água.

40. N.T. Em português no original.

41. N.A. No entanto o Plano menciona somente uma barreira de pedra e dois fortes obstáculos à direita, defronte de rochas espalhadas que podem facilmente ser removidas. Mas o perigo vem de uma pedra isolada, sobre a qual a corrente se despenha imediatamente abaixo da barreira de cima.

42. N.T. Em português no original.

43. N.A. Saint-Hilaire (III, I, 202) informa que em Minas ocidental os lavradores só fazem queimadas durante a lua-minguante (*dans son decours*).

44. N.A. A palavra é *G-u-ára-ã*, grande devorador muito voraz. G é o relativo, u é comer, e ara (no hindustani *wálá*) é a desinência verbal. Guara, comedor, é reforçado pelo pospositivo *ã*. É o nome de um animal aqui chamado cachorro-do-mato ou lobo-brasileiro. O velho *Ursus carnivorus* dá lugar a muitos enganos. É o *aguara-guazu* de Azara e o *Canis mexicanus* de Cuvier. Vi de perto só um exemplar que me pareceu muito semelhante ao lobo francês, com a diferença de ter a pele mais vermelha. Esse carnívoro prefere as regiões onde a floresta e os campos coexistem ou misturam-se. Nunca ouvi falar que ele atacasse um homem, mas, em compensação, não há neve para torná-lo voraz.

Há também uma ave dos pântanos chamado guará ou gará (um íbis), palavra que deriva de *ig*, água, e *ará*, papagaio: papagaio-d'água de cor rosa-avermelhada.

Como desinência *guará* quer dizer lorde, ou senhor, como, por exemplo, *pyguara*, guia, literalmente senhor do caminho ou do pé (*py*).

CAPÍTULO XLVI

PARA A FAZENDA DO BOM SUCESSO

A coroa de areia — Preparativos para visitar Diamantina — Prazeres da solidão

*The day is placid in its going
To a lin'ring sweetness bound
Like a river in its flowing.*

Wordsworth

Antes de partir é preciso descrever uma “coroa”,¹ já que vamos enfrentar um espécime.

A coroa é a “barra de areia” dos rios americanos, uma ilha no meio do rio, mas muito diferente das nossas ilhotas, *holm*, *inch* ou *eyot*. Está sempre, como observamos na Cachoeira, junto à foz de um pequeno rio, onde o influxo da água fresca diminui a corrente e quase sempre ergue-se sobre pedras destacadas ou alguma beirada rochosa. A corrente segue por ambos os lados deixando ao centro uma convexidade lisa tal como o cocuruto raspado de um índio coroadado. Há coroas de todos os tamanhos, de algumas jardas até de alqueires. A água é pouco profunda no meio da coroa muito profunda nos lados, bem como nas pequenas enseadas e reentrâncias, onde os peixes vivem a mergulhar e cair nas cestas. Quando a formação é muito rasa, os galhos e paus flutuantes passam sobre ela. Do contrário os troncos encaham nos lados, especialmente nas cabeceiras dos rios, formando conjuntos perigosos. Geralmente a coroa é dupla, ou mesmo tripla, sempre alongada no sentido rio abaixo, nunca circulares como nas formações dos lagos e as extremidades ora são achatadas pela água, ora erguem-se, formando pequenos precipícios. A superfície é cheia de seixos e gravetos de todos os tamanhos, desde uma polegada até um pé. São pedras vindas das margens e arrastadas pela corrente. Em geral são de quartzo, sob seus aspectos proteiformes, jaspe, pedra de toque, “pingas-d’água”² (*Quartzum nobile*), cristalizados, estratificados e quase sempre ver-

melhos pela presença do ferro. Há também abundância de arenito, calcários, clorita, contendo ou não ouro,³ juntamente com pedaços de "canga"⁴ ou conglomerado ferruginoso dons das terras mais elevadas. Em alguns lugares a areia é mole, enterrando-se o pé até o tornozelo.

Nos buracos, onde a água das chuvas se acumula, há grandes poças de lama com três a quatro polegadas de profundidade e até onde se estendem as águas, as pedrinhas na seca apresentam um revestimento de espesso limo, cuja base podem ser seixos, cascalho, areia mole ou lama grossa. Essas coroas são habitadas por gaivotas, andorinhas, falcões, patos, garças, curicacas e outras aves que serão mencionadas.

Uma vegetação esparsa de árvores raquíticas e relva acinzentada cobre a coroa, começando geralmente na parte inferior da corrente. É assim que a coroa se torna recoberta.

A planta característica é a araquá-guava, com as folhas comparativamente finas e pequenas e uma madeira exageradamente forte, adaptada à localização. Outra planta comum é a ariuda, também chamada "alecrim-da-coroa"; o arvoredado é menor do que o do *Psidium*, o caule e os galhos são fortes e rijos, e é curvado sobre a corrente devido às inundações. Essa planta aparece também nas areias. Em alguns lugares as margens dos rios são ladeadas por uma espécie de cana cujas folhas têm cerca de um dedo e meio de largura, e são usadas para forro das selas. No rio as Velhas não encontramos as plantas do gênero do vime ou da giesta, como vemos no rio São Francisco abaixo de Remanso.

A coroa forma-se primeiro sob as águas, quando é chamada "areião". Eleva-se gradualmente e onde as cheias anuais não são muito violentas, transforma-se numa ilhota, uma "carapuça"⁵ se tiver a forma de um gorro, e se é larga, numa ilha. Muitas, como as do Mississípi são bastante recobertas de vegetação, a parte com madeiras corrente acima, a parte arenosa abaixo, ou *vice-versa*. É uma formação permanente e as figueiras e mimosas fixam a terra como o *cuttun woods* nos Estados Unidos. Ao passar o rio Pardo, ainda veremos mais uma formação complexa, como blocos de calcário azul cobertos de uma extravagante vegetação a embaraçar o caminho, enquanto no rio São Francisco, mais abaixo, há uma combinação de pedras altas, madeira e coroas.

O Sr. Liais é de opinião que esses obstáculos podem ser eliminados pela dragagem. Tenho dúvidas a respeito e dele discordo. Não seriam os obstáculos sobre os quais eles se formam que necessi-

tariam de dragagem? Uma simples pedra, como um posto num deserto arenoso, produz uma acumulação de matéria. As mesmas causas continuam a produzir os mesmos efeitos. Evidentemente cada enchente continuará a produzir as mesmas conseqüências.

23 de agosto de 1867. — O calor da manhã induziu-nos de novo a partir às 6:30, com meia hora de antecipação. A direção era de leste para oeste e achamos que a nossa murmurante amiga a Coroa Braba revelou-se mais complicada do que parecia, com pedras e coroas. À esquerda elevava-se um rochedo, depois cascalho, em seguida outro rochedo. A estibordo se levantava um banco de areia em cujo lado direito não tardamos a encalhar. Aplicamos as varas com dificuldade e não gostei do curso dos acontecimentos. Felizmente encontramos um jovem rapaz que ia à cidade em sua piroga e por solidariedade Herculano Teixeira de Queirós foi persuadido a acompanhar-nos. Foi à terra e voltou com um jovem simpático, de calças e camisa brancas, chapéu de palha e o inevitável cinturão e facão de cabo de osso. Era bom conhecedor do rio.

Após cerca de três quartos de hora, a cabeça da *Elisa* estava voltada na direção nordeste, descrevendo assim uma longa volta em ferradura com um estreito calcanhar. Em alguns lugares o rio em relação ao caminho terrestre corresponde à proporção de 3 para 1, proporção não comum. Em outros a proporção é de 5 para 1. Erguia-se diante de nós o paredão denteado da serra do Baldim, o Balduino do Sr. Liais, que caminha a nordeste de Jaguará e que se supõe conter depósitos de alúmen semelhantes aos que encontraremos mais tarde no São Francisco. Meia hora depois passamos a cachoeira dos Paulistas, cuja cadeia de rochedos não chega a atravessar o rio. O Plano considera-a parte dos bancos do Cafundó.⁶ A cada momento percebia-se que as cachoeiras, se não aumentavam, não eram menos trabalhosas apresentando maior profundidade e canais estreitos, capazes de espatifar nossa balsa. Tomamos pela direita, ganhando depois o meio do rio, guiando o barco na direção do vértice do triângulo equilátero claramente limitado pelos bordos de espuma ou escachoar da água contra as pedras e rochas.

Surgiu então um obstáculo ainda mais grave. Um agressivo penhasco de pedra ferruginosa desviou a rota do barco de nordeste para sudeste. Evitando duas fileiras de recifes, tomamos a direita, circundando quase inteiramente uma coroa de sudeste para leste e de nordeste para noroeste. Dois pilares rochosos em nosso caminho, forçaram-nos a cruzar para leste, obrigando-nos a passar para a esquerda e inclinando-nos para o norte, onde encontramos uma

queda-d'água formada de pedras soltas. Esta cachoeira da barra do engenho de Manuel da Paixão apenas nos tomou oito minutos para passar. Esses desvios constantes são perigosos e antes que um barco possa navegar é preciso que sejam removidos os grandes rochedos, porque do cascalho e da areia a corrente se encarregará.

Após vogarmos cerca de quatro milhas, onde se poderia conversar através da estreiteza do rio, vimos adiante lindas plantações de algodão em plena floração tendo ao fundo uma suave sucessão de colinas. Um bananal à esquerda, com quatro cabanas, uma das quais a inevitável venda, indicaram-nos que contra todas as profecias havíamos atingido Santana de Traíras. Este local é ponto de parada das tropas que viajam entre a capital da província e Diamantina;⁷ em 1859 foi elevada à categoria de freguesia e está agora sob a superintendência da vasta municipalidade de Curvelo. Em 1864 sua população era calculada em 4.298 habitantes. Disseram-me que tem agora 12.000, o que representa provavelmente o dobro da realidade.

Há aqui duas barcas de transporte: uma de corrente, pertencente a uma espécie de companhia e outra de cabo de aço, obtida em Morro Velho, de propriedade do Sr. João Gonçalves Moreira para o qual eu havia trazido uma carta de apresentação. Este veio amavelmente ao nosso encontro na margem e mostrou-me numa árvore a marca deixada pela água há dez ou doze anos e que fica a 40 pés acima do nível atual. Nessa época as águas cobriram o vale ribeirinho até o pé das colinas do campo e o povo teve de retirar-se de suas casas de sapé em canoas. Na média, porém, a cheia não passa além do nível da corrente da balsa. Se os engenheiros estrangeiros das estradas de ferro no Brasil, que estão mais ou menos sujeitas a esse fenômeno de dilúvios excepcionais, que reaparecem numa periodicidade um tanto vaga, ouvissem os conselhos dos nativos, houvessem construído as pontes e escoadouros segundo eles, teriam poupado muito aborrecimento e seus empregados maior despesa.

Encaminhamo-nos para a vila, à margem direita. O solo é um tanto pedregoso, cheio de seixos e pobre. Há abundância de uma planta cuja folha lembra a da mimosa e que é conhecida pelos tupis como *tareroqui*, pelos brasileiros como fedegoso (*Cassia occidentalis*, *sericea* etc.). A raiz malcheirosa é um poderoso drástico. Os homeopatas usam-na em infuso em espírito de vinho e a utilizam como quinino. Os caroços são às vezes usados como café, tal como o milho nos Estados Unidos. A rua principal da vila, na parte alta, tem duas capelas: de Santa Ana e do Rosário, algumas jovens palmeiras e algumas vendas. Destacam-se a do Sr. Totó (Antônio Rodrigues

Lima e a farmácia do professor de primeiras letras que, apesar de ser filho do Sr. Custódio Amâncio, prefere chamar-se Emanuel Concius de Zoroastro.

As casas talvez cheguem a 200 ou 300, dentro do círculo abrangido pelo toque do sino, a maioria de aspecto miserável e de um só pavimento. A única coisa que parece progredir são os bodes. O cabrito é aqui, como geralmente em Minas e São Paulo, a alimentação predileta. Nosso amável guia levou-nos a vários homens de destaque que nos convidaram para passar o dia. O Sr. Antônio Gomes de Oliveira, parente do coronel Domingos, prendeu-nos para almoçar e forneceu-nos alguma boa cerveja inglesa. Sua casa era a mais bonita do local, construção sólida, parte da qual era destinada à loja, com alguma vegetação à frente.

O nosso piloto temporário já havia trabalhado bastante e o encargamos de arranjar outro, mas sem a mínima possibilidade de uma resposta, por três dias. Chico Dinis confessou polidamente que estava desapontado e voltamos à embarcação. O Sr. Moreira forçou-nos a ir à sua casa, do outro lado do rio e, enquanto ele enviava uma carta peremptória, apresentou-nos sua mulher, mostrando-nos o jardim, de cujas laranjas e verduras orgulhava-se com razão. O solo aqui revelava um melhoramento sobre aquele em que assentava a vila. Falou, evidentemente sem erer possível, sobre o estabelecimento da navegação fluvial a vapor. Para ele as cachoeiras eram invencíveis. Quando mencionamos a destruição dos obstáculos começamos a falar manifestamente grego.

Em 1853 um engenheiro do governo passou seis meses nas cachoeiras acima de Traíras. O povo ainda se lembra de seus foguetes e das cargas de burros com cilindros de lata, usados para carregar as bombas. Todos concordaram, porém, que ele não removera um único obstáculo e alguns acham que ele deixou o rio pior do que antes. Afinal, cansado pelo tempo perdido, disse um amável *au revoir* ao nosso hospedeiro. Deixamos Traíras convencidos de que se a abertura do rio das Velhas foi confiada a homens recebendo dinheiro público e aos que vivem do transporte em tropas de burros, a esplêndida corrente ficará fechada por muitos anos ainda.

Partimos logo depois das doze horas e o dia foi uma sucessão de coroa e cachoeiras, com penedos à direita e à esquerda e no talvegue central.⁸ O primeiro obstáculo sério foi o ribeirão da Onça, uma cachoeira à esquerda de uma tríplice coroa. Tem esse nome por causa de um riacho verde pelo qual podem subir as canoas por muitas milhas. Chegamos depois a um lugar onde quatro homens vagabun-

deavam. Oferecemos-lhes pagar para que um nos servisse de piloto, mas se recusaram. Mas não se opuseram em ajudar-nos a puxar pela cachoeira da Barra do Ribeirão das Gerais, aliás cachoeira dos Gerais (do Lamego).⁹ Enquanto eles mantinham as cordas, aproximávamo-nos da margem esquerda, toda de areia fofa; rochas fragmentadas de pedra escura estratificada projetavam-se horizontalmente do lado direito sobre a foz do riacho, fazendo um verdadeiro trabalho de engenharia.¹⁰ Acima das cachoeiras foi tirado muito ouro.

Duas horas mais e chegamos à cachoeira do Lajedo¹¹ pequena queda formada por um rochedo com cara de peixe-boi coberto de vegetação. Dizem que do alto dessa pedra avista-se a Piedade do Sabará. Depois de várias ocorrências sem importância,¹² tendo passado a coroa do Jardim, verdadeira ilhota, ancoramos à hora habitual, um pouco antes das 5:30 da tarde na praia da Ponte.¹³ Abaixo ficava a coroa do mesmo nome que nos proporcionou música durante toda a noite. Atrás da margem esburacada viam-se algumas cabanas e as manchas verde-claro das canas-de-açúcar, crescendo dificilmente num solo pobre e áspero próprio para juncos. Alguns sertanejos aproximaram-se olhando-nos com espanto e tratando-nos com toda cerimônia possível. Já me haviam prevenido que os tratasse com “agrado e gravidade”, de outro modo poderiam tornar-se rixentos, perdendo o respeito. Falaram-nos num piloto e pedimos que o chamassem, mas como de costume, estava doente. Apareceram duas mulheres vendendo galinhas. Acocoraram-se com os pés afastados, como as africanas, trocando as observações entre si com risos e cochichos. Ao cair do sol desapareceram todos, tocando os chapéus de palha em profundo silêncio.

Fiquei triste com esse contato com gente de minha espécie. Era a realidade sob sua forma prosaica. O brilhante caleidoscópio da vida culta é aqui um assunto apagado, de forma incalculável e sem variedade de tons. Não há miséria, antes falta de vontade, menos que a riqueza, falta ambição. Não há objetivos, não há progresso, onde o progresso seria tão fácil. Não há conflitos de opinião no meio de um povo tão provido de inteligência. A vida é uma espécie de página em branco (*Nihil album*), cuja única variedade é a morte. Prefiro francamente uma barbárie real e sincera a essa entorpecida meia civilização.

24 de agosto. — A noite fria fez com que a neblina cobrisse por muito tempo a água e não partimos senão às 7 horas da manhã. Duas coroas, que não constavam do Plano, deram-nos algum trabalho para passar. Daí por diante o rio entra numa espécie de garganta com as margens elevadas alternadamente — com mataria ao alto e rochas

em baixo. Antes que passasse uma hora eis-nos na cachoeira das Violas;¹⁴ mas em vez de seguir pelo centro da corrente, tomamos a esquerda para evitar fragmentos de madeira que desciam pelo centro e o resultado foi seguirmos aos corcovos como na marcha das mulas. Uma linda enseada, tendo ao fundo uma viçosa mata se nos apresentou, e o material da última limpeza espalhava-se pelo solo. A direção das rochas calcárias aqui é de nordeste e a inclinação de 12° a 15°. Depois de outros sucessos de menor importância¹⁵ passamos pelas terras bem tratadas da fazenda do Boi, do Sr. Delfino dos Santos Ferreira. O pessoal estava todo reunido na praia para nos ver passar e procurou assustar-nos em relação à cachoeira Grande, cuja existência eles pensavam que nós ignorássemos.

O diálogo foi nesses termos:

— Vocês conhecem a cachoeira?, perguntamos.

— Conhecemos, sim!

— Querem vocês servir de pilotos?

— Não serviremos de piloto.

— Nem por dinheiro?

— Nem por dinheiro.

— E por quê?

— Porque temos medo dela.

Isso se passava enquanto os jovens corriam pela praia como avestruzes dos nativos de Ugogo. Estão começando a deixar de usar os “sim” e “não” na forma latina e a responder repetindo a metade da pergunta no autêntico estilo português antigo.

Perto do meio-dia, desembarcamos à margem direita e examinamos uma larga faixa de canga, provavelmente aurífera e provavelmente diamantífera. Continha pedaços do tamanho de amêndoas de quartzo escuro e ferrugento, disseminados na habitual argila ferruginosa. Daqui por diante iremos encontrando, grandes depósitos do gênero. Mais longe faixas de arenito se alongavam na direção do sul para leste, prontas para serem aproveitadas.

Meus homens desembarcaram numa plantação à margem esquerda e trouxeram de volta cestas de frutas e cana-de-açúcar, que cortavam e chupavam como botocudos. Tocaram uma corneta, mas como não veio ninguém, embarcaram de volta. Ai de nós! Havíamos furtado a Igreja. As terras pertenciam ao padre Leonil, e, mais grave ainda, as laranjas não eram comestíveis.¹⁶ Isto, contudo, é aqui pecado venial. Pode-se tirar o que quer que seja de uma plantação. Uma

roça não é roubada, é o que se diz. Mas não se pode tocar, por exemplo, um pequeno canteiro de cebolas; isso provoca vingança, como invadi-lo de madrugada. Quanto à primeira é uma força da natureza; a segunda é um parque ou um jardim.

Felizmente para nós — a cachoeira Grande não é brinquedo — encontramos no saco Grande, à margem direita, um pequeno grupo preparando um samba, ou pra festejar o Sábado Santo, e talvez Segunda-feira Santa, com danças e beberagens. Os homens portavam espingardas, bem como pistolas e punhais sobre as jaquetas abertas, sinais evidentes de que não queriam ser recrutados. As mulheres estavam em roupa de festa — brilhantes como arcos-íris, trazendo flores vermelhas nos lustrosos cabelos negros. Entre as doze presentes nenhuma era realmente branca. Depois de alguns entendimentos com Chico Dinis a direção da proa foi empunhada por um tal Felicíssimo Soares da Fonseca, enquanto a popa ficou a cargo de um velho de barba branca encaracolada de nome Manuel Alves Pinto e seu filho Joaquim. Os negócios iam tomando jeito. Os recém-chegados eram homens de poucas palavras. Saudaram-nos cortesmente e deram a partida.

O começo do fim foi a pequena cachoeira do saco Grande, ou a grande volta, onde o leito do rio voltando-se violentamente de sudeste para noroeste, forma braços paralelos. Para evitar as rochas à esquerda navegamos de costas ao longo da margem direita até encontrarmos uma enorme massa de arenito ferruginoso que se estende do sul para leste com a inclinação mínima de 3º a 4º. Depois de ter posto o barco novamente em posição normal abandonamos a direita, tendo passado por duas barras de areia e muitos recifes esparsos. Na margem esquerda ergueu-se, então, um perfil azulado de pedra¹⁷ cuja aproximação oferecia grande perigo. As arestas são de tal modo agudas que seria indispensável sua completa remoção antes de se pensar em barcos a vapor.

Voltamo-nos então para oeste-sudeste e enfrentamos a terrível cachoeira Grande, que é formada por outra violenta curva agudíssima do leito do rio, de norte para leste. Os obstáculos são constituídos por seis prateleiras de pedra escura, que se projetam da margem direita, e quatro outras que se projetam igualmente da margem esquerda, sendo necessária uma grande destreza para poder deslizar entre elas. Começamos passando a primeira, embicando depois resolutamente sobre a segunda à esquerda. Aí, furiosamente impelidos pela corrente, tivemos uma das varas partida. A *Elisa* foi arrastada para a direita, mas volteando novamente à força de braços, conseguiu

descer, acompanhando a corrente até as proximidades da quarta prateleira que se projetava bem à nossa frente. Finalmente, deixando este sorvedouro a estibordo, tomamos como direção o vértice de triângulo formado pelas águas encachoeiradas de ambos os lados. O único incidente foi um choque numa pedra morta. A descida nos tomara dezesseis minutos. Esta cachoeira Grande é mais perigosa, mas não constitui um impedimento tão sério à navegação como a de Maquiné. Qualquer espécie de macaco mecânico seria suficiente para remover as pedras e abrir um caminho suficiente no meio do rio — único fim almejado.

Depois de muitos cumprimentos, nossos amigos fizeram menção de abandonar-nos. Todos tinham sérios negócios que tratar. Verificamos que não paravam de fazer cumprimentos. Como os perigos não haviam passado, recorremos ao barril de aguardente que foi provado e considerado “muito brabo”;¹⁸ o major (ma-a-jor), eu próprio, tornou-se de tal maneira irresistível que todos passaram a acompanhar-me até o rio São Francisco, ahures ou não importa onde; as varas foram manejadas novamente com entusiasmo. Prosseguimos passando águas encachoeiradas e uma feia pedra, em forma de porco, conhecida como Capivara (*Hydrochaerus*). Passamos então arrastando-nos por uma massa afundada em frente. Esse lugar é chamado Rapadura. É mera correnteza, mas muitas pedras afundadas torná-lo-ão perigoso para um vapor.

O final era a cachoeira das Galinhas,¹⁹ à qual afinal chegamos. Seguimos de longe uma parede rochosa na margem direita e aproximamo-nos o mais possível do lado esquerdo da coroa, até encontrarmos sua ponta. Há aqui uma passagem estreita formada por duas rochas que se projetam das margens. Nesses lugares é sempre aconselhável o uso das cordas. Os homens espalharam-se na água com fortes gritos de “Fé rapaziada”,²⁰ e puxaram as cordas até a embarcação ficar na posição apropriada. Então largaram os trabalhos e saltaram na água antes que nos distanciássemos. Deixamos a estibordo dois grandes blocos de pedra e um reficé à flor-d’água, de belo calcário azulado, pelo qual também passamos raspando. A cachoeira das Galinhas tomou-nos somente nove minutos, gastos sobretudo em gritaria. O canal da direita pode ser facilmente limpo: uma massa de madeira arrastada é só o que obstrui o da esquerda. Pondo abaixo as paredes de pedra facilmente se passaria a coroa.

Uma segunda dose da bebida selvagem animou nossos amigos. Agradeceram-nos fervorosamente ainda que com vozes titubeantes. Rezaram por nós de modo um tanto errado, e ininteligivelmente

invocaram para nós a proteção da Virgem e de todos os santos. Desceram meio tontos, levando cada um 1\$000 e uma garrafa do tão prezado restilo. Eu tinha todos os motivos para lhes ser grato, já que tinham urbanamente poupado uma imensa soma de trabalhos; mas pouco depois as notícias de algumas pequenas mortes, provaram que eles não eram propriamente cordeirinhos, salvo à moda de Nottingham.²¹

Após isso os meus homens estavam esgotados extremamente; ancoramos então um pouco acima da barra da Cerquinha,²² do lado oposto do córrego do Paiol. O solo era arenoso e limpo como poucos, ao passo que o vale todo, visivelmente só arenoso, apresentava uma bela lavoura de algodão. O rio, afora as quedas, era grandioso e tranqüilo, dando um aspecto de bela amenidade. O Sr. Davidson caiu em êxtase e pôs-se a falar do Yazoo²³ e a cantar qualquer coisa sobre *Down de O-hi-o!* O rio ondulante, escassamente largo para sofrer a influência dos ventos, não é, entretanto, estreito demais para permitir o vaivém de embarcações. Os vapores poderiam facilmente passar as belas curvas. Ao cair da noite a roda do engenho do Paiol²⁴ rangeu e começou a cantar com belo acompanhamento contrastante da natureza: o zumbido longínquo e os gritos das feras, sapos e rãs,²⁵ bem como o ferver e o respirar da pequena cachoeira rio abaixo.

Aproximávamo-nos agora de um lugar de repouso e considerei, com satisfação, uma quinzena de marcha por terra, mesmo em burro. As cachoeiras têm uma semelhança com os terremotos — quanto mais são vistos, menos são apreciados, e o estrangeiro a princípio olha com desdém a prudência e a precaução do “soldado velho”. Logo após a madrugada lá fomos enfrentar a pequena, mas feia cachoeira da Cerquinha, que fica entre uma rocha ameaçadora à direita e um espinhaço de pedra à esquerda, para o qual nos inclinamos. É seguida de uma outra cachoeirinha.

Após duas horas de trabalho viramos do curso principal para o córrego do Bom Sucesso. Aí amarramos o ajojo e a tripulação concordou em vigiá-lo durante a noite. Em geral os ribeirinhos evitam dormir nesses lugares entre os dias de Ano Novo e o de São João. As águas trazem muita terra em decomposição, o que se verifica pela diferença de odor entre os afluentes e o rio principal, especialmente na vasante. Eles temem as chamadas febres de março, remittentes e intermitentes chamadas maleitas.²⁶ Em Jaguará haviam-me prevenido de que o rio das Velhas abaixo de Bom Sucesso exigia certas precauções, tais como comer muita pimenta, evitar a umidade

das noites após os calores do dia, não se lavar ou tomar banho suado e não beber café ao ar livre.²⁷ Não me abalei, contudo, com tantos avisos e achei o clima perfeitamente saudável.

Depois de tomar algumas providências necessárias, dirigimo-nos à casa-grande. O ar estava seco e cortante e a terra era rica, apesar de pedregosa. Medravam por toda parte cajueiros raquíticos, sem trato, e havia abundância de jabuticabeiras, chamadas com razão *cauliflora* pois sua folhagem escura tem o aspecto de uma enorme couve-flor. As outras frutas eram a manga, banana, formando uma enorme mancha verde na colina à esquerda, a gabiroba²⁸ e o araticum²⁹ que toda gente tanto aprecia. No alto portão ostentava-se belíssima figueira, plantada somente há quatorze anos. O jardim, a nordeste da casa possui vinhedos, como de costume arranjados em latadas. Ao que parece Baco aqui se recusa a viver sem apoio. As flores, como de costume, eram poucas. No Brasil encontram-se muito mais das selvagens do que as cultivadas.

Observei o belo e branco beijo-de-frade, e brácteas das *Poinsettia* brilhantes como se fossem uma árvore em chamas e conhecidas geralmente como bico-de-papagaio. Há também um gracioso tabaco (*N. ruralis* ou *Langsdorffi*), com folhas finas e flores róseas. É, creio eu o *Aromatic Brazilian*, muito apreciado nos Estados Unidos, e que lá sabidamente perde o seu aroma após o segundo ano. Os tropeiros aprenderam seu uso com os índios que o usavam para fumar, e, na medicina para curar tumores nos pés dos cavalos ou *Berne-maggots*. O viajante andaré avisadamente lembrando-se de que uma folha esfregada sobre as mãos e a face compele os mosquitos a zumbir sem perigo em volta dele. Segundo o *Sistema* esta nicotina cresce espontaneamente, e é nativa do Brasil, tão local como a variedade do Missouri: sempre a encontrei como companheira do homem e florescendo espontaneamente em torno das casas e das vilas. O coqueiro é especialmente bonito posto que nunca retirem o retículo que pende de seu colo. O jenipapeiro³⁰ (*Genipa americana* L.; *Genipa brasiliensis*) cuja árvore é tão bela, produz um fruto que todos os viajantes costumam comparar à nêspera, mas que me pareceu muito enjoativo. As flores, alvas e delicadas, já haviam caído todas.

O trigo é também cultivado em Bom Sucesso, mas é sujeito à ferrugem e, por isso, a farinha empregada no pão tem uma cor suja e escura.

Apresentei-me em pessoa ao Dr. Alexandre Severo Soares Dinis, sobrinho e afilhado do coronel Domingos. Sua família ocupava o

sítio, agora a fazenda de Andrequicé, mencionada em 1801 pelo Dr. Couto. Não há nada que descrever no estabelecimento que era a casa-grande do costume em grandes proporções. Aqui, pela primeira vez, a sexta-feira foi respeitada e só se comeram peixes e ovos. Depois das refeições todos se punham de pé, de mãos postas, e rezavam, persignando-se ao final. Como é costume na velha Minas, os escravos de serviço fizeram o mesmo. Não sei porque Saint-Hilaire se escandalizou com a oração inicial. Durante a noite todos de casa e os trabalhadores do campo cantaram alto um longo hino, depois recitaram a "Doutrina Cristã".³¹ Nos domingos as orações eram mais complicadas.

Em Bom Sucesso, até quatro anos passados eram encontrados glóbulos de azougue aderentes às taboas que cruzam a "bica" cu correndo das tinas que movem a roda do moinho. Encheram-se várias garrafas até que subitamente a produção cessou. Dizem que foi descoberto mercúrio no Jequitinhonha e em outras partes de Minas, mas suspeita-se que ele proveio das antigas lavagens de ouro. Aqui, porém, todos concordam que não pode ser o caso. Resolvemos então examinar a formação. Seguimos o curso do rego que alimenta o riacho. Esses canais, de 12 a 14 pés de profundidade, de importância vital para uma propriedade, são nivelados a olho e são feitos como os de Kariz, do Belutchistão, em grandes distâncias. Um irlandês especialista em fossos, se pudesse manter-se sóbrio, faria aqui depressa uma fortuna. As margens são cobertas de relva (*Triticum repens*) brotando entre as pedras; de erva-do-bicho,³² considerada decisiva para dores de cabeça; de bambus variados, avultando a taboca-de-liceu e a cambaúba, que muito se assemelha à criciúma. Esta cana gigante é bom alimento para o gado, mas acredita-se que tenha influência sobre a doença em cavalos e mulas. Estávamos à esquerda do rio Bom Sucesso, que tem suas cabeceiras a três léguas a nordeste. Nelé encontramos uma leve camada argilosa, arenito sem elasticidade, como a piçarra, talcoso e laminado,³³ fragmentos de belo calcário azul e quartzo de muitas cores — branco e amarelo, ferrugento e preto, especialmente preto e branco, com pequenas diferenças de uns para os outros. Nos pequenos riachos que alimentam a corrente principal, apareciam fragmentos esparsos de cinábrio de vários tamanhos; até um do tamanho de uma noz foi encontrado. Cerca de quatro milhas acima alcançamos o dique na cabeça da corrente. Neste local foram colocadas estacas no fundo do rio, fixadas com pedras, de modo que as enchentes possam ultrapassá-las com o mínimo de prejuízo. É evidente que o metal provém de abaixo desse ponto, de outro modo ele se teria depositado, sem a possibilidade de

ser carregado, na água profunda da represa. Pensamos, portanto, que houvesse acontecido algo como na Áustria e Espanha, no Peru e na Califórnia; a água ou as picaretas tenham atingido a ganga de mercúrio nativo e o tenham libertado em glóbulos disseminados. Os depósitos na água barrenta seriam completamente arrastados pelas águas e, assim, só apareceriam novos espécimes quando outra ganga sofresse ação semelhante.

Como pretendia visitar Diamantina, contratara em Jaguará um velho camarada e empregado de Casa Branca, chamado Francisco Ferreira. Ele me precedera de oito dias, fazendo de guia ao tropeiro Manuel e quatro mulas que o Sr. Gordon, de Morro Velho, pusera amavelmente à minha disposição. As coisas, porém, não pareciam ir muito bem. O velho, idoso e falador, me dizia, entre um soluço e um cambaleio, que ele estava "*aw right*". Depois tropeiros e marinheiros caíram numa grossa bebedeira. Não adiantava privá-los da dose estipulada de pinga porque a da fazenda era-lhes oferecida à vontade. A saúde do Sr. Davidson não permitiu que ele me acompanhasse e os meus três Calibans — que deviam servir de pajem e cozinheiros — permaneceriam sem uma estrita fiscalização em estado de bebedeira permanente.

Por outro lado, as saudades do prazer dos puros prazeres da mata virgem e os encantos da solidão me conquistavam, tal como me acontecera em Bubé.³⁴ Ansiava ardentemente por me ver longe do contato humano e novamente face a face com a natureza. Esse alimento da alma, como o chamam os árabes, ou dieta do espírito como prefere Vauvernagues,³⁵ tinha sido o objeto, de belas expressões, desde os dias de Cipião até os de J. G. Zimmermann.³⁶ É o verdadeiro antidoto contra os contatos, contra a intoxicação de uma época e de uma raça. A ausência, como diz o provérbio,³⁷ extingue as pequenas "paixões" e inflama as grandes; para aqueles que se guiam pelos outros, tira todo o poder de raciocínio, mas o *totus quis* desperta nela e fortalece os que querem pensar pela sua cabeça. *Homo solus aul deus aut dæmon*,³⁸ é quase verdade em parte. *Vae soli!*³⁹ é evidentemente prático e "*O solitude, where are thy charms?*"⁴⁰ é uma atitude poética.

Como é infeliz o viajante que, como Saint-Hilaire, se desespera sempre pela falta de *societade*, de conversação, e que, reduzido à companhia das plantas, consola-se unicamente com a esperança de ver o fim da jornada! "*Une monotonie sans égale, une solitude profonde; rien qui put me distraire un instant de mon ennui.*" O mesmo diz um naturalista ... "*Je finis par me désespérer à force*

d'ennui, et je ne pus m'empêcher de maudire les voyages". Compreende-se depois disso o auto-retrato que ele fez, apresentando-se à sombra de um guarda-sol, com uma varinha de enxotar carrapatos. Lembra um Mr. Ledbury científico.

Notas ao capítulo XLVI

1. N.A. Pronuncia-se c'roa. Vem do latim *corona*. Não é aceitável a grafia do príncipe Max, *corroa*. A formação é oposta à da praia, um banco de areia ligado a uma margem. Os Tupi chamavam à primeira *iby cui oçu*, coroa de areia, em oposição à segunda *iby cui*, praia. Para eles *cua* era a vertente (várzea) sujeita à inundação e *coara* é literalmente um buraco, pequena baía (enseada), ou porto fluvial, onde podiam ancorar as canoas.
2. N.T. Em português no original.
3. N.A. De algumas, como, por exemplo, a coroa da Galinha, extraiu-se ouro. Os pesquisadores cavam fundo na areia.
4. N.T. Em português no original.
5. N.T. Em português no original.
6. N.A. Vem, ao que parece, de *cá fundão*, isto é, cá existe um fundão, lugar profundo onde as varas não atingem o leito do rio. Próximo à margem direita existe uma coroa; à esquerda, e um pouco acima, uma coroa flanqueada por dois rochedos um acima e outro abaixo.
N.T. O *Dicionário de Aurélio* define cafundó: baixada estreita entre lombadas sensivelmente altas e íngremes, lugar ermo e afastado, de acesso difícil, normalmente entre montanhas.
7. N.A. As distâncias por terra são 25 milhas de Diamantina, 21 de Sabará, 24 de Morro Velho, 9 e meia léguas (24 pelo rio) de Casa Branca, 6 léguas (pelo rio, 20) de Jequitibá e 4 e meia de nossa próxima parada, Bom Sucesso.
N.T. Chama-se hoje Santana de Pirapama, e foi elevada a município.
8. N.A. Começou com dois penhascos que formam a base da coluna ao norte. No córrego da Taboquinha (pequena taboca, taquara ou bambu), uma rocha eleva-se da margem esquerda projetando-se em meio das águas do rio e nele mergulhando.
9. N.A. O primeiro nome refere-se às cachoeiras da embocadura do rio das Terras Gerais, afluente da margem direita. *Gerais* são chamadas as terras afastadas do rio ou também pastos, matos, terras onde se cultiva o algodão, o tabaco, cereais e também se cria o gado. Saint-Hilaire (I, I, 99) emprega esta palavra referindo-se somente aos pastos, e emprega *matos* ao referir-se às florestas. Não percebi essa diferença, nem vi o povo referir-se às *Gerais* querendo referir-se a Minas Gerais.

10. N.A. Para desviar o rio para a esquerda, Liais propõe «tunage avec enrochement» à direita, fazendo-se uma passagem artificial para o riacho. Realmente um trabalho gigantesco.
11. N.A. No *Plano* as rochas estão colocadas na margem direita, na descrição, à esquerda.
12. N.A. A fazenda do Jardim pertence à viúva do capitão Herculano; um riacho vem da direita; abaixo há duas coroas, a primeira revelando um claro caminho a estibordo; a segunda do outro lado. Vem depois o saco de Pindaíba, onde o rio curva-se para o sudoeste, e o ribeirão de Luís Pereira à esquerda.
13. N.A. Ponte é o nome de um córrego que não figura no *Plano*.
14. N.A. Ou da Viola. Provavelmente alguém perdeu aqui sua rabeca. O rio corre de norte para o sul. Os obstáculos compreendem dois rochedos à direita, em seguida um outro à esquerda e, finalmente, rochas soltas à direita. Incluo esses acidentes entre os perigosos. Muitos prejuízos têm causado.
15. Como em regra geral o curso do rio é aqui de norte para o sul, chamarei de direita a margem leste, ainda que algumas vezes não seja assim. Os obstáculos aqui são representados por rochedos (os Pandeiros) no centro do rio, formando cachoeiras, mas dando passagem à esquerda. A estibordo surge o ribeirão de São Pedro, entre pedras e bancos de areia, seguido pela mansa cachoeira da Água Doce, próxima à fazenda do Sr. Nicolau de Almeida Barbosa. Acompanhamos o balanço do rio evitando a mata densa da margem e alcançamos um caminho fácil entre três recifes mencionados no *Plano*. Ao fim deles uma coroa, mais larga que habitualmente, desviou-nos para as cachoeiras, empurrando-nos para a direita.
16. N.A. Eram como a laranja-da-terra, laranja-selvagem; aliás a laranja importada vira selvagem. O gosto é sem graça, enjoativo, a doçura se torna amarga. Vi, porém, empregar o caldo usado com proveito para constipações e defluxos, tão comuns em Minas e São Paulo. Presumo que, tal como a laranja seca, e sem caldo, a laranja azeda é resultante de uma terra pobre e áspera e outras condições locais.. Saint-Hilaire (I, 280) cita Pizarro que enumerava três variedades de laranja: uma doce, uma agridoce e a terceira muito amarga. Ele imagina que a laranja-da-terra é uma volta ao tipo primitivo «Personne», diz ele, «n'aurait probablement songé à nommer un arbre qu'on aurait fait venir d'Europe, oranger indigène.» Argumento sem valor. Muitos produtos outrora importados são hoje chamados «da terra».
17. N.A. Em muitos lugares do rio das Velhas é impossível, sem um exame, determinar se os rochedos são de areia, barro, ou calcário
18. N.T. Em português no original.
19. N.A. Liais considera-a um empecilho de momento. Eu, porém, discordo e creio que os pilotos estarão do meu lado.
20. N.T. Em português no original.

21. N.T. Cidade assinalada por grande criminalidade na época.
22. N.A. Embocadura de um pequeno rio não assinalado no *Plano*.
23. N.T. Lago à beira do Mississipi, no Estado do mesmo nome.
24. N.A. Propriamente compartimento do pão. É freqüentemente usado para designar lugares onde se armazenam sacas de café, açúcar e mesmo pinga. Paiol foi mencionada como fazenda pertencente ao coronel Domingos. Mais tarde visitei-a. O solo é bom, a água abundante e tem a casa-grande do costume com a habitual capela e engenho de açúcar.
25. N.A. Humboldt, no Orenoco, ouviu a voz da preguiça, do macaco e do «*day-bird*». Tal não ocorre aqui, pelo menos nesta estação.
26. N.T. No original «Malétas».
27. N.A. Essas duas últimas precauções são generalizadas no rio São Francisco. Vendo aí um fervoroso hidropatista banhar-se quando em plena transpiração, o povo observou calmamente: «Você está chamando pela morte». Vi freqüentemente paulistas, mesmo na parte mais saudável da província, recusarem-se a tomar café fora de casa.
28. N.A. No *Sistema* «Guaviroba» é o nome dado a várias eugênicas. O *Dicionário tupi* grafa *guabiraba*. Saint-Hilaire (III, II, 270) diz-nos que as espécies pequenas de *Psidium* «à baies arrondies» são chamadas gabiroba, em oposição a araca, que tem frutos em forma de pera. Creio que está certo.
29. N.A. Também se escreve araticu e pronuncia-se articum. O nome é dado a várias anonáceas (*A. muricata*, *A. spinescens* etc.). Os frutos distinguem-se assim da *Anona squamosa*, aqui chamada pinha e, no Rio de Janeiro, pelo seu nome indiano, ata.
 N.T. Segundo Eurico Teixeira, *op. cit.* A fruta-de-conde-*Annona* é conhecida no norte, e não no Rio de Janeiro, por ata ou pinha (p. 138). Segundo o mesmo autor, o nome indígena é *araticutitava*. Distingue do araticum que, segundo ele, é um fruto ovóide, pequeno, liso e polposo, de gosto agradável com cheiro forte de queijo podre. Observa, porém, que «há grande confusão na denominação científica das plantas que a sistemática colocou nesta família (p. 67).
30. N.A. Esta é a árvore, o *Genypanyer*, conhecido pelos índios que pintavam os corpos com seu sumo que produz uma tinta azul-escura. O fruto é chamado genipapo ou jenipapo, ou jenipabo, esta é a regra em português. Assim caju — cajueiro. As vezes, porém, o nome é formado por meio da sinédoque, como dizem os gramáticos, pelo último.
31. N.T. O autor deve referir-se ao Credo.
32. N.A. Este conhecido termo é geralmente aplicado ao *Polygonum* anti-hemorroidal, e tupi *Cataia* ou *Cataya*. Essa *polygonea* fornece uma decocção amarga, usada na cura da doença chamada «o largo».

- N.T. No *Dicionário de medicina doméstica e popular* (Rio, 1873) do Dr. Teodoro Langgaard, assinala-se a erva-de-bicho como remédio para o mal-de-bicho (frouxidão do ânus). Burton deve ter ouvido *cu largo*.
33. N.A. Na realidade um itacolomito diamantino.. Há várias explorações de diamante em torno de Bom Sucesso.
 34. N.T. Parece tratar-se de Buba, em Guiné-Bissau.
 35. N.A. A frase de Vauvernagues é: «La solitude est à l'esprit ce que la diète est au corps» (*Refléxions et maximes*, 1746).
 36. N.T. Johann Georg Ritter von Zimmermann (1728-1795), filósofo e escritor suíço. Ficou famoso pelo seu livro *De irritabilitate*, 1751.
 37. N.T. O conceito é de La Rochefoucauld: «L'absence diminue les médiocres passions et augmente les grandes».
 38. N.T. «O homem sozinho é deus ou demônio», provérbio latino medieval.
 39. N.T. Palavra do *Eclesiastes*, 4,10.
 40. N.T. O pensamento é de Cowper, mas o trecho exato do poeta é: «How sweet, how passing sweet is solitude;»

CAPÍTULO XLVII

PARA A CIDADE DE DIAMANTINA

O rio Paraúna e a Aldeia dos Caboclos — O riacho do Vento — A serra da Contagem — Completa transformação dos campos e da vegetação — A vegetação camilinho — Pássaros — Gouveia — Dona Chiquinha — Eclipse solar — Bandeirinha Chegada

Haec Boreas...
Pulvereainque trahens per summa cacumina pallam.
Verrit humum, pavidamque metu, caligine tectus.
Orithyian amans fulvis amplectitur alis

Ovídio — *Met.* vi¹

Assegurei uma partida em ordem de Bom Sucesso enviando com antecedência os meus Calibans para acamparem fora do alcance fatídico da bebida. Segui-os na manhã de 27 de agosto, terça-feira, 1867. A noite fria e ventosa havia acumulado ao norte montes de flocos azulados, guarnecendo um arco de vapores mais claros e mais leves, sinais de um tempo miserável. Enquanto o vento soprar do norte ou do leste toparemos com uma estrada poeirenta, mas não enlameada. Mas se soprar do sul, dar-se-á o contrário. As chuvas aqui iniciam-se no princípio de outubro, com tempestades ou sem elas (*trovoadas*);² se a 15 estiver ainda seco, o povo temerá pelas colheitas. As queimadas.³ começaram entre 9 e 10 de agosto e durarão o mês de setembro. Os trechos de terra são queimados em anos alternados, de modo que nunca falte forragem, e veremos, às vezes, meia dúzia de brasileiros em direções diferentes. O costume é antigo e poético.

...derrubar os virgens matos
Queimar as capoeiras ainda novas
Servir de aduço à terra a fértil cinza
Lançar os grãos nas covas.⁴

Não há dúvida sobre o mal que esse romântico e pitoresco hábito produz nas matas, não contando a madeira desperdiçada. Ele afeta profundamente a vegetação e destrói os mais rijos espécimes. Nestes rudes campos daqui talvez não seja tão contraproducente, uma vez que a grama brota imediatamente e que a potassa é tão útil ao gado.

Alcançamos logo o caminho do campo, a principal estrada ocidental para Diamantina, na falda ocidental da serra Grande ou do Espinhaço. Está separada por um espaço de 10 e 20 léguas do caminho do Mato Dentro, no flanco leste, via serra da Lapa; este último é o mais curto, o mais freqüentado e o melhor, mas, ainda assim, ruim; ambos são detestáveis nos tempos de chuva.

O caminho segue as cristas dos montes e flanqueia as terras familiares dos campos cuja superfície é areenta, com pedregulhos, e saibrosa, com pedras soltas esparsas, raquítica vegetação, cerrados, capões⁵ e matas ou florestas anãs limpas como as famosas florestas de França. O chão, juncado de folhas secas pelos ásperos ventos do norte, é abundante de carrapatos. A água brota em toda parte da argila branca ou do barro vermelho, aqui compacto, acolá lamacento; as pontes rústicas são constituídas de troncos atirados de qualquer maneira sobre dormentes. Há poucos indícios de vida humana; à esquerda há a Rissacada⁶ mero retiro ou ponto de tiro, consistindo de algumas cabanas pobres pertencentes ao coronel Domingos. Após uma hora de íngreme subida, chegamos a um lugar semelhante, o Retiro do Burá, da abelha burá. Aqui meus calibans e seus animais haviam passado a noite e fui muito amavelmente recebido pelo feitor, honrado e corpulento, Sr. Paulino.

Apreciado o inevitável café, apressamo-nos em seguir alegremente nosso caminho, ao pé das colinas cobertas de mata densa e mostrando o capim que nasce vigorosamente do rico chão das queimadas; onde se prepara o roçado, os homens removem a palha com um gancho de ponta de cabo longo. Ao atravessar as límpidas correntes⁷ e atravessar a tapera (da Maria) do Nascimento, a antiga casa de uma falecida viúva, onde os urubus se fartavam na carcaça de um boi morto, atingimos a serra do Burá, que divide as bacias dos rios Bom Sucesso e Paraúna.⁸ Do alto desse espigão, que é em parte relvado, parte alvacento e pedregoso, com faixas de calcário azul, há duas escarpas divididas por um plano.

Do ponto mais alto tínhamos uma linda vista de todos os arredores. À frente está a muralha azulada através da qual corre o Paraúna: em alguns lugares esse cume aparece plano; em outros

apresenta uma formação conhecida localmente com o nome de Tapinhoacanga⁹ ou Cabeça de Negro, massa rochosa com o aspecto de um porco-espinho, com bordos formados por camadas de rocha nua e escura. Atrás de nós estendem-se os campos em ondulações suaves até se perderem no horizonte azul como um anel igual e polido, exceto nos lugares onde algum pico solitário ou um entalhe mais agudo da serrania quebram a sua harmonia, lembrando o "koranic" *W'al Jibalu uutadan*, uma cavilha para prender a terra. Em toda parte no Brasil há a idéia de imensidade. Mas em nenhum lugar como nos campos.

Para além do alto do Burá começa uma descida amarelenta, áspera, pedregosa, com xistos de argila mole e laminada e pedras de ferro porosas como escória ou laterita. Essa estrada conduz ao Cerradão, tabuleiro ou planalto com cerca de quatro milhas de extensão, a princípio estéril, transformando-se depois num solo rico, coberto de vegetação. A relva é o capim-açu, cujo grão é comparado ao arroz e que conserva o gado sempre gordo; no meio das florestas anãs surgem numerosas palmeiras, o licuri, delicado, com as folhas rasgadas,¹⁰ a indaiá¹ e o coqueirinho-do-campo que se ergue ligeiramente acima do chão. O planalto termina em Olhos-d'Água, onde meia dúzia de cabanas reúnem-se à beira de um córrego de água muito pura. Abaixo de nós, à direita, jaz o Paraúna, uma corrente turva que desliza sobre alvíssimo leito de areia e com as margens de argila branca.

Depois de três horas de marcha alcançamos a miserável aldeola de Paraúna, à margem esquerda do rio. Tem uma única rua estreita, em que se alinham umas setenta cabanas de barro, inclusive um grande rancho aberto e oito vendas. A maior parte das construções é de telha. Poucas são caiadas e muitas estão em ruínas. À margem direita do rio há meia dúzia de choças e uma olaria. Esta antiga aldeia indígena foi outrora rica em ouro. Floresceu no tempo da Demarcação Diamantina, que começava aqui. Em 1801 era um arraial, com a maior parte das casas fechadas ou desmoronadas, e mantida por uma guarda para evitar que as pedras preciosas fossem contrabandeadas. Vive agora de seu excelente algodão que alcança 2\$500 a 2\$800 por arroba, e de fornecimentos aos viajantes. A população é conhecida por sua rudeza, possivelmente em consequência da mestiçagem com o sangue índio, contrastando profundamente com as que se seguem. Como não encontramos nenhum acolhimento na casa do caboclo dono da venda chamado Sr. Totó, seguimos corrente acima para a pequena fazenda do Brejo, uma engenhoca pertencente a Manuel Ribeiro dos Santos, mais conhecido como Manuel

do Brejo. Não foi possível visitar um lugar chamado o Brejinho, onde me disseram haver um riacho salgado, que pode ser utilizado.

O Paraúna, cuja boca devemos agora atravessar, drena os declives ocidentais da serra Grande. É um rio inútil e raso, que tem aqui cerca de 200 pés de largura, cheio de cachoeiras e entupido de madeira arrastada. As margens são de barro duro e esbranquiçado cortado pelas chuvas. O vale, planície de barro avermelhado e cinzento, beirado de cascalho e pedras, é estreito e a vegetação rasteira nesta estação está queimada pelo sol escaldante. Os altos das montanhas conservam a mata verde, enquanto os flancos são amarelos com tufos esparsos de verdura. O transporte para aqui é de seis léguas por água, ou quatro a quatro e meia por terra, da barra ou *embouchure* no rio das Velhas. Ao contrário do que dizem os "fazedores de mapas"¹² todos me asseguraram que o rio Cipó, que é alimentado pela serra da Lapa, desemboca no Paraúna, a uma légua por água ou de quatro a quatro e meia por terra acima desta vila. Oito léguas curso acima do transporte fluvial fica o arraial do Paraúna, lugar sem importância. Em 1801 o Dr. Couto declarou que o Paraúna e seus ramos, tanto quanto o Pardo, maior e menor, de fato todas as águas derivadas da serra Grande poderiam ter diamantes. Isso se comprovou ultimamente e há lavagens na confluência do Cipó com o rio das Pedras, perto do canto sudeste da fazenda Rótulo.

A balsa aqui pertence ao coronel Domingos, que a aluga por 600\$000 por ano com direito a passagem livre para suas tropas. O preço é exagerado pois corresponde a \$500 por cinco mulas e quatro peões. Depois do vale ribeirinho à direita começou a subida do costume, contornando e subindo os morros, cujos cimos e bases são de terra, enquanto os lados são invariavelmente guarnecidos de contrafortes de pedra nua, barrancos de saibro, escorregadio como o mármore, com rochas esparsas de arenito azul-escuro.¹³ A estrada vira-se para o sudoeste e ergue-se em ângulos que variam de 25° a 80°, dando um tom peculiar e inesperado ao cenário. A subida a esses lugares é difícil, mas a descida ainda é pior. Da crista deste bordo divisório o rio Preto, correndo no seu leito alvacentos nos mostra a cachoeira do Paraúna, com três quedas distintas, num paredão de pedra, tendo ao fundo o morro Cabeça de Negro. A vegetação, dado o solo arenoso, é a dos detritos do novo Itacolomito. Pela primeira vez no Brasil vi canelas-de-ema, *Vellosiásea*,¹⁴ ou árvores com lírios, peculiares a essas terras altas.¹⁵ Tomam o lugar das urzes, tão comuns na Europa e na África, e das quais disse Gardner que nenhum único espécime foi encontrado no continente americano, quer do sul, quer do norte.¹⁶ É tal como o fato, o bambu

e a araucária, vegetação de épocas passadas lembrando os fósseis do período triássico, enquanto a folhagem lembra a dracena sangue-de-drago. O campo exibia exemplares de todos os tamanhos, de algumas polegadas até dez pés, de ásperas hastes, mero feixe de fibras estranhamente dotadas de articulações que lhes dão o aspecto de pólipos. Esta parte da planta contém resina e, quando seca, é muito apreciada como lenha, já que a madeira é escassa e extremamente cara. Na extremidade de cada uma dessas belas hastes há um tufo de folhas estreitas e delgadas, parecidas com as do aloés. Enquanto marchávamos por esses campos as mulas comiam-nas com prazer. No centro da folhagem há uma flor de tipo líliáceo, de cálice quadrangular e de estames azuis e amarelos que se balançam na extremidade de um caule viscoso. Há uma variedade menor, com flores cor de alfazema que o povo chama de paineira. Esta não deve ser confundida com a paina-do-campo ou da-serra¹⁷ de cujas fibras são feitas as gualdrapas, que deve ser a compósita denominada por Gardner *Lychnophora pinaster*, arbusto rijo que raramente ultrapassa seis a oito pés, de folhas estreitas, semelhante a um pinheirinho e dando um aspecto definido a essa vegetação típica de Minas. Este vegetal atinge maiores alturas em níveis superiores. A caraíba-do-campo, com seus ramos tortos, facilmente se apresentando aos pares, alegria a cena, como se houvesse esparzido goma sobre ela. A forma despida contrasta curiosamente com a bela roupagem da *Mimosa dumetorum*, de um pé de altura, ostentando uma flor aqui cor-de-rosa, ali branca, dez vezes maior que a natural proporção, e com a rósea, branca e escarlate em borlas, do cravinho-do-campo, arbusto cuja raiz é usada como purgante.¹⁸ O povo afirma que a arnica é encontrada em terras mais altas.¹⁹ Todos conhecem o remédio, mas nenhum a planta.

No começo da tarde desci do morro branco até uma gruta vermelha onde nasce um pouco de café, cana-de-açúcar e frutas de plantação para a casa. Este lugar é chamado riacho do Vento, uma corrente limpa e bem arborizada, que corre do norte. Um tal João Alves Ribeiro estava aumentando o seu rancho e o solo estava juncado de troncos de arara, que é um *Anacardium*. O núcleo é cor de mogno e mais duro que qualquer carvalho. A recepção não foi esplêndida. Um tabuleiro invertido serviu de mesa de refeições e os cestos de um quarto de alqueire, de cadeiras. A comida foi como de costume e serviu de sobremesa o pó de fumo, o áspero rolo ou o fino rapé. Em compensação a conta, incluindo o almoço e a recepção custou só 6\$000. Em breve compreendi porque meu camarada me dissuadira de dormir aqui. Ao pôr-do-sol o vento oeste começou a soprar com tal violência, ameaçando carregar as telhas e justificando o nome do

local. Segundo o dizer do povo a violência do vento, que é menor durante os dois primeiros quartos da lua, aumenta na lua-cheia e se torna assustadora durante a lua-nova. Ela vem das altas e frias regiões da cadeia meridional e causa o vento fresco matinal no rio das Velhas. Não havia "pasto fechado"²⁰ e esses tabuleiros fazem facilmente os animais desgarrarem. As nossas mulas perderam-se de saída e não foram encontradas senão ao pôr-do-sol. Foi preciso prendê-las para passar a noite num rancho abandonado e o tinido de suas campainhas demonstrava como estavam esfaimadas. Os homens não se achavam em situação superior.

Demo-nos por felizes por montarmos às 6 horas, posto que a ventania ainda soprasse sobre nossas cabeças, e as estrelas piscassem no céu límpido. Atravessando o riacho do Vento defrontamo-nos com a serra de Contagem²¹ ou do Pedágio. Essa formação da serra do Espinhaço corre de leste para oeste e serve de contraforte do rio das Velhas. Nossa direção era de norte para leste e tivemos que lutar com as rajadas que quase arrebatavam nossos ponchos, castigando duramente homens e animais. Três ladeiras, não violentas, mas duras pelas pedras soltas, conduziram-nos ao toque da montanha. Eram separadas por três pequenas chapinhas²² revestidas de relva e árvores. Em vários lugares havia poças de água. Durante as chuvas o trânsito deve ser terrivelmente difícil. O solo era pela maior parte vermelho, com manchas de areia alvacentas, detritos de rochas. Em alguns lugares estava escuro pelo *húmus* vegetal, em outros lugares cintilavam seixos e fragmentos de quartzo. Há também, lajes e lençóis de itacolomito branco e saibroso que havíamos encontrado na véspera. Em alguns lugares extensas barras cortam o caminho como as paredes rochosas que formam uma cachoeira. Não há nada mais belo que as formas magníficas dessas rochas, ora semelhantes a dois sapos gigantescos ou animais antediluvianos, do período terciário, megatérios e colossocheles vistos de perfil. Havia magníficas pedras mortuárias, verticais ou deitadas e enormes fragmentos atirados em volta, como um brinquedo de gigantes. Depois de duas milhas arrastadas para o ponto mais alto a sudoeste, atingimos o alto da chapada e vimos pela última vez a planície atrás de nós, ondulante a perder de vista em tons de amarelo e verde.

Desapareceram então os rochedos e penhascos e o declive é cortado de norte a sul pelo Lajes, riacho revestido de arvoredo, que desliza sobre um leito de lajes escorregadias, — lugar feio. Não muito melhores são os contrafortes de pedra ou as rochas soltas que se vêem mais afastadas, para além de uma zona de solo ferruginoso rico. À direita um encantador capão, que parecia desenhado, divide a

sombra da zona ensolarada. Aí o gado, nos recantos favoritos, mastigava o succulento capim.²³ Atravessamos uma divisa que vai de leste para oeste. O caminho é interrompido por um fosso de substância escura que depois de trabalhoso exame foi identificado como cobalto. A crista do morro conduz-nos à bacia do Limoeiro, de formação semelhante à que acabávamos de atravessar e cortada por três correntes de água que correm para sudoeste.²⁴

Duas horas mais de massante cavalgada levaram-nos à borda oriental da chapada, onde o cenário mudou subitamente. Aos nossos pés descia uma longa ladeira, ou antes, duas ladeiras, uma grande e outra pequena, com uma superfície de aspecto aveludado, contrastando curiosamente com os rudes rochedos circundantes. Em sua base havia uma corrente fluindo para nordeste. Estamos ainda no vale do São Francisco. Abaixo de nós, um pouco para a direita, um maciço de laranjeiras, pitas e bananeiras, mostra o local da antiga Contagem das Abóboras, agora mais desolada que a Inquisição de Goa. Mais abaixo está a bocaina, ou garganta, vista de longe. À direita o Alto das Abóboras e à esquerda uma massa anônima forma os imensos portais de uma entrada da planície. Massas de areia branca, em alguns lugares escurecidas pelo tempo, de formas estranhas, polidas pelo vento, inclinam-se para o oeste, onde se erguem penhascos, como recifes de um rio. A inclinação verificada, de 70° a 90° empresta-lhes o aspecto de uma cunha, cujo declive posterior inclina-se suavemente em planos quase sempre cobertos de relva. Espalhados em volta há saliências, paredes, cocorutos e serras, de aspecto particularmente rude e neles em vão procuramos alguma relação de ângulos. Aqui Minas sempre cheia de elevações torna-se não montanhosa. Os escritores informam que a formação, em geral arenosa, transforma-se em quartzosa. À frente estão as distantes planícies, visivelmente lisas manchadas com morros escuros, mas na verdade sem meia milha de altura. Mais adiante ainda nova linha de fantásticas rochas.

Entramos agora nas terras diamantinas, que os antigos escritores chamam o Serro, distinguindo Diamantina de Minas das terras diamantíferas da Bahia e de Diamantino em Mato Grosso. O panorama surpreende imediatamente. Há uma completa transformação. Tudo reflete a aridez e a subversão. Os morros não são mais amontoados de barro cobertos de luxuriante mataria. Aqui a vegetação é raquítica e pobre; brotando entre as fendas das rochas, há uma flora campestre pobre, ou uma relva amarela, fundando-se num fraco *húmus*. Mesmo o forte coqueiro aqui degenera.²⁵ Dir-se-ia uma

ruína da natureza, uma terra com serras agudas, riscadas até a medula, denteadas, eriçadas, de picos e de fragmentos de rocha separados por profundas gargantas e fendas. Algumas dessas rochas erguem-se escuras e ameaçadoras outras, mais distantes, com recortes irregulares, com cantos partidos de um azul mais escuro e linhas mais claras. Aqui e acolá, entre os picos áridos, jazem trechos de areia branca ou um pequeno espaço de planície verde, confusos e sem ordem, a raiz mergulhando no coração da rocha. A terra é também selvagem e rude; os fósseis, essas medalhas da criação não pertencem a ela.

Ao primeiro exame do lugar e inspeção de seu material verifiquei como andaram errados os antigos que limitaram o diamante entre 15º e 25º de latitude norte e sul, incluindo assim Golconda, Visapur e Pegu, e fazendo de Bornéu e Malaca as únicas pesquisas equatoriais. Reconheci imediatamente a formação de São Paulo, província em que tantos diamantes foram encontrados.²⁶ Minha pequena *trouville* foi que podemos estender a área diamantina, como temos as camadas carboníferas, e que a preciosa pedra será encontrada em muitas partes do mundo em que sua presença é, pelo menos, de suspeitar-se, e mesmo onde os ignorantes trabalharam o solo à cata de ouro.

Mas ao voltar a casa, vi nos jornais que a *trouville* tinha sido feita para mim. Li em um deles: "Há quinze localidades na Califórnia nas quais foram encontrados diamantes²⁷ no curso da pesquisa do ouro. O *Melbourne Argus* declarava que um "pequeno mas lindo diamante havia sido encontrado numa concessão em Young's Creek, próximo de Beechworth. A pedra era absolutamente branca e a cristalização completa. Era o segundo diamante encontrado em Young Creek." Mais ainda: o *Colesberg advertiser* recordava a descoberta de diamantes nas escavações feitas na fazenda do Dr. Kalk e algumas pedras haviam sido avaliadas em 500 libras"²⁸

O velho Ferreira, meu camarada, usou de palavras muito duras ao passar pelas ruínas de Contagem das Abóboras, que ele chamava de Contagem do Galheiro.²⁹ Ele era uma espécie de Sr. Chocks, extraordinariamente grandiloquente até o momento em que a natureza vence a arte. Ele chamava o calor, por exemplo, "uma temeridade do sol". Um rico minério era "uma barbaridade de ferro" e dizia que "carregasse para a direita" quando queria que seguissemos nessa direção. Quando tinha alguma dúvida dizia que "não tinha ainda verificado" e quando não tomava conhecimento de algo dizia "não ser grande apologista" de tal coisa. Mas se a tradição não carrega demais nas tintas em relação aos "dias de despotismo", como se usa dizer em relação aos tempos da colônia, sua linguagem forte é

justificável. Os soldados e o comandante que ocupavam o rancho em ruínas, ocupavam todas as passagens e inspecionavam os córregos vizinhos, os únicos caminhos ziguezagueantes por onde poderiam passar o garimpeiro e o contrabandista. Os viajantes eram inspecionados e os muleteiros eram obrigados a desmanchar em pedaços as cargas em que os tesouros poderiam estar escondidos. Citam-se casos extremos. Os homens que se banhavam em rios diamantíferos eram açoitados e os que fossem encontrados fuscando neles perdiam as mãos. A tradição aqui é que esse sistema obsoleto foi extinto por D. Pedro I, quando este príncipe popular soube acidentalmente disso, estando disfarçado, à maneira de Harum-al-Rachid, e tomou conhecimento por um tropeiro dessas maldades e injustiças.

De um solo branco passamos a percorrer um chão amarelo-avermelhado, o chamado "mulato", dos Estados Sulinos, e seguimos à esquerda do imenso portal à direita. A descida era suave, mas no fim surgiram os obstáculos do costume: tocos de árvores, buracos de onde as raízes haviam sido arrancadas, barrancas que as mulas eram obrigadas a galgar, a terra vermelha transformada em lama na época das chuvas e a terra escura. Até um riacho nos surgiu. Encontramos umas poucas mulas cerca das 9 horas. Aqui a friagem impede que se levante acampamento muito cedo. Algumas levavam como carga "pedras de forno" nas matas, lousas de itacolomito branco, com 2 ½ pés de diâmetro com uma polegada de grossura; elas são preferidas aos tabuleiros de metal para a secagem de mandioca porque custam de 3\$000 a 5\$000. A fabricação é simples. São retiradas com a'avancas, cortadas em feitiço redondo e oblongo e ficam prontas para o forno. Por conveniência de transporte são às vezes divididas em semicírculos. A pedreira foi-nos mostrada — uma simples aba de um monte, uma gota do oceano que poderia fornecer o império inteiro. Encontra-se bela e pesada pedra-sabão na torrente dos rios. Por 1\$000 obtive um exemplar na forma de um castiçal.

Chegamos, enfim, a uma miserável aldeia, com casas feitas de barro e sapo em pau-a-pique, chamada Camilinho por causa de algum régulo da roça que ali primeiro se instalou. Um honesto rancheiro, Luís Monteiro, hospedou os homens e os animais. Na sua ausência, a mulher deu-nos café e alimentação, enquanto as mulas eram mandadas para um pasto cercado contíguo. Em torno das cabanas ciumentamente fechadas para a estrada, enxameando com galinhas, pombos e negrinhas, uns poucos pés de café e bananeiras sujas pelo vento, enquanto uma única rosa, que aprendera a ser trepadeira, se enroscava no telhado de sapé.

De Camilinho tomamos o rumo nordeste entre duas linhas de pedras. O solo se mostrava sempre o mesmo barro vermelho sobre os topos dos morros, com margens de pedra, algumas vezes avançando em tiras através da estrada, e de cores branca e amarela nas partes mais baixas. Os rudes “esbarrancados”, que aqui são mistura de erosão de águas e rachaduras do sol. Em alguns lugares interrompam o campo, noutros o próprio caminho. São pela maior parte crateras alongadas, cujos ângulos salientes se correspondem. Alguns formam ilhotas centrais como o Monte Saint Michel em miniatura. O melhor caminho é à beira de uma montanha, pela maior parte gasto, cavando largos valos à volta das cristas, como um fosso de titãs. As velhas formações se distinguem pelo tom escurecido e pelo surgimento de árvores nos níveis mais baixos. As novas são frescas, e, em geral, têm no fundo lama ou água estagnada. Os brancos e vermelhos, amarelos e roxos são vivazes como noutras partes da província e o aspecto geral é pitoresco com luz e sombra, especialmente nos tempos em que o sol se deita cedo. À primeira vista dão a impressão de modelos artificiais. Os trechos brilhantemente coloridos sugerem a representação do interior da terra. Encontram-se até “falhas” e “fossos” com pouco escoamento.

O caminho percorre várias ondas de terreno e se enrosca em torno das colinas brancas de pedrinhas soltas e cintilantes. Tanto as subidas quanto as descidas são más e levam de uma a outra água, ora cinzentas, ora cristalinas, correndo para a direita, isto quer dizer, engrossam as águas do Paraúna. De vez em quando surge uma cabana como localidades de mineração e, aqui ou ali, uma moita de mandioca revela a capacidade do solo. Acredito que em muitos lugares a terra suportaria o curto e forte trigo das colônias do Texas. O solo fresco e sombrio enxameia de carrapato e achou-se conveniente mandar um homem à frente para esgotá-los. Aproximamo-nos agora da época da primavera e as cores mais brilhantes se diversificam. A rósea quaresma, aqui pouco desenvolvida pelo frio, cobre os lugares alagados perto do rio. O dourado ipê, o teixo local, também pequeno, prefere as alturas pedregosas. Nos buracos há uma flor que me faz lembrar a roxa Áster. As árvores desnudadas projetam seus tons cinzentos dos caules sobre os fundos de verde mais leve, verde-médio e verde-escuro. Enquanto em volta toda a mataria é vermelho-polido, com a tonalidade das novas folhas do pau-de-óleo,³⁰ célebre luguminosa que prefere terrenos secos e brilha sobre as águas estagnadas.

Os pássaros parecem aqui menos barulhentos que em outras regiões da província. Vi pela primeira vez um pombo peculiar que se encontra desde o baixo São Francisco e se encontra também nos

planaltos da Bahia. O povo chama-o "pomba verdadeira", ou encontro-branco, em virtude dos sinais alvos das asas. É provavelmente uma variedade da *Columba speciosa*, encontrada à beira-mar, cujo pescoço jaspeado e tamanho superior lembra nosso côndor azul. Parecia um gigante ao lado da pomba torquaz,³¹ o maior no gênero pombo (juriti, rola e outras) que habitam essas alturas.

As aves de rapina são excepcionalmente numerosas. Há o caracará, que se emparelha com as águias, mas que se porta, tal como um aristocrata degenerado, vilmente como um açor. Um abutre (*V. Aura*), provavelmente o Acabiray descrito pela primeira vez por Azara, é aqui chamado urubu-caçador. Parece-se na forma com o pássaro vulgar, mas voa alto. A cabeça é vermelha e as asas são negras com traços de prata como o nobre *bateleur* da África. O príncipe Max (I.75) descreve a cabeça e o pescoço do animal acinzentados. Tal não acontece. Ele também atribui o curso distante pelo cheiro, coisa de que duvido fortemente. Outro falcão, conhecido geralmente pelo nome de gavião, tem o hábito de pairar no espaço e é todo como pássaro para caçadas, se ensinado a perseguir e matar a codorna, que é a perdiz local. Se é assim, não haveria dificuldade em adestrá-lo. Há também um raptor pequeno, pouco maior que uma curicaca. A primeira andorinha vista neste ano, na sua faina de buscar climas suaves, foi avistada. A tesoura, roda rapidamente no ar, abrindo e fechando seu rabo bipartido. A bela maria-preta, branca e negra, e o rubro sangue-de-boi ou pitangui espalham-se entre as árvores raquíticas, enquanto o João-de-barro saltita em nossa frente como se tivesse algo a contar. O tico-tico, manso como um pintarroxo, acompanha-nos como enamorado. De vez em quando fere-nos o ouvido o som agudo como de uma serra sobre metal, às vezes isolado, às vezes numa série rápida. Reconhecemos o canto do *bell-bird*³² só ultimamente introduzido na Inglaterra.

Depois de uma hora de cavalgada, galgamos uma ladeira, ao fim da qual deparamos como uma agradável mudança de cenário. À direita, numa baixada verdejante próxima às margens do ribeirão do Tigre, outro afluente do Paraúna, um agrupamento de casas e pequenos campos cultivados. Na aba do morro uma alta cruz negra era sinal recente de um cemitério ultimamente construído e já em uso. Em torno, uma espécie de planície elevada e sujeita a fortes ventos, como provavam as enfezadas bromélias anãs; a relva era espessa, porém castanha na parte mais alta e de um verde metálico na parte mais baixa. Era provavelmente um pasto de primeira ordem. O solo estava semeado de formigueiros, dos quais muitos haviam

sido perfurados pelo tatu. A maioria deles apresentava anexos de cinzento mais escuro, rústicos, como se fossem puxados de velhas casas de campo. As queimadas esbraseavam o céu e a fumaça em frente ao sol, produziam o efeito de uma nuvem ensombrando trechos da terra. Abençoamos a sombra benfeitora. Longe, na direção nordeste, estava a nossa meta, Gouveia — estamos agora a meio da viagem — indicado pelo seu caminho, uma fita vermelho-castanha na pista requeimada de sol. À sua esquerda erguia-se um pico maciço, com listas horizontais onduladas; à direita, quase beijando as nuvens, o chamado morro das Datas ou Itambé.³³ O horizonte é limitado dos outros lados por penhascos agrestes, que parecem contrafortes e de um rio imaginário. Aqui e ali uma protuberância indicadora, com camadas regulares, como se fossem construídas, mas que desafia o homem a construí-las.

Os flancos dos morros revelavam traços de antigas calhas e montões de argila arcenta, restos de antigas lavagens. Em torno de Contagem todo o solo é considerado diamantífero e o povo se compraz em dizer que você está andando sobre pedras preciosas. Isto parece realmente ser pensamento de dia e o sonho à noite deles. A superfície estava ainda disposta em ondas com declives abruptos de solo vermelho e amarelo, profundamente cortada e canalizando as águas³⁴ de três rios quase perpendiculares. A área de escoamento é de noroeste para sudeste, desaguando no rio Paraúna. Pela maior parte são claros pequenos rios, coloridos rosa-vermelho pelo ferro, embelezados pelas areias douradas e aléias de árvores de verde-tenro. Nos pequenos vales marginais e nos morros próximos vêem-se lavouras e cabanas, algumas cobertas de telhas e, perto de Areias, estava uma venda em construção.

Encontramos pelo caminho vários grupos de mulheres de volta de alguma festa, poucas brancas, cobertas de chapéus de palha e enfeites de várias cores, com pretos que carregavam as crianças. Não fugiram, como fazem muitos em outros lugares e os tropeiros foram excepcionalmente bem educados, pensando que eu era oficial do recrutamento; a última barreira levou-nos ao córrego do Chiqueiro³⁵ que é profundo e perigoso durante as enchentes. Estamos agora a uma légua de nosso objetivo para a noite. Agora, após uma longa subida e uma volta rápida para a direita conseguimos avistar, sobre o coeuru do morro, a igreja de Gouveia.

As mulheres, de tom caboclo, carregando madeira, entraram conosco ao passarmos a Cruz das Almas, que se erguia de uma pilha de pedras. Essa cruz lembra-nos as almas do purgatório, e é comum aqui. No morro, à direita, estava uma construção inacabada, N. S.^a 268

das Dores, iniciativa do vigário, o reverendo padre Francisco de Paula Moreira, e do Sr. Roberto Alves Júnior, filho de uma família rica. Achei aquela feia construção de pedra, parecida com alguma coisa que lembra uma única chaminé, semelhante a uma fortaleza, fortificação para uma finalidade inexplicável. Trouxe-me à lembrança os velhos templos portugueses:

“Metade templo de Deus, metade castelo contra os mouros”

Passamos Rosário, capela isolada, com uma única palmeira, e dirigimo-nos ao norte, por uma rua de casas térreas e ranchos abertos, todas com suas frentes de estacas voltadas para a praça. Representavam visivelmente a vila. Após um dia ensolarado e o vento forte, que prometia uma noite fria, procurei gostosamente uma hospedagem, mas não percebi nenhuma. Afinal meu guia lembrou-se de Dona Chiquinha, mulher de um comerciante de diamantes, então no Rio de Janeiro. Seu nome Elizardo Emídio de Aguiar, é escrito e pronunciado pelos seus amigos, Elizaro Hemédio. Aqui comecei a sentir o espírito de civilidade que depois experimentei tantas vezes nessa parte da província. Dona Chiquinha imediatamente recebeu-me. Sua filha casada serviu-nos laranjas, sua neta, flores de laranja, e os escravos, café.

Saí então para passear e ter uma impressão do lugar e escapar de ser considerado um animal estranho. O povo olhava-me com espanto, o que me lembrava os negros de Hogogo.³⁶ Não tinham coragem de me encarar francamente; quando cansados retiravam-se um pouco para fazer novo reconhecimento. As operações de barbear-me e escovar os dentes parece ter provocado uma edificação peculiar. Ao norte da cidade fica a igreja principal, Santo Antônio, ocupando parte da praça, deixando a rua atravancada. Está construída de esquelha. Deve ter sido construída antes da fundação de Gouveia. Tem a frente voltada para sudoeste, voltando irreverentemente seu dorso para Jerusalém.³⁷ De ambos os lados há trechos de calçada aqui e acolá. Em torno dela há poucas casuarinas e coqueiros, nesta estação, dizem eles, peladas. Servem de alimentação a uma enorme lagarta³⁸ que depois se transforma em traça ou borboleta. Depois disso as plantas recuperam-se. A praça exhibe um sobrado, pertencente a João Alves, entre sessenta e quatro casas a leste da igreja. As cinqüenta e oito a oeste têm vários meio-sobrados. As melhores se distinguem por persianas pintadas de azul. O edifício sagrado é torto desde a porta até o cruzeiro. Parece que a intenção é de que os olhos do povo não percebam nenhuma linha reta. Tem quatro janelas e duas torres de catavento com o respectivo galo. Os telhados

laterais são revirados. Há dois sinos e o campanário do nascente tem um relógio fictício. Atrás da igreja fica o cemitério, garbosamente adornado nos cantos de pilares encimados de rústicas e enferrujadas esferas armilares.

A cidade consiste de um caminho rude. A água é escassa e distante. A leste, muito abaixo, fica o usual Lavapés: mais perto fica a rua do Fogo³⁹ espécie de caminho “des affronteux”, e à distância fica o morro de Santo Antônio, cocuruto de pedra assente em pedestal de terra. Ninguém ainda o escalou, posto que seja facilmente atingido pelo sudeste. Para oeste fica a rua do Sossego ou dos Coqueiros, com umas poucas casas esparsas e caiadas de branco, em conjuntos cercados de pedra seca. A vegetação é constituída pela mamona, jabuticaba, mamão, cujas folhas aqui se usam para sopa; a banana é pouca, mas excelente, laranja, o limão-doce, com casca amarga, chamado lima-da-peça.⁴⁰ O café é abundante, mas raquítico e como sempre cresce em amontoados não cercados. As provisões são excessivamente caras, tendo de fazer a viagem que fizemos. O milho⁴¹ custa 4\$000 por alqueire.

Na manhã seguinte quando pedi a conta, a Dona recusou tudo, mesmo um presente; tal era seu hábito como hospedeira e declarou que seus filhos também andavam pelo mundo afora. Montamos às 7 horas da manhã, um vento suave de oeste erguia-se com o sol, enquanto o céu estava cheio de carneirinhos de nuvens. Nosso rumo era nordeste, em direção às pirâmides de pedra escura, a menor abaixo da maior e ambas montando guarda às ricas terras de diamante. Um morro escorregadio, cortado por fendas corroidas pelas águas, conduzia a uma concavidade cheia de mata onde se abrigavam algumas casas de sapé. À direita ficava o sítio pertencente a Roberto Alves, com suas dependências externas, cercados e um cafezal pequeno, porém bem defendido da ventania e em melhores condições que qualquer outro.

Aqui começa o Pé de Morro, ou ladeira, que dura até perto de Diamantina. A estrada, que se enrosca para o lado oeste, é fácil. A de leste, porém, parece ter sido feita para cabritos, com suas pedras soltas e seus tocos petrificados de argila dura cor-de-rosa. Depois a última cai nas condições da primeira e a subida melhora. Do alto tivemos uma boa vista de Gouveia, mas em breve o vento disparando para o norte colocou nossas faces em plena névoa escocesa. O velho Ferreira queixou-se que a “corrubiana”⁴² lhe entrara pelos ossos e quase fez com que ele perdesse o caminho.⁴³

O morro levava a um *plateau* consistente de duas planícies divididas por uma corrente e um prisma rochoso. Um deles tinha cerca de duas milhas a serem atravessadas. Tal extensão de terreno plano é aqui rara de encontrar-se. O gado era de boa aparência não obstante os carrapatos e, provavelmente fortalecido pela água fortemente ferruginosa, dava ao quadro um tom de “pastoral numa várzea”. O capão, porém, não era no estilo “bonito”.⁴⁴ Era agreste e desigual e a terra tostada. Daí por diante a estrada torna-se excelente, larga, nivelada e capaz de receber carruagens. Infelizmente tal como a próxima Agbome,⁴⁵ não passava de um remendo.

Às 9 horas da manhã descemos para Barro Preto, a primeira exploração de diamantes que vi em função. O local é o leito de um rio, as cabeceiras do córrego das Lajes, que alimenta sucessivamente o córrego das Datas (ou a Cachoeira), o córrego da Grupiara e o rio Paraúna. A superfície da terra apresentava montões de saibro abandonados, variando a coloração desde o branco sujo até o branco-leitoso, como detritos de *quartzum lacteum*, torrões de terra e substâncias vegetais, seixos e fragmentos de cristal de rocha. Um fio de água lamacenta escorria banhando o “serviçozinho”.⁴⁶ Passamos por duas choças de sapé, construídas a sopro de onde os negros nos fitaram pasmados, os cães latiam e os porcos grunhiam. O lugar, já conhecido há dois ou três anos, vem sendo explorado nos últimos meses por João e Manuel Alves, filhos de um ancião já centenário. Dizem que eles possuem vários diamantes ultrapassando duas oitavas (valendo, cada um, £ 280) e uma pedra grande, sobre cujo tamanho guardam profundo segredo. Nessas explorações tudo é misterioso e não sem razão. Um diamante excepcional significa nos lugares selvagens pelo menos um assassinio.

Continuando a percorrer a terra diamantina estéril, em que as árvores retinem fazendo de anemômetros, reparei de novo as estranhas formações rochosas do arenito, especialmente no nordeste, de onde vem o vento. Aqui são torres de observação e pirâmides, ali são muralhas que os cielopes não poderiam ter erguido. Aqui topamos com crânios já polidos, ali com ossos quase em pó. Entre eles a superfície do solo é misturada; trechos de areia alvos como caolim, ou manchas de húmus e terra amarela, vermelha, roxa, com ocre e hematita, salpicavam aquela imensa extensão de terra avermelhada e escura. Esta é comparativamente fértil e coberta de paus pretos queimados donde surgia a grama de verde metálico, firme e agressiva como uma barba hirsuta. Um eclipse anunciado ocorreu. O sol diminuiu como um crescente, mas a névoa era tão densa que os efeitos

foram quase imperceptíveis. Ninguém prestou atenção ao fato nem eles

Si fractus illabatur orbis⁴⁷

não porque outras coisas lhes prendessem a atenção, apenas por falta de curiosidade. O velho Ferreira tinha razão quando dizia que o eclipse era a causa “daquela maldita corrubiana”,⁴⁸ mas nessa ocasião ele não podia pensar em coisa alguma.

Continuando a subir atravessamos três correntes em direção a oeste⁴⁹ separadas por elevações e descidas do terreno. Perto da primeira havia um agrupamento de cabanas e sinais de indústria. O rude Baco⁵⁰ primitivo, espécie de tina triangular feita de tábuas e pedras de arenito esperava as chuvas para a lavagem dos montões de saibro das proximidades. Após três milhas de solo sáfaro, alcançamos Bandeirinha,⁵¹ casa caiada de branco, cercada de poucas árvores, e um pasto fechado fronteiro a um rancho aberto. Maria Augusta de Andrade, na ausência do marido, José da Rocha, mineiro, comerciante, rancheiro etc., levantou-se, tremendo de frio e preparou um desjejum para nós: o vento sudeste soprara durante cinco dias, e à minha volta, cinco dias após, encontrei-o ainda soprando.

Faltavam agora só dez milhas. Em meia hora subimos um morro pedregoso de solo vermelho e branco. Trata-se da grande linha divisória entre os rios São Francisco e Jequitinhonha, deste ponto as águas encaminham-se para o norte, tendendo para o oeste. À esquerda havia uma estrada conduzindo através das pequenas aldeias de Guindá, Brumadinho e o rio das Pedras, para as minas de São João.⁵² Defronte estende-se uma imensa subida castanha, com trechos de areia alvacentas e cintilantes, e aqui e acolá havia abundância da palmeira aqui chamada coqueirinho-do-campo, de aspecto anão, devido à ventania. Perto do horizonte, cocurutos amontoados de rochas recortavam uma linha, e longe, erguia-se a muralha azul que serve de base à pirâmide do Itambé. Passamos à esquerda o Guindá, assim chantado por causa de seu rio, largo, arenoso e raso, em outros tempos muito rico e hoje ainda em produção; ele alimenta o rio das Pedras, do Caldeirão, o Biribiri, o Pinheiro e o Jequitinhonha. O Guindá é uma povoação mineira, cercada de escavações vermelhas e parece de longe um alto formigueiro. Tem uma única praça e uma grande cruz preta, alguns abrigos para tropeiros e casas decentes e regulares. Nisso consiste toda a vila. Além fica Brumadinho, povoação semelhante, mas menor. Avisamos então, muito acima, uma muralha rochosa, de aspecto sombrio, alegrada por um caminho alvacentos que serpeia à sua volta. É a estrada nova e boa, que leva a Men-

danha, no Jequitinhonha e daí a Salvador na Bahia. Atravessando o rio das Pedras, ao norte, riachinho cristalino em leito de arenito, galgamos o morro, avistando então, do lado do Oriente um casarão enorme, cercado por algumas choças, colocado aparentemente à beira de um precipício: era o Seminário Episcopal.

Diamantina estava à distância de um tiro de mosquete. Era preciso, porém, fazer uma grande volta para o norte de modo a alcançar a estrada principal. Vadeamos o riacho das Bicas, assim chamado devido a uma velha e rica mina de ouro no morro atrás do Seminário. Este lava-pés corre para este e deságua num pequeno rio São Francisco, ao sul da cidade.

As escavações estão repletas com Aroid, com um fruto comestível chamado imbé ou guaimbé, em tupi *tracuans* (*Philodendrum grandifolium*).⁵³ Gosta de alagadiços e cresce desde o nível do mar até 3.000 m de altitude. Nova subida íngreme, a última, ladeada de araucárias raquíticas, conduziu-nos até o topo do monte e à habitual Cruz das Almas. Daqui o viajante vê o primeiro panorama da cidade que se estende a seus pés. É um "Pangani" brasileiro⁵⁴ uma povoação "num buraco". O primeiro golpe de vista sugere

*Diraram nidis domus opportuna volucrum.*⁵⁵

Contudo dela canta o poeta local Aureliano J. Lessa:

Alvas como cordeirinhos
Que se levaram na fonte?
Qual dragão petrificado
Aquela serra curvado
Que mura a cidadezinha?
Pois essa cidade é minha
É meu berço adorado.⁵⁶

Notas ao capítulo XLVII

1. N.T. O trecho de Ovídio pode ser assim traduzido:

Eis que Bóreas...
Passeia pelos cimos dos montes seu manto poeirento
Varre a terra e, coberto por uma nuvem,
Envolve carinhosamente com suas asas
Oritia, que tremia de medo.

V. *Les métamorphoses d'Ovide*. Trad. franç. de Gros., 6.^a ed., Paris, Garnier s. d.

N.A. *Itinerário de Bom Sucesso a São João* (via Diamantina)
(aproximadamente)

		tempo horas	distância milhas	
1)	Bom Sucesso a Burá	» 1,15	» 6	
2)	» a Paraúna R.	» 3,0	» 9	1.º dia
3)	» a Riacho do Vento	» 2,10	» 8	23 milhas
4)	» a Contagem	» 2,15	» 8	
5)	» a Camilinho	» 1,15	» 4	2.º dia
6)	» a Gouveia	» 4,15	» 16	28 milhas
7)	» a Bandeirinha	» 3,45	» 14	
8)	» a Cid. de Diamantina	» 3,0	» 10	3.º dia
				24 milhas
9)	» Mina de S. João	» 4,30	» 18	dadas como 16 milhas
	Totais	25h25'	» 93	

Os guias avaliam 10 léguas ou quarenta milhas entre Bom Sucesso e Camilinho. Colocam Diamantina a 16 léguas (48 milhas) do rio das Velhas, e metade dessa distância do ponto mais alto navegável do rio Paraúna. De Bandeirinha às minas de Datas eles contam três léguas e eu percorri de São João a Bandeirinha (20 milhas) em quatro horas e trinta minutos.

Diamantina é dada geralmente como ficando a 56 léguas (224 milhas) da capital da provincia, distância que precisa ser encurtada. A mina de São João é localizada a 32 léguas (128 milhas) da vila de Guaicuí, na foz do rio das Velhas.

2. N.T. Em português no original.
3. N.T. Em português no original.
4. N.A. Gonzaga, *Liras*, parte I, 26.
5. N.A. Há dois capões principais, separados por duas milhas: o capão das Moendas, às quais fornece madeira dura, e o do Padre (Antônio). Estão ambos perto de correntes que correm para o Bom Sucesso, e daí para o rio das Velhas. Os desvios do costume são os piores lugares.
6. N.A. Traduz-se por *bosque*. Nos dicionários *ressaca* corresponde ao francês *ressac*, força da maré.
7. N.A. O primeiro é o córrego da Rissacada, que às vezes enche e é perigoso. O segundo, de aspecto sem importância e conhecido como Correguinho.
8. N.A. Rio de água preta, do tupi *pará* e *una*.
9. N.A. St. Hil. (III, II, 103) deriva a palavra de *tapanhuna*, que, segundo ele, na língua geral quer dizer negro. Mas o último é

pizuna ou *pituna*, cuja forma contrata é *una*. Os dicionários mencionam *aba*, homem, *tapyynhuna* ou *tapyyuna*, contraído em *tapanhuna* ou *tapanho*, que quer dizer negro, e *acanga*, cabeça.

10. N.A. A palmeira licorim não se deve confundir com a aricuri (*Cocos coronata*), que é comum nas latitudes costeiras. Cresce até vinte e cinco a trinta e cinco pés de altura, com a folhagem semelhante ao coqueiro. Os frutos pendem em cachos e cada coco é recoberto com um pericarpo espesso amarelo e adocicado. As araras são atraídas por esses cocos de licorim e quebram o miolo com seus bicos possantes.
11. N.A. Também se escreve indajá e noutros lugares pronuncia-se andaiá. O príncipe Max chama-a Ndaia-açu e descreve-a (II, 30). Na serra costeira e na beira-mar pode-se realmente dizer dessa *Attalea compta* que «l'arbre est majesqueux; c'est un des plus beau palmiers dans ce pays». Nos campos são raquíticas, quase sem tronco. As folhas não são comidas, salvo por um gado faminto. A noz é pequena e muito dura, com uma amêndoa parecida com a do *Cocos nucifera*.
12. N.A. Burmeister é um amontoado de confusões. Gerber dá o Cipó como afluente do Paraúna, quase ao chegar ao rio das Velhas e chama a junção de Três Barras.
13. N.A. Para evitar as rochas de arenito, uma estrada, ou antes, um caminho foi traçado à esquerda, galgando uma colina escura e poeirenta, não gasta até a pedra e que apresenta uma ligeira sombra.
14. N.A. Assim chamadas em homenagem ao Dr. Joaquim Veloso de Miranda, jesuíta e botânico, nascido em Minas Gerais.
N.T. Veloso de Miranda (1750-1817) não era jesuíta. Foi professor da Universidade de Coimbra. Vandelli homenageou-o dedicando-lhe o gênero *vellosia*.
15. N.A. Florescem, creio eu, na serra do Ouro Branco. Encontrá-la-emos no curso médio do rio São Francisco onde recobrem os declives ocidentais da chapada baiana.
16. N.A. Não será preciso dizer que esta não é a convicção dos botânicos. Só a Australásia tem epacridáceas em lugar de urzes.
17. N.A. St Hil. (III, I, 247) fala em paineira-do-campo (*Pachira marginata*), cuja casca é raspada para encher colchões. Também ouvi falar da paina-do-serro, palmeira que alcança alturas enormes. O tronco é mais grosso para cima e o aspeto geral é de um grande sagüeiro. A folhagem assemelha-se à da indaiá e é utilizada no fabrico de chapéus.
18. N.A. Provavelmente uma mirtácea. Deste gênero muitas são chamadas craveiro-da-terra, cravo-nativo.
19. N.A. Os brasileiros erram pela maior parte chamando de arnica uma compósita conhecida por nós como *Eupatorium ayapana*.
20. N.T. Em português no original.
21. N.A. Essas contagens foram estabelecidas com o consentimento do soberano em 1714, quando a capitação dos quintos foi lançada.

Dr. Couto diz-nos (1801)) que Vila do Príncipe era uma das quatro contagens dos sertões e explica: «chama-se sertões nesta capitania as terras do interior, distantes das vilas mineiras e onde não há mineração». Segundo a sua *Memória* eram elas:

Caeté Mirim, com a renda anual de	766\$400
Rebello	781\$187
Inhacica (no rio Jequitinhonha)	436\$887
Contagem-de-galheiro ao sul	1:146\$437

Os lucros totais das quatro contagens não passaram de 5:446\$624, i. é. £544, sem contar as despesas com a manutenção dos quartéis, mudanças de postos e assim por diante. O autor ridiculariza com razão um sistema, que para tão pífios resultados provocava tanto transtorno. Os que arrendavam as contagens só pensavam em localizá-las onde dessem mais lucro. Quando se descobria uma nova mina, cercavam-na com um cinturão de obstáculos e assim perdiam tudo tal qual o lavrador que ceifasse antes da hora. Os impostos deviam ser cobrados à saída das fronteiras ou à entrada, sobre os artigos importados, nunca porém no sertão, onde as coisas importadas pagam o dobro e onde as taxas eram tomadas daqueles que haviam comprado produtos fabricados na terra.

N.A. Na edição das «Memórias sobre as Minas da Capitania de Minas Gerais», edição da *Revista do Arquivo Público Mineiro*, vol. X, p. 120, a renda das contagens é assim apresentada:

Caetemirim	766\$400
Rebello	781\$187
Inhacica	436\$887
Pé do Morro	452\$713
Galheiro	1:146\$437

22. N.T. Em português no original.
23. N.A. Não vi sinal de berne ou verme. Mas ninguém faz criação e os rebanhos eram pequenos.
24. N.A. O primeiro é o Pindaíba, de leito lamacento onde as mulas se atolam, mesmo na seca Um caminho áspero de arenito branco à beira de um precipício, defendido apenas por algumas varas conduz ao riacho da Vereda. Essa palavra aqui significa campina ou planície pequena. A corrente vinda de norte para o sul, desliza sobre um leito claro e escorregadio, de rochas de arenito. À esquerda fica um local onde os tropeiros costumam acampar. O terceiro é o Limoeiro, escuro, barrento, com um denso capão um pouco adiante. Em regra a água é o que há de melhor, «puro veículo para formar as mais finas cristalizações». Em certos lugares uma areia branca está espalhada sobre a lama preta, invertendo o processo usual.
25. N.A. Quando guarnecido de húmus suficiente o itacolomito degradado é um solo fértil.
26. N.A. O Sr. Claude Joseph Barandier, pintor francês, encontrou um pequeno diamante em Campinas, São Paulo. Um outro encontrado a «formação», ou pedras que se supõem acompanhar a

pedra preciosa, em muitas partes da província, no vale do Paraíba do Sul e até perto da cidade de São Paulo. Um belo espécime de diamante negro, perfeitamente simétrico, foi encontrado no rio Verde, perto da fronteira das províncias de São Paulo e Paraná. Além disso o Tibaji e outros afluentes do Paraná são sabidamente diamantíferos e forneceram pequenos espécimes postos pela natureza na rocha chamada canga.

27. N.A. O «California diamond» foi a princípio um pedaço de cristal de rocha.
28. N.A. Quando viajava na Virgínia, ouvi falar de um verdadeiro diamante recolhido perto de Richmond. Pesava cerca de vinte e quatro carats e cortado pela metade. Foi vendido por uma pequena soma já que faltava água.
29. N.A. O Galheiro fica ao norte do rio Pardo Grande, seis ou sete léguas ao norte do rio Paraíba. Há hoje uma fazenda no Galheiro, que pertence a vários donos. É regado pelo riacho do Vento.
30. N.A. Pau-de-óleo, *Copaifera officinalis*, que se escreve também caopaiba, cupaíba e de vários outros modos.

O *Caramuru* (VII, 51) descreve-o como

A copaiba em curas aplaudida

Os índios que conheciam bem a medicina, coletavam-na em cuias de coco calafetadas com cera e durante o verão os recipientes onde ela era guardada apareciam cobertos de gotículas no exterior, provando a sua tenacidade. Em 1787, segundo Ferreira, um pote lisboeta de 9 canadas (cada uma equivale a dois litros) custava de 6\$000 a 6\$400 e a *caprivi* era considerada uma importante importação, sendo credora de várias pseudovirtudes. Os pintores também a empregavam em vez do óleo de linhaça, mas não em lugares expostos ao tempo, pois com facilidade se desfaz. A copaiba é aqui vendida nos armazéns, mas é considerada um remédio violento e usado unicamente nas moléstias do gado. A estação para a coleta deste precioso bálsamo começa com a lua-nova de agosto. O povo diz então que a árvore «chora todo o mês de agosto», como a mirra. Um só tronco enche muitas garrafas. A casca é toda retalhada e mechas de algodão são colocadas para o escoamento da resina. O povo crê que o maior rendimento se processa durante a lua-cheia e que vai diminuindo até o minguante.

31. N.A. A palavra vem do latim *Torquatus*, e refere-se ao anel em torno do pescoço. Vulgarmente usa-se a corruptela *trocaís* e assim é registrado pelo príncipe Max. (I, 396). Entre a gente inculta no Brasil a infeliz letra *r* é sujeita, entre muitas outras ofensas, a uma excessiva mania de transposição.
32. N.A. O desenho de um espécime, que alcançou a Inglaterra ultimamente, apareceu no *Illustrated News*. É o *campanero* ou pês-saro campainha, descrito na última geração por Waterton, que se faz ouvir a uma «distância de cerca de três milhas». O *Chas-morhynchos nudicolis* é popularmente chamado araponga cor-

rupção de *guiraponga*, de *guira*, pássaro, *pong*, onomatopaico e *a*, o que existe. Saint-Hilaire deriva-o (III, I, 26) de *ara* dia, e *pong* «son d'une chose creuse». Previne-nos que não devemos confundir-lo, como o Sr. Walsh com o «ferrador», ou sapo-ferreiro. Mas é curioso dizer que, por uma vez, o Sr. Walsh tem razão. O *Dicionário da língua tupi*, de Gonçalves Dias define guiraponga como «ferrador-ave». Castelnau menciona o pássaro-ferrador (I, 274) e (I, 169) e sapo-ferrador, que o príncipe Max chama de ferreiro. O *Procnias* (gênero formado por Illiger), é chamado nudicolis pelo seu fino pescoço, manchado de verde, que se destaca na plumagem branca de neve. Não tem crista, como a figura que aparece em Kidder e Fletcher (ed. de 1857 e com o nome de uroponga. A ave que tem um tubérculo é a cotinga, chamada guiraponga ou *Ampelis carunculata* (Linn.). O Príncipe Max descreveu outras espécies dessa família notável como, p. ex. o *Procnias melanocephalus* (I, 260) e o *Procnias cyanotropes* ou *ventralis*, com reflexos azuis e verdes (I, 291). A peculiaridade desse *stentor* alado é a desproporção da nota com o tamanho. Ouvimos o bater de um martelo sobre uma bigorna e o pássaro que o produz tem apenas o tamanho de uma pomba-rola.

33. N.A. Ita-mbé, a grande pedra ou rocha. St. Hilaire propõe outra derivação (I, I, 294): de *ya aymbé*, pedra de amolar. São duas formas do nome como veremos.
34. N.A. O primeiro é o Água Limpa, em cuja margem esquerda ergue-se um penhasco esguio de aspecto vulcânico, devido às queimadas. Adiante, à direita, apresenta-se um pequeno lago prateado, com uma ilhota acidentada, o ribeirão das Areias se espalha largamente com uma ponte de oito cavaletes, cerca de sessenta e três jardas de comprimento. Nesta época do ano é vadeável. O terceiro, ribeirão das Almas, que apresenta a particularidade de ter um fio de água cristalino que acompanha a correnteza principal, está de cor turva de ardósia devida às lavagens nas cabeceiras. A terra é vermelho-enferrujada pelo óxido de ferro. É muito fértil, produzindo laranjas excelentes e jabuticabas, além de café e bananas.
35. N.A. É um nome aqui várias vezes empregado. Próximo a Ouro Preto há um lugar denominado Nossa Senhora da Conceição do Chiqueiro do Alamão (em vez de Alemão).
36. N.T. Ugogo, região da África Oriental Equatorial, visitada pelo autor. Ocupada pelos negros do tronco hamítico. Pertencia à antiga África Oriental Alemã.
37. N.T. As igrejas eram primitivamente orientadas para o oriente. Na Igreja Ocidental esse costume se perdeu.
38. N.A. O *Curculio palmarum* é um petisco na África e é gulosamente comido pelos índios sul-americanos. Nunca o provei, mas há viajantes brancos que me informaram que tem um sabor agradável e mesmo delicioso.
39. N.A. Rua do Fogo não é nome raro nas cidades do Brasil, para indicar que nela as bebidas e, conseqüentemente, os conflitos abundam.

40. N.T. Deve ser lima-da-pérsia.
41. N.A. Nesta região o alqueire de milho regula os preços, como o quarto de pão na Inglaterra. Vi-o em São Paulo, capital, onde o preço flutuava entre 2\$000 e 4\$000 ou, mais precisamente, entre 1\$490 e 4\$160.
42. N.A. A palavra é popular em Minas Gerais e também, creio, no Rio Grande do Sul. Alguns caipiras pronunciam-na «cruviana». N.T. Assim a registra o *Dicionário de Aurélio*.
43. N.A. A mão direita uma estrada dirige-se a Datas, propriedade do coronel Alexandre de Almeida Silva Bittancourt. Chega no fim à cidade, mas após um longo percurso.
44. N.A. O «capão bonito» é comum em São Paulo, onde a grama verde ou amarela estende-se como um tapete aveludado entre árvores de tamanho regular.
45. N.T. Povoação na antiga África Oriental Francesa.
46. N.A. Pequeno serviço. É termo ainda usado em Minas Gerais e Bahia nas lavagens de diamante exploradas por uma tropa ou um grupo de escravos dirigidos por homens livres.
47. N.T. A frase é de Horácio e traduz-se: «Se o mundo tivesse de despedaçar-se».
48. N.A. Talvez fosse realmente o caso. Na minha volta a névoa ameaçou tornar-se mais densa, mas o sol em breve a dispersou.
49. N.A. O primeiro é o córrego de João Vaz, assim chamado por causa do nome de um antigo habitante cujos descendentes ainda especulam com diamantes. Eles têm sete cabanas, uma delas bem caiada caprichosamente. Corre para o córrego do Capão e daí para o rio Pardo Pequeno. Durante as chuvas é perigoso. O segundo é conhecido como o Braúna (*Melanoxylon grauna*), com leite pedrento, cheio de rebojos chamados caldeirões. Nesta época não passa de um fio de água que também vai alimentar o córrego do Capão. Só há uma casa construída à sua margem.
50. N.A. Essa tina corresponde à canoa usada na lavagem do ouro.
51. N.A. O Dr. Couto em 1801 menciona o sítio da Bandeirinha, ou comando. Burmeister escreve erradamente Bandeirinho. Esses nomes de «bandeira» são comuns e datam do tempo das expedições escravizadoras.
52. N.A. V. cap. 9.
53. N.T. Planta trepadeira da família das aráceas. No *Dicionário de medicina popular*, de Chernoviz (cit.) fazem-se largas referências às qualidades medicinais do imbé. O «guaimbé», tal como é chamado em São Paulo, é uma planta que se estende como cipó. Pode crescer e tornar-se alto. Quando velho, o guaimbé dá o que o povo chama de banana de guaimbé, espécie de fruto, parecido com a espiga de milho.
54. N.T. Cidade da antiga África Oriental Alemã, hoje Tanzânia.
55. N.T. Ninho adequado às Fúrias ardentes.
56. N.T. Aureliano Lessa (1828-1861): *Poesias póstumas*.

CAPÍTULO XLVIII

DIAMANTINA

Descrição da cidade — A sociedade — Popularidade dos ingleses no Brasil — O diamante no Brasil, sua descoberta etc. — Valor da exportação de diamantes.

«O clima suave desta região torna seus habitantes mais fortes e saudáveis que os do sertão. Aqui encontrei as mais lindas mulheres do Brasil.»

Gardner, cap. XII.

A localização de Diamantina é peculiar: cheia de precipícios para o leste e o sudeste, enquanto a parte norte é uma continuação dos campos. A incipiente cidade alta é a localidade mais favorável e mais saudável e por aqui se expandirá. A “cidadezinha” se expande para a face oeste, na direção de uma montanha fortemente inclinada e vai encontrar ao fim o vale profundo do rio São Francisco ou rio Grande, cujas águas, escoando as terras baixas das proximidades, alimentam o rio mais importante desta bacia, o rio Jequitinhonha, que dista três léguas daqui em linha reta e cinco ou seis por vias travessas.¹ A largura do leito da corrente, que aqui corre de norte para o sul, é coalhada de montes de terra castanho-vermelha e verdejante vegetação. O meio é branco, restos das antigas escavações. Agora só um fio de água desliza entre as pedras, mas após as chuvas torna-se perigoso. Uma pequena ponte foi construída para proteger as vidas durante as inundações. A face mais afastada da depressão é constituída por uma áspera muralha de pedra cinzenta, branca quando golpeada pelo martelo, cujos contrafortes projetam-se em escarpa íngreme a partir da base, coberta por montões de terras de lavagem de muitos anos passados, agora irregularmente cobertos de relva, agora castanha.² Vista do Alto da Cruz a cidade apresenta um ar próspero e importante. Está muito mudada desde 1801, em que como Arraial do Tejuco — “vila da lama”,³ não possuía senão construções de madeira. Também não pode ser identificada nas páginas de Gardner e M. Barbot,⁴ que a descreveram como era durante a última geração. Abaixo de nós está uma infinidade de casas pintadas

de rosa, amarelo e branco, com grandes jardins que as isolam das ruas largas e amplas praças, onde se distinguem edifícios públicos de tamanho superior e uma confusão de igrejas com uma ou duas torres que testemunham a piedade local.

Do Alto da Cruz seguimos para o largo do Curral,⁵ o melhor ponto da cidade, ou melhor fora da cidade, na zona mais bem construída. Antigamente o gado era ali encurralado e abatido. Hoje uma cruz alta e escura transformou-o numa praça respeitável. Descendo a boa calçada da rua da Glória, outrora "do Intendente", passamos à esquerda o sobrado da Glória, que começou a vida como Intendência dos Diamantes, depois tornou-se o Paço Episcopal interino e hoje abriga as irmãs de São Vicente de Paulo, que encontramos no caminho perto do Caraça. Dentro dela os carpinteiros estão em atividade, cortando em pedaços madeiras ainda em bom estado, após um século de uso: possui ao fundo uma larga varanda à moda antiga, olhando para um jardim ao fundo, com o melhor solo e servido com a mais pura água. Em frente fica o alto sobrado pertencente ao tenente-coronel Rodrigo de Sousa Reis, cuja mina deveremos agora visitar.

A rua da Glória⁶ corta em ângulos retos uma rua chamada, ninguém sabe por que, Macau do Meio.⁷ Não deve ser confundida com o largo do Macau⁸ onde fica a Enfermaria da Caridade, um longo e largo edifício pertencente a uma irmandade. A rua de Macau do Meio, apesar de mal calçada possui boas lojas, o Hotel Cula⁹ e a igreja de São Francisco, cujas portas e janelas estão colocadas em molduras muito feias, rajadas de vermelho, cor aqui da moda, com pretensões a parecer mármore. Uma fonte de seis faces e duas bicas, em grotesco estilo egípcio, enquadra-se num muro e data de 1861. Aí começa a rua Direita,¹⁰ como sempre torta, íngreme e mal calçada. A maior parte das casas é de construção relativamente nova e com janelas rebuscadas, algumas conservam a folha da janela, algumas têm balcões e rótula, outras gelosias gradeadas em madeira cor-de-chocolate. Em breve serão tiradas. Essas antiquinhas são muito naturalmente desprezadas no Brasil. Aqui a *Temple Bar*¹¹ teria sido fotografada e logo removida como empecilho. Quanto mais cedo for removido o velho pelourinho, tanto melhor para a progressiva Diamantina, é o que sugiro.

No largo da rua Direita ou de Santo Antônio está a Casa da Câmara, um edifício humilde, exibindo as armas imperiais.¹² Foi usado ultimamente como Loja Maçônica. Isto foi proibido, com bastante justiça, porque um padre português, padre Luís, tornou-se um

dos irmãos. Defronte da Câmara na direção da estrada real, está a Matriz, cujo orago é Santo Antônio. É uma ilha com uma plataforma elevada voltada para o lado norte do morro. Um muro de pedra indica o cemitério a ser banido o mais cedo possível. A fachada, compreendendo dois corpos com janelas e óculos praticados na parede grosseira de taipa é caiada num tom de cinza-azulado francês, enquanto as portas e janelas são pintadas cor-de-chocolate. No topo a cornija é toda feita de madeira, inclusive o campanário, primeiro caso que vi no Brasil, e através de sua única abertura avista-se um sino dourado. Possui a torre um relógio curioso de descrever que anda, porém está errado e tem como acabamento a clássica esfera armilar com o cata-vento cujo galinho se assemelha muito mais a um dragão. Não há nada que descrever no interior desse ou qualquer outro templo de Diamantina, e o trabalho de madeira dá sempre uma sensação de instabilidade.¹³

Estamos no coração da cidade, no centro da atividade comercial. À esquerda da praça está a Intendência de Sousa Reis.¹⁴ “Intendência” quer dizer aqui uma espécie de mercado bem provido, embrião do *Sotto Borgo* de Pisa. A intendência Sousa Reis é uma propriedade privada e sob sua ampla varanda sombria vende-se tudo, desde farinha até rapé. Tudo que é necessário no sertão. Abaixo e para o leste fica um larga praça aberta, a Cavalhada Nova,¹⁵ para distinguir da “velha” mais abaixo e quase fora da cidade. Esses espaços em branco eram assim chamados para os carrosséis à moda portuguesa que, como as corridas de touros, outrora completavam cada festividade. São hoje obsoletas no Brasil posto que conservem sua vitalidade na Itália, em Portugal e mesmo na Madeira anglicizada. O último *tournament* que assisti foi na ilha do Fogo, em Cabo Verde.

Atravessando a praça e, deixando à direita a rua da Quitanda,¹⁶ encontrei a casa de meu hospedeiro, Sr. João Ribeiro (de Carvalho Amarante), no lado norte da praça do Bonfim. No andar térreo está instalado um armazém de secos. Há ainda um escritório interior onde são guardados os diamantes. A sala de jantar e a cozinha ocupam as partes posteriores do prédio. Acima ficam os alojamentos da família. O hospitaleiro lisboeta confessou francamente ter começado a vida como condutor de burros. É agora o mais rico comerciante onde todos são comerciantes e fornece mantimentos até para Guaicuí e Januária.¹⁷ Em Pé do Morro, perto de Curumataí,¹⁸ afluente do Jequitinhonha, possui uma grande fazenda, onde cria gado, produz provisões e fabrica açúcar e aguardente. Tem sob sua responsabilidade cerca de 50 escravos e, em nenhum lugar, tanto quanto conheço o Brasil, os negros são tão inquietos como os da região em torno

de Diamantina. Muitos deles fogem para o mato e tornam-se “quilombeiros”, bandidos negros, dispostos para qualquer atrocidade que a covardia deles julgue segura. Aqui ninguém viaja, mesmo de dia, sem ter as armas prontas para o uso e sem observar os cantos. São hábeis como Canídia e Locusta, e muito habituados ao uso de estramônio.¹⁹ Um sintoma comum é uma dor intensa nas pernas, afirmou-me um médico, causando mal-estar e dores. Muito dono de escravo desconfia dos sintomas de envenenamento e só a morte rápida do paciente convence o senhor. Ocorreu recentemente um caso em Pé do Morro. O dono fará uma visita e dará um terrível exemplo ao envenenador. Assim é que a ameaça de um motim de escravos foi sumariamente abafada em 1865 pela chibata e pelas galés.²⁰ Também ninguém teve o destino do governador Eyre.²¹

O Sr. João Ribeiro destinou-me à sua casa de hospedagem de solteiros à rua do Bonfim, assim chamada por causa de uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Bonfim. A rua tem o aspecto de uma praça irregular, onde só se ostentam um bom barbeiro, uma relojoaria e uma farmácia. Naturalmente todas as mercadorias são vendidas por um preço extravagante. Considerando-se a dificuldade de transporte isso não é de admirar-se.²² Partindo da rua do Bonfim, a rua do Amparo é calçada toleravelmente, dirige-se para leste, indo ter ao vale do São Francisco. Passa pela igreja de Nossa Senhora do Amparo. A fachada estava adornada com lâmpadas de vidro coloridas, e no domingo de manhã os foguetes anunciaram que se realizava uma novena. A melhor água potável é trazida do fundo do vale, onde há apenas algumas casas, palhoças espalhadas, deixando bastante espaço para construção. Se você não tiver medo de cobras, carrapatos e espinhos, você pode abrir caminho até as margens do rio.

Meus três dias passados em Diamantina deixaram-me a melhor impressão acerca de sua sociedade. Os homens são os mais francos, as mulheres as mais bonitas e as mais amáveis que até agora tive a fortuna de encontrar no Brasil. Os estrangeiros em toda parte nessa região recebem uma hospitalidade cordial, mas aqui o acolhimento é particularmente caloroso. Talvez a salubridade do lugar tenha alguma coisa que ver com isso. Logo que me instalei fui imediatamente procurado por moços do Rio de Janeiro aqui chamados *cometa*. Delicados, serviçais e bem informados, eles nada têm de comum com a grosseria do *commis-voyageur* europeu, ou o *commercial traveller*. O ofício é honroso como qualquer outro. Pode-se dizer na verdade, e grandemente para crédito do Brasil, que aqui nenhum homem se considera inferiorizado por exercer uma indústria honesta, por mo-

desta que seja. Conseqüentemente a sociedade ignora a *mauvaise honne* acerca das profissões que distingue o velho mundo, onde vi um homem enrubescer por confessar que seu pai era um doutor, e onde Faraday foi louvado porque ousou confessar em público que seu irmão era um colocador de tubos de gás.

Minha primeira noite passei-a na casa de John Rose, um cornualhês, a princípio mineiro em Morro Velho, depois pesquisador de diamante, carpinteiro, pedreiro, arquiteto. Sua última obra realizou-a no palácio do bispo. Com sobriedade e boa conduta ele acumulou algumas £5.000 e hoje pode gozar amplamente seu gosto pela independência de atos e palavras. Não foi tão agradável outro estrangeiro que revelou logo seu caráter diabólico insultando em altas vozes os brasileiros e declarando que eles não permitem senão a eles prosperar. Não mencionarei seu nome porque, ainda que ele possa ter passado o meio século, talvez possa descobrir que nunca é tarde demais para nos emendarmos. Trata-se de um homem bem educado, sabendo perfeitamente o inglês e o alemão, bem o português e toleravelmente o francês. Pode ensinar línguas, pode fazer contabilidade, naturalmente tem uma mina de ouro; foi doutor, é bem verdade que a título popular,²³ ainda pratica a homeopatia. Mas prefere vadiar, tomando emprestado 100\$000 de um e 160\$000 de outro conhecido, cuja generosidade ele aplica, não em vestuário, mas em bebida. Quando embriagado ele dá-se ao uso franco da faca e da pistola. Atribui o costume de dormir na rua à infidelidade da mulher. Deixou-a no Rio totalmente sem recursos e foi persuadida a aceitar a proteção de um português que se ofereceu e de fato a mantém, educa e coloca seus filhos. A última pequena farsa de meu desagradável conhecido foi relativa à maçonaria, à qual ele deu ingresso aos menos dignos candidatos. Propôs-me, mediante o pagamento de 5 libras, fazer-me membro do parlamento e teve a imprudência de enviar uma mensagem de minha parte a certo eclesiástico, pedindo que não pregasse contra a maçonaria. Foi preciso chamá-lo e explicar o caso.

Este homem era um hanoveriano, conseqüentemente um prussiano, mas se dizia inglês. Ingleses e portugueses costumam queixar-se no Brasil por serem por demais impopulares. O fato é que eles sofrem freqüentemente não só pelos próprios pecados, que são de vária natureza, mas ainda pelos de seus vizinhos europeus, que não são poucos. Os estrangeiros também exageram nossa impopularidade. “Les anglais sont détestés au Brésil; considera-se como pertencentes a essa nação todos os estrangeiros cujos cabelos louros e uma pele clara indicam serem originários do norte”, diz em 1815-1817 o prin-

cipe Max (I, 119). M. Dulot (p. 62) refere-se à “brutalité traditionnelle envers les faibles qui fait détester partout l’Angleterre” e teria justificativa se se referisse ao *bill* Aberdeen. Saint-Hilaire (III, II, 219) nota que “grâce à leurs compatriotes Mawe, Luccock e Walsh”, os ingleses tornaram-se antipáticos na terra. E é quase um truismo dizer que ouvimos pouca coisa boa a nosso favor por parte de outros, nós, como outras nações, ouvimos elogios demais a nós mesmos de nossa parte. Essas gabolices e fanfarronadas acerca de nossas próprias perfeições ainda são tidas na conta de patriotismo. Afinal “o genial e espadaúdo inglês” aprendeu a carregar sem queixas o gigantesco peso de qualquer “Buncombe”.²⁴

O Brasil, também, como os demais povos, recebeu um pequeno conjunto de elogios e um grande lote de acusações imerecidas. Mas os nossos, viajantes dificilmente têm sido mais polidos para com ele que outros de outras nações.²⁵ O resultado de minha experiência no presente momento é que, a despeito do *bill* Aberdeen e o tolo caso Abrantes-Christie, o Império nos respeita e até mesmo aprecia-nos tanto, se não mais, que os outros visitantes. Não se quer com isso dizer que os estrangeiros são favoritos em qualquer parte do Brasil. O país esperava deles muito mais e eles justificaram muito menos que as mais moderadas expectativas. No nosso caso, queixaram-se da “maneira *insular*”, hoje tornando-se obsoleta, tal como os franceses se queixam de Goldsmith e Sterne, da grosseira rudeza dos não-educados²⁶ e do tom suspeito e orgulhoso dos mais qualificados, sempre ferinos e que magoam o espírito brasileiro. Não damos importância às pequenas guerras da grande nação, iniciadas por uma política liberal, e que levou-a a eludir os deveres de sua posição e excluí-la dos assuntos internacionais. Uma expedição na Abissínia beneficia a Inglaterra no Brasil tanto como uma no Hindustão e pode ser considerada como valendo dois vinténs.

Visitei o reverendo Michel Sipolis, no Seminário Episcopal.²⁷ o espantoso edifício branco com os anexos inacabados acima mencionados. O Governo ajuda o estabelecimento pagando os salários de várias cadeiras, e os três padres franceses recebem por ano somente 400\$000 para vestimenta e outras despesas. Esse salário deve colocá-los acima de qualquer suspeita de serem interesseiros. À 1 hora da tarde a campainha soou e fomos para o refeitório. Havia doze alunos, bom número para o período das férias grandes. Esses alunos falavam francês durante a refeição e encerraram-na com uma longa oração. O Sr. Sipolis conduziu-me então ao palácio episcopal, que fica em frente à igreja do Carmo, edifício branco sobre base azul, construído de concreto na parte inferior e assoalhado na superior. A diocese de

Mariana antigamente estendia-se até aqui. Pio IX criou o bispado pela bula *Gravissimum sollicitudinis*, de 6 de junho de 1854. O Excelentíssimo e Reverendíssimo D. João Antônio dos Santos,²⁸ do Conselho de Sua Majestade Imperial é antigo aluno do Seminário do Caraça que ele naturalmente protege, de preferência à Propaganda de Lyons²⁹ e aos capuchinhos de Roma.³⁰ São Vicente de Paulo,³¹ naturalmente acha difícil atender a todos os apelos que lhe fazem. O bispo era um homem de cerca de quarenta anos, amável, com voz e maneiras femininas. Encontrei-o diligentemente empenhado em discussão com o Sr. Mirville acerca do magnetismo (não o de Faraday), e não concordou com o Sr. Sipolis, quando este me provou que a mesa giratória e os toques eram obra dos maus espíritos.³²

Do palácio passamos à casa de um fazendeiro, em cuja porta um agente de polícia repousava confortavelmente à sombra. Ele havia tido com um vizinho uma ligeira disputa acerca de uma corrente de água encerrada em tiros e estava esperando purgar-se diante de um júri. O adversário havia atirado sobre ele cortando-lhe o polegar, exigindo amputação. O atingido apelou para seu filho que descarregou um ou dois tiros contra o inimigo, fugindo em seguida. Naturalmente há outra versão contraditória, afirmando que o fazendeiro arrebatara a espingarda do adversário, explodindo-a, e ferindo-se na mão. Não pude deixar de pensar na história verdadeira ou apócrifa de Sir Walter Raleigh e sua *História do Mundo*: ele consideraria impossível fixar a verdade neste pequeno episódio de Diamantina.³³

Entretanto o ferido estava sofrendo muito, sem repouso, e temendo o tétano. Enquanto isso o quarto estava às escuras, as janelas fechadas, o ar pesado; cinco senhoras aflitas sentavam-se em torno em observação e logo, do lado de fora da porta, estava uma meia dúzia de amigos do homem. Quando um doente é considerado em perigo de morte na concepção dos brasileiros — naturalmente os de maior sensibilidade não a aceitam — os amigos devem visitá-lo e condoer-se dele. Tal encenação faria mal aos mais robustos. Seria certamente de humanidade fazer uma edição brasileira das “Notas sobre a enfermagem”. O terrível caldo de galinha, que é indispensável ingerir de duas em duas horas, é uma punição comparável somente ao “beef-tea”, próprio das sacerdotisas de Libitina³⁴ na Grã-Bretanha.

Meu último comparecimento na sociedade foi em um baile dado por uma rica viúva, D. Maria de Nazaré Neto Leme, em honra do batismo de um neto, segundo filho de uma encantadora figura, ca-

sada com o Sr. Joaquim Manuel de Vasconcelos Lessa. Quando essa bela moça se casou foi acompanhada de vinte e quatro damas de honra com *toilettes* vindas de Paris. As comemorações duraram uma quinzena e dizem que 750 garrafas de cerveja eram consumidas cada noite. Essa chuva de carne e bebida na cidade dos diamantes contrasta violentamente com o ascético “tea and turn out” da Europa meridional.

Toda a cidade dos diamantes estava num apurado traje preto antes de 3 horas da tarde, fixada para a cerimônia religiosa. Quando se aproximava a noite, acompanhei o Sr. João Ribeiro, com sua amabilíssima esposa D. Maria e sua filha à rua das Mercês, assim chamada por causa da sua igreja, no alto da Grupiara.³⁵ As salas estavam cheias e muitos sentados para um jantar preliminar. As *toilettes* eram notavelmente belas, em contraste com a época descrita por Gardner, quando as mulheres saíam com chapéus de homem e o “preto parecia o melhor da moda”. Cada pescoço resplandecia de diamantes. Os outros enfeites eram as sólidas e honestas, ainda que nem sempre bonitas jóias de Diamantina. O baile parecia uma festa de família que se divertia: aqui, como entre os católicos da Inglaterra, todos são parentes ou relacionados mais ou menos, e os que não o são, passam por ser ou são compadres. As danças consistiam principalmente em quadrilhas. Eu me desculpei de não dançar alegando que minha última exibição tinha sido com Gelele, rei do Daomé: nessa ocasião a proprietária do número 14 de St. James's Square, usava permanentemente uma luva na mão com que havia cumprimentado o então príncipe de Gales.

O jantar parecia não ter fim e uma forte chuva que caiu pareceu aumentar a alegria geral. O animador da festa era “O Diamantino”, nome porque era chamado o Sr. José Diamantino de Meneses, filho do falecido barão de Araçuaí.³⁶ Escapuli-me às duas horas deixando todos “alegres e assisados”. Esclareço isso porque as sedutoras em torno dão à cidade um tom detestável e dizem que todas as manhãs as senhoras, com seus escravos, percorrem as ruas para recolher os maridos nas calçadas onde as pernas embaralhadas os haviam feito cair. Nada disso eu vi.

Naturalmente em um lugar onde se gasta abundantemente³⁷ dinheiro e onde os visitantes acorrem para divertir-se, depois das fadigas e da estagnação fora da “saison”, deve haver algum excesso nos divertimentos. As inúmeras fisionomias sorridentes, que exibem nas janelas faces reluzentes de bebida de certos *hibiscus* e a atração das tentações, falam por si. Mas essas coisas nada têm que ver com a

sociedade. O “inferno”, além disso que geralmente acompanha o crescimento atual das cidades de mineração, não existe nessas regiões, salvo quando um francês desgarrado monta uma roleta e faz uma fortuna em poucos meses.

Um inglês que passara trinta anos em Diamantina e em suas redondezas, disse-me que nos últimos anos sua prosperidade decrescera.³⁸ Antigamente os diamantes eram facilmente encontrados nas pesquisas superficiais. As pesquisas estão agora limitadas aos capitalistas. Nos dias passados as pedras eram vendidas no local, agora são enviadas ao Rio de Janeiro³⁹ e para a Europa. Os escravos foram vendidos para as províncias produtoras de café e os homens livres, brancos ou pretos, não querem ou não podem trabalhar. Daí o fato das fortunas serem avaliadas hoje em cerca de £ 4.000, enquanto as mais fortes podem chegar a £ 10.000. Esses números, contudo, têm um valor bem diverso em Minas Gerais e na Inglaterra.

Mas longe de considerar exaustos os recursos de diamantes, creio que a autêntica exploração de pedras preciosas ainda vai começar e que ela se estenderá por 800 milhas ao longo da serra do Espinhaço.⁴⁰ Há ainda explorações de ouro, que os homens com dificuldade se animam a tentar. Com ouro, dizem eles, você pode ser pobre. Com diamantes, nunca.⁴¹ Quando a estrada de ferro alcançar Sabará e o barco a vapor ligar o rio das Velhas com o grande São Francisco, é de se esperar que cheguem os imigrantes e a terra de Diamantina atingirá seu máximo desenvolvimento. “Que Deus os traga”, dizem os proprietários de minas, referindo-se aos sulistas da União Americana, “eles em breve empregarão nossos inúteis escravos”.⁴² E ao passo que Golconda e Visapur malograram, e o cabo da Boa Esperança, Austrália e Califórnia não estão senão começando, e enquanto os homens enterram capital na desprezível indústria em Paris e Birmingham, o Brasil ainda espera fazer grandes coisas no setor do diamante.

Cada cidade deixa na sensibilidade do viajante uma impressão própria. De Diamantina meu cérebro conserva a lembrança dos sinos das igrejas, da araponga, ou ave-ferreiro. O súbito e agudo som que parece artificial ao estrangeiro, encanta no silêncio mortal da noite da floresta, atenuada pela distância das árvores mais altas, quando o pequeno vulto da ave é invisível na penumbra esverdeada. Engaiolado, numa rua, o fenômeno parece completamente deslocado. A situação de Diamantina, como se viu torna o chiar das carroças e o rolar das carruagens impossíveis. Aqui, como em São João d’El Rei, a rede é o único transporte, como se vê no saguão de todas as casas

ricas. Como de costume no interior do Brasil, a cidade não dispõe de clubes, cafés, institutos mecânicos, Associações Cristãs de Moços e Sociedades de Progresso Mutuo, exceto quando se trata de música. As bandas são, todas as coisas levadas em conta, consideradas boas. Não há bibliotecas, gabinetes literários, nem livrarias. Mas há, naturalmente um fotógrafo. Cerca de três anos passados o único jornal, *O Jequitinhonha*, que só cuidava de política, morreu e agora a cidade não possui um só impressor. Contudo, o cidadão — o brasileiro é um cidadão e não um súdito — é um selvagem em face da educação. As freiras já têm pedidos para cem e aceitaram trinta alunas.

A altitude da cidade é das maiores do império⁴³ e para atingi-la tivemos de subir sete níveis diferentes. Os meses mais frios são os de junho, julho e agosto, quando as geadas são comuns nos ambientes mais baixos. Mas não impedem o amadurecimento da pitanga.⁴⁴ A estação mais úmida abre em outubro ou novembro, quando as tempestades vêm do norte. As maiores chuvas vêm do oeste, mas às vezes o vento quente de sudoeste traz chuva e saraiva. As chuvas fertilizantes da época seca, comuns em outras regiões do Brasil, são aqui raras. O vento leste e fraco é bem agradável. O do norte é frio e áspero, provocando doenças como o nosso de leste. De novembro a fevereiro é a época do calor, e o termômetro ascende de 64° a 88°. A água é da melhor qualidade e é fornecida por quase todos os poços. No vento claro e rijo florescem os frutos europeus e verduras. O solo é às vezes rico e fundo e o excepcional consumo de provisões faria das vizinhanças um excelente mercado para uma colônia agrícola.

Tejuco, povoação da comarca do Serro, tornou-se freguesia a 6 de setembro de 1819, vila em 13 de outubro de 1831 e Cidade de Diamantina pela lei provincial n.º 93, de 6 de março de 1838. Esta pedra valiosa foi usada a princípio pelos índios como brinquedo para crianças.⁴⁵ O primeiro homem que a enviou a Portugal foi um tal Sebastião Leme do Prado em 1725. Ele encontrara certos brilhantes octaedros no rio Manso, afluente do Jequitinhonha. Não encontraram comprador. O mesmo aconteceu com Bernardo (ou Bernardino) da Fonseca Lobo, que topou um grande espécime entre outros, em Serro do Frio. Há uma tradição local de que este último era um frade que havia estado na Índia e que, cerca de 1727, vendo as curiosas pedras brilhantes que usavam como fichas entre os jogadores de gamão, mineradores de ouro do Jequitinhonha fez uma coleção e enviou-as a Portugal. Outros atribuem a descoberta a um Ouvidor, recém-chegado de Goa. Os espécimes foram enviados à Holanda e daí ao grande mercado de jóias da Europa.

O relatório oficial da exploração diz que D. Lourenço de Almeida, primeiro governador de Minas Gerais (18 de agosto de 1721-1.º de setembro de 1732) comunicou a nova fonte de riqueza ao governo da mãe-pátria. Portugal imediatamente declarou o diamante bem da coroa (Carta-régia de 18 de fevereiro de 1730) e estabeleceu a célebre Demarcação Diamantina, quarenta e duas léguas em circunferência, com um diâmetro de quatorze a quinze léguas.⁴⁶ Foi proibida a exploração do ouro dentro desses limites e uma taxa de 20\$000 — depois elevada a 40\$000 e 50\$000 — lançada sobre cada negro por cabeça. Para fazer cessar as muitas e repetidas desordens, uma ordem, datada de 30 de setembro de 1733 criou a Intendência Diamantina. Os campos de exploração foram demarcados e ninguém podia ali penetrar sem licença. Em 1740 (Henderson diz 1741), as terras foram arrendadas com grandes restrições, por 138:000\$. Mas o primeiro contrato foi muito mal sucedido. Em 1771 (1772 segundo John Mawe), o grande Pombal reformou, com o característico radicalismo, as minas de diamante, assumindo pessoalmente a administração. Aboliu os aforamentos ruinosos e entregou o governo ao Intendente Geral, abaixo do qual trabalhava uma junta de três diretores em Lisboa e três governadores no Brasil. O esquema malogrrou, e foi tão enérgica a ação contra os “extraidores”, que o lugar ficou quase deserto. Em 1800 para 1801 o suprimento de ouro começou a falhar e as terras em torno da Vila do Príncipe, onde a exploração diamantina era conjunta com a aurífera produziu somente 2 ½ arrobas em vez de 25. O Governo perdeu, assim, reduzindo toda a atividade ao diamante e o povo desertou porque não se podia comprar ferro, aço ou pólvora.

Não consegui encontrar exatamente em que período da história tejuicana ocorreu o acontecimento a que alude o Sr. Joaquim Norberto de Sousa Silva:⁴⁷

E o filho de Erin, que em duros ferros
Pagou seu pasmo por um novo império.⁴⁸

O nome mencionado na nota de pé de página é Nicolas George. Era, ficamos sabendo, de origem irlandesa e empregado na Junta do Arrial do Tejuco. Admirando a fertilidade, a riqueza e a vastidão do Brasil, ele declarou que suas praias continham tudo que é necessário para um poderoso império e que poderia tornar-se livre e independente como os Estados Unidos. Estes sentimentos fizeram com que ele partilhasse as dores e as punições da Conjuração Mineira.⁴⁹

Segundo John Mawe, de 1801 a 1806, inclusive os dois anos, as despesas feitas pelo Governo na exploração do distrito foram de

£ 204.000 e os diamantes enviados ao Tesouro atingiram 115.675 carats. Durante o mesmo período o ouro foi explorado e avaliado em £ 17.300. Durante diz ele, o carat custou 23 s. 9 d. Afinal o decreto de 25 de outubro de 1832 aboliu o monopólio juntamente com a Junta Administrativa dos Diamantes e a indústria assumiu a forma atual.

Se os portugueses duvidaram da existência de diamantes no Brasil, os ingleses fizeram outro tanto. Há uma diferença na gravidade específica entre o nobre *Vielle Roche* da Índia e a profusão do Novo Mundo.⁵⁰ No último século, Jeffries e outros lapidários sustentavam que os diamantes do Brasil eram pedras informes exportadas do Hindustão. Os mineiros inteligentemente viraram a mesa sobre seus antagonistas cientistas enviando suas pedras a Goa, de onde foram exportadas para a Europa como autênticas pedras da Índia Oriental.

Segundo John Mawe, durante os primeiros vinte anos umas 1.000 onças de diamantes foram extraídos dessas explorações. Castelnau (II, 338), em 1849, calcula o valor total da exportação de Minas Gerais em 300.000.000 de francos. O assunto é também tratado por José de Rezende Costa em sua *Memória Histórica sobre os diamantes*, Rio de Janeiro, 1836. Não perturbarei o leitor com minúcias, já que todas essas avaliações não passam de palpites, e mesmo os modernos métodos da colação da Alfândega e suas estatísticas são importantes em face da regra geral do contrabando. A seguinte tábua, contudo, tomada do relatório anual de Mr. Nathan (Rio de Janeiro), demonstra que:

**EXPORTAÇÃO DE DIAMANTES E AVALIAÇÃO
NOS ANOS DE 1861 A 1867**

Anos	Oitavas	Preço	Valor total
1861	4.696	500\$000 ⁵¹	2.348:000\$
1862	5.019	"	2.509:500\$
1863	5.824	"	2.912:000\$
1864	4.861	"	2.430:500\$
1865	4.962	"	2.481:000\$
1866	5.695	"	2.847:500\$
1867	7.704	"	2.852:000\$
Total	36.761		18.380:500\$⁵²

Notas ao capítulo XLVIII

1. N.T. O nome de rio Grande se dá vulgarmente a muitos rios do Brasil. É aplicado ao rio Jequitinhonha em parte do seu percurso (Milliet de St. Adolphe. *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo...*, Paris, 1845), p. 533.
N.A. Corre ao sul do rio das Pedras. Vira então, pelo leste, para nordeste e junta-se; segundo outros forma as cabeceiras do grande rio Jequitinhonha.
2. N.A. É aconselhável percorrer a nova estrada da Bahia, que domina um excelente panorama da cidade.
3. N.A. O termo é explicado extensamente no vol. I, cap. 10.
4. N.A. *Traité complet*, etc. p. 218.
5. N.T. Hoje Praça Dom João. Almir Neves Pereira da Silva: *Diamantina. Roteiro turístico*. Rio de Janeiro, Acaaca, 1957.
6. N.T. Hoje rua Álvaro Mata Machado.
7. N.T. Hoje rua Teófilo Ottoni.
8. N.T. Hoje Praça Juscelino Kubitschek.
9. N.A. Por extense Sr. Herculano Carlos de Magalhães Castro, delegado de polícia. Almoço às 9.30 da manhã, em mesa redonda. Jantar às 4 da tarde, a \$800 por refeição.
10. N.T. Hoje rua Tiradentes.
11. N.T. Antiga porta de pedra que ficava outrora em frente ao Templo, em Londres. Foi transferida em 1878 e novamente erguida em Waltham Cross, Hertfordshire. Era o limite da *City*, propriamente dita e Westminster. Ali se expunham as cabeças dos traidores executados.
12. N.A. Aqui o andar térreo não é usado como prisão, que foi removida para o edifício perto do teatro.
13. N.T. É estranho o completo desprezo de Burton pelo barroco mineiro. Ao contrário do que ele afirma, leia-se Aires da Mata Machado F.^o, *Arraial do Tijúco, Cidade de Diamantina*; Rio de Janeiro, SPHAN, 1944. p. 1.433: «Monumentos de arquitetura eclesiástica».
14. N.A. Há duas outras intendências, de Sebastião Picada e de Lajes. A última tem cinco armazéns.
15. N.T. Hoje praça barão de Guaicuí.
16. N.T. Hoje rua Francisco Sá.
17. N.A. V. caps. 13 e 17.
18. N.T. Aliás Curimataí.
19. O *Sistema* diz que o princípio do seu alcalóide é bem conhecido dos negros, que preparam com essas plantas os filtros, quer dizer encantamentos e venenos, despertadores de amores e outras ações

demoníacas. Não terão sido as sementes de estramônio trazidas da Índia via África? Saint-Hilaire (I, II, 97) afirma que a planta aqui seguiu as pegadas do homem vindo da América do Norte.

20. N.A. Os quilombeiros do Mendanha tinham um estabelecimento irregular há cerca de uma légua da cidade e ameaçavam os subúrbios da Diamantina. Quando essa resistência foi atacada e tomada, nela se encontraram pretos e brancos.
21. N.T. Edward John Eyre, governador da Jamaica aplicou a lei marcial e jugou violentamente uma insurreição de negros. Foi julgado e absolvido na Inglaterra.
22. N.A. Meus vidros de ensaios quebraram-se durante a viagem.

Tive de comprar uma onça de ácido muriático por 1\$040
três onças de ácido nítrico por 3\$040
duas onças de tanino em álcool por 6\$500

Total 10\$580

Nesse tempo cerca de um guinéu.

23. N.A. Os diamantinenses não me pareceram muito satisfeitos com as qualidades de seus esculápios, e qualquer pessoa estranha ao Brasil é de se esperar que seja um médico. Eu mesmo fui consultado por um caso de hepatite, que o médico, depois do habitual tratamento com cáusticos e ventosas, estava atacando com anti-espasmódicos. Custei a convencer o paciente que eu estava mais habilitado para matar que para curar. Ele ficou afinal satisfeito por escapar de tão grande risco.
24. N.A. Foi considerado conveniente na Índia inglesa consultar as altas autoridades acerca do julgamento de nossas regras pelos nativos e não por nós mesmos. Muitos, como eu próprio, têm desde 1850 escrito e repetido, em inglês claro, o que agora vemos num papel oficial. O único resultado é que fomos condenados pelos poucos que se deram ao trabalho de ler-nos, de sermos ou ignorantes ou impertinentes. A ignorância e a impertinência nesses assuntos não podem contar com muita benevolência.

N.T. A expressão Buncombe refere-se a discurso feito para agradar os constituintes e provocar o aplauso do público. Por extensão aplica-se a qualquer discurso insincero. Deriva do nome de um ingênuo deputado no Congresso americano.

25. N.A. Também os franceses não têm mostrado interesse em honrar a *Entente Cordiale*. O conde de Suzannet (*Souvenirs*, 1842), o Sr. de Chavaignes (*Souvenirs*, p. 160), o injustamente tratado Sr. Jacquemont, os Srs. Biard, Expilly e d'Abbadj devem ser confrontados com os Srs. Reybaud, Ferdinand Denis e Liais. Não posso explicar, a não ser por espírito de extremado nacionalismo, como Saint-Hilaire (III, I, 263) defende e qualifica como «homme de beaucoup d'esprit» o Sr. Jacques Arago, autor da *Voyage autour du monde*, e um dos charlatães mais sem graça que jamais apareceram no Brasil.

N.T. O autor enumera aqui uma série de viajantes franceses que falaram mal do Brasil, nem sempre tendo merecido contestação.

Suzannet percorreu o Brasil em 1842. Suas impressões apareceram a princípio na *Revue des Deux Mondes* de julho de 1844 com o título «Le Brésil em 1844». O livro apareceu em 1846 sob o título *Souvenirs de voyage*. O artigo da revista parece subscrito pelo visconde de Suzannet, já o livro traz o título de *conde de Suzannet*. No Relatório do secretário do Instituto Histórico de 1847 (*Revista*, XI, 124) escreveu o Dr. Ferreira Lagos: «O conde de Suzannet, que em 1844 acapelado com o nome de Chavagnes imprimiu na *Revista dos dois mundos* uma série sucessiva de improperios e falsidades que produziram... a mais justa indignação, não se pejou em dar à luz em separado a sua viagem na qual... intentou denegrir a América, praticou o mesmo a respeito do Brasil ensopando para isso seus pincéis no humor negro da maledicência e no fel da calúnia». Teve resposta calorosa no jornal *fris*, dirigido pelo visconde do Rio Branco, onde é tratado de «miserável mentiroso». O que não impediu de merecer uma tradução, sem qualquer retificação, sob o título de *O Brasil em 1845*, (?) Rio de Janeiro, 1957, prestigiada pelo prefácio do presidente do mais lustroso de nossos institutos literários.

Chavaignes era o pseudônimo de Suzannet em vários artigos da *Revue des deux mondes*.

Charles Expilly era um escritor francês com vários livros publicados quando resolveu «fazer a América», fundando uma fábrica de fósforos no Brasil. Malogrados os seus planos passou a encarar o país, onde sonhara enriquecer, com incoercível má vontade. Considerando-se perito em assuntos do Prata, escreveu *La vérité sur le conflit entre le Brésil, Buenos Ayres, Montevideo et le Paraguay*, 1865; *Le Brésil, Buenos Aires, Montevideo et le Paraguay devant la civilisation*, 1866; *La Politique du Paraguay*, 1869, todos francamente a serviço do governo de Assunção, sob o pseudônimo de Claude de la Poëpe. Mas os dois livros clássicos em que maltrata o Brasil são: *Le Brésil tel qu'il est*, 1862 e *Les femmes et les mœurs du Brésil*, 1865. Este último já mereceu duas edições brasileiras.

François Auguste Biard em virtude de um escândalo amoroso veio a dar com os costados no Brasil, onde esteve dois anos e escreveu um livro *Deux années au Brésil*, Paris, 1862, também cheio de inverdades, mas que teve edição brasileira.

F. Dabadie em *A travers l'Amérique du Sud*, Paris, 1858 também não prima pela veracidade.

Com toda a razão queixa-se o autor de que o Brasil não divulgue autores respeitáveis como Ferdinand Denis, Liais e Reybaud.

Quanto a Jacques Arago fez um livro mais espirituoso que científico. Foi traduzido para o inglês e o alemão.

26. N.A. «Este é um país livre e qualquer homem pode tomar qualquer liberdade com outro homem. O protesto é simplesmente quixotesco. Mas somos um povo áspero». Assim escreve um autor popular que nunca foi chamado de «inglês degenerado».
27. N.T. O padre Michel Maria Sipolis era lazarista e fora superior do colégio do Caraça (Furtado de Meneses Clero mineiro. Rio de Janeiro, vol. I, 1933). O seminário foi fundado por D. João Antônio dos Santos que pediu ao imperador licença para consagrar a esse fim a quantia de 40:000\$ dada pelo Governo para edificar o Paço Episcopal. Começou a funcionar na casa do Contrato em 1866. A direção foi entregue aos lazaristas. Aires da Mara Machado F.º. (*Op. cit.* p. 126).
28. N.T. Dom João Antônio dos Santos (1818-1905). Foi aluno do Colégio do Caraça. Era doutor em direito canônico em Roma, tendo estudado grego e hebraico em Paris. Foi feito bispo em 1863. Era tio dos Drs. Joaquim e Antônio Felício dos Santos.
29. N.T. A Propaganda Fide, hoje um dos órgãos mais importantes da administração da Igreja controla os missionários por meio de vigários ou prefeitos apostólicos, ou simples missões. Foi criada pelo papa Gregório XV em 1622. Nasceu da iniciativa de uma jovem de Lyon, Pauline Jaricot e foi incorporada à Cúria Romana. Há uma natural emulação entre os enviados por esse órgão e as grandes congregações e ordens de missionários (Aigrain, R.: *Ecclesia. Encyclopédie populaire de connaissance religieuses*. Paris, Bloud & Gay, 1928). Por isso o autor chama-a Propaganda de Lyon.
30. N.T. A ordem do capuchinhos foi das que mais se dedicaram às missões no interior do Brasil, rivalizando com os lazaristas.
31. N.T. São Vicente de Paulo é o fundador da Congregação da Missão, vulgarmente chamada de Congregação dos Lazaristas, que enviou muitos missionários ao Brasil. Ocuparam-se especialmente dos seminários.
32. N.A. *Nec deus intersit, etc.* Podemos acrescentar: *nec diabolus*. Com referência à teoria espírita, devo acrescentar ainda que se, depois desta vida, meu *psyche* ou *pneuma*, ou o que quer que seja, vai ficar à mercê de qualquer tonto que pague meia coroa ao seu *medium*, evidentemente o estado futuro dessa pessoa será muito pior que o presente.
33. N.T. Referência à atitude de Sir Walter Raleigh que desistiu de escrever uma história do mundo quando verificou a divergência de versões de um incidente a que ele próprio havia assistido.
34. N.T. *Beef-tea* é um caldo preparado com carne sem gordura e sem pele com água e sal. É muito usado na dieta dos enfermos ingleses. Libitina é a deusa dos funerais.
35. N.A. Já me referi a *Gupiara* (corruptela *Grupiara*) que significa declive com toldo. Daí ser usado nas buscas de ouro e de diamante como uma barreira avançando como uma caverna sobre uma corrente de água. O Alto, visto desde a entrada na cidade

é um morro destacado, coroado por uma construção que parece uma fortaleza ou reduto. Essa propriedade pertenceu primeiro ao Sr. Luís Antônio e dele passou ao Sr. José Joaquim Neto Leme outrora casado com a atual proprietária. Ainda é rico em ouro que ninguém se incomoda em pesquisar.

36. N.T. O barão de Araçuaí chamava-se Serafim José de Meneses. N.A. O rio Araçuaí nasce a cerca de doze léguas a leste de Diamantina, passando por Minas Novas (do Araçuaí) e formando a segunda entrada do Jequitinhonha. A palavra deriva de Araçu, espécie de ave, e i (y), água. Há também um barão de Diamantina, da família Lessa (Francisco José de Vasconcelos Lessa).
37. N.A. Aqui, como na Austrália e na Califórnia, o mineiro é geralmente pobre, enquanto o negociante ou armazeneiro é rico.
38. N.A. A população em 1800 era de cerca de 5.000 pessoas. Em 1840 era de 6.000. Daí para cá não cresceu.
39. N.A. A lapidação do diamante foi tentada sem êxito por um Sr. Carvalho, na Bahia. Há três ou quatro lapidários no Rio de Janeiro. O melhor é, creio eu, o Sr. Domingos Moitinho, na esquina da rua do Ouvidor com a rua dos Ourives. Alguns de seus empregados são descendentes dos artistas trazidos de Portugal por D. João VI. O mecanismo é acionado por uma máquina com a força de cinco cavalos. O diamante é lapidado aqui exatamente como na Europa e os brasileiros não conhecem as formas de lousa do Hindustão. Nos últimos anos tentou-se essa indústria em Boston, mas não consegue, ao que me dizem, competir com o Amsterdão.
N.T. Domingos Moitinho não figura entre os lapidários do Rio de Janeiro no Almanaque Laemmert de 1860, nem no de 1875. Neste figura em primeiro lugar Luís de Resende, rua dos Ourives 69. No de 1860 aparece como «Lapidário da Casa Imperial» Augusto José de Carvalho.
40. N.A. O trecho que foi explorado começa no rio do Peixe, nove léguas ao sul de Diamantina e se estende até a serra de Santo Antônio, quarenta a cinquenta léguas ao norte, ou entre as latitudes 16° a 19°. Todo ele foi considerado diamantino, mas não continuamente como na divisão propriamente demarcada.
41. N.A. Segundo o Dr. Couto (p. 112) que se estabeleceu e morreu no Tijucó, a cidade é construída sobre lajes de cobre vermelho e o metal é encontrado na pavimentação e nas grades dos jardins.
42. N.A. «O orgulho do homem faz com que ele ame dominar. Onde quer que a lei o permita, ele prefere utilizar os serviços dos escravos que os dos homens livres» (Adam Smith, *Riqueza das nações*, III, 2). Minha experiência é diametralmente oposta a esse dogma de A. Smith.
43. N.A. A altitude gira, conforme os viajantes, entre 4.000 pés e 1.730 metros (5.702 pés) acima do nível do mar. As escalas da subida desde o rio das Velhas são sete, isto é: primeira o rio Paraúna, segunda o riacho do Vento; terceira a Chapada; quarta o alto de Contagem; quinta, Gouveia; sexta, Bandeirinha, e sétima, Diamantina.

44. N.A. A bem conhecida *Eugenia pedunculata* (E. Michelli), cuja fruta quadrangular vermelha amadurece convenientemente na Madeira e com se fazem geleias muito boas. Quando crua tem o sabor de remédio que os estrangeiros não apreciam. Nesta parte de Minas é rara, mas floresce em São Paulo, a 2.200 pés acima do nível do mar, ainda que não tão delicadamente como na costa.
45. N.A. É geralmente admitido que, na Europa, Louis van Berghen, geralmente escrito Berquen (1456-1475) inventou a prática de fazer com que os diamantes cortassem os diamantes e estabeleceu uma corporação em Bruges. Mas os indianos devem tê-lo precedido de muito e o trabalho de diamantes na Europa já é referido em 1360. É possível que a indústria, um pouco antes do século XIV, tenha deslizado, como a cólera nos dias presentes, para o ocidente.
46. N.A. O mapa de John Mawe fornece um esquema da Demarcação Diamantina. É de forma oval com oito por dezesseis léguas. Tijuco fica aproximadamente no centro.
- NT A obra clássica sobre a exploração do diamante é a do Dr. Joaquim Felício dos Santos, acima referido: *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Serro Frio*. Começou a ser publicada no periódico *Jequitinhonha* em 1862. A primeira edição em livro é do Rio, 1868 e tem sido seguidamente reeditada.
47. N.A. Nos *Cantos épicos*. A cabeça do mártir (Rio de Janeiro, 1861).
48. N.T. Nicolau Jorge, preso sob acusação de inconfidente foi detido, julgado e declarado inocente. Aires da Mata Machado F.º. *Op. cit.* 60-61.
49. N.T. Não obstante o autor assim traduz para o inglês os versos de Joaquim Norberto:
- And Erin's son who in the eating irons,
Atoned the purpose of a free-born realm.
50. N.A. A diferença de peso é atribuída aos óxidos que dão cor à pedra. Eis os algarismos divulgados:
- | Golcon da India | Brasil |
|------------------------------|--------------------------|
| Branco, peso especif. 3.524 | 3.442 (M. Barbot, 3.444) |
| Amarelo, peso especif. 3.556 | 3.520 (M. Barbot, 3.519) |
- Os lapidários concordam em geral que o velho ou E. Indiano tem mais lustre e brilho que os novos, ou brasileiros.
51. N.A. Avaliação por baixo.
52. N.A. £1.188.000.

CAPÍTULO XLIX

AS EXPLORAÇÕES DIAMANTÍFERAS NO RIO DAS PEDRAS DO SUL ALIÁS JEQUITINHONHA

**A excursão — As belas pedras — São Gonçalo das
boas moças — Descrição do serviço das minas —
Despesas — Falta de maquinaria — O roubo —
O Dr. Dayrell — A mina de Lomba — A Montanha
da Maravilha — Volta a Diamantina.**

*Ὁ χεῖμῶν λυπεῖ σ' οὐ καὶμ' οὐ νοῦσος ἐνοχλεῖ,
Ὁ πείνη σ' οὐ δίψος ἔχει σ'.*

Logo depois de minha chegada, fui apresentado a um cavaleiro brasileiro, Sr. Francisco Leite Vidigal, que não perdeu tempo em convidar-me a visitar seu “serviço”, conhecido como Canteiro. Esta estação, no apogeu da seca, é a melhor para examinar as escavações, agora em plena atividade.

Almoçamos, evidentemente, e partimos tarde, não obstante o calor do sol e termos de percorrer quatro ou cinco léguas para poder ver trabalhar diante de nós. Percorremos a rua do Bonfim em direção ao subúrbio do sul, passamos uma pequena estação do correio no largo do Rosário e um chafariz com os registros salientes das faces de esteatita. Aqui fica uma igreja de negros, como de costume ridícula e pretensiosa, e um teatro inacabado, carcassa de madeira e barro. Uma esplêndida gameleira cuja grandiosidade não combinava com a mesquinhez da arte em torno, levou-nos à Calçada que descia sinuosa e em declive acentuado. Aqui a localização da cidade se expande pelo vale ribeirinho, e o declive de solo rico está cheio de laranjeiras, bananeiras, murtas e árvores que dão mais sombra que frutos.

Além do outeiro o lugar é chamado La Palha [Palha]. Aqui ficam o rancho grande, a venda e um pasto pertencente a um francês

M. Antoine Richier. Não o encontrei em casa, mas ao manusear seus manuais de fotografia compreendi seu interesse por algo de civilizado. Atravessamos em seguida a confluência em que o Poruruca ou Pururuca,¹ traduzido como rio da areia e do calhau, corre do ocidente para o pequeno rio São Francisco. As margens eram um monte de amígdalóides soltas, cascalhos de quartzo rolado. Todas “pintam” ouro que ninguém se preocupa em explorar. À noite meu hospedeiro mostrou-me várias oitavas jazendo no canto de sua cabana. Nem sequer haviam sido lavadas para o mercado.

Subimos então para o terreiro e topamos com a estrada real que leva à capital da província via Serro, agora cidade do Príncipe,² distante dez léguas. Diante de nós erguia-se o grande pico do Itambé, que se diz estar a 6.000 pés acima do nível do mar. Sua cumeira estava coberta de nuvens, sempre semelhantes, mas nunca as mesmas na forma, e os flancos revestidos de grama forte e florestas ameaçadoras. Ao leste do horizonte erguia-se uma massa montanhosa chamada Currealinho³ e tida como muito rica em diamantes. Em torno de nós exibiam-se faixas de itacolomito quartzoso granulado, ora duras, ora macias, finamente laminadas ou aglutinadas grosseiramente, acinzentadas por fora, recobertas de líquenes. Por dentro são cor-de-rosa ou levemente amareladas. Em certos lugares as massas dispunham-se horizontalmente, formando paredes regulares, em outros apresentavam-se como espinhaços de lajes, dispostas em todos os ângulos. Durante o dia identificamos um homem com um boné frígido, uma esfinge, um sapo monstruoso, um velho leão mutilado, calhaus com inscrições, pedras como mãos, fendas, arcos, orifícios circulares e toda espécie de formas extravagantes. A degradação dessas rochas forma freqüentemente manchas de areia alva, mas estéril, cobrindo o solo que é avermelhado e excepcionalmente fértil muitas vezes.

O caminho revelou-se especialmente mau e nas passagens estreitas e perigosas, era certo encontrarmos filas de cavalos ou burros indisciplinados carregados com caixas quadradas, em geral com o letreiro “Louça”, equivalente ao nosso “vidro, cuidado”. Como é que alguma coisa chega a Diamantina sem quebrar-se está além de minha compreensão. Depois de vadear várias correntes, cruzamos por uma boa ponte o Ribeirão, chamado pelos primeiros viajantes “do Inferno” por causa das dificuldades que oferecia. Suas nascentes, a oeste, são conhecidas como “as Porteiras”, e as pedras amarelas e o céu azul tornam-no um rio verde. Adiante da ponte estavam palhoças, pobres abrigos de sapé e paredes de barro que revelam a presença de mineiros.

Ao passar o rio encontramos uns poucos homens subindo a rude encosta e vimos com indignação um poste que nos informava haver-mos transposto uma légua — eis o que são aqui as léguas — depois de haver-mos percorrido duas horas de estafante caminhada. Cruzamos depois através de um tabuleiro “coberto”⁴ espécie de ondulação da terra, cuja única beleza era a paisagem. Juntando-se ao Itambé fronteiro, tínhamos agora à esquerda, ou oeste, a “Maravilha”, um Pão de Açúcar local, lugar onde um Maharatha Rajá ou um Dejj abissínio faria erguer seu Durg ou Amba. O ribeirão do Palmital, que não tem pontes, rola suas águas transparentes sobre penhascos de arenito pequenos, com veios, faixas e listas de quartzo branco e brilhante, em busca do rio do Inferno. Havia naturalmente uma casa junto da passagem a vau, habitada, a julgar pelas roupas que secavam ao sol. Mas não houve força de berros que fizessem com que as portas se abrissem. O mesmo se deu na ponte seguinte, ainda que perto houvesse um grande rancho e um pasto cercado.

Os morros eram semelhantes aos que ficam perto do rio Paraúna, abruptos e penhascosos no alto, com a parte inferior coberta de terra, ora leve, ora dura. Nos flancos, cerca de meia encosta, havia zonas onde as rochas atravessavam a terra, pisada, formando saliências, regos e profundas escavações alternando com montões de pedras soltas. No cimo, como de costume, há um pequeno planalto coberto de vegetação raquítica. Ao chegarmos ao alto descortinou-se-nos subitamente o longo vale verdejante, através do qual serpeia a faixa vermelha da estrada, a igreja e vila chamada de “Casamenteira das Velhas”.⁵ O local é notável pela ordem e pela indústria. Disseram-me que ali não se encontra nenhuma “jovem perdida” e os habitantes exercem várias pequenas indústrias. Não desdenham de trabalhar onde há diamantes, e uma montanha de cristais de rocha jaz à porta de casa. Quando esses prismas hexagonais de puro ácido silfício, terminando em pontas hexagonais, formam uma pirâmide intacta, o que é raro após o trabalho, e quando o interior contém a água da cristalização ou corpos heterogêneos, os grandes blocos são valiosos como espécimes de museu.

Essa ondulação do terreno vai apagar-se no córrego do Jacá⁶ sobre o qual há uma pequena ponte. Da outra margem fomos até o córrego do mel. As lajes de arenito que formam o declive são tão escorregadias e escarpadas que meu companheiro achou prudente desmontar do burro apesar de novo e bom. Quando um brasileiro age assim é geralmente de bom alvitre seguir-lhe o exemplo. Todo o terreno que havíamos atravessado é rico em diamantes, mas não pode ser lavrado por falta de água. Perto do córrego que alimenta o rio

das Pedras há montões de cascalho que esperavam a vez de serem lavrados durante as chuvas. O Gurgulho,⁷ gorgulho bravo, cheio de pontas afiadas, a ponto de cortar as mãos do trabalhador é extraordinariamente rico em pedras. Em torno da ponte as margens do rio produzem ouro.

Voltamos então para a esquerda e andamos duas milhas numa picada. A terra era, como antes, rochosa de ambos os lados e fracamente revestida. A árvore mais verde e que produz mais sombra era a canela (*Laurinca*). Notei igualmente abundância da congonha-do-campo, de grandes folhas (*Ilicinea*) e uma árvore com frutos verdes, chamada pelo meu amigo de mata-cavalo, termo geral para qualquer planta venenosa. A erva chamada arruda-do-campo, porque se supõe parecia com a arruda européia, embalsamava e empestava o ar.

A última descida levou-nos ao rio das Pedras do sul que aqui corre para o sul. É uma das cabeceiras do grande rio Jequitinhonha,⁸ rival inferior do São Francisco (maior). Nasce como humilde corrente nas montanhas do norte da cidade do Príncipe. Vai recebendo vários afluentes entre os quais o Lomba, ou Jequitinhonha do Mato. Cerca de duas léguas abaixo de Canteiro, torna-se Jequitinhonha do Campo e, finalmente, o verdadeiro Jequitinhonha. Segundo outros, o rio das Velhas é o Jequitinhonha do Mato de Cima, que após receber o ribeirão do Inferno, passa a ser o Jequitinhonha e absorve o Jequitinhonha do Campo. O curso do rio que nos mapas aparece tão regular, dizem que é freqüentemente obstruído por cascatas. Não o percorri. Por fim toma o nome de rio Grande, divide-se em diversos ramos, junta-se ao rio Pardo, forma um delta e enfurna-se no Atlântico cerca de quarenta e cinco milhas ao norte de Porto Seguro, na província da Bahia.

Depois de seis horas, penetramos na pequena estação de uma dúzia de casebres, construídos no pequeno declive que beira a margem esquerda do rio das Pedras. Nessas condições um roxo-forte,⁹ isto é, uma xícara de café preto com rum, o que era perdoável. Feito isso, partimos sem demora para a inspeção.

Começamos pelo princípio, procedimento que, segundo os alemães, é raramente adotado pelos ingleses. A descida para a mina é um caminho estreito sem traçado, que acompanha a alcantilada margem do rio das Pedras. Estava repleto por duas filas de trabalhadores, pardos e pretos, escravos e livres, galvanizados pela presença do chefe. A fila que subia levava à cabeça carumbés¹⁰ ou alguidares de cedro contendo o "desmorte"¹¹ cerca de duas vezes um prato

de sopa, contendo a areia e o cascalho inúteis que é lavado pelas grandes inundações anuais que forram e cobrem as camadas diamantíferas. Tábuas, escadas toscas e planos inclinados conduziam ao fundo da mina, cuja extremidade meridional tinha 80 pés de profundidade por 19 a 20 de largura. Era evidentemente o antigo leito do rio em épocas anteriores antes do canal ter sido cheio até a presente altura. Cada talhão ou marulha de pedra do canal inferior estava maravilhosamente lavrado em covas e curvas convexas, como se as últimas tivessem sido abertas pela ação da água cheia de cascalhos.¹² Esses são os mais ricos orifícios e cada um *pode* fornecer uma centena de contos de réis. As paredes pendentes e o blocos sólidos dos lados, estavam cuidadosamente recobertos de madeira sempre que uma ligação estava tendente a abrir-se.

Os negros, fiscalizados pelos feitores, em cada ângulo, estavam retirando, com as canções alegres habituais, as camadas sem valor, abaixo das quais eles contavam encontrar o cascalho amarelo que contém as pedras preciosas. Alguns perfuravam, outros quebravam a rocha intermediária com uma enorme alavanca terminada por pirâmides. Outros soltavam o cascalho com o almocafre,¹³ ferramenta de forma oval com o fio revoltado, cujo cabo tem dois pés de comprimento. Outros arranhavam nas fendas ou fissuras o que parecia areia, com um “almocafre-de-frincha”, uma lâmina curva, com uma polegada de grossura por quatro ou seis de comprimento. Vi *in situ* a curiosa formação chamada “canga-preta”, que é encontrada em centenas de libras de peso, mas raramente de tamanho grande. A princípio era tomada como carvão, mas tornava-se quente até enrubescer ao calor sem se consumir. Parece fibrosa, como asbestino, e na aparência muito se aproxima do grafite. Aqui encontram-se fragmentos soltos de pedra de lioz, rolados pela água e que assumem formas curiosas. Encontrei um pé de criança perfeitamente reproduzido, e muitos ossos das pernas e das espáduas de tamanho monstruoso.

Todo esse trabalho se processa bem abaixo do nível da água. Um forte dique de cantaria e barro foi erguido ao longo da margem direita até o meio da corrente do rio das Pedras, que aqui corre de sudeste para noroeste, inclinando-se para o norte. Ao longo do poço, as águas são recolhidas em sólidas tinas de cerca de 400 pés de extensão. O poço se bifurca abaixo da mina, um ramo descarrega suas águas amarelas e espumantes no canal inferior, enquanto o outro move uma roda que faz funcionar os sifões e a bomba esgotadora,¹⁴ feita de um tubo de madeira com juntas de couro que deveriam ser substituídas por borracha.¹⁵ A mina, ainda que um tanto úmida, é mantida em ordem.

Esses trabalhos devem ser renovados todos os anos. No fim das secas a parte móvel das instalações é retirada. Em novembro, quando começam as chuvas, o dique é arrastado. A inundação atinge a altura de 25 a 30 p s de altura. Algumas vezes de 40. Naturalmente quanto mais dura a seca, melhor. Os mineiros lembram com gratidão o ano 1833-34, quando a seca se prolongou até as proximidades do ano do Rato, quando esses roedores apareceram em bandos.¹⁶ Geralmente a estação seca finda em abril. Em 1867 caíram chuvas até em julho. Essa incerteza, combinada com vários outros acasos explica a natureza aleatória da pesquisa. “Se eu topar com uma bolsa de diamantes”, disse-me um inglês, “volto para casa no ano seguinte. Mas o “se” indica uma contingência bem menos esperada que a quebra da represa de Baden-Baden.

Nos primeiros tempos os pesquisadores de diamantes, como os de ouro, contentavam-se em fazer a lavagem do cascalho rico superficial, mudando-se depois para outro lugar. Não foi senão há pouco tempo que as pesquisas mais profundas foram iniciadas e os iniciadores tiveram de suportar a costumeira carga de ridículo além das grandes despesas. Mas o riso teve de cessar com as vitórias obtidas. A velha escola vinga-se predizendo que a sorte não pode durar. Este canteiro era tido como exausto, sem valor, quando o Sr. Vidigal, que mereceu tornar-se “Podre de rico”,¹⁷ empreendeu reexplor -la. Homem enérgico e progressista, empenhou no negócio £ 6.000, aqui uma fortuna, antes de pôr a mina em estado de poder funcionar em ordem. Cerca de 6.400 libras de pólvora são despendidas anualmente nas explosões. O desembolso no último ano foi de 25:000\$000. A renda foi de 80:000\$000. Neste ano pode elevar-se a 100:000\$000.

Meu hospedeiro emprega durante a época das escavações 300 escravos, que valem £120 a £150 por cabeça. O aluguel de cada braço, inclusivé a alimenta o,   de cerca de 1\$200 por dia e a despesa mensal de £750. Como em geral entre brasileiros empenhados em alguma explora o que exija trabalho intelectual, o Sr. Vidigal queixa-se amargamente do mercado de trabalho servil. Ele pretende pesquisar tanto de noite quanto de dia, mas o pequeno grupo de sua mão-de-obra compele-o a começar às 6 h e terminar às 6 da tarde. Outra queixa é o domínio do roubo. Alguns proprietários de minas chegam a ponto de declarar que as melhores pedras desaparecem. Um receptador surge perto de cada nova minera o, tão certo quanto junto a uma taverna segue-se um estabelecimento hidron tico; e, aqui como alhures, o corretor ganha mais que o proprietário do diamante. O presidente Jefferson queria que um mar de fogo separasse a Europa dos Estados Unidos. O Sr. Vidigal preferiria, justamente que houvesse um túnel, ou uma ponte.

O desmonte que víamos ser transportado em gamelas para cima é disposto da maneira mais rápida e mais conveniente; quando o cascalho rico¹⁸ ou canga¹⁹ é encontrado, transportam-no para a margem esquerda e dispõem-no em "amontoadas"²⁰ perto do lavadeiro. Esse telheiro eu o reconheci imediatamente pelo desenho familiar à minha infância, e reproduzido do livro de John Mawe em todos os livros populares de viagem. Reconheci o longo telheiro de sapé da mina de Mandanga, com uma corrente de água passando através de uma sucessão de caixas compridas, os quatro inspetores com chapéus de palha, encarapitados em bancos mais altos e armados de chicotes terríveis, enquanto os esguios lavadores, em fila que se seguia, curvavam-se penosamente para seus trabalhos e um deles, numa toailete desagradavelmente sucinta levantava os braços para indicar: *Eureka*. Estava escrito que "quando se encontrava um diamante com o peso de dezesseis e meio carats, o negro que o encontrava (minha inocência não prestava atenção a este "meio") recebia sua alforria e o direito de procurar diamante por conta própria". Como eu costumava simpatizar com esse negro, pouco pensando em minha simplicidade, como fazem tantos "filantropos", que ele ficava exposto a morrer de uma doença que pode ser descrita como consistindo pela maior parte de necessidades, bebida e deboche!

A realidade do lavadeiro consiste num rancho coberto de sapé, construído para servir à fiscalização do patrão, sendo uma das extremidades reservada para uso do "panner". O tamanho total do lavadeiro regula 35 a 40 pés de comprimento por um terço na largura. Mas o tamanho é naturalmente proporcional ao número de lavadores do Canteiro. Um dos lados do comprimento é ocupado por uma fila de nove "bacos",²¹ espécie de tinas triangulares de madeira rústica. Os proprietários mais pobres fazem-nos de pedras chatas, placas de ardósia ou lajes de itacolomito quartzoso e laminado. Cada um desses bacos tem quatro pés de comprimento e três de largura, com um de profundidade. Abrem-se para dentro do telhado por onde corre a água com ligeira inclinação e há uma tábua atravessada para impedir a entrada de material mais pesado.

Assim como o Brasil adotou o seu processo de mineração dos portugueses, e estes dos romanos, assim também tomou o seu sistema de lavagem dos diamantes do Hindustão.²² Ali a estação conveniente era o mês de janeiro, quando cessam as chuvas e os rios correm límpidos. A terra diamantífera era carregada para dentro de um cercado, rodeado por uma parede com dois palmos de altura, com pequenos escoamentos na base; isso servia de baco ou "batedor". Juntava-se água e a mistura era deixada por um dia ou dois até que se transformasse em lama. A massa era novamente lavada e pres-

sionada com terra para comprimir a lama. Após isso os escoamentos eram abertos e a matéria terrosa se escoava. O resíduo do cascalho era de novo coberto de água se não estivesse limpo. Quando seco era peneirado em cestas como grão para que a areia saísse. Voltava ao cercado, espalhado com um ancinho e batido com longas varas de madeira. Já se experimentou o uso de seixos, eles porém têm o inconveniente de rachar os diamantes. O cascalho é novamente peneirado, espalhado e reunido então em montões de onde se selecionam os diamantes.²³

As lavagens aqui começam com as chuvas, mais ou menos em novembro. As partes elevadas do receptáculo são carregadas de cascalho e uma mão, que permanece em frente ao fundo aberto ou ao lado de cada baco, faz jorrar água sobre ele com uma jarra ou uma bacia de madeira. Com a mão ele remexe a massa para retirar a terra, poeira e argila inúteis até que a água corra límpida e então procede a nova lavagem. Depois de terminado o processo podem os diamantes ser descobertos. Assim um pacote de diamantes é às vezes, mas muito raramente, encontrado. O escravo afortunado não bate mais palmas como antigamente como sinal. Ele pode encontrar sua liberdade ao encontrar uma pedra pesando mais de uma oitava e meia, não por lei, porém, mas a fim de animar os outros trabalhadores.

Terminado esse trabalho preliminar, o cascalho, agora tecnicamente chamado *areias*, é removido para a *panner*, que se compõe de duas bacias, iguais às que se usam para lavagem do ouro. A peneira é dotada de um fundo de folha perfurada, com orifícios de uma a meia polegada, podendo reter pedras o tamanho de um vintém (cerca de meio carat). O tamanho, porém, varia conforme as condições. A outra é a bateria comum, com uma depressão (pião) dentro da qual a areia de ouro, se depositava pela sua gravidade específica.

A lavagem começa na bateia. É carregada com o cascalho rico misturado com água e areia de modo a formar uma pasta dentro da qual a pedra preciosa afundará. Dá-se à mateia o movimento rotatório. A água superficial é esparzida fora e a matéria inútil de cima é tirada com a mão; mais água se junta e assim continua a operação. O processo seguinte consiste em peneirar a bacia perfurada mantida sobre a bateia. Depois disso a areia mais fina que cai na batela inferior é lavada e torna-se “corte”,²⁴ de cortar, ou parar. Quando lavada outra vez diz-se “recorte”. O cascalho pode assim ser tratado uma dúzia de vezes ou mais e a pedra preciosa, naturalmente muito diminuta ainda será encontrada no fundo. Um bom lavador despende de meia hora a três quartos de hora para esvaziar uma só bateia. Depois de peneirada a areia, ela deixa de ser assim chamada, mas

“canjica grossa”²⁵ e as peças são menores na última do que na primeira.

As lentes de aumento não são ainda usadas; entretanto elas poupariam muito trabalho e evitariam perdas. O sistema presente rude exige muita atenção da vista, que em breve falha. Após vinte e cinco anos poucos olhos merecem confiança e as crianças são sempre os melhores lavadores.²⁶ É durante esse tratamento que ocorrem a maior parte dos roubos. Poucos engolem os diamantes no Brasil, não por considerarem-no venenoso como os indianos,²⁷ mas pela dificuldade de o fazerem sem serem percebidos. Na Índia o mineiro esconde-o na hora dentro da boca, ou enfia-o no canto do olho. De doze a quinze fiscais são necessários por um grupo de cinquenta homens de dedo leve. O ladrão civilizado pretende ser mal observado e esconde a descoberta com a ponta da língua. Uma maneira favorita de agir é parar de trabalhar como se tivesse sido mordido por uma cobra e assim distrair a atenção do superintendente que, se for esperto evita o golpe. A maior parte das pedras desaparece atirada do bordo do vasilhame para serem apanhados com facilidade.²⁸ São facilmente vendidas ao adolo, ao taverneiro ou ao receptor mais próximo. Isso explica o número de escravos que compram sua liberdade e se internam no mato. Mesmo o homem branco adquiriu este impulso imediato para esconder o diamante.

De noite encontrei o Sr. Thomas Piddington, cornoalhês, que há trinta e dois anos veio como mineiro e durante o período de uma geração não mais viu sua mulher e seus filhos. Contudo, para ser justo para com ele, ele fala sempre em voltar para casa e talvez o faça. Mas adquiriu o hábito de ser generoso na proporção do dobro de seus meios. Ele já percorreu todas as funções numa mina, desde a bomba e a ponte e é geralmente consultado em seus problemas pelos donos de minas de toda a região em volta. É um homem de bela aparência, de feições corretas e pode servir de exemplo de inglês de raça. Dificilmente acreditou que eu não fosse americano. Insistiu em que eu fosse visitar um de seus companheiros, o Sr. Aaron, que tem uma mineração em Quebra Lenha, perto da vila de Santa Cruz, no rio Jequitinhonha, a vinte e três léguas de Diamantina. Faltou-me o tempo, mas não vontade.

A noite estava fria, o rio sombrio e tétrico, e pesadas nuvens acumulavam-se no norte, tornando meu hospedeiro carrancudo, pois as chuvaradas nessa época são seriamente prejudiciais aos donos de minas de diamante. Na manhã seguinte levantamos cedo, pois tínhamos uma tarefa dura destinada a nós. Depois do café pusemo-nos a caminho seguindo a escabrosa estrada que acompanha a margem do rio das Pedras; um caminho mais curto e melhor corre pela margem

direita. Perto do Canteiro há um serviço menor pertencente ao meu amigo Vidigal. Nesta estação ele emprega cerca de vinte escravos. Para cima existe um excelente lugar para construir-se uma casa com excelente capacidade de superintender o trabalho. Mas meu hospedeiro é um filósofo que se satisfaz com sua cabana desde que ela lhe proporcione dinheiro. O lugar aqui é pitoresco, com o contraste do céu azul, as areias brancas e uma profusão de quaresmas roxas. O terreno, onde não é pedregoso, é produtivo como provam os campos em torno do moinho de fubá. O meu guia chamou-me a atenção para certos cortes e barrancos revolvidos no fundo da pequena Grupiara, em pouco mais afastado do rio. Foi aqui que, há alguns anos, um tal José Joaquim de Sousa percebeu uma formação de diamantes à flor da terra, ao lado de uma enorme casa de formigas (*Atta cephalotis*, a taó dos tupis, a formiga da roça do Brasil). Antes de comprar a terra ele extraiu 150 oitavas (quase quatro libras) de diamantes e, ao morrer, deixou £6.000.

Depois de meia hora atravessamos a vau o rio das Pedras, corrente notoriamente perigosa: ultimamente afogou dois rapazes. Em breve avistamos o alvo da nossa viagem: a casa do Dr. Dayrell, atraente e limpa com um quintal rico em laranjeiras e outras frutas, estava lindamente bem colocada. O ar estava agradavelmente perfumado com o cheiro da velha terra, quando não é forte demais na nova terra. A produção mais curiosa é o cipó-jibóia,²⁹ nome da cobra, trepadeira assim chamada pela sua forma. A seiva, dizem, produz excelente cimento e pratos da China colados com ele, ao serem atirados ao chão, quebram em outros lugares. Isto seria uma dádiva para muitas notáveis donas de casa.

O Dr. Dayrell, meu conterrâneo, de família de Barbados, originário de Bucks, pode corrigir Rokeby ao tratar de seu antepassado "o selvagem Dayrell", de Littecot Hall, que queimou uma criança. Depois de se graduar em Londres, casou-se e veio em 1830 para a Companhia de Cocais. Sabe muita coisa a respeito dos primeiros tempos da mineração. Nos últimos trinta anos estabeleceu-se em Diamantina, onde uma grande família de filhos e filhas cresceu em torno dele, e que em prejuízo de sua carreira profissional, ganhou grande prestígio. Ele tem uma casa na cidade e uma fazenda de cerca de 1.200 alqueires. Todos os seus filhos estão encarreirados e vê com indiferença mesmo a perspectiva de tornar-se senhor da velha mansão.

O Dr. Dayrell dignou-se amavelmente acompanhar-nos. Depois pôs suas pistolas nos coldres do arreio do burro e assoviou para seu cão, um mastim meio-sangue da criação de Morro Velho, que está agora infelizmente desaparecendo. Aprendeu a ser cauteloso já que

foi alvejado duas vezes na serra do Grão Mogol, uma vez por engano e outra com visível propósito. Cavalgamos pela margem direita do rio das Pedras em direção a uma pequena lavra, onde um dos filhos do Dr. Dayrell, Felisberto Dayrell, estava trabalhando com uns vinte empregados. A propriedade é alugada e produziu diariamente 2\$000 por cabeça. Com habilidade e economia pode ter resultados melhores. A "Corrida"³⁰ é uma miniatura da mina Canteiro; há uma represa, mas de tamanho diminuto, e o poço ainda raso. Para diante a estrada é áspera e o rumo tortuoso. Cerca de uma légua adiante alcançamos a ponte de Santo Antônio, nome de um córrego que causou o desenvolvimento de um arraial. Os bacos usados no ano passado pelo dono ainda jazem no solo. O córrego do Mel junta-se ao rio das Pedras adiante da ponte do Diabo, e a afluência é horrível, cheia de rochedos agudos e denteados que atravessam quase toda a largura do rio. Os blocos são de duríssimo itacolomito, revelando uma nítida clivagem: uma variedade é verde (Cabo Verde) enquanto a outra tem uma crua tonalidade arroxeadada por efeito do ferro. Ambas cintilam dentro da mica.

Acompanhados pelo Sr. Carlos Dayrell, outro rebento da família, chegamos à mina da Barra da Lomba. O serviço, mantido pelos concessionários José Bento de Melo, José Julião Dias, Camargos e outros, goza de alta reputação. Durante o último ano uma simples ação forneceu quarenta e uma oitavas de ouro, ou acima de cinco onças, valendo £4.000. O sistema é o mesmo do Canteiro, mas os trabalhos são mais vastos, o poço é mais profundo e o trabalho mais perigoso. A represa se estende até o meio do rio das Pedras, aqui uma corrente muito mais importante, e separa as águas das escavações da margem esquerda. Desci cerca 180 pés por uma ladeira de 45° a 50° e achei a parte subterrânea muito estreita e apertada, já que os trabalhadores tinham de usar luzes e essas luzes eram archotes.

A Lomba é drenada por uma bomba que John Mawe esboçou em 1801 e que Caldcleugh comparou com a irrigação usada na China. Este caixão do Rosário, ou Macaco³¹ inspirado no Hunde, ou Hundslauf de Freyberg, baseia-se no princípio dos baldes içados. Esquadrias de madeira, colocadas por intervalos numa corda sem fim, passando por estreito orifício, que preenchem rente, e que rodam em torno de uma roda movida a água, levantando os baldes drenam a mina. Como notei anteriormente, a única máquina auxiliar legada por Portugal ao Brasil é o miserável monjolo, a mais tosca das invenções orientais. As artes mecânicas ainda estão aqui num nível muito mais baixo do que nas plagas do sul do Mediterrâneo e temos que nos satisfazer com as descrições feitas por Piso e Marcgraf em 1658. Não encontrei nos mais adiantados serviços de mineração de

Minas Gerais o menor sinal do emprego do moedor, do guindaste, da polia e dos trilhos e sequer o menor conhecimento da cábreia. O negro é a única máquina que produz e ele pode transportar tanto quanto um colegial poderia pôr em seus bolsos — um par de baldes faria o trabalho de uma centena desses homens. Até os indianos empregavam grandes rodas de madeira movidas a mão para fazer funcionar as placas de aço nas quais o diamante era lapidado. Os melhoramentos importantes, contudo só poderão provir pelo exemplo de uma raça mais construtiva. Perguntaram-me a opinião sobre o sistema e sugerimos umas poucas das mais simples modificações. Acharam-nas impraticáveis e não foram recebidas favoravelmente. Neste ponto muitos brasileiros parecem-se com doentes mentais, capazes de engolir sem protestar as mais fortes doses de solda derretida, mas fechando a cara quando se diz que um simples órgão pode ser assaz deficiente para o desenvolvimento.

Almoçamos em Lomba com voraz apetite. A refeição é geralmente feita em hora tardia tanto pelos proprietários de minas como pelos pesquisadores, que dedicam a maior parte da manhã ao trabalho. O estilo é assaz patriarcal. O chefe senta-se à cabeceira da mesa e bebe em copo de prata, enquanto todos os inspetores se alinham de ambos os lados e desaparecem logo depois do café. A despeito das observações sobre a maquinaria não houve falta de cordialidade por parte dos meus hospedeiros.

Do Serviço fomos para Diamantina por um mau caminho cerca de vinte léguas de comprimento, deixando a estrada real a oeste. Felizmente para mim, estava montado num burro tão bom para as más estradas quanto mau para as boas estradas, caso não muito raro. A única ponte estava quebrada e as lamas eram profundas. O caminho era todo acima e abaixo e as margens desagradavelmente íngremes. A vegetação, peroba e copaíba, monjolo e braúna³² parecia ser dura como pedra tal como o caminho, justificando aqui a crença popular na concomitância, ou talvez, diria eu, na consequência do fenômeno. Passamos à esquerda de Maravilha, ou Montanha Maravilhosa que daqui parece dividida em dois picos. O de noroeste tinha uma altíssima escarpa que forma um paredão agreste cuja ascensão só insetos podem tentar, a de sudoeste mais branda e mais fácil de subir. Na base grandes orifícios amontoados esperam as chuvas. O cimo é de uma vegetação rala que forma tufos entre as lajes de pedra.

Debaixo de um sol causticante prosseguimos nosso caminho pelas áridas colinas que escondem no seio o diamante. Passamos por vários telheiros de sapé, nesta estação todos desertos. O primeiro ficava junto ao ribeirão do Inferno onde certos trabalhos durante os tempos chuvosos chamados Mata-mata³³ pertencem ao Sr. José Juliano e

companhia. As seguintes eram as lavagens no tributário ribeirão do Palmital. Eram de propriedade do coletor, Sr. Venâncio Mourão. Pouco depois encontramos a estrada real do sul pela qual havíamos deixado Diamantina e, entre lobo e cão, encontramos-nos sob o teto hospitaleiro do Sr. João Ribeiro.

Depois desses dois dias podemos corrigir o Sr. Harry Emanuel que, em seu bem elaborado livro³⁴ quase ignora as formações diamantinas de Minas Gerais em favor das da Bahia. Assim, nos últimos três anos o algodão de São Paulo tem, com desgosto dos paulistas, aparecido em Londres com o falso nome de Algodão do Rio.³⁵ Minas começou as suas pesquisas no século XVII e, em 1731, a frota de Lisboa levou para a Europa 1.146 onças de pedras preciosas. Lemos (p. 59): “Em 1754 um escravo, que havia estado trabalhando em Minas Gerais, foi transferido para o distrito (?) da Bahia”, e essa transferência fez com que se comesse ali a exploração. Mas a grande província da Bahia começou a explorar sua chapada, ou *plateau* somente em 1845-1846. Na mesma página encontramos: “o distrito mais produtivo no momento presente, a Província de Mato Grosso, fica nas vizinhanças da cidade de Diamantina”. Isto deve referir-se à cidade que acabamos de visitar em Minas Gerais. As explorações de Mato Grosso são chamadas (Rio, Arraial ou Sertão) Diamantino.³⁶

Notas ao capítulo XLIX

1. N.A. Essa palavra é aplicada a uma areia grossa e seixos rolados ou não; a formação não é aglutinada por goma ou cimento e não tem corpo. Na mina de diamante há mais água que no desmonte, como explicaremos agora.
2. N.A. Saint-Hilaire (I, I, 330) diz que o Serro fica a mais de dez léguas de Diamantina. O Dr. Couto coloca-a a dez léguas para o sul-sudoeste (p. 1). O povo diz que é mais perto, mas usam uma légua mais comprida. Serro (Cerro é a forma antiga) é uma forma particular aplicada a determinados lugares onde há linhas de morros ou montanhas. Originariamente significa morrinho. Constâncio define-o «monte alto» e Morais, «outeiro», como também «monte alto». O Serro do Frio, mais usado do que Serro Frio, é considerado uma tradução do tupi *Iviturui*, de *ivitu*, vento e *tui*, frio.
N.T. O nome atual é novamente Serro.
3. N.T. Curralinho chama-se hoje Corinto.
4. E não «tabuleira coberta» como escreve Gardner. Este *plateau* é uma variante do campo, coberto de árvores retorcidas. O termo se opõe a tabuleiro descoberto, formação de maior altitude, onde aparece somente vegetação mais resistente e relva mais agreste.

5. N.A. Casamenteiro das Velhas é o título que detém São Gonçalo no Brasil. John Mawe, com a sua usual imprecisão acerca de nomes, chama a cidade de *São Gonzales*.
N.T. Chama-se hoje São Gonçalo do Rio das Pedras.
6. N.A. O dicionário Tupi denomina jacá como cesto de cipós. Mas é mais usualmente feito, creio eu, de bambu trançado.
7. N.A. Assim se pronuncia a palavra, mas escreve-se Gorgulho, que significa um pudim, ou melhor, uma massa solta (Curculio). É descrita como uma massa solta ou compacta de pedras cheias de arestas, encontradas com mais freqüência no campo, distinguindo-se do cascalho, formado de pedras roladas. Muitos empregam a palavra para definir um amontoado de cascalho e outros uma formação maior que o cascalho. Um estudioso inglês de litologia seguiu o erro de John Mawe que transformou gorgulho em «burgalhao».
8. N.A. O nome é escrito de várias maneiras. A velha maneira é Gectinhonha. Depois passou-se a Giquitignogna, Gigtinhonha, Gequitinhonha, Jiquitinhonha e assim por diante. A maneira trivial e popular de explicar o nome é «Jequi tem nhonha», o cesto de pescar pegou um peixe. Jequi é palavra tupi que significa armadilha de peixe. Nhonha, segundo alguns, no dialeto local não quer dizer peixe nenhum; na língua geral a palavra é *pira* ou *pira*. Saint-Hilaire (I, II, 142) diz que lhe foi explicado como cesto cheio. *Juquiá* seria cesta. Isto nos leva a certas derivações como *capivarhy*, de *capivara ahi*; *arassuahy*, de ouro só aí, e assim por diante.
9. N.T. Em português no original.
10. N.T. Em português no original.
11. N.A. Chamam desmante a uma massa de areia e cascalho com maior ou menor consistência. Em mineração de ouro desmontar significa remover vegetação e húmus do cascalho aurífero. Em Portugal são sinônimos de roçar ou desmoutar, limpar a terra para o cultivo.
12. N.A. Encontraremos muitos desses «pit-holes» no leito do São Francisco. O nome é *caldeirões* e não *caldrones* como escreve John Mawe, ainda que ele os descreva justamente «les creux qui étaient auparavant des remous» (II, cap. 2).
13. N.A. Não almocafra como diz Castelnau. Tavernier descreve: «pequenas varas de ferro curvada na ponta», usadas para retirar o cascalho e a areia diamantífera do seu veio.
N.T. Jean Baptiste Tavernier (1605-1689) viajante francês. Suas viagens tiveram grande divulgação.
14. N.A. A bomba usual é chamada *bomba*. Aquela a que acima nos referimos é chamada *buxa de saco*.
15. N.A. Nesta parte do Brasil diversas árvores são apontadas como possíveis fornecedoras de *caoutchouc*. Em 1785-1787 Ferreira observou a borracha indiana obtida da *Hancornia speciosa*. «Resina elástica e concreto suco lácteo *arbor vulgo Mangabeira* — *in hac observantur proprietates ususque gummi elastici*. O povo parece ter em alta conta essa fonte de borracha. Eu não.

16. N.A. Em certas partes do Brasil os ratos enxamelam quando o bambu floresce.
17. N.A. «Rotten with riches», expressiva expressão vulgar brasileira.
18. N.A. Chamado geralmente «cascalho corrido», em oposição a cascalho virgem. É composto de quartzo, mica e outros complementos ligados pela argila de ferro vermelho-amarela e coberta com o escuro e brilhante revestimento metálico que lhe dá o nome. É extremamente diamantífero como também aurífero. O Sr. Sipolis mostrou-me uma bela pedra nele incrustada, evidentemente resultante da lavagem da água. Esse amigdalóide tem sempre consistência. Ou corpo. Quando quebrado torna-se gurgulho de canga. Para outras particularidades, v. vol. I, cap. 21.
19. N.A. Canga na sua forma aglutinada, é freqüentemente aplicada, diz o Dr. Couto a ocre de cobre. Quando o Sr. Emanuel escreve «Takoa Carza», presumo que ele queira dizer Tauá, feldspática argila e canga.
20. N.T. Em português no original.
21. N.A. Essas velhas caixas eram chamadas cuiacas; parece que passaram a fazê-las mais largas, freqüentemente três jardas de comprimento por duas de largura.
22. N.A. A pedra ali ocorre em solo de cascalho e saibro silicoso (itacolomito?).
23. N.A. Dr. John Francis Gemelli Careri: *Viagem à roda do mundo*, 1683.
24. N.T. Em português no original.
25. N.T. Em português no original.
26. N.A. Assim é que nos diz Tavernier que no Hindustão as crianças são os melhores julgadores da água, do peso e da pureza do diamante. Há nele uma curiosa descrição dos meninos compradores e do menino principal.
27. N.A. Os indianos, como é bem sabido, consideram o diamante em pó como um veneno mortal, e os velhos indianos lembram o caso do velho Comissário-agente que veio à corte com um pequeno pacote debaixo de seu colete-faixa, disposto a engoli-lo se revisitado o seu fato. E verdade é que ele atua como o vidro esmialhado dado aos cães como antitelmítico, roçando as superfícies intestinais. Soube de casos no Brasil em que esse método foi empregado.
28. N.A. Muitas apostas têm provado que os negros podem roubar os patrões debaixo de suas vistas.
29. N.A. Também vi escrito *Gibóia*, de *gi* ou *ji*, acha e *bóia* ou serpente, porque é tida como capaz de atacar como uma machadinha. A grafia certa é jibóia.
30. N.T. Em português no original.
31. N.A. Os primeiros viajantes descrevem o Macaco como uma «série de dentes de madeira erguendo uma caixa quadrada» (Mawe I, I.). A edição francesa dá um esquema da máquina.

32. N.A. Muitas vezes grafado graúna. Este é também o nome de um pássaro de penas brilhantes. Deriva de *guira* (ave) e *una*, contração de *pixuna* (preto).
33. N.A. «Lorsque l'on découvrit des diamans dans cet endroit, le peuple s'y précipita en foule; des rixes s'engagèrent, et de là vient, dir-on, le nom de Matamata (tue-tue)». Saint-Hilaire (II, I, 64) segundo Spix e Martius, *Reise*, I, 452.
34. N.A. «Diamonds and precious stones», by Harry Emmanuel, F.R.G.S. Londres, Hotten, 1865.
35. N.A. «Províncias como a de São Paulo, onde nunca um pé do terreno tinha sido plantado com algodão», diz o Prof. Agassiz (*A journey in Brazil*, p. 508). Mas a provincia de São Paulo foi sempre célebre pelas suas plantações de algodão.
36. N.A. Pizarro: *Memórias históricas*, IX, 19, 20, 21 etc

CAPÍTULO L

A MINA DE DIAMANTE DE SÃO JOÃO

A família Brant — “Duro” — Cavalgada — “O esporte” — Diferentes espécies de veados — Chegada ao arraial de São João do Descoberto — Alimentação rápida — A mina de Duro — A mina de Barro — Engajamos “O Menino”, novo remador.

C'est dans ces lieux sauvages que la nature s'était plu à cacher la précieuse pierre qui est devenue pour le Portugal la source de tant de richesses. Saint-Hilaire. II, I. 2.

O Sr. Gordon havia me fornecido recomendações para os irmãos tenente-coronel Felisberto Ferreira Brant e Major José Ferreira Brant. A família descende de um antigo governador das armas da Bahia e, como se pode ver em Southey e Saint-Hilaire¹ tomou parte saliente na exploração de diamantes. O major tem um armazém em Diamantina e o tenente-coronel, durante o período de ausência de seu genro, superintende as importantes explorações de São João. Fica a nor-noroeste da cidade. Estava eu ameaçado com a pior das jornadas, mas a resposta foi: “não há bom pasto nem mau caminho durante a seca; não há mau pasto nem bom caminho durante as chuvas”.

Cerca de meio dia parti “comboiado” durante curta distância pelo major Brant. O Sr. Sipolis tinha ficado mais ou menos de juntar-se a nós; mas o roubo e a fuga do escravo cozinheiro que alimentava o Seminário Episcopal exigiram sua presença em casa. Passando pelo Curral e pelo Alto da Cruz, onde a vista era mais agradável por que já agora conhecia as minúcias, tomamos a estrada real a oeste da cidade. Um grupo de jovens caçadores, com as espingardas a tiracolo, marchava descansadamente pelo caminho. Um amor demasiado por este esporte no Brasil tem feito tanto mal no país como os que ameaçavam na Inglaterra os Clubes dos Pardais. Já me referi ao domínio da praga das formigas desde que os comedores do inseto foram destruídos. Da mesma forma a destruição dos

pássaros aumentou a praga dos carrapatos. O cenário igualmente perdera em beleza artística; os pássaros brilhantes, as araras, desapareceram da beira-mar e refugiaram-se no extremo oeste. É de esperar que os amadores ouçam os sensatos conselhos do padre Correia e ataquem víboras e jaguares em vez de liquidarem as tanagras e os seguidores de Orfeu.

Os conservadores das estradas não estão ausentes nesta parte do Brasil. As subidas e descidas pelas ondulações naturais do terreno, cortando sulcos arenosos ou pedrentos, com água ou tingida de lama cor de ardósia pelos lavadores,² eram o que havia de pior. Mas a terra de nenhum modo estava deserta. Muitos estabelecimentos mineiros estavam esparsos e freqüentes amontoados alvadios denotavam a existência de "serviços". Às 14 horas e 15 minutos o velho Ferreira e eu atravessamos o córrego dos Morrinhos e paramos para tomar um café no rancho mais próximo. A dona da casa sentou-se sobre as pernas enrodilhadas à beira da cama à moda da Índia, mas sua extrema capacidade de comunicação e o gosto pelo que chamamos palração, substituiu a graça da postura. A reserva semi-oriental e portuguesa começa a desfazer-se à medida que penetramos pelo interior. Para o habitante do Norte o resultado é sem dúvida agradável. Não perguntei o nome do hospedeiro e da hospedeira, enquanto eles determinaram francamente que eu era o chefe de polícia de Ouro Preto e eles estavam ansiosos por saber minha atividade. Riram-se desdenhosamente quando souberam que eu era inglês. "Se isso for verdade", perguntaram, "como se explica que você não conheça o Nicolau, seu patrício, que vive a um tiro de espingarda daqui?". Era ele, insinuaram eles, um dos "perdidos"³ pobre miserável, que desperdiçava sua vida no desalinho e na bebida quando conseguia algum trabalho precário. De qualquer maneira, serviram-nos um delicioso café que nos animou para o resto da jornada.

Atravessamos então uma longa planície, lugar que parecia feito para caça. Só uma campeira, ou veado-do-campo (*Cervus campestris*), apareceu muito longe, oferecendo boa caça. É muito procurada. Castelnau menciona o *Campeiro* e o príncipe Max o veado-do-méxico (*C. mexicanus*) dos naturalistas e o *guazati* de Azara, que fala numa variedade branca (albinismo?). Ele prefere os campos às florestas e corre aos saltos sucessivos. O tamanho é aproximadamente o de um bode-montês; a cauda é curta e o pêlo é marrom-avermelhado. O povo aqui costuma dizer que é a fêmea do galheiro, cujas grandes cornaduras impedem-na de penetrar no bosque e cuja carne é fétida. É a *çuçua-para*⁴ dos tupis e o *guazupucu* de Azara. Segundo velhos autores ele ataca o homem em certas estações. É freqüente nos campos e nos pântanos. Tem a cauda curta e o tamanho de um bezerro de um ano.

Sua carne é comida em janeiro, fevereiro e março; depois desse tempo é tida como maligna. A forma favorita é moqueado⁵ assada no borralho. O mateiro, ou veado-da-floresta, o *guazupita* de Azara, chamado pelos tupis *çuçu retê*, ou verdadeiro veado, é de todos a espécie mais comum. Tem a cauda branca e atinge o tamanho de um carneiro. A carne, dura e magra parece-se muito com a de vaca (carne de vaca), especialmente a vaca velha. O catingueiro, literalmente o malcheiroso⁶ (*C. simplicicornis*), o *guazubira* de Azara, vive, como o precedente, nas florestas e nos vales bem revestidos de vegetação. Dizem que muda os seus curtos e rígidos cornos sem ramificações. Tem cauda curta e o corpo recoberto de pêlo marrom é visivelmente pesado demais para suas delgadas pernas, que são dispostas em ângulo, dispondo o animal para saltos. Sua forma parece-se com a do *pallah*, o veado-porco do Sindh, e mesmo o roedor brasileiro, a paca (*Catogenys paca*). Além desses ouvi falar de um veado-do-pântano (*C. paludosus*), *çuaçupucu*, algumas vezes escrito erroneamente *suaçu pucu*, e do raro *bira*, um pequeno veado vermelho que se diz que, quando perseguido, salta sobre um galho de árvore. Mas o gamo aleonado mencionado por Mawe ainda não foi descoberto, nem os antílopes, que Koster localizou no Novo Mundo.⁷

Após subir um mau caminho, atravessado de valos e semeado de pedras soltas do itacolomito normal, vimos longe à esquerda, ou oeste, entre os picos do Serro Frio, a curiosa formação conhecida como Tromba-d'Anta.⁸ Daqui ela se parece muito com o Itacolomi de Ouro Preto, um imenso monolito erguido em um ângulo de 50°. Noutro morro, abaixo de nós, à esquerda ficava o estabelecimento mineiro chamado a Chapada. Mais uma inclinação gramada onde nada pode crescer além de um pé, devido ao feroz vento do norte que faz as folhas caírem enquanto um sol ardente faz as flores selvagens encarquilharem-se e secarem. Daqui avistamos o arraial de São João do Descoberto, tido como colocado no ponto mais alto do município.

A vila abriga-se num fundo escavado perto das minas que lhe deram origem. A oeste fica o morro Redondo, um pequeno canto coroado com uma alta cruz; a leste fica o cemitério, também com sua cruz. A única rua orgulha-se de uma humilde capela de madeira numa pequena esquina. O Almanaque de 1864 dá-lhe 2.000 almas e 300 casas, números que eu dividiria pela metade. As construções são as do costume, da taipa usual, pela maior parte caiadas, com portas e janelas estreitas e cobertas de palha ou telhas. Cada uma tem um tapume para defender a vegetação do mais rude Bóreas. O material é a lama e a pedra seca, aqui e ali prolongada com estacas e outros artificios.

Voltando-nos para a direita atingimos a crista do nosso espigão-mestre, cujo escoamento se faz, pelo norte para o rio Jequitinhonha, e para o sul para o rio das Velhas. Nos dias claros domina um cenário de cerca de oitenta milhas em diâmetro. Para oeste fica um campo liso; a leste jazem pilhas de pedras denteadas; em frente, colocada como proteção um pouco abaixo do morro, fica uma comprida, baixa casa de um só andar, com uma pequena capela no fim, em face de uma alta cruz negra, um poço cheio de água lamacenta, e um pequeno campo fechado para guardar os animais.

Como de hábito meu camarada tinha caminhado à frente com as cartas. A dona da casa recebeu-me à porta e convidou-me hospitaleiramente a desmontar. Encontrei o dono da casa jantando com alguns homens, jovens, parentes e empregados. Terminada a restauração física⁹ voltamo-nos para as escavações. São conhecidas como minas do Duro quando se encontrou o primeiro diamante, o pesquisador encontrou um terreno duro. Atualmente é macio e muito úmido como o do poço vizinho.

Deparamos com um largo buraco que, ao primeiro exame lembrou os Esbarrancados, ou brechas tão numerosas em Minas Gerais. A forma era a de alongada ferradura, com o eixo maior disposto de sudeste para nordeste e o calcanhar esgotando-se no rio Jequitinhonha. A profundidade pode ser noventa pés, a largura de 300 jardas e o comprimento perto do dobro. O material é uma endurecida pasta de argila, cuja estratificação dá a convicção de ter sido depositado em água pouco profunda. O lado oriental do abertura é a de formação mais ferruginosa (terra vermelha); para oeste está misturada com camadas de areia branca. Um pé abaixo do solo castanho a matéria argilosa tem a mancha usual marmorizada, brilhando como terra lavada com feldspato e caolim, cor de chocolate ou rapé com matéria orgânica, azul-verde com traços de cobre, rosa e rosa-vermelho e amarelo-escuro com vários óxidos de ferro, especialmente a hematita, e cor de aço escuro com óxido de manganês. Assim os antigos viajantes descrevem os poços diamantíferos de *Mustafa nagar circar*, como um barro branco gordo associado com pedra de ferro.

Ziguezagueamos pela leve ladeira do muro oriental, que em toda parte revelava sinais de ter sido esgravatado. Aqui o "lambedor" hidráulico da Califórnia, onde uma queda de água esburaca 250 a 300 pés de profundidade, poderia ser aplicado com grande vantagem. O mais rico corpo é o n.º 3, ou o mais alto. O avanço da argila listada é na direção norte-sul, tendendo para oeste. O veio inclina-se para os terrenos superiores e, assim, o proprietário espera encontrar as camadas que contêm as pedras preciosas espalhando-se pelo cimeira

da separação das águas que forma a sua propriedade. Através da borra ferruginosa e a matéria feldspática correm regos e linhas de cristal de rocha fragmentários, às vezes como aragonita fibrosa e freqüentemente pulverizada. Grandes pedaços de ferro especular imperfeito e finas camadas de quartzo, amarelo e marrom na junção, passam por entre a argila. Mostraram-me um espécime de belo conglomerado de areia, escurecido e escorificado pela injeção de material derretido. O característico desse veio de metal superior é um barro mais seco, sílica, um traço de cobre, de cimento, de ferro e da canga em pequenos pedaços. Quando o ferro especular está em grandes pedaços e abundante, a rocha é rica em pedras preciosas. Suas Agulhas¹⁰ são como feixes delas soldadas pelo intenso calor. Algumas são duplas, as fibras aparecendo em ângulo obtuso. As “Agulhas cor de ouro” têm uma superfície brunida e acobreada, donde o nome.¹¹ Através de todos esses corpos os diamantes são pequenos, na média talvez um pouco abaixo de um grão, ou 64-72 por oitava; estão pela maior parte encrustados superficialmente com um ligeiro tom esverdeado.

Mais abaixo viemos para o meio do segundo corpo. Aqui o *tauá* ou barro feldspático era rijo e arenoso, marmorizado com um rico, azul e lamacento barro branco, que deixa nos dedos um risco untuoso e duro. Também contém uma argila escura verde-oliva, mais dura que o resto. Como todas as outras tem uma consistência *in situ*, mas ao ser tirado parte-se em pedaços depois de seco. O tenente-coronel Brant deu-me deste corpo um fragmento de barro duro fortemente granulado, vermelho pelo óxido e mostrando um pequeno diamante nele incrustado.

Descemos então para a formação mais baixa. Aqui o barro contém muito pouca areia e muito manchada. As cores são o azul, o vermelho, e amarelo, róseo malhado e, em alguns lugares tinto como sangue. Aqui também encontram-se agulhas em molhos listados de ferro, como asbestos. O fundo do poço é uma turbulência com os trabalhos, e em alguns lugares cavaletes e chefes, e longas paredes de barro rijo deixadas entre as perfurações e os cortes. Neste ponto os vários veios eram distintamente perceptíveis nas paredes do tanque. Uma profunda vala dividida pelo comprimento e na extremidade nordeste estava um lugar de lavagem: um poço pouco profundo, em face de dois círculos concêntricos de ramadas de feixes para impedir a lama de cair dentro dele.

Dirigimo-nos então para o extremo nordeste e encontramos sinais dos Srs. Rose e Piddington: trilhos de 600 braças de extensão tinham sido instalados e uma pequena torre caiada assinalava a casa das máquinas e permite que a mina funcione durante o ano inteiro. O aparelhamento sob o telheiro próximo consiste num “batedor”,¹²

de dezoito pés de comprimento, nove de largo e oito de profundidade; a argila acumulada ali pelos tróeis é primeiro aqui empoçada. Daqui uma corrente de água faz com que ela passe por uma sucessão de *molinets* ou *bulinets*,¹³ no formato de caixões como em Canoas, mas muito maiores. São revestidos de cimento, e cada um é provido, onde está a ladeira, de uma tábua ou uma peça de madeira para evitar que substâncias mais pesadas sejam carregadas pela corrente. Muito poucas mãos estavam trabalhando. Antigamente o Duro empregava acima de uma centena de negros, número agora reduzido à metade e que parecem poucos numa tão vasta área.

De noite o hospedeiro discutiu acerca do Rabicho do rio Jequitinhonha, dezesseis léguas além de Diamantina, o *crupper* (rabicho) toma seu nome de um saco ou curvatura, através da qual uma abertura de uma milha se abria, se exposta, cinco milhas altamente adamantinas. Um plano dessa área foi feito por Mr. Charles Baines, C.E., e uma concessão para sua exploração foi feita ao comendador Paula Santos. Infelizmente a lei, em sua insensatez, exige que as companhias trabalhando na exploração de diamantes precisam ser compostas, ao menos em igual proporção, por brasileiros e estrangeiros. Isto é na realidade uma relíquia da estreiteza de vistas do exclusivismo colonial. Não é fácil ver porque o cunho de diamantes deveria exigir uma regulamentação especial.

Na manhã seguinte cedo o tenente-coronel Brant levou-me para visitar a mina de Barro, pertencente ao tenente-coronel Rodrigo de Sousa Reis, um rico proprietário de minas que é em parte concessionário de Caeté Mirim. Alcançamos o espigão mestre, o grande divisor de águas, e encontramos *dos à dos* com o Duro uma outra exploração semelhante, mas um pouco maior e mais profunda. Uma estreita faixa de terra fora preservada para um caminho entre as duas, mas em breve provavelmente desaparecerá, já que os projetos do tenente-coronel Brant são mais largos nesse sentido. Era uma estranha sensação estar no cimo da serra com duas minas erguendo-se de cada lado. No outro flanco do fosso artificial fica a residência do proprietário, a grande casa de barro pálido, quadrada, com as construções, pátios e puxados, fechados como para uma defesa, o que me lembrou uma vila fortificada em Ugogo. Nada encontramos de novo no Barro. Tal como o Duro era drenada por um rego, o poço de lavagem era defendido por estacas e por meio de ramadas. Uns poucos negros estavam transportando, sob a vigilância de um feitor, os barros, coloridos e brancos (*giz*), que servem de indicação de uma formação diamantífera. Havia ali uma bomba a vapor com a força de quatro cavalos, com uma torre alta e inútil para a máquina.

Esta exploração de diamante foi descoberta em momento e em lugar em que ninguém sonhava encontrar a pedra preciosa. Uma velha que tinha por costume peneirar as pedras de Cascalho de um filete de água da fenda descobriu que as pedras preciosas se estendiam na argila azul. Cerca de trinta e três anos passados a exploração foi começada com intensidade e agora passou às mãos do atual proprietário que nelas empregou não menos de duzentas cabeças de escravos. Outras explorações vieram à luz e o lucro foi tal que às vezes o dono costumava dizer: “Oh meu Deus, estareis fazendo isso para provocar minha desgraça?” O Duro é legítima derivação do Barro, filha primogênita, sete ou oito anos passados, devida ao tenente-coronel Brant que julgou, muito naturalmente que, se um lado da gruta era produtiva, o outro devê-lo-ia ser também. Como se acaba de ver a progênie se realizou.

Deixei a região Diamantina, inclusive a mina de Duro, com saudade. Falando socialmente é o lugar mais cheio de simpatia no Brasil conforme minha experiência. Com um “inimigo armado na fortaleza” urgindo maliciosamente pela minha estada, não era fácil escapar do espírito de hospitalidade. Minha defesa era a absoluta necessidade que tem um inglês de ser pontual. Eu havia prometido voltar a Bonsucesso em onze dias e a promessa devia ser cumprida. Esta exigência é aceita geralmente por todo o Império. O tenente-coronel Brant concordou relutantemente com as minhas razões e a amável senhora intimou-me a voltar e confiou-me várias mensagens a uma desconhecida e que poderia ser uma teórica ou mesmo hipotética senhora.

O velho Francisco Ferreira não estava muito apressado para tomar o caminho de volta. Ele era pago por dia — 1\$000 — e assim, o interesse somava-se à inclinação para fomentar uma pequena preguiça. Mas nem a preguiça nem os suspiros, nem as frases eufemísticas do velho eloqüente, nem previsões antecipadas da corrubiana nos ossos, tiveram o menor proveito. Parti pela estrada direta, via Guindá, para Bandeirinha na quinta-feira, 5 de setembro de 1867, após um dia de cavalgada de quarenta milhas em animais cansados, que agora caíam duas vezes em cada vinte e quatro horas, achei-me nas agradáveis muralhas de Bonsucesso.

Como meus pilotos de Jaguará não demonstraram muito conhecimento do rio abaixo desse ponto, contratei, com a ajuda do Dr. Alexandre, um terceiro remador. Respondia pelo nome de Antônio Marquês, mas era conhecido como “O Menino”, porque era extremamente alto, largo de ombros e escanifrado “a long hard-weather, Tom Coffin-looking fellow”.¹⁴ Acresce que era rabugento, de olhar

zangado como os curdos e um cavaleiro mediocre. Tinha começado a vida como empregado do estabelecimento inglês na mina Vau, perto de Diamantina e havia dominado mais de um hábito dos homens do norte tais como o de beber e promover conflitos. Havia conhecido o mundo, havia viajado até o meio São Francisco abaixo e havia chegado até o Piauí; havia ido mais ao norte até o Maranhão e havia mesmo visto um vapor. Seu preço era um tanto exorbitante: 2\$000 por dia e ele em vão tentou assumir a posição de piloto, expulsando Chico Dinis que valia uma dúzia deles. Ele preferia muito mais a conversação ao remo e beber a ambas as coisas. Minha paciência foi violentamente posta a prova por ele, mas mantive-o até alcançarmos Várzea Redonda.

Notas ao capítulo L

1. N.A. Joaquim e Felisberto Caldeira Brant, diz Southey (III, 624) eram ricos mineiros de Paracatu. No governo do conde de Bobadela, o segundo tornou-se o terceiro Administrador dos Diamantes do Tejuco, Minas Gerais, e ambos foram forçados a organizar um Serviço de 200 negros para lavrar os dois rios diamantinos de Goiás. Felisberto, acusado de malversação, morreu na prisão da Bahia.

N.T. Felisberto Caldeira faleceu em Caldas da Rainha em Portugal, depois de ter obtido a liberdade e a ordem de Pombal para a liquidação de suas contas. Gregório Caldeira, seu filho, veio ao Brasil para dar andamento à liquidação. Pouco depois faleceu em Mariana, deixando dois filhos: o marquês de Barbacena, um dos maiores estadistas do Império e o visconde de Gericinó. (Joaquim Felício os Santos: *Memórias do Distrito Diamantino*, 2.^a ed. Rio de Janeiro, Castilho, 1924, p. 88).

2. N.A. O escoamento faz-se pelo rio Pinheiro que deságua no Jequitinhonha, logo abaixo de Diamantina. Na margem esquerda do ribeirão dos Caldeirões está situado o serviço conhecido pelo nome de Retiro de João Vieira. O rio que se segue em importância é o córrego da Prainha e depois o córrego da Sepultura, nome extravagante, aqui muito comum.
3. N.A. Entre as raças latinas do sul em geral, especialmente nas hispânicas, o nome próprio é o mais conhecido, e como ele é tirado de algum santo, e os santos não são numerosos, os apelidos são generalizados. O nome de família, que nós usamos, é geralmente desprezado, especialmente no caso de estrangeiros do norte, cujo cognome são freqüentemente impronunciáveis pelos órgãos vocais do sul. É assim que o estrangeiro está sempre num dilema. Até vizinhos que se conheceram por anos a fio, ignoram deles tudo salvo o prenome. É uso de velha data.

«*Quinti*», puta, aut «*Publi*» gaudent praenomine molles
Auriculae.

Os sobrenomes eram também pouco usados entre nós nos tempos dos Plantagenetas, e até os últimos cinqüenta anos era o preferido pelo povo de nossos distritos rurais.

4. N.A. Mais corretamente *çuaçu-apara*, palavra que se aplica a ambos os sexos. O *Dicion. tupi* declara que ele tem grandes cornos e se alimenta nos campos.

N.T. No *Dicionário* de Aurélio: Sucuapara e Suaçuapara.

5. N.A. Entre os botocudos, *bacan*, que se pronuncia *bacoun* quer dizer carne e os tupis empregavam *mocaém* para os assados no espeto. Em tupi também, segundo José de Alencar, *bucan* era o utensílio com que se assava a carne, e deu origem ao francês *boucaner*. Os indígenas secavam a carne na fumaça e faziam provisão para viagens ou campanhas, pendurando-as por meio de pequenos ganchos sobre uma fogueira de madeira ou suspendendo-as no teto fuliginoso das cabanas. Daí deriva o termo brasileiro *moquém* e o verbo *moquear* (Saint-Hilaire, III, I, 269), sinônimo de *bucan*, os bucaneiros. Moquém tornou-se o nome de várias povoações campestres no Império.

6. N.A. A palavra foi-me explicada pelo Dr. Alexandre. O *Dicion. tupi* escreve *Çuaçu-caatinga*, veado da segunda vegetação (mato rasteiro). Saint-Hilaire (I, I, 337) faz com que o mau cheiro derive de «une matière d'un vert noirâtre que remplit une cavité profonde que l'on trouve entre les deux sabots des pieds du derrière.»

7. N.A. Vi uma grande pele vermelha trazida do Rio Grande do Sul. O povo não dava outro nome ao animal senão *cervo*. O *Dicion. tupi* dá como nomes nativos dos cervídeos: *Çuaçu-tinga* (branco), o menor. *Çuaçu cariaçu*, assim chamado por dormir sempre na mata, mostrando apenas as costas. Ferreira desmembra a palavra em *caa*, folhagem, *ri* (muito) e *açu*, que se expõe. *Çuaçu anhangá*, veado-do-diabo, assim chamado porque sua carne é tida como fazendo mal aos que sofrem de febre ou sífilis.

8. N.A. Os portugueses que ignoravam o tapir chamavam-no anta, ou búfalo (F. Denis: Anta, d'Anta «buffle»). Assim os antepassados deles chamaram de elefantes os novilhos lucanianos. Por outro lado, os tupis, nunca tendo visto negros, chamaram ao touro *Tapira oçu*, e os bezerros *tapira curumim oçu* (criança do tapir-oçu). Nós corrompemos a palavra *tapyra* em tapir. Os puristas brasileiros preferem *tapir*.

9. N.A. Os brasileiros comem tão depressa como os cidadãos norte-americanos. Só encontrei um que levava tempo para fazer suas refeições. É de fato a regra universal. No Oriente Próximo os homens se sentam após uma piedosa micção, lavam as mãos, devoram sua porção, encerram a refeição bebendo água, levantam-se e fazem nova pia micção, lavam as mãos e com freqüentes eructações, tomam seu cachimbo. Aqueles que entre nós escrevem «Manuais de Saúde» nunca se esquecem de insistir especificadamente sobre a necessidade de ser a comida devidamente ensalivada antes de ser engolida e concedem ao menos meia hora para cada refeição. Presumo que essa necessidade, se é que existe, deriva do hábito artificial engendrado pela civilização e a

prática de comer freqüentemente e a horas regulares, quando o estômago não está clamando por novo suprimento.

10. N.T. Em português no original.
11. N.A. O proprietário informou-me que enviou amostras de todos os seus minérios ao Instituto de Engenheiros Civis, de Londres.
12. N.T. Em português no original.
13. N.A. Saint-Hilaire (I, I, 255) diz do diamante: «bolineté, dans un canal de bois beaucoup plus court et plus étroit que ceux dans lesquels on lave le cascalho».
14. N.T. «Long Tom Coffin». Tipo de marinheiro excêntrico na obra de Fennimore Cooper, *The Pilot*.

CAPÍTULO LI

NOTAS SOBRE O DIAMANTE

Terras diamantíferas no Brasil, onde foram encontradas — Perspectivas para o diamante — Concessão da exploração — Perfeição do diamante — Debates sobre a origem da pedra — Refrações, testes etc. — Lugar da formação — Terrenos diamantíferos — “Formação” do diamante, ou pedras que acompanham a jóia — Nota do Sr. Damour — Forma do diamante — Sua cor — Suas falhas — Pesos e preço — Acerca dos defeitos — Diamantes brasileiros célebres

A substância que possui o maior valor entre as pedras preciosas, mas ainda de todas as propriedades humanas, é o diamante, mineral por muito tempo só conhecido pelos reis e por muito poucos dentre eles. Plínio, XXXVI, cap. 15.

O Dr. Couto (p. 127) descreveu as explorações de diamantes de Bagagem que ele visitou. Chama-as de Nova Lorena, homenagem a D. Bernardo José de Lorena, conde de Sarzedas, e décimo-primeiro governador e administrador da capitania de Minas Gerais. Essas terras, diz ele, são de maior antiguidade que as regiões perto da costa, como se prova pelas suas formas mais sofridas pelo efeito da água. São também mais fáceis de pesquisar, dispondo de maiores planícies e maiores rios. As cristalizações do Serro ou de Diamantina apresentam superfícies mais suaves e ângulos mais agudos e, ao mesmo tempo, a produção é mais regular e constante. Por outro lado as pedras são menores; 1.000 oitavas dificilmente produzem uma só pedra preciosa de uma oitava. De Bagagem muitas pedras, variando entre três e seis oitavas, foram encontradas, mas espaçadamente. A água é bela e brilhante, mas as formas são mais arredondadas e mais irregulares, resultado de maior arejamento e maior rolamento pela água. Castelnau (II, 231) descreve, em 1844 as pesquisas de diamante de Goiás, no Araguaia ou rio Grande. Falta-nos, porém, uma des-

crição moderna das pesquisas em Diamantino, perto de Cuiabá, no Mato Grosso e da Chapada Baiana. Essa última província expande sua riqueza quase até a costa. Encontraram-se pedras a duas léguas de Salvador, no engenho do Cabrito e outros lugares perto da estrada de ferro. Os Caldeirinhos do Paraí,¹ a trinta léguas do rio São Francisco e as terras entre Crato e Icó, no Ceará precisam ser examinadas. Passarei agora a examinar as formações nas águas mais profundas da grande artéria. Nas províncias de São Paulo e Paraná, os rios Paraíba do Sul, Verde e Tibaji, produziram diamantes, ao mesmo tempo que melhores indicações são encontradas perto da costa, próximo de Ubatuba.

É evidente que o Brasil tem uma vasta extensão de terras diamantíferas de reserva, para que as gerações futuras empreguem nelas a inteligência e, especialmente, os processos de maquinaria.

A pesquisa de diamantes é feita da seguinte maneira: o húmus vegetal, a argila subjacente e o desmorte, ou areia da inundação, são removidos com o almocafre até que os trabalhadores atinjam o portador das pedras, o *cascalho* ou *gorgulho*.² O primeiro trabalho é geralmente um corte a céu aberto de cerca de um pé quadrado. Os fragmentos de quartzo são então removidos a mão, o cascalho é lavado em um *baco*, *canoas* ou *cuiacas*.³ Emprega-se, enfim, a bateia.

Depois das pesquisas (*provas*) pede-se, e obtém-se facilmente nos dias atuais, uma licença do Governo para a procura de diamantes. O requerente especifica os limites da extensão que pretende explorar. A terra é posta em leilão público; qualquer pessoa pode lançar e a autorização é concedida ao que fez maior oferta. O dono do terreno tem a preferência na compra e, se só se oferecem 0\$200 por braça, o proprietário pode se apossar da extensão. Se o concessionário morre, a pesquisa é herdada por sua mulher, seus filhos ou, na falta de outros herdeiros, pelo irmão. Pelo uso da área⁴ no rio das Pedras, 13.000 braças, de extensão, o Sr. Vidigal paga uma taxa de 1\$000 por mil e o Dr. Dayrell, dentro de cujos limites está o Canteiro, poderia, pagando essa taxa, explorar a terra se o quisesse.

O diamante,⁵ dizem velhos escritores, reúne todas as perfeições. limpidez no brilho, esplendor no luzimento — consequência de sua dureza — acidentalmente as cores do arco-íris, reflexos que vêm e vão com a vivacidade da resplandecência e, finalmente, "tem tantas flamas quanto as facetas". O aspecto das faces brilhantes reunidas assim é facilmente destacado ao longo da linha de clivagem, que é paralela aos planos do octaedro ou do dodecaedro.⁶ A sua essência está provado que é o carbono cristalizado,⁷ mas a origem é ainda discutível. Alguns acreditam que os vapores do carbono, tão abun-

dantes durante o devoniano, teriam sido condensados e cristalizados sob a forma de diamante. Newton, como se sabe, sustentava que por seu grande poder de refração “seria uma substância untuosa coagulada”. Por motivos que agora apresentaremos ele é evidentemente mais novo, às vezes, que a formação do ouro e possivelmente está ainda em elaboração, com possibilidade de aumentar. Outros conjecturam que a matriz de itacolomito pode ter sido saturada com petróleo que desapareceu pela oxidação, ou por outras causas, exceto onde o carbono foi reunido em nódulos e formou a pedra preciosa por uma cristalização gradual.⁸

Como foi demonstrado, a gravidade específica do diamante varia de 3.442 a 3.556. A do quartzo é de 2.600 e da água 1.000. Por isso ele é facilmente lavado e uma mão hábil distingue-o pelo peso. O índice de refração ou quociente, resultante da divisão do seno do ângulo de incidência no vácuo pelo seno do ângulo de refração no vácuo, é equivalente a 5.0,⁹ o da água e do vidro de espelhos sendo de 1.50. o do enxofre 16.0 e do bissulfito de carbono, o líquido mais refractivo conhecido até agora, de 37.0. Segundo *Sir D. Brewster*, altera levemente a luz que passa por ele. Autoridades mais antigas notaram que ele decompõe a luz nas suas cores prismáticas e revela uma nítida fosforescência, depois de ser exposto durante algum tempo ao sol, transmitindo luminosidade mesmo através do couro. Bruto ou polido, adquire pela fricção electricidade positiva, enquanto outras pedras preciosas submetidas à fricção são negativas quando brutas e positivas quando polidas.¹⁰ Velhos autores já tinham observado que esta gema, quando colocada na linha magnética do ímã, neutraliza sua ação em grau considerável. A maior parte das pedras preciosas arranha o vidro, mas o diamante corta-o com um som peculiar. Daí ser este o teste favorito.¹¹ Outro teste é o choque peculiar de dois diamantes esfregados um contra outro, que provoca uma sonoridade correspondente à dureza da pedra.¹² Isso, porém, exige um conhecimento derivado de muita prática. A mão sente uma sensação de frio, propriamente partilhada por muitas outras pedras, especialmente pelo cristal de rocha. Diga-se finalmente que o diamante é a única pedra capaz de arranhar a safira.

Com relação à matriz do diamante muitos erros populares ainda são aceitos. Ele foi lavado, pela maior parte, no “cascalho” ou areia grossa, arrastado pelos rios e depositado, seja nas margens, seja no leito. Daí alguns livros terem determinado que “o diamante é sempre embutido no cascalho e materiais transportados, cuja história não pode ser explicada”. Outros são de opinião de que o diamante foi formado no material aluvional ou arenoso que corresponde às cras terciárias e quaternárias. O minucioso *Sr. Damour*, que escreveu

dois trabalhos conscienciosos¹³ sobre as areias diamantíferas da Bahia, diz-nos: "Ces roches crystallines, servant autrefois de gangue au diamant, ayant été brisées et en partie détruites par l'effet des commotions qui ont remué et sillonné la surface du globe, à certaines périodes géologiques, ne se montrent plus qu'à l'état de débris et de matières arénacées". O Prof. Agassiz (*A journey in Brazil*, 501) dispõe-se a defender a tese de que toda formação diamantífera deriva de arrasto glacial". Mas explica entretanto: "Não me refiro às rochas em que os diamantes ocorrem em sua posição primária, mas às aglomerações secundárias, de material disperso, no qual eles foram levados em enxurrada".

Muitos autores confundiram a primeira formação do diamante com a segunda. A ganga, em torno de Diamantina, pelo menos, é branca e vermelha, de itacolomito granular e quartzoso, como se sofresse a influência meteorológica e gasto pelas comoções geológicas.¹⁴ Isto já foi pressentido por Gardner, que observou ser a matriz da gema não o solo de cascalho "diluvial", mas a rocha metamórfica de quartzo xistoso. O povo não o desconhece. A convicção geral é que a dura pedra areenta "piçarra", ou saibro psamítico, contém diamante quando velha, mas não quando nova. O fato é facilmente provado. Todas as escavações que não se localizam nos rios, ou perto deles, estabelecem-se na base de alguma massa de pedra.¹⁵ Foram encontrados diamantes no itacolomito por diversas pessoas. Eu mesmo enviei à Inglaterra um espécime encravado em itacolomito. Talvez chegue o dia em que a rocha será partida, pilada e lavada em busca da poeira diamantina como se faz com o ouro.

Segundo os mineiros nesta parte do Brasil, a melhor "diamantação" (para adotar o termo nativo), encontra-se no gorgulho, nos seixos ou no pudim solto de pedras angulares.¹⁶ Contam-se estórias maravilhosas da riqueza, como a descoberta de cinco ou seis gemas ocorrida ao arrancar-se um punhado de grama. Esse detalhe pitoresco que tem, desde os dias de Potosi, se tornado uma lenda predileta, foi devidamente coletada pelo escritor popular. O espécime preferido de uma exploração desse gênero é chamado o *Pagão*, nas cabeceiras do Caeté Mirim, perto de São João. O achado seguinte (Mancha de diamantes)¹⁷ é o do Cascalho, que já foi comparado a feijão assado. Deste tipo o rio das Pedras é um exemplo. O terceiro *habitat* que visitamos em São João é a formação chamada "barro",¹⁸ que parece conter todas as outras, misturadas e degradadas. Deve-se, contudo, ter em vista que os campos de diamantes variam consideravelmente num país tão vasto como o Brasil.¹⁹

Como são diversas as indicações (pintas) de diamantes quase todas as explorações comportam alguma novidade.²⁰ Os sinais principais de muitas vão aqui enumerados em ordem de importância. O nome geral é “Formação Diamantina”.²¹ Acredita-se que o “escravo do diamante” é considerado como seu companheiro habitual, tal como o peixe-piloto segue o tubarão. Por esse termo entende-se em Diamantina fragmentos de quartzo transparente, semitransparente, ou não polido, sílex, cristal de rocha e, especialmente, o espinélio.²² Este último é transparente ou semitransparente, octaedro (cativo oitavado) e com facetas toleravelmente regulares. Distingue-se do diamante pela falta de brilho e dureza inferior. O “escravo preto” é provavelmente ferro titanífero e os mineiros acreditam que, quando ele ocorre em quantidade, revela a presença de diamantes negros. Em alguns lugares esses “escravos” ou “cativos” são encontrados à flor da terra. O mesmo se tem dito do quartzo, “a flor de ouro”. A palavra é dada a diversas formações. O Dr. Pohl o traduz como *thonseisenstein*, oxidato de ferro ou limonita de Bendant (St. Hil. III, II, 144). Um mineiro prático disse-me que na chapada da Bahia, o termo “escravo” ou “cativo” compreende o quartzo, a crisólita, fragmentos de minérios de ferro magnético, pirita de ferro etc.

Com o “cativo” devemos ajuntar a *siricória*, prismas alongados de crisólita (crisoberilo, Werner, e cimofane, Haüy), de cor verde-amarelo-desmaiado, às vezes quase branco. Entre os “cativos” no rio São Francisco encontrei uma larga proporção de topázios cor de palha²³ com ângulos agudos que levam facilmente ao engano.

Pinga-d'água (Saint-Hilaire, I, II, 6), melhor *Pingo-d'água*, é aplicado às peças redondas e cilíndricas de qualquer tamanho, desde uma ervilha a um ovo de pomba. Alguns são brancos, outros ferrugentos. Os pingos são transparentes, semitransparentes, opacos ou por camadas. Incluem a cornalina, topázio branco, e, mais especialmente, *quartzum nobile*. As pedras pequenas em forma de diamante são as mais prezadas. Juntamente com os *pingos-d'água*, devemos associar as bolas de quartzo, chamados em virtude da forma “Ovos de pomba” e as “pedras de leite”, fragmentos arredondados e lavados pela água de *silex calcedonius* e ágatas. Ambos são claros e diáfanos, escuros e opacos, ou dotados de faixas e lindamente marcados com ondulações concêntricas.²⁴

A *fava*, ou uma pedra no formato aproximado de um grão largo e variando do tamanho de uma ervilha até duas polegadas de diâmetro. Em regra trata-se de jaspe, hematita, ou uma das muitas variedades de quartzo branco, castanho e amarelo. Muitas “favas”, contudo, são revestidas de argila com ferro, com meia ou duas linhas

de espessura.²⁶ A fava branca e a fava roxa são às vezes puro sílex ou quartzo cristalizado. Diversos apresentam-se com possibilidade de fornecer hematitas para sinetes em forma de anel.

O *feijão* com a forma de um grão dessa planta, pedra arredondada e rolada. É também de vários tamanhos e é pela maior parte de turmalina (Schorl) ou hialoturmalina, como as que acompanham as minas de estanho na Corroalha. A cor varia entre o verde-escuro e o preto. O povo crê que foi polido por forte temperatura.²⁸

O *caboclo*, referido pelo Dr. Couto (p. 64), ou *as pedras caboclas*, e consideradas *ferrum smiris* e *rubrum*, vermelho com mesclas escuras. Esse jaspe ou petro-sílex tira seu nome do amarelo-escuro resultante do óxido de ferro. É compacto e arranha levemente o vidro. A superfície é polida e lustrosa como se tivesse estado em contato com um excesso de calor. A cor usual é o amarelo, escuro ou pálido, opaco e pendendo para o castanho. Não tem uma forma peculiar, somente os fragmentos são geralmente chatos. Há muitas variedades de caboclo. O caboclo oitavado é o que tem ângulos. O caboclo bronzeado comum na barra da Lomba é amarelo-escuro. O caboclo comprido é uma forma alongada de jaspe. O caboclo roxo é um cascalho compacto, possivelmente alterado pelo calor. O caboclo vermelho, comum em Caeté Mirim é, ao que parece, cinábrio.

Esmeril,²⁷ parecendo-se na forma com o feijão, é em geral ferro oxidado. Segundo os mineiros algumas pedras contêm de 80 a 90% do metal. Dessa mesma pedra há diversas variedades. O *esmeril caboclo* tem uma cor amarelo-escura. O *esmeril preto*, na opinião de Gardner é uma espécie de turmalina. O *esmeril lustroso* é quase ferro puro, soldado pelo calor a um belo cascalho. Parece, às vezes, um diamante negro, mas é amorfo. O *esmeril de agulha* é uma comprida e fina tira de pedra de ferro.

Ferragem ou *pedra de ferragem*, é antes chato, em forma de grão, nodular, ou redondo como uma bala. É na maior parte oligístico ou ferro especular, roxo-escuro ou preto brilhante. Vi alguns espécimes que são piritas de ferro e outros são balas de sílex, que podem fornecer belas pedras de toque de cor preta aveludada.

Pedra de Sant'Ana, quadrados e cubos de ferro magnético que atuam sobre a agulha. O nome também se aplica a piritas de cobre e isso é freqüentemente encontrado em forma degradada como simples areia.

Ossos de cavalo,²⁸ nome dado pela semelhança, tanto na aparência quanto na consistência. A forma é longa ou redonda como um fragmento ósseo e parece ser pura pedra areenta (itacolomito granular?) há muito tempo enterrada.

Palha de arroz, fragmento de clorita amarelo-claro, ardósia ou barro duro, semelhantes a uma semente de pepino.

Agulha, ou *agulha de cascalho*, ferro titânico, em molhos ou isolada.

Casco de telha, cinábrio ou barro avermelhado, amarelo por dentro, e revelando mica e talco.

Piçarra folhada, xistos de cores diferentes, variando do amarelo-escuro, branco e preto. -

Pedra pururucu, saibro friável, levemente colorido.²⁹

No que toca à forma, a regra é que as pedras menores são as mais regulares. Os maiores espécimes parecem não ter forma constante de cristalização: são redondos, chatos, ou alongados, em geral truncados abruptamente em uma das extremidades, como se faltasse um pedaço. As facetas, quando cortadas se apresentam lisas e até são, na pedra natural, côncavas, convexas ou arredondadas: daí ter o padre Haiüy observado que as moléculas componentes podem ser tetraedros regulares. Wallerius (citado pelo Sr. Caire) classifica os diamantes em três tipos: o octaedro, o liso e o cubo.³⁰ A forma normal do diamante aqui como alhures é o octaedro regular (*adamas octaedrus turbinatus* de Wallerius), composto de duas pirâmides de quatro faces e equilaterais, surgindo de uma base comum. Este é chamado *diamante de pião*³¹ e perde muito ao ser lapidado. Juntamente com essa forma primária são encontradas as formas modificadas: o hexaedro ou cubo, o dodecaedro (com doze faces romboidais), o hexágono piramidal (*tetraxis hexaedron*, de vinte quatro faces) e outras. Quando o tope e a base do sistema fundamental estão gastos, o octaedro torna-se decaedro. O desgaste de dois outros pontos ou ângulos (quinas), torna-os um dodecaedro, forma geometricamente aliada, mas que se aproxima da esferoidal. E quando duas outras faces na base da dupla pirâmide desaparecem, ele contará com quatorze facetas. Essas pedras arredondadas (tesseladas ou boleadas, *adamas hexaeru tabellatus* de Wallerius) são aqui chamadas “de primeira fórmula” e são as preferidas para a venda já que são as que menos perdem na lapidação. Há todas as formas de transformação do octaedro e dodecaedro normais, como o liso e triangular hemi-hedral, ou diamantes em forma de prisma quadrangular, consequência de uma clivagem secundária, chamados diamantes “em forma de chapéu”.³² Esses não encontram boa procura. Os tetraedros (de quatro lados são piramidais, de pouco valor quando os vértices são agudos. Há também os diamantes *rolados* (rolados pela água, reboludos M. Jay), que perderam todas as suas “pointes naïves”. Esses, quando redondos e ovais, são tidos em alta conta. Eles podem, quando

alongados, explica Plínio, formar “dois cones unidos pela base”. Estão freqüentemente recobertos por uma crosta opaca e áspera como se fosse vidro moído. Nesse estado não podem ser reconhecidos exceto pelo poder de arranhar substâncias mais macias desde o pingo-d’água. Alguns dos últimos por outro lado, especialmente quando de puro *quartzum nobile*, parecem-se tanto com a gema em seu estado bruto ou rude, que muitos homens inexperientes perderam com eles tempo e dinheiro.

A forma do diamante influencia grandemente o seu preço, e é por aí que o comerciante consegue tirar seu proveito. Ele paga pelo tamanho, peso e pureza, mas ganha pela forma. Os compradores de grande escala usam caixas com chapas de metal perfuradas que fazem o papel de crivo. As que me foram mostradas eram em jogos de dezenove e exibiam a marca de Linderman and Co., Amsterdam.

O diamante varia muito na cor. Os mais apreciados são os nítidos como prata, claros como gotas de orvalho, vivazes e exibindo o verdadeiro brilho diamantino. Os que têm um tom carregado com óxido são chamados “fantasia”, ou pedras coloridas. A cor amarelada é muito comum e perdem muito do valor; os nitidamente amarelos, os de cor-de-âmbar e os marrons são os piores. Os cor-de-rosa são raros e muito admirados. Os de cor vermelha também são raros. Em Diamantina mostraram-me um espécime de bela cor verde, mas o preço era enorme.³³ Os negros, ou melhor cor-de-aço, como são muito raros, antes curiosos que belos, têm valor para museus, como a forma é, em geral de uma boa dupla pirâmide, devem ser montados sem lapidação.³⁴ Os de cor branco-desmaiada não são muito estimados. O mesmo se pode dizer daqueles todos que ostentam cores “falsas”, especialmente os leitosos e os de cor indeterminada. Os roxos são, creio, ainda desconhecidos. Ouvi falar de diamantes azuis, e muitos dos trazidos de Caeté Mirim são coloridos superficialmente com uma cobertura azul-esverdeada. Esses e os vários óxidos de ferro precisam ser removidos pelo calor, com uma perda de cerca de um por cento.³⁵ Os diamantes do Duro são caracterizados por uma crosta ligeiramente esverdeada, às vezes espessa, mas lapidados, são brancos. Tavernier aprendeu na Índia que a cor do diamante acompanha a do solo em que é escavado: vermelhado se o solo é rubro, escuro quando o solo é úmido e pantanoso. Isto tem sido copiado pelos nossos livros populares.

Para descobrir as jaças tão freqüentes nos diamantes, os compradores dispõem de vários meios simples tais como soprar sobre a pedra. As falhas e as deficiências de cor surgem então. Ou colocá-lo na palma da mão e olhar através dele para a luz em todas as direções.³⁶ A jaça, em francês *givre*, ou *gerçure*, é uma linha fina ou uma mancha.

freqüentemente de cor escura, como se vêem no quartzo cristalizado. Há também uma imperfeição de semi-opacidade, que 'chamamos "leite" ou "sal". A *natura* (glace) é uma solução de continuidade, ou um vácuo no ponto em que as faces se encontram. A *racha* é uma fissura ou veio e a "falhá" é uma fractura séria onde duas rachas se encontram como se fossem cimentadas. Na lapidação essas falhas se abrem e o diamante fica "estalado".³⁷ O "ponto"³⁸ é um corpo estranho que penetrou na cristalização. Muitos escritores encontraram grãos de areia em diamantes. Ouvi falar de uma gema que continha uma palheta de ouro; essa mesma particularidade já foi encontrada anteriormente.³⁹

Essa formação revela a data comparativa da pedra cujas cristalizações de carbono, ou protóxido de carbono devem ter-se formado em torno do metal e favorece a opinião dos que pensam com Brewster, que o diamante, como o carvão, é originariamente matéria vegetal que passou pelo cadinho da natureza. Há pouco tempo encontrou-se em Bagagem uma pedra com um fragmento encravado como se estivesse no corpo da gema; uma "implantação do cristal" foi suspeitada na célebre pedra a *Estrela do Sul*. O diamante falho é geralmente chamado "fundo". Possivelmente muitos desses defeitos poderão ser removidos e a tradição registra vagamente que o conde de Saint Germain e outros, que gozaram de imensa fortuna, haviam se tornado mestres na arte.

O negociante de diamante no Brasil ainda se apega ao velho sistema do peso equivalente a dinheiro introduzido pelos portugueses nos dias da ignorância colonial. O Brasil tem como nós um peso especial para os diamantes,⁴⁰ mas praticamente, entre os mineiros, não se ouve falar senão em *grãos* e *oitavas*. Quilate ou *carat* não é de uso popular.⁴¹ Assim, ao vender diamantes *fantasia* ou coloridos, tais como os azuis, verdes, rosados ou amarelos, o velho lapidário francês fala em oitenta grãos e não vinte *carats*.

Eis uma lista completa de pesos.

<i>Dezréis</i>	= 1 grão (0.902 g Troy). Este é o peso menor de todos: abaixo dele tudo se torna <i>fazenda fina</i> ou poeira de diamante.
<i>Vintém</i>	= 2 grãos (2.25 portugueses) 20 réis = 1/2 <i>carat</i> . O <i>vintém</i> (plural <i>vinténs</i> e não <i>vinteis</i> , como escreve Saint-Hilaire) é a unidade de medida.
<i>Meia-pataca</i>	= 16 grãos = 160 réis = 8 <i>vinténs</i> .
<i>Meia oitava</i>	= 32 grãos = 320 réis 16 <i>vinténs</i> .
<i>Cruzado</i>	= 45 grãos 40 réis (peso antigo).
<i>Selo</i>	= 480 réis (totalmente obsoleto).
<i>Oitava</i>	= 64 grãos ⁴² (72 g portuguesas) = 640 réis = 17.44 <i>carats</i> = 32 <i>vinténs</i> = 16 <i>carats</i> .

Acima de quatro vinténs o diamante é considerado grande. Muitos mineiros cavaram durante a vida inteira sem encontrar uma pedra que excedesse vinte vinténs. O peso mais usual é talvez o de seis vinténs ou três *carats*. As pedras mais pequenas são conhecidas no comércio como “pedra de dedo”⁴³ porque podem ser destacadas apenas com a pressão de um dedo. A “coberta” é o nome que se dá quando o lote consiste de pedras maiores; por exemplo “Partida de diamantes que têm coberta”.⁴⁴

Nos últimos anos o preço dos diamantes em todo o mundo cresceu prodigiosamente. Em 1750-54, quando David Jeffries escreveu, um diamante perfeito branco e contínuo de um *carat* valia £8; agora ele oscila de £17 a £18.⁴⁵ A razão é fácil de ser encontrada. O influxo de ouro fez subir o preço das pedras. O mercado se estendeu enormemente:⁴⁶ nos Estados Unidos, por exemplo, as pedras são avidamente procuradas pelos que fizeram fortuna. Finalmente, em nações não ordeiras, como as do Oriente como se revelou em vários casos, e onde as perturbações políticas são ameaça constante, o diamante é usado como *en cas* ou *en tout cast*,⁴⁷ sua extrema facilidade de transporte — o fato de seu valor estar ao par em toda parte — a dificuldade de destruí-lo, elevou-o à categoria de moeda da mais alta valia.⁴⁸ No Brasil, como nas cidades atlânticas dos Estados Unidos, onde todo mundo pode ostentá-los, e até garçons de hotel e cantores negros usam diamantes em anéis, botões de camisa, a demanda produziu o mesmo resultado, que é além disso agravado pela falta de braço escravo e a exaustão dos depósitos superficiais. Há quinze anos passados a oitava era vendida por 320\$000. Agora ela oscila entre 800\$000 a 1:000\$000, perto de três vezes o valor antigo.⁴⁹ Em 1848, durante a convulsão européia, o preço dos brilhantes da Bahia caiu 50%, mas o mercado não demorou muito em recuperar a situação.⁵⁰ Castelnau (II, 345) prediz que no final do século atual o diamante valerá só 20% de seu valor em 1800. Ouso dizer que, a não ser que a pedra possa ser fabricada, o inverso se aproximará mais da verdade.

Ao produzir o diamante, a natureza preserva suas proporções regulares. Os pequenos são comparativamente numerosos e as maiores gemas tornam-se progressivamente raras. Em diamantes brutos, a proporção do valor mais do que dobra com o peso. Assim, supondo que uma pedra de um vintém valha de 18\$000 a 20\$000, uma de 16 vinténs alcança de 400\$000 a 500\$000 quando a oitava está a 1:000\$000. Na Bahia é assim que se fixa o preço. Supondo, por exemplo, que a pedra bruta valha £2 por *carat*, o valor de um brilhante mais pesado obtém-se dobrando o quadrado do peso (*exempli gratia* 2 carats \times 2 = 4 \times 2 = £8). Quanto às pedras

lavradas, dobre-se o preço, cleve-se ao quadrado e multiplique-se por 2. Por exemplo $2 \text{ carats} \times 2 = 4 \times 4 = 16 \times 2 = 32$ libras.

O tenente-coronel Brant deu-me a seguinte lista de preços relativos a pedras brutas, mostrando que o valor em Diamantina difere pouco do da Inglaterra. Os diamantes, devo notar, são divididos para facilitar a avaliação em primeira, segunda e terceira águas.

Grãos de diamantes⁵¹ de 12 a 18 *carats* = 75 shillings
 » » » » 6—9 » = 77 »

1.^a água

Para pedras isoladas		Paris 1863	Paris 1866
1 a 5 grãos	83 shillings	96 francos	110 francos
6 a 7 »	= 107 »	125 »	140 »
8 a 9 »	= 120 »	145 »	160 »
10 a 11 »	= 148 »		
12 a 13 »	= 160 »	156 »	180 »
14 a 15 »	= 185 »	175 »	200 »
16 a 17 »	= 190 »	190 »	220 »
18 a 19 »	= 210 »	205 »	235 »
20 »	= 220 »	250 »	290 »
24 »	= 280 »	285 »	325 »
8 <i>carats</i> ⁵²		2.500 »	2.750 »
10 <i>carats</i>		4.650 »	5.100 »
12 »		5.650 »	6.200 »
16 »		7.800 »	8.000 »
20 »		12.500 »	» »

A curiosa substância que os ingleses chamam de *boart*⁵³ e grafita,⁵⁴ e os franceses *boort* e *diamant concrectionné*, quer dizer, sem clivagem, e que os brasileiros chamam de *carbonato*, a princípio não tinha valor. Em 1849 tornou-se valioso. Passou a valer um a dois francos por *carat* e agora alcança 56\$000 por oitava. É tido como elemento de ligação entre o carbono e o diamante; sua dureza é da verdadeira gema, e sua especificidade oscila entre 3.012 a 3.600. A massa granular amorfa aparece ao microscópio perfeitamente cristalizada. É de fato um agregado de grânulos ou lamínulas de diamante análogo ao pó de arcia quartzosa. Em alguns espécimes aparecem cavidades celulares como na pedra-pome, vazias ou cheias de areia, e geosas forradas de pequenos cristais regulares de diamantes descoloridos. É preta e sem brilho e, quando queimada, deixa um resíduo de argila e outras substâncias. Este “diamante-carbono” acompanha o diamante no arenito e no cascalho. Apresenta-se em fragmentos angulares e redondos de pedras. Os fragmentos irregulares têm às vezes o tamanho de uma noz. Castelnau refere-se a um exemplar que pesava mais de uma libra. Ouvi falar de 2:500\$000 (£250) pagas por

um simples fragmento. Quando o carbonado é de tamanho grande é geralmente quebrado para se ver se está cheio ou vazio. É conhecido pelo seu grande peso, pelo frio semelhante ao do diamante provocado na mão, pelo som peculiar e agudo quando os pedaços são esfregados ou friccionados conjuntamente. Os mineiros às vezes mergulham-no em vinagre, tal como fazemos com o toucinho na água, para aumentá-lo o peso. Fica então semelhante a minério de ferro magnético ou pirítico. Os melhores julgadores, que não tenham bastante cuidado, são decepcionados.⁵⁵ É pesado e empregado principalmente na lapidação do diamante. As puas dotadas desse mineral nas pontas, segundo me informam, são empregadas com êxito na abertura de túneis em rochas duras.

São conhecidas três espécies desta pouco conhecida substância. A pior é o “carbonado”. Uma espécie mais fina, com cristais mais bem formados é a “torre”,⁵⁶ que alcança 60\$000 por oitava. A melhor de todas é a que se apresenta em pequenas bolas de aparência metálica brilhante, por isso chamadas “balas”.⁵⁷ Essas podem atingir 80\$000 por oitava.⁵⁸ Alguns mineiros “chapadistas”⁵⁹ ainda não aprenderam a distinguir essas variedades.

As explorações brasileiras produziram alguns exemplares de diamantes que foram todos enviados para fora do país.

O diamante *Bragança* era usado por Dom João VI, que era apaixonado por pedras preciosas e possuía cerca de £ 3.000.000 delas. Figura agora nas jóias da coroa de Portugal. Foi descoberto em 1741 na mina de Caeté Mirim.⁶⁰ Os autores variam na atribuição do peso dessa gema, e creio que não há reprodução de sua forma. Dizem que é maior que um ovo de galinha e foi durante muito tempo tomado como um topázio, pedra que, quando branca, no Brasil e alhures muitas vezes imita o diamante.

O *Abaeté*⁶¹ foi encontrado em 1791, e as circunstâncias da descoberta são descritas por John Mawe, o Sr. F. Denis e outros. Três homens condenados por crime capital, Antônio de Sousa, José Félix Gomes e Tomás de Sousa, foram exilados para o extremo oeste de Minas e proibidos sob pena de morte de entrar numa cidade. Vaguearam por cerca de seis anos, enfrentando canibais e feras, à procura de um tesouro. Quando procuravam ouro no rio Abaeté, que estava então excepcionalmente seco, toparam com este diamante, pesando quase uma onça (576 grãos = 144 *carats*).⁶² Confiaram num padre que, a despeito das severas leis contra os pesquisadores dos diamantes, levou-os a Vila Rica e submeteu a pedra ao exame do governador de Minas, cujas dúvidas foram dissipadas por uma comissão especial. O padre obteve vários privilégios e os malfeitores, o

perdão, sem nenhum outro prêmio. Foi enviado logo um destacamento ao rio Abacté, que se revelou rico, mas não forneceu um segundo prêmio equivalente.⁶³ D. João VI costumava usar essa pedra nas grandes ocasiões pendente de um colar.

A *Estrela do Sul* foi encontrada em julho de 1853 em Bagagem, Minas Gerais, por uma preta.⁶⁴ No estado bruto pesava 254 1/2 *carats*. O dono desfez-se dela por 30 contos (£3.000). No Banco do Rio de Janeiro foi então depositada por 300 a 305 contos, quando valia £2.000 a £3.000. Depois de lapidada pelos proprietários, Srs. Coster, de Amsterdam, ficou reduzida a 125 *carats* e agora pertence, creio, que ao pachá do Egito. Posto que não de pureza perfeita nem brancura, seu brilho torna-o uma das mais belas existentes.⁶⁵

A chapada da Bahia também produziu uma pedra pesando 76 1/2 *carats*, e quando lapidada, em forma de gota, revelou possuir um extraordinário atrativo e brilho. Foi comprado pelo Sr. Arthur Lyon, da Bahia, por 30 contos. Está agora, ao que me informam, em posse do Sr. E. T. Dresden.

Para concluir brevemente. Até agora as formações diamantíferas do Brasil foram somente arranhadas e os trabalhos foram comparados com os dos castores. Os rios não foram desviados, os profundos *poços* ou *poções*, acima e abaixo das cachoeiras, onde se devem acumular os grandes depósitos, não foram explorados sequer com o capacete de mergulho. O método seco de extração, há tanto tempo conhecido no Hindustão, é aqui ainda desconhecido. Tudo está sendo feito dentro do venerável estilo do último século e o infernal espírito da rotina é aqui mais mortal que a burocracia na Inglaterra. A próxima geração virá trabalhar com milhares de instrumentos, dirigida por homens cuja experiência em mecânica e hidráulica vai-lhe proporcionar economia de esforços. É de esperar que as águas virgens que contêm pedras preciosas serão pesquisadas corrente acima. Esta era a determinação do Velho Regulamento Diamantino. Infelizmente ele chegou muito tarde, quando os canais já estavam obstruídos por entulhos difíceis de remover.

Notas ao capítulo LI

1. N.T. Parece tratar-se do rio Plauí, em Minas Gerais que, passando por Lagoa Dourada, desemboca no Jequitinhonha.
2. N.T. Em português no original os termos grifados.
3. N.T. Também os termos grifados estão em português.

4. N.A. Tiro do rio. (Em português).
 5. N.A. O Sr. Caire (*La science des pierres précieuses*, Paris, 1826) observa que a palavra deriva de *adamas* (em árabe e persa, *almas*), *indomptable*, «*nulla vi domabilis*», porque não pode ser conquistada pelo fogo. Isso é verdade somente quando o oxigênio da atmosfera é excluído dele e quando o calor permanece abaixo de 14º Wedgwood. Observa ele também que nossa palavra moderna *diamante*, etc., excluindo o «alfa privativo» etimologicamente passa a significar o contrário.
 6. N.A. Assim é que o teste de batê-lo com um martelo, muitas vezes empregado por aqueles que ouviram ser o diamante de uma extrema dureza, destruiu muitas gemas valiosas. Os diamantes estalam no grão ou no plano dos cristais. Esta «batida dos diamantes», com as alavancas de ferro pode «causar falhas». Foi ensinado pelos indianos a Tavernier. A lima aplicada aos bordos ou cercadura pode também rachá-lo.
 7. N.A. Acreditava-se, e creio que ainda se acredita, que bastava um dissolvente do carbono para conseguir um diamante artificial.
 8. N.A. Tenho visto afirmações por parte do povo de que o itacolomito flexível é a matriz do diamante, o que é certamente um erro. Nem acredito que nenhum dos itacolomitos contenha petróleo.
 9. N.A. Foi verificado que chega a 2,439 (Brewster).
 10. N.A. A corrente eletromagnética afeta fortemente o diamante. Eu mesmo inutilizei uma bela gema deixando um anel em meu dedo ao usar a corrente de Meinig. Minha atenção foi despertada por um curioso ruído de raspagem. Verifiquei que os ângulos do diamante estavam fragmentados e moídos como se uma lima tivesse sido aplicada a um pedaço de vidro. Isso talvez possa provar que deve haver um método menos dispendioso de trabalho para lidar com as pedras que precisam ser muito lapidadas. Os *Odílicos sentimentos* de Reichenbach vêm, quando magnetizados, de uma luz brilhante procedente do diamante. Daí provavelmente a idéia de que as pedras preciosas têm virtudes específicas.
- N.T. Refere-se ao taqueômetro de Reichenbach.
11. N.A. Os diamantes, especialmente os que se apresentam com ângulos agudos, têm sido muitas vezes prejudicados pela fricção violenta sobre substâncias. O processo de Plínio, de testá-los pela bigorna e martelo, pode facilmente estalá-los.
 12. N.A. Isso foi-me assegurado por alguns comerciantes de diamante e contestado por outros.
 13. N.A. *Bulletin de la Société Philomatique*, de 5 de fevereiro de 1863 e *Bulletin de la Société Géologique de Paris*, 2.ª série, sessão de 7 de abril de 1856. É lamentável que arcias de outras regiões do Brasil, do Ural, do Hindustão e de Bornéu não tenham sido enviadas a esse sábio.
 14. N.A. Não vi diamante no itacolomito cristalino, mas é difícil duvidar de que ele existe ali.

15. N.A. Assim é que Tavernier, falando da Gani, ou mina colorida, pertencente ao rei da Golconda, onde 60.000 almas trabalham, comenta: «O lugar onde se encontram os diamantes é uma planície situada entre a cidade e as montanhas, e à medida que se aproximam das últimas, maiores são as pedras encontradas.»
16. N.A. Castelnau (II, 323) declara a respeito das escavações de Diamantino (Mato Grosso): «Il n'y a jamais de diamant dans le gorgulho.»
17. N.T. Em português a expressão entre parênteses.
18. N.T. Em português a expressão entre aspas.
19. N.A. O Dr. Dayrell descreveu-me um veio diamantífero na serra de Grão Mogol em Minas, formado por arenito mole, de um pé de largura, limitado por paredes de itacolomito duro. Deu-me também uma amostra de areia de Brucutu, próximo de Cocais, abundante em minúsculos fragmentos de ouro jacutinga, contendo um pequeno diamante, um rubi, uma safira e piritas de ferro e ferro especlar. A interessante formação denominada «Boart» e da qual terei que falar ainda, é também local. Em Diamantina, Minas, é desconhecida e em Bagagem aparece em pequena quantidade. É encontrada em Sincorá, na serra Diamantina da Bahia ocidental. Mas a maior quantidade encontra-se na Chapada dessa província. Tenho notado que em muitos lugares o ouro acompanha o diamante. Platão acreditava que o diamante fosse o núcleo da matéria aurífera, a parte mais pura de seu interior, a sua medula, condensada numa massa transparente. Assim também podemos explicar a declaração de Plínio de que o diamante é uma «nodosidade do ouro». O itacolomito é também a matriz do topázio e do rubi. Um espécime do último foi-me exibido. Era uma pequena pedra quadrada de água tolerável, mas muito clara no colorido, e não o verdadeiro «sangue de pombo» da Ásia. As granadas são encontradas a mancheias, mas não têm valor.
20. N.A. John Mawe (II, cap. 2) descreve as substâncias que acompanham o diamante como «Un minéral de fer brillant et pisiforme (ferragem), un minéral schisteux silicieux, ressemblant à la pierre indiqué 'Kiesel-Schiffer' de Werner, de l'oxide de fer noir en grande quantité, des morceaux roulés de quartz bleu, du cristal de roche jaunâtre, et toutes sortes de matières entièrement différentes de celles que l'on sait être contenues dans les montagnes voisines». Castelnau limita a formação a três espécies — cativo do diamante, pedra de osso e pedra rósea, uma espécie de saibro grosso de cor roxa. Segundo Tavernier os indianos julgavam uma terra diamantina quando «viam nela pequenas pedras que se parecem muito com o que chamamos *pedra de raio*».
21. N.T. Os nomes dos sinais estão todos em português no original.
22. N.A. O nome brasileiro desse cristal é, creio, *saruá*. Debaixo desse termo, porém, estão provavelmente incluídos o hexaedro flúor spar, o corindon e talvez, certos titanatos. A crisólita lembra a descrição de Plínio: «nunca maior do que uma semente de pepino e não diferindo de modo algum na cor».

23. N.A. Os cativos podem ser comparados com os diamantes de Bristol ou os irlandeses, tão freqüentemente associados com madeira petrificada. Foram muitas vezes levados para a Europa, mas com pequeno lucro. Dizem que se quebram ao serem lapidados.
24. N.A. O Sr. Emmanuel (p. 126) diz: «esses topázios (i. é, de Minas Gerais) encontrados sob a forma de seixos redondos, são perfeitamente puros e sem cor e são chamados «pingas-d'água». São também chamados Nova Minas (?). Os portugueses chamam-nos *diamantes escravos*. Há aqui uma evidente confusão entre o quartzoso «pinga-d'água» e o cristal *cativo*. O termo Minas Novas é tomado de John Mawe (II, cap. 3).
25. N.A. Marumbé ou pedra de capote.
26. N.A. Creio que o «feijão» é algumas vezes de jade, *axe-stone*, nefrita, porque é usado pelos indianos para dores nos rins. Os aborígenes do Brasil empregam essas pedras para enfeites do lábio e outros ornamentos, fazendo seus machados com esse mineral cor de maçã verde, que se sabe serem macios quando tirados da pedreira, tornando-se duros e compactos quando expostos à atmosfera.
27. N.A. Esmeril e não *ismirim*, como escreve Castelnau (III, 178) «L'oxide noir de fer, appellé ici émeri», diz John Mawe (I, cap. 12) Spix e Martius interpretam a palavra como *Eisenglanz*.
28. N.A. *Pedra de osso* (Castelnau, II, 323). Esse *osso de cavalo* não deve ser confundido com o *pé de cavalo*, jasper amarelo que faz jus ao nome.
29. N.A. A seguinte nota é extraída do valioso estudo do Sr. Damour (*Sociedade Geol.* p. 542, 7 de abril de 1856), descrevendo as areias diamantíferas que lhe foram enviadas da Bahia. Os números indicam as formações que ocorrem mais freqüentemente:
- 1) Quartzo hialino (o amarelo é o topázio ocidental, o azul é a safira ocidental).
 - Jaspe e silex.
 - Itacolomito.

Distene ou cianita. Esta substância é facilmente reconhecida. Não se funde com o tubo de sopro. Consiste em pequenas agulhas ou lâminas finas de cristal. As beiras são arredondadas pela esfregadura e as cores são pérola-cinza, azul-claro e verde-pálido.

Zircônio ou jacinto, também encontrado nos solos auríferos da Califórnia. Este silicato exhibe cristais bem conservados de mais de um milimetro de diâmetro. Ocorre em quadrados e prismas, terminando por pirâmides de quatro lados, com os ângulos e arestas às vezes modificados. Algumas são incolores, outras são castanhas, amarelas, violeta ou vermelho-claras.

Feldspato em raros fragmentos rolados pela água e matéria avermelhada, com clivagem em duas direções que se encontram em ângulos retos. Não é afetado por ácidos, mas é fusível com o tubo de sopro. Misturado com carbonato de sódio, prova ser composto de sílica, alumina, e um pouco de óxido de ferro, com provavelmente alguma terra alcalina.
 - 2) Granada vermelha (almandina ou granada preciosa).

Granada manganésiana (espessartita ou granada vermelho-escuro). Densidade, 4,16. Em dodecaedros romboidais, muito pequenos, cristais brilhantes de topásio amarelo. O tubo de sopro funde-o num vidro que se torna preto e opaco na chama oxidante. O vidro feito com sal de fósforo (microcósmico) e aquecido até se tornar rubro, com um pouco de salitre, revela o manganês tomando um tom roxo-escuro.

Mica

Turmalina (verde e preta).

3) Hialoturmalina (feijão). Densidade 3,032, arranha fracamente o vidro. Ao microscópio revela-se como um conjunto de pequenas agulhas cruzando-se entre si. A fratura é fibrosa. O pó é cinzento-esverdeado. Aquecido num tubo de ensaio desprende um pouco de líquido misturado com bórax, dá uma reação de ferro, e diante do tubo de sopro aumenta e funde-se numa escória castanho-preta ou verde-escuro que, após ser submetida ao carvão de lenha queimado, torna-se ligeiramente magnética. A escória pode ser decomposta ao ferver-se em ácido sulfúrico. Queimado com álcool desprende uma chama verde, revelando ácido borácico. A análise revela também sílica, ácido titânico, alumina, magnésio, traços de cálcio, sódio, água e matéria volátil. Diferença da turmalina preta somente pela presença de água e ácido titânico.

Talco.

4 Hidrofosfato de alumina ou wavelita (caboclo). Densidade 3,14 em Diamantina e Abaeté, cor de café castanho. Densidade 3,19 na Bahia; cor rosada ou vermelho-tijolo; forma, calhau arredondado. Composição: ácido fosfórico, alumina, um pouco de cálcio, barita, óxido de ferro, e 12 a 14% de água.

Fosfato de ítrio, que o Sr. Damour anteriormente chamou de hidrofosfato. Diante do tubo de sopro torna-se branco, sem fundir-se; o brilho do rico adamantino e a cor branca ou amarelo-pálida. Arranha a fluorina e é arranhada por ponta de aço. Os fragmentos irregulares e redondos têm uma dupla clivagem, ora tendendo a um prisma retangular, ora ligeiramente oblíquo. Um cristal incompleto apresentava-se como uma pirâmide de quatro faces, duas grandes e limpas com um ângulo de incidência no alto chegando a 96°35', e as duas outras estreitas e espelhantes tinham um ângulo de 98°20', enquanto as facetas vizinhas tinham 124°23'39".

Fosfato de ítrio titanífero, chamada anteriormente silicato de ítrio, pela confusão da sílica com o zircônio. Densidade 4,393. Arranha fracamente o vidro. É opaco e de cor de canela escura. Os grãos redondos são perfurados por orifícios superficiais. Há também em octaedros de base quadrada com facetas como os do zircônio. O ácido sulfúrico fervente decompõe-no deixando um resíduo branco. Essa substância é encontrada nas areias auríferas da Geórgia e da Carolina do Norte.

Diaspro ou hidrato de alumina. Densidade 3,464. Composto de lâminas brilhantes e cristalinas de cor cinzento-clara parecendo certos telospatos. A composição é alumina, ácido férico e água. Quando esta é despreendida pelo tubo de sopro, torna-se opaca e branco-leitosa.

5) Rutilio, em pequenos grãos rolados ou prismas quadrangulares, com estrias ao longo do eixo maior, terminando por uma pirâmide de quatro faces com modificações.

Brocokita, diferindo do rutilio por ter o tipo de cristal. É inteiramente composto de ferro titânico. O único espécime examinado foi um prisma achatado estriado ao longo do eixo maior e finalizando por um diedro, como as formações encontradas em Gales.

6) Anatásio (titânio). Densidade 4,06; brilhante, octaedro, transparente ou semitransparente e distinguindo-se do diamante pela dureza inferior e reações diante do tubo de sopro. Torna-se opaco, castanho e avermelhado depois de epigenia, que o converte inteiramente ou parcialmente em rutilio. Esses cristais transformados são côncavos e compostos de uma multidão de agulhas que se cruzam em todas as direções.

Ácido titânico hidratado. Dessa substância não foi feita nenhuma análise quantitativa. A matéria concrecional amarelópálida crepita fortemente e expelle água num tubo de ensaio e com sal de enxofre dá reações de ácido titânico.

Tantalato. Densidade 7,88. É uma substância preta e amorfa que arranha o vidro.

Baierina ou columbita (niobato de ferro), em cristais chatos, estriados e freqüentemente regulares; o residuo é castanho-avermelhado.

7) Ferro titanífero. Densidade 4,82. Fórmula $3\text{Fe O} + 8(\text{Ti O}_2, \text{Ta O}_2)$. Arranha o vidro. A fratura tem um brilho semi-metálico e o pó verde-oliva-escuro. Os grãos pretos são quase todos rolados pela água. Raros cristais revelam prismas romboidais oblíquos de 123° .

8) Ferro levemente oxidado (esmeril).

9) Ferro, oligisto (romboedral, prismas de seis faces).

10) Ferro levemente hidratado

Ferro, amarelo com enxofre

Estanho, óxido de

Mercúrio com enxofre. Aquecido num tubo de ensaio produz um sublimado negro.

11) Ouro livre.

30. N.A. O Sr. Emmanuel (p. 49) diz: «O diamante da Índia é geralmente encontrado em octaedros. O do Brasil em cristais dodecaedros.

31. N.T. Em português no original.

32. N.T. Em português no original a expressão aspeada.

33. N.A. O Sr. Emmanuel narra o caso de ter sido pago o preço de £ 300 por um diamante de cor verde-viva pesando $4 \frac{3}{4}$ grãos. Se fosse de cor normal o preço seria £ 22. «Até ultimamente», diz Tavernier, «o povo de Golconda não teria dificuldade em comprar diamantes, externamente de cor verde, porque, ao serem lapidados, tornar-se-iam brancos e de belíssima água».

34. N.A. «Um (diamante) era negro-azeviche, cor que ocorre não raramente». Assim diz o Sr. Gardner (cap. 13) falando da formação do Serro. Só vi um no Brasil, e este era trazido de rio Verde. São Paulo, pelo meu amigo Dr. Augusto Teixeira Coimbra. Este

mau destino. Caiu do bolso no colete e foi engolido por uma ave. Em distritos ricos e novos os papos dos galináceos mortos são cuidadosamente examinados. Frequentemente se verifica que contêm diamantes — outra prova, se fosse necessária — de que as gemas não são venenosas. Talvez isso explique a fábula em que acreditou Marco Polo no século XIII — «A procura de diamantes atinge os ninhos das águias, e quando elas o abandonam, catam tais pedras pequeninas, e pesquisam semelhantemente diamantes entre o esterco das aves». Daí também o *Simbad do mar* (Simbad, o marujo), cujas aventuras são uma curiosa mistura de fatos e de fábulas distorcidas.

35. N.A. Na Chapada da Bahia, as pedras são colocadas com salitre num cadinho que é fechado e mantido no fogo geralmente por cerca de um quarto de hora. Isto, porém, não é certo. Quando suficientemente assado a ponto de perder o óxido de ferro ou a cor da terra, as pedras são lançadas na água fria e, naturalmente verifica-se que perderam um pouco do peso. Aquecer o diamante e depois atirá-lo na água fria era o teste indiano para verificar a sonoridade da pedra e a ausência de jaças. Essas pedras com crostas, segundo John Mawe, são geralmente facilmente lapidadas.
36. N.A. Os indianos experimentavam o valor do diamante cortando um com outro. Se o pó fosse cinzento, o teste era considerado satisfatório, «pois todas as demais pedras preciosas, salvo os diamantes, produzem um pó branco». (*A description of the coast of Malabar and Coromandel* por Philip Baldaeus, 1670). Também examinavam-no à noite e faziam o juízo sobre a água e a pureza segurando-o entre os dedos e olhando através dele para uma forte lâmpada colocada em um nicho da parede.
37. N.T. Em português o termo aspeado.
38. N.T. Em português o termo aspeado.
39. N.A. «Nous avons constaté des paillettes d'or», diz o Sr. Charles Barbot (*Traité complet des pierres précieuses*). Ele denomina as jaças causadas por moléculas metálicas de *crapauds*. O Sr. Damour, tratando de defeitos nos diamantes, observa: «des paillettes d'or sont quelquefois implantées dans les cavités de certains morceaux de ces diamants». Sir J. Herschel (*Phys. Geog.* 291), cita o Sr. Harting que, em 1854 «descreve um diamante da Bahia que incluía em sua substância filamentos cristalinos diferentemente formados de piritas, fato único no gênero, e tomado em conjunto com as afinidades do ferro e do carvão em altas temperaturas, parecendo lançar alguma luz no tão obscuro tema da última origem da pedra».

40. N.A. As medidas brasileiras (encontradas nos livros) são:

	Libra em Lisboa		Libra na Alfândega do Brasil
4 grãos	233,81 g	=	458,92 g
1 quilate (carat)	0,203 g	=	0,199
6 quilates — 1 escrúpulo	1,218	=	1,195

Nossa tabela para diamantes é a seguinte:
16 partes = 1 grão = 0,8 grãos Troy

4 grãos 1 carat = 3,2 grãos Troy
 151,50 carats = 1 onça Troy (8 oitavas ou 256 vinténs)
 16 onças = 1 libra

41. N.A. A palavra «carat» deriva do arábico Kirát, através do grego *keration*. É a pequena fava vermelha, encastoadada de preto, da *Abrus precatorius*, árvore provavelmente nativa do Hindustão, mas que migrou para a África oriental, onde cresce selvagem. O Sr. Emmanuel (p. 55) diz: «A origem do peso carat vem da palavra árabe *Kuara*, nome da semente de uma planta que dá uma vagem (?) que cresce na Costa do Ouro na África (?). A *Kuara* de Bruce cresce numa região junto ao mar Vermelho. A equivalente indiana é a *Rati* (*Rutee*), que Tavernier dá como = 7/8 de carat = 3 1/2 grãos.
42. N.A. Alguns consideram a oitava igual a 60 grãos ingleses.
43. N.T. Em português a expressão aspeada.
44. Em português a expressão aspeada.
45. N.A. Uma pedra excepcional atingirá £20 ou £21.
46. N.A. «Entre os objetos de luxo que distinguem a nobreza russa, nenhum, talvez, tenha o dom de espantar um estrangeiro do que a profusão de diamantes», diz Coxe, escrevendo em 1802. A Califórnia, depois de 1848, desenvolveu a procura de diamantes nos Estados Unidos. Durante os 10 anos que se seguiram a 1849 as várias alfândegas registraram um aumento de uma média de \$100.000 a cerca de \$1.000. Os direitos foram mantidos bem baixo. 4% para desencorajar o contrabando. Mas assim mesmo pagou-se algo menos que um sexto da importação. As pedras são na maior parte pequenas, pesando menos que meio carat e os joalheiros cobravam 25% mais que em Paris. Um bom artigo sobre «Diamonds and other Gems» (*Harper's New Monthly*, fevereiro de 1866) declara: «é duvidoso que exista nos Estados Unidos algum diamante acima de 12 carats». No mesmo artigo se declara que um visível aumento do preço ocorreu entre 1863 e 1864, quando o ouro subiu acima de 200. Bons diamantes de 3 e 4 carats foram então vendidos por \$3.500 a \$4.000. Afirma finalmente que «noventa e nove de cada cem diamantes vendidos nos Estados Unidos são os chamados brilhantes», em oposição aos conhecidos como *rose*, *table* e *os brilliolette*.
47. N.T. Expressões francesas que significam reserva para o imprevisto.
48. N.A. Só assim podemos explicar o fato de que muitas famílias nobres, mas pouco numerosas, tenham enviado seus diamantes do Hindustão, a autêntica casa do diamante, para a Europa, e os tenham trazido de volta porque podiam encontrar melhor mercado na velha terra. Por outro lado, o estilo geral de lapidação da Índia Oriental, tornando a pedra menos brilhante e espelhante por falta de profundidade, diminui-a na estima pública. Vi uma bela pedra colocada como um pedaço de cristal sobre um retrato. Mesmo assim foi avaliada em £1.000.
49. N.A. Em 1867-68 a queda do mil-réis produziu outras complicações no comércio de diamantes no Brasil. No presente momento (28 de julho de 1868) a oitava pode oscilar em torno de 1:000\$000 no Rio de Janeiro.

50. N.A. Durante a primeira Revolução Francesa o pânico e a falta de demanda reduziram o valor da pedra 25% em pouco tempo. Mas os «*assignats*» assistiram a sua recuperação. Em 1848 a «propriedade portátil» foi procurada por toda a Europa continental e o preço do diamante subiu enormemente.
51. N.A. A tabela parisiense em março de 1853 chegava ao seguinte:
- | | |
|---|------------|
| Primeira água, de 25 a 30 carats, | 72 francos |
| Id. 18 » | 78 francos |
| Primeira água (com jaça) e 2. ^a água | 60 » |
| Terceira água, por carat | 45 » |
| Oito pedras, por carat | 90 » |
- Os chamados «*mêlés*» em Paris são pedras que pesam menos de meio carat.
52. N.A. Acima de 5 carats o preço dificilmente é fixado. Depende da demanda, circunstâncias individuais do comprador e vendedor e assim por diante. As pedras maiores freqüentemente permanecem guardadas muitos anos antes de encontrarem um comprador. Ouvi dizer que um cavalheiro brasileiro despendeu quase toda a sua fortuna regateando a venda de um diamante do qual nunca se achou capaz de desfazer-se. As pedras maiores são sempre vendidas isoladamente. Tavernier fornece a seguinte regra para avaliar o valor delas:
- | | |
|----------------------------|------------------------------|
| 15 carats (pedra perfeita) | 15 carats (pedra imperfeita) |
| 15 | 15 |
| ----- | ----- |
| 225 | 225 |
| 150 (valor de um carat) | 80 (valor de um carat) |
| ----- | ----- |
| 33.750 libras | 18.000 |
53. N.A. É extraordinário relatar: os comerciantes de diamante da Bahia não podiam chegar a acordo sobre o significado de *boart* que lhe atribuem os livros. Um dos mais velhos e mais experientes insistia que era o mais barato e pior qualidade do diamante perfeitamente cristalizado, gasto por atrito e feito glóbulos esféricos, como grãos de balas. Essa espécie é na maior parte de pedras não adequadas para serem lapidadas, e quando esmagadas, a poeira é usada para polir as pedras e para encravar em pedras duras.
54. N.A. *Grajita* é o nome dado ao carvão puro sem betume, encontrado no laurençiano, e associado com antracita nos sistemas cambrianos. A origem vegetal deles não está perfeitamente aceita.
55. N.A. O *boart* ou carbonado, contudo, não tem poder de atração. Faz-se a prova apertando-o entre duas moedas de cobre. Se se parte ou não marca o metal, é considerado sem valor.
56. N.T. Em português o termo *aspeado*.
57. N.T. Em português o termo *aspeado*.
58. N.A. O Dr. Dayrell deu-me uma amostra de «*boart*» de Sincorá. Tem o mesmo aspecto das areias de pirita de ferro. É encontrada em fragmentos que variam de um grão até uma oitava. Ouvi chamá-la de «*bolo redondo*» e disseram-me que a cor é às vezes branco-opaca.

59. N.T. Em português o termo aspeado.
60. N.A. O Sr. Barbot designa o local como pequeno rio «Malho Verde», nas vizinhanças de «Cay de Mérin».
N.T. O diamante *Bragança*, originário do córrego Caeté Mirim, encontrado perto do Milho Verde, na então comarca de Serro Frio. «Quando se soube que seu peso bruto era de 1680 quilates houve uma verdadeira revolução no mundo dos lapidários. O algarismo inverossímil e fantasista da sua primeira avaliação foi de 7 bilhões e 500 milhões de francos. Lapidado, caiu para 367 quilates. Era ultimamente de propriedade do rei Dom Carlos de Portugal». Nelson de Senna: *Chorographia de Minas Geraes*. Rio de Janeiro, Soc. de Geogr., 1922, p. 117.
61. N.A. O Sr. Buriel (427) chama o Abaeté de *Regente*.
N.T. *Regente* ou *Pitt* é o nome geralmente dado a um diamante descoberto em 1701, na Índia. Foi comprado por Thomas Pitt, então governador de Madrastra. Foi vendido ao duque de Orleans, então regente de França, donde o nome. Foi roubado durante a Revolução. Encontrado, passou ao Museu do Louvre. Nada tem com o nosso. (Alpheu Diniz Gonçalves: *Pedras preciosas*. Rio de Janeiro, 1949, p. 283.) Ao diamante encontrado no rio Abaeté por três degredados, Nelson de Senna (*Op. cit.* p. 117) chama de *Coroa de Portugal*. Mas data a descoberta de 1800.
62. N.A. Em algumas obras o peso desse diamante é dado como 138 1/2 carats, em outras como 213.
63. N.A. Esse rio já foi mencionado. O diamante é descrito por John Mawe como octaedro de forma, pesando sete oitavos de uma onça Troy, e talvez o maior do mundo. Passou pelas mãos do vice-rei e foi levado numa fragata ao Príncipe-regente (futuro D. João VI).
64. N.A. É uma história muito longa para contar-se a do diamante *Estrela do Sul*, que foi exibido em nossa Grande Exposição de 1851. Excepcionalmente, em face de poucos diamantes que mereceram nomes e que disso se possam gabar, não provocou nenhum derramamento de sangue. Mesmo o descobridor não foi assassinado, mas somente arruinado, e morreu de choque cardíaco. Das vinte pessoas ou mais que fizeram fortuna com o descobrimento, Casimiro (de Tal), dono de uma negra (e não negro como diz o redator do *Harper's*) que lho trouxe a fim de obter a alforria, foi o único desapontado.
N.T. O diamante não pode ter figurado na exposição de 1851, já que foi descoberto em 1853 conforme o autor, confirmado por A. Diniz Gonçalves e Nelson de Senna. Figurou-sim na exposição de Paris em 1855. Segundo o último autor trata-se do maior diamante encontrado no Novo Mundo. Tem a notável propriedade de mudar de cor, desde a rósea até a branca. Segundo o mesmo, foi vendido ao rajá de Baroda (principado de Guicowar). Em 1949 era dado como roubado.
65. N.A. O Sr. S. Dulot (*France et Brésil*) Paris, 1857, p. 20, parece confundir o *Estrela do Sul*, encontrado em 1853, com o *Bragança*, que data de 1741. O Sr. Emmanuel (p. 61) diz corretamente que o *Estrela do Sul* é o maior encontrado nos Brasis.
N.T. O autor citado é S. Dutot e não Dulot, conforme A. L. Garraux, *Bibliographie brésilienne*, 2.^a ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, p. 130, e G. Raeders: *Bibliographie franco-brésilienné*, Rio de Janeiro, I.N.L., 1960, n.º 417.

CAPÍTULO LII

DE BOM SUCESSO À COROA-DO-GALO

O saco ou Porto dos Burrinhos — Dia da Independência — A cachoiera do picão — A lapa dos urubus — A palmeira buriti — Pássaros silenciosos

«Cette partie si importante de l'économie publique, en un mot demeure encore livrée à un état d'abandon que le gouvernement ne peut trop s'empreser de faire cesser».

(M. Claud Deschamps, em *French Rivers*, 1834).

«É de esperar que o Brasil não tentará discutir a doutrina já agora estabelecida, que nenhum país que detenha a embocadura de um rio tenha o direito de barrar o caminho ao comércio de uma nação que tem domínios mais acima, ou evitar que essa nação comercie e tenha intercâmbio com quem ela quiser, através de uma via comum às duas.»

(Ten. Herndon, p. 366).

Sabado, 7 de setembro de 1867 — Terminada a minha correspondência, o tropeiro Miguel e seus burros, de boa vontade dispensados, às 9.30, depois de abraçar nosso amável anfitrião, Dr. Alexandre, partimos da enseada de Bom Sucesso.

“O Menino”, vassoura nova, varreu bem, como de costume, por pouco tempo, agindo como é raro dando o nome de cada alteração na água e buraco na margem.¹ As rochas pedras onde abundava o ferro e cal laminado azul, dispõem-se em grande confusão. As pontas eram ora para leste, ora para nordeste, ora para sudeste, ora para oeste, ora para noroeste e ora para o norte. Às vezes no espaço de dez jardas as camadas eram em anticlinal, quase vertical, e quase horizontal. Havia lajes de argila, com fratura perpendicular mergulhando no rio e, aqui e ali, *canga* e *cascalho*.²

Depois de alguns aspectos sem importância³ deixamos a estibordo o rio das Laranjeiras e a fazenda pertencente ao coronel Domingos.

Em frente fica o Barro do Maquiné Grande, pequeno e piscoso regato de águas claras, que oferecia um caminho fluvial de cinco léguas para canoas, formando uma coroa (do Saco do Maquiné Grande) claramente dirigindo-se para a direita.⁴ Na fazenda de Maquiné há, ao que se diz, uma caverna que tomou quinze dias de trabalho do Dr. Lund. O sábio encontrou ali uma pía, ou fonte batismal de estalactite, que valeria £ 400 na Europa.⁵ Logo depois do meio-dia descemos a primeira cachoeira do dia, a da Capivara, que tem dois canais, com um banco de areia no centro. A da esquerda é profundo, mas as balsas ficam avariadas ao se chocarem contra a margem, onde as varas não podem chegar ao fundo. Por isso deixamo-nos levar com a popa para diante, jogamos uma corda e raspamos pela coroa. O ar estava denso com as queimadas, que provocam aqui uma Primavera Indiana, que corresponde ao Verão Indiano do norte.⁶ A maioria dos brasileiros queixa-se da fumaça e afirma que ela lhes dificulta a respiração. Não há nada tão pitoresco como as longas camadas de vapor, como mantas ou véus, cujas ondulações envolvem o cimo dos outeiros para depois desfazerem-se no ar.⁷

Às 4 da tarde passamos o rio Santo Antônio, aprazível riozinho que admite navegação por duas léguas em canoas de tamanho tolerável. Enquanto as canoas de casca de árvore sobem-no pelo dobro dessa distância. Leva a Santo Antônio do Curvelo, vila assim chamada devido a um colono eclesiástico.⁸ Erguida no Campo, é a última nesta região e é considerada como demarcação entre Sertão⁹ e o Extremo oeste. Mas seus habitantes não se conformam facilmente com essa barreira. Para eles o viajante está chegando ao sertão e vai sempre ouvindo que ele está alguns dias adiante. Isso traz à lembrança as terras do niam-niam caudados que voam sempre na frente do explorador,¹⁰ ou, numa comparação mais modesta, os pântanos de certos condados ingleses, cujos habitantes, pálidos e dominados pela febre, não se honram quando são considerados habitantes desses lugares.

Depois de passar a coroa de Santo Antônio e a coroa e *corrida* das Lajes, às 5 horas resolvemos fixar nossa *dormida*. Atracamos num banco de areia numa enseada chamada "Saco ou Porto dos Burrinhos". Em frente, à direita ficava Boa Vista, ainda propriedade do coronel Domingos. A lua, amiga dos viajantes, companheira do homem solitário, como as estrelas dos climas do norte, ergue-se sobre os delgados topos das árvores e nos fez saudar a amável iluminação. Não temos o mesmo sentimento em relação às estrelas, ou mesmo aos planetas, ainda que Júpiter e Vênus forneçam mais luz do que o crescente na Inglaterra. Estão muito distantes, muito altos, ao passo

que a lua pertence à terra, é terrena parte de nosso corpo físico complemento de nosso átomo. Não esquecemos de levantar um brinde ao dia da independência do Brasil. Alcançando a madureza de um homem de meia idade, o país passou da fase colonial à puberdade de um poderoso império e a história registra raros exemplos de um progresso tão rápido e tão regular. Este dia notável (*notanda dies*) também registra a abertura aos navios de todas as nações dos rios Amazonas e São Francisco, medida promovida pelos liberais, mas, é curioso dizer, uma das mais liberais que as nações podem registrar. Em espírito juntamo-nos às jubilosas comemorações que estão ocorrendo nas águas mais abaixo dos rios liberados.¹¹

8 de setembro — Partimos às 6,30. Passamos o porto do Curvelo, com um rancho à esquerda, assinalando a estrada real para Diamantina. A corredeira e o raso conhecidos como Saco da Palha, levam-nos primeiro à esquerda, depois à direita. De novo as rochas variam suas direções, indo desde a horizontal até a vertical. As margens no começo do dia eram baixas, mas agora tornaram-se altas e nuas. À nossa direita colinas cobertas de vegetação, formavam campo à direita. A primeira cachoeira foi a do Landim,¹² com sua coroa e seu raso. Uma linha de pedra, quebrada no meio se estende quase fechando o rio e dá passagem à esquerda. Além desse ponto estão diversos obstáculos menores¹³ não mencionados pelo Sr. Liaís. Ele propõe, contudo, vários melhoramentos da via fluvial, como túneis, dragagens, canalizações para suprimir os inúteis canais, e tratamento das margens.

Depois de Varginha, um raso banco de areia deu-nos passagem à esquerda e o Porto do Silvério (P. N.) levou-nos à direita. Aqui um recife, nesta estação muito raso, quase atravessa o rio e “marumbés” ou pedras vestidas de ferro começaram a luzir às margens. Em seguida veio o “Saco” e cachoeira de Jequitibá, com campos e casas à esquerda. Desembarcamos na coroa e inspecionamos essa espécie de represa, uma espinha quebrada de pedra ferruginosa, talvez originária das “serras”, estendendo-se ao longo de nor-noroeste para sul-sudeste. As canoas podem esgueirar-se pelo lado esquerdo. Mas nossa arca mergulhou elegantemente pelo meio, que umas poucas marteladas abriria facilmente. Notamos a magnífica cana-de-açúcar que excede em tamanho a de Bom Sucesso.

Mais algumas dificuldades¹⁴ levaram-nos à cachoeira da Manga, não muito importante. A palavra se aplica a um estreito caminho, e uma quadra de grades rústicas que vão até a beira da água. O gado é conduzido para ali e a pressão dos bois que vêm atrás, obriga os dianteiros a dar o exemplo de nadar pelo rio. Uma clareira sobe o declive da direita. Cavalos e vacas esquentavam-se na areia e os

homens, acocorados à sombra das árvores como os africanos, gritavam avisos quanto ao temível Picão, e prometiam pilotar-nos se esperássemos um dia. Manifestamos enfadados nossos agradecimentos por tal presunção, o que os decepcionou.

Dirigimo-nos para a esquerda do quebra da Tronqueira e, descrevendo pequena curva para a direita, às 3 horas da tarde entramos no saco do Picão. Aqui a corrente, girando para a margem esquerda dirige-se de oeste para nordeste leste. Uma pedra, perigosamente denteada, estendendo-se obrigou-nos a voltar a popa para a direita e cingirmo-nos à terrg. A margem era de argila dura e macia, com veios de quartzo, exibindo canga, que se dirige para leste, com uma inclinação de 30º a 35º. Aproximamo-nos gradualmente da direita, onde desembarcamos para aliviar o barco e inspecionar a formação do terreno.

O Picão merece a má fama. É talvez a pior obstrução no rio das Velhas;¹⁵ uma barra larga quebrada com dentes próximos uns dos outros, detém o rio, além disso há rochedos que se estendem por duas milhas, acima e abaixo. O material é uma duríssima argila azul que serve de capa, cujas lâminas estalam facilmente. Tem uma cobertura metálica, não fica efervescente sob a ação de ácidos que, a endurecem, não sendo por outro lado afetada pelo fogo. Será evidentemente útil para construções. As rochas emergentes fazem com que a água fervilhe e ruja, espume disparando numa velocidade de 9 pés por segundo em rápidas corredeiras. Arrastamo-nos pela margem direita, mas já que nosso barco eala 16 polegadas, em breve encalhamos e tivemos de recorrer a alavancas para flutuar. Passando à direita de um pequeno banco de areia, pudemos descortinar uma bela vista ao fundo. A queda de água tem três ou quatro pés, e não haveria dificuldade em abrir um canal central. Às 5 horas da tarde cruzamos para a esquerda e pernoitamos num banco de areia, ainda no saco do Picão, defronte de um morro e uma pequena cascata que parecia um brinquedo.

Aqui penetramos na terra mais adequada para emigrantes. Estamos fora do alcance dos grandes proprietários que querem vender milhas quadradas, algumas boas, muitas más e todas, é claro, pelo maior preço possível. Não há "terrenos devalutos"¹⁶ ou terras do Governo, mas os pequenos moradores são menos ambiciosos. Nessas paragens um proprietário se dispõe a ceder quatro milhas quadradas, incluindo um holo e grande córrego, por 300\$000 ou 400\$000, menos do que paguei pela minha jangada. Os "gerais", ou terras além do rio estão ainda mais baratas e geralmente onde a água corre em leitos profundos as terras podem ser compradas por um preço quase no-

minal. O povo não tem nenhum aparelhamento para irrigação, que uma máquina a vapor poderia fazer funcionar tão eficazmente. As vistas são lindas, o clima é bom e seco, brando e deletitoso, sem necessidade de garrafas de quinino na mesa de refeições, como em algumas regiões do vale do Mississípi. Não há animais nocivos, e, salvo em certas estações, algumas perseguições de mosquitos e a desagradável família deles. O vale do rio tem cerca de quatro milhas de largura e, quando o campo estiver aceirado, será fácil empregar o arado visto que o rendimento do milho e cereais é pelo menos de 50 a 100%. Há facilidade para a criação de gado e galinha, além da lavagem de ouro e diamantes; a cal e o salitre abundam enquanto o ferro está em toda a parte para ser explorado. A comunicação por água em breve se estenderá do rio São Francisco, abaixo, até o excelente mercado de Morro Velho, águas acima. Enfim o povo é hospitaleiro e amigo dos estrangeiros. Meu companheiro que possui umas tintas de engenharia, poderia pedir emprego em qualquer fazenda.

9 de setembro — O Picão termina numa cachoeira rasa, conhecida pelo nome de Portão, formada por um rebordo da margem direita, de calcário avermelhado.¹⁷ A isto se seguia uma enseada, com terras suaves, colinas cheias de vegetação que se encadeiam para a esquerda. Depois de remar por cerca de duas horas e meia, descemos de popa “as Porteiras” e chegamos a uma cachoeira chamada Cancela de Cima e Cancela de Baixo.¹⁸ Esses perigosos obstáculos não foram ultrapassados sem abundante gritaria e ferozes objurgações, começando por “Homem de Deus”. O rio é raso como sempre e podemos ver até onde baixaram as águas. Evidentemente as chuvas do costume estão sendo necessárias nas regiões superiores. A maravilhosa secura do ar continua a enrugar as capas dos livros. Ao nascer do sol a brisa amortece nossos dedos e torna-os incapazes de escrever, posto que a temperatura vá entre 55° e 60° F. Ao meio-dia o mercúrio alcança 75° e à 1 hora 85°. Agora um vento sul soprará da serra Grande ou do Espinhaço.

Às 11 horas da manhã, a corrente corre de nordeste para norte e passamos a foz do rio Paraúna,¹⁹ barra do Paraúna, já agora um velho amigo. A largura deste, o mais importante dos afluentes é de 90 a 105 pés. O lado esquerdo está atulhado com montões de areia e por toda a parte destaca-se grande quantidade de húmus escuro e barro vermelho e branco. Sua posição fará dele uma grande estação central quando uma estrada de ferro do Rio de Janeiro se entrosar com a navegação fluvial do rio São Francisco.

Na barra do Paraúna começou novo cenário. Até aqui as montanhas pareciam papel amassado. Agora tomam um aspecto regular e muitas vezes mantêm-se paralelas com o eixo do rio. A

esquerda há linha de calcário em forma de espigão contra o qual se choca o rio das Velhas na confluência com o Paraúna. Mais ao sul a mesma serra torna-se para a direita ou leste e flanqueia o rio Cipó a oeste. O rio das Velhas alarga-se até 200 jardas, o rio tortuoso torna-se comparativamente reto, com uma direção geral para norte, 11° a oeste e com o declive sensivelmente diminuído.²⁰ Um país de fantasia apresenta-se aos meus olhos. A massa dos morros se torna afastada e as margens se tornam declives suaves, com fragmentos de madeira encalhados nas beiradas e barro amarelo e areia com rochas aqui e ali nos pontos mais elevados. Largas faixas de verde tenro, colocadas sobre os flancos queimados de soi, mostrando os leitos das correntes marcadas de verde, como as de Somali durante as chuvas. Aqui as árvores densas contrastavam com as altas árvores esparsas, remanescentes de uma velha floresta. O gado deitava-se e tomava sol sobre os alagados das coroas, e ouvimos com prazer as vozes dos habitantes e o latido dos cães.

À 1.30 passamos a Lapa d'Anta, formação que nos lembrou o Pau de Cheiro. O rio corre para nordeste e sua margem direita está dominada por uma alcantilada massa de calcário rude a oeste, erguendo-se das areias e do barro de ambos os lados, e formando uma pequena baía encantadora. É a face perpendicular de uma longa serra, que corre de sudeste para noroeste, acompanhando a margem oriental do rio. O aspecto geral corresponde ao que foi dito acima. A inclinação é de 25°, expondo somente os bordos ao rio. A parte inferior é uma gruta de uma camada de tom azulado, ao passo que a parte superior é uma massa sólida, parecendo cristalizada, manchada de vermelha pelo barro ferroso e intercalada com línguas pretas que parecem tintas pelas cinzas do solo queimado acima. Do alto da serra destacava-se um morro cor de barro sem folhas, contrastando singularmente com a verdura metálica das margens.

À 1.45 o rio virou do norte para oeste e atravessamos uma formação semelhante. Aqui uma gruta, o Poço do Surubim ou Loango²¹ de face voltada para o sul, apresenta um arco de calcário azul com bordos de barro que parece feito pela mão do homem, com laminações cor de chocolate encravadas no calcário, dando a impressão de mármore. Um pouco abaixo um banco de areia projetando-se da esquerda produz um estreitamento do rio reduzindo-o quase à metade. Nesse ponto ele se torna muito fundo. A paisagem continua agradável, as colinas se sucedem e a cor, mudando de castanho-avermelhado a azul, à medida que se afastam.²²

Agora vimos a Lapa dos Urubus, um penhasco calcário como os demais, da altura, porém, de uns 80 pés, todo coberto de árvores

verdejantes. Está voltada para o poente, enquanto o rio corre de norte para o sul e as camadas são horizontais, exceto quando deslizam abaixo do nível da água. Da margem direita fronteiraça uma ponta delgada de terra projeta-se de um morro coberto de mata sobre as águas do rio. Um esplêndido jequitibá, muito copado, espalhando uma sombra imensa e deliciosa assinala esse acidente.

Cerca de 5 horas desembarcamos e dirigimo-nos à Lapa. Além da margem, cerca de quinze pés de altura, havia um pequeno roçado e uma pequena lavoura de tomates, quiabos (ou quingombôs), *Hibiscus esculentus*, misturados com cordão-de-frade.²³ Depois de alguns passos alcançamos o penhasco com suas fendas, de onde surgem arbustos e se enroscam as trepadeiras. Aqui também os arcos têm uma aparência de tijolo e os altos *cactus* em forma de órgão vicejavam na base. A caverna está voltada para o sul e fragmentos de rochas entulham a entrada. Mais acima uma laje em forma de escudo *encobre uma galeria de três pés de altura* e que, dizem, estende-se por duas milhas. Há também um poço de pouca profundidade de onde se tirava salitre, mas no qual apenas encontramos fragmentos de calcário conhecido por “osso de cavalo”.

10 de setembro. A noite estava fria, e uma brisa gélida soprava do leste, vinda das montanhas de Diamantina e a “corrubiana” aparecia ao longe sob a forma de nuvens ríçadas de uma orla escura. Após vinte minutos de trabalho, chegamos à cachoeira das Ilhotas, lugar perigoso,²⁴ mas fácil de ser aberto por ser estreita a crista dos rebordos. O sol tornava-se quente, o vento leste estava excepcionalmente frio e forte; meus companheiros começavam a sentir-se mal. João Pereira estava tratando com arnica um braço machucado e foi obrigado a deitar-se, fazendo um sério vazio em nossa tripulação. Os demais haviam-se queixado há alguns dias de uma sensação de mal-estar, dor de cabeça e insônia, sem razão aparente. Resolvi adotar novo método e fazer alto durante o forte do calor. Entendendo que a *Elisa* estava sobrecarregada a estibordo, tiramos uma tábua e descobrimos que o carpinteiro, além de consertar a fenda, não se dera ao trabalho de retirar os cavacos após o reparo. No cabo de Benin, nenhum de nós teria escapado da febre, e uns poucos teriam desembarcado, isto é, permanecido nas margens.

Depois de Ilhotas, enfrentamos os três Jenipapos. O nº 1 é uma ilha coberta de mata, protegida por uma perigosa ponta. Há rochedos em abundância e a corrente fervilha em torno deles. Tomamos o lado esquerdo da ilha e passamos raspando as pedras submersas. Aqui, em junho de 1866, naufragou uma canoa com aparelhamento de fabricação de açúcar, no caminho de Sabará para Januária.²⁵

Jenipapo nº 2, onde a corrente corre para nordeste, apresenta poucas dificuldades; há bastante água no meio da corrente. Depois disso, por umas três milhas, navegamos para leste, sem nada ganhar. Depois cruzamos o rodadoiro do “Beija Mão”. Não é nem um Maëlstrom, mas pode ser perigoso para pequenos barcos durante as enchentes. A terceira ilha do Jenipapo era uma “coroa” que costeamos pela direita. O resto da corrente é perigoso. Pouco depois passamos a ilha do Hipólito,²⁶ cuja passagem pela direita é impedida por uma fileira de rochas pontiagudas.

Às duas horas da tarde retomamos o trabalho nas garras de um terrível vento norte.

A margem direita era constituída por uma muralha de quartzo conglomerado de cerca de 5 pés de altura. Abaixo fica o córrego do Brejo, completamente seco, mostrando a camada calcária. No vau da Caraíba²⁷ há uma passagem a seco durante a estação não chuvosa, e no *saco* do mesmo nome há um grande rochedo a estibordo, inofensivo, porém, à navegação pois a passagem pela esquerda é folgada. Aqui seguimos os três lados de um quadrado. Um corte de uma milha e meia ter-nos-ia evitado seis. Às 5 horas da tarde passamos o porto de Areias, à cuja direita havia gente acampada. Assinalava-o um lindo angico mimoso, nesta época sem uma folha, ostentando o tronco polido de um tom amarelo-ruibarbo.²⁸ Mais uma hora e estávamos no saco da Manga, banco de areia de 20 pés de altura, semeado de hibiscos-do-mangue e ostentando um rico solo de oito pés de profundidade. Aqui as águas do rio das Velhas, provavelmente por influência de algum afluente, tornam-se escuras e lamacentas, com o cheiro peculiar dos rios lodosos da Africa onde as chuvas não as lavaram. Os pilotos consideram-nas cristalinas quando comparadas com as águas da estação chuvosa: então as lavagens da parte superior do rio lhes emprestam uma tonalidade cor de sangue. A noite porém o mal foi mitigado por um forte vento vindo da serra do Espinhaço.

14 de setembro. A madrugada, quando partimos, estava clara, mas à medida que o horizonte tornava-se amarelo, começaram a elevar-se do rio colunas dessa cor até serem dispersadas pela brisa, que em breve tornou-se uma forte ventania vinda do leste. Ao meio-dia o sol estava causticante, mas à tarde refrescou muito, lembrando-me um inverno no Egito. Lembrei-me de um companheiro em dia de outono no Tennessee, quando os homens começavam a colheita do algodão. Ao anoitecer, nuvens como rolos de fumaça, começaram a acumular-se do lado do norte e uma névoa lilás toldou o poente, surgindo, logo depois, uma lua pálida e enevoada. Não teremos chuva, disse o piloto, mas vento.

Roçando por uma curva avistamos areias brancas e árvores esguias, indicando o porto da Manga do Rio Pardo. É ele o escoadouro da vertente ocidental do norte de Diamantina. A vertente oposta é drenada pelo Caeté Mirim que se lança no Jequitinhonha. Em canoas, após dois dias, pode-se chegar à serra, distante apenas 12 léguas da cidade dos diamantes. A foz tem 140 pés de extensão e a corrente principal tem 650. Fomos durante uma hora atirados de um lado para outro tendo atravessado o raso por uma queda-d'água e a linha agressiva e recortada de uma série de lajes calcárias na direção sudeste que nos interceptava a passagem, como pedras tumulares meio submersas. Um pouco abaixo havia outra vez pedras calcárias com um golpe de sudeste. A superfície dos terrenos apresenta-se de novo extremamente irregular, resultante talvez do encontro de sistemas diversos orográficos, que projetam suas ramificações de ambas as margens através da corrente. É uma das peculiaridades deste baixo rio das Velhas que merece atenção.

Dirigimo-nos agora à cachoeira do Gonçalves,²⁹ lugar feio e muito encachoeirado. Pouco depois chocamo-nos pesadamente e ficamos suspensos sobre uma pedra submersa no meio da corrente abaixo da superfície durante todo o ano, e não mencionada no plano. Em vinte minutos tivemos acidente semelhante. Nesse último caso, porém, as rochas calcárias emergiam da água perto da margem. Esses obstáculos são perigosos para navios. As cachoeiras precisam ser destruídas e as pedras removidas. Às 9,30 da manhã cruzamos a foz do rio Curumataí, que nasce ao norte e corre paralelamente ao rio Pardo. Aqui a bela corrente tem cerca de 105 pés de largura. Sua margem direita é rica de altas árvores e ele descreve uma graciosa curva a perder de vista.

Aqui o rio das Velhas muda mais uma vez de aspecto. Durante certo tempo tínhamos defronte de nós uma longa linha cinzenta, a serra do Bicudo, assim chamada em virtude de uma pequena corrente que entra pela margem esquerda. Fazemos então uma longa curva para oeste, compelidos pela serra do Curumataí, um espinhaço que se eleva a 1.500 pés acima do leito do rio e, nesse ponto, chega a 300 jardas do leito. Ela se prolonga para o norte pelas serras do Cabral, do Paulista e da Piedade, enquanto defronte delas estão as serras da Palma e da Tabuá. Há uma notável correspondência nas linhas. As cristas são cobertas de relva, enquanto a vegetação maior brota das grotas e vazios, onde há mais umidade. Aqui, como em toda a parte, chove mais na parte alta das serras, porém o declive drena a água para a parte mais baixa. Entre as serras do sul, que parecem ser os limites do antigo leito, há um intervalo médio de quatro milhas. As serras são compostas de suaves colinas cobertas de bosques, da

qual a madeira já foi cortada, deixando uma superfície de arbustos castanhos, mas com manchas e feridas esparsas em linhas de verde, sinal de água. As lajes de pedra azulada, provavelmente calcária, dizem formar grutas e salitre. Na base há alagadiços e brejos formados acima do nível máximo do rio. As margens apresentam uma notável diferença: à direita um solo calcário e fértil, baseado em argila ferruginosa³⁰ de que se fazem pedras de amolar. À esquerda, abundante de arenito e argila laminada, o terreno é pobre, como o demonstra a vegetação pobre e raquítica.

À tarde encoramos para descansar perto de um leito de conglomerado, com seis pés de espessura, à sombra de um nobre jatobá saudando a água. O lugar se chama Brejo do Buriti e ostenta uma mataria rala de monocotiledôneas com dicotiledôneas pouco desenvolvidas. A palavra escrita por Pizarro e Saint-Hilaire *Bority*, por Martius, Gardner e Kidder *Buriti* e pelo *Sistema: Bruti* é uma corrupção vulgar do tupi *Murity*.³¹ Essa *Mauricia vinifera* é desde logo elegante e útil, mas fiquei desapontado com ela ao lembrar-me das magníficas palmeiras ou palmeiras de abanos de Ioruba. O povo, porém, me diz que junto do rio ela se desenvolve inferiormente e só atinge seu pleno desenvolvimento nas terras altas e secas das Gerais. Não me souberam informar qual a extensão que ela ocupa. A maior parte concorda em que onde a carnaúba veste as margens do rio no médio São Francisco, o buriti cresce no interior. Aqui ela se apresenta isolada ou em grupos. Vi-a em todos os tamanhos, desde o pequeno leque junto ao solo até a alta coluna coroada de belas folhagens.

Segundo Leblond e Codazzi, uma tribo de guaraúnos ou *waraons* dependia dessa palmeira para viver. Nela construíam suas casas aéreas e as larvas que nelas se encontram são ainda a comida favorita entre os índios do Orenoco. Aqui as folhas são tecidas para se fazerem cestas, as frondes são cortadas, postas abaixo e vendidos os troncos para se levantarem cercas. A polpa oleosa e avermelhada entre as cascas e as sementes e a substância albuminosa da noz³² é transformada com açúcar numa pasta que é levada ao mercado nas próprias folhas. O povo saboreia esse *doce* apesar de dizerem que torna a pele amarela. Com a fibra castanho-amarelada tecem redes resistentes, que duram ainda mais quando enceradas. No rio de São Francisco elas custam 1\$000 a 1\$500. O suco de sacarina fornece o mais apreciado vinho de palmeira no Brasil, onde, é curioso dizer, o da semente de coco, de todos o mais delicado, é completamente desconhecido. É extraído, da maneira desperdiçada dos negros: fazendo-se cortes de machado de pé e meio de comprimento e três polegadas de fundo com intervalo de cinco a seis pés. Esses talhos depressa se enchem de um licor avermelhado. À medida que o tempo passar, um sistema

mais econômico será experimentado. O buritizal sofre muito com a formiga grande chamada *icá* ou *ycá*.

As duas horas deixamos a praia de Jatobá que parece ter agradado as moscas e outras pragas tanto quanto a nós. Percorremos uma linda reta de cinco milhas entre as serras paralelas depois das quais a estreiteza do canal da mão direita levou-nos à esquerda de uma coroa. Às 3,15 passamos por uma ilha arborizada ao norte. A margem ocidental é juncada de cascalho solto e cortado por uma límpida corrente. Aqui o leito do rio estreita-se até 250 pés. Algumas derrubadas ou clareiras exibiam árvores mortas e pequenas roças de cebolas revelavam a existência de população. Meia hora depois um banco de areia obstruiu o canal da esquerda e levou-nos à direita. Pela primeira vez foi-nos dado avistar grandes grupos de rochedos calcários acima do nível da água, cobertos com bosques de arinda. A cachoeira do Riacho das Pedras despenha-se no centro e exhibe o mesmo aspecto: blocos calcários despidos de qualquer coisa, salvo alguma verdura. Deixamos finalmente à direita, na Coroa do Galo, duas barras de rocha calcária quase à flor da água e às 4,45 ancoramos no porto: um trecho de areia coberto de rala vegetação.³³

Nesse dia passamos sobre uma imensa riqueza de que, como filósofos, não tomamos conhecimento. O rio Pardo, como o Paraúna, drena terras altas, ricas em diamantes e ouro e o leito do rio das Velhas é um sistema de lavadouros naturais. No devido tempo, dever-se-á pensar, talvez, que será aconselhável desviar e secar certas curvas nesse trecho do rio e há vários lugares em que tal operação é sugerida por si só.

Nas duas últimas noites o capimulgo e o curiango estiveram silenciosos. Tantas vezes haviam eles interrompido nosso sono com suas queixas e resposos, emitidos pelos bosques através e ao longo do rio. Os habitantes não são numerosos para destruí-los. Talvez a alimentação deles preferida seja abundante nuns lugares e não em outros e, assim, eles não habitem as margens continuamente. Ou ainda, talvez, o vento frio, segundo penso, bastante incômodo interrompa o concerto.

Notas ao capítulo LII

1. N.A. *Exempli gratia*, a coroa do Nené, assim chamada por causa do apelido de um homem que tinha uma mão aleijada; coroa do Saco, ambas à esquerda do canal principal. Em seguida a coroa do Poço do Gorgiano e coroa do Cedro, com o ribeirão do Cedro a desembocar na margem esquerda. Essas têm o talvegue à direita.

2. N.T. Termos em português no original.
3. N.A. Córrego do Bom Sucesso Pequeno, à margem direita a uma légua pelo rio e a uma milha por terra da fazenda. Em seguida a coroa do Saco do Cedro coberta de relva e arborizada, com uma cascata acima e outra abaixo. A margem direita, o sítio de Antônio Alves, com sinais de cultura.
4. N.A. A coroa seguite, coroa do Palo, que nos levou para a esquerda não é registrada pelo Sr. Liais.
5. N.T. A gruta do Maquiné constitui um dos mais belos espetáculos de Minas Gerais. Dela diz Lund em uma das suas *Memórias*: «Confesso que nunca meus olhos viram nada de mais belo e magnífico nos domínios da natureza e da arte. Lund chegou ao Brasil em 1825 em busca de saúde. Em 10 de outubro de 1833 encontrou-se casualmente com um compatriota Peter Claussen que possuía um sítio perto de Curvelo. Por informações deste penetrou na gruta a que ligaria seu nome. Tuão faz crer que a gruta foi, em tempos remotos, invadida por considerável massa de água. A gruta está situada a 5 km da cidade de Cordisburgo, a 141 km de Belo Horizonte. Geologicamente a região constitui a parte da formação calcária que abrange trechos das bacias dos rios das Velhas e São Francisco. Compõe-se de 7 câmaras e contém um pequeno lago interior resultado da infiltração do córrego do Cuba. A 1.ª câmara é a única que recebe luz exterior que penetra pela entrada da gruta. Tem 20 m de largura por 8 m de altura. A 2.ª tem 37,60 m de comprimento por 22,50 de largura. A 3.ª mede 67 m de comprimento, 34 m de largura e 15,23 de altura. Nesta câmara figura um grande bloco de estalactite branca que, segundo Lund, representa um urso sobre um pedestal. A 4.ª câmara possui um comprimento de 18,20 m, 20 m de largura e 11 de altura. Daí por diante Lund não separou nenhum vestígio de passagem do homem. A 5.ª câmara tem 23,70 m de comprimento, 23,70 m de largura e 13,20 m de altura. Constitui a parte mais profunda da gruta e uma das mais ricamente ornamentadas. No centro existe uma bacia de 1,50 de profundidade, cujas paredes estão revestidas de rosetas de cristais de *spth* calcário de cor amarela. As grandes massas de estalactite que ornaram os bordos da bacia semelhantes antigas estátuas diz Lund. A partir daí a gruta se bifurca. O ramo que segue à direita é mais curto e recebeu de Lund o nome de Castejo de Fadas. A 6.ª câmara de 32 m apresenta uma altura de 15,20 m. Dela diz Lund: «Duvido que a formação de estalactites tenha em qualquer outra caverna conhecida produzido combinações tão admiravelmente belas como as que são encontradas nesta parte da gruta de Maquiné. Pelo menos as cavernas que visitei na Alemanha lhe são muito inferiores a este respeito e, a julgar das belezas das outras pelas descrições que hei lido, nenhuma pode sofrer a mínima comparação com a de que falio.» A 7.ª câmara é atingida através de estreita passagem que fica no ângulo esquerdo da 5.ª câmara. Compreende duas salas. A primeira mede 40 m de comprimento, 22 m de largura e 15,24 m de altura. Lund considera esta sala a mais importante pela quantidade de ossadas que continha. No solo há uma abertura de 0,60 m de largura.

Val ter a uma profundidade de 4,60 m em pequena câmara de 6 m de diâmetro. A respeito dessa abertura escreveu o prof. Álvaro da Silveira: *Memórias chorographicas*, B. Horizonte, 1922, p. 551 «O meu guia, segundo me narrou, tentou certa vez descer por esse furo a fim de conhecer o que haveria lá em baixo. Amarrou-se para isso em uma corda mantida firmemente por homens colocados nas proximidades do furo, munuiu-se de uma lâmpada e deixou-se escorregar verticalmente; à medida, porém, que ele descia, a lâmpada diminuía de intensidade, até que em certo ponto se apagou, obrigando-o a fazer sinal para que o suspendessem.» A segunda sala da 7.^a câmara é a maior de toda a caverna. O seu comprimento é de 162 m por 55 de largura.

Foram encontradas na gruta por Lund ossadas pertencentes a vários animais: uma espécie de antilope, do tamanho de um grande bode; espécie de megatério do porte do tapir; ossos de um pássaro do tamanho de um pombo, fragmentos da concha de um caracol terrestre; ossadas e chifre de um veado; paca; duas espécies de glires; uma de morcego; ossos e dentes de uma grande espécie de filóstoma (os maiores morcegos brasileiros); o crânio de uma lebre e ossos de pássaros. É uma lástima que Burton não se tenha animado a visitar essa curiosa formação. (V.: Alisson P. Guimarães, «A gruta do Maquiné», *Kriterion*, Rev. da Faculd. de Filosofia da UMG., vol. V, p. 343, 1952. V. ainda: Peter Wilhelm Lund, *Memórias sobre a paleontologia brasileira*. Rio de Janeiro, Inst. Nac. do Livro, 1950; Heberle, Afonso de Guaira, «A gruta de Maquiné e seus arredores». *Revista Brasileira de Geografia*, III, 2; Departamento Geral de Estatística, *As grutas em Minas Gerais*, Belo Horizonte, 1939; Leme, Alberto Betim Pais, *História física da terra*, Rio de Janeiro, Briguier, 1943.

6. N.T. Período de calor ou tempo regular, no fim do outono ou princípio do inverno.

N.T. O *Atlas chorográfico municipal*, Belo Horizonte, 1927, II, registra Porteiras. O talvegue fica à esquerda. Nenhum dos dois é mencionado pelo Sr. Liais. Vem depois o córrego das Canoas (ribeirão das Canoas, segundo o Sr. Liais), apresentando à sua margem direita uma quantidade regular de massa aurífera, além da qual as margens apresentam uma inclinação de 10° a 30°. A coroa das Canoas bloqueia o canal da direita. Na margem esquerda a barranca, quase perpendicular, é de barro escuro, de seis pés de profundidade, coberto de copaibas que ostentam sua folhagem avermelhada. Há pouco que dizer do porto e córrego da Anta ou do porto do Murici, assim chamado por causa de uma frutinha comestível amarela.

7. N.A. Depois de Palo estão a Porteira, assim chamada de um regato.
8. N.T. «Curvelo deve o nome ao fundador, padre Antônio de Ávila Curvelo». Waldemar de Almeida Barbosa: *Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1971, p. 154.
9. N.A. Southey escreve essa palavra à maneira antiga: *sertam*. E declara (II, 565) que desconhece sua origem. Não passa da contração de *desertão*, zona selvagem, e é muito usada na África e na América do Sul.

10. Niam-niam (ou nyam-nyam) é o nome de um grupo de tribos da África Central famosa pelo canibalismo.
11. N.T. O Decreto n.º 3.749, de 7 de dezembro de 1866 (referendado por Antônio Coelho de Sá e Albuquerque), abriu a partir de 7 de setembro de 1867 a navegação dos rios Amazonas, Tocantins, Tapajós, Madeira, Negro e São Francisco à navegação dos navios mercantes de todas as nações.
12. N.A. É tido como o nome de um peixe e uma árvore. O Sr. Liais escreve Landin.
N.T. Landim, segundo Nascentes (*Dicion. etimológico*, tomo 2, 1952) é topônimo em Portugal. No Brasil é nome de família.
13. N.A. A coroa do Jataí, apenas ultrapassando o nível da água, com uma queda-d'água à direita, indica o final da propriedade do coronel Domingos. Depois, à direita, das terras baixas as coroas do Garrote e do Pau Dourado. A esquerda, uma terceira, onde dois bancos de areia estreitam o leito do rio a cinquenta jardas, e desce para o saco da Varginha ou Varzinha. Outro pequeno córrego sem nome, com curso voltando-se de leste para o norte e tendo ao fundo uma linha de morros arborizados no seu topo plano, dando a impressão de cortar a corrente do rio.
14. Barra do Brejinho, com a sua curva para o noroeste, tendo à margem direita campos e cabanas com uma cerca serpenteando em frente. A cachoeira do Saco, represa natural de arenito, com uma abertura para a esquerda e um morro coberto de erva em frente. A cachoeira e coroa dos Tachos (Taxos segundo o Sr. Liais), com um perigoso encachoeirado sobre uma muralha de pedra à direita, uma passagem à esquerda, mas com duas pedras no caminho.
15. O Sr. Liais nota, a respeito desse Picão (p. 10): «une petite barque vide et à moitié portée par des hommes peut seule passer tout contre la rive droite, et en touchant souvent un fend de pierres».
16. N.T. Em português a expressão aspeada.
17. N.A. Mais abaixo ainda aparece a faixa calcária com a direção noroeste e uma inclinação de 45°.
18. N.A. A Cancela de Cima é formada por dentes de pedra espalhados que se projetam das margens. Nosso barco foi de encontro a um rochedo solto no meio do rio e fez muita água. Conseguimos pô-la em boa direção e safamo-nos ao longo da margem direita. Tornamos a abalroar outra vez e só no fim de 20 minutos conseguimos alcançar fundo suficiente para navegarmos à vontade. Uma represa natural facilita a passagem para o lado direito. Nessa altura avistamos o Barreiro do Gado, com algumas cabanas, lavoura de cana e jabuticabas. A Cancela de Baixo tem na margem esquerda uma barreira formada por quatro longas muralhas de pedras soltas, dando passagem à direita, onde há dois rochedos bastante afastados e alguns poços. Novos abalroamentos e mais 25 minutos perdidos.

19. N.A. O Sr. Gerber coloca a barra do Paraúna na latitude sul 18°19'45". O Sr. Liais em 18°30'19"-9 a cinquenta e três milhas diretas de Casa Branca, a 19°23'45" e citenta e quatro de Sabará (lat. sul 19°54').
20. Segundo o Sr. Liais o declive entre Trairas e o Paraúna é de 0,4355 metros por milha. Da confluência do último rio até a embocadura do rio das Velhas, ele diminui, passando a 0,2735.
21. N.A. Diz o povo que Loango é o macho do Surubim. Outros dizem que o Moleque é o macho do Loango. Esse peixe substitui aqui o bacalhau amazônico, o pirarucu (*Vastus gigas*) e o povo depressa aprenderá a salgá-lo para exportação. É uma espécie de esturção sem escamas, pintalgado e jaspeado, de cara chata e com barbas como os gatos (*Silurus*) que arrastam os incautos pescadores negros nas águas do Mississipi e que é feio como peixe-diabo. Costuma alcançar 5 pés de comprimento e atinge o peso de 128 libras, produzindo cerca de dois barrilotes de óleo. Há várias espécies como o surubim-couro que o povo diz ser muito voraz como o lúcio. Pegam-no com a rede e depois matam-no a flechadas. Depois é aberto ao meio, limpo e posto a secar ao sol, sendo levado para o sertão, onde tem grande procura. Sua carne é excelente, branca, consistente e gorda. Nunca comi um peixe fresco que me parecesse tão saboroso. Dizem, porém, que provoca moléstias de pele.
22. N.A. Aqui surge a ilha Grande, que se destaca à direita, a coroa do Clemente, com três bancos de areia, um coberto de vegetação e os outros só de areia, e, um pouco além, uma ilhota comprida que dá passagem pela direita.
23. N.A. *Leonotis nepetaefolia*. De Ukhete, da África intertropical oriental, enviei para casa um espécime dessa labiada, que cresce selvagem em toda a região baixa e úmida da margem. Os negros utilizam-na para narcotizar o peixe. Foi provavelmente introduzida no Brasil pelos antigos portugueses.
24. N.A. As rochas se estendem através do rio na direção da direita para a esquerda, bloqueando-o nesta direção. Tomamos a estibordo, encalhando na margem direita da coroa e só conseguimos bordejar em torno do extremo mais baixo com o auxílio de cordas; em seguida caímos sobre uma cachoeira perigosa formada por um espigão rochoso que corre de norte para o sul e seguimos pela esquerda para evitar duas formações semelhantes, uma pedra solta e raso perigoso. A segunda ilhota forçou-nos a seguir rente ao lado leste para evitar um recife na margem direita, com imenso cuidado para escapar das pedras submersas. Perdemos nisso cerca de meia hora.
25. N.A. Abaixo há nova cachoeira, pedras e uma ilhota, cruzando o rio de norte para o sul; mais abaixo a água gira e flui sobre um banco de areia recém-formado; afinal, mais abaixo ainda, há uma cachoeira de pedra ferrosa.
26. N.A. O Sr. Liais chama-a de *San Hippolyto*.

27. N.A. Também chamado Caraúba, Caroba (errado), Caraíba e Carathiba. Encontrá-la-emos em quantidade no rio São Francisco, onde há duas espécies dela: uma de cor ouro pálido-castanha e outra de pequenas flores de uma agradável cor lilás.
N.T. A caraiba é uma árvore típica do cerrado, da família das bignoniáceas (*Tabebuia caraiba*).
28. N.A. Os guias chamam-no pau-breu.
29. N.A. Segundo o Sr. Liais, cachoeira do Gonçalo. É formada por duas linhas de rochedos calcários, a da direita orientando-se para sudeste, com uma inclinação de 75°. Em toda a volta espalham-se pedras e rochas de vários tamanhos. Tomamos a direita, raspamos uma laje, passamos à esquerda e finalmente tomamos a direção leste.
30. N.A. As 9,50 atravessamos o rio, observando que as margens são de arenito rico.
31. N.A. Alguns viajantes antigos preferem *murichy*.
N.T. Segundo o *Dicionário* de Aurélio, a palmeira buriti (*Mauritia vinifera*), é dotada de fruto amarelo, do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, de cujo espique e espádices se fabrica o vinho de buriti. É também conhecida como muriti, muritim, muruti palmeira-dcs-brejos, carandaguaçu carandaiguaçu.
32. N.A. Saint-Hilaire (III, II, 344) diz «le tronc est rempli d'une moëlle dont on fait une sorte de confiture». Todo o mundo me diz que é da fruta.
33. N.A. De frente desse lugar o mapa assinala uma casa de residência, «As porteiras», mas do rio não a vimos. Porteira aqui significa um portão de entrada, com barras, dando entrada a um pasto etc

CAPÍTULO LIII

DE COROA DO GALO À ILHA GRANDE

“Cachoeira da Escaramuça” (N.º 10 e final) — A deliciosa temperatura — Vermes — Eclipse da lua — Os macacos uivantes e outros sinais da aproximação da estação chuvosa — O jacaré ou crocodilo brasileiro — As gaivotas e outros pássaros gritadores — Serpentes — Última noite no rio das Velhas.

...o clima doce, o campo ameno
E entre arvoredo imenso, a fértil erva
Na viçosa extensão do áureo terreno.
(*Caramuru*, vii, 50).

Terça-feira, 12 de setembro de 1867. Vadiamos ontem. Eu dera uma polegada e meus homens tomaram naturalmente uma jarda e tanto. Começamos hoje cedo com as melhores intenções, fadadas, infelizmente, a desapontamentos. Um trecho suave de navegação preparou-nos para uma cachoeira chamada pelo Sr. Liais de “cachoeira dos Ovos”.¹ Aqui uma massa de rochedos cobertos de verdura e uma queda de água levaram-nos primeiro para a esquerda e, em seguida, para o meio do rio. Meia hora depois alcançamos o “Desemboque”.² Um pouco mais abaixo um velho morador chamou-nos à margem direita para comprar fumo de rolo que o Menino havia comprado por sete e vendeu por vinte vinténs a jarda. E no entanto toda a região é adequada para plantio da erva má. Fez-nos uma aterradora descrição de uma cachoeira a umas sete milhas abaixo, dizendo que caía da altura de seis pés e nada o persuadiu a acompanhar-nos; provavelmente nunca a tinha visto.

Surgiu-nos então à esquerda a foz do rio Lavado, assim chamado pelas pesquisas de diamante no leito superior. A abertura, de 150 pés de largura, parecia obstruída pela vegetação. Passamos facilmente uma pequena cachoeira formada por três rochedos e tomamos a esquerda de uma coroa não muito profunda. Então, como preparação do da cachoeira da Escaramuça, o décimo e último obstáculo

no rio das Velhas, chegamos a enseadas, bancos de areia, represas naturais e artificiais, tendo ao fundo a massa azulada da serra.

A cachoeira é formada por uma muralha fragmentada que se estende quase de um lado a outro do rio, na direção noroeste a sudeste. A argila dura é recoberta de ferro e as rochas informes enristam-se quase verticalmente. No centro fica a principal queda com cerca de três pés de altura. Um canal poderia ser aqui facilmente aberto.³ Bordejamos a metade do talvegue, rente à margem oriental e, depois de seis minutos, fomos impelidos para um recôncavo coberto de plantas aquáticas verdejantes, duras bastante para constituírem uma boa forragem; entretanto o piloto ficou à frente para dirigir as operações. À sombra do arvoredado das margens, o escoar e borbulhar das frias águas produziam uma cantilena adormecedora. Era curioso ver o velho piloto equilibrando-se como um dançarino de corda-bamba sobre um tronco oco.

Abaixo da queda principal há três canais. O que fica à esquerda da coroa verificamos ser raso demais. Acima do banco de areia há uma passagem cheia de obstáculos que abandonamos por causa das pedras a sotavento. Mas entre essas rochas e a ilha pedregosa está o caminho livre. O rio estava então no seu ponto mais baixo da vazante e os ramos secos das margens mostravam que nos últimos dias havia baixado duas polegadas. Na coroa encontramos pela primeira vez as conchas bivalves do molusco dos rios⁴ que se espalha pelo rio São Francisco abaixo, e que é apreciado como isca para peixes.

Depois de labutar por perto de uma hora, tomamos a margem esquerda e ancoramos perto da foz de um pequeno riacho, escoadouro de um pântano, São Gonçalo das Tabocas. Foi aqui que a tripulação mudou suas roupas gotejantes e protegeu-se contra o reumatismo com um bom gole de rum. Às 2,20 retomamos o trabalho, passamos por várias coroas⁵ e atingimos as alturas da serra do Paulista. Às 4,30 enfrentamos a cachoeira das Prisões. É formada por uma coroa de seixos grandes entre os quais brotam tufo de relva. Na ponta norte havia um maciço das maiores árvores que vi nesta região. Como o canal da direita era muito estreito, tomamos o esquerdo e descemos aos trancos ao longo da ilha. Não foi fácil escaparmos de um resalto no rio, obstáculo aumentado pela presença de várias rochas. Os peixes mandins roncavam como sapos e grunhiam como porcos sob nossos remos.

Nesse dia o sol estava ardente e até 1 hora da tarde não soprava nenhuma brisa. À medida que descíamos, a atmosfera apresentou uma notável alteração, como o ar do Mediterrâneo depois do canal da Mancha. Não há nada que possa ser mais agradável do que essa

sensação. Sentimo-nos aliviados, como se a neve caísse dos olhos e o gelo libertasse os ossos. O homem sente-se restituído ao gozo passivo da vida no meio que lhe é propício. Por isso nossos marinheiros, como é sabido, preferem a estação da África Ocidental, a despeito de suas febres e disenterias. O encantamento do frio explica facilmente a preferência.

Nem nos podemos queixar do calor se nos lembrarmos que estamos a 17° de latitude sul, perto do paralelo de Mocha, na Arábia do Sul.⁶ Temos aqui 85° F. Lá 105. O clima é temperado pela grande área do mar comparada com o continente, pela abundância de água, provocando uma ventilação regular, pela altitude acima do nível do mar, pelas horas de obscuridade quase iguais às de claridade e, de modo geral, pela forma do continente. Às vezes, contudo, especialmente à sombra das árvores, a bicharia ataca perigosamente. Quanto aos piores males, ainda não encontrei durante minha estada no Brasil, a centopéia, ou qualquer gênero de lacraias, escorpiões, posto que Koster fosse mordido por um, e a Patagônia está repleta deles como o Hedjaz. O termo, porém, é também aplicado ao bicho cabeludo, ou lagarta peluda, chamada pelos selvagens *taturana*.⁷ O carrapato e o gênero de pulga *Leptus irritans*, salvo nas cabanas, são raros. Não fomos vítimas do berne, nem do marimbondo. O borra-chudo (*Culex penetrans*) que ataca bastante as serras frias e arborizadas dá às vezes trabalho. A picada forma um ponto de sangue que precisa ser expellido, e o lugar esfregado com amônia, de outro modo a inchação torna-se intolerável. Nunca viajei sem bom sortimento de sais de cheiro, igualmente valiosos contra as cobras e as dores de cabeça. Nesta atmosfera árida a mutuca (ou motuca), que Southey grafa *mutuca*, ou *tavão* é rara. O mosquito, geralmente chamado *mosquito pernillongo*,⁸ mas aqui chamado *muriçoca* ou *muri-soca* (Morisoca, segundo Koster), às vezes solta uma pequena canção, em tom agudo conforme os ouvidos sensíveis às músicas. O mosquiteiro, contudo, é de tão pouca utilidade como os preventivos contra a febre. O mosquito, porém, não tem tão grande variedade como o *fincado* da costa, especialmente dos rios de mangue; sua ameaça incomoda mais do que a picada. Em fevereiro e março, quando as águas baixam e as terras marginaes, como nos rios africanos, ficam cobertas de lodo, o tormento é, dizem, severo. O pior de todos é o diminuto conhecido como *muçim* (muquim, escreve Saint-Hilaire), ou *pólvora*. O *maruim* ou *maruim* (*maroim*, segundo Koster; *miruim* conforme Saint-Hilaire e *merov*, como escreve Gardner) queima como uma língua de fogo, provocando inflamações, especialmente em torno dos olhos, mesmo nos refratários ao mosquito. Onde eles existem é conveniente usar luvas e uma gaze ligando a cabeça e o trajo. A

carapana e uma variedade menor, o *puim*, que se delicia com a árvore açacu (*Hura brasiliensis*), também pica durante o dia.

Às 5,45 da tarde, depois de grande labuta, estafados, não nos aborreceu encontrar à margem esquerda uma clareira conhecida como Curralinho. Um pouco acima estava o córrego do Negro com uma ingazeira ornada de borlas brancas⁹ inclinando-se sobre a água. Um morador negro vendeu-nos uma cesta cheia de ovos de cambulhada ao preço de cinco por moeda de cobre ou *penny*. Vimos aqui excelente cana-de-açúcar, mamona que chegava a 15 pés de altura e magnífico algodão. Foi um excelente estudo da vida selvagem. Os gritos das aves selvagens denunciaram-nos a proximidade de algum lago na margem direita e à medida que anoitecia pudemos apreciar, através do rio, o vôo do pato-selvagem e do esplêndido *colhereiro*, de cor rosada.¹⁰ A lua, que em breve estará cheia, e quase obscurecendo Júpiter, ergueu-se majestosamente por trás dos contrafortes enevoados da serra da Piedade que se destacava à esquerda. À proporção que a lua subia o perfil da mata nas margens distantes recortava-se tão nítido das águas como no ar azul e tranqüilo. O rio parecia dormir e sobre suas águas profundas o silêncio se estendia, apenas cortado pelo salto brusco de um peixe sobre a sua presa. As estrelas e os planetas nasciam sem a timidez de raios como nas terras setentrionais. Os raios ofuscavam o olhar pela intensidade do seu brilho puríssimo. Às vezes uma brisa fresca, vinda das terras altas, soprava para nordeste, logo seguida de um forte vento norte que passava sobre a nossa balsa sem lhe causar danos. Começava então de novo o clamor persistente do curiango e a lamúria do corvo enquanto na distância os lobos uivavam em homenagem à Rainha da Noite. Que contraste com o zum-zum sem imponência da civilização e a iluminação do gás!

13 de setembro. A manhã estava quente — 65° F. Pusemo-nos a caminho ao despertar do sol de outono cujo disco nublado era mofensivo como na Inglaterra. Passamos então o rio Piedade cujas cabeceiras estão em terras afastadas a nordeste.¹¹ Debaixo de sua influência o rio das Velhas se espraia numa baía que se alarga 1.500 pés e meia milha. Meu companheiro lembrou-se do rio Yazoo.¹² As margens lisas e os bancos de areia de 15 a 25 pés de altura mostram a regularidade da ação da água. Meia milha abaixo de Piedade encontramos a cachoeira dos Dourados,¹³ com as rochas à esquerda. O canal do lado leste é raso. O fundo de pesados seixos causa a cachoeira. Abaixo da coroa passamos, com auxílio das varas, para o lado ocidental, raspando por duas árvores enormes na corrente.

Às 7,15 passamos pelo córrego de São Gonçalo¹⁴ que tem o seu nome derivado de uma antiga aldeia e capelania no seu curso superior. Após fazer caminho entre pedras soltas que obstruíam a passagem e, com auxílio de cordas, vencemos outra dificuldade,¹⁵ chegamos à outra cachoeira do Desemboque que o Sr. Liais considera o ponto mais perigoso do baixo rio das Velhas.¹⁶ É uma disposição complicada. Tem ao norte uma ilhota pedregosa coberta de árvores uma outra ilhota areenta e também coberta de vegetação e um banco de areia comum. O canal rumorejante da direita não tem água suficiente para canoas. Magníficas massas de vegetação inclinam-se aqui sobre o rio, ostentando maravilhosas flores de cor amarela, com tonalidades de ferrugem vermelha. Lembra a folhagem outonal do *Acer saccharinus*. É o pau-jaú;¹⁷ visto isoladamente não é de nenhuma sorte bonito. Os sertanejos fazem chá de suas flores e usam as cinzas para fazer sabão. Tomamos a esquerda da ilhota por um talvegue com um pequeno banco de areia e duas quedas-d'água no centro. A segunda era a mais perigosa; uma rocha, abaixo da superfície, remoinha e intercepta a correnteza.

Segue-se uma série de pequenos bancos de areia,¹⁸ enquanto em frente erguia-se a serra do Brejo, estendendo-se de leste-nordeste a oeste-noroeste. A altura é de 1.300 a 1.500 pés e há dois setores, o mais próximo, arborizado, enquanto o mais longínquo está tinto de azul pelo ar. Paramos por uma hora à 1,30, quando um forte vento do norte atacou-nos com violência. Durou até 4 horas da tarde, quando tudo caiu em perfeita calma. Essas ventanias retardam muito a viagem porque os homens não querem aproveitar a proteção das margens. Avistamos então uma pitoresca enseada e uma bela perspectiva de ambos os lados, a cerca de noventa pés de altura; entre eles corriam então grandes blocos de pedra estratificada e gasta. Abaixo da pequena coroa da Carioca,¹⁹ casa do homem branco, o rio das Pedras espalha-se à esquerda da foz de noventa pés de boca a boca. Ele percorre uma distância de dez léguas, mas nesta estação está seco. Este é o fenômeno que ocorre com todos, salvo os maiores rios.

A coroa Cum-ilha-do-cair-d'água era a maior que até então tínhamos visto. Levamos cinquenta minutos para percorrê-la. Na Inglaterra seria uma bela fazendinha. O estreito canal da direita é guarnecido de esplêndidas árvores de floresta, em face da esquerda, com árvores de segunda geração e baixas.²⁰ Projetando-se pela corrente e amassado com a lama da última enchente, ficava um espigão natural de cerca de 150 jardas, mergulhado em cerca de 20, com uma inclinação de 5° e um encalhe à oeste. A substância é da pedra de amolar,²¹ xisto argiloso e cor esverdeada, às vezes despida, às vezes capeada por pedra de ferro. A clivagem faz-se em todas as

direções. A porção subaérea é muito frágil e a laminação varia da espessura de uma obreia à de um pé. Um pouco abaixo, à margem direita, há uma formação da mesma família. Guardamos alguns espécimes desse barro laminado, e como as “pedras-de-amolar” quebram-se com facilidade.

A margem plana da esquerda é coberta de lama clara e salpicada de lodo, mostrando que é regularmente inundada. Há pequenos regos que favorecem o crescimento de árvores. O resto da vegetação consiste principalmente de capim-d'água-amargo, que não pode alimentar o gado sem sal. Ao sudoeste a terra, como revelam as florestas, fica fora do alcance das enchentes. Aqui o solo deve ser próspero. A parte baixa tinha sido queimada recentemente, mas os arbustos aquecidos já estendiam suas tenras folhas verdes em vez de troncos esfarrapados que pendiam soltos dos rebentos novos.

A noite foi de um clima perfeito, fresco, ainda que embalsamado. Os rapazes pescaram com êxito. Tudo foi devorado vorazmente, até com isca de pássaros. Cinco douradinhos²² e oito mandis alinhavam-se na praia e quando a linha, quase da grossura de um dedo mínimo, foi atirada à água, foi cortada, diz o piloto por uma piranha. De novo o ruído de aves aquáticas revelou-nos a presença de um próximo lago não muito longe. As nuvens no alto sombreavam a lua que lançava através da água uma coluna de trêmulo fogo e coroava de vermelho as escamas que se erguiam da superfície tinta da ribanceira fronteira. A mutável fisionomia desse rio não é o menor de seus encantos. Sua expressão muda como a face humana. Ontem à noite estava ainda manso e pesado como uma torrente de breu; agora está profundo e veloz, cobrindo as águas detidas por obstáculos com salpicos e coalhadas de espuma.

Então ocorreu o eclipse, e a sombra escura de nosso globo avançando devagar sobre o disco da velha e quase cheia lua, apresentava-se refletida nos braços do satélite. Era a curva de um crescente voltado para o sul. Não se deu nenhuma das sinistras aparências, mais apavorantes que imponentes, que acompanham o eclipse do sol, tal como o aspecto sombrio e cor de cobre do ar, a inquietação dos animais e o silêncio das aves e, entre os homens, a sensação de que mesmo o sol está sujeito a alterações. Aqui somente a luz sumiu devagar, as variadas vozes dos sapos e aves noturnas vieram dos alagadiços e das florestas, como sempre, os morcegos esvoaçavam e os vaga-lumes salpicavam a treva com pontos luminosos e, no rio, peixes pulavam fora da água produzindo alegre ruído. Como era de esperar os seres humanos presentes nem se aperceberam do fenômeno olhando para cima. Um cometa não teria despertado neles atenção.³³

Então o glorioso satélite subindo para o zênite emergiu finalmente da sombra e de novo brilhou com a luz de prata e a alegria própria sobre o mundo inferior. Por meio de um anticlímax voltamos ao estado anterior.

14 de setembro. Partimos às 6 horas com o ar ainda quente e perfeitamente estável. A espuma corria em linhas pela corrente abaixo, coalhando-se perto das margens onde havia águas mais profundas. Uma hora de esforços levou-nos à ilha da Maravilha, onde o córrego do Lameirão²⁴ entra pela margem esquerda. O lado fronteiro revelou-nos um bom progresso. O solo era excelente e uma grande série de estacas e postes corria ao longo da margem. Foi então que, pela primeira vez, do alto de um grande jatobá, cujos frutos são suas delícias, ouvi o áspero grunhido dos macacos guariba (*Mycetes ursinus*, ou *stentor*). É aqui conhecido pelo nome geral de bugio, ou barbado. Os colonizadores franceses chamam-no *alouate*; John Mawe declara que ele ronca tão fortemente quando dorme que espanta os viajantes. O alargamento da laringe numa caixa quadrada de osso, que causa esse ruído desproporcionado, é hoje familiar aos naturalistas. Esse macaco castanho era comido pelos índios e, nos lugares mais selvagens, os brasileiros não o desprezam. O piloto falou-me de uma espécie semelhante com as costas belas e negras que poderá ser o *Mycetes heelzebub*. Disse que o ronco do guariba era sinal de estação chuvosa que se aproximava e apontou uma série de outros sintomas menores, como o ajuntamento de borboletas em lugares úmidos, o aumento do ruído dos concertos feitos pelos sapos, o chilrear e a agitação dos cicadédeos, a mordidela das moscas mordedoras e o canto do sabiá, o príncipe dos Merubídeos. Também durante os últimos três dias, a atmosfera balsâmica tinha sido perturbada por rajadas de vento, por névoas, ora acamadas junto ao solo, ora acumuladas em nuvens bem como relâmpagos que reluziam nas massas carregadas em torno do horizonte que poderiam ser confundidas com os fumos de um navio. De noite as que estavam perto ardiam como carvão enquanto as mais longínquas resplandeciam de cor azul. Preparamo-nos para uma semana de temporais com tempestades equinociais, mas esperávamos já estar bem longe pelo rio São Francisco abaixo antes do começo do verão úmido que data geralmente de meados de outubro. Pelo que parece seríamos decepcionados.

Cerca de 10 horas da manhã, passamos pela margem direita o ribeirão da Corrente, pequeno curso de água, que cresce muito durante as inundações e que estava escorrendo rio abaixo. Não é navegável, mas a água abunda em peixes. Esses locais servirão de reservas quando a vida for expulsa das artérias principais pelos vapores. A embocadura é assinalada por uma massa em forma de coluna cônica,

que dá a impressão de um enorme cipreste, formado de cipós e trepadeiras enlaçados num velho tronco. Um cachorro que atravessava o rio não demonstrou muito temor do jacaré (*Crocodilus sclerops*); o povo diz que os dos lagos são perigosos enquanto os caimãs dos rios não o são. Há pouco tempo, porém, uma mulher foi arrastada no Riburu de Iguaçu por este congênere do temível crocodilo africano. Dizem que ele prefere antes a carne de suas vítimas, como seu irmão maior, e antes de deglutir, quebra os ossos de suas vítimas com sua cabeça poderosa. Segundo Koster a gente selvagem o come, mas os negros não tocam em sua carne. Mesmo os negros do Gabão, que são considerados canibais. Tanto no rio das Velhas como no São Francisco vimos muitas vezes o jacaré expondo seus focinhos fora da água aqueitando-se na lama ou escondidos entre detritos de madeira. Não vimos nenhum espécime que ultrapassasse cinco pés de comprimento. No Aporé, ou nos rios do Equador ele cresce quatro a cinco vezes mais. Os negros, como se sabe, usam o fel do jacaré em seus filtros e venenos; os molares do animal são usados pendentos do pescoço como talismã contra doenças. O cheiro almiscarado da sua carne impede que qualquer outra pessoa, a não ser os índios, dela se utilizem. Aqui também ignoram seu emprego para fabricação de botas, invenção dos texanos.

Um morro pedregoso, relvado no alto e coberto de mata na parte inferior, estendendo-se de nordeste para sudoeste, alcança o rio neste ponto e obriga-o a uma curva. Este "saco" tem assim sete milhas de extensão em vez de uma. Passamos então por uma fazenda na margem direita, de barra perpendicular, coisa de trinta e cinco pés de altura. Pertence ao Dr. Luís Francisco Oto de Guaicuí, e começamos a sentir o aroma da civilização. Depois de alguns obstáculos²⁶ aportamos à margem esquerda abrigados contra o vento do norte, para um descanso. Havia aqui uma massa de pedra azulada que parecia um calcário finamente laminado, quando não passava de argila em folha.

Prosseguindo em nosso caminho, passamos pelo porto do córrego das Pedras do Buriti,²⁷ onde termina a grande curva, e dois afluentes sem nome. Menciono-os porque são chamados córregos de Morada; ali se instalaram povoadores e permitem uma boa "situação",²⁸ valorizando as terras adjacentes. Às 4 horas da tarde chamou-me a atenção uma enorme massa de pedra azulada, assinalando a linha do rio de São Francisco, a tripulação discutia a sua denominação²⁹ como também a de dois corregos pouco abaixo.³⁰

Às 5 horas da tarde amarramos na borda direita da ilha da Tábua, que os pilotos chamam de ilha Grande. Uma grande coroa fica ao sul com uma represa, que se estende de sudeste a nordeste, formada

por uma argila dura, árvores e um emaranhado de raízes. O braço esquerdo do rio é aqui acinzentado ao centro e límpido próximo as margens. Do lado oposto avistamos uma fazenda com uma alameda de árvores nobres, tendo ao norte uma mata fechada, viçosos e extensos relvados.

Pela primeira vez encontramos uma coroa com boa reserva de pássaros.³¹ O urubu, encarregado da limpeza, indiferente ao fuzil, abria as asas ao sol e parecia convencido de ter costas prateadas. O pequeno *charadriidae* (maçarico) pulava alegremente pelas areias, juntamente com o manuelzinho-da-coroa, a *scolopax* (galinhola), como de meias vermelhas (*vanneau d'Amérique*, *Vanellus cayensis*, Neuw.) de penas variegadas, seguia as pegadas do gado. A América espanhola chama-a de acordo com o grito *tero-tero*. Os portugueses preferem *quaro-quaro* e *espanta-boiada*,³² seus hábitos são semelhantes aos do fradinho, ele assoia os pântanos e pastagens, parece nunca dormir e é uma praga para o homem esportivo. Em notável contraste com sua desagradável vivacidade, há o solene acará, ou garça-real, com suas pernas finas sustentando um corpo sempre delicadamente branco e limpo. Uma andorinha muito pequena como a *Sterna hirundo* com o branco de neve contra o fundo azul do céu adejava bem baixo tal como a subida e descida das borboletas. A gaivota, que os tupis chamam *atyaty* ou *cará-carai*, de costas negras e bico vermelho, lembrou ao meu companheiro os que fazem a comunicação entre Memphis e o golfo do México, ou as colônias delas que vi no lago Tanganica. O bando inteiro elevou-se aos ares e, em círculos e mergulhos ameaçadores, parecia decidido a combater a nossa cadela Negra, uma vez ou outra, mudando de tática e fingindo atacar os homens. Estavam enraivecidos pela nossa invasão na propriedade privada deles e com a estupidez proverbial, revelavam pelos gritos os segredos de suas acomodações. Revidamos tomando os seus ovos³³ que eram do tamanho dos de maçarico com pintas claras e cor de chocolate sobre fundo de cor creme-sujo. Eles reagiram com uma insistente perseguição em torno de nosso pouso, conseguindo impedir que dormíssemos até de manhã. Ficaram prontos desde a madrugada, cruelmente prontos para nos ver partir com insultos e execrações.

O "Menino" encontrou sobre as areias as paralelas que poderiam ser tomadas por marcas das rodas de uma carroça. Disse que eram sinais da temível sucuriú³⁴ ou serpente das águas. Mas Chico Dinis entendeu que a estreiteza da pista antes seria de um pequeno jacaré. A horrenda serpente habita geralmente águas estagnadas e só eventualmente visita os rios. É anfíbia e, quando não é perturbada pelos homens e queimadas, alcança o tamanho descomunal de trinta pés.

Ouvi falar de uma que chegara a ter sessenta e devorara um bezerro. Vemos em velhos viajantes que sentaram em uma árvore caída que de repente, tal como as baleias ao sentir fogo em seu dorso, começou a mudar de posição. Os índios comem a sucuriú que, como a maior parte das serpentes, é saborosa e constitui um alimento excelente. Os civilizados limitam-se às enguias. A pele da cobra tratada para botas e outros objetos é conservada agora principalmente como curiosidade.

Em Maquiné um morador atirou ao rio, antes que eu pudesse detê-lo, um belo espécime de surucucu ou çurucucu, mencionado pela primeira vez por Maregraf. É a *Lachesis mutus* de Dandin, a *Crotalus nutus* de Lineu, a *Bothrops surucucu* de Spix e Martius, a *Xenodon rhabdocephalus* de meu amigo Dr. Otto Wucherer (Sociedade Zoológica, 12 de novembro de 1861) e a *grande víbora* de Caiena e Surinã, que é tida como provocando a morte em seis horas. O comprimento desse trigonocéfalo varia de três a oito e até nove pés. Sua pele é de um amarelo-baço com losangos escuros nas costas. A cabeça achatada e larga dá ao entendido uma aparência de ferocidade. Dizem que é atraída pelo fogo, mas raramente ataca os viajantes. Há duas espécies dessa cobra. A mais rara é a surucucu-bico-de-jaca.³⁵

As outras cobras de que fala o povo são as seguintes: a cascavel (*Crotalus horridus*) e não *cascavela*, como alguns escrevem, com um chocalho. Os tupis chamavam a isto *maracá*, chocalho ou boicininga, de *boia*, ou cobra, e *cinga*, chocalho ou campainha. É bem proporcionada, com o comprimento entre quatro e oito pés, marrom-acinzentada, com losangos de cores mais claras ou escuras. Ela prefere terrenos pedrentos e montanhosos, onde pode facilmente esquentar-se ao sol. Tem o hábito doméstico de fazer uma casa. É preguiçosa e inofensiva, salvo quando perturbada. Daí a fama de ouvir com maior boa vontade a voz do encantador de serpente. Os chocalhos³⁶ dão logo sinal de sua presença e pode ser morta com uma vara. O gado é freqüentemente envenenado por ela, mas não ouvi falar de qualquer homem no Brasil que tenha morrido de sua dentada. Talvez a umidade do clima possa modificar o veneno. A mais perigosa das serpentes e enfática e declaradamente inimiga da humanidade, como a cobra-de-capelo da Costa da Guiné, é a jararaca (*Cophias* ou *Viper atrox*; *Bothrops neuwiedii* de Spix e Martius, aliás *Crespidocephalus atrox*). É de um amarelo-sujo-escuro, virando marrom-negro perto da cauda, e posto que Koster lhe dê nove pés, raramente excede cinco de comprimento. A jararacuçu é o mesmo réptil quando gordo, crescido e velho. A caninana, muito citada por velhos escritores, é um *colúmbrea*, não muito temida, e a papa-ovo muito se parece com ela. A cobra-coral é assim chamada pelo povo por sua semelhança com uma gravata

de cores misturadas. O termo, porém, é aplicado a quatro, cinco ou mais animais de diferentes espécies. A coral comum, *Elaps corallinus*, chamada *Coluber fulvus* por Lineu, que a viu quando as belas cores já estavam desmaiadas pelo álcool, é preta, vermelha-carnim e branco-acinzentada em anéis transversais num corpo esguio e flexível. Todo mundo declara, tanto em livros como a *viva-voce*, que ela é tão venenosa quanto bela. As suas presas, porém, são colocadas de tal maneira que são quase inúteis. Uma outra coral (*Coluber venustissimus*) também é ornada com anéis tricolores, mas a cabeça e a boca são maiores do que a primeira citada. Uma terceira cobra decorada com anéis é a *Coluber formosus*, com uma cabeça cor de laranja e não venenosa. Finalmente há a cobra-cipó (*Coluber bicarinatus*, a cipó de Koster), com uma linha de escamas em forma de quilha de cada lado. É quase sempre confundida com a cobra-verde, uma inofensiva *Coluber*. Matei uma delas numa árvore, a despeito dos rogos dos companheiros que declaravam que ela podia arrojarse como uma flecha. A mesma estória se conta da caninana, mencionada por Koster como "cobra voadora".

Quando visitam o Brasil pela primeira vez os viajantes vêm prevenidos para encontrar serpentes em todos os caminhos, trazem o espírito cheio de bichos. Cada aranha é mortal; suspeitam das intenções de cada barata e tomam o fruto de espinheiro como um escorpião. Até a infeliz mosca-de-macaco, o africano milípede (piolho-de-cobra), a *amphisbaena* ou verme-vagaroso, mãe das sambas, a inócua *Dryophis* e a jequitiranabóia³⁷ são consideradas capazes de provocar morte imediata. Descobriram agora que os répteis retiraram-se diante do homem, seja para regiões afastadas da faixa marítima, ou para o longínquo oeste. Tanto quanto na África, também aqui, "cobra" significa algo de mais ou menos fatal. Presumo que a aversão dos homens por esses malignos ou inofensivos animais é, em parte, tradicional, derivada do velho mito hebreu e até certo ponto, instintiva. O brilho dos olhos, que o Sr. Luccock não podia fitar e a forma da cabeça, com uma curiosa semelhança com a humanidade, são os pontos mais notáveis. Ouvi, mesmo de pessoas educadas, a confissão de um horror hereditário a cobras, mas isso deve fazer parte das lendas dos reis das serpentes e da fantasia indígena de que um homem, quando mordido por elas, não deve olhar para mulher.

Os brasileiros herdaram dos velhos habitantes³⁸ um método doloroso de tratar mordidas de cobras, mas o sistema admite melhoramentos. Os selvagens aplicavam sobre a ferida uma ligadura para impedir o sangue de atingir o coração por algum tempo. Os civilizados apertam de tal maneira essa ligação que prejudicam o membro. Ambos

aplicam ao caso uma cirurgia de estilo carniceiro que foi imitada pelo cientista.³⁹ Quase sempre ministram bebidas sudoríficas espirituosas em grande quantidade e isso é o segredo da cura. A ação do coração é restabelecida, o veneno expelido e o cérebro volta às funções normais. Quando o paciente que na maior parte queixa-se de uma sensação de desmaio, como na cólera, fica embriagado está salvo. Por outro lado eles misturam o álcool, o que é aliás inofensivo, com suco de limão, ou espírito de vinho em que uma cobra-coral foi macerada, ou ainda, o que é positivamente injurioso, produtos mercuriais. Há muitas drogas de uso geral como a erva cobreira, a aristolóquia, as folhas da *Plumieria obovata*, ou graxa-de-teiú, lagarto das árvores,⁴⁰ acrescentando-se Ave-marias e Padre-nossos finalmente. “On dit que les sauvages guérissent très bien les morsures des serpens, et l'on m'a même assuré que parmi eux personne ne meurt de cet accident”.⁴¹ Evidentemente os civilizados não deveriam morrer, a não ser que demorasse demais a aplicação da amônia, da água de luce ou da cura pelo whisky.

Nossa última noite no rio das Velhas trouxe-me à lembrança as palavras de um eloqüente escritor brasileiro. “Lanço minhas vistas agora na corrente resplandecente por uma linha de fogo refletida do planeta Júpiter, depois nas margens cujas belas florestas ocultavam as ricas campinas. O rio, linha natural de navegação, desprezado pela arte e desprezando-a, rico em milhares de espécies de produtos, fertilizando em seu curso sinuoso milhões de acres, estava repleto de tudo, menos de vida humana; em suas margens silenciosas, aqui e ali, uma canoa estava atada, e das suas águas erguia-se a madeira com que o pescador constrói a sua tenda, enquanto em raros intervalos havia uma residência e clareiras que desconheciam a agricultura civilizada e salpicavam a floresta marginal. Tanta miséria e tanta necessidade no Velho Mundo! — e aqui uma tal riqueza em tal quantidade que poderia fazer a vida feliz! Terras onde poderiam frutificar toda espécie de plantas e sementes lançadas ao solo, multidões de peixes para alimento dos pobres, uma fortuna de pedras preciosas e minérios, um canal que facilmente faria a comunicação com o mundo exterior! Mas dia virá, e este dia já desponta, em que os homens se concentrarão nessas regiões desconhecidas, quando jardins, desembarcadouros e obras de arte adornarão as margens do rio, quando vilas e aldeias branquearão a planície e quando as vozes de uma população feliz serão ouvidas onde o profundo silêncio e a solidão não são quebrados agora senão pelo gemido das pombas, pelo grito das aves noturnas e pelo ladrar do cão selvagem.” Assim seja!

Notas ao capítulo LIII

1. N.A. O *Menino* chamou-a barra das Pedras, e o velho da margem cachoeira do Ribcirão, do nome de uma pequena corrente à direita pela qual passamos às 9,30.
2. N.A. Em Minas Gerais há uma cidade chamada Desemboque. O Sr. Liais escreve *Desemborque* e *Emborque*, p. 22, que é a pronúncia popular. Mas não há tal palavra. Aqui uma mareta atravessa o rio em virtude de pedras que se estendem da margem direita. Descemos com a popa voltada, em dez minutos, e tomamos o lado direito da pequena coroa.
N.T. Desemboque era uma vila na comarca de Paracatu, assentada na cabeceira e à margem esquerda do rio das Velhas, afluente do Paranaíba. Desemboque é hoje distrito do município de Sacramento.
3. N.A. O Sr. Liais propõe a abertura do canal à direita, mas esse trecho, ousou crer, em breve estará obstruído.
4. N.A. É o número 1 de minha pequena coleção. Segundo os pilotos esse molusco, quando vivo, mantém-se em águas profundas; só as conchas são encontradas nos rasos.
5. N.A. Primeiramente encontramos uma pequena coroa com encachoeirados e pedras pontudas à margem direita; a margem direita, um pouco abaixo, apresenta montões de pedra escura com areia e, de quando em quando, o calcário azul reaparece. A coroa seguinte era perto da serra que, no mapa, é colocada uma milha muito a leste.
6. N.T. Atual Al Mukhá, no Iêmen.
7. N.T. Melhor: tatarana. Segundo o *Dicion.* de Aurélio: «do tupi *tata'raua* — semelhante ao fogo — Designação comum às lagartas urticantes dos insetos lepidópteros, especialmente da família dos megalopigídeos, capazes de provocar reações que variam de um reitema ligeiro, idêntico a uma queimadura leve, a lesões mais extensas, com formação de vesículas e fenômenos gerais».
8. N.A. O mosquito, tanto na América Espanhola como a Portuguesa, é, falando propriamente, uma pequena mosca, *sand-fly* [dípteros mordedores]. O nome que crrrompeimos é perfeitamente apropriado.
N.T. O *Dicion.* de Aurélio dá *muricoça* como sinônimo de mosquito e menciona as variantes *meruçoça* e *muçoça*.
9. Não angazeiro como escreve Halfeld. O nome é Ingá ou Engá. É aplicado a mimosas de várias espécies, algumas produzindo um legume comestível.
10. N.A. Colhereiro, assim chamado pela sua principal peculiaridade. O nome zoológico *Platalea ayaya* ou *ajaja*, deriva evidentemente do tupi *ay'áya*.
11. N.A. A sua embocadura mede 110 pés. A margem esquerda de sua foz é guarnecida de verdura e lindas árvores. Dizem que o rio é abundante de peixe, e apesar de pouco profundo, dá passagem a canoas até a serra.

12. N.T. Rio do Estado da Georgia, E.U.A
13. N.A. O dourado Aurata de Dr. Levy, assim chamado por sua barriga e barbatanas vermelho-amareladas que brilham ao sol, é um dos Salmonídeos encontrados na água salgada e nos rios, de onde não pode escapar para o mar. Parece uma truta na forma do corpo, mas não na cabeça, e cresce até dois a quatro pés. É voraz e alimenta-se de peixes pequenos. O povo considerava-o um dos melhores peixes de mesa. A cabeça e o ventre são as partes preferidas.
14. N.A. o Sr. Liais chama-o córrego de Maria Graude.
15. N.A. Abaixo do córrego havia a meia braba cachoeira das Taboquinhas, ou dos pequenos umbus. Em seguida uma longa massa de rochedos forma duas fileiras distintas, a setentrional estendendo-se de sudeste a noroeste, quase de um lado a outro do rio.
16. N.A. Aqui o Sr. Liais colocou à margem direita um alto bloco elevado que não existe.
17. N.A. Os pilotos conhecem-no como marmelo-do-mato ou marmelo-selvagem. Jáú é também o nome de um grande *Silurus*, que não se encontra no rio das Velhas, mas abundante no rio São Francisco, no alto Paraguai, no Teté e outros rios.
18. N.A. A primeira cachoeira é a da Canela, logo abaixo a coroa do Curral, uma corredeira profunda dando passagem apenas pela esquerda. Segue-se a cachoeira do Cotovelo, constituída por uma ilha alongada, e a coroa do Carimbo, que é uma dupla ilha, coberta de seixos escuros ao sul e altas árvores ao norte.
19. N.A. De *caryba*, da carib, homem branco português, e oca, casa. Carioca era freqüentemente aplicado a pequeno forte. Daí o nome de um subúrbio do Rio de Janeiro. Esta coroa tem muitos recortes do lado direito, porém a intensidade da correnteza já os atenuou do lado esquerdo.
- N.T. Sobre a significação da palavra *carioca*, que não é nenhum subúrbio do Rio de Janeiro, mas um rio que deságua na praia do Flamengo, veja-se Os topônimos indígenas do Rio de Janeiro Quinhentista pelo Prof. Frederico Edellweiss, *Rev. do Inst. Histórico e Geogr. Brasileiro*, vol. 275, 1967, p. 89. Era o nome de uma das aldeias indígenas da Guanabara. No Auto de São Lourenço aparece grafada como *carijó-oca*: Casa do Carijó, uma das tribos que existiam nas proximidades da baía.
20. N.A. O terreno da esquerda apresentava um melhor aspecto no começo da nossa viagem de boje, mas essa melhoria não perdurou.
21. N.T. Em português no original.
22. N.A. Considerados uma espécie menor do dourado.
23. N.A. O Sr. Buckle, cujo primeiro volume teve a sorte de ser qualificado por um conhecido escritor como uma "misturada enérgica de erros e disparates" (I, 345), observa que provavelmente nunca existiu povo inculto cuja superstição não ficasse agitada com os eclipses. É possível que no Novo Mundo, onde as transformações da natureza assumem tanta grandiosidade, o homem se torne indiferente diante de fenômenos capazes de abalar indivíduos de outras terras. Quem é que tendo habitado uma terra

sujeita a terremotos pensaria em temer um eclipse, a não ser que ao menos, na imaginação popular, ele tenha ligação com abaios de terra? -

24. N.A. «Da grande lama» O piloto deu esse nome à embocadura de um rio à margem esquerda.
25. N.A. Em francês antigo, Caymand e Caymande são equivalentes de *jaïnçant*. Talvez os primeiros viajantes achassem os imensos lagartos sem vontade de mover-se. Mas em moços são bastante ágeis.
26. N.A. Um banco de areia submerso (Arcão), que deve ser ultrapassado pela esquerda, a coroa na curva chamada saco do Jequi, e uma dupla mureta limitando um remanso, formado por uma praia da margem direita que obriga o rio a estreitar-se, atingindo o mínimo de 120 pés de largura.
27. N.A. Córrego grande dos buritis, segundo Liais.
28. N.T. Em português no original.
29. N.A. Uns chamavam-na serra do Jenipapo, outros serra do Tabua. Poderá ter sido a serra da Porteira (Liais) do lado direito, ou oriental da junção.
30. N.A. No mapa, serra da Gameleira e córrego do Tamburil. A figueira-brava atinge aqui enormes proporções e às vezes seis pés brotam juntos.
O tamburil, que se pronuncia tamburi (Liais: Tambury), é também chamado vinhático-do-campo. É uma árvore alta que produz boa madeira. O Menino assegurou que o afluente Tamburil era o Gameleira que é um rio de morada, não navegável, mas vindo de longe. A foz tem oitenta pés de largura de margem a margem.
31. N.A. O número vai aumentando gradualmente do Paraúna em diante.
32. Assim é que o Sr. Ladislau dos Santos Titara canta:
«Vão quero-quero pelo ar soltando».
34. N.A. A *Boa anacondo* de Dandin (*Boa murina*, de Mart., *Eunectes murinus*). Sucuriú, propriamente sucuri, deriva de *suu*, bicho, três polegadas de diâmetro e três de profundidade nos bancos de areia. Um revestimento de lama impede o arrasto pelo vento. «Os ovos, três a quatro em cada ninho, são de um verde-sujo e claro ou castanhos, com manchas como sangue seco. Quando frescos são muito agradáveis de comer e muito semelhantes aos ovos do mergulhão. «Ascent os the river Purus» por W. Chandless. *Journal Royal Geogr. Soc.*, vol. XXXVI, 1866.
34. N.A. A *Boa anacondo* de Dandin (*Boa murina*, de Mart., *Cunectes murinus*). Sucuriú, propriamente sucuri deriva de *suu*, bicho, e *cury* ou *curu*, roncador, referência aos seus sibilos. Segundo o príncipe Max (II, 172), esta serpente é chamada *sucuriú* em Minas e *sucuriúba* no Belmonte. Pizarro prefere *sucruyú*. Alguns também escrevem *sucuruju* e mesmo *sucuriuh*, pronunciando sempre *sucuriú*. É também chamada «cobra-de-veado» porque é tida como gostando muito de caçar. Spix e Martius ouviram do Sr. Duarte Nogueira que ela atacou um homem a cavalo e mesmo que devorara um boi. Um cavalheiro brasileiro afirmou-me

que no Maranhão havia visto o terrível réptil nadando através de um rio com um par de chifres, salientes da boca.

35. N.A. O *Dicionário* de Aurélio menciona surucucu-bico-de-jaca.
36. N.A. O Dr. Renault, de Barbacena, diz que o chocalho (*sonnette*) é perpendicular no macho e horizontal na fêmea.
37. N.A. Este inseto, de que o viajante ouvirá falar muitas vezes, é descrito como tendo duas polegadas de comprimento, de corpo oblongo, cabeça no formato de cobra com um terço de seu comprimento total, e asas como as da cigarra, mas muito mais compridas. A tromba dobra-se sob o abdômen como a lâmina de um canivete. Este estilete é ao que se diz, lançado à frente como uma baioneta quando o inseto voa como uma flecha e, como é sempre cego, fere tudo que se oponha ao seu caminho.
N.T. *Enciclopédia Delta-Larousse* prefere a expressão jaquiranabóia. E explica: «O aspecto estranho e mesmo fora do comum para um inseto impressiona a quem quer que veja pela primeira vez uma jaquiranabóia. São entretanto animais inofensivos».
38. N.A. Também africanos. Não consegui, porém, encontrar nenhum traço do «mandingueiro», ou encantador de serpentes, que segundo Koster, é o «Obeah» da Índia Ocidental. Mas o termo é evidentemente uma corruptela de *mandingo*, a velha e incorreta forma de *mandenza*, uma raça semi-semítica islamita bem conhecida em Serra Leone. Contam-se maravilhas desses «curadores de cobras», que conseguem ter em mãos os répteis mais venenosos, curar os pacientes (curado de cobras) enrolando as serpentes mansas em torno da cabeça e dos ombros e recitando palavras mágicas, ou utilizando «contas verdes», que não passam certamente de sementes de Popo, que todos os viajantes da África Ocidental descreveram.
N.T. Koster refere-se ao mandingueiro, «curador de cobras», nas *Viagens ao Nordeste do Brasil (Travels in Brazil)*, trad. de Luís da Câmara Cascudo. São Paulo, Ed. Nacional, (Brasiliana, v. 221), p. 375.
39. N.T. Assim é que o Sr. Sellow recorda o tratamento pela escarificação, queimaduras repetidas com pólvora, apimentada com cantáridas. Labat, para não citar outros, escarifica a ferida. Koster observa «o rum é empregado até produzir a embriaguez».
40. N.A. O teiú ou teyu (*Lacerta teguixin*, Linn.), é preto com manchas amarelas, e tem de comprimento quatro pés, incluindo a cauda. Yves d'Evreux escreve *Tyvu*, Marcgraf *Teiuguacu*, Denis Tiú (*Tupinambus monitor*) e afirma, tal como Saint-Hilaire, que a carne branca, saborosa e delicada é comida pelos brasileiros em boas condições. Não se dá o mesmo no sertão atualmente. Koster menciona o Tijaaçu, que ele julga ser o teguxin; o calango, variedade menor, também comestível; a vibora e a lagartixa, lagarto caseiro e de parede, pequeno animal vivaz que destrói as moscas e outros insetos. Alguns viajantes confundiram o teiú com o jacaré, tal como o antigo grego que escreveu o *Périplo* fez em Zanzibar. O bom missionário (Yves) especifica a *tarouïre* como um lagarto grande. Mas seu editor corrige-o e diz que a Taranyra é menor que o Tiú.
41. N.A. Príncipe Max, II, 294.

CAPÍTULO LIV

PARÁ E GUAICUI

Desembarque — Os “Jiggers” — O grande “encontro das águas” — Guaicuí. Descrição: a Manga e a vila — A serrinha e sua vista — O bom delegado de polícia, Sr. Leandro Hermeto da Silva.

«A descrição das cenas da natureza deleita, a dos costumes instrui.»

«Aquele que só deleita torna-se superficial; o que só instrui, aborrecível; casemos, pois, estas duas qualidades.»

A. G. Teixeira e Sousa.

Uma casa na margem esquerda manteve durante a noite uma luz vermelha que brilhava através das árvores escuras. Era outra prova de que nos aproximávamos de um centro habitado. Depois de poucos dias de vida como viajante, de liberdade, de existência ao ar livre, de sono sob o suave céu azul, de libertação das gravatas a sensação de retorno à “sociedade”, não é de nenhum modo agradável. Todos o sentiram, posto que nem todos confessarão, talvez a falta de graça no esforço que isso lhes custou. A idéia de entrar numa povoação após uma jornada no campo ou no rio não é do meu gosto, como de qualquer beduíno de boa raça, que precisará tapar o nariz com algodão para evitar a atmosfera nociva. Tive pouco prazer em abandonar minha tripulação e entrar em Guaicuí.

No primeiro dia das têmeoras (domingo 15 de setembro) apresentava-se como uma manhã nublada e quente, com um vento norte: sinais contraditórios. Passamos à esquerda o córrego da Tábua, que vem da serra desse nome, continuação da serra da Palma; cerca de duas milhas da boca fica um arraialzinho, ou vilota. Agora erguia-se diante de nós a serra do Jenipapo, cheia de picos. As margens semelhantes do rio chamar-se-iam na Europa de florestas. Aqui são altamente civilizadas com o coqueiro, as cabanas de roças, e as esparsas queimadas, antigas e novas. O rio alargava-se e tornava-se

um pouco mais raso. O único obstáculo era uma pedra submersa conhecida como Pau-jaú.

Fizemos nossas abluções — literalmente e não de brincadeira — e preparamo-nos entregar as cartas de apresentação. Mas como se endereçavam a pessoas ausentes tornaram-se inúteis. Cerca de 10 horas atracamos no porto da vila do Guaicuí. O porto não passava de uma barranca densamente recoberta de vegetação, através da qual abria-se um caminho para o alto. Recebemos então a visita do delegado de Polícia, Sr. Leandro Hermeto da Silva e vários amigos. O primeiro destacou amavelmente um sargento para obter-nos alojamento em Porto de Manga, uma centena de jardas rio abaixo, e perto da junção dos dois grandes rios, o das Velhas e o São Francisco. Em breve estávamos instalados na casa do major Cipriano Medeiros Lima, que nos havia oferecido hospedagem em Diamantina. Era uma casa no estilo das demais, com paredes de taipa, com uma boa sala bem arejada que ostentava uma mesa, uma alcova escura com dois “catres”,¹ um deles com um forro de couro de boi e outro com tiras de couro trançadas. Uma passagem quase obstruída por um grande pote de água, levava a uma cozinha, que se caracterizava pelo solo de pedras finas, e um puxado destinado para acomodação de mendigos, porcos e cães. Aqui, em plena maturidade, termina o rio que temos acompanhado desde sua infância nos últimos três meses. Não se trata porém de Tánatos, é uma Mokshi,² uma absorção. Era impossível contemplar sem entusiasmo o encontro das duas grandes correntes de água que aqui se desenhavam como num mapa. O rio das Três Velhas Índias, curva-se graciosamente do nordeste para a direcção quase nitidamente oeste, e correndo em reta chega a cerca de 550 pés de largura.³ Atinge o São Francisco que corre do leste para recebê-lo. A margem direita do rio das Velhas é de barro duro, formando uma barranca quase vertical. Do outro lado está uma linda chácara com uma plantação de mamona que se estende em tufos azul-verdes até a água, tendo ao fundo bananeiras e laranjeiras. Além dali, no ponto de junção dos dois rios, há uma emaranhada floresta de figos selvagens, pau-jaú e outras plantas selvagens.

Permaneci em Manga de 15 a 18 de setembro. A casa que estava desocupada há muito tempo, estava infestada de bichos-do-pé e dois deles entenderam de alojar-se em mim. É um animal que tem vários nomes, *Pulex penetrans*, *Pulex subintrans* ou *Pulex minimus*. O velho missionário francês Yves d'Evreux (1613-14) chama-o de *thon*, e os franceses de agora falam *des biches*.⁴ Assim é que as línguas neolatinas tomam emprestado os termos umas das outras, alterando somente as vogais terminais. Travei também conhecimento com o *brulot* e o *pou de Pharaon* ainda que o Faaró nunca tenha

vindo à América. Os tupis chamavam-no *tumbyra*. Os espanhóis preferem *nigua* e *chigua*,⁵ donde os franceses tiraram *chique*, e o termo chegou até nós sob várias normas: *chigre*, *cheger*, *chegre*, *chegoe*, *chigo*, *chigoe*, *chigger*,⁶ e, finalmente, o *Jigger*, assim imortalizado na canção negra:

Rose, Rose, lubly Rose

I wish I may be jiggered if I don't lub Rose.

Essa praga é especialmente abundante nos armazéns de café e nas casas abandonadas:⁷ os velhos viajantes queixam-se amargamente dela e enchem de cânfora as botas, precavendo-se em não andar descalços. "Todos os homens, de qualquer nível", diz Southez falando de Santa Catarina, isto é, da ilha (III, 861) "lavam cuidadosamente os pés todas as noites, como o melhor preservativo contra os chiguas", o que não é verdade. Um naturalista tradicional, desejando levar para casa um espécime vivo, não quis ser operado, mortificou-se a ponto de tornar-se um "mártir da ciência", com a gangrena que sobrevio. Vi muitas vezes meninos com os artelhos manchados, como se se tivesse espalhado pimenta sobre eles, mas não se registrou nenhuma morte. Ouvi dizer que negros descuidados perderam os pés pela amputação.

O bicho-do-pé, visto ao microscópio, tem a aparência de uma pequena mosca, com o corpo bem desenvolvido e de cor mais clara. Anda mais depressa, mas não salta tão bem como o piolho ordinário. Crê-se popularmente que o macho não foi nunca encontrado. Ele se insinua sob as unhas das mãos e dos pés, especialmente dos últimos. Eu mesmo extraí tanto quanto seis num só dia, mas não das mãos. A planta do pé é também um lugar predileto. Na verdade o bicho prolifera onde quer que a pele seja mais espessa. Daí a preferência pelos negros. O seu habitat próprio é entre a cutícula e a carne, na qual não penetra, e onde não encontra abrigo cai, depois de extrair sangue. Mas tendo se alojado, o bicho começa a aumentar e a se multiplicar. O pequeno ponto negro atinge o tamanho de uma ervilha, e não mais se movimenta. A bolsa de cor clara é ampliada consideravelmente com os ovos, de cor amarelo-clara. Após haver fundado sua família, a mãe deixa de existir.

O ponto claro que aparece em torno das unhas é em geral acompanhado de ligeira coceira que os experimentados apreciam. Consideram-na *sui generis*, e quase como merecedora de um novo prazer. Os homens que têm pele mais sensível facilmente sentem a mordidela e retiram o mordedor antes que ele penetre. Mandam chamar então um negro, sempre o melhor técnico, e ele retira o intruso com um alfinete, preferível a uma agulha. Se a bolsa arrebenta

e não são retirados todos os fragmentos, o pé apostema e forma-se uma ferida. Algumas das vítimas tiveram de usar chinelas e por muitas semanas andar coxeando. A ferida é finalmente fechada com algum álcali brando; até o rapé, cinza de cigarros e arnica são empregados, e completam a cura.

Se algum lugar ostenta o selo da grandiosidade marcado pela natureza, é certamente esta junção. Está a meio caminho do grande vale ribeirinho. Tem, ou melhor, pode ter ligação fluvial com Sabará, Diamantina, Curvelo, Pitangui, Pará (ou Patafúfio),⁸ Dolores de Indaiá, Campo Grande, Paracatu, São Romão e outros antigos estabelecimentos do rio São Francisco. Liga as províncias de Goiás, Pernambuco, Bahia e Minas e, antes de muitos anos, o vapor e a estrada de ferro farão sua ligação com a capital do Império. Não me cansarei de gastar tinta e papel para encarecer o valor de tais projetos. Quando a minha previsão sobre o futuro terá sido justificada, o viajante poderá cotejar o seu Presente com o meu Passado e daí encontrar um outro padrão para medir a marcha do progresso que há de continuar a passos de gigantes na terra do Cruzeiro do Sul.

Nos velhos tempos coloniais a junção dos rios e a povoação anexa era chamada Barra do Guaicuí, e formava um antigo Julgado, ou chefia de Justiça, extinto há uns cinquenta anos. As gerações posteriores traduziram o nome tupi para Barra do Rio das Velhas. O distrito e a municipalidade foram criados em 1861 (Lei Provincial n.º 1.112, de dezesseis de outubro) abrangendo parte de Montes Claros, São Romão, Paracatu, Curvelo e Diamantina. A vila principal tomou o nome de Vila de Guaicuí. Depois disso foi-lhe anexada Mubuca e os novos distritos de Extrema, Pirapora e São Gonçalo das Tabocas. Está agora dividido em quatro distritos: Guaicuí, São Gonçalo, Pirapora e Extrema.⁹ A população é avaliada em 15.000 almas, com 1.200 votantes e dezessete eleitores.¹⁰ Os últimos exercem as suas funções no colégio eleitoral com sede em Montes Claros, que dista de 120 a 200 milhas de más estradas de suas diversas residências.

A povoação é dividida em dois bairros ou quarteirões. Perto da confluência fica o arraial da Manga, ou a passagem a vau do gado, popularmente chamado o Porto. A parte superior é a vila, outrora arraial da Porteira, assim chamada pela vizinhança de uma serra desse nome, hoje também antiquado. A municipalidade tem uma só paróquia, a Freguesia de Nossa Senhora de Bom Sucesso e Almas da Vila de Guaicuí.

A Manga é uma ruína de uma vila em decadência, evidentemente destinada a ser extinta. Fica montada sobre uma alta barranca de barro branco-amarelado, com vinte e nove polégadas de altura.

As paredes das habitações revelam uma marca de água de mais de seis pés. Assim, o total das enchentes alcança trinta e cinco a trinta e seis pés, com uma força a que nada pode resistir. O rio, como de costume nos grandes rios, desliza sobre um grande sulco de terra e volta-se para o norte onde rapidamente se atenua. Seu curso será obstruído somente pela serrinha da Manga ou Muritibá, uma longa e baixa colina que se estende ao norte. A borda do sul projeta-se São Francisco, formando uma longa língua de arcia, coberta por uma camada de água que não alcança cinco polegadas de água nesta estação.

A barranca da Manga é de difícil acesso, tal como a de Kuisambi em Angola e os esboços de degraus existentes, quando regados pelas chuvas, são seguros somente para os pés semipreensíveis dos nativos. O único edifício notável, sobre cujos tetos vermelhos, altos e inclinados de telhas caem as vistas do viajante, é o Bom Jesus de Matozinhos. Fica defronte o encontro das águas, ou o sul, com ligeiro desvio para oeste e, já agora, fica quase à beira de um precipício. É feito de cantaria e barro, e revela que nos tempos coloniais o lugar conheceu dias melhores. Como de costume é inacabado, "obra de Santa Engrácia". A entrada pelo sul nunca foi coberta, a sacristia, ao leste, é quase despida e o campanário é a construção habitual de três vigas. As pilastras e os púlpitos de pedra cortada estão destinados a permanecer em embrião e a arcada de alvenaria destinada a dar entrada à capela-mor, ao norte, está cheia de ervas daninhas. Além do Bom Jesus há uma pequena destilaria de rum e, acompanhando o rio, o mato.

Antigamente Manga tinha duas ruas, mas em 1865 a inundação carregou a maior parte da vila e só uma parte da rua da Água apresenta uma dupla linha de pedras e casebres em números de vinte e quatro. São construídas sobre lajes de arenito azul duro, semelhante à cal, algumas vezes recobertas de ferro ou revelando junção com gnaiss avermelhado. A nova rua para o sul, paralela à antiga, tem trinta e três casebres que dão para uma estrada de arcia. Esses alojamentos contrastam extraordinariamente com os do Daomé ou Abeokuta, em Egbaland: são caixas não caiadas, cobertas de telhas mal cozidas, com chão de terra, sem o mínimo conforto. Só há uma casa assoalhada: o Sobradinho,¹¹ pertencente ao Sr. João Pereira do Carmo, comerciante em Juiz de Paz. No Brasil essa autoridade tem poderes conciliatórios, a fim de diminuir os recursos ao Juiz Municipal. No interior, porém, os servidores da velha farçante — a Lei — não raramente me trazem à lembrança o provérbio escocês do grito longínquo do lago Awe.

Quase todas as casas têm quintais ao fundo, verdes de bananas, cietetes ou cabaceiras (*Cruscentra cuiete* ou *cuyete*) e laranjas que são exportadas rio abaixo. A povoação abunda de mandioca e, como o trigo não é encontrado, provimo-nos de bom estoque de polvilho ou tapioca em bolos “roscas de tapioca”¹² e farinha de fubá, que é muito caro no alto São Francisco. Tal como na África, as donas de casa não vendem os ovos. Os perus prosperam aqui e custam 2\$000 por cabeça. A metade desse preço paga-se por galináceos e por galinhas-da-guiné que são consideradas uma boa comida excepcional. O povo tem pouco para vender e é extremamente frugal. Um mês de trabalho no preparo da mandioca fornece-lhes pão por um ano. Além disso obtém-se muito mais por meio de trocas do que por dinheiro. Conveneceram-se de que éramos comerciantes cem por cento por causa do tabaco. Se soubesse disso teria investido muito mais nessa mercadoria e me tornado muito mais respeitado, mais compreendido. Um novilho gordo custa 30\$000; uma vaca 15\$000; um porco de 10\$000 a 16\$000 e belos bodes e carneiros, a maior parte com quatro chifres, 2\$000. O peixe é naturalmente barato. Um curumatã, pesando 4 libras, vale meio *penny* e um surubim salgado, de 32 libras, de 3\$000 a 6\$000. O valor elevado do último é devido ao preço do sal que precisa ser importado de mais abaixo do rio e uma pedra de 4 ou 5 libras custa entre 0\$800 a 1\$320. As costureiras e lavadeiras trabalham por uma ninharia.

Nesta estação Manga é toleravelmente saudável, mas entre janeiro e junho, a febre intermitente, o tifo e as febres malignas chamadas carneiradas dizem aos habitantes.¹³ Muitos são inválidos crônicos, paralíticos ou portadores de oftalmia e do bócio, que abaixo de Guaicuí cessa de chamar a atenção. O clima conquistou por si só um mau nome generalizado;¹⁴ mas a culpa é da falta de higiene e a dissolução dos costumes, mais do que a malignidade do rio.¹⁵ Os esgotos são absolutamente desconhecidos e os piores lugares são os preferidos, já que estão mais à mão. As casas são sujas no mais alto grau. Os porcos vivem nas *saras* e aqui ainda dura a “sepultura intramuros”. A alimentação constituída de peixe e mandioca, mandioca e peixe, ajuda o trabalho da sujidade. Daí o aspecto desanimado e o abatimento apático do povo. Bebem em excesso a aguardente, o “Kill John” dos mediterrâneos. No domingo à tarde dificilmente uma alma estava sóbria e dois dos meus homens, o “Menino” e Agostinho, custavam a se manter firmes. Ficam sentados durante metade da noite, conversando, fumando, jogando e cantando. Está claro que são incapazes de trabalho até perto de meio dia seguinte. Daí também a frequência da pobreza, da miséria e do embrutecimento. Tendo pouco que fazer, a libertinagem é extrema.

Os habitantes são todos mais ou menos mestiços, e assim como a pele amarela indica o Brâmane, aqui também uma face mais clara é invariavelmente indicativa de categoria. Os vadios são numerosos e, como esses vagabundos não ultrapassam de muito os larápios, tomamos precauções; tiramos as grades de ferro de nossa jangada. Em dias comuns homens estão ausentes em suas roças ou estão pescando com os puçás¹⁶ e com compridos anzóis. Pela rua e arredores vêem-se vagabundos adormecidos sobre um banco ou sobre um capacho para protegê-los da poeira. Raramente passa um homem importante cavalgando um cavalicoque com cuidado e usando estribos de madeira em forma de caixa. Os animais são como os de Pernambuco, pequenos por falta de alimentação, mas revelando boa raça no aspecto e posição da cabeça. Às vezes um caipira, especialmente um vaqueiro, cavalga vestido dos pés à cabeça de couro, o que revela que ele não é da terra, mas de uma região cheia de espinhos.¹⁷ As crianças escravas sentam-se à garupa dos magros cavalos, como os rapazes do Egito cavalgam seus burricos. É bem verdade que nos burricos é correto montar, mas não nos cavalos. Nada mais há que ver senão pássaros, animais e crianças nuas. Os cães e porcos parecem viver num estado de guerra civil crônica e o único exercício físico dos cidadãos consiste em surrá-los.

No meio desses mestiços, os homens respeitáveis são sempre bem educados e atenciosos. A grosseria aumenta na proporção da cor mais carregada e, às vezes, quando muito escura, tolera-se a gabolice dos negros, que falam com uma rudeza que nem sempre é intencional. Quando sóbrios, porém, não revelam nada do rufianismo tão comum entre os europeus sem educação. Um estrangeiro tomará frequentemente as maneiras deles como ofensivas, mas na verdade a ofensa procede não de uma má vontade intencional, mas de uma completa falta de tato, incapacidade de discernir o que é decoroso e ausência de percepção de que estão ofendendo. Os homens chegam à porta, encostam-se no umbral, olhando-nos à maneira dos ofídios e como os deuses da Grécia e de Roma, cujos olhos nunca pestanejam. Pouco lhes importa que o homem na espelunca esteja comendo, barbeando-se ou tomando banho. Metem-se na conversa, e fazem a *viva voce* comentários pessoais e observações como os negros da África Central. De fato o

*realm of Bocchus by the Blackland Sea*¹⁸

é o melhor dos professores de paciência. Ali você aprende, e precisa aprender, a suportar o que os ingleses detestam, talvez mais ainda. As mulheres entram sem ser convidadas, com cigarro na boca, e sentam-se pela primeira vez como se fossem velhas amigas. Temos um bela vizinhança, que muito se assemelha à "Yaller Gal of

New Orleans". A senhora Minervina Salgado amava, dizem as más línguas, um militar, de modo pouco sério e não muito conveniente. Como a maioria de suas conterrâneas, traz sempre um ombro descoberto e tinha o hábito de pedir tudo que lhe caía sob os olhos, tivesse ou não valor. A menor bugiganga era recebida sem muitos agradecimentos, já que era melhor que nada. As mulheres aqui são toleravelmente independentes dos homens. Eu mesmo as vi muitas vezes remando no rio em companhia dos filhos.

Aproveitamos uma oportunidade para visitar Serrinha, atrás ou ao norte de Manga. Cinquenta jardas além da margem do rio existe um braço da corrente, lamacento e, em alguns lugares, ainda verde. Isso explica em parte as febres. Nas margens pantanosas cresce uma roda de árvores e crioulina, regulares, copadas como laranjeiras grandes, com troncos espessos de dois pés de altura e folhagem como a da murta do mais tenro verde cor de pistache. O perfume das flores lembra a vanila e as frutinhas vermelhas são comidas pelas crianças. Contrastam fortemente com os "carrascos" ou "cerrados"¹⁹ das terras dos solos secos que se seguem mais longe do rio. Essa vegetação é mais européia do que tropical na falta de variedade e não ostentava alguma coisa de alegre, neste momento de estação calmosa. Muitas árvores estavam peladas como a nossa nogueira no inverno, outras, mortas, calcinadas, dizem pelo sol de verão. Outros dizem que pela geada. O chão estava coberto pelas formigas pretas, ou "formiga doida", que gosta das árvores das laranjas, assim chamadas porque vagueiam pelo chão como se estivessem doidas ou embriagadas. Montes de ninhos de térmitas²⁰ sufocam os galhos e fomos imediatamente atacados por enxames de marimbondos. Este malefício pode ser obviado pela criação de pássaros. Vimos poucos animais de penas, mais ornamentais que úteis; de cores brilhantes eles iluminavam a triste e árida paisagem. Depois de passar algumas cabanas afastadas, cada uma das quais despachou um cão ladrador contra nós, começamos a subida. Aqui a terra, quando despida, revela-se composta de arenito, pedrenta e regularmente estratificada. Talvez seja o "velho vermelho", descoberto na serra da Porteira pelo Dr. Virgílio von Helmreichen, o mesmo que encontrou o granito no calcário perto de Gongo Soco.²¹ O capim seco ainda estava queimando em certos lugares, para futuro proveito das raras vacas e a superfície está cortada pelos riachos que surgem na estação das chuvas. Nos lugares mais altos, arejadas por uma brisa fresca, poderiam ser construídas casas protegidas da área da malária, mas não há água na superfície e somente um louco pensaria hoje em construir canos.

A vista do alto encantou-nos. Para o norte, o vale ribeirinho dos dois rios unidos era mais extenso do que os olhos poderiam avaliar.

A largura era, no mínimo, de nove milhas. A leste fica a serra da Porteira,²² uma extensa língua de terra elevada, em sentido convexo da corrente. Ao sul o horizonte era detido pelas linhas azuis das serras do Rompe-dia e do saco Redondo. Um pouco ao norte, do lado oeste, ficava a serra do Itacolomi,²³ formando com a do Jenipapo e a Varginha, ao sudoeste, outra meia-lua, cujo bojo está voltado para o rio. Dizem que a do Jenipapo tem no planalto de seu cume ouro em abundância. Essas montanhas ocidentais têm formas esguias, como se abertas por vulcões, e há duas pirâmides, ligadas por cortinas naturais, que constituem magníficos marcos. Abaixo dos picos há gradações de linhas horizontais, evidentemente resultantes da ação das águas. A superfície ostenta a produção das grandes e áridas planícies chamadas Campos Gerais, semelhantes aos altiplanos ingleses e às *carses* da Escócia. Aqui tudo era cinzento e apagado e lá as árvores ostentavam suas roupagens de primavera, revestidas do mais vivo verde.²⁴

Dentro desses limites desde tempos imemoriais o rio São Francisco se desenrola, através sua avenida verdejante de sudeste, espalhando-se em enseadas de 1.800 pés de largura. Acima do ponto de confluência marcado pela língua de areia coberta de árvores, o seu nobre afluente, o rio das Velhas, estende-se como uma fita de sul para sudeste, deixando ver à margem esquerda um lago prateado. Os rios descrevem grandes curvas nas terras baixas e enxarcadas, formam-se vales estreitos e alongados e outros largos, de cuja superfície eleva-se um tênue véu de vapor. Durante as chuvas as acumulações de água devem formar uma fieira de pequenos lagos. Abaixo de onde nos achamos destaca-se a vila e mais além, próximo à junção, manchas verdes e luxuriantes de uma lavoura de cana-de-açúcar.

Não deixei de procurar a vila de Guaicuí, distante, de igreja a igreja, cerca de três quartos de uma milha. O caminho segue ao longo da margem direita do rio das Velhas. É parcialmente só sujeito a inundações. Seus limites são assinalados pelo verde viçoso do capim e pela espessa folhagem dos almecegueiros. O aspecto mais bonito é o do pau-d'arco de flor roxa, "red flowered Bowdarque". Essa bigônica, enriquecida de lindas flores roxas, é empregada como anti-sifilítico e o cerné ou coração é aproveitado para fazer o papel de *Lignum guaiacum*. Em certos lugares há excelente solo para algodão e nos lugares elevados a sua fibra tornar-se-ia semelhante ao linho. Aqui a aridez relativa do solo pouparia o trabalho de arrancar as raízes. O povo diz que há areia demais e pouca água para a cultura do café. O cafezal é uma exceção. Os melhores estão nas fazendas do Rompe-dia, Beija-flor, Canabrava e Mumbuca. Cruzamos um espigo pequeno de arenito foliado e um riacho, agora seco.

Além estendia-se o campo, com um pequeno rebanho vacum.²⁵ Dois touros olharam-nos curiosamente, mas o animal tão utilizado pelos novelistas não existe aqui.

Agora, cruzamos pisando em pedras a ponte habitual, o pequeno córrego da Porteira, que drena a terra em forma de crescente do mesmo nome. Se forem captadas outras correntes haverá água suficiente para a futura cidade. Passando o quartel, edifício mais importante que de costume, chegamos à praça onde a superioridade do ambiente se revelou em todo o seu esplendor. As enchentes só atingem as partes mais baixas. A parte mais elevada inclina-se gradualmente em direção às redondezas do morro de pedra e desvenda uma linda vista das duplas distâncias que defendem a planície ribeirinha. No momento a povoação consiste somente de uma praça e esta tem um total de quarenta e cinco construções, sem incluir a igreja. Mantém-se atualmente pela exportação de provisões e importa de Juazeiro sal e alimentos secos, e de Januária salitre, peles e couro. O correio chega duas vezes por mês, no dia 7 e 27.

O vigário, o reverendo padre Francisco da Mota, estava confessando em Desembrigo.²⁶ Tive pena de não encontrá-lo, todo o mundo falava bem de seus conhecimentos do local. O excelente delegado insistiu em brindar-nos com café e pão-de-ló; meu companheiro comprou em sua loja um corte de algodão com a marca J. Bramley Moore cheio de goma, dextrina e leucina. Contrastava desvantajosamente com a produção caseira de Minas. Nosso amigo levou-nos à escola da vila, que poderia ser facilmente localizada pelo barulho. Os brasileiros têm descrito com espírito o sistema a *viva voce*, tomado dos árabes.²⁷ Não deve ser porém condenado precipitadamente: ajuda a formar a pronúncia, fixa o assunto na memória e acostuma a abstração do pensamento. Meu sistema de aprendizado de línguas estrangeiras há muito que consiste na leitura em voz alta e na repetição mental de tudo que me é dito. O processo pode ser tedioso, mas permite dominar a língua em três meses.

O erro de todas as povoações no Brasil, começando pelo Rio de Janeiro, é a estreiteza das ruas. Depois de certo tempo dificilmente pode ser corrigido. Aconselhamos o delegado a riscar o largo espaço vazio com paralelogramos regulares, com ruas com ao menos 100 jardas de largura, preparando-se assim para os dias, em que, — perdoem-nos os manes de *Sir John Shelley* — os bondes se tornarem universais. Visitamos a igreja, a cargo de um sacristão, nascido em cerca de 1796. Fundada há cerca de 150 anos, graças à piedade de um velho filantropo, o reverendo padre Nicolau Pereira de Barros, dela se tem uma bela vista do pôr-do-sol. A pedra da fachada é cortada por três janelas, uma porta, e o que, por tolerância, pode-

ríamos chamar de rosácea. O material da construção é a taipa, reforçada com louça quebrada sempre que atingida pela chuva. Os sinos encontram-se nos postes exteriores, como de costume e, das duas sacristias, uma está em ruínas. No interior há uma tribuna para o órgão e dois púlpitos simples de madeira, que parecem caixas de vinho. O altar-mor ostenta a padroeira apoiada por São Miguel e Nossa Senhora Mãe dos Homens. Foi dourada mas encontrei um ninho de passarinho num canto confortável. À esquerda há duas capelas laterais, uma de Santo Antônio, ainda inacabada, e outra de Sant'Ana, no estilo baiano, dourada outrora por um devoto dos velhos tempos, João da Rocha Guerreiro. Defronte de Sant'Ana está Nossa Senhora do Carmo em estilo moderno, com pilares e capitel, doação de Joaquim José Caetano Brandão. A quarta capela é inteiramente moderna: colunas apoiadas em consolos, liberalidade de um genovês Antônio da Costa. A pior coisa da matriz é o soalho. A nave fora pavimentada com tábuas soltas, e a capela-mor com sepulturas e pranchas de metal assinalando datas e iniciais. A sacristia tinha as imensas cômodas de rigor, uma fonte sem água, com a bica projetando-se de uma face humana, o banco e a grade da confissão.

O Sr. Leandro emprestou-me os últimos jornais de Ouro Preto e os relatórios anuais do presidente da província, como também o original da descrição do São Francisco pelo Sr. Halfeld. Ele havia viajado pouco. Desconhecia até o Rio de Janeiro. Havia contudo reunido grande variedade de informações. Sua sede de conhecimentos era ilimitada e freqüentemente despndia metade da noite estudando. Era muito competente em matéria de educação e, na qualidade de político moderado, lamentava os excessos a que o zelo e o interesse assastam, citando a propósito a fábula do camponês, o filho e o burro, para demonstrar como é difícil satisfazer seu próprio partido. Escreveu para mim uma série de cartas de apresentação para amigos no rio Grande; no Brasil a caligrafia teria encantado lord Palmerston. Mas a caligrafia do delegado era positivamente um clichê de cobre em matéria de perfeição. Tínhamos todos os motivos para sermos gratos ao Sr. Leandro. Aproveito a primeira oportunidade para apresentar os meus melhores agradecimentos.

Notas ao capítulo LIV

1. N.T. Em português no original.

2. N.T. Na ortodoxia bramânica a *moksha* é a emancipação final, dependente do perfeito conhecimento da essência divina.

3. N.A. O Sr. Liais atribuiu-lhe 167 metros. Os algarismos da junção são os seguintes: o rio das Velhas descarrega 209 metros por segundo e jaz acima do mar 2.365 palmos (Halfeld) ou 567 metros (Gerber) ou 432 (Liais, na confluência). Eu considero Manga a 1.774 pés de altitude (B. P. 209º 40, temp. 45º. Antes da confluência, o São Francisco tem 359 metros de largura, mais do dobro do rio das Velhas e recebe 446 metros cúbicos. A descarga é de 655 metros cúbicos por minuto.
A barra ou boca do rio das Velhas, a 17º11'54" de latitude sul e longitude oeste do Rio 1º43'35", pode ser considerada uma linha quase reta ou prolongação do Rio de Janeiro, Barbacena e Sabará. A distância do arco do grande círculo unindo esses pontos é somente de cinco léguas geográficas a oeste, ainda que os velhos mapas coloquem-na bem mais a leste. O desvio da linha reta que se prolonga do Rio de Janeiro à barra do rio das Velhas é somente de 3.800 metros, cerca de metade de uma légua brasileira, 1/172 da distância total, 656 quilômetros, ou 5º55'31",4 (355 milhas geográficas).
4. N.A. «Bicho» em português é uma palavra muito ampla, tal como Sir Charles Napier disse do hindostani. Aplica-se a tudo, desde uma pulga até um elefante, como ainda a uma máquina a vapor («bicho de fogo», «bicho feio»). Koster conta, com espírito, que, sendo protestante, era chamado nos meios fora do comum de «bicho».
5. N.A. «Chica» é também usado, e o Sr. F. Denis, editor de Yves d'Evreux (Notas, p. 416) escreve «Niga».
6. N.A. O *Chigger* ou percevejo-vermelho dos Estados Unidos é uma espécie de carrapato, penso eu. Não se reproduz no corpo da pessoa, porém produz uma borbulha dolorosa.
7. N.A. Segundo Koster (II, xix) não é encontrado nas planícies do sertão do norte e algumas pessoas em lugares duramente infestados foram de tal modo vítimas do inseto que se viram compelidas a deixar o país.
8. N.T. Pará de Minas deriva da criação de uma capela no lugar chamado Patafúfio, na freguesia de Pitangui. Aparece algumas vezes grafado Patafufo.
9. N.T. Em 1873 uma lei criou o município de Jequitai (Bocaiúva) e suprimiu a vila e o município de Guaicui, «Guaicui há anos entrou em franca decadência ostentando as ruínas dos templos realmente suntuosos; hoje, com o negócio de carvão mantido pela Belgo-mineira, há uma espécie de renovação do lugar». (Waldemar de Almeida Barbosa: *Dicio... Hist. Geogr. de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1971, 205).
10. N.T. A eleição era até 1881 em dois graus. Os votantes de cada paróquia elegiam os eleitores para formar o colégio eleitoral do distrito.
11. N.A. O meio sobrado é uma casa sobre uma base elevada de cantaria. O sobradinho é uma casa de um só andar, mas com um único quarto sobre ele. O sobrado é uma residência de dois andares. «casa nobre», se é bem construída.

12. N.A. A nossa «tapioca» é mera corruptela. Comprei:

Meia quarta de farinha de mandioca	1\$000
4 libras de gordura de toucinho	1\$200
32 libras de carne-secca (seca ao sol)	3\$840
Total	6\$120

13. N.T. Epidemia de malária.

14. N.A. Le long du rio San Francisco, à l'époque ou le fleuve baisee, le pays est affligé d'épidémies qui enlève beaucoup de monde et deviennent surtout très dangereuses pour les étrangers, ainsi que pour les voyageurs qui ne sont pas acclimatés» (Príncipe Max, III, 185). Isso é repetido por muitos escritores com pequena variante pelo tenente Herndon (p. 326): «O mero viajante passa por esses lugares sem risco. É o entusiasta pela ciência, que despende semanas e meses a colecionar objetos curiosos de história natural, ou o comerciante, descuidado na obtenção de dólares, que é atingido pelas sezões». Em regra no São Francisco, ainda que às vezes atinjam o tipo maligno, não passam de calafrios e o povo, quando não pode obter o valioso quinino, trata-as com ervas medicinais, tais como sal-amargo, a quina antifebril, com purgativo fedegoso, a raiz amarga do cipó de mil-homens ou a jarrinha, a diurética e sudorífera aristolóquia.

15. N.A. Imundície não nas pessoas, mas nas habitações. Saint-Hilaire (III, II, 37) observa: «En général c'est là une des qualités qui distinguent les brésiliens; por pobres que sejam suas cabanas não são jamais sujas, e se não possuem senão duas camisas, a que usam está sempre limpa.» Sem dúvida disse o que encontrou, mas escreveu muito de memória. Minha experiência entre os pobres revelou-me que eles invertem a regra dos holandeses, entre os quais encontrei uma mulher cujos braços estavam a exigir uma esfregação de tijolo e que se esforçava por alvejar os degraus da escada tornando-os mais alvos que a neve.

16. N.A. O puçá é uma rede em forma de cesta que dois homens arrastam ao longo do fundo do rio.

17. N.A. Os trajes de couro mais afamados são os de Januária. Um «completo» custa de 5\$000 a 25\$000 e são superiores, mais macios e mais duráveis do que os que um alfaiate londrino fornece por £5. Dá-se preferência às peles de veado, suçupara, catingueiro ou mateiro. São de qualidade inferior os de pele de capivara, aqui chamada caititu. Empregam-se miolos de boi principalmente para amaciar o couro que se torna como casimira. Este é um processo seguramente herdado dos selvagens da terra. Uma vestimenta completa compreende um chapéu, batido para trás, como de um *sou-wester*, um gibão, curta jaqueta aberta na frente e com bolsos externos, um guarda-peito, peça oblonga de pele que vai do pescoço até o estômago com um orifício para passar a cabeça, fazendo o papel de colete, e as perneiras, que são calças justíssimas até os tornozelos. Completam o traje botas inteiriças, semelhantes a sapatos sem solas como os calçados do Egito.

Adotei logo o couro. O viajante no Brasil, especialmente no interior, gasta um par de macacões por mês. Nos lugares.

porém, onde a região não é muito áspera, o couro pode ser adotado só no assento ou nas partes do interior das pernas. Alguns homens do sertão economizam assim o assento. Um autor moderno gaba com razão o material pela sua durabilidade, mas certamente nunca experimentou o que descreve como «frais et léger». É mais ou menos algo como a irmandade dos Shoeties conhece como pesado e incômodo, quente no verão, frio no inverno, úmido na umidade.

N.T. Caititu, segundo o *Dicion.* de Aurélio, é porco-do-mato e não capivara.

O *sou-wester* é, segundo o Webster, um chapéu feito de tela pintada, de fazenda oleada, e batido nas costas, usado durante as tempestades.

Master Shoetis's brethren refere-se à corporação dos mestres sapateiros

18. N.T. Bocchus foi sogro de Jugurta a quem traiu, entregando o genro aos romanos. Foi rei da Numídia.
19. N.T. Em português no original.
20. N.A. Os ninhos da *Termes arborum* é chamado panela.
21. N.A. Iguamente no vale do Amazonas, observadores mais antigos acharam que a ardósia e o arenito duro encontrados nas margens do rio Amazonas em Manaus não passavam de Trias ou «Old red». O Prof. Agassiz (199) considera que ambos fazem parte da formação do arrasto.
22. N.A. Halfeld dá o nome de barra da Manga à parte norte desta serra e diz que ela se comunica com a serra do Rompe-dia. Ao sul da confluência ele coloca as serras da Tábua e do Truichete.
23. N.A. Rio abaixo, perto da cidade de Remanso, há, na margem esquerda, a serra «dos Columis» e uma montanha chamada Itacolomita, na junção do rio Preto com o rio Grande.
24. A extrema largura do vale ribeirinho é determinada pelos seus tributários entre a serra Grande, ou do Espinhaço à direita (leste), e as terras altas que dividem Minas Gerais de Goiás com os nomes de serras dos Pilões, da Tiririca, dos Araras e do Paraná (chamada por Saint-Hilaire serra do São Francisco e do Tocantins). Assim sua largura máxima ficaria a 240 milhas geográficas do Rio de Janeiro para ceste, longitude 4º (Rio).
25. N.A. Nos países criadores de gado, como o Texas e a República Argentina, os animais se multiplicam extraordinariamente sem cuidados especiais e no menor espaço possível. Aqui e na parte sul de São Paulo isso não se dá e é difícil avaliar a razão. O clima é excelente, o terreno favorável e a forragem abundante. Por outro lado os animais não podem viver sem sal e a falta de comunicação, que lhe aumenta o preço de 400 a 500%, limita o seu fornecimento.
26. N.T. Deve haver um equívoco por parte do autor. Não encontramos localidade com o nome de Desembrigo. O pároco devia estar ouvindo os fiéis na *desobriga*, confissão anual.
27. N.A. «Ouve-se um concerto infernal e monótono, uma espécie de canto descompassado e confuso, composto de gritos de uma modulação especial. Grita o mestre, grita o discípulo, gritam os monitores, todos gritam e finalmente ninguém aprende.»

RICHARD F. BURTON

O capitão Sir Richard Francis Burton nasceu em Barham House, Hertfordshire, a 19 de março de 1821. Era de temperamento difícil e compunha-se com os conflitos que tinha com os colegas. Passou a infância principalmente na França e na Itália, cujos idiomas aprendeu facilmente. Dedidou-se também, desde a mais tenra idade, ao estudo de idiomas clássicos: o grego e o latim. Estudou também o árabe, cujas minúcias conhecia com perfeição.

Incorporando-se ao exército, seguiu para a Índia, onde estudou não somente as línguas nativas, mas as crenças religiosas. Aproveitou todas as oportunidades de viajar e conhecer as terras e os costumes, produzindo diversas obras, que se caracterizam pela compreensão da psicologia oriental. Seu maior feito foi penetrar em Meca, rigorosamente disfarçado em autêntico árabe, cuja língua e ritos religiosos seguiu à risca.

Em segunda estada na Índia, empreendeu com o tenente Speke e outros colegas uma expedição à Somália, penetrando pelo continente africano até Harrar, onde jamais pisara um europeu, atravessando nações selvagens e violentas, entre as quais correu graves perigos e guardou para sempre cicatrizes das lutas.

Após participar da guerra da Criméia, conseguiu da Sociedade de Geografia de Londres a aprovação de um plano para a exploração dos lagos da África Equatorial. Explorou o lago Tanganica pela primeira vez.

Casado com Isabel Arundel, ardente católica, pela qual se apaixonou à primeira vista, em 1861 ingressou na carreira consular. Sua passagem por Santos abriu-lhe a possibilidade de excursionar pela América do Sul.

Escreveu mais de oitenta obras, inclusive poemas. Em 1886, recebeu as honras de *cavaleiro*.

Faleceu em Trieste, a 20 de outubro de 1890. Além dos livros sobre o Brasil, seus livros mais famosos são: *Peregrinação a Meca* (1855-6), *Primeiros passos na África Oriental*, *A região dos lagos da África Central* (1860).

Foi biografado várias vezes, mas os livros clássicos sobre sua atribulada existência são: *The life of capt. Sir Richard F. Burton*, por Lady Burton, e *The real Sir Richard Burton*, por Walter Phelps Dodge (1907).

A. J. L.

VIAGENS AOS PLANALTOS DO BRASIL

É estranho que só em 1941 o Brasil, através desta coleção *Brasília*, tenha tido conhecimento em Português de uma das mais curiosas excursões realizadas em nossa terra. O capitão Richard Francis Burton, cônsul da Inglaterra em Santos, empreendeu uma ousada navegação rio São Francisco abaixo, repleta de aventuras, e registrou suas tribulações num diário cheio de observações da maior acuidade acerca da natureza e da população ribeirinha.

Seus sábios apontamentos sobre a economia da região san-franciscana e sobre os problemas locais e nacionais estão muito acima das simples preocupações com o pitoresco de grande parte dos viajantes contemporâneos.

Além disso, Burton creu no futuro do Império e teve boas relações com o imperador Dom Pedro II. É dos poucos viajantes que compreenderam que não era possível conhecer uma nação sem pesquisar-lhe as raízes. Estudou o português e o tupi. Traduziu para o inglês muitas obras, destacando-se uma excelente tradução dos *Lusiadas*. Sendo um dos maiores políglotas do tempo, conheceu a fundo a literatura etudita e popular do Brasil.

Viajante famoso na Índia, na Arábia e na África, tendo enfrentado sérios riscos de vida em suas andanças, é dos mais competentes no paralelo entre as civilizações do Oriente e do Ocidente.

Permaneceu pouco tempo em Santos, então sede do consulado inglês em São Paulo. Sua mulher, a irlandesa Isabel Arundel Burton, biógrafa do marido e também conhecedora da língua portuguesa, passava a maior parte do tempo em São Paulo. Era ela que se incumbia da vida social, que o marido detestava. Freqüentava os meios literários e também traduziu para o inglês produções brasileiras. Tinha pelo marido uma admiração fervorosa, difícil de compreender, em vista das profundas divergências ideológicas e temperamentais. O seu prefácio à presente obra é um espelho do difícil equilíbrio do casal.

Infelizmente ela não acompanhou o marido senão até Sabará e não tomou parte na aventura da descida do rio, o que teria fornecido à narrativa aspectos pitorescos.

Burton era uma imenso erudito, antropólogo, naturalista, folclorista e, acima de tudo, um arguto observador. Grande parte de suas apreciações acerca do caráter mineiro e baiano são válidas para a Sociologia contemporânea.

Mencionem-se também as suas *Cartas dos campos de batalha do Paraguai*, onde se encontram dados importantes sobre o conflito, dada a sua qualidade de militar.

Sua tradução de as *Mil e uma noites*, diretamente do original, é considerada a mais perfeita e é hoje obra de extrema raridade.